SERÕES

Nº 19

JANEIRO 1907

Conheces-me ?...

P. Marinho gr.

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE—VOLUME IV

LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.da — EDITORES
132 — RUA DO OURO — 138
—
1907

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (24 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte :

Uma paizagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paizagem).

São as seguintes as

CONDIÇOES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publcaimos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada : ....

Nome e endereço da photographia : ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que unto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço : Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138 — No verso do enveloppe a indicação : Quarto concurso photographico.

POOCK
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

A EQUITATIVA
DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos
SÉDE SOCIAL
AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)
FILIAL EM PORTUGAL

PHONOGRAPHOS
E
CYLINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS
SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRSILEIRA
REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ
RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARÁ e RIO GRANDE DO SUL

Peixoto
PASTA DENTIFRICIA SALICYLADA
Peixoto
LISBOA
PREÇO 200 RS
SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.
DEPOSITO
Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83
LISBOA

CASTELLO
MOURA
AGUA MINERO-GAZOSA NATURAL
DE
MOURA
PORTUGAL
MELHOR DAS AGUAS DE MEZ
ASSIS & Cª
123 R. da Conceicão
LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

No Circo — Critica quinzenal — n.º 1 — 28 de novembro de 1906 — por Vasco da Silveira — Satyrasinhas afiadas pelos dominios da politica e da litteratura.

Novos Orisontes — *Publicação semanal operaria de propaganda e de critica* — Anno I — n.º 6.

Novos Poemas — por Manuel da Silva Gayo — Coimbra, 1906 — Nova e preciosa contribuição que o conhecido e distincto poeta acrescenta ao seu thesouro de gloria.

O Archeologo Portuguès — *Collecção illustrada de materiaes e noticias* publicada pelo Museu Ethnologico Português — Vol. XI — n.os 5 a 8 — *Artigos principaes:* — Summario: Antiguidades do Concelho do Sabugal — Estudos de numismatica colonial portugueza — Documentos para a historia do castello de S. Jorge — Musée Ethnologique Portugais, (Belem Lisbonne) — Moedas illegaes destinadas á Africa Portugueza, etc., etc.

Visão do monge — Idyllio dramatico em verso por M. A. Pinheiro — Guimarães, 1906 — Tentativa sympathica de um novo, que precisa de estudar.

Tuberculose — *Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculoses* — *Artigos principaes:* — Um relatorio de Bronardel — A lucta contra a tuberculose — A alimentação racional — As doenças populares — Assistencia á primeira infancia — O Sanatorio Maritimo de Outão — Dispensario anti-tuberculoso de Lisboa.

Cantigas da minha terra — por Santos Luz — Lisboa, 1906 — Folheto de 63 pag. — Collecção de trovas de caracter accentuadamente portuguez, cheias de melancholia e de voluptuosidade.

O Cunha — Almanack humoristico e illustrado — 2.º anno — 1907.

O ensino — *Mensario de Pedagogia e Litteratura* — Anno I — Fasc. 1.º, Belem — Pará.

O Instituto — Revista Scientifica e Litteraria — Volume 53.º — 11 — Coimbra.

Os Sports — Jornal illustrado — Anno II.

Portugal Agricola — *Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias* — 17.º anno — n.º 22.

Revista do Bem — *Publicação illustrada quinzenal, de propaganda educativa* — Anno II — N.º 46.

La Lectura — *Revista de Sciencias y de Artes* — Anno VI — n.º 71 — Novembro, 1906.

Seguros e Finanças — *Revista economica e industrial* — Anno 1 — n.º 6.

The Teikokugaho and illustrated monthly magazine — *The Fuzando Publishing C.º — Tokio, Japon* — Mez de Novembro.

Breves considerações sobre a hygiene das nossas escolas — Attitudes viciosas nas escolas — Educação physica — 3 folhetos por S. C. da Costa Sacadura. — O 1.º impresso em Famalicão, os dois ultimos em Lisboa — As qualidades profissionaes do auctor, inspector sanitario escolar e chefe da clinica de partos na Escola Medica de Lisboa, abonam a auctoridade com que trata da interessante materia.

Horas perdidas (VERSOS) — por Ildefonso Bezerra — Parahyba do Norte (Brazil) — folheto de 72 pag. — Inspiração juvenil, inexperiencia de fórma, calor de sentimento.

Arte — *Archivo de obras d'Arte* — 2.º anno — n.º 24 — Porto, Dezembro de 1906 — Summario: — A lição dos anjos — José Geraldo da Silva Sardinha — Trechos do Discurso proferido no Theatro de S. João, em honra do pintor Vieira Portuense.

Renascença — *Revista mensal illustrada* — Anno III — Rio de Janeiro — Dezembro 1906 — n.º 34 — Summario: — O amiguinho morto — O esperanto — Paginas d'um livro inedito — Os sertões — Fidel Franco — Beloto — Sapho — O Lacrau — Uma criada de truz — Haddock Lobo — Nossos autographos — A vingança — A Concha — As sete Dores de N. Senhora — Kosmogonia — Avós — Praça do Commercio — Chronica musical.

Lectura (La) — *Revista de Sciencias y Artes* — Año VIII — Janeiro 1907 — n.º 73.

The Theikoku Gaho and illustred monthly magazine — *Magazine japoneza escripta no seu idioma.* — Dezembro de 1906.

Semana Azul — *Publicação de luxo, illustrada, Arte, Litteratura, Critica, Novidades d'interesse e notas elegantes* — 3.º anno — Porto 13, Janeiro de 1907 — n.º 18.

Vinha portugueza (A) — *Revista mensal de viticultura e de agricultura geral* — Anno XXI — Dezembro 1906 — n.º 12 — Summario: — Chronica e Noticias — A proposito de densidade — Trasfega precoce — Vinificação e hygienne — Noticias offi-

ciaes — Vinificação — Consulta — Trabalhos do mez de Janeiro.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 3.ª Serie — n.os 34 e 35 — Summario do n.º 35 — O caminho de ferro e o porto da Beira — Mais um anno — Descanço dominical — Governador Geral de Moçambique — População do Territorio em 1905 — Milandos cafreaes — Variedades — Como se estabeleceu em Africa a primeira companhia de Moçambique (continuação). — Relatorio d'uma viagem por Abeillard Gomes da Silva (continuação) — Alguns usos e costumes indigenas de Sena (continuação) — De toda a parte — Chronica, Notas e informações — carteira da Revista — As nossas gravuras.

Vera Cruz — *Quinzenario Politico, Litterario, e Humoristico* — Anno III — n.º 16 — S. Paulo.

Æcho Feniano e Girondino — *Revista portuense d'Arte e acontecimentos* — Anno I — n.º 11 — Summario: — O carnaval no Porto em 1906, com gravuras — A lei d'imprensa — Mez a mez — Politica alegre — A minha mãe — O carnaval Portuense no seculo passado — Os «Esquecidos» — Casada — Odio aos ricos — De Lita — Vida Triste — O Velho Kan e o seu filho — Os nossos concursos.

Tribuna (A) — Grande edição de luxo, profusamente illustrada e com um texto excellente. — Anno XIII — n.º 244 — 6 de Janeiro de 1907 — Santos.

Mujer ilustrada (La) *Revista Ibero-americana de Artes e industrias Feministas* — Año I — n.º 14 — Madrid.

Semana Illustrada (A) — *Revista semanal illustrada* — n.º 18 — 26 de Janeiro de 1907.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — Anno II — Novembro 1906 — n.º 11 — Summario: — A insunuação régia dos vigarios capituláres — Escravidão e christianismo — Casas baratas — A questão social — O socialismo — O liberalismo de Carlos Martel — Chronica social do estrangeiro.

Instituto (O) — *Revista Scientifica e Litteraria* — Volume 53 — n.º 12 — Dezembro 1906 — Index — A alliança inglêsa — Les Mathematiques en Portugal — O radio e a radioactividade — A jardinagem em Portugal — Fallencia d'Arte — O Japão no seculo XVI.

Novos Horisontes — *Publicação mensal operaria de propaganda e de critica* — n.º 7 — 1 de Janeiro de 1907.

Revue d'Italie et courrier d'Europe — *Rome-Paris* — Politique, Finance, Arts, vie mondaine — IV année — 12 Janvier 1907.

Construcção Moderna (A) — *Revista illustrada* — Anno VII — n.º 16 e 17.

NEGAÇAS

Quadro de Emmanuel Spitzer

AOS 45 ANNOS

Uma arribada em calma branca

Um dia de dezembro, um soberbo dia de dezembro no nosso paiz é, para mim, o ideal da belleza diurna de todas as quadras do anno.

Não tem os relvões esmaltados, pomares floridos, searas ondeantes, gorgear de ninhos como na primavera; nem os vinhedos colmados de cachos, o trigo loiro, sombras remorosas de arvores de fructos opimos como o verão e o outono. Mas tem o pungir virginal da esperança nas folhas das terras lavradias, os cristaes serpentinos dos corregos e algares, as veias prateadas dos ribeiros e as calhandras aos pairos pelos ares.

Vem abrindo a manhã; é rapido o crepusculo; o norte brando e limpido menea a coma flexivel dos pinheiros bravos; o azul do ceu carregado como o dos Apeninos, o sol, incendiado, resae da orla do nascente, os diamantes da geada á flor da terra, e na rede das arvores desfolhadas. Na esphera immaculada, no ar luminoso e vivificador a suprema formosura, annunciando, no poder latente da natureza, os dias prosperos do futuro.

Foi n'uma d'essas madrugadas inolvidaveis de dezembro, em 1877, que eu sahi a bater os montados da Rosa e da Oliva. Na volta á Trafaria, encontrei de improviso Julio Mardel. Vinha com um rapaz que eu conhecia — Lucio do Sacramento — regente agricola, protegido de Simões Margiochi.

*

Duas palavras sobre Julio Mardel.

Conheci-o no berço. Não ha ninguem de certa roda e certa edade, que o não conheça e o não aprecie no muito que vale. O que nem todos podem calcular é o que elle foi em pequeno. Não conheci na minha longa vida criança egual. Tinha conceitos, replicas brilhantes — algumas já correm impressas. Quando convinha, guardava a compostura de um homem feito. Era tal a vivacidade, o talento a borbotões, que sahia d'aquelle cerebro infantil, que infundia mais do que espanto; quasi medo! Á precocidade assombrosa, reunia a simplesa e as graças da puericia. Um dia, teria elle dez annos, levei-o a jantar a casa de Rebello da Silva. Vinha galantissimo; todo de veludo preto, e trajando com o bom gosto peculiar n'aquella excepcional familia.

Por essa época, o eminente escriptor e orador recebia ás quintas, e domingos, a jantar, os seus intimos: Rodrigo Felner, A. Xavier Rodrigues Cordeiro, Francisco Maria Bordallo, Antonio Pedro Lopes de Mendonça. Alexandre Herculano nas quintas era quasi sempre certo. N'esse tempo morava Rebello na rua de S. Bento, proximo á travessa de Santo Amaro. Ao lado vivia Latino Coelho, e em frente João de Andrade Corvo. Corvo, tambem

não raro, vinha jantar; Latino, abstemio como um anachoreta, apenas apparecia ás noites.

Com taes convivas, póde calcular-se como corria o tempo, e talvez devesse tomar-se como leviandade minha levar um pequeno, que mal teria dez annos, a passar largas horas com homens d'aquelles. Pois encantou e maravilhou a todos.

Pena foi, di-lo-ei, pena foi, que apesar do que vale, Julio Mardel não houvesse desenvolvido mais profusamente, n'um estudo methodico e aturado, as poderosas faculdades do seu engenho nativo.

*

A canoa, que havia de transportarnos a Lisboa, era tripulada por tres rapazes braceiros e pelo velho mestre *Casaca*, já entrado em annos, porém robusto ainda. Os meus companheiros de viagem: Julio, Lucio e meu afilhado Antonio Tovas.

Quatro remeiros para atravessar o Tejo em noite plenamente calma e n'um dos pontos mais estreitos do rio, talvez pareçam de sobra. É que as aguas do monte vinham de tal modo arrebatadas que proximo á barra eram doces. As chuvas do outono haviam sido caudaes.

Julio Mardel, ao pôr os pés no barco, invocou o grande epico, exclamando:

> Oh! mal haja o primeiro que no mundo
> Nas ondas vela poz um secco lenho!

E commentou o texto, declarando que não havia homem em todo o universo mais poltrão do que elle no mar.

Vendo, porém, a tranquilidade da noite, continuou dando largas á veia inexgotavel da sua faiscante palavra.

Mettemos ao rez do Almarás, montes que vão da Trafaria ao Pontal de Cacilhas.

*

A tarde findava. A lua, em fogo, como o sol posto, levantava-se do nascente.

Momento que raras vezes, sob um céu diaphano e luminoso, logram apanhar os que adoram os paineis inimitaveis da natureza no incomparavel rio do nosso paiz.

Como descrever os tons das aguas, dos horisontes, onde a mancha de rubim vae cambiando na violeta da amethysta; os picos de Cintra, como ondulando, a desapparecer na penumbra do occidente, a cidade a envolver-se no veu da neblina crepuscular!

Não ha tintas, nem linhas, nem arte de genio humano que possam reproduzir com o pincel, com a palavra, com todo o vago e intenso das proprias partituras, a maravilha arrebatadora!

A alma do admirador enternece-se, extasia-se, abysma-se na contemplação momentanea do indisivel quadro!

*

Tinhamos embarcado havia largo espaço. Nos vãos, reconcavos, grutas e largas fendas d'aquelles rochedos, o impeto da corrente dava uns rugidos surdos e sinistros, contrastando singularmente com a funda e majestosa serenidade da noite.

Julio Mardel emmudeceu. Os remadores, arrancando com alma, procuravam chegar a uma altura que lhes permittisse descair no caes de Belem. Ao cabo de mais uma hora, supondo momento propicio, tentaram a travessia. A poucas remadas entravamos no fio da corrente.

O barco a descair a olhos vistos. Os homens redobrando na faina. Mar estanhado, porém a ondulação, que vinha do largo, augmentava. Ouvia-se já distinctamente o som pesado da vaga nos cachopos da barra:

> Como o confuso bramar
> D'um mar ao longe movido,
> Que á praia vem rebentar!
> .. ..

QUANDO SALTÁMOS EM TERRA, OS CALHAUS DA PRAIA PARECERAM-NOS TAPIS DA PERSIA

Ninguem proferia palavra.

N'isto, um dos remeiros d'estibordo levou a mão á cabeça, e tirando o barrete disse, suffocado de afflicção:

— Nossa Senhora do Cabo!

Os outros responderam sombriamente:

— Nossa Senhora do Cabo!

O mais leve esmorecimento era a perdição. Se o barco desse a pôpa á corrente, em poucos minutos estavamos todos perdidos.

Então, com a energia dos momentos supremos, acudi aos dois canos da minha espingarda.

A disciplina restabeleceu-se. O panico passou. Os rapazes, resolutos e vigorosos, arrependidos e envergonhados d'um momento de fraqueza, com a alma de maritimos portuguezes, atiraram-se ao punho dos remos de voga arrancada, e, soando em grossas bagas, lograram tomar a revessa, e deitaram-nos adiante do Dá Fundo.

Quando saltámos em terra, os calhaus da praia pareceram-nos tapis da Persia.

As estrellas no ceu profundo, desvanecidas com o luar esplendido; na superficie espelhada do Tejo e, barra-fóra, a tremulina.

Encanto ethéreo de noite e de mar! O mar, porém, embora manso como cordeiro, é sempre perfido e tigrino.

*

Mettemos caminho de Belem. Os Jeronimos inundados de luz nas linhas altivas e elegantes. Nós, perdido o senso esthetico, não tinhamos olhos senão para ver se estava allumiada ainda a casa de pasto do Caçador d'El-rei, João Lourenço, por antonomasia — o João da Burra. Estava e tinha a canja de gallinha, a sua cosinha á portugueza e o trato fino e polido da sua pessoa opulenta de formas e sympathica. Tambem se foi na força da vida.

Eu não lamento a solidão dos velhos. Os velhos sempre teem alguns vivos, e sempre uma legião de mortos!

Dos meus companheiros d'aquella notavel travessia, Lucio do Sacramento sucumbiu ha muito. Julio Mardel, e meu afilhado Antonio Maria Tovas, estão vivos, e Deus os conserve!

Monte de Caparica, Torre.
Outubro, 25 — 906.

BULHÃO PATO.

As cascatas de Kobe

Ora, palestrando de coisas do Japão com portuguezes, será hoje a primeira vez — louvado Deus! — que vá fallar-lhes de assumpto que conhecem. Quando digo — *portuguezes,* intendâmo-nos bem que faço referencia aos quinze ou vinte funccionarios nossos, que n'estes ultimos annos, vindo de Portugal para Macau ou regressando de Macau a Portugal, fizeram viagem pela America, via Japão, e n'esta cidade de Kobe por algumas horas passearam. Quem passa por Kobe e desembarca, corre logo a ver as suas cascatas, as cascatas de *Nunobiki,* que constituem excursão obrigada de todos os *touristes.* Não resam as chronicas que o nosso *touriste* emerito, Fernão Mendes Pinto, aqui estivesse e as visitasse, em 1543; não estariam talvez então em moda. Mas, excluindo-o, e com elle os sisudos missionarios, visitaram-n'as, desde aquelle anno até agora, todos os outros portuguezes, isto é, os quinze ou vinte já citados; podendo accrescentar que a maioria d'elles commigo fez essa visita, regalando-me eu por esta forma com o raro aprazimento de entrar em relações, face a face, por gestos e palavras, com patricios.

O que dá particular interesse e enlevo a estas cascatas é o salto brusco, inesperado, do scenario. Deixa a gente a cidade, com as suas agglomerações de povo, com as suas ruas interminaveis, por onde as lojinhas enfileiram; e, após dez minutos de corrida em *kuruma* (carrinho puxado por um homem), eis de improviso um recanto pittoresco de paizagem agreste, furando por entre rochas a prumo, em pleno isolamento de uma densa floresta de pinheiros, por onde até ha pouco tempo, consta-me, ainda surdiam aqui e acolá cabecitas travessas de macacos, fazendo-nos caretas, motejando da nossa compostura; e finalmente, a curto trecho, apparece-nos a alva golfada murmurante, despenhando-se dos altos recortes da montanha.

São duas as cascatas: uma inferior, facilmente attingivel; a outra superior, sobrepondo-se-lhe, de accesso mais custoso. A de baixo é a cascata femea, *Mentaki;* a de cima é a cascata macho, *Ontaki.*

Esta curiosa distincção offerece um exemplo interessante dos velhos prin-

MENTAKI

cipios philosophicos, enraizados na mentalidade chineza e herdados pelos nipponicos, profusamente applicados ás coisas inanimadas da creação (inanimadas para nós, não para elles, chinezes e japonezes, especialmente os ultimos, que distinguem espiritos nas arvores, nas montanhas, nas pedras, que ado-

ram o sol, a lua, as estrellas, o deus dos terremotos, o deus dos mares, o deus dos rios, o deus da chuva, o deus dos poços, o deus dos ventos, o deus do fogo, o deus dos fornos, o deus das comidas, o deus do arroz, o deus das hervas, o deus das colheitas, que offerecem refeições aos mortos, que animam, n'uma palavra, de vivas intenções todas as coisas, excepto talvez elles proprios, isto é, o homem, viajeiro fortuito, que atravessa rapido a scena, para não mais apparecer). A cascata superior, originaria, fonte de iniciativas, é o elemento positivo, é o macho; a cascata inferior, mera consquencia de um phenomeno passivo, isto é, do facto da agua que vem de cima se deter nas anfractuosidades da penedia, para transbordar após e precipitar-se em espumas, é o elemento dependente, é o elemento negativo, é a femea. Perto das duas cascatas, ha pequeninos poisos, gentilmente dispostos: são as *chayas*, casas de chá, onde o excursionista descança por momentos, toma uma chavena de chá, contempla tranquillamente o quadro. Apesar da profunda solidão selvatica do logar, não são os corvos — embora abundem, — que vos servem; nem tão pouco as fadas das montanhas se dão a este mister; authenticas *musumés,* de carne e osso, garridas, sorridentes, vos acolhem com mesuras e com doces phrasesinhas polyglottas — «*good-morning, bonjour*...» — trazendo-vos a chavena ou o copo com cerveja, os bolos, os fructos e, ainda por cima, o estendal das photographias, dos bilhetes-postaes illustrados, tentando os vossos olhos, tentando a vossa bolsa. Os dois mundosinhos alpinos, o da *chaya* de baixo e o da *chaya* de cima, teem, como é de crêr, a sua historia, transparente e ephemera como uma bola de sabão. Ha alguns annos, n'um breve conto que intitulei "*A primavera*" e algures foi publicado, occupei-me do mundosinho da *chaya* de baixo, composto principalmente de tres graciosas irmãs, que desappareceram da scena, por morte e casamentos, sendo substituidas por umas mulheres quasquer, insignificantes. A *chaya* de cima tem agora jus á minha chocha prosa; é d'ella que passo a occupar-me.

Galgando por ingremes caminhos, que chamaria de cabras se no Japão cabras houvesse — mas não ha, — chegamos á cascata superior, *Ontaki*, a mais attrahente das duas, pelo aspecto virgem da paizagem, onde a picareta e a enxada municipaes ainda não ousaram penetrar; e deparamos com uma pequena venda, defrontando com a queda de agua, dependurada dos rochedos como se fôra um ninho de aguias. A venda é habitada, durante o dia, pela proprietaria, uma velha mais do que septuaginaria, geralmente invisivel, dormindo a um canto, por varias moças serviçaes e pela sobrinha da velha, — *O-Kiku-San* (a Senhora Chrysanthemo). — Rigorosamente, a rapariga tem dois nomes: o que citei, falso, para uso exclusivo dos *touristes* e outros frequentadores da chaya, com o qual provavelmente foi chrismada por algum apaixonado dos livros de Loti; outro. o seu verdadeiro nome, só proferido entre a familia e conhecido de raros iniciados, — *O-Tsuné-San* (a Senhora Serenidade). — O segredo, confesso aqui, foi-me revelado por uma velha anachoreta, meia freira, meia bruxa, que ha mais de vinte annos vive sosinha sobre uma lasca de rochedo ainda superior á cascata superior, abrigando-se n'um nicho que é ao mesmo tempo lar e templo, votada a ritos mysteriosos.

ONTAKI

O-Kiku-San, ou *O-Tsuné-San* (como quizerem) é uma moça de cerca de vinte annos, fresca como uma das nossas rosas de abril, delicadamente graciosa e sem a desenvoltura propria a algumas *musumés* do seu officio; o quadro onde a encontramos, — pleno bosque viçoso animado pela orchestra eterna das aguas, — mais lhe realça o encanto. Possue a mais, para seu regalo e para o de todos os olhos que a conhecem, uma das boccas mais bonitas e uma das mais lindas enfiadas de dentinhos, que é licito contemplar em terra

O-KIKU-SAN OU O-TSUNÉ-SAN

japoneza. Esta minha opinião assim lançada a publico, sem outros documentos de valor, poderá parecer suspeita a muita gente; mas todos os viajantes a confirmam, incluindo ministros, embaixadores, principes de sangue e até os mais severos criticos na materia, que são as proprias velhas inglezas, de grandes boccas escancaradas e sem dentes; as quaes velhas — com sua licença, — de lunetas a cavallo nas pontas dos narizes, se quedam em pasmo defronte da *musumé*, como se a pobre fôra uma panthera em jaula, exhibida no jardim zoologico de Londres.

O-Kiku-San, ou *O-Tsuné San* (como quizerem), pode ainda ufanar se de outra maravilha: as suas mãositas, especialmente quando vistas do lado da palma, na attitude piedosa das mãos de Buddha, e os seus finos e longos dedos são de uma gracilidade que deslumbra, que enternece até os mais rudes visitantes — gente embarcadiça por exemplo, alcatroada das enxarceas dos navios. — Taes dedos estão cheios de aneis, que variam de dia para dia: ora são os aneis lisos, de ouro massiço do paiz, sem liga, malleavel como chumbo; ora são os aneis ao gosto occidental, cravejados de opalas, de rubis, de perolas, de diamantes. Dadivas, certamente; uma especie de tributo á graça; presentes dos *touristes*, dos officiaes dos paquetes. Eu chego a imaginar a este respeito que, a exemplo do que succede com certas peregrinações votivas aos templos buddhistas de Kwannon (a deusa da Bondade), os visitantes — verdadeiros peregrinos tambem, — galgam offegantes até á cascata superior, para irem enfiar um anel no dedo do idolo, retirando-se após, solemnemente. Quantos aneis ao todo? Eu sei lá!... uns vinte, uns trinta... Mas, como os peregrinos se contam por dezenas durante o santo dia, e sem duvida por centenas durante cada mez, e por milhares durante cada anno, presumo então, com certa perspicacia, que os peregrinos pobres, e mesmo os mediocremente endinheirados — que devem constituir a grande maioria, — se contentam em subir até á cascata superior e em beijar os dedos roseos do delicioso manipanço, esquivando-se a enfiarem o anel... galanteio sem duvida pacientemente consentido, porque a *musumé*, já com alguns annos de cascata, vae conhecendo e desculpando todos os platonismos romanescos da nossa feição de occidentaes, todos os desmandos da raça loira, amorosa de exotismo...

Agora, pa-

FESTEJANDO A VICTORIA DE LYAOYANG

ra terminar, uma nota patriotica. *O-Kiku-San*, ou *O-Tsuné-San* (como quizerem), quando os japonezes ganharam galhardamente a batalha de Liaoyang, fez sueto na cascata, passando todo o dia na intimidade discreta do seu lar, a arrebicar-se, a pentear-se; á tarde, vestiu-se á europeia, pôz chapelinho na cabeça e calçou botas nos pés; e assim foi para a rua, para vêr as luminarias e lançar vivas de jubilo, deliciosamente ridicula, divinamente caricatural, o monstrosinho mais catita, mais captivante, em que jámais olhos humanos enternecidamente se poisaram!...

Kobe-Junho de 1906.

W. DE MORAES.

Terceiro Concurso Photographico dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA

A RONDA

Photographia do sr. Leal Junior — Lisboa

PROJECTO DE BILHETE POSTAL DA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS

Desenho inedito de Raphael Bordallo Pinheiro

A Rainha e a Assistencia Nacional aos Tuberculosos

As pestes antigas e a tuberculose — A invasão e as modalidades d'esta doença — Lucta antituberculosa — A Rainha D. Amelia — O ideal da caridade — A capa da Rainha — O que a tuberculose faz — A obra caritativa e antituberculosa da Rainha — A Assistencia Nacional aos Tuberculosos — O Dispensario de Lisboa.

As antigas péstes, com tão negras cores descriptas nos livros do tempo, pouco são na verdade quando comparadas com o moderno flagello da tuberculose.

E' certo que horrorisavam, porque invadiam de repente extensas regiões, matando inplacavelmente, e sem escolha, milhares de individuos; mas quando, decorridos alguns mezes, os cadaveres das victimas se apinhavam aos montes, quasi sem tempo para serem enterrados, o flagello como que se envergonhava da sua ferocidade, retrahia a virulencia, e, aniquilado e arrependido, recolhia-se de subito ao seu limitado berço de origem.

A tuberculose, porém, não é assim. Assentou ha seculos, fria e subrepticiamente, os seus firmes arraiaes em todo o mundo culto, escolhe de preferencia os individuos novos e esperançosos para n'elles exercer com maior crueldade os seus rigores, infiltra-se insidiosa-

mente no organismo sem visivel apparato morbido, e, matando muito mais do que as péstes da antiguidade, dá, ainda assim, tempo a enterrar socegadamente as numerosas victimas, evitando por tal arte o doloroso espectaculo do amontoar dos cadaveres e a consequente impressão de terror. Nunca se retráe nem descança, fére a occultas, sem previlegios de logares nem de posições sociaes. Collaborando com a miseria para o exterminio da humanidade, não deixa de invadir os palacios dos ricos, arrebatando-lhes os seus mais dilectos filhos. Não ha raças humanas que escapem ao seu rigor, e até a outras especies de animaes ataca e dizima.

Com requintes de extrema crueldade, procura com ardor os adolescentes, flôres a desabrochar que em breve murcha e desfolha, e aos mais mimosos e sympathicos, desapiedada e feroz, ameiga-lhes as feições, enternece-lhes o olhar, adoça-lhes as maneiras, e acalentando-os com sorridentes sonhos de esperançoso futuro, a occultas toma posse de todo o organismo, despenhando-o a breve trecho para a sepultura.

Invade surdamente. Todos os seus primeiros ataques são feitos no intimo,

S. M. A RAINHA D. AMELIA

DISPENSARIO DA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS

sem reacção nem consciencia da victima, e quando surgem os tenues symptomas do mal, já este está devéras arreigado. Pequeninas febres começam a excitar o pobre doente, cujas faces arrozetadas contrastam em geral com a côr empannada da esbranquiçada pelle, e quasi sempre a rutila hemoptyse é então o primeiro alarme que para os profanos faz pensar na temerosa enfermidade. E bom é que esta impressionante manifestação se produza, porque sem ella enfermos e familias continúam em regra descuidados, negligencia tão frequente como culposa e funesta, porque deixa desenvolver o mal, que um tratamento, infelizmente demorado, dispendioso e exigente, pode então, e muita vez só então, ter grandes probabilidades de ser proficuo.

A fraqueza indiscutivel das modernas gerações, fructo fatal dos vicios e defeitos inherentes a uma civilisação por vezes mal orientada, dá pasto facilmente accessivel ao microbio productor da tuberculose, que em incalculavel quantidade por toda a parte pullula e nos envolve. Apenas raros individuos lhe apresentam resistencia para a invasão, e d'estes, grande numero são ainda assim offendidos, soffrendo, sem d'ellas terem dado fé, lesões insignificantes que só as autopsias revelam. Aos milhares, porém, caem as victimas por todo o mundo, umas mais felizes com fórmas attenuadas constituindo a escrofulose e certas doenças cutaneas; outras

ENTRADA DOS DOENTES

com affecções de relativa benignidade manifestando-se de variadas fórmas, simples ameaças de maiores males sempre promptos a irromperem se o organismo não tem ou não adquire a necessaria resistencia; mas grande numero com modalidades inicialmente graves, que pela frequencia e rapidez do caminhar impressionam, commovem e desolam.

Os medicos vendo a toda a hora mil casos d'estes, assombraram-se, e d'elles partiram por todo o mundo e de ha muito, os primeiros gritos de alarme, secundados pelas lagrimas de tantos que choram os entes queridos que a tuberculose arrebatou. Era o seu dever, porque ao verdadeiro medico cumpre ainda mais prevenir o mal que remedial-o.

Este clamor unisono soou por toda a parte, e os clinicos em Portugal fôram dos primeiros a enveredar por este humanitario caminho. A sua voz, porém, desde o principio echoou felizmente no peito de quem, pela culminancia social em que vive, podia não a ter ouvido. A Rainha de Portugal, cujo coração está sempre aberto para o bem, tomou logo a peito a santa cruzada do combate contra a tuberculose, e os que, como eu, desde o principio a acompanham na sua humanitaria missão, comprehendem intimamente toda a energia da sua vontade e toda a espontaneidade do seu enthusiasmo pela obra que entre nós iniciou, anima e patrocina.

A caridade é muita vez a mascara da vaidade, simples pretexto para se apregoar o nome do doador, quando não é dissimulado requerimento para honrarias e louvores que por outra fórma não poderiam ser obtidos. E' essa a falsa caridade, falsa na intensão e falsa quasi sempre no destino, e por tanto indigna de elogios e improficua muita vez de resultados. Mas a verdadeira caridade nem sempre tambem é exempta de defeitos. Com a melhor das intensões pode ser applicada sem discernimento, a favor principalmente do especulador e deixando sem auxilio o verdadeiro necessitado, a quem a vergonha, o desanimo, e o consecutivo abandono proprio immergiu na obscuridade e no esquecimento. E' preciso saber ser caritativo, como é preciso saber ser bom. Dar ás cegas é dissipação quasi sempre inutil e alguma vez so-

cialmente prejudicial, ser bom sem restricção é indifferentismo, quasi sempre sem significação e alguma vez imbecil. Por isso, quem sabe e pode ser opportunamente caritativo e bom, attinge a méta do ideal. Conquista as bençãos dos que merecem ser protegidos e consolados, e os louvores dos eonscienciosos, ainda que desperte resentimentos de especuladores e reparos de maldizentes.

E' esse o ideal a que visa entre nós a Rainha D. Amelia. Protege, conforta e consola, sábia e bondósamente, todos os que se lhe deparam precisando realmente do seu auxilio, envolvendo o beneficiado n'uma atmosphera de calmo e doce bem estar, que, como uma vez me disse um dos seus soccorridos, não se sabe que mais agradecer, se a esmola do dinheiro dado a occultas, se a consolação da palavra feita francamente. Os seus beneficios ultrapassam geralmente o fim material que o tempo exgotta, e perpetuam-se como uma lenda que a tradição avigora.

SALA DE ESPERA

Um dia, no meio da afadigosa lida do Dispensario, entrou, como sempre, inesperadamente, a Rainha. Eram dez horas da manhã, as salas regorgitavam de doentes esperando a vez de serem consultados ou tratados. Com sincero interesse, ao atravessar as extensas alas que respeitosos lhe abriam os enfermos, a dedicada fundadora da Assistencia parava junto de cada um d'elles a informar-se cuidadosamente do seu estado. Os medicos envolvidos nas suas protectoras bluzas, muito amplas e muito brancas, forneciam-lhe os escla-

O PRIMEIRO EXAME D'UMA PEQUENA TUBERCULOSA

recimentos desejados. E assim chegou á sala das consultas onde estavam sendo examinados pela primeira vez as doentes inscriptas n'esse dia. A que eu auscultava era uma rapariga costureira, de uns vinte annos de edade, morena, sympathica, de grandes olhos pretos protegidos por compridas pestanas. Vestia pobremente, mas com uma graça natural que attrahia as attenções. A Rainha interessou-se logo por ella, como era natural. Soube-se então que o excesso de trabalho para occorrer ao sustento de sua velha mãe de ha muito viuva, e as privações a que a obrigavam os seus minguados recursos, a tinham predisposto para a tuberculose que, annunciada por uma hemoptyse, lhe despontava no vertice do pulmão direito. A desalentada doente chorava, antevendo a crueldade do mal que a invadia, e a morte que a ameaçava, e considerando desfeito o doce ideal do casamento que lhe acariciava o espirito. Animou-a a Rainha, incitando-a a tratar-se regularmente e prometteu-lhe, como succedeu, que no dia seguinte receberia em casa um donativo para lhe minorar as faltas. Effectivamente assim succedeu. Do cofre da Assistencia obteve ella o jantar quotidiano, do Dispensario o tratamento adequado, e do bolso da Rainha farta quantia, e tão farta que a garridice da enferma a levou a comprar uma modesta mas vistosa capa encarnada, da que dizia muito necessitar, visto ser inverno e ter de ir todas as manhãs receber curativo ao Dispensario.

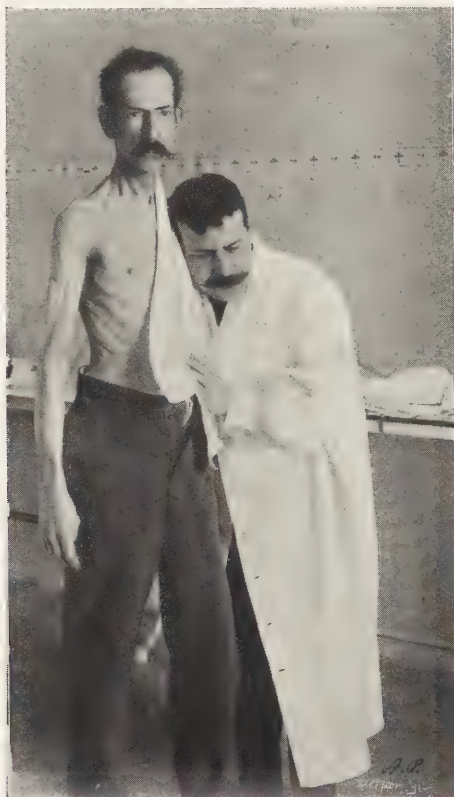
Ficou para todos os effeitos sendo essa capa, a *capa da Rainha,* e era interessante ver o cuidadoso carinho em que a doente procurava evitar-lhe qualquer nodoa ou outro desastre.

Passaram-se mezes, a doença curou-se, a rapariga estava gorda e radiante, o noivo a quem a fortuna tambem tinha bafejado, ganhava bem e decidira casar, e até a velha mãe parecia ter remoçado. Tudo estava mudado n'aquella casa. Dezoito mezes depois da scena que descrevi, realisou-se o casamento; e a noiva, que á protecção da Rainha attribuia todas as suas venturas, exigiu levar á cerimonia a estimada capa. E lá foi, exhuberante de alegria e de felicidade, cobrindo o vestido novo côr de flor de alecrim, com a usada capa encarnada, e promettendo que n'esse precioso talisman envolveria os filhos que tivesse, para lhes transmittir as felicidades que lhe parecia dever.

COLHENDO A HISTORIA DA DOENÇA

CHAMADA PARA O TRATAMENTO

N'outra visita, chegou a Rainha quando eu examinava um desgraçado rapaz de 19 annos, typographo, cujo pae e um irmão tinham já morrido tisicos. O seu aspecto era na verdade impressionante; extremamente pallido, com farta cabelleira de um castanho baço e amarellado, cobria o corpo resequido com um velho fato de côr indefinida, pendente como se estivesse n'um cabide. Os tristes olhos do doente, muito humidos e muito meigos, cravaram-se fixamente na Rainha, como n'uma visão inesperada. O exame clinico revelára incuravel doença, a que a morte poria breve termo. Os dois pulmões

tinham-se fundido, deixando em seu logar vastas cavernas em que a debil voz e a funda tosse echoavam lugubremente. A Rainha condoida, com os olhos marejados de lagrimas como tanta vez lhe tem succedido no Dispensario, dirigiu ao pobre enfermo affaveis e carinhosas

AUSCULTAÇÃO D'UM DOENTE

palavras, mas elle, estatico na occasião e quasi aphono pela invasão da tuberculose para a larynge, nada lhe poude dizer. A mãe, que dolorosamente o acompanhava, uma mumia de quarenta annos, á qual os desgostos e a miseria tinham precocemente envelhecido, foi quem referiu á Rainha e a mim a negra vida dos dois e a rapida marcha da doença. «Ha dez mezes, dizia ella, ainda o meu Jayme trabalhava, era compositor n'um jornal, mas as noutadas a que o emprego o obrigava, as constipações e os poucos alimentos déram cabo d'elle. Depois, não poude ir á officina, vendemos tudo quanto tinhamos. A nossa casa, — uma lugubre loja d'uma das travessas da Bica, que n'esse dia visitei — não tem nada; recorremos por isso á Assistencia e naturalmente tenho de o metter no hospital.»

Era o que havia a fazer. Os poucos dias que restavam de vida deviam ser de socego n'uma cama de enfermaria. Assim ficou decidido, e na manhã seguinte a Rainha levou pessoalmente á pobre casa da Bica um obulo destinado ao transporte do doente n'um trem até ao hospital, e á alimentação da desolada mãe.

Era tempo. Dois dias incompletos esteve o Jayme na enfermaria. Enorme hemoptyse proveniente da ruptura de uma arteria da parede da maior caverna, poz termo a tanto infortunio.

Ao sahir do hospital, encontrei n'esse dia a mãe com a expressão quasi indifferente que por fim dão os continuos desgostos a quem vê o caminho da vida sem sahida, sem um raio de esperança, d'esse bem inestimavel que ainda dá ao desgraçado a illusão d'um futuro risonho, que muita vez nunca chega. Apenas uma lagrima, resto de tantas que tinha chorado, lhe descia lentamente pela face enegrecida. Ia pagar o enterro do filho com o dinheiro que lhe déra a Rainha, e depois... deixar-se morrer para qualquer canto. Pelo Governo Civil consegui passagem gratuita para ella ir para a Beira, onde ainda tinha um parente que em casa a recebeu, e... nada mais soube d'essa desgraçada!

Ha poucos mezes passei por acaso pela rua onde morava o pobre Jayme.

Lembrei-me do que tinha visto n'aquella triste casa, e surprezo parei deante d'ella. Estava completamente transfor-

EXAME D'UMA DOENTE PELOS RAIOS X

mada, muito caiada, muito limpa, com um tom de aceio apurado e de conforto pobre que encantava. A' porta um velho, com o typo de antigo maritimo, de longas barbas brancas, camisola de riscado e largo chapeu de oleado, estendia o tremulo e vacilante braço para dar uma folha de alface a um dourado canario que saltitava n'uma gaiola muito garrida, e ao lado uma velha, um pouco menos edosa do que elle, de farta cabelleira de linho, e esboçando um sorriso feliz, interrompera a costura para com verdadeiro interesse gosar a festa que o estimado passaro devia fazer ao appetecido acepipe.

Que contraste! A tuberculose desfizera cruel e tristemente uma familia de novos, a saude conservava alegre e ditosa, uma familia de velhos, e ambas as familias eram egualmente pobres, ambas viviam na mesma habitação, outr'ora antro medonho de miseria e doença, agora ninho aconchegado de velhice e bem estar.

Maldita doença, que assim aniquila tanta vida, tanta esperança e tanto gozo. Quando os meios de fortuna não são grandes, com ella entra a miseria. Tudo é pouco para a sua voracidade. Os alimentos teem de ser fartos e succulentos, a casa ampla e aceiada, as roupas renovadas e desinfectadas, o descanço continuo e absoluto, e tudo isto exige dinheiro, muito dinheiro.

Bemdita pois, a Rainha que vendo estes horrores escolheu de preferencia para seus protegidos os tuberculosos, tendo creado para seu amparo e prevenção a Assistencia Nacional, o mais bello e significativo monumento com que o seu nome será perpetuado. Por isso eu disse que ella sá-

EXAME CLINICO D'UM DOENTE

biamente se orienta pelo ideal da verdadeira caridade, professando-a simplesmente, sem apparato, como um de-

ver social, a que não pode nem quer eximir-se.

Quando em 11 de junho de 1899, na memoravel sessão preparatoria da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, a Rainha reuniu em torno de si algumas dezenas de individuos que pela sua posição, competencia ou bens de fortuna a podiam secundar na sua bella intensão, disse-lhes ella que «afflicta pelo que via nas casas pobres, nos hospitaes que percorria e pelas miserias que em innumeros requerimentos lia, e em que a tisica apparecia sempre com a nota mais sombria, já havia muitos annos tinha o ardente desejo de se dedicar ao serviço dos tuberculosos».

SAIDA DOS DOENTES

E desde então, sem nunca esmorecer, a esse serviço se tem dedicado. Fundou em bases seguras a Assistencia, da qual já ha hoje espalhados pelo paiz multiplos padrões beneficos — dispensarios em Lisboa, Porto, Faro, Bragança, Vianna do Castello, etc., sanatorios em Outão, na Parede e quasi completo na Guarda, hospitaes em Portalegre e dentro em pouco em Lisboa, — mas além d'isso promoveu a hospitalisação adequada e isolada dos tuberculosos em Lisboa, tem pugnado denodadamente junto dos governos pela abolição do imposto do consumo, procura revigorar as futuras gerações tratando, á sua custa, milhares de creanças em cada anno nos seus Dispensarios de Lisboa e Porto, visita amiudadamente em suas casas e auxiliado seu bolso particular centenas de tuberculosos pobres, etc.

E' justo, por tanto, que o Instituto Central da Assistencia, esse bello edificio na capital construido pelo Ministerio das Obras Publicas, tenha o seu venerado nome gravado na frontaria, como nas suas salas paira sempre o seu egregio espirito, quando em presença a propria Soberana, que tanto o visita, alli não está.

E' n'esse edificio, no seu pavimento baixo, que se encontra o grande Dispensario de Lisboa, que fartos louvores mereceu aos medicos extrangeiros que durante o ultimo Congresso de Medicina, e por outras occasiões o teem visitado. Para avaliar os beneficios que este estabelecimento tem prodigalisado, basta dizer que nos cinco e meio annos da sua existencia teem alli accorrido perto de 36:000 doentes, aos quaes entre outros serviços de prophylaxia, tratamento e amparo se teem feito 456:000 consultas e tratamentos, fornecido 54:000 jantares, 3:000 escarradores, desinfectado 5:000 habitações, praticado grande numero de operações cirurgicas, etc.

Nenhum outro dispensario do mun-

do, — e bastantes ha já espalhados por varios paizes, — tem no seu activo um tão grande numero de serviços, e nenhum outro possue installação mais aprimorada. Tal é a opinião unanime dos conscienciosos que o teem visitado, e que acompanham os trabalhos alli executados.

O dispensario de Lisboa, bem como o novo Instituto de que faz parte e a Assistencia Nacional aos Tuberculosos sob cuja egide se fundou, são as maiores joias da immorredoura corôa de sua regia fundadora, a quem o futuro sem duvida prestará a justa e bem merecida homenagem.

ALFREDO LUIZ LOPES.

Terceiro concurso photographico

MENÇÃO HONROSA

DEPOIS DA MERENDA

Photographia do sr. Antonio Francisco de Lemos, Juiz de Fora (Minas, Brazil)

EPISODIOS E ANECDOTAS

II

UM DESAFIO CAVALHEIRESCO

Fusilem os tres.

— Mas dois são mulheres!

— Não se averiguou serem todos espiões?

— Da maneira mais categorica.

— O conselho não se pronunciou n'esse sentido?

— Por unanimidade.

— Ha motivo para lhes perdoar?

— Absolutamente nenhum. O homem foi aprisionado com as armas na mão; as mulheres occultas no matto, a espreitar a columna, faziam depois signaes para denunciar os nossos movimentos aos rebeldes. Não quizeram confessar nada, nem conseguimos que nos prestassem o mínimo esclarecimento; conservaram-se mudas como os troncos carbonisados d'essas espinhosas por ahi dispersas.

— Militam a seu favor qualquer circumstancia attenuante, qualquer acto que os recommende á nossa clemencia?

— Nada.

— Então fuzilem-n'os.

Este curto e peremptorio dialogo ricochetava entre o commandante d'uma força da columna sul em operações no interior de Lourenço Marques, em 1895, e um official seu subordinado. Rodeavam os dois interlocutores varios camaradas, e entre esses, o medico naval, representante da Cruz Vermelha, dr. Rodrigues Braga.

— Vou cumprir as suas ordens — declarou o official ainda na esperança de ouvir revogar a inexoravel, mas necessaria, sentença.

— Cumpra — assentiu o commandante sem hesitar, solemne e tranquillo como o gladio da justiça.

— Uma palavra, capitão?! — solicitou o medico approximando-se do chefe.

— Diga, doutor.

— Eu represento aqui a Humanidade no meio dos horrores da guerra.

— Ninguem lhe contesta esse sympathico papel.

— Está disposto a acatar uma das minhas prerogativas?

— Conforme; sempre que não prejudiquem, proxima ou remotamente, a segurança dos nossos e o bom exito da campanha que tenho de realizar.

— Conceda-me a vida das duas mulheres.

— Seria um pessimo exemplo; os revoltosos chamam-nos *gallinhas* e que já não sabemos matar pretos; se poupo a vida aos espiões, se não atalho com medidas energicas o rastilho de sublevação que se propaga e inflamma em redor de nós, se não intimido as mulheres que nos hostilisam ainda mais que os homens, e a quem instigam á lucta aberta e implacavel, nem todo o exercito portuguez bastaria para suffocar a revolta.

— São as primeiras capturadas.

— Exactamente porque o são; não as viu

CAPITÃO TENENTE DA ARMADA GUILHERME IVENS FERRAZ

com as mãos na obra, não assistiu aos seus interrogatorios?

—Em nome da Cruz Vermelha; como arrhas das existencias que ella ha-de salvar no proseguimento das hostilidades...

—Seja—respondeu o commandante depois de vacillar um segundo;—pertencem-lhe as duas mulheres, faça d'ellas o que melhor entender; oxalá que ambos não tenhamos de nos arrepender d'esta manifestação de pueril benevolencia.

As duas creaturas foram mandadas para a cidade; o landim passado pelas armas. A columna poz-se de novo em marcha, em direcção da Macaneta. Era obrigada, pela natureza do caminho, a desfilar pelo sitio onde se effectuara a execução. Os bisonhos soldados de infanteria 2, de artilheria 4, de engenheria, idos de Portugal, só conhecendo do serviço militar os inoffensivos exercicios, sentiram um violento sobresalto ao deparar-se-lhes o lúgubre e hórrido espectaculo. Sobre a areia calcinada da vereda tortuosa, acamando uma eça verdejante no capim flexivel, estirava-se o cadaver d'um negro com o arcabouço varado por quatro balas. Tombara de costas, ainda com uma varonil expressão de repto altivo estampada na physionomia desdenhosa. Os brancos não o viram tremer, não! As lagrimas tinham-se estancado tímidas nos olhos das mulheres attonitas e o estrídulo alarido das exequias cafreaes emmudecera de pejo ante aquelle orgulhoso desapêgo da vida. Ellas a quem o *molungo da mésinha* privara de o acompanharem á presença de Tilo (1), relatariam mais tarde nos ensurdecedores batuques, nas frias noites de humido cacimbo em redor das apetecidas fogueiras de clarões rubros, nas typicas festas da colheita da ocanha (2), a maneira como elle encarara os canos das espingardas, que, á semelhança do raio que paira por cima dos Lebombos, o prostraram fulminado.

Esse bando de rostos pallidos, em quem, na pelle, nos labios e nos olhos, se imprimiam já os primeiros symptomas denunciadores do veneno palustre, apartados apenas ha dias do seio das familias, aconchegaram-se instinctivamente uns aos outros e afigurou-se-lhes, ao contemplarem o inimigo morto, que o coração se mirrara tanto que caberia na pequenina semente da molambeira. Era o primeiro e sangrento trophéo do insaciado monstro da guerra. Arredaram a vista. Muitos lembraram-se da sua aldeia, do cura que leva a extrema-uncção aos muribundos, do cemiterio que guarda os restos dos entes chorados, da cruz de braços estendidos que vela e protege o derradeiro e eterno somno.

Depois habituaram-se. A multiplice repetição de scenas análogas adormeceu-lhes a juvenil sensibilidade. O instincto de conservação, incitado pela crueza nativa, que converte o bondoso adolescente em caçador e o caçador em guerreiro, apagou lhes da memoria a noção do respeito pela vida alheia e apontou-lhes a Kropatschek como dogma convincente do evangelho do mais forte.

A invasão progressiva do miasma dos patanos enfraquecia o organismo robusto dos nossos intrépidos peões, mas retemperava-lhes a energia, duplicava-lhes a força nervosa, inspirava-lhes no afastamento do torrão natal, a crença vigorosa do amor da patria, desempanava-lhes os cerebros e arrancava-lhes de lá iniciativas, conhecimentos, dedicações, cultos, que se mantinham até ahi embryonarios.

O então capitão de engenharia Freire de Andrade, briosamente secundado por Henrique

(1) Ente supremo.
(2) Fructa africana.

Couceiro e por quantos officiaes obedeciam ao seu plano, estrangulava a rebeldía dos indigenas nas malhas apertadissimas d'uma solida rede de postos militares. Occupara-se o Marracuene, fortificara-se Incanine, varrera-se o Mapunga, socegara-se a Macaneta. Com uma columna que não formava mais de trezentos europeus válidos, dispunha se Freire de Andrade a assenhorear-se do Intimane, a bater o Magul, a firmar-se no Stokolo, a lançar uma ponte sobre o Magude e a submetter a Cossine. Se não fôsse heroica, apodar-se-hia de ridícula a concepção de tal designio com tão mingoada gente.

O, n'essa épocha, tenente de engenharia, Tavares Leotte, transformara a primitiva e incompleta fortificação do Mugude n'uma obra de defesa capaz de resistir ao embate de todas as mangas vátuas. O que elle consumiu n'esse trabalho, de paciencia, de tenacidade, de pericia technica, daria para escrever volumes. Caso digno de registar-se. N'esta campanha, que nenhum outro paiz era capaz de realizar com tão escassos recursos de pessoal e material, operaram-se verdadeiros milagres, não só de coragem, de valentia individual e collectiva, mas muito particularmente de boa vontade. A victoria que coroou as nossas armas, colhida após os gloriosos combates do Marracuene, do Magul e de Coollela, fôra preparada pela resultante dos gigantescos esforços feitos por todos, sem discrepancia de arma, nem de graduação.

LOURENÇO MARQUES — POSTO DE MAGUDE

N'outro artigo trataremos detidamente das operações navaes effectuadas, mas seria imperdoavel esquecimento não mencionar desde já os destemidos marinheiros Assis Camillo, Alvaro Andréa, Diogo de Sá, Julio Alvito, Raul Furtado, Magalhães Ramalho, Alfredo Howell, Valente da Cruz, Henrique Metzener, Jayme Monteiro, Victor Sepulveda, Vieira da Rocha, Ladislau Parreira, Eduardo Santos e ainda outros que, por desventura, nos esqueçam.

Entre as inauditas temeridades que esses denodados homens do mar praticaram, avulta a viagem, do rio Zambeze para o surgidouro do Espirito Santo, das miscroscopicas lanchas canhoneiras *Carabina,* commandada pelo te-

nente Pedreira Caçador, e *Sabre*, por Ivens Ferraz. O canal de Moçambique, sempre revôlto, espantava-se com a audacia dos dois intrépidos rapazes e da sua corajosa tripulação. As lanchas eram necessarias no sul, ninguem trepidou, metteram-se ao mar, arrostaram perigos, chegaram sem avarias de maior, galgaram por cima dos bancos, entraram pelos rios cobertos de baixios, attingiram pontos onde nunca se vira nenhuma embarcação de guerra e bombardearam as povoações sublevadas. Combateram, transportaram cargas, auxiliaram a construcção de pontes, dedicaram-se, mutiplicaram-se, foram, n'uma palavra as azas que proporcionaram á columna do sul víveres e polvora, o principal traço de união com a base das operações.

*

* *

No dia 30 de agosto de 1895 conversavam animadamente no posto de Magude o Silva *Maneta,* interprete da columna, e o 82 de artilheria 4. O Silva fôra soldado da policia de Lourenço Marques; conhecia o matto como se lá nascera. Apenas com o braço esquerdo mettia uma bala, a cem metros, no olho d'um negro, e com o pequeno couto que lhe restava do direito, atirava de costas, no chão, com força rara, o mais colossal dos auxiliares pretos, que não lhe obedecesse acto contínuo Era e é, porque ainda vive, o rebento d'um d'esses indómitos aventureiros, que gravaram, a tiro e á cutilada, na India, na America e em Africa, a assombrosa epopéa das nossas conquistas ultramarinas.

O 82, representaria vantajosamente em qualquer certamen sportivo o vigor physico da raça lusitana. Submisso e amoravel como um borrêgo, outorgara-lhe a natureza um poder muscular desmedido. Domava-o uma creança, mas não o intimidaria um leão. Attestava-lhe a rijeza da musculatura dois exemplos eloquentes.

O, n'esse tempo, tenente da brigada de artilharia de montanha, Sanches de Miranda, um dos futuros collaboradores de Mouzinho de Albuquerque no aprisionamento do Gungunhana, orgulhava-se com a robustez da gente que commandava. Eram desempenados latagões, habituados a montar e desmontar reparos, a pôr e a tirar do dorso das mulas os canhões da bateria. Foi necessario uma vez erguer uma peça Krupp de sete centimetros. Sanches de Miranda offereceu logo os seus homens, mas o pêzo excedia a boa vontade do mais duro. Appareceu o 82; pertencia a uma companhia de guarnição; os da montanha casquinavam gargalhadas de mofa. Abraçou-se ao canhão, firmou-se nos dois nervudos troncos, que eram as pernas, suppezou-o e collocou-o no seu logar. O *ah!* de admiração que reboou em redor d'este pareceu surprehendel-o mais que o herculeo esforço exhibido espantara os seus camaradas.

CAPITÃO DE ARTILHARIA
HENRIQUE MITCHELL DE PAIVA COUCEIRO

Outra vez um boi tresmalhara-se. Não era facil conduzil-o á arribana. Paus, laços, berros, e algazarra dos *macambuzios* (1), o clamor das praças, nenhum effeito produzia no obstinado ruminante. O 82 zanga-se, consegue deitar-lhe a mão a uma das hastes, e ahi temos, não uma péga á unha segundo as regras tauromachicas, mas uma lucta semelhante á descripta no *Quo Vadis* entre o lygio Urso e o selvagem auroque. O animal teimava e fazia fincapé; pretendia desenvencilhar-se por meio de movimentos bruscos, do seu detentor; recuava,

(1) Pastores

LOURENÇO MARQUES — PONTE DE CHINAVANE

sacudia-se, encorcovava-se, mugia; recorreu a todas as manhas, appelou para mil estratagemas, empregou ardís desleaes, serviu-se da astucia combinada com a força, mas foi constrangido a ceder e entrou no curral vencido, envergonhado, humilde.

Conversavam os dois, dissemos.

— Que magote de negros é o que se abeira acolá? — perguntava o 82, alpendrando as duas mãos sobre os olhos e perscrutando ávidamente o limitado horizonte do fronteiro oceano de capim.

— E' o mouro que foi ao Magul, fingir que comprava gado, para saber o que lá se passa, e trazer-nos informações das terras e da gente que ahi se concentra — informou o Silva.

— E' além que se refugiou o Matibejana, régulo de Zichacha?

— E', foi renovar a vassalagem ao Gungunhana e recebeu d'elle o commando das mangas vátuas e landinas que nos hão de atacar.

— Mas o mouro vem acompanhado e não partiu d'aqui com tamanho séquito — observou o 82.

— Já reparei n'isso mesmo; depressa nos informaremos de quem são esses intrusos. E' necessario cautela. Se os cafres descobrissem a espionagem do mouro, nem a alma se lhe aproveitava.

Breve os dois metteram pela ponte que atravessava o rio e dirigiram-se ao encontro dos recemchegados. O mouro apenas avistou o Silva fez lhe um rapido signal de intelligencia com a vista. O *maneta* pôz-se de sobreaviso.

— Que quer este povo? — inquiriu o Silva.

— Vem buscar as fazendas com que eu ajustei os bois nas povoações da margem de além.

O *maneta* relanceou-lhes um olhar inquisitorial. Approximou-se do 82, e recommendou-lhe baixinho:

— Chama ahi uns dez soldados, e quando eu levantar a mão *fila-me* esta cambada toda; se resistirem dêem-lhes cabo do canastro.

O 82 afastou-se, e, dentro d'um minuto, caminhava ao lado dos supeitos visitantes uma duzia de brancos de espingardas carregadas e em bandoleira. O Silva, logo que se certificou que a escolta ia preparada para qualquer even-

tualidade, chamou o mouro de lado, e interrogou-o:

— Explica-me agora d'onde surgiram estes passaros de arribação?

— Posso falar á vontade, sem perigo?

— Podes.

— Os chefes das terras do Magul não queriam deixar-me retirar sem que trouxesse commigo estes pretos da sua confiança, devendo eu declarar aos brancos que eram carregadores designados para transportar as minhas mercadorias.

— Foram então mandados para nos espiar...

— Nem mais, nem menos.

— Olha lá, um d'aquelles figurões não é irmão do Mahazulo, regulo da Magaia?

— Quiz-me parecer isso mesmo, mas não tinha a certeza.

O mouro, os negros e os soldados entravam n'esse instante no terreiro do posto. O *maneta* abeirou-se d'um dos landins e disse-lhe, de chofre, no proprio dialecto, erguendo a mão:

— Como passa teu irmão Mahazulo?

Cada soldado agarrou-se ao seu negro, ameaçando-o com a baioneta. O interpellado pelo Silva foi agarrado como os demais, mas embateu tão violentamente no seu captor, que este recuou tres passos, o sufficiente para ficar com os movimentos livres. Os restantes não boliram amedrontados pelas laminas refulgentes dos sabres e largaram as azagaias.

Era um bello e soberbo exemplar da raça ethíope, o guerreiro cafre que, n'um ímpeto de altiva e feroz independencia, se libertara á prêsa do seu estupefacto antagonista. N'um pulo arrogante de leopardo prestes a ser colhido pelo caçador, venceu uma distancia que nenhum prodigio da gymnastica conseguiria transpôr; arrojou-se para a frente como um corisco veloz sulca o firmamento opaco em noite de tufão; zumbiram-lhe as balas em redor da frizada carapinha á guisa de besouros sinistros cobiçando a carne putrefacta d'um cadaver; oppuzeram-se-lhe na carreira infrene os bicos agudos da velação de arame farpado, que lhe abriram no arcabouço, no ventre, nos membros, em todo o corpo offegante, tantos rasgões orlados de vermelho quantos os orificios d'um peneiro; quebrou, despedaçou, dilacerou, derrubou a sebe artificial d'essa rêde de espinhos quasi insupperavel, os postes solidamente cravados e terminados em ponta esguia, os abatizes ouriçados de arestas cortantes, as tranqueiras compactas de toros sobrepostos.

CAPITÃO DE ENGENHARIA TAVARES LEOTTE

Nada resistia ao ímpeto vertiginoso e exterminador d'aquelle anceio de vida salva, de aspiração insoffrida á liberdade das selvas.

Corria, corria sempre, com o acompanhamento lúgubre dos projecteis que lhe desenhavam o contôrno n'uma tangencia milagrosa de indemnidade; galgou fossos em saltos que pareciam vôos; inclinava-se para deante n'um arranco de javardo perseguido por matilha infatigavel; fendia com a macissa cabeça obstaculos imprevistos, quasi impenetraveis, á semelhança das modernas machinas de ar comprimido que perfuram túnneis; era a personificação do esforço physico logrando a tyrania da superioridade numerica, os inventos que aniquilam a distancia, a pertinacia cruel do instincto sanguinario.

Chegou ao rio. Seria a salvação? Mergulharia, nadaria debaixo d'agua e attingiria a margem fronteira. O destino exigia outro desenlace a essa tragedia de minutos. Lançou-se ao Incomati, mas só encontrou corôas de areia, que lhe deixavam o busto a descoberto; não teve tempo de se deitar. Uma descarga das sentinellas proximas, mais certeira que a dos seus nervosos perseguidores, arrancou-lhe a vida que defendera com singular denodo e energia.

Os restantes prisioneiros foram interro-

gados; dois d'elles insistiram bravamente em conservar o mais rigoroso silencio. Foram fuzilados.

Quando o chefe do posto ordenou ao commandante da força de infantaria que procedesse á execução, este ficou um tanto perplexo, sem saber quem devia nomear para presidir ao terrivel acto. Um dos sargentos presentes, por leviandade, por comprazer, declarou:

— Vou eu, meu tenente.

O official assentiu, mas logo um dos collegas do imprudente voluntario, commentou, baixinho, para elle:

— Offereceste-te para uma bella acção, não tem dúvida!

Ninguem mais descortinou um sorriso nos labios do estouvado militar, e d'ali para o futuro preparou todas as suas coisas para um passamento breve, dizendo com tristeza para os seus mais íntimos confidentes:

— A primeira bala que vier dos pretos é para mim.

Veremos se o vaticinio se realizou.

*

* *

N'esse mesmo dia, 30 de agosto, principiou a concentração das forças cafreaes fieis em Chinavane. Reuniram-se ali as mangas do Chibanza, do Chicuco, do Mancunene, do Capulana e do Mapanjanhana, entre dois mil e quinhentos a tres mil homens. Choveram as bravatas, multiplicaram-se as promessas de proezas inauditas; nada resistiria ao impeto bravío da horda assoladora. Quando, porém, os informaram que o objectivo da acommettida era o Magul, todo esse ardor bellicoso se esvaiu como fumo vergastado por nortada rija, e o peor foi que se accentuaram logo deprimentes symptomas de deserção irremediavel. Contiveram a premeditada fuga, incutida pelo medo, os canos convincentes das metralhadoras e a linha de sentinellas brancas munidas de instrucções radicaes.

Na noite de 2 para 3 de setembro, os auxiliares reduzidos a pouco mais de mil, receberam ordem para effectuar um largo reconhecimento. O capitão Freire de Andrade chamou o Silva, e participou-lhe:

— És tu que vaes commandar essa sucia.

— Fogem todos ou matam-me.

— Se tens medo, vou eu — redarguiu o engenheiro.

— Medo, eu! — bradou o *maneta* com voz sibilante e olhar enfurecido; depois mais sereno, accrescentou: — O medo, a primeira vez que o vi fiz-lhe tão má cara, que nunca mais me tornou a apparecer.

E deu meia volta, sem querer ouvir mais explicações. As mangas caminharam pela margem esquerda do Incomati, a coberto do caniço, e, depois de varias peripecias, dissimularam-se no matto. A 4 marchou a columna européa, cento e cincoenta homens, se tanto, com dez cavalleiros. Atravessaram as forças o Incoluana á custa de illimitada paciencia e trabalho insano. De subito retumba o estralejar irrequieto da mosquetaria cafreal. O Silva corre a vêr o que é e communica-o a Freire de Andrade.

LOURENÇO MARQUES — PONTE DE INCOLUANE

— Lembra-se V. Ex.ª dos illustres cavalheiros que todas as manhans se divertiam a insultar-nos do lado de cá do rio?

— Lembro.

— Foram apanhados com a bocca na botija e pagaram capital e juros; aquelles não nos tornam a chamar *gallinhas*.

O movimento proseguiu. O quadrado europeu, commandado por Freire de Andrade, marchava vagarosamente. Os auxiliares, como não encontravam ninguem, corriam. Á sua frente, agora, cavalgava o capitão Henrique Couceiro, seguido de cinco europeus de cavallaria.

Uma desoladora paizagem, a d'esse terreno, plano como uma charneca alemtejana e pantanoso como um arrosal de Montemór. Os rios, que serpeiam perto, e a lagôa Chuale, alastram dos leitos e inundam de charcos empeçonhados a tristissima campina. Aqui e ali cresce o caniço e o junco pondo manchas biliosas na vegetação enfezada. N'alguns sitios d'aquella especie de lençol mortuario, pois não se distingue, em recuado perimetro, nenhum vistigio de ente humano vivo, a areia esmaecida difficilmente deixa transparecer hervas franzinas e sêccas, palha calcinada pelo sol abrasador, e, a longos intervallos, arbustos descarnados e galhos sem seiva que os alimente. E' um cemiterio da natureza no seu mais afflictivo isolamento. Povôa-o a formiga branca em substituição dos vermes dos campos santos. Para que a illusão ainda mais nos entenebreça o espirito, erguem-se em avultado abaulamento de funebres covaes os montes pacientemente architectados pelos industriosos insectos, revestidos n'um ou n'outro ponto da verdura de resistentes plantas parasitas. A muita distancia, encorcova-se um outeiro coroado de acacias densas, a resaltar no azul claro do espaço; para as bandas de cá, n'um arqueamento suave do solo, esmaltam-se como pintas alvadías e cinzentas, as abandonadas vivendas de zinco dos baneanes e as solitarias palhotas de colmo dos negros.

Henrique Couceiro e as mangas, que marchavam afastadas umas das outras, de cincoenta a cem metros, adeantaram-se ao quadrado europeu mais de tres leguas. Os auxiliares avançavam impávidos na persuasão de que o inimigo acampava muito longe. De subito os negros estacaram, perdendo o aspecto de arrogancia e de fanfarronice.

— Que é? interrogou Couceiro.

— Ali, *molungo;* não vês? os vátuas! — informou um dos chefes com os dentes a baterem uns nos outros, com a physionomia assustada, tranzido de medo.

Effectivamente a cêrca d'um kilometro, distinguia-se com a maxima nitidez, numerosos grupos de negros, armados em guerra e de attitude ameaçadora.

— Para deante! — bradou Couceiro.

Ninguem se mexeu. Houve até muitos d'aquelles ousados guerreiros, que olharam

CAPITÃO DE ARTILHARIA SANCHES DE MIRANDA

para traz, em busca de sitio mais propicio para se furtarem ao primeiro choque dos temidos adversarios.

— Arranquem-me esses covardes de ahi, homens que deviam ser mulheres, bando de poltrões! — vociferava Couceiro animando os indunas (1), mostrando o punho fechado aos chefes, distribuindo pranchadas com a prodigalidade da sua intemerata bravura. — Vou eu só!

Os cafres assemelhavam-se a espargos nascidos ali, no areal, não se moviam; man-

(1) Grandes dos régulos.

LOURENÇO MARQUES — PONTE DE INCANINE

tinham-se hirtamente quietos, na immobilidade de muitas estatuas que incarnassem o terror. Se o inimigo esboçasse a mais insignificante evolução hostil não ficaria ao lado de Couceiro e dos seus cinco valentes subordinados um unico landim. Do quadrado ninguem lhe poderia acudir. A conjuntura surgia apertada e angustiosa. Recuar era impossivel; nem o bravo capitão de artilharia sabia o que significava essa palavra; demais, mesmo que o pretendesse fazer, os cavallos estavam de tal maneira anemicos e cançados que não aguentariam um galope de cem metros.

Couceiro tomou então o partido heroico que a sua grande alma lhe aconselhou. Atirou-se para deante n'um impeto de louca temeridade. Era arrostar com uma morte certa. Os nossos alliados de carapinha quedaram-se estupefactos. O brio não os incitou a avançarem, mas o espanto chumbou-os ao solo.

Na hoste contrária preponderava um sentimento analgo de pavor. Esse branco, apenas seguido d'outros cinco, possuia seguramente um formidavel *feitiço* para assim desafiar tantos mil guerreiros. A gente que ficava parada atraz d'elle obedecia com certeza a qualquer infernal plano; adejava por ali um perigo imminente, denunciador de total exterminio, e permaneceram tambem em pusillánime espectativa.

Couceiro trotava sempre. Chegou ao alcance da voz. Os contrarios apertavam-se uns de encontro aos outros, intimidados, medrosos, cheios de assombro. Que lhes iria fazer o branco? O intrépido official distinguiu no meio da plumagem, das rodelas, das azagaias, dos *munjovos*, dos rabos de boi, de todo o apparato bellico da negralhada, o irmão do Chonguella, regulo da Cossine, e chamou:

—Pasman!

O preto encolheu-se: desejaria mirrar-se com o chão, sumir-se por elle abaixo, mas obedeceu ao chamamento. Sahiu da muralha viva de que fazia parte, vagaroso, assustado, contra vontade, como hypnotisado. Couceiro passeou as pupilas rutilantes de energia pelas espingardas que começavam a visal-o, e disse:

—Matibejana, regulo do Zichacha, revoltado contra o rei de Portugal, refugiou-se n'estas terras...

—E' verdade, senhor—confirmou o negro.

—Exijo que m'o entreguem... ou não deixo uma palhota de pé, nem um homem com vida.

O preto ficou silencioso. Com grandes recursos contava esse branco para assim exigir a uma *impi* (1) do Gungunhana, a entrega d'um dos seus vassallos prédilectos. Nada de respostas altivas, nem argumentos que o exasperassem. Era necessario comtemporisar, e respondeu:

—Não depende só de mim o dar-te o Matibejana; está longe; outros chefes são responsaveis por elle, e alguns d'esses não se encontram aqui.

—Que tempo precisam para conversar e trazer-me o revoltoso ao porto de Chinavane?—informou-se com altivez Couceiro.

—Tres dias—redarguiu Pasman, tímido, e depois de cogitar um pedaço.

—Bem—condescendeu o pundonoroso official, com sobranceiro arreganho.—Esperarei até a noite do terceiro; se na manhan do quarto dia o Matibejana não me fôr apresentado, ao nascer do sol aqui me teem, e ai! dos que ousarem acoutal-o ou levantar-se em sua defesa.

E não se dignou mais encarar as mangas adversarias. Encaminhou-se para os nossos auxiliares estarrecidos, que esfregavam os olhos, por não acreditar no que viam, e voltou para o posto.

Em toda a campanha, matizada de singulares manifestações de valor pessoal, nenhuma houve mais necessaria para a manutenção do prestigio das tropas européas, nem que mais eloquentemente denunciasse a têmpera heroica d'um homem e mais absluto desprezo pela existencia.

*

* *

Freire de Andrade e todos os seus camaradas do acampamento de Chinavane resolveram, sem mais um segundo de hesitação, respeitar o *ultimatum* imposto por Couceiro. Findos os tres dias ou o Matibejana seria entregue prisioneiro, ou se arrazaria o Magul. Os elementos para a realização d'essa aventura de cavallaria andante é que eram menos que defficientes..., chegavam a ser irrisorios. Depois de muito rebuscar, cerzir, emprehender, tirando d'aqui e d'acolá, reuniram-se duzentas e sessenta e cinco praças européas, trinta e tres soldados angolas e onze officiaes—uma dentada para os seis mil e quinhentos cafres de Tope com quem se iam defrontar.

No dia 9 de setembro ás dez e meia da manhan, após uma marcha fatigante e difficil, descobriram-se as primeiras vedetas do inimigo. Formado o quadrado, avançou com uma metralhadora em cada angulo, tão exiguo com os seus dezasete homens na frente de cada face, que mal se divisava por entre os feixes dobrados do capim. Eram treze as mangas. Marcharam, manobraram, evolucionaram, mas não se atreveram a approximar-se dos brancos; não que lá estava o Couceiro e esse dispunha ainda de mais *feitiços* que qualquer outro.

A demora dos negros na investida foi aproveitada para espalhar em torno do punhado dos europeus alguns toscos abatizes, constituidos com os escassos elementos ali á mão. A meia duzia de soldados a cavallo avisinhou-se d'elles e desfechou-lhes as cargas das suas carabinas. Era um repto e um chamariz. O regulo Chibanza, um dos poucos negros a quem se consentira acompanhar a diminuta columna, adeantara-se até perto dos adversarios, seus conterraneos, e vibrou-lhes os insultos mais deprimentes e ultrajantes da lingua vátua.

Á hora e meia da tarde o sol entornava sobre os desditosos militares do continente, como se fôra um cadinho arrombado, rubros caudaes de estanho em fusão. O calor asphixiava. O terreno, o ambiente, a cúpula celeste, as lufadas sacudidas e intermitentes do norte, abrasavam os pulmões, encandesciam as faces e inundavam os corpos enervados de suor doentío. A atmosphera pesava sobre o peito de todos n'uma oppressão suffocante.

Surgiram primeiro receosos, desconfiados, espreitando através das moutas alguns cafres dispersos. Tinham resolvido o ataque. Estendiam-se, como uma linha de atiradores, a mascarar o desenvolvimento do grosso da força. Depois destacou-se no verde torrado da planicie, batida em cheio pela luz dardejante e tremuluzente, a massa escura e compacta das mangas. Evolucionavam n'um movimento surdo, caladas, ao contrario do que costuma succeder em

(1) Exercito.

emergencias identicas. Alongaram-se, a principio, n'um interminavel rosario de escudos marchetados de branco e negro e recurvaram-se em seguida em meia lua. Dir-se-hiam a distancia, e eliminados alguns seculos, os esquadrões musulmanos envolvendo a hoste de D. Sebastião em Alcacer-Kibir.

Lá em baixo, a quinhentos metros, a custo se enxergava a resumida pinha ouriçada de sabres dos brancos. Causava dó examinar corpo tão franzino para amplexo tão gigantesco. Nem o poderiam apertar todo esses braços longos e colossaes. A investida effectuara-se lenta, methodica, sem pressas, n'um tanto, que não as mangas cada vez mais cerradas e densas. Avante! E os rebeldes despenharam-se n'uma carreira douda, sempre unidos, conhecendo por experiencia, ou adivinhando por intuição, o choque tremendo e irresistivel que representava, para objectivo de tão fraca consistencia, a massa formidavel de seis mil e quinhentos homens multiplicada pela velocidade estonteadora de muitas centenas de metros. Lá em baixo, o microscopico ouriço de baionetas nimbou-se de uma aureola esbranquiçada e resoou como o crepitar irrequieto e apressado de sal caido ao lume. No espesso muro de bustos côr de ébano

LOURENÇO MARQUES — O LOCAL DO COMBATE DO MARRACUENE
Os grupos de officiaes indicam cada angulo do quadrado na noite de 2 de fevereiro de 1895

antegosto vagaroso de iguaria anciada que se vae saborear. A prêsa agachava-se ali; podia debater-se um instante, mas não escaparia. Agora a recordação do Marracuene, o temor supersticioso dos *feitiços* e das armas aperfeiçoadas, varria-se-lhes da memoria. O instincto da lucta, a certeza do triumpho, o odio de raça, a vingança de tantos dos seus succumbidos á mão dos invasores, a expulsão para sempre de tyrannos seculares, o aniquilamento total d'esses aventureiros anémicos que sempre os tinham vencido, exaltava-lhes a energia e acicatava-lhes o animo.

Silvaram, altos, alguns projecteis; attingiriam as nuvens, se os impelisse força para e luzidios rasgaram-se soluções de continuidade, alongaram-se braços em busca de pontos de apoio, estrugiram brados de raiva e gemidos de dôr, incidiram na areia, em baques soturnos, n'uma senoridade lúgubre de urna funeraria, arcabouços esfuracados, a gottejar. O impeto vertiginoso das mangas afrouxou, diminuiu de rapidez, até que porfim se deteve n'um estacionamento raivoso e impotente. Esbarrara de encontro a uma acommettida mais forte; paralisou-o a rajada mortífera d'um tufão de balas.

Vejamos agora o que se passava no quadrado.

Os primeiros tiros sahiram espontaneos,

n'uma crispação nervosa do dedo sobre o gatilho. Mas logo a voz serena de Freire de Andrade, ordenou:

— Deixem-n'os chegar mais perto.

Os negros distavam n'este momento do quadrado trezentos metros. Foi ordenado fogo vivo. As espingardas, as metralhadoras, commandadas pelos tenentes Sanches de Miranda e Pinto da Motta, despejavam incessantes jorros de metralha. Um sargento, a despeito dos conselhos dos camaradas, ergueu-se em cima d'uns caixotes para obter mais amplo campo de visão, mas logo levou a mão ao peito, golfando um jacto de sangue, e exclamando ao tombar desamparado para traz:

— Cá tenho a minha conta; não errei na prophecia; os negros vingaram-se!

Era o mesmo sargento que se offerecera para fuzilar os dois prisioneiros. Infelizmente para elle não se enganara nas suas previsões.

N'esta altura desencadeara-se sobre o minguado reducto, constituido pelos peitos europeus, uma estrondosa tempestade de ferro. Os milhares de armas de todos os systemas e adarmes, desde o reduzido calibre da Lee-Metford até as boccas enormes dos mosquetões dos caçadores de elephantes, tudo vomitava a destruição e o exterminio sobre o quadrado. A morte quasi instantanea do sargento e o furacão das balas, zagalotes, escumilha, chumbo grosso, quantos metaes podiam servir de projeteis, razando as baionetas, amolgando os canos, lascando as coronhas, abrindo lacunas nas fileiras, causara passageiro terror na face mais varrida pelo tiroteio contrario. Um segundo cabo de tal modo se inclinou para a frente, que não houve meio de o levantar e de lhe descobrir a cara. Freire de Andrade, exasperado, cravou-lhe dois centimetros da ponta da espada na coxa. Endireitou-se de prompto, e tão corrido de pejo, que luctou depois com singular denodo. Alguns soldados mais, poucos, teimavam em apontar deitados; o capitão Almeida, o tenente Krusse Gomes, os alferes Quirino Pacheco, Luiz Coelho, Aguiar, Gaspar e Paes, e os officiaes atraz mencionados, depressa os convenceram a desfechar de pé e de joelhos. Um sargento muito novo, que não conseguira dominar os nervos, chorava, mas logo suffocou o pranto e se transformou em homem, e dos mais destemidos, ao ouvir entre ironica e severa a voz sonora de Couceiro, com o sangue a borbotar d'uma ferida perto do olho esquerdo:

— Não se me faça piegas!

Mas breve se sumiram esses rapidos symptomas de instinctivo pavor, a que nem os mais temerarios heroes se eximem no baptismo de fogo. Cinco minutos depois de estralejarem os primeiros tiros, cada vacillante recruta metamorphoseara-se n'um veterano aguerrido e firme. As descargas tornaram-se regulares, disciplinou-se o combate, cada soldado confiou em si e todos nos chefes Duas vezes foi necessario interromper a lucta. O fumo condensara-se tanto em redor do grupo dos brancos, fizera-se tão opaca e irrespiravel a atmosphera que envolvia n'um fusco resplendor de morticinio o impavido quadrado, que ninguem sabia a quantos metros estavam os contrarios. A metralha obrigara-os a refugiarem-se na herva alta, a esconderem-se por traz dos troncos, a mirrarem-se com o solo, a acoutarem-se á retaguarda dos morros de muchem Quando a fuzilaria se calou, arrojaram-se n'um novo e desesperado esforço sobre o punhado dos europeus. Troaram mais céleres as metralhadoras, desfecharam-se mais apressadas as espingardas, e no fim de meia hora outra interrupção.

D'esta vez do teimoso adversario só restavam os mortos e os feridos, que não pudera conduzir, mais de trezentos, no numero dos quaes se incluia o chefe, o valente e intrépido Tope.

O desafio de Couceiro, como a manopla d'um paladino da civilisação atirado ás faces da barbarie, fôra corajosamente sustentado por esses esqualidos e febris mantenedores, que ao bradarem: «Por minha dama!» — a patria — se irmanavam com os mais afamados cavalleiros medievos. Renovara-se, nas languas desoladas do Magul, um d'esses cavalheirescos e deseguaes prélios, que nos valera a independencia oito seculos antes. A raça, ao medir-se com o inimigo, não degenerara. Portugal pode ainda confiar no futuro.

Eduardo de Noronha.

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRIPTORES

Abel Botelho, Affonso Lopes-Vieira, Carlos Malheiro Dias, Eduardo Schwalbach, Eugenio de Castro, Fialho d'Almeida, Gomes Leal, D. João da Camara, João Penha, Julio Dantas e Theophilo Braga.

CAMILLO CASTELLO BRANCO
Do *Album das Glorias* — Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro.

A inconfidencia não existe quando se trata de artistas celebres ou homens de lettras que fizeram nome. Hoje o publico quer saber da vida dos seus grandes homens e não param os photographos a kodakisar a casa de cada um e os *reporters* a satisfazer a sua natural curiosidade.

A *interview* triumpha em toda a linha. Como trabalham os nossos escriptores? Essa pergunta suggeriu esta meia duzia de paginas que se seguem, rabiscadas sobre o joelho, ainda sob a directa impressão da meia duzia de palestras que as motivou.

Toda a França, por exemplo, sabe como trabalham os seus homens de lettras, as suas manias, as suas predilecções. E não sabe só como elles trabalham: Sabe como elles dormem, como elles comem e quanto ganham. Sabe que Anatole France é doido pelo seu cachimbo de espuma, um cachimbo que é já celebre na litteratura mundial; e que Bourget fuma cigarro desalmadamente; que Rostand ganha rios de dinheiro e costuma desenhar nas margens do manuscripto; que Lemaître é um incorrigivel bibliographo e um mau politico. Publíca todos os dias volumes de inconfidencia sobre os seus escriptores. Nada lhe escapa. Nem que Balzac viveu sempre sob a obcessão do dinheiro, nem as caricaturas que Beaudelaire fazia quando gatinhava. Nem o collete vermelho, o collete vermelho-berrante de Theophilo Gauthier, nem as salas asiaticas de Pierre Lotti. Tudo, tudo quanto tenha relação com um grande homem é amorosamente colleccionado, commentado, reduzido a volume e impingido ao publico á razão de 3,5o fr. por cabeça.

Portugal, em compensação, n'isso não é curioso. Que sabemos nós dos nossos litteratos?

Que Camillo escreveu as *Memorias do Carcere* na cadeia e que depois, quasi cego, accendia todas as velas de dois candelabros para afugentar as trevas. Que Eça de Queiroz tirou um retrato de cabaia mandarinesca, escrevia em largas folhas de papel, emendava as provas como Balzac e fumava propositalmente cigarros tisicos. Que

EÇA DE QUEIROZ
Em traje de mandarim

XIX

onde só crescem cardos que o vento estorce. Oh aquella carne rija, e rosada, e sangrenta que exhala um cheiro tão salino e acre! As suas grossas mandibulas ruidosamente se escancaram n'um bocejo enfastiado e famelico. O oceano arfa como adormecido. Então Adão irresistivelmente mergulha n'uma das largas feridas do saurio, os dedos que lambe e rechupa, todos molles de sangue e gorduras. O espanto d'um sabor novo immobilisa o homem noviço que vem das hervas e das fructas. Mas logo, com um salto, arremette contra a montanha d'abundancia, e arranca uma febra que trinca e masca e traga a grunhir, n'um furor e uma pressa em que ha o gozo e em que ha o medo da primeira carne comida.

Tendo ceado assim postas cruas d'um monstro marinho, nosso Pae veneravel sente uma grande sêde. São salgadas as poças que na areia rebrilham. Pesado e triste, com os beiços empastados de banha e sangue, Adão, sob o silencioso crepusculo, transpõe as dunas, repenetra nas terras farejando soffregamente agua doce. Por toda a relva, n'esses tempos de universal humidade, refulgia e sussurrava um regato. Em breve, enrolado n'uma riba lodosa, bebeu consoladamente, em avidos sorvos, sob o vôo espantado de grossas moscas, sonoras que lhe prendiam a guedelha.

Era junto d'um bosque de carvalhos e faias onde a noute, que já se adensara, ennegrecia o chão, todo macio e fofo de musgos, d'ortigas mansas, de malvas e d'hortelã. N'essa clareira e fresco abrigo penetrou nosso Pae veneravel, estafado com a marcha, os espantos d'aquella tarde de Paraizo. E apenas se estirára na alfombra cheirosa, com a hirsuta face pousada sobre as palmas unidas, os joelhos colhidos contra o ventre mais distendido que um tambor e mergulhou n'um somno muito vivo como elle nunca dormira todo povoado de sombras moventes que eram aves construindo uma casa, patas de insectos tecendo

PROVA EMENDADA POR EÇA DE QUEIROZ

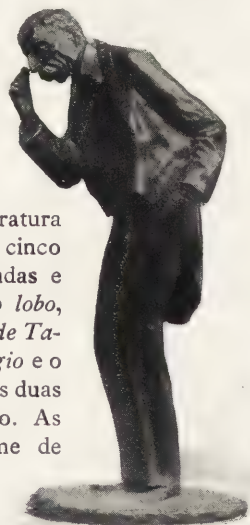
Do artigo *Adão e Eva no Paraizo*, prefacio do *Almanach Encyclopedico*

Julio Cezar Machado escrevia conversando em todas as cousas d'este mundo desde a *escola realista da novella franceza até ao nariz aquilino* da visinha de Camillo Castello Branco.

Conhece-se além de tudo isto o monoculo de João Penha, a barba branca de Bulhão Pato e a barba negra de Guerra Junqueiro. E aqui está o que Portugal sabe dos seus litteratos. Emquanto a como dormem, como comem e quanto ganham, isso não sabe nem lhe interessa, acho eu. Presume que comem e dormem, como toda a gente.

E no capitulo ganhos é melhor não fallar n'isso. Se o litterato amanuensa nos Proprios Nacionaes ou na Junta do Credito Publico já o publico sabe que tem o ordenado de julho rebatido em fevereiro, que isto de ganhar dinheiro pelas lettras, n'um paiz onde toda a gente por pensamentos, palavras e obras se vangloría de não saber ler, é forte!!

*

Ha em toda a nossa litteratura cinco paginas formidaveis, cinco paginas de genio inegualadas e inegualaveis: *A morte do lobo*, *O supplicio da marqueza de Tavora*, *Os ceifeiros*, *O Sergio* e o *Enterro do rei D. Luiz*. As duas primeiras são de Camillo. As outras assigna-as o nome de Fialho d'Almeida. É pois o auctor d'essas paginas maravilhosas, o vigoroso pamphletario d'*Os gatos*, o commo·

EÇA DE QUEIROZ
Estatueta de Silva Gouveia

vido artista da ***Ruiva*** e da *Madona do Campo Santo* quem abre a galeria.

Fialho d'Almeida quasi nunca vive em Lisboa. Habitualmente existe em Cuba, mas se ahi o procurardes estará em Villa de Frades. Não vos aconselho porém a que vos dirijais a Villa de Frades. Fialho terá partido para Lisboa e d'aqui para Cuba. Foi sempre assim vagabundo. Quem se recordar de um artigo publicado em 1892, *Lisboa em farrapos*, verá como elle já então trabalhava: «Como sou misantropo, e só trabalho na rua — tanto mais facilmente, quanto mais accelerada a marcha em que me estafo — a vagabundagem está indicada entre os meus processos de formilhação intellectiva, e o meu alheamento á vida exterior, n'essas occasiões é tão completo que podem passar por mim desordens e ribombos; eu não nos oiço, eu não nos sinto, e para alem das muralhas do meu craneo, o mundo cessa.»

Hoje ainda a vagabundagem está indicada entre os seus processos de trabalho e a sua confissão de hoje não diverge n'esse ponto da de ha 14 annos: «Trabalho andando. É preciso que as minhas pernas andem para que o meu cerebro funccione. Preciso de ruido, de animação, de variedade, para produzir. E é por isso que a minha gestação litteraria se faz na rua durante caminhadas interminaveis. Tenho a fadiga mechanica da carteira. Não posso trabalhar a ella mais de uma hora seguida.»

FIALHO D'ALMEIDA
Photographia tirada em Cuba

Quereis ouvir como elle faz um artigo? «Se o artigo é complexo faço n'um papel uma razão d'ordem onde vou cortando á medida que vou tratando os assumptos. Faço primeiro um rascunho. O meu principal trabalho é o de tornar a prosa elegante, de maneira que não tropece em *quês*, evitar que as palavras se repitam ou que haja palavras rimadas. Então emendo muito. Chego-me a desesperar. Depois passo a outro papel e tantas vezes quantas entender que fica bem e me dar por satisfeito. Então leio em voz alta e retoco até que o artigo está de todo prompto para a typographia. Nas provas não emendo nada.»

«Trabalho a toda a hora», repete. «Na provincia nunca de noite, mas principalmente entre o almoço e o jantar. De manhã nunca, porque me levanto tarde. Quasi não durmo de noite. Mesmo que vá para casa cedo, como não tenho familia e vivo com creados velhos, apenas chego a casa, depois de pôr em ordem os meus apontamentos, deito-me. Leio até de madrugada d'aquellas horriveis noites da provincia.» A maneira porque as suas leituras são feitas é tambem bastante curiosa: «Levo cinco livros sobre diversos assumptos para o meu lado e vou lendo um capitulo de cada um d'elles, até que adormeço sobre a madorna das cinco, n'um somno que dura até ás 10 ou 11 horas.»

Fialho d'Almeida é um insatisfeito vivendo sómente da arte e para ella. Elle mesmo diz: «Vejo tudo na vida sob um ponto de vista pro-

fissional e tudo em mim são motivos de arte.» Dos seus livros nenhum lhe agrada. «Tirando seis ou sete individuos, que no mundo teem escripto, o resto é dispensado. Quatro milheiros de vinha bem postos valem todas as estancias dos *Luziadas*.

O grande escriptor não fuma. Entre os escriptores que admira, a sua predilecção vae para Dostoïewsky «pela sua analyse, pelo pensamento e pela sua fantasia allucinatoria». Todos os homens do norte, — Ibsen, Strindberg, Björnson, Suderman, — lhe agradam. Dos hespanhoes aprecia tambem muito a Pio Baroja, e dos portuguezes quem não conhece a sua admiração por esse mal-aventurado homem de genio, que não teve estatuas nem amigos ricos, que não teve a gloriola da moda, esse maior do que todos, Camillo Castello Branco, que jaz esquecido porque foi grande de mais para lisonjeiro, e brutal de mais para ser lisongeado. «O escriptor em Portugal não tem publico», e com esta phrase termina Fialho a palestra começada ás 11 e meia e terminada ás 2 da noite, em plena rua, — o habitual gabinete de trabalho do grande escriptor.

THEOPHILO BRAGA
No seu gabinete da *Academia Real das Sciencias*

THEOPHILO BRAGA
Mascara por Christiano

Theophilo Braga mora n'um prediosinho azulejado e estreito da travessa de Santa Gertrudes. É ali que tem o seu gabinete de trabalho, uma sala cujas paredes estão revestidas pela livraria e inteiramente cheia de papeis e documentos de que o escriptor se vae servindo para os seus trabalhos a fazer. Escreve em largas folhas de papel, de um lado e outro. A sua calligraphia é rapida, fina e irregular, e a sua forma, espontanea, regular e natural. Quando tenciona fazer algum trabalho leva para junto da sua mesa todos os livros e todos os materiaes que com elle se relacionam. Então começa escrevendo, isoladamente, sem convivencias mais que a dos seus livros e a dos seus alumnos e em curto espaço de tempo

Pelo amor e intelligencia das nossas Tradições é que uma Nacionalidade revive. Quando no primeiro quartel do seculo XIX as Tradições populares portuguezas foram colligidas com sympathia, por esse espirito renovou Garrett a Litteratura nacional. A uma inteira geração compete possuir-se do sentimento da nossa Raça, para comprehender a alta missão historica e o destino d'este povo — que ainda tem futuro.

Theophilo Braga

Renan disse que "a belleza vale a virtude"; eu entendo que vale mais! A belleza é a unica coisa verdadeira e absoluta no mundo. Os outros dois pretendidos absolutos, — a religião e a moral, — não são senão elementos malfazejos que as castas privilegiadas, ao verem diminuir os dogmas, inventaram para sua defeza. A Belleza paira acima de toda essa miseria, porque não é, em ultima analyse, senão a moral das coisas.

Vaidade, Arte, Ambição e Gloria

Todas estas quatro Damas deitariam fogo ao mundo, para se verem melhor ao espelho. —

(Doctrin. Lusit.)
(inedito)

Nero, ao vêr brilhar Roma, entre mil labaredas,
assesta o seu monoculo — uma rica esmeralda!
Como o incendio é distante, a chama não o escalda
nem cresta os seus aneis, nem lhe enegrece as sedas.

Com olhos de pintor vê então trigos medas
em lume, e a Appia, Suburra, o Aventino uma espadana
do Capitolio e além mil patricias em fralda,
esquadrilhas mil das mais dengosas ledas.

Ri, canta, diz canções. — Ao eterno Abrasado
eis o quadro a primor! com tom, com colorido,
a Forma, o Som, a Côr a rugir e ladrar.

Mas o triste S. João na alta Patmos inclina
a barba branca aos ais. Vê a eterna Vermina

A lucta nobilita a vida.

Julio Dantas

Envelhecer e viver

João da Camara

O homem perfeito será: Santo apo-lo

Affonso Lopes Vieira

Só luzem de noite as estrellas, como na adversidade luzem os corações

E. Schwalbach

O melhor, em pensamentos profundos, é ainda estar calado

Fialho d'Almeida

Por isso me calo...

J. Marcelino Dias

Passamos metade da nossa existencia a desperdiçar a vida, e a outra metade a economizal-a como avarentos, por nos lembrarmos de que a morte [illegible] [illegible] uma operação [illegible] para a renovação dos corpos e a vida é eterna. Comtudo mais vale um [illegible] mais [illegible] a [illegible] a vida.

João Penha

PAGINA COLLABORADA PELOS ESCRIPTORES DE QUE TRATA O NOSSO ARTIGO.

Esta pagina verdadeiramente notavel a que já chamaram Album é um documento curioso por n'ella se encontrarem reunidas algumas das maiores individualidades litterarias de Portugal.

dá-nos um volume cheio de erudição, despretencioso e elegante e de uma leitura sempre suggestiva e sempre educadora. Com este methodo, o que é hoje o maior sabio e o maior trabalhador da Peninsula, escreveu o melhor de 100 volumes que compõem a sua obra. A manhã passa-a a fazer a sua correspondencia. É metade do dia passado a «desimpedir a outra metade» segundo a sua phrase. Nunca pediu nada e nada deve senão ao seu proprio esforço. Uma vida de trabalho que é uma vida de exemplo. Que os que começam e mesmo muitos que já começaram ponham ali os olhos!

Dos romancistas o primeiro procurado é Abel Botelho. O seu gabinete de trabalho é na travessa do Salitre, dois segundos da Avenida, um confortavel *interior* de artista em que se está bem e se ganha predisposição para os trabalhos de espirito. A um lado uma alta estante de pau santo mostra as filas de livros preciosamente encadernados. Ao fundo a mesa de trabalho coberta de papeis. Um crucificado de bronze byzantino, sem cruz, repousa sobre um maço de manuscriptos. Aquelle crucificado rigido, estorcido, e enclavinhado, negligentemente posto ali deu-me um symbolo estranho. O de crucificados que são todos os que vivem de infundir ao papel a vida de realidade e de loucura que é a tara fervente do escriptor e do artista. As paredes são cobertas de quadros magnificos, manchas e estudos dos nossos melhores artistas. Na parede em frente está uma telasinha de Columbano. É o retrato do escriptor que ao lado nos apparece dentro de uma moldura rica de Leandro Braga, pintado pelo Ramalho, trajando uma cabaia multicor. Eça, mostra o seu perfil adunco, o monoculo engastado no olhar amortecido, o bigode derrubado sobre o labio ironico e entreaberto, em cima de um contador, no busto de Raphael Bordallo. E ha por todos os lados gessos e telas assignados Teixeira Lopes, Simões d'Almeida, Silva Porto, etc. E, como motivo decoral, a um canto, alinham-se alguns projecteis de artilheria. E' só isto, esta nota insignificante que ali dentro recorda que o escriptor é militar.

Abel Botelho é um misantropo. O seu trabalho é todo feito no seu gabinete, de noite, de janellas cerradas e com pouca luz, para me-

Cliché de J. Barcia

ABEL BOTELHO
No seu gabinete de trabalho

lhor concentrar o espirito. Nunca trabalha mais que cinco horas seguidas e, como eu inquirisse, curioso, do tempo em que foram escriptas algumas das suas obras, Abel Botelho elucida-me: «As paginas do *Barão de Lavos* e

Retrato de Ramalho — ABEL BOTELHO vestido de cabaia — Cliché de J. Barcia

do *Amanhã* levaram a escrever de meia hora a tres quartos de hora cada; as dos livros de menos folego, como sejam o *Sem Remedio* e os *Lazaros*, de quinze a vinte minutos, em média, por cada uma.»

Os originaes são muito torturados e não lhe sahem das mãos senão completamente publicaveis. D'ahi as poucas ou nenhumas emendas e correcções que as provas das suas obras apresentam.

Antes de trabalhar nos seus livros documenta-os largamente e n'isso é o seu processo de trabalho muito semelhante ao de Zola. Eu vi entre os seus papeis o esquisso desenhado da casa do *Barão de Lavos*, da fabrica do *Amanhã*, e o da casa dos protogonistas do seu novo romance, no prélo, *Fatal dilemma*. Não fuma, e entre as suas paixões está a do bric-á-brac, a paixão dos Goncourts, mas o bric-á-brac com eleição, uma eleição artistica e cuidada. A sua feição litteraria predominante é o romance. Tendo feito theatro e poesia justifica a sua dedicação pelo romance, porque «o theatro está cada vez mais rodeado de convenções».

Abel Botelho tem em grande a preoccupação do estylo: «Não é uma affectação — esse escolho do amor proprio — porém o honesto esforço de procurar disciplinar a fantasia. Bem vê! o primeiro vôo da imaginação é naturalmente espontaneo, mas depois a não querermos cahir em Ponson du Terrail ou Montépin é indispensavel applicar-lhe o lastro da analyse e trabalhar n'um labor cerebral insistente para que essa mesma imaginação, reflectida e tendo por instrumento a maxima plasticidade e riqueza da prosa, nos dê a imagem logica e exacta dos phenomenos e das coisas.»

A conversa minudenceia-se em analyses e commentarios e eu toco um dos pontos caracteristicos da sua prosa: as descripções. Como as comprehende? E logo o meu interlocutor na sua voz pausada, mas solida, me diz como as visiona e como as considera: «Não devem ser simples roes de nomes mas havemos de tocal-as com arte. Então por muito longas que sejam nunca enfastiam, sempre que se saiba n'ellas fazer resaltar as arestas, as linhas caracteristicas. É a marca do escriptor, e o que transmitte ao leitor a visionação do assumpto.»

Busco então as suas preferencias litterarias. Qual o romancista ou romancistas do seu agrado: «Os romancistas que eu prefiro? Sthendal, por exemplo, pela subtileza do seu pensamento; Zola, pela envergadura epica dos seus processos; e o inglez Meredith pela profunda justeza da analyse dos protogonistas dos seus romances, verdadeiros manequins animados, sobre os quaes inalteravelmente converge a attenção e o dialogo de todas as outras figuras. Não se deve esquecer Camillo, talento complexo que só por si é uma litteratura, e o Eça pela linha ironica, caricatural, que soube imprimir ás suas figuras.»

Carlos Malheiro Dias, o auctor do *Filho das Hervas*, prefere a manhã para trabalhar. A sua prosa sae feita e por isso os seus originaes são limpos e as suas emendas se limitam a simples correcções typographicas. Escreve rapidamente e é á medida que vae enchendo os quadrados de papel da sua lettra redonda e nervosamente saccudida que os seus livros se vão compondo na typographia. O *Filho das Hervas* foi escripto d'esta maneira em tres mezes, e é assim que actualmente trabalha o *Amor de*

Mulher, romance começado ha quatro annos, posto de parte mais de tres e meio, e agora de novo recomeçado, sem pressa.

As duas grandes predilecções do escriptor são a arte sobre todas as coisas e depois da arte as viagens. Em arte a sua preferencia vae toda para o romance, genero em que a sua penna já conquistou um nome e uma reputação. E, entre os grandes que cultivaram o romance, a sua admiração é incondicional por Balzac e Dostoïewsky «exactamente como por Shakespeare no theatro», diz. Fuma extraordinariamente, assombrosamente.

— Uma ultima pergunta. Qual a sua opinião sobre a critica ?

— «Não a leio», responde. «Não me interessa. Reconheço melhor do que ella os meus defeitos Não acredito na sua sinceridade, quando me aggride, nem lhe agradeço a sua benevolencia, quando me lisonjeia. Procuro, cada vez, fazer melhor. Demais, a critica vive do escriptor. Sem a nossa obra, não existiria o critico. Para o matar bastava que o romancista, o poeta, o dramaturgo deixassem de escrever. A critica vive do trabalho alheio. Tenho sobre ella as mesmas opiniões de Balzac. Nunca lhe devi nada de bom.»

Eduardo Schwalbach vive no Conservatorio de que é director. O gabinete onde trabalha é uma comprida sala no rez-do-chão do edificio, com janellas que deitam sobre o jardim. Pelas paredes caricaturas de Raphael Bordallo, retratos de actores e de homens de lettras. Ao centro um contador tendo em cima, n'uma desordem indiscriptivel e muito flagrante que fez o meu pavôr, montes de brochuras, de jornaes, de manuscriptos, de revistas. Ao fundo, atravessada a um canto, a sua mesa de trabalho. É de manhã. Schwalbach acaba de receber o correio.

— «Qual é o seu methodo de trabalho ?»

— «Mas isso é uma *interview!* Não tenho. Ou por outra, tenho. Repare, vossê, n'essa banca, e ahi para cima! O meu methodo de trabalho é isso!» Olhei effectivamente. Era a sua mesa de trabalho cheia de coisas, com

Cliché de J. Barcia

CARLOS MALHEIRO DIAS
No seu gabinete de trabalho

Cliché de J. Barcia

EDUARDO SCHWALBACH
No seu gabinete de trabalho

montes de papeis empilhados, brigando uns com os outros e onde a confusão é eterna e extraordinaria. A um lado originaes destinados á *Revista do Seculo* que dirige: originaes em papeis de todos os tamanhos, com lettras de todos os feitios, com idéas as mais diversas e de assumptos os mais variados; ao outro, mais papelada, uma confusão diabolica. Mas aquillo é que é o *methodo* de trabalho? Aquillo, santo Deus, é o cahos, o dia de Juizo, o inferno! *Methodo,* aquillo?!»

Schwalbach prefere a noite para trabalhar.

Quando pensa em fazer uma peça nunca traça um plano. A peça existe-lhe no cerebro; *vê-a* mentalmente e assiste ao seu desempenho á medida que a vae escrevendo. Escreve então seguidamente sem descanço. «É a carga cerrada.» Senta-se a trabalhar ás 10 da noite e só se levanta d'ali ás 10 da manhã. Durante este periodo de tempo escreve um acto. Se por acaso durante a feitura de um acto, se recorda de scenas de outro, rascunha-as rapimente, findo o que segue com o trabalho primitivamente encetado. «A *Bisbilhoteira* foi escripta em tres noites; um acto por noite. Á medida que os ia escrevendo ia-os mandando passar a limpo e succedia até que a pessoa encarregada d'esse serviço levava mais tempo n'essa tarefa do que o que eu levava a escrever.»

— De todas as suas obras quaes prefere?

— «A *Bisbilhoteira* e a *Cruz da Esmola.*» Emquanto me vae respondendo, Schwalbach, de pé, vae abrindo os jornaes do Brazil, percorre-os rapidamente com a vista e deita-os para o lado.

— Quaes são os actores que mais admira?

«Eu lhe digo: A Duse e o Coquelin. A Duse na *Segun-*

FIALHO D'ALMEIDA
Caricatura de Celso Herminio

CARIC. DE CELSO

sões. E sempre, sempre, reconhece e protege o que é bom e merece o seu applauso e protecção.»

Como para me citar a *Segunda mulher de Tanckerey* a memoria lhe falhasse, volveu-me: «Não tenho memoria nenhuma, absolutamente nenhuma. Na escola a minha tortura eram as definições, porque uma definição não se inventa em dois segundos.»

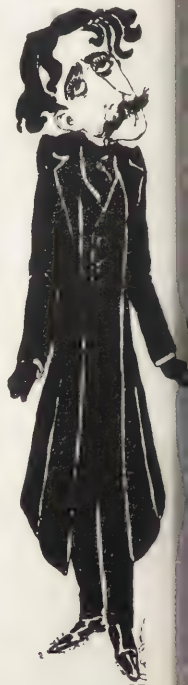
Sabia o que precisava. E assim terminou a conversa com o auctor do *Intimo* e da *Cruz da Esmola*.

Julio Dantas habita um segundo andar da travessa da Estrella (a S. Pedro d'Alcantara), uma travessa socegada e solitaria. O seu gabinete de trabalho é um primor de bom gosto. É uma salinha pequena onde os moveis são em negro, de pau santo e a decoração é toda carmezim. Ao fundo uma alta estante antiga, cheia de livros, aponta as lombadas com tremidos de ouro e incrustações de pompa. A mesa de trabalho cheia de livros e de pa-

da mulher de Tanckeray e o Coquelin nas *Precio sas ridiculas* são as supremas interpretações da arte. Não se faz melhor. Mas admiro muito Suzanna Després e não deixo de reconhecer o grande talento de Sarah Bernhardt. No *Hamlet*, por exemplo, ella deu-me pontos de vista inéditos e fez-me ver coisas inteiramente novas, sob um aspecto e uma feição que eu não tinha visto em mais ninguem.»

— «E do publico? Quaes são as suas impressões do publico?»

— «Eu tenho a impressão de que o publico é o grande juiz, sempre justo nas suas deci-

Cliché de J. Barcia O GABINETE DE TRABALHO DE JULIO DANTAS

JULIO DANTAS
Caric. de R. B. Pinheiro

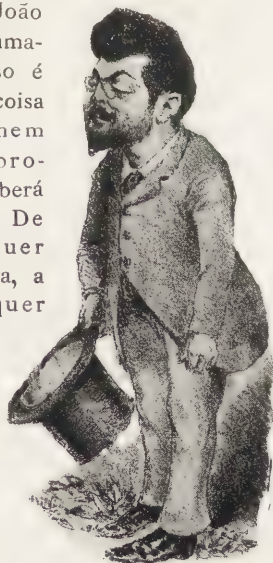
JULIO DANTAS
Caricatura de Francisco Teixeira

peis tem dispersos os trabalhos do dia antecedente. É ainda cedo. E o sol que se cendra pela vidraça dá a todo o interior uma luz solemne, hieratica, onde a côr da decoração dá uns leves tons de religiosidade. O trabalho de Julio Dantas é, quasi todo, feito de manhã. Levanta-se cedo e começa logo a trabalhar. Então, como a disposição é boa, escreve rapidamente, sem torturas nem difficuldades. Usa umas tiras de papel estreitissimas e tem uma curiosa letra symetrica e original. As suas provas não são muito torturadas. A tortura é toda no cerebro até que o verso ou a phrase estejam harmonicas e satisfaçam o seu espirito requintadamente artistico, de eleição. As vezes os seus versos são feitos na rua, andando. «N'essas occasiões, meu amigo, um encontro é um verdadeiro tormento.»

D. JOÃO DA CAMARA
Estatueta de Silva Gouveia

De toda a sua obra a que mais estima são *Os crucificados,* «essa peça tão mal comprehendida do publico e que eu retirei da scena, no dia seguinte ao da sua primeira representação». «Então escrevi a *Ceia* em seis dias. Tinham-me pedido um acto para a festa do Augusto Rosa. Lembrei-me um dia, por essa occasião, de fazer dialogar tres cardeaes. Fui logo pedir a S. Luiz de Braga que me preparasse o scenario e mobilia para uma ceia no Vaticano. Dias depois entregava a *Ceia,* que agradou inteiramente.» Julio Dantas não fuma a não ser nas enfermarias, por hygiene. Trabalha actualmente em um estudo medico sobre as dynastias reinantes de Portugal, de que já tem publicado alguns excerptos. É um trabalho monumental, de largo alcance e bastante curiosidade e interesse. E, sabido isto, deixei trabalhando o auctor da *Severa* e d'*O que morreu de amor.*

Aqui tem o publico como trabalha o mais atacado, discutido e um dos mais apreciados homens de lettras de Portugal

Quem entre nós não conhece D. João da Camara, o adorado auctor dos *Velhos* e da *Rosa Engeitada,* o seu typo todo elle respirando despreoccupação e bondade, a doçura do seu olhar e a sua falla arrastada e baixinha, falla de creança, e o seu corpo de athleta? Certamente que ninguem ha que o não conheça. Agora o seu methodo de trabalho é que ninguem lhe conhece. Como trabalha D. João da Camara? Isso é uma coisa que nem elle proprio saberá dizer. De qualquer maneira, a qualquer hora e em qualquer parte. Os *Velhos* foram escriptos em tres jactos. Do 1.º para o 2.º acto medeou, sem lhe pegar, um intervallo de seis mezes. Depois recomeçou-os novamente e do que ainda hoje se lembra foi que os acabou na noite de 20

D. JOÃO DA CAMARA
Caric. de R. Bordallo Pinheiro

para 21 de dezembro de 1892, ás 5 horas da manhã. E recorda-se porque foi o dia dos annos de um seu irmão que morreu pouco depois. A sua calligraphia é miudissima, como as contas de missanga. Os seus originaes não são torturados nem as suas provas estão sujeitas ao labor que as submette a maior parte dos intellectuaes. Tudo n'elle é simples, modesto e despretencioso. A falla, a pessoa e até, no seu grande valor, a propria obra.

GOMES LEAL
Caricatura de Francisco Valença — De *O Chinello* — 1902

Chega a vez aos poetas. O primeiro que abordámos é o revoltado da *Traição* e do *Hereje*, o artista bizarro e original das *Claridades do Sul*, dandy sempre, artista sempre e sempre *gentlemen* Gomes Leal. O poeta móra á rua da Bella Vista á Graça, uma rua solitaria, perdida n'um dos extremos da cidade. Annunciado, é o proprio Gomes Leal quem me apparece, estendendo-me a mão do limiar da porta. Uma sala modesta. Duas commodas estão inteiramente cobertas de livros, de revistas, de jornaes. E todos os dias aquelle montão de brochuras, se empilha, cresce e se avoluma. As gavetas estão inteiramente cheias de cartas, de versos, de brochuras, que rompem aggressivamente pelas frinchas entreabertas. Um canapé portuguezissimo a um lado e uma grande cadeira, para descanço, em frente. Ao fundo uma janella aberta perspectisa uma enfiada longa e longa de casaria branca, com vidros em que o sol rutila. E' a cidade. O poeta vê a cidade. D'ahi aquella maneira pittorescamente synthetica dos seus versos. Um mineiro não póde fallar do cos mos. O pensamento precisa de espaço. O horisonte é tudo.

As duas grandes paixões de Gomes Leal são as viagens e as flôres. Se Gomes Leal fosse rico vê-lo-hieis atravessar a Europa desdenhosamente, sempre sobrecasacado, o chapeu alto um tudo nada descahido, os bigodes kaiserescos, o cravo flammante na *boutonnière*, dandynante, em busca de remotos paizes, de exoticas floras, da polycromia de que a sua retina vive sedenta, de emanações exoticas, de perfumes, de bizarrias estrondosas. Este homem teve por avatar algum philosopho grego ou algum Byron aventuroso. Iria á Terra Santa como Chateaubriand, aos valles do Nilo como Maxime du Camp e Flaubert. Mas isso é pouco. Iria a ilhas mysteriosas, a terras desconhecidas, sempre com a sua eterna flôr na lapella e os seus bigodes donjuanescos. Precisa de matizes raros, de bebidas bizarras, de scenarios principescos.

Habitualmente trabalha das 10 ás 4. A idéa amadurece no cerebro, a visão intensifica-se e completa-se. Uma bella hora, é preciso transladal-a ao papel. Ensimesma-se e essa transplantação faz-se. É uma hora de

ebriedade em que os sentidos vibram intensamente e o pensamento vae, como dizia o loiro Anthero:

> «a galope, a galope á fantasia.
> Armêmos uma tenda em cada estrella.»

Para escrever um livro faz tres cadernos ou pastas. No primeiro, archiva as notas sobre a côr, apontamentos sobre a contextura geral, topicos a ferir; no segundo, a documentação propria, referencias, memorandum, excerptos; finalmente no terceiro o que vae sendo distillado dos outros dois, versos já feitos que só esperam a sua inserção no volume. A *Historia de Jesus* foi escripta em 8 dias. Em compensação só o plano do *Anti-Christo* levou sete annos a elaborar e um anno a escrever. É esta obra que de novo o prende, pois prepara uma nova edição refundida e augmentada que deverá sahir em maio proximo. As suas provas são regularmente emendadas. Se ha paginas de manuscripto em que os versos vão sem uma emenda ha outras, em compensação, em que as emendas são mais que muitas e dão á pagina um aspecto curioso de hieroglifo cabalistico.

JOÃO PENHA

Os novos são vistos por Gomes Leal, como merecem: desapiedadamente. Da critica cita Bruno e um ou outro mais, e o publico é, na sua opinião, «uma creança malcreada que é preciso dirigir e educar».

As suas preferencias vão na poesia para João de Deus e Anthero; no romance para o Eça e Malheiro Dias. Sobre theatro diverge muito das opiniões contemporaneas. «A' parte as escolas e a critica que sobre ellas se possa fazer, eu reputo como escriptores dramaticos de merito os contemporaneos Julio Dantas, Lopes de Mendonça, D. João da Camara, e Eduardo Schwalbach, Malheiro Dias, no *Grande Cagliostro*, etc. Supponho porém que o drama moderno não attingiu ainda a sua perfeição nem mesmo com Dumas, filho, e Rostand, com C. Mendés e Ibsen.» E aqui teem como trabalha o revoltado poeta, o sonhador bizarro do *Hereje*, da *Traição* e das *Claridades do Sul*. Mas, fallámos em flôres. Qual é a sua flôr favorita? «Eu sei! As flôres são como as creaturas. Ha tambem nas flôres uma hierarchia. Quem póde deixar de adorar uma d'essas rosas do Japão, avelludada, enlanguescida, aristocrata, soberana? A rosa chá é uma duqueza formosissima e decotada. Ah! a rosa chá, meu amigo! Mas eu tenho uma decidida predilecção pelo cravo rubro, o cravo sangue, estridoroso, flammante como uma bandeira desfraldada. O cravo petulante! A violeta é uma menina romantica. Ha violetas que sabem, de cór, versos inteiros de Soares de Passos. A camelia é uma delambida. Não veste bem. Tem algo de uma burguezinha carnuda e affectada. Mas não desadoro na sua humildade o cacto silvestre e a flôr de lys.» E aqui está o que o meu querido poeta me disse das flôres.

Lembram-se de João Penha, o João Penha das *Rimas* e do *Vinho e Fel*, o mais espirituoso, o mais bohemio, o mais incorrigivel artista das gerações coimbrãs? Fallar d'elle é recordar as discussões no *Homem do gaz*, o vinho do *Conselheiro*, e o savel frito da *Tia Camella*, onde o Eça pagava a ceia sempre com um tostão em prata, mysterioso e fatal; é lembrar mil ditos, mil travessuras, mil partidas scintillantes que lhe deram o ducado no armorial da folia doirada e soberana. João

Para cantar

Tens a leveza das plumas.
Mas n'este frio desterro
Pesa-me a tua lembrança
Como uma estatua de ferro.

Minhas lagrimas no chão
Abriram duas covinhas,
Plantei lá duas saudades
Que sendo tuas são minhas.

Eugenio de Castro

AUTOGRAPHO DE EUGENIO DE CASTRO
Cedido expressamente para os SERÕES

Penha é a bohemia. Não se lembram do duello a versos com Guerra Junqueiro? Do mangericão curado com vinho? Pois é ler o artigo de Gonçalves Crespo sobre o

«Nervoso mestre, domador valente
Da rima e do soneto portuguez.»

É d'esse mesmo João Penha que se trata. Do João Penha de Coimbra, do João Penha a quem Camillo deu o foral de primeiro poeta e que é, já, quasi a figura lendaria do espirito, da graça foliona, e a evocação de uma Coimbra menos insulsa e mais florente que a Coimbra de hoje, e de uma bohemia que nunca mais voltará, nunca.

João Penha é hoje advogado em Braga. O seu formosissimo espirito ainda conserva a mocidade e os seus versos ainda são os do João Penha de outr'ora. Ainda usa o mesmo monoculo; o monoculo que o tornou temido nos tempos de Coimbra.

Quereis saber como o poeta trabalha? «Em toda a concepção artistica, ha a gestação da idéa, que tem sempre origem na observação quer do mundo exterior, quer do interior, e a producção propriamente dita. Para aquella não ha horas de trabalho, e é quasi inconscientemente que o feto se vae formando, até se achar em condições de sahir á luz. Aqui é que principia o verdadeiro trabalho artistico: *hoc opus hic labor est*. Para mim, esse trabalho é, e não é, laborioso, torturado.»

Trabalha de noite, n'uma das salas da sua casa, e «ahi, n'um silencio absoluto, lanço-me á obra, como um bull dog se fila á orelha d'um toiro recalcitrante, e não a largo senão depois de lhe ter dado uma forma toleravel. Já se vê que essa primeira fórma me não satisfaz, sendo ás vezes necessario duas ou tres operações successivas para que eu, severo, a julgue viavel. Durante esse trabalho, em que não gasto nunca mais de duas horas, não fumo, não cômo, não bebo, nem, ainda em calores tropicaes, um copo de agua, droga que detesto.

«Mais tarde, n'uma sala completamente solitaria, e depois de me assegurar que ninguem me póde ouvir, recito a composição acabada, e vendo que ella resiste ao meu modo de recitar fico satisfeito e digo: *Póde seguir*. Depois de publical-a nunca mais a torno a ler.»

EUGENIO DE CASTRO
No seu gabinete de trabalho

Emquanto ás suas preferencias litterarias João Penha quasi que não as tem. Toda a leitura e todos os auctores, sem discrepancia de escolas, lhe servem, comquanto que sejam bons. No emtanto, dos modernos, apraz-lhe a leitura de F. Coppée e de Sully Prudhomme e dos prosadores a de Anatole France, Marcel Prevost, Lavedan e Jean Lorrain, etc. Ha só um escriptor ante o qual o poeta confessa a sua admiração e o considera «acima de tudo, n'uma altura inaccessivel». Esse, é Shakespeare.

Entre todos os seus livros o preferido é

as *Novas Rimas.* João Penha ama a leitura a ponto de a considerar «a unica voluptuosidade duravel que existe sobre a terra». Nos seus tempos de Coimbra a sua vida passava-a ora a ler, ora em discussões infindaveis com os seus companheiros. Foi n'esse tempo que elle redigiu a *Folha* e que escreveu as *Rimas*. As *Rimas* foram escriptas a lapis, quasi sempre antes de comer, deitado de barriga para o ar, e soffreram varias alterações quando depois foram passadas a limpo.

Eugenio de Castro, o requintado artista, o lavrante apaixonado d'esse fino oiro que são os *Oaristos*, a *Constança* e o *Sagramôr*, vive em Coimbra, ao Arco do Bispo. O retrato que acompanha estas linhas representa o poeta no seu gabinete de trabalho. É o Gil Vicente, o Gil Vicente ourives, o Gil Vicente lavrante, do verso portuguez. Ninguem como elle sabe levar a filigrana até ao exagero nem irisar com tão exoticas pedrarias o manto decoral da fórma.

Como trabalha? Ouvi a sua confissão: «Não trabalho methodicamente. Tenho o que poderei chamar crises de producção, separadas por periodos de apparente ociosidade, durante os quaes não deixo porém de compôr, modificar e esmerilhar o plano de novas obras. Esses periodos de relativo descanço prolongam-se ás vezes excessivamente.

«Logo que me sinto favoravelmente disposto para trabalhar, isolo-me no meu escriptorio, furto-me a toda a convivencia e escrevo então com extrema facilidade seguida e vertiginosamente, de manhã, de tarde e á noite, sendo capaz de executar n'uma semana, o que aquelles que não me conhecem de perto julgarão obra de mezes.» Quanto a emendas «os meus manuscriptos poucas *ratures* apresentam. Quando a penna emperra, largo a, ficando á espera d'uma hora mais feliz. A minha Musa não é uma Sabina violentada; é uma Diana, que entra pelo seu pé, muito voluntariamente, na gruta de Endymião.»

De todos os seus livros publicados o poeta prefere a *Constança* e como eu lhe perguntasse em quanto tempo escrevêra o *Sagramôr*, respondeu-me: «Em cinco mezes: de setembro de 1894 a fevereiro de 1895. Mas n'esse periodo fiz muitas outras coisas, entre ellas

AFFONSO LOPES-VIEIRA
No seu gabinete de trabalho

algumas das composições que formam o volume *Salomé e outros poemas*, publicado em 1896.» Actualmente trabalha em um poema dramatico *O annel de Polycrates* e em um livro de versos lyricos *A Sombra do Quadrante* que já está no prélo. Fuma «como um turco» e considera o publico «como um monte de seixos onde por acaso se encontra algum diamante perdido». «Cada vez me parece mais verdadeiro o verso do Gœthe: *Werke des geist's und der Kunst sind für den Pöbel nicht da.*»

Os seus poetas predilectos são Camões, Castilho, João de Deus, Homero, Virgilio, Petrarcha, Schelley, Gœthe, Leopardi, Lamartine,

Vigny e Verlaine. Conforme a disposição e a hora em que os lê, assim a preferencia por este ou por aquelle poeta ou por este ou aquelle livro.

A minha ultima pergunta foi: O que é a arte? Tinha um vivo prazer em saber que definição, depois de tantas, Eugenio de Castro daria. A sua resposta, como verão, correspondeu á minha espectativa. Ouvi-a: «Para mim, a Arte é o jardim do meu espirito, um jardimsinho discreto, de vastas sombras, onde me refugío e esqueço a ouvir o passado na voz das fontes. A grade com que o cerquei vestiu-se toda de trepadeiras que dissimulam a hostillidade das lanças de ferro. O portão está sempre fechado, mas abre-se hospitaleiramente, logo que um amigo chega. E das flôres que lá houver, descoradas ou brilhantes, sempre esse amigo levará, ao partir, uma corôa ou um ramo.»

Affonso Lopes-Vieira, o auctor do *Encoberto* e do *Ar Livre*, esses livros de versos maravilhosos, trabalha habitualmente em S. Pedro de Muel, perto de Leiria. A sua casa dá para o mar, o mar immenso limitado pela orla do horisonte, visto que S. Pedro é uma linda praia desartificiosa e natural. O poeta, que é um contemplativo, ama o pôr do sol. O sol ao morrer leva comsigo qualquer coisa de nós. E quando, sob as ondas, elle se vae lentamente afogando, uma vaga nostalgia envolve a terra. É o scenario artistico do crepusculo, quando desabrocha a flôr tristissima da Saudade. Duas são as grandes paixões que fóra do verso abraçam a alma do poeta. A musica e, como *sport*, a photographia. Por isso, ao poente, quando o sol n'um ultimo lampejo, lá ao longe, morre, illuminando a agua, deixa o seu estertor no album photographico do poeta.

O seu trabalho é por crises: gestação sempre longa, realisação sempre facil. Emenda pouquissimo. O original, quando entra na typographia, vae naturalmente sem alterações a fazer. O *Ar Livre* e o *Encoberto* foram escriptos em dois mezes. «N'esses periodos a absorpção é absoluta, e um artista é tão feliz quando os vive, que essa felicidade é já compensação bastante do seu trabalho.» Isto demonstra o contemplativo. A eterna belleza da arte deixa-o absorto. Elle vive para ella como para si mesmo. «Amo as viagens porque ellas preparam este estado de espirito: a quietação contemplativa. Considero o Drama musical na forma originaria e absoluta do theatro grego a mais alta e religiosa creação dos homens. Nunca escrevo que não sinta como a minha arte, isolada, é incompleta. «Ella sonha com a irmã perdida», diz Shakespeare. «Se Orfeu mostrasse ás feras um livro impresso, ellas devoravam-no», diz Wagner. Admiro Wagner, poeta-filosofo-musico-dramaturgo resuscitador do theatro grego, e que, com Francisco de Assis, Spinoza, Shakespeare, Eschylo, Beethoven e Ruskin, — esse Christo da Belleza — são os espiritos supremos. «Mais saber, — para mais amar», digo com Vinci. Á arte pertence regenerar o mundo pela belleza. Sem a belleza, que a natureza humana encerra e só a arte apprehende, isto seria ainda demasiado doloroso para a gente o poder acceitar.»

Já nós sabemos a sua grande predilecção pela poesia e pela musica.

Elle disse-me uma occasião: «Trabalho por necessidade de harmonia.» O poeta tem muitos e variados projectos de arte e prepara alguns livros para o publico, dos quaes o primeiro a apparecer será *Santo Apollo*. Affonso Lopes-Vieira tem na sua obra um livro de prosa, *Marques*. Isso levou-me a perguntar-lhe quaes os seus romancistas favoritos: Em resposta citou-me os nomes de Balzac, Zola, Dostoïewski e Camillo.

O seu gabinete de trabalho, na sua casa da Costa do Castello em Lisboa, dá para o jardim que debruça sobre a cidade. É um amplo gabinete que as estantes da Bibliotheca circumtornam e revestem inteiramente. A sua bibliotheca é das mais completas que conheço. Os classicos são nas suas primitivas edições e a lista dos modernos póde dizer-se completa. Ao todo 7 ou 8.000 volumes talvez. É ali que, como em cella de benedictino, o poeta trabalha e foi ali que envolvido no seu amplo roupão de trabalho, eu o procurei e elle me deu estas notas, fitando demoradamente o fumo azulado de uma cigarrilha, que n'uma columna tenue e voluptuosa se

EUGENIO DE CASTRO
Caric. de M. G. B. Pinhei[ro]

espiralava e desfazia em caprichosos arabescos pelo ar.

O sonho d'arte taciturnisa-o. O seu rosto mate é esphingico. Os seus olhos parecem perdidos no vago. Ordinariamente falla pouco. Tem no seu todo a vaga misanthropia «dos que passam entre turbas, solitarios». Se lhe fallarem de arte, transfigura-se. Ah! parece-me que o estou ouvindo uma noite em que ambos subiamos uma rua ladeirenta elle repetir, depois de uma conversa em que a arte foi o costumado thema, o dito de Bakounine: «Tudo será destruido menos a nona symphonia de Beethoven.»

E a esphinge patenteava a labareda que a consumia.

Aqui teem os leitores a resposta á pergunta que encabeça o artigo e a maneira como trabalham os nossos escriptores.

Albino Forjaz de Sampayo.

Terceiro concurso photographico

MENÇÃO HONROSA

VISITA INESPERADA

Photographia do sr. Alves Junior

MIGUELA

I

ELA campina de além Burgos, á claridade difusa e encandeiante que precede o romper d'alva, escarranchado na garupa de um jumento ronceiro, que nem projectava sombra nem fazia tropeada, sósinho n'aquella immensidade de Castella, feliz como o pode ser um rei, por um dia de abril, ha cousa de cincoenta annos, cavalgava um rapazote, cantarolando lá comsigo uma cantiga lamurienta e requebrada, em tom menor, que falava do Cid Campeador e da sempar Ximena. Moço era elle, e muito moço, e com um ar franzino—«gentil, imberbe e adamado,» — como d'um mancebo d'outras eras contava um velho chronista cortezão. Cobria-lhe a cabeça redonda e bem proporcionada um chapelorio de palha, muito velho e alquebrado; tinha a camisa — por signal bastante suja—aberta até á cintura, a larga *faja* escarlate enrolada umas doze vezes á cinta, entalando uma comprida e sinistra navalha; calças de algodão, pernas nuas, e pés escuros como uma casca de noz. Tudo quanto n'elle não era algodão enxovalhado ou panno vermelho, era côr de noz; mas o cabello era negro, e os olhos de um pardo claro, espertos, irrequietos e atrevidos. Tinha as feições vigorosas e um sorriso que ás vezes lograva enfeitiçar. Era seu nome Esteban Vincaz, e seu empenho urgente, aprazivel e pio. Ia matar uma rapariga.

Emquanto cantava, vagueavam-lhe os lohos pela terra crestada de sol, e contentava-o quanto via. Em remendos dispersos, a seara invernal rompia a gleba; com ella competiam, nem sempre em vão, o joio e a sizania a grama e a ortiga, a ervilhaca da quadra finda e as papoulas da quadra vindoura. As oliveiras estavam em flôr — cada arvore em seu canteiro de estrume: tudo estava em regra. Deu-lhe de repente na vista errabunda um massiço de iris de um azulado de fumo; saltou do burro abaixo, e colheu uma mancheia.

— Flôr de espadana! disse elle comsigo, acolhendo o presagio com uma risada; e pulou outra vez para o lombo do gerico, esporeou-o com os calcanhares, e de novo o poz a choutear por ali fóra. Depois reatou a cantiga:

«En batalla temerosa
Andaba el Cid castellano
Con Búcar, esse rey moro,
Que contra el Cid ha llegado
A le gañar en Valencia...»

Pendurava a voz no final de cada verso, e inflava-se-lhe o coração com o pensamento de que a sua expedição egualava a dominante façanha do heroe.

Filho reprobo de um casal perfeitamente reprobo, ladrão de cavallos, ladrão de ovelhas, contrabandista, rufião, tudo quanto quizerem chamar-lhe, o que é certo é que, ao cantar, elle tinha um aspecto de seraphim e a voz de um anjo da Ascensão. E não admira. Não o lanceiavam duvidas, e capaz era elle de justificar todos os instantes da sua vida. Tinha as

maneiras de um *gentleman* e a moral de uma hyena — quer dizer, nem sombra d'ella. Não conhecia senão cousas elementares; conhecia a fome, a sede, a fadiga, a cubiça, o odio, o medo. Tinha medo da escuridão e de Jesus sacramentado — de nada mais. Nada lhe fazia saudades e nada o apiedava, pois que, quando chegava a sentir qualquer perda, acudia-lhe tambem logo naturalmente o odio de quem lh'a causava; e assim a maior ancia abafava a menor. Eis o motivo por que elle resolvera matar Miguela, porque fôra a sua requestada e porque o deixára. Tinha-o deixado ha tres dias, em plena feira de Pobledo. E ficara-lhe por isso estragado o negocio; não ganhára um ceitil, porque tinha gastado o tempo todo á cata d'ella. Agora que já lhe sabia o paradeiro, apenas se demorara um dia para mandar afiar a navalha. Sabia perfeitamente onde ella estava, a que horas a encontraria, e com quem. Deus fôra bom para elle; a prova era a flôr da espadana.

Avistou n'esse momento um logarejo, e, como não pensasse em se afastar, não tardou que enfiasse pela rua, orlada de casebres de barro. Olhou para o oriente, para calcular o tempo. Ainda faltava quasi uma hora para romper o sol; tinha pois tempo de obedecer á invocação do sino rachado e de ouvir a sua missa. Deixou o burro amarrado no pequeno adro e entrou na egreja. Mesmo em frente, á porta, havia uma imagem horrenda: um enorme Christo de madeira escura, com madeixas de crina negra, no qual realçavam orbitas brancas e chagas vermelhas, dominava, pendente de uma cruz. Esteban dobrou o joelho em frente do crucifixo, e, lembrando-se do chapeu, deixou-o descahir puxando-o para cima da orelha. Resou os seus dois Padre-nossos, e em seguida procedeu a outra extranha cerimonia. Sacou da cinta a comprida navalha, abriu-a e estendeu-a em frente do crucifixo, fitou os olhos no divino martyr, e resou-lhe mais um Padre-nosso. Feito isto e recolhida a navalha, foi ajoelhar mais adiante, no chão, entre mulheres de lenço na cabeça e alguns mendigos de edade provecta, e tapou os olhos, espreitando ora o celebrante, ora a mais moça das mulheres, conforme lh'o determinava a campainha do acolyto.

Finda a missa, o nosso juvenil vingador preparou-se para proseguir na sua jornada, quebrando o jejum. Bastou-lhe um naco de pão e uma mancheia de bolotas, què elle enguliu sentado nos degraus da egreja, examinando as mulheres á medida que ellas se encaminhavam pachorrentamente para casa. Deu-lhe no goto uma d'ellas, desempenada e esbelta, com uma flôr nos cabellos, á laia das andaluzas. O rapaz nunca tinha posto pé na Andaluzia, mas estava convencido de que ali as mulheres eram lindas. Que maviosa palavra, Andaluzia! E demais, porque é que as mulheres usavam flôres no cabello senão para arrostarem com a admiração dos homens? N'este momento sahia o sacerdote, gorducho, bochechudo, unctuoso, offegante, mas de aspecto affavel.

— Bons dias, meu rapaz — disse elle. — Não és d'aqui do sitio; és do norte?

— Sou de Burgos, sr. cura.

Era mentira.

— Ah! sim! de Burgos? Bella cidade, grande cidade!

— Tal qual, sr. cura. Foi lá que enterraram o grande Cid Campeador.

— Assim dizem. Vejo que és lettrado. E madrugador.

— Sim, sr. cura. Tive que madrugar. Ainda vou lá para o sul.

— Á procura de trabalho? És homem de bem, não é assim?

— Sim, senhor, tudo o que ha de mais honrado e christão — respondeu Esteban. — Mas não ando á procura de trabalho. Já o encontrei.

— Ainda bem! — disse o padre, tomando uma pitada.

Acenou com a mão n'um gesto vago.

— Vae com Deus.

— Aos pés de Vossa Reverendissima — disse Esteban. — Adios.

Ao todo, demorara-se no povoado uma hora e um quarto; demora importante.

II

Cousa de tres ou quatro leguas na deanteira d'elle, mas convergindo para o mesmo centro áquella distancia do nosso amigo, caminhava um inglez ainda moço, abastado, de habitos independentes e genio alegre. Chamava-se Osmund Manvers. Ia tambem a cavallo, tambem cantarolando, e madrugara egualmente, embora por motivos muito diversos. O seu cavallo era menos mau, e levava um alforge razoavelmente provido. Tinha uma camisa limpa no corpo e mais outra emmalada, um par de pistolas, um Novo Testamento e um *Don*

Quixote, calções de cotim branco, botas altas, jaquetão de flanella, e um chapeu de palha que nem era pittoresco, nem commodo, nem luxuoso. Mal se harmonisaria com a rudeza da paisagem, se acaso não se mostrasse tanto á vontade no meio d'ella como o proprio Esteban. Havia comtudo mais uma differença a notar; ao passo que Esteban parecia pertencer á terra, a terra é que parecia pertencer a Manver — a terra de Hespanha, com toda a sua vastidão incommensuravel, a amplidão enorme do territorio e a abobada enorme do ceu. Podia tomar-se por um juvenil proprietario no meio das suas terras, a miral-as a eito, um dos olhos na lavoura, outro no passaredo ou n'uma lebre a correr por entre as leiras. Uma vez por outra assobiava, mas tornava logo a cantarolar, n'uma voz porventura mais prazenteira que melodiosa, uma canção na sua lingua:

«Se eu tanto me queixo d'ella,
Que importa que seja bella?»

Não era velha a canção. Compozera a musica Henry Chorley no verão anterior áquelle em que Manvers sahira de Inglaterra, e a este tinham-lhe dado no goto tanto a toada como o sentido. Condiziam com a sua indole zombeteira, e ajudavam a cicatrizar a ferida que no coração lhe abrira Miss Eleanor Vernon, com os seus olhares de desdem. «Se eu tanto me queixo d'ella...» Estava claro! Se Eleanor Vernon lhe dava razões de queixa, que a levasse a breca e «que importa que seja bella?»

Osmund Manvers era um rapaz de aspecto agradavel, de tez sanguinea, olhos pardos, com uma especie de sorriso torcido que não deixava de ser attrahente. Tinha as feições irregulares, mas um ar saudavel; era inconstante de genio, umas vezes condescendente, outras de uma teimosia inexplicavel; impetuoso e impulsivo, nunca o largava comtudo o seu sorrisinho obliquo, e a barba leve que elle deixara crescer desde que sahira de Inglaterra permittia suppôr-se que elle tivesse o queixo menos anguloso do que realmente era. Creio que a sua estatura devia exceder a mediana e que era homem vigoroso. O certo é que era nadador eximio e dado a exercicios physicos. Tinha um rendimento muito razoavel, que lhe provinha de terras no Somersethire, e d'elle viviam na abastança sua mãe viuva e duas irmãs solteiras. Curado das feridas do coração pelas viagens, andava agora a viajar por prazer, ou, como elle declarou, para fugir do seu parocho. Por esta polida periphrase alludia elle ás suas obrigações para com a egreja e o estado no Somersetshire.

Ás seis horas d'esta bella manhã de abril já elle se tinha fartado de cavalgar. Vinha nem mais nem menos que de Sahagun, onde tinha consumido uns tres ou quatro dias de ociosidade, a espreguiçar-se e a cavaquear com os habitantes. Tinha uma certa popularidade entre elles, por ser perfeitamente simples; nunca perguntava o que não se importava de saber, e nunca recusava responder, quando evidentemente precisavam de resposta sua. Mas não pode viver a dar á taramella sobre bugigangas, e assim como n'um momento de impulso lhe dera para mandriar um pedaço em Sahagun, da mesma forma de lá sahiu.

— Esta agora! — exclamou elle, ao soerguer-se na cama — que diabo estou eu a fazer aqui? Nada, pela palavra nada. Toca a safar!

E safou-se, sem esperar sequer pelo almoço. Pôz o cavallo a trote, com vontade de se adeantar no caminho antes de cahir o calor, e tambem porque lhe apetecia andar depressa; mas por volta das seis horas, já com uma hora de sol acima do horisonte, não desgostou de avistar uns campanarios e o telhado de uma egreja, e de ouvir ao longe as badaladas clangorosas e graves de um sino.

— O muezzin está chamando pelos fieis — reflectiu elle — mas eu cá é outro sino que desejo ouvir. Aquella terra deve ser Palencia. Vou lá almoçar, se Deus quizer.

Era com effeito Palencia, povoação assaz pretenciosa, se tal palavra se pode applicar a cousas de Hespanha, as quaes são o que são, e nada mais. Era desalinhada como a paisagem, como ella desataviada e austera; mas tinha um guarda atarracado e gordo á colheita dos direitos da alfandega, cousa que não existia em Sahagun; e em frente d'elle uma enfiada de camponezes, conforme o costume, regateando o imposto da hortaliça e de creação. Á chegada do cavalleiro o funccionario levantou-se, cumprimentou, e com o olhar pachorrento interrogou-o sobre o que levava, sujeito a imposto.

— Uma camisa — respondeu Manvers, pondo a mão na mala — o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, a incrivel historia de Don Quixote de la Mancha, uma escova de dentes, e um pente.

Parecia dirigir-se, em soffrivel castelhano, a um fidalgo castelhano de alta estirpe: assim o suppoz pelo menos o guarda; mas o seu sorriso de esguelha queremos crer que lhe grangeou a entrada. O guarda ergueu ao de leve a barretina.

— Vá com Deus, senhor.

— Irei — disse Manvers — mas tenha a bondade de me ensinar o caminho da estalagem.

Nomearam lhe e apontaram-lhe a Providencia, que elle encontrou sem custo. No pateo estava um velhote a depennar uma gallinha viva, barbaridade estar contra a qual o nosso viajante já de ha muito deixava de insurgir-se.

— Faça alto n'essa horrenda tarefa, tiosinho — disse elle — pegue-me no cavallo e dê-lhe de comer.

A gallinha solta sacudiu por força de habito aquillo que de todo ou parcialmente deixara de existir, e lá foi juntar-se ás companheiras. E viu-se logo que estava tão capaz de depenicar como os outros de a depennarem.

— Ora agora — disse Manvers ao estalajadeiro, se é que era elle — dê a este cavallo meia ração de cevada, depois agua, e depois outra meia ração; mas veja lá não lhe dê nada emquanto elle não arrefecer. Faça isto tudo, e apanha uma peseta. Não faça o que lhe digo, e não apanha nada. Está ajustado?

—Vossa Excellencia é que perde no ajuste, porque a vantagem é toda minha.

—Veremos — disse Manvers.

E entrou na Providencia para engulir o seu almoço de ovos fritos em azeite, iscas de figado, e vinho palhete.

III

Uma refeição, para a qual o freguez dera uma excellente e o estabelecimento uma pessima contribuição de espirito, segundo o zombeteiro commentario do proprio, seguida por um passeio pelas ruas assoalhadas da cidade, a qual nada apresentava de notavel senão uns restos de alvenaria romana, uma ponte e uma cathedral gothica verdadeiramente barbara, decidiu o moço inglez a affrontar o calor em vez de ficar para alli aborrecido. Se o mappa não mentia, d'ahi a legua e meia, seguindo pela estrada de Valladolid, descobria-se um extenso sobral, e para além d'elle, na orla sudoeste, ficava o deleitoso rio Pisuerga. Ahi poderia tomar o seu banho, passar as horas de maior calma, e comer a sua merenda, a melhor que Palencia lhe podia fornecer:

— *Muera Marta, muera harta.*

O inglez tinha o *Don Quixote* na ponta da lingua, conhecia-o melhor que a maioria dos hespanhoes.

Abasteceu a mala de pão, presunto, chouriço, vinho e laranjas; mandou aprestar o cavallo; verificou que o ancião depennador de gallinhas ganhara honradamente a gorgeta; e pôz-se a caminho com todo o seu vagar. Logo fora de portas succedeu-lhe uma aventura que lhe deu que entender até ao fim da presente narrativa, e mesmo depois d'ella.

A Porta do Sol — qual é cidade de Hespanha que não possua uma porta d'estas? — não é rigorosamente uma porta, mas um portal. As muralhas, a que elle em tempos daria entrada, ruiram na lucta com o tempo. Só uns escombros de contrafortes, uns montões de caliça, uns apagados delineamentos de um fôsso, e um acervo de entulho, denunciam as antigas pretensões. Da banda de fora havia um trecho de charneca chamado a Alameda, espaço desalinhado e juncado de herva verdenegra, lixo e calhaus, ladeiada de acacias requeimadas, e ondulada de cabeços, sobre os quaes, em idos tempos de guerra, se teriam arvorado estandartes, assestado catapultas, e por ventura algum canhão napoleonico. Foi n'um d'estes cabeços, assombreado por uma arvore, mesmo enfiado no seu caminho, que Manvers observou, estacando até para observar, os movimentos de um grupo de individuos, uns sete, entre rapagões e garotos, em volta de uma rapariga. Parecia estar-se travando uma especie de amoroso torneio camponio, ou porventura antes ameaçar-se um galanteio á força: o inglez viu uma Circe da Hespanha picaresca com a sua jolda de satyros á roda. Para lhes escapar aos impetos, a rapariga tinha-se sentado no cimo do mouchão, e sitiavam-na meia duzia de maltrapilhos em varios graus de encantamento erotico.

Não distinguiu bem se ella era bonita ou feia, e muito menos se era creatura decente ou não. O que elle lhe viu foi, desgrenhado e cahido sobre os hombros, o cabello, cuja côr era um dourado fôsco; percebeu que estava descalça; afigurou-se-lhe uma gandaeira requeimada do sol, d'aquellas que todos os dias se encontram pelas feiras, saracoteando-se em frente de uma barraca, de corpete encarnado e lantejoulas, uma rapariguita sem eira nem

ELLE ENDIREITOU A PACIFICA CAVALGADURA PARA O SUL

beira, tal qual uma bolha iridescente que vem á superficie de um pantano, quasi egual a ella no delicado e no ephemero, egual de todo no mephitico. Ao observal-a, occorreu-lhe o pensar no sem numero d'estas creaturas de um dia, predestinadas á miseria; como ellas apparecem só para peccar, carpir e desapparecer de novo, com almas dignas de salvação, mas que ninguem é capaz de salvar, e corpos que anceiam por ser amados, mas a cujo amor ninguem se rebaixa. Pois o alvo da nossa Redempção não abrangeria acaso ninharias d'estas, de envolta com Santa Thereza, e a Rainha de Sabá, e mais Catharina a Grande, e mais Manon Lescaut? Ociosas perguntas que ao seu espirito se offereceram, sem saber porque.

Estavam descarapuçados, sem sapatos, em mangas de camisa, os malandrins que cercavam o objecto d'estas lucubrações; uns estirados da barriga para baixo, com o queixo apoiado nos punhos; outros, de peior indole, a arrastarem-se pelo chão, ás fosquinhas, puxando pelos cabellos da rapariga e agachando-se ao minimo palpite de que ella voltasse a cabeça; outros ainda, acocorados mais longe, atirando lhe graças pesadas. E um d'elles, sentado um pouco acima d'ella, sobre os calcanhares, tinha taes ou quaes ademanes de proprietario; porque não fazia senão vigial-os e mantinha sobre os outros dominio bastante para evitar qualquer acto que se lhe afigurasse infracção dos seus proprios direitos. Mariolão soturno e estupido, foi o que elle pareceu a Manvers; um brutamontes espadaúdo, de maus figados, rufião por herança que devia acabar nas galés.

— Que historia é aquella? — perguntou a si mesmo o inglez — Querem ver que não é mais do que o caso de Circe com os seus cerdos tributarios? Ou talvez uma captura de satyros, o preliminar de algum attentado horrendo? Não me agrada, vamos haver em que isto para.

Estava fora de alcance da vista, atraz da orla extrema do arvoredo. Percebeu que a rapariga estava sentada a scismar, resignando-se ou, para melhor dizer, sem fazer caso das grosseiras attenções de que era alvo; como se tivesse o pensamento em cousas mais graves, fome ou sede, por exemplo, com os cotovelos fincados aos joelhos e a cabeça pousada nas mão. Era essa, sabia-o elle, a attitude caracteristica da rascôa. Tinha uma flôr na boca, ou pelo menos assim parecia, a julgar pela mancha vermelha que de longe realçava; o rosto estava voltado de chapa para a cidade.

Julgou Manvers a começo que ella o tivesse visto, mas a elle pouco se lhe dava d'isso. Não lhe despertava ella particular interesse; o que lhe importava era observar os ademanes d'aquella malta que á roda se agglomerava. Que ademanes! O inglez tinha corrido mundo, e não se podia furtar ao confronto da Italia, por exemplo, e esta rude terra de Hespanha. Em que sitio d'aquella peninsula, a não ser em Napoles, se presenciaria uma scena como aquella? E qual é o povo, á excepção dos hespanhoes, entre as raças latinas, tão seguro e convicto do senhorio da terra, que trata mulheres, prisioneiros, muares, judeus e touros, ao sabor dos seus caprichos e apetites, sem dó nem vergonha? Fazer gala no dominio sobre uma mulher ou no desprezo por ella, é cousa que seria incrivel n'um italiano; mas, pensando bem, reputar-se-hia natural n'um hespanhol. Não existe outro paiz na Europa em que se possam perpetrar actos mais grosseiramente crueis ou mais cruelmente grosseiros; e nenhum em que elles se executem com tal ar de franqueza e serenidade que chega a despojal-os de quasi toda a villania.

Meditando n'estas cousas, foi Manvers assistindo á sua realisação; viu o malandrim que estava sobranceiro á rapariga pôr-lhe a mão em cima sem a tirar depois, como em acto de tomar posse, que os outros reconheceram recuando e pondo termo ás gaiatadas. Isto pareceu odioso a Manvers. Sentiu ferver-lhe o sangue e surprehendeu-se a resmungar pragas:

— Raios o partam! A minha vontade... Que patife!

Mas deixou-se ficar quieto, visto que a rapariga tambem assim estava, sem se mecher, sem parecer até que desse por tal.

Animado pela sua passividade, o camponio foi-se adeantando devagar, mas a olhos vistos. Fazia esgares de entendimento aos subordinados, murmurava segredinhos ao ouvido da rapariga, assobiava modilhos sentimentaes, divertia a sucia com cantigas apimentadas. Até que afinal, tomando atrevimento ou impulsionado por uma onda de cobiça, agarrou-a pela cintura e beijou-lhe o pescoço. Então, de repente, ella pareceu despertar; teve um arripio e como que volveu á consciencia. Sem mais tirte nem guarte, desenvencilhou-se do seu perseguidor, e assentou-lhe um valente socco

a um dos lados do nariz. O rapagão recuou aos tropeções e o sangue espadanou por cima d'elle. Travou-se immediatamente uma briga, a mais desegual, a mais abominavel que se pode imaginar; porque os patifões, todos á uma, cahiram sobre o recente objecto dos seus galanteios, ao murro, á pedrada, com pragas horrendas e injurias em barda. Como ella conseguiu pôr-se em pé e aguentar-se, é que não se explica. Batia-se como uma possessa, e não desperdiçava o alento em escusadas vozes. Tudo quanto fazia era em silencio e com desespero.

Um minuto d'esta lucta — e nem tanto ella duraria — era mais que sufficiente para Manvers, o qual, já senhor de si, deitou a galope para o meio da desordem e desatou á chicotada para uma banda e outra.

— Perros! cachorros! filhos de Judas! safardanas! Abaixo as patas!

O castelhano do inglez era fluente, supposto que imaginativo, mas o que era indiscutivel era a sua esgrima de chicote.

— Apanha! — gritava elle, retalhando o craneo de um — Toma tu! — e lá ficava outro desazado de um braço.

E assim ia acompanhando o texto de commentarios.

O principal promotor d'estes successos fôra postar-se, muito antes de elles acabarem, no cimo do outeiro, onde juntamente com os outros, desmascarou sobre o assaltante uma bateria de pedradas. Teve de ser desalojado, com grande contrariedade do cavallo de Manvers, natural de Oviedo, já farto e refarto de conhecer o effeito das pedras, visto que em Hespanha poupa-se o chicote em favor da arma mais vulgar. Mas o certo é que o mariola foi desalojado, e mais a sua escolta; no entanto, como não faltavam eminencias nem escasseiavam pedras, o tiroteio continuou de mais longe, pelo seguro, e os atiradores continuaram a mostrar-se eximios.

Entrementes, a rapariga estava estiraçada a gemer, com os braços estendidos, a perna direita contundida. Da orelha escorria sangue.

IV

Manvers, ainda debaixo de fogo, desmontou com a maior serenidade que lhe foi possivel, e puxou pelo cavallo afim de o abrigar das pedradas.

— Vamos lá! disse elle, curvando-se para lhe tocar. — Tenho de te tirar d'aqui para fóra bem, vês. O bemaventurado Santo Estevam é quem tirou privilegio d'este meio de subir ao ceu. Nós ambos já viemos tarde.

Sem mais ceremonias, levantou-a, como se ella fosse um manequim de modista e pôl-a de pé, até que, depois de umas vacillações e de uns balanços de mãos, ella conseguiu firmar-se, ficando estarrecida e de olhos vagos.

— Cobra animo, menina — disse elle, agarrando-a pelo braço. — És capaz de te aguentar em cima do cavallo?

Ella acenou que sim com a cabeça.

— Então leva arriba!

E fez menção de a levantar; ella, porém, afastou-o com o braço inteiriçado, enxugou o rosto com a aba da saia, e compoz um pouco o desalinho do traje. Fez isto com todo o methodo e perfeição, com mãos habituadas a longa pratica, como uma actriz nos bastidores, prestes a entrar em scena. Não quiz consentir que elle lhe tocasse emquanto não tivesse tudo em ordem — o cabello esgrouviado, a gola do corpete, o folho rasgado da saia. Feito isto, deixou que elle a puzesse na sella, onde se escarranchou com a naturalidade de uma mulher de circo.

Era bonita, de uma belleza picante e um pouco barbara, mas muito franzina, uma creança na apparencia em que mal se distinguiam formas de mulher. Com aquella juba de ouro fosco, a tez requeimada, os labios de escarlate vivo, avelados e luzidios, os olhos verde-mar, graves e brilhantes, a cachopa, logo elle percebeu, era um contrapeso embaraçoso á sua bagagem. N'aquelles olhos transparecia um saber em extremo variado, e extensas de sobra eram as manhas que davam luzimento áquelles labios; era espertinada demais para o lavrador de Somerset. Todavia, o certo era que elle não a podia deixar alli para ser apedrejada, nem elle proprio se sentia com ancias de proseguir o martyrio; não havia remedio senão perder o dia em Palencia.

Mas quando elle lhe virou a cara para essa banda, ella desatou a imploral o com grande vehemencia.

— Isso é que não, caballero, supplico-lhe, isso é que nunca! Antes ficar aqui... Pelo amor de Deus! — disse ella, barafustando por desmontar.

As pedras continuavam a voar, já duas tinham acertado em Manvers, o qual começava a perder a paciencia.

—Raios partam as pedras! E tu não te faças tola, rapariga! — e deu lhe um empurrão nos joelhos para a aguentar na sella. — Que diabo de historia é essa com a cidade?

— É assim mesmo — explicou ella. — Cá fóra posso eu morrer; mas em Palencia é que não.

Abanou a cabeça, baixou a vista para a mão que a segurava.

— Não me é permittido.

Disse isto em voz tão grave e triste, com tão impressionante sinceridade e tão firme convicção, que Manvers não achou que responder.

— Valha-me Deus! — disse elle. — Com que então, não podes?. . Bem! n'esse caso, levo-te para o primeiro convento que toparmos, entendes?

Ella fez um aceno affirmativo, sem olhar para elle.

— Para onde o senhor quizer — replicou.

Elle endireitou a pacifica cavalgadura para o sul, trepou para a garupa, e metteu a passo travado.

Como visse a cachopa mais de uma vez vacillar na sella, achou conveniente fazer uma paragem, dar-lhe uma gotta de vinho, e obrigal-a a comer um bocado de pão do seu farnel. Estes cuidados alentaram-na, e, amparada pelo braço d'elle, achou-se em estado de seguir ávante. Mas o sol já estava agora a meio caminho do meridiano dardejando sobre elles de um ceu sem nuvens; não havia viração e as moscas eram de endoidecer. A rapariga deixou pender a cabeça, como uma flôr colhida prestes a murchar. O calor subia em ondas dos torrões da gleba, e ella para a terra se inclinou de esguelha e começou outra vez a desfallecer. Elle percebeu que era impossivel expol-a mais tempo, de cabeça descoberta, á torreira percuciente do sol. Obrigou-a a beber mais uma pinga de vinho, e depois deu-lhe o lenço para ella se cobrir. N'isto, ao comprehender para que servia o lenço, ella desatou a rir pela primeira vez; e tendo-o posto por forma que lhe encapuzava o rosto e lhe ficava a matar, encarou com elle como a pedir-lhe approvação, achou-a nos seus olhos, e sorriu.

— Vejo que vaes indo melhor, pequena — disse elle com os seus botões — e vejo tambem que és uma rapariga de mão cheia. Tenho tentações de te beijar, confesso, e por isso mesmo é que estou morto por me ver livre de ti.

«Se eu tanto me queixo d'ella....» Nada, nada. Manvers era um rapaz muito ajuizado no seu modo de proceder. Em todo o caso, estabeleceu-se entre os dois uma tal ou qual familiaridade. Mais de uma vez ella se virou para elle, a rir sem sombras de desagrado; e mais de uma vez elle respondeu com o seu ao riso d'ella.

Em frente de si, atravez da tremulina do ar aquecido, via elle agora a orla escura do bosque, o chaparral para onde se dirigia, e que occultava o rio a seus cansados olhos. Nunca um peregrino estropeado, errabundo no Sahará, saudou com mais cordial acção de graças o seu oasis; mas ainda lhe faltava legua e meia de caminho. Apressando a andadura, o inglez presentiu atraz de si um viajante, não pelo ouvido, porque um jumento não faz barulho, mas pela impressão extranha que todos nós experimentamos quando não estamos sós. Olhou para traz, e viu um burro com o seu cavalleiro que lhe vinha vivamente na peugada. E quando olhou, a rapariga voltou egualmente a cabeça e os hombros e olhou tambem. Immediatamente ella retezou-se sob o seu braço e voltou vagarosamente á posição primitiva. Não disse palavra, mas elle sentiu-a tremer.

V

— Salve-o Deus! — disse Esteban.

Era elle que, bem assente na garupa do asno, com os olhos excessivamente brilhantes e os dentes jovialmente arreganhados, se enfileirava agora com a cavalgadura sobrecarregada de Manvers.

O inglez baixou a vista para elle e teve a impressão de um typo extravagante, mas não lhe passou pela cabeça indagar o conceito que Esteban fazia da sua pessoa, porque a jactancia não entrava no numero dos seus vicios. Se levasse em sua companhia um arcebispo, ou uma dama loureira, ou uma duqueza, deveria suppôr-se haver alli combinação; mas que tinha com isso um qualquer Esteban montado n'um burro? Não reparou tambem que a rapariga estava agora meio levantada na sella, com todos os musculos distendidos, rigida como a amarra de um navio virado á maré; e que tinha a cara pertinazmente perfilada com o recem-chegado.

— Bom dia, bom dia — foi a resposta do inglez. — A sua montada vae leve e a minha vae

E FICOU-SE PASMADA PARA O QUE TINHA FEITO.

pesada; se assim não osse, não nos teria vossê alcançado.

Esteban mostrou os dentes brancos e acenou com a mão para o largo.

— Isso quem sabe, senhor!

— Ora essa! — disse Manvers. — Sei eu, por exemplo.

Esteban encolheu ligeiramente os hombros.

— Nas estradas ha uma providencia — disse elle — e um santo patrono dos viajantes. E o que é certo — accrescentou — é que *a cada puerco viene su San Martin*, e isso acontece no mundo todo.

Um tremor percorreu o corpo da rapariga. Manvers, de ordinario pouco observador d'estas cousas, fez reparo n'isso.

— O seu proverbio quer-me parecer que vem fora de proposito.

Esteban deu uma gargalhadinha

— Nem por isso, se me dá licença. Era por assim dizer uma imagem, a respeito dos decretos da Providencia. Podia ser sorte sua ir-me sempre na dianteira; tudo concorria a seu favor. Por outro lado, visto que assim não succedeu, é que era sorte minha alcançal-o.

— Vossê tem seus geitos de philosopho — redarguiu Manvers — e falla como um livro. Estimo muito tel-o por companheiro, pelo menos emquanto coincidirem os nossos destinos.

Esteban ergueu o sombrero.

— O que eu desejo é que a sua senhora não se incommode com a minha companhia; porque, para fallar franco, a minha ideia é gozar da sua emquanto fôr do seu agrado e do d'ella. Eu cá sou muito dado á convivencia.

— Ella que falle por si — disse Manvers.

Mas a rapariga não disse palavra; e os tres seguiram algum tempo em silencio, ampliado ainda pelo tropear das cavalgaduras, interrompido apenas uma que outra vez pelas pragas com que o inglez enxotava as moscas. E finalmente penetraram no chaparral, e Manvers deu graças a Deus pela sombra e pela perspectiva da comida e de um somno regalado.

A floresta começava a medo, com urzes, arvores esparsas, massiços de silva e de tojo; e logo a principio tinha um carreiro que parecia tomar a direcção que o nosso viajante escolhera. Seguiu-o pois sem hesitar, até perceber que o levava, tanto quanto a um trilho era possivel, pelos sitios mais descobertos do bosque. Quando viu a cada banda as apetecidas espessuras, fundos e numerosos tunneis livres dos golpes solares, internou-se pelo terreno não trilhado. Finalmente, chegado que foi ao que se lhe afigurou o anciado rincão, estacou:

— Agora, menina — disse elle — vou dar-te de comer e de beber, e depois dormes um somno, que eu farei o mesmo; em seguida, veremos qual o melhor destino a dar-te. Que dizes a isto?

— *Si, señor caballero* — disse ella n'um murmurio.

Manvers desmontou e extendeu-lhe os braços. Ella deixou se cahir, leve como uma penna ao cahir na agua, e modesta a mais não ser. Já não se descortinavam sombras de garridice; mal levantava os olhos.

Esteban parou o jumento, olhando gravemente para os companheiros, piscando os olhos espertos, rosnando uma cantiga requebrada. Estava perfeitamente á vontade, sem parecer que se considerasse importuno, e examinava tudo com escrupulosa attenção. Absorveu-se todo nos preparativos que Manvers estava fazendo para a refeição, com a mestria e o expediente de um pratico em acampamentos. Sacou do farnel presunto e chouriço, pão alvo, laranjas, queijo, tamaras, vinho com agua, sal, azeitonas, uma faca e um garfo, um prato de folha. Todos os objectos estavam embrulhados no seu papel, e muitos marcados a lapis. Dispoz-se tudo sobre uma manta, a qual se estendera evitando cautelosamente os formigueiros; parecia que nada faltava, e Esteban estava com uma fome desesperadora. Mas o inglez olhava para as mãos e dava ares de pouco satisfeito. Até que por fim alçou os olhos para Esteban que continuava embasbacado, e perguntou:

— A que distancia calcula que se pode encontrar agua?

Agua? O rapazote poz-se a scismar. Agua? Fez um aceno de cabeça para a manta.

— Tem-n'a ahi á mão de semeiar, caballero. Aquella bilha palpita-me que tem agua.

— Lá isso tem — concordou Manvers. — Mas é que eu preciso mais. O que eu preciso é tomar um banho. Vou ver se encontro essa anciada ribeira.

E voltou-se para a cachopa:

— Senta-te, pequena, e come o que te apetecer.

Ella mostrava-lhe agora uma physionomia de extremo terror; tão desmaiados lhe pareciam os olhos verde-mar, que o rosto assumira uma rigidez de mascara.

— Que demonio?...

E elle ouviu a resposta que se coava pela garganta resequida:

— Deixe-me ir, deixe-me ir tambem. Não quero largal-o mais.

— Que demonio?...

Com effeito! O inglez estava pasmado de a ver, desorientada de terror. Tinha uma das mãos a remecher no seio; o outro braço estava rigido, com a mão enclavinhada. Quando a abriu, via-se-lhe sangue na palma. Que demonio?... Com effeito! Depois, Manvers deu com os olhos em Esteban, que arreganhava a dentuça como um cão de fila. E foi o hespanhol quem primeiro falou.

— Creio que ella tem razão, senhor. Com o caballero é que ella devia ir — disse elle jovialmente; e acrescentou — Quem tem a perder sou eu.

Manvers olhou alternadamente para as duas curiosas personagens, que sem duvida tratavam de evitar o reconhecimento mutuo. Ficou perplexo, e irritado tambem, maçado com aquella historia toda.

— Eu não sei o que vossê quer dizer na sua, meu amigo — disse elle para o homem — e não me importa saber quem perde ou quem ganha, ou qual é a sua opinião. E tu, pequena — dirigia-se com mais brandura á rapariga — estou que nada tens a receiar por agora. Dize lá: que esperas tu?

Ella deitou-lhe um olhar rapido, depois voltou os olhos em cata dos sitios escusos da matta. Forcejou por disfarçar a perturbação, e respondeu como violentada:

— Nada, senhor.

— O que é certo — disse Manvers — é que tu não podes acompanhar-me na minha excursão, isso não soffre duvida. Vou tomar um banho. Não ha nada que te possa metter medo, pelo menos que eu saiba; mas se na minha ausencia te sentires assustada, lembra-te que te confiei á guarda de um patricio teu. E vossê, amigo, lembre-se tambem d'isso — acrescentou elle, voltando-se para Esteban que agitava a mão n'um gesto vago.

Ella não poude abrir bocca, mas tremeu toda como n'um arripio de frio mortal; com duas mãos tentou firmar-se, mas tremia toda. Manvers repetiu a sua objurgatoria ao rapaz:

— Tome sentido, ó amigo! — disse elle. — Não tarda que eu esteja de volta, e entretanto convido-o a comer o que lhe apetecer. E confio esta rapariga á sua guarda, não se esqueça! Ella apanhou um bom susto, e tinha razão para isso; e ficou molestada. Deixo-a a seu cuidado, com toda a confiança de que a protegerá.

Esteban reflectiu n'estas palavras, esfregando o queixo; encarou com o seu interlocutor, que estava á espera de resposta; e por ultimo encarou com a cachopa de cabellos louros e frangalhos escuros. Assumiu um ar orgulhoso, levantou-se á altura do caso, tirou o *sombrero* e extendeu-o a todo o comprimento do braço.

— Escusa a menina de estar com medo, *señor caballero*. Empenho a minha honra até que Vossa Excellencia esteja de volta. Fica em segurança como se fôra um relicario da Virgem. Vá com Deus, senhor.

Manvers, com um gesto, afastou-se em cata do rio.

VI

Apenas elle se afastou, a rapariga sentou-se debaixo da arvore onde estava a merenda, fincou os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. Esteban deixou-se ficar muito socegado em cima do burro, fitando-a attentamente. Enrolou um *papelito*, sem a perder de vista, e accendeu o cigarro olhando-a por cima da chamma. Depois de duas voluptuosas fumaças, que lhe sahiram pelas ventas em nuvens densas, disse:

— Vinha matar-te, Miguela.

— Isso sei eu — respondeu ella por entre as mãos. — Porque não te avias?

Elle aspirou com força, levantou a cabeça, e expelliu o fumo para o ceu. Fluctuaram e espalharam-se baforadas de radioso azul. Depois replicou:

— Por uma razão... uma razão forte. Prometti ao teu amante não fazer tal.

Ella estremeceu, e fitou-o.

— O meu amante!

Esteban fez um aceno affirmativo.

— Primeiro tenho de me haver com elle. Em elle voltando, desata a comer e a beber, e depois dorme. Nunca mais ha de acordar; e eu cá fico-lhe com o cavallo.

— Estás enganado — disse ella — Eu lhe direi quaes as tuas intenções.

— Lá isso dizes — e ia enrolando outro cigarro, para accender no primeiro — Estou que dizes; mas elle não te acredita. O que faz é rir-se... e comer.

Ella levantou-se, e encaminhou-se resolutamente para Esteban, cujo jumento não bulira do mesmo sitio. Viu-lhe na cinta a navalha, mas não mostrou medo algum. Chegou-se muito a elle, com o rosto ardente, afogueado, com o olhar em chammas, e os labios escarlates entrea-bertos, mostrando os dentes. Abriu os braços, como um crucificado, e ergueu o rosto para elle.

— Pois mata-me, Esteban — disse ella — mas primeiro ouve. Aquelle sujeito não te fez mal nenhum. Livrou-me d'uma desordem em Palencia, onde eu estive em riscos de morrer, ou peior ainda. Eu nunca o tinha visto até hoje, e afora o livrar-me e o proteger-me desde essa occasião, nada mais houve entre nós. Vae levar-me a um convento. Pela cruz de Cristo, juro que tudo isto é verdade.

Elle baixou os olhos para ella, rindo com ar de escarneo.

— Para um convento, tu! Ora adeus! escusas de jurar falso, Miguela. Não, ha homem nenhum que fizesse tudo isso... de graça. O que hoje se perdeu, ganha-se ámanhã: é sabido. E deixa-me sempre dizer-te: a perro velho não servem labias.

Ella tinha os olhos afogados em lagrimas, lagrimas de raiva que a faziam pestanejar e abanar acabeça. Mas achegou-se ainda mais, n'um impeto de supplica. Tão achegada, que o seio lhe tocava no joelho d'elle. Parecia uma creatura implorando desesperadamente amor; mas não dizia senão:

— Mata-me, mata-me!

Esteban cruzou os braços e mostrou todo o seu desprezo.

— Deixa-te d'isso, rapariga. Fiz uma promessa. E demais, julgas que eu sou parvo? Tão parvo que o perca a elle, mais ao cavallo, e que dê corda para elle me enforcar? Ora pensa lá, pensa bem! Suppõe que eu te matava agora: que fazia elle em voltando do banho? Principiava a esgravatar as duas Castellas até dar comigo, e por fim sempre me havia de encontrar. Ficava furioso, fervia-lhe o sangue, não me largava o rasto. Portanto fica socegada no teu logar, á espera que te chegue a vez.

Os braços d'ella cingiram-n'o agora, como se ella desejasse o seu amor ou a morte.

— Esteban, Esteban — murmurou ella.

E elle tinha arrepios aos recordar-se. Ella cada vez se lhe agarrava mais, com a cara premida contra o peito d'elle, rubra com a tensão da angustia.

— Larga-me, larga-me, desavergonhada — bradou elle com rudeza.

Mas ella cozia-se mais e mais com elle, e uma das mãos marínhava-lhe pelo torso como se quizesse chegar-lhe aos hombros.

— Arreda-te, Miguela — repetiu elle.

Ella, porém, arrancou-lhe da cinta a enorme navalha, e com toda a força que lhe restava enterrou-lh'a na ilharga. E ficou-se, pasmada para o que tinha feito.

Esteban soltou um grito rouco, alçou a cabeça, teve dois estremeções; depois a cabeça descahiu-lhe, e elle tombou para o lado, do burro abaixo.

Miguela deixou-o ficar por terra e dirigiu-se á manta da merenda. Lá estava á espera do inglez o seu talher rustico. Ella pôz-se de gatas, baixou a cabeça, e depoz um beijo no meio do prato. Depois, ajoelhada, metteu a mão no seio e sacou um crucifixo de latão. Levou o aos labios, passou o cordão por sobre a cabeça, e collocou tudo no prato do inglez.

Em seguida, tratou de remover o corpo, e trabalho foi esse que a afogueou de novo; mas conseguiu afastal-o da scena do picnic, e cobriu-o de urzes e folhagem, cortadas com a famosa navalha. Eram horas de se ir embora. Um derradeiro volver de olhos aos preparativos do festim, um afago saudoso ao crucifixo, e Miguela montou no jumento de Esteban e internou-se pela matta. Não tornou a olhar para traz.

VII

Manvers voltou do banho a assobiar, admiravelmente disposto. Tinha encontrado o rio, tinha nadado, depois vestira-se e pozera-se a andar devagarinho, para não aquecer de novo. Não ficou sobremaneira surprehendido por se lhe terem safado os companheiros

— Grandes ratões! — reflectiu elle — Tinha um palpite de que elles não eram extranhos um ao outro. Provavelmente travaram-se de amores. Tanto melhor para mim!

Depois deparou-se-lhe o crucifixo no meio do prato.

— Olá!

Curvou-se para lhe pegar. Ainda estava tepido.

— Caspité! linda acção da parte d'ella. Um toque delicado de sentimento, demais a mais d'uma rapariga bem bonita, e que, pelo que vejo, não está pervertida de todo. Ia apostar

LEVOU O CRUCIFIXO AOS LABIOS

que este crucifixo era a unica cousa que ella possuia, e sei perfeitamente que é a ultima cousa de que se desfazem mulheres d'esta laia. Estou pago e repago, e até sinto umas picadas na consciencia. Sempre quero usar-te, amigo, se é que não arranhas o pescoço de um herege.

E n'isto enfiou a cabeça pelo cordão.

— Hei de prender-te a uma corrente, em chegando a Valladolid, amiguinho — pensou elle, quando viu a cruz pendente no seu logar.

Bebeu uma golada, trinchou uma fatia de presunto e começou a comer.

— Esta agora! — proseguiu elle nos seus commentarios. — Os patuscos não enguliram bocado nem sorveram um gole. Estavam todos alvoraçados com o namoro, ou então eram tão delicados que se escusaram de comer sem convite formal: qual das razões seria? A *maja* convidei eu; mas não me lembra se inclui o galan. Se não inclui, a cousa mete-se pelos olhos. Ella não quiz comer sem elle, e elle não quiz comer sem mim. Pobre diabo! eu que lhe estava com asca, não sei porquê. Se torno a topar com elle, convido-o para jantar, olé se convido!

Acabada a merenda, encheu e accendeu o cachimbo, tomou somnolentamente umas fumaças, e deitou-se a dormir. Nada o incommodou durante tres horas, nem mesmo a nuvem densa de moscas, cujo zumbido por sobre um massiço vizinho não deixaria dormir quem tivesse o somno mais leve. Tão ferrado estava no somno, que nem sequer ouviu um som de passos pela matta, nem o sussurro de remecher na terra.

Eram quatro horas quando acordou; sentou-se e olhou para o relogio. Bocejou e espreguiçou-se sem ceremonia, e de repente deu pela presença de um frade, com uma ampla tonsura no cabello escuro e uma bella barba, o qual estava a cavar a pouca distancia. O frade, que estava á espera de ser descortinado, parou na tarefa, enterrou a pá no chão, e dirigiu-se para o inglez, fazendo uma venia.

— Boa tarde, *caballero* — disse elle. — Meu nome é Frei Benito, para o servir, do convento de Nossa Senhora das Angustias, que fica aqui perto. Não tive remedio senão fazer serviço de coveiro; mas poderá fazer-me o obsequio de velar o corpo emquanto eu faço a encommendação?

Entre os amigos de Manvers em Cambridge e n'outros sitios, corria que elle não era capaz de se expressar senão por diversas especies de riso; que se rira á nascença, que havia de rir na occasião em que ajustasse o casamento, e que com certeza disfarçaria n'uma gargalhada o estertor da morte. Eu não creio que em tão apertados limites elle confinasse as suas emoções; e certo é que elle não se riu ao ver os olhos pasmados e nevoentos de Esteban Vincaz, em muda appellação para as copas das arvores e para o ceu azul. Pelo contrario, empallidaceu deveras e quedou-se estarrecido.

— Santo Deus! que é isto? — foi a sua absurda pergunta.

Frei Benito explicou o que sabia. Tinha apparecido uma rapariga, a cavallo n'um burro, na egreja do convento, onde elle adregava estar velando o Santissimo Sacramento. Ao que dizia, estava com grande urgencia de confissão, mas não mostrava medo. Contou que tinha matado um homem para salvar um *caballero* que lhe tinha prestado um grande serviço, nem mais nem menos que salvar-lhe a vida com perigo da sua propria.

— Se duvida — disse ella — vá á matta, a tal sitio. Ha de lá encontrar esse sujeito a dormir. Tem um crucifixo que era meu. O morto está alli perto, tendo ao lado a navalha d'elle, com que eu o matei. Agora — acrescentou — absolva-me, reverendo padre, porque eu tenho de me pôr andar, antes que a guarda civil saiba do caso.

— Senhor — disse gravemente Frei Benito — não quero que imagine que eu estou violando o sigillo da confissão. Pelo contrario, foi a propria penitente quem me recommendou com todo o empenho que o procurasse e lhe contasse toda a historia. Ainda por obediencia a ella, cumpre-me perguntar-lhe se é esta a verdade.

Manvers mostrou o crucifixo.

— A verdade nua e crua — disse elle. — Vou arranjar uma corrente para este crucifixo. Deus do ceu! que terra esta! E cuidei eu que ella era uma mulher perdida!

— Todas as terras são o mesmo pouco mais ou menos, estou convencido — accudiu Frei Benito — visto que Deus as fez todas de uma vez, e pôz o homem para ser senhor de todas ellas, e tirou a mulher de uma ilharga d'elle. O sitio d'onde ella foi tirada, dizem que nunca cicatrisa de todo, emquanto não a pozerem lá outra vez; e mesmo assim, nem sempre se fecha a cicatriz. Sendo pois este o plano

d'este mundo, não nos compete a nós mettermo-nos em contendas por causa das suas manifestações. Agora, *señor caballero*, se está prompto, vamos a isto. Não lhe peço mais que uma mancheia de terra no momento proprio.

—Frei Benito — disse Manvers, extendendo a mão — quer acceitar esta insignificancia? Creio que não vinha fora de proposito uma missa por alma d'este pobre diabo.

— Pelo contrario! — replicou o frade — não pode vir mais a proposito. Tel-a-ha, prometto-lhe eu.

— Magnífico! Ora agora, poderá dizer-me uma cousa? Que caminho levou a rapariga?

Frei Benito abanou a cabeça.

— *No lo sé*. Appareceu-me na egreja, fallou e sumiu-se tal qual o anjo da Morte. Mas foi-se com a absolvição, porque o seu peccado era perdoavel e justa a sua causa. Que Deus a acompanhe!

—Assim seja — disse Manvers — ella ficou-me com o lenço.

Saltou no cavallo e poz-se a caminho de Valladolid. Uma cousa lhe dava uma tal ou qual alegria: o pensar que cada um dos dois tinha guardado uma recordação do outro. Vezes sem conto scismou n'isto durante a jornada.

Trad. de Henrique Lopes de Mendonça.

MAURICE HEWLETT.

ESPIRITUAL

Não sei o que tu és, ó Cheia de Doçura,
Que ao meu catre velaste em horas de agonia:
Que a minha Alma trouxeste o pão-de-cada-dia,
Ficando alli depois divinisada e pura!

Se és mulher e possues tão candida magia,
Vales mais do que um Anjo — olhado n'essa altura!...
Mulher?! Serás... Não sei, meu Culto de Ventura!
Sei só que ao pé de ti cresce a minha Alegria...

Mulher — deusa ou rainha — o que importa afinal?!
Divinamente bella em teu sorriso albente,
Chamem-te Anjo-Mulher — pela pureza ideal...

Mais: inveje uma Santa o teu perfil risonho...
P'ra mim has de ser sempre e sempre, eternamente,
O Lyrio divinal do meu Jardim de Sonho!

Porto.

JAYME CYRNE.

Marinhas de guerra

Cem annos apenas separam Trafalgar de Tsoushima, quasi quatro seculos medeiam entre a memoravel victoria do grande almirante inglez e o tambem celebre encontro de Hervé de Primoguet com Thomaz Knight, e comtudo, se compararmos os instrumentos de combate nestas tres epocas differentes, sem duvida que a «Victory» e a «Bucentauro» se parecem mais com o «Régente» e com o «Cordelière», do que os navios de Nelson e de Villeneuve se parecem com o «Mikasa» e com o «Suvaroff»; e do mesmo modo, se olharmos não já para os barcos de guerra, mas sim para os de commercio ou de passageiros, tambem, com certeza, acharemos mais semelhança entre os transportes dos cavalleiros de S. João de Jerusalem e as nossas naus da carreira da India, no primeiro quartel do seculo xix, do que entre estas e os actuaes paquetes transatlanticos das linhas allemãs e inglezas. É que a arte das costrucções navaes não tem n'estes ultimos tempos caminhado só a passos de gigante, tem-se precipitado em corrida vertiginosa, e impossivel é prever por agora onde parará, se é que alguma vez ha de parar.

Quando se trata da marinha mercante, e se attenta no seu fim essencialmente pacifico e civilisador, não ha sombras no quadro; o progresso é aqui *progresso*, na mais lata accepção da palavra, e ninguem perante elle deixará de bemdizer os estudos feitos, os esforços empregados e as sommas dispendidas para chegar, n'este campo, aos quasi inverosimeis resultados que estamos presenciando: e, com effeito, esses magnificos barcos de 35:000 toneladas, que regularmente e em poucos dias transpõem o Atlantico, sem se preoccuparem com as suas possiveis furias, e que transportam, não só commoda mas luxuosamente, no seu bojo enorme, milhares de passageiros, são uma d'estas maravilhas do genio e da industria humana que se podem admirar sem reservas, e louvar sem reticencias. Imponente é tambem, mais imponente ainda porventura, o espectaculo que nos offerecem os soberbos navios e as poderosas esquadras dos tempos que vão correndo. Pelo lado pittoresco, as robustas naus e as airosas fragatas da primeira metade do seculo passado, com as suas brancas alcachas, a guinda dos seus mastros, o enramado do seu apparelho e a alvura do seu largo velame, nada tinham a invejar aos couraçados e cruzadores dos nossos dias, e as vinte e sete naus de Nelson quando, cobertas de panno que o vento bonançoso mal enfunava, perseguiam á vista da costa da Andaluzia a esquadra de Villeneuve, eram de certo bem mais formosas que os monstros de aço empenachados de fumo negro, com que Togo esperava os russos nas aguas japonezas. Mas apenas sob o ponto de vista esthetico é que a velha marinha teria o primeiro logar, e esses navios que foram no seu tempo a suprema expressão da força, que foram, e seriam ainda hoje, se podessemos vel-os resurgir, o enlevo dos olhos de todo o homem do mar, fariam, como machinas de guerra, uma triste figura ao lado d'aquelles que vieram depois. O proprio combate naval que era ha cem annos o manejar da artilharia

numa coberta arejada, e que tinha tanta vez por epilogo a cavalheiresca abordagem, a luta corpo a corpo, em frente do inimigo, ao sol, entre os destroços da mastreação e os estilhaços da borda, e ao crepitar da fuzilaria, perdeu o feitio pittoresco e brilhante de outr'ora, e no navio de hoje, sinistra caixa de ferro que se faz em pedaços, ou se afoga rapidamente, rasgado pela explosão de um torpedo, debalde se procurará o glorioso apparato da morte do «Vengeur».

A guerra é sempre a guerra, em qualquer epoca que seja, e em qualquer theatro em que se desenrole, mas os recentes aperfeiçoamentos do material naval tornaram-na mais mortifera, deram-lhe um caracter mais sombrio, e dispoetisaram-na por assim dizer, se poesia se pode achar n'esta brutal necessidade: e comtudo, atraz d'essas muralhas d'aço, tantas vezes ineficazes apesar da sua enorme resistencia, n'esses compartimentos fechados, que nem deixam ver aos combatentes o inimigo que combatem, é necessario que mais robusta seja ainda a coragem, maior o sangue frio e mais arreigado o sentimento do dever, por isso mesmo que falta a embriaguez da parte espectaculosa e a visão da gloria, que precisa de ceu, de espaço, de luz e de ar livre para se desenhar com todo o seu esplendor na mente do soldado e do marinheiro. Admiremos os progressos evidentes, incontestaveis, maravilhosos mesmo da marinha de guerra dos tempos que vão correndo, mas como fatalmente hão de vir á ideia a taes sombras do quadro, não lhes concedamos o elogio incondicional que nos merece o progresso igualmente esplendido da sua pacifica irmã.

A DIVISÃO AMERICANA DE COURAÇADOS
Vista de bordo do «Mayflower» (navio chefe)

Ser forte no mar é hoje um dos mais importantes, senão o mais importante factor da grandeza e do poderio das nações; e como o elemento essencial e indispensavel d'esse força é a organisação de uma poderosa marinha militar, as grandes potencias gastam sommas fabulosas nos seus armamentos navaes, e d'ahi a prodigiosa actividade das industrias que teem de construir, armar e aprovisionar centenares de navios cada vez mais complexos, e mais formidaveis cada anno, a fim de que o provavel adversario numa lucta futura não se ache mais bem preparado no momento critico, pelo menos no que toca á perfeição das armas com que tem de combater. Esta emulação guerreira, que tem plena rasão de ser no momento e nas circumstancias actuaes, manifestou-se quasi exclusivamente entre a França e a Inglaterra no ultimo quartel do seculo XVIII e no principio do seculo XIX, mas hoje e ainda mais depois de 1870, ha que contar com outros factores de primeira ordem: o novo Imperio Allemão, a Italia unificada, os Estados Unidos da America, que já pensam em mais que na stricta applicação da doutrina de Monroe, a Russia, que só ultimamente teve de renunciar ás suas velleidades de expansão para lá da Siberia, e que não se sabe em que pensará, quando as circumstancias lho permittirem,

Tonelagem relativa das principaes marinhas do mundo

Inglaterra

França

Estados-Unidos

Allemanha

Italia

Japão

Russia

Austria

para compensar os seus ultimos desastres, e por ultimo, no extremo oriente, o extranho Japão, emprehendedor, tenaz, esperto, guerreiro e ambicioso, que, por assim dizer, de um salto tomou logar entre as potencias de primeira ordem, e que é mais um, e não dos menos importantes, a pretender a sua parte no dominio dos mares.

Consideremos primeiro os gigantes, como é justo, mas depois de rapidamente os passarmos em revista, lancemos tambem os olhos para os pequenos, para aquelles que isoladamente pouco valem, mas que podem um dia ser tambem um elemento de equilibrio no prato da balança onde figuram os colossos, e cuja amisade poderá, em não raras circumstancias, ser procurada, ainda pelos mais poderosos.

A tout seigneur tout honneur : na cabeça do rol apparece-nos como verdadeira rainha dos mares a velha Inglaterra cujo poder naval é representado por 1.821:600 toneladas de deslocamento total e effectivo dos seus navios de guerra, entre os quaes figuram 63 couraçados de 1ª e 2ª classe, sem contar outros ainda em acabamento, e neste numero o «Dreadnougth», que só á sua conta trará 18:000 toneladas, e que ficará sendo o mais poderoso navio de guerra do mundo, em quanto todavia não apparecerem os quatro japonezes de 19:000 toneladas que já estão, ao que parece, no estaleiro. Para manter esta formidavel esquadra, os nossos alliados dispendem 33.389:500 libras, que tal foi o orçamento da marinha em 1905; e, com quanto nestas unidades de combate não figurem navios propriamente velhos, a Inglaterra resolveu ultimamente pôr de parte mais de cem barcos diversos, relativamente novos e com pouco uso, por entender que já não tinham verdadeiro valor militar, e que não valia a pena gastar dinheiro com o que não fosse de primeira qualidade. Bastam estes dados e esta nota final para dar ideia do que vale no mar o Imperio Britannico.

Depois da Inglaterra, a sua visinha, antiga rival e recente amiga, occupa ainda um bonito logar, o segundo mesmo, se bem que haja por lá pontos fracos que não se encontram do outro lado da Mancha.

A tonelagem total dos navios de guerra francezes é 829:600 toneladas, entrando n'este numero 39 couraçados menos homogeneos e menos poderosos que os inglezes, porquanto os maiores (typo «Republique») são apenas de 14:865 toneladas, em quanto que o «Lord Nelson» e o «Agamemnon» são de 16:000, mas esta inferioridade vae até certo ponto ser atenuada com a construcção em breve prazo, senão já começada, de tres navios de 18:000 toneladas, isto é, da força do «Dreadnought». Tem ainda a França um nucleo importante de bellos cruzadores, e é a nação mais rica em torpedeiros e submarinos.

Para encontrarmos agora a marinha de guerra que se segue em importancia (pelo menos pelo que diz respeito á tonelagem total, que não talvez sob outros pontos de vista) teremos de atravessar o Atlamtico e de ir procural-a ao Novo Mundo. A nova esquadra dos Estados Unidos é representada por 751:500 toneladas, e figuram nella 28 couraçados, sendo os maiores de 16:000. É uma marinha que tem cres-

cido rapidamente: desde a ultima guerra com a Hespanha os Estados Unidos construiram já, ou estão construindo, 23 couraçados cujo deslocamento total é de 320:000 toneladas.

Voltemos á velha Europa, e no litoral banhado pelas aguas do Baltico e do Mar do Norte vamos encontrar os portos e arsenaes que foram o berço de uma das mais perfeitas marinhas de guerra da actualidade. A Allemanha construindo navios de typos definidos, e segundo planos seriamente estudados, conseguiu ter hoje, na opinião, que se deve ter por insuspeita, de um official francez: *a esquadra mais homogenea e talvez a mais militar de todo o mundo.* Esta bella esquadra, que conta já 37 couraçados, desloca ao todo 613:940 toneladas.

Deixamos o Baltico e o Mar do Norte, singremos pelo Atlantico, e passando o estreito de Gibraltar vamos encontrar nas aguas mais tepidas e mais azues do Mediterraneo e do Adriatico, uma bella marinha moderna que rapidamente tomou logar entre as primeiras da Europa. Ainda não ha muitos annos que a Italia não possuia um só couraçado propriamente dito, hoje conta 12 no numero dos seus navios de guerra, que são em geral excellentes, e a sua força naval é representada por 362:000 toneladas.

A marinha japoneza, que vem em seguida, com quanto perfeitamente organisada e adestrada, não era numericamente muito importante quando começou a luta de que tão airosamente se sahiu; mas acabada ella, como os navios tomados aos russos compensaram largamente as perdas soffridas, a esquadra do Japão augmentou consideravelmente o seu effectivo, e é no momento actual bastante superior á do seu adversario de ha pouco. Nas 352:900 toneladas de deslocamento total dos navios japonezes (dos quaes 8 são couraçados de esquadra) não se contam os que estão em construcção, mas quando estes, que são muitos, estiverem em serviço, o Imperio do Sol Nascente possuirá, em todo o sentido, uma das mais formidaveis marinhas do mundo e á qual apesar de moderna, não faltam já tradições.

Depois da recente, e para ella tão desastrosa guerra, a Russia, que figurava como uma

O COURAÇADO INGLEZ «DREALNOUGHT»
O mais possante navio do mundo

das nações mais poderosas no mar, desceu muito na escala, uma parte dos seus navios perdeu-se totalmente em combate, e outros cahiram em poder do inimigo e tremula-lhes hoje no penol a bandeira japoneza, de modo que a marinha russa só pode ser ainda collocada ao lado das mais importantes, embora em situação relativamente modesta, se se levarem em conta os navios que para ella se estão construindo, e que são na verdadade de primeira ordem. Contando com esses, o Imperio Moscovita figura com 322:000 toneladas, e terá 15 couraçados em serviço, quando os já começados poderem servir. Dos navios actuaes alguns pertencem á esquadra do Mar Negro.

A Austria conta-se ainda n'este rol dos que possuem grandes marinhas; os seus 13 couraçados (velhos alguns) e o seu total de 155:760 toneladas ainda representam uma força naval que não é para desprezar mesmo isoladamente, e que será um factor importante entrando n'uma alliança.

As figuras seguintes onde os comprimentos dos navios representam aproximadamente as tonelagens totaes para cada nação, podem dar uma ideia da importancia relativa das mais fortes marinhas de guerra, mas só n'este ponto de vista, que evidentemente não é o unico sob o qual a questão se pode encarar.

*

E' preciso advertir que nesta conta de tonelagens totaes não entram senão os navios que teem valor militar, unicos que podem figurar como elementos de comparação, quando se trata de marinhas de primeira ordem; os outros, que são ainda numerosos, tendem dia a dia a desapparecer. O navio de combate por excellencia, é o couraçado propriamente dito, o correspondente á antiga nau de linha, e ao qual verdadeiramente se pode applicar o nome inglez de *Man of war;* segue-se o cruzador couraçado, mais veloz, mas que no resto cada vez se aproxima mais do couraçado de esquadra, e a seguir os destroyers, os navios do typo a que os ingleses dão o nome de *scout*, e que se distinguem pelas grandes velocidades que podem attingir (25 milhas), e por ultimo os torpedeiros e os submarinos. Os cruzadores simplesmente *protegidos* vão sendo abandonados, se bem que ainda em Inglaterra se tenham construido alguns recentemente; e do mesmo modo, os destroyers tendem a substituir os torpedeiros d'alto mar propriamente ditos. Emquanto aos submarinos, ainda não deram as suas provas, mas continuam a estar na ordem do dia, e é a França que, preocupando-se com a defeza da sua extensa fronteira maritima, vae na vanguarda, visto que possue 55 d'estes problematicos barcos de diversas grandezas e systemas, em quanto a Inglaterra não tem poagora senão 35. Sem discutir o valor que podem ter em combate estas differentes unidades, parece opinião assente que estará mais bem armado aquelle que tiver *maior mumero de navios maiores;* se não é axiomatico é quasi, e em quanto ao resto, porque ha um resto que não é o menos importante a considerar, esse não depende do material, mas é sim função do que valer o pessoal.

A mais numerosa esquadra, contando os melhores e mais bem armados navios, de pouco ou nada servirá se quem anda lá dentro não estiver por qualquer circumstancia em condições de tirar partido d'ella: é tambem axioma, e porventura mais evidente que o primeiro.

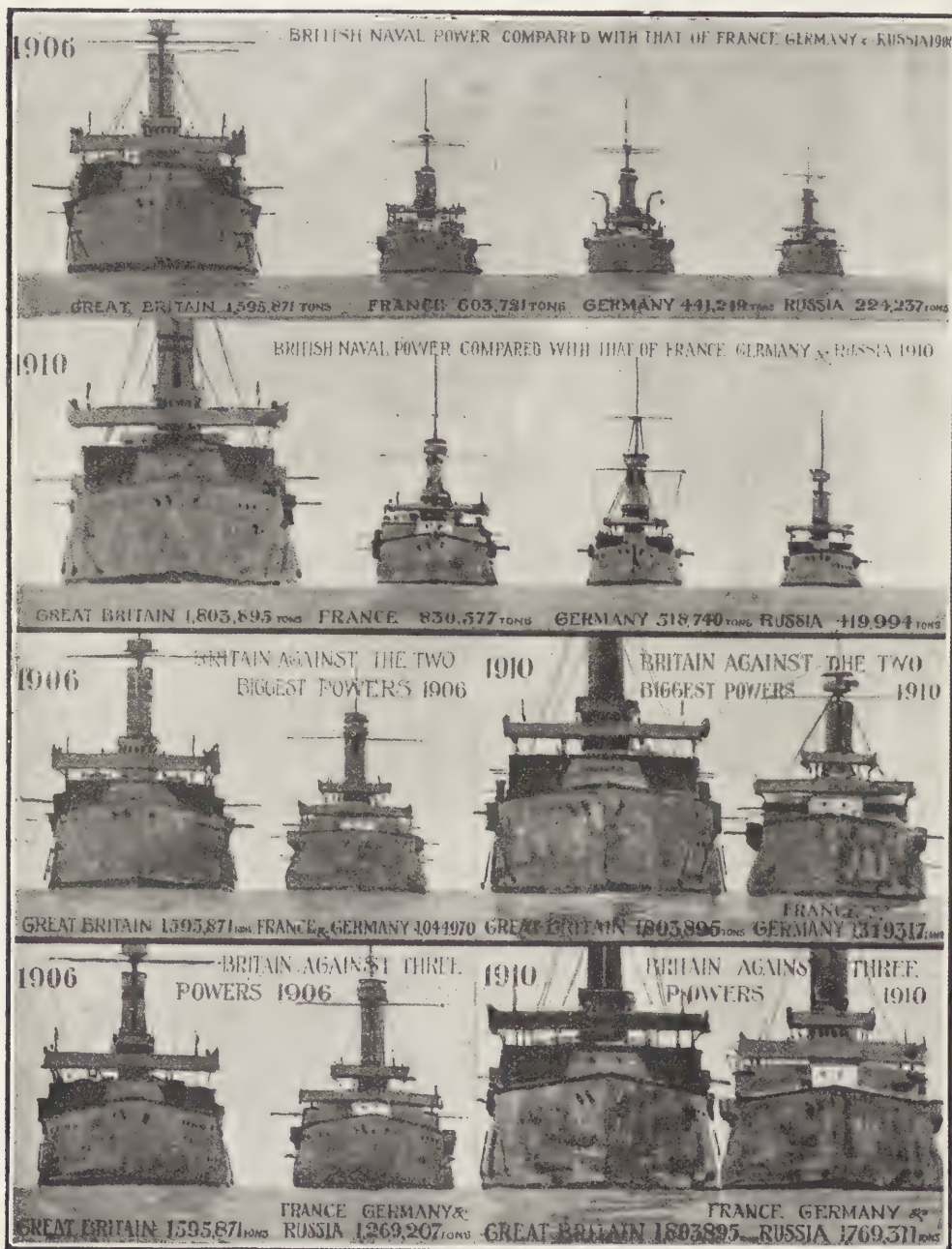
Ainda uma nota curiosa antes de deixarmos as grandes marinhas. Os orçamentos para cada uma das quatro nações mais poderosas no mar foram em 1905, segundo diz o *Naval Annual:*

Inglaterra....	33.389:500	libras
França.......	12.722:752	»
E. Unidos....	20.617:830	»
Allemanha. .	11.424:845	»
	78.154:927	»

Ora como uma libra pesa $7^g,988$, e a densidade do oiro é 19,26, segue-se que tudo isto corresponderia a um cubo de oiro macisso cuja aresta fosse igual a $3^m,2$.

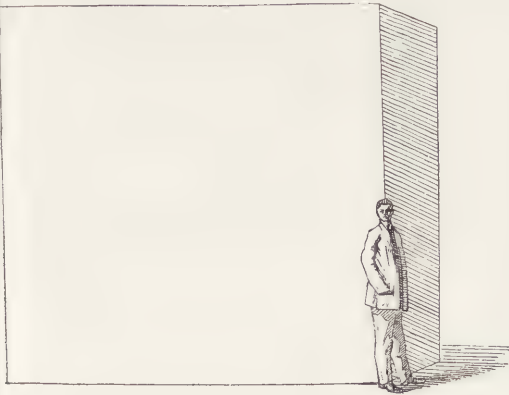
*

Vejamos agora os pequenos. Se affastarmos os olhos das formidaveis esquadras que rapidamente acabamos de passar em revista, e os volvemos para a nossa visinha Hespanha, se formos ainda mais longe, para o norte até á Hollanda ou á peninsula Scandinava, para leste até á Turquia, e para oeste até ás republicas da America do Sul, nada ahi acharemos no genero *marinha de guerra* que não se

chame pequeno em relação ainda mesmo ás ultimas que considerámos, e que não seja absolutamente insignificante quando comparado com as primeiras : e com effeito, estas de que se trata agora não fariam melhor figura ao lado da Inglaterra do que fariam junto

O PODER NAVAL DE INGLATERRA COMPARADO COM O DA FRANÇA, ALLEMANHA E RUSSIA EM 1906

O PODER NAVAL DE INGLATERRA COMPARADO COM O DA FRANÇA, ALLEMANHA E RUSSIA COMO SERÃO EM 1910

A INGLATERRA CONTRA AS DUAS POTENCIAS MAIS FORTES EM 1906 | A INGLATERRA CONTRA AS DUAS POTENCIAS MAIS FORTES EM 1910

A INGLATERRA CONTRA TRES POTENCIAS EM 1906 | A INGLATERRA CONTRA TRES POTENCIAS EM 1910

ORÇAMENTOS ANNUAES DE MARINHA DA INGLATERRA, FRANÇA, ESTADOS UNIDOS E ALLEMANHA

O cubo representa a quantidade de ouro gasto annualmente pelas quatro potencias com a sua marinha, com parado com a estatura de um homem.

d'ellas a Bulgaria, o Mexico ou Sião. Mas se não ha vantagem em comparar termos tão desiguaes, tambem não vale a pena fazer comparações entre os pequenos, como acabamos de fazer entre os grandes. Aquelles que teem muito e do melhor, e que não tiram os olhos dos seus rivaes em aspirações, para se não deixarem distanciar, para conservarem um logar adquirido, ou adquirirem um melhor se possivel fôr, tambem tratam de se equilibrar, e as comparações que se fizerem teem assim razão de ser. Mas quem tem menos ou pouco, terá de escolher o que mais lhe convém, nos limites restrictos que não pode ultrapassar, e comforme o papel que naturalmente tem de desempenhar. D'este modo a Hespanha, hoje por assim dizer sem colonias terá de organisar a sua marinha em vista da defeza da parte que lhe pertence na Peninsula e de mais umas poucas cousas que lhe ficam ao pé da porta, em quanto que nós e a Hollanda teremos de pensar além d'isso, e que mais não seja por uma questão de policia, nos nossos respectivos dominios coloniaes. A Grecia não tem colonias, como não as tem a Suecia, mas os gregos para occuparem no Archipelago um logar condigno, e para se defenderem nas proprias aguas, do inimigo provavel que é o seu visinho turco, não precisarão talvez de navios semelhantes aos pequenos, mas bons couraçados suecos, que foram feitos especialmente para a defeza dos *fiords* que tão abundantemente recortam a costa da Suecia.

Como se vê das rasões expostas, o confronto, pelo menos entre alguma das marinhas secundarias não teria maior interesse, e ocioso seria faze-lo. Nós occupamos um d'estes logares modestos, como não póde deixar de ser, pois que actualmente só aos ricos e grandes é que é licito occupar outros. O Japão, depois da guerra em que fez tão boa figura, alcançou, é certo grande parte do que pretendia, mas pecuniariamente nada obteve para compensar as despezas feitas, e agora quer ir para diante, construindo em casa, ou mandando construir fóra navios carissimos, e gastando assim sommas enormes que no futuro sempre incerto não obterão talvez resultado renumerador, e que se tornarão, assim despendidas, numa causa de ruina. Quer talvez o que não pode.

Nesta simples resenha quasi sem commentarios, das forças navaes mais importantes não caberia fazer hypotheses sobre combinações politicas, allianças, e possiveis, ou provaveis agrupamentos d'essas forças em caso de conflagração; do mesmo modo que, passando ao nosso caso particular, não será aqui logar para discutir o que poderemos e deveremos ter para conservar uma honrosa situação. Modesta deverá ella ser pela força das circumstancias, e mal nos não fica; nulla é que não, e se outras razões mais praticas, mais positivas e mais actuaes não houvesse, bastaria para o povo portuguez o dever de não abdicar nunca as suas gloriosas tradições maritimas.

CELESTINO SOARES.

O BANDOLIM MAGICO

Era uma vez uma rapariga que tinha sete irmãos.

Os irmãos eram casados, mas as mulheres não faziam a comida, porque levavam a vida a trabalhar no campo, e queriam então muito mal á cunhada, que passava a vida em casa, com muito descanço, tratando da cozinha e podendo ir á despensa todas as vezes que lhe appetecia.

Combinaram, por isso, umas com as outras, armar-lhe um laço e chamaram uma fada que conheciam.

E uma das mulheres pediu á fada que á hora do meio dia, quando a cunhada ia buscar agua á fonte, fizesse com que desapparecesse a agua e voltasse depois muito devagarinho, mas sem entrar para a cantara que a rapariga levava, até que por fim crescesse tanto que a cercasse por todos os lados, não a deixando fugir.

Ao meio dia, quando a rapariga foi buscar agua, encontrou a fonte completamente secca e desatou a chorar. Mas d'ali a um instante a agua começou a correr muito devagarinho. E por mais que a rapariga quizesse encher a cantara, não poude, e no entretanto a agua foi subindo e chegou-lhe aos tornozelos.

Ella, assustada, quiz fugir mas não poude, e gritou para os irmãos:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega aos tornozelos!
Acudi, meus irmãos, não posso encher a cantarinha!»

A agua foi sempre subindo e chegou-lhe aos joelhos.

E a rapariga, sem poder fugir, tornou a gritar:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega aos joelhos!
Acudi, meus irmãos, não posso encher a cantarinha!»

A agua continuou a subir e chegou-lhe á cintura.

E a rapariga tornou a gritar:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega á cintura!
Acudi, meus irmão, não posso encher a cantarinha!»

A agua continuou a subir e chegou-lhe ao pescoço.
E a rapariga tornou a gritar:

> «Acudi, meus irmãos, a agua já me chega ao pescoço!
> Acudi, meus irmãos, não posso encher a cantarinha!»

A agua cresceu ainda mais e cobriu-a toda.
E a rapariga, já a afogar-se, gritou com muita força:

> Acudi, meus irmãos, a agua já me passa acima da cabeça!
> Acudi, meus irmãos, principia a encher-se a cantarinha!»

A cantarinha encheu-se e foi para o fundo juntamente com a rapariga, que se afogou.

E então a fada tornou a rapariga n'uma fada egual a ella e levou-a comsigo.

D'ali a tempos surdiu da agua, na bacia da fonte onde a rapariga se tinha afogado, a haste de um bambu, que foi crescendo, crescendo.

Quando o bambu já tinha grande altura, passou pela fonte um violeiro e disse comsigo:

— Com aquelle bambu fazia-se um lindo bandolim!

Passados dias voltou com uma machadinha e já ia para cortar o bambu, quando sentiu uma voz dizer-lhe:

— Vê bem o que fazes. Não cortes junto á raiz. Corta mais acima!

O violeiro ia obedecer, quando ouviu:

— Vê bem o que fazes. Não cortes tanto acima, corta junto á raiz!

Assim ia fazer o violeiro e ouviu outra vez:

— Vê bem o que fazes. Não cortes junto á raiz, corta mais acima!

Sem saber quem estava a caçoar com elle, cortou, muito zangado, o bambu junto á raiz e levou-o para casa. Quando o bambu seccou, fez com elle um bandolim, que tinha umas vozes tão suaves que era mesmo um gosto ouvil-as.

D'ali a dias passou-lhe á porta um tocador ambulante muito pobrinho, e pediu-lhe com tanta ancia que lhe vendesse o bandolim, para ir ganhar a sua vida, que elle lh'o deu quasi de graça.

E o tocador, na primeira terra onde parou, poz-se a tocar e juntou-se muita gente em roda, ficando todos com vontade de chorar só de ouvirem o bandolim, e alguns até choraram, porque os sons eram tão tristes como a voz de uma pessoa que está n'uma agonia mortal.

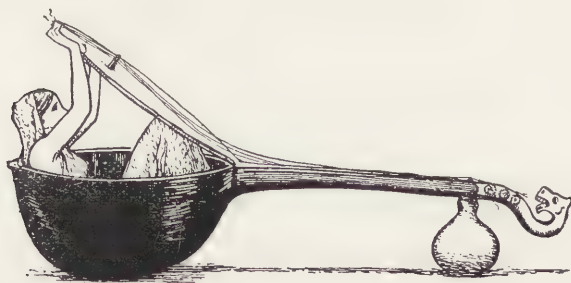
Houve muito quem lhe quizesse comprar o bandolim, mas o tocador não esteve por isso, apesar de, ás vezes, lhe prometterem muito dinheiro; até que um dia, n'uma estalagem onde passou a noite, lhe deram uma bebida que o fez dormir muitas horas. Quando acordou, já não viu o bandolim, mas não poude saber quem lh'o tinha tirado e abalou mais triste do que a noite.

O bandolim foi vendido a um viandante, que passou por ali tempos depois e que o deu de presente ao filho mais velho. O rapaz era doido por musica e levava, d'ahi por deante, horas e horas mettido no meio de um arvoredo fechado. Se lhe perguntavam o que tinha estado a fazer, logo respondia: «Estive a tocar o bandolim. Não ha outro como elle.»

O pae, desconfiado de que o filho estivesse no tal sitio com alguma namorada, foi espreital-o e viu a tampa do bandolim levantar-se e apparecer uma rapariga muito linda, que depois se tornou do tamanho de uma pessoa e cahiu nos braços do tocador.

Entendendo que o destino lhe mandava aquella nora, e que outra melhor não havia de alcançar, casou o filho com ella, o que deu muita alegria a ambos.

E uma vez os sete irmãos passaram por ali e conhecendo a irmã perguntaram-lhe o que era acontecido. E ella contou-lhes todo o mal que lhe tinham feito as cunhadas, mas pediu aos irmãos que não as castigassem.

Os irmãos nunca mais quizeram ver as mulheres, que morreram de raiva por serem abandonadas, ao passo que a rapariga sahida do bandolim magico viveu até bastante velha, sempre muito feliz, em companhia do marido.

Grandes topicos

A crise russa

O governo russo deliberou que as eleições para a futura Duma se realisem a 19 de fevereiro proximo. Todavia, dando-se d'esta maneira ar de respeitar a pseudo-constituição e de seguir o caminho do progresso, o czarismo vae do mesmo passo recorrendo a todos os velhos e odiosos meios para encravar esse mesmo progresso. Assim, o numero das suas victimas, nos ultimos cinco mezes, eleva-se, segundo a *Tribune*, de Londres, a 20:000, quinhentas das quaes foram passadas pelas armas em execuções summarias, e as restantes mettidas nas fortalezas do imperio ou deportadas para a Siberia. Entre os prisioneiros e deportados contam-se bastantes dos membros da antiga Duma que maior opposição fizeram ao governo, assim como innumeros influentes eleitoraes que não vivem em cheiro de santidade governamental.

Comprehende-se o plano: tendo repellido os constitucionaes-democratas, unico partido que podia dar um governo viavel e com o qual, de resto, tinha probabilidades de salvação, o czarismo procura agora dispôr as coisas por forma que a Duma seja constituida á sua imagem e semelhança, afastando do acto eleitoral todos os elementos que teme.

OS TEMPOS ESTÃO MUDADOS

O Czar costumava brincar com as creanças; agora as creanças pregam-lhe sustos de tremer

Do «*Wahre Jacob*»

É de crer que mais uma vez se engane. Já a fallecida Duma foi para elle uma terrivel surpreza, demonstrando-lhe que é muito difficil, senão impossivel, obter a solidariedade de um povo escravisado e, comquanto na aparencia calmo, no fundo sacudido pelo espirito de rebellião caracteristico da época presente e que na Russia é espalhado aos quatro ventos por milhares de agitadores servindo-se de milhares de processos. Além d'isso, tendo conseguido, sempre em obediencia ao seu plano, dividir os constitucionaes democratas, essa manobra deu-lhe em resultado ir uma grande parte d'esses, apesar de tudo amigos do throno, engrossar as fileiras socialistas.

Por outro lado, o partido revolucionario que nos ultimos mezes se mostrava relativamente calmo, resolveu entrar de novo em lucta acesa. Um manifesto da sua commissão executiva, publicado em meados de dezembro, declarava «que o exterminio dos homens tidos como responsaveis pelo actual regimen ia continuar até ao desapparecimento do ultimo vestigio da autocracia». E, de facto, desde então ha já a registar o assassinato de quatro importantes personagens da politica russa: o general Litvinoff, o conde Ignatieff, chefe do partido

autocratico, o barão de Launitz, successor de Trepoff, e o general Pavloff, promotor dos conselhos de guerra.

Quer dizer: a situação aggrava-se de dia para dia na Russia e não se póde prever o que succederá se a futura Duma fôr, como o governo pretende, uma entidade passiva, ou se, não o sendo, elle tiver a má ideia de a dissolver.

PROPRIEDADE PARTICULAR

Não se admittem philanthropus

Das «*Caricaturas Politicas*» de Carruthers Gould

Marrocos e as potencias

Dissémos no anterior numero dos *Serões* que a questão de Marrocos, que parecia ter ficado liquidada na Conferencia de Algeciras, entrara de novo, nos ultimos tempos, em uma phase aguda e de tal maneira grave que se receava isso originasse o regresso aos antigos tempos em que a paz europea esteve por causa d'ella seriamente ameaçada.

Quem não tenha seguido com attenção a politica marroquina ha de suppôr que essa *recahida* se deveu a quaesquer novas exigencias das nações europeas, ou a qualquer novo acto de insensatez do Maghren, e decerto muito admirado ficará quando lhe dissermos que ella foi provocada por... um salteador! E, com effeito, nada mais verdadadeiro.

UMA DESCOBERTA ASTROLOGICA

O centro do mundo d'onde são repellidos todos os pessimistas

Do «*Lustige Blätter*»

Raisuli, o bandido em questão, começou a fazer-se notar ha annos, roubando na região de Tanger todo o gado que encontrava nas estradas ou mesmo nas propriedades particulares. Um bello dia deliberou augmentar a sua esphera de acção, e passou a aprisionar europeus. As suas primeiras victimas foram o cidadão americano Verdicaris e o subdito inglez Varley. A pedido dos Estados-Unidos e da Inglaterra, a França metteu-se a negociar a libertação dos captivos, mas as negociações foram laboriosissimas e só alguns mezes depois, suppondo-se uma potencia a tratar com outra potencia, fez saber ao ministro dos estrangeiros marroquino que as condições por elle exigidas eram: substituição do governador de Tanger; uma indemnisação de 350:000 pesetas; nomeação de Raisuli como governador de certas povoações que deviam passar a ser autonomas; libertação de alguns prisioneiros e promessas de prisão de determinados individuos, etc.

Por muito extraordinarias que estas condições pareçam, o certo

O TUNNEL DO CANAL

As excavações vão progredindo rapidamente; não tarda que as toupeiras se possam agatanhar.

«Do *Lustige Blätter*»

é que foram aceites. Dias depois os dois europeus estavam em liberdade e Raisuli era nomeado *pachá!* Apenas se viu investido do poder, o nosso homem perdeu completamente a cabeça e refinou nos seus actos de banditismo que chegou a praticar mesmo em frente dos edificios das legações estrangeiras. A tal ponto chegaram as coisas que em 19 de dezembro o corpo diplomatico de Tanger enviou ao Mughzen uma nota reclamando terminantemente a destituição de Raisuli. Mas, como sempre, o Maghzen tergiversou procurando protelar a solução do conflicto.

Foi então que a França e a Hespanha, d'accordo com as outras potencias, enviaram ás aguas de Tanger duas esquadras com ordem de obrigarem pela força o governo do sultão a proceder immediatamente. E elle assim fez, atemorisado com o aspecto que a questão tomava. Todas as tropas disponiveis, sob o commando do proprio ministro da guerra, entraram em Tanger e, passando aos campos limitrophes, deram combate ás forças de Raisuli, derrotando-as completamente ao fim de alguns dias de viva lucta. No momento em que escrevemos, o celebre bandido encontra-se refugiado nas montanhas com meia duzia dos seus partidarios que, de resto, estão, segundo se diz, negociando com o governo a entrega do seu chefe.

Entretanto, as esquadras continuam em Tanger — para o que der e vier, e a França e a Hespanha estão organisando activamente a policia marroquina que deve ficar prompta a funccionar dentro em um mez.

UM REI NO SEU "ESTADO LIVRE"

John Bull (vendo o rei Leopoldo a correr com sacos de borracha) — Mau! estas fracas barreiras de nada servem; é preciso arranjar baias mais seguras para lhe deter as venetas.

Do «*Daily Chronicle*»

O OURO QUE ROLA

1 — *O allemão* (apresentando ao russo um saco de ouro) — Caro amigo, podes contar sempre commigo.

2 — *O russo* (apresentando o ouro allemão ao persa) — Aqui tens o ouro. Em troca o que eu peço é...

3 — E que não permittas ao allemão que tenha influencia nenhuma no teu paiz

Do «*Ulk*»

Pela Persia

Dois factos acabam de dar-se na Persia que fizeram incidir novamente sobre esse paiz as attenções e todo o mundo. Foram elles, chronologicamente: a outhorga de uma constituição e a morte do *shah* Mouzaffer-ed-Dine.

Como é sabido, Mouzaffer-ed-Dine era o soberano oriental que melhor conhecia a Europa, tendo-a visitado innumeras vezes. Foram, sem duvida, essas visitas que influiram no seu espirito, levando-o a dar á Persia uma nova organisação que melhor correspondesse ás necessidades do tempo presente. De resto, isso mesmo lhe estava sendo já exigido pelas proprias classes cultas do seu imperio, incluindo a nobreza que, ao contrario do que succede na Russia, se mostra, não diremos dominada, mas bastante imbuida das ideias modernas.

Assim, Mouzaffer-ed-Dine promulgou uma constituição creando uma Assembléa nacional composta de 162 membros, á approvação da qual teem de ser submettidas as leis, e estatuindo a responsabilidade dos ministros.

Mas pouco tempo depois de constituida a Assembléa nacional, a doença do *shah* aggravou-se, tendo por isso de assumir a regencia do reino o principe herdeiro Mohamed-Ali-Mirza. E' este tido por bastante reaccionario, e o facto é que, apenas tomou conta do poder, propoz á camara a creação de um Senado constituido por 60 membros, 30 dos quaes escolhidos entre os funccionarios, 10 entre os representantes da tribu imperial

A EGREJA CATHOLICA EM FRANÇA

De «*L'Asino*»

MUZZAFER-ED-DINE
Shah da Persia, fal. a 8 de Janeiro

MOHAMED-ALI-MIRZA
O novo Shah da Persia

e os restantes eleitos pela nação. Este projecto causou logo grande agitação na Persia, porquanto se comprehendeu que uma camara alta assim formada visa a restringir a acção da camara electiva.

Era n'este pé que se encontrava a politica persa quando, em 9 de janeiro, Mouzaffer-ed-Dine falleceu, contando 52 annos. Seu filho, que immediatamente subiu ao throno, nasceu em 31 de julho de 1872.

O throno da Servia

Pedro Karageorgevitch que subiu ao throno da Servia em consequencia do assassinato do rei Alexandre, parece não estar, á hora presente, muito seguro no logar onde o collocaram os regicidas de 1903.

Com effeito, a dar credito aos correspondentes dos jornaes inglezes em Vienna e em Belgrado, uma grande agitação anti-dynastica lavra em todo o territorio servio. Já ha muito tempo que no espirito publico se manifestava uma profunda antipathia pela familia real, tendo como causas determinantes, por um lado, o soberano desinteressar-se dos negocios publicos, consentindo, para que o deixem em paz, em que os politicos mais mal vistos disponham do paiz a seu bel-prazer; por outro, as façanhas de toda a ordem praticadas pelo principe herdeiro que, segundo opiniões auctorisadas, está atacado de alienação mental.

Mas a irritação publica contra o rei subiu de ponto quaudo ultimamente se teve conhecimento de um enorme escandalo em que o seu nome está envolvido e que o *Standard* de Londres se encarregou de divulgar no occidente europeu.

Foi o caso que o governo apresentou á camara dos deputados um projecto de lei auctorisando um emprestimo para a compra de canhões. Afirmou-se logo que, do dinheiro d'esse emprestimo, o rei receberia tres milhões de francos, destinados ao dote da princeza Helena que brevemente vae casar com um principe italiano. Sabendo que um deputado ia levantar essa questão no parlamento, o rei impoz o silencio do perturbador ao governo e este não achou melhor maneira de o conseguir do que comprando o chefe do partido socialista para que elle provocasse uma gréve de typographos. Com effeito, no dia em que o deputado em questão se referiu ao caso na camara, a gréve dos typographos era completa e durante duas semanas nenhum jornal poude sair. nem sequer o «Diario official». Assim se obteve que o projecto fosse approvado sem o povo ter conhecimento do escandalo a tempo de o impedir.

Mas agora que já o sabe, tendo mesmo feito por isso graves manifestações nas ruas, o rei encontra-se seriamente embaraçado: ou não assigna a nova lei, pondo em chéque o governo que o salvou; ou a asssigna e arrosta com uma revolução que, segundo todas as hypotheses, estalará no dia em que elle dér esse passo.

A Egreja e o Estado em França

O conflicto travado em França continua a excitar geral alvoroço no mundo civilizado. O Papa mantem a sua attitude intransigente, e o governo procura evitar que os catholicos cinjam a corôa do martyrio. Eis a summula da situação.

A escola chineza de S. Francisco, para onde queriam obrigar os japonezes a mandar os filhos

A escola principal, onde os japonezes não foram admittidos

UM CURIOSO CONFRONTO

Vida na sciencia e na industria

O PROFESSOR THOMSON

O PROFESSOR CARDUCC

O PROFESSOR MOISSAN

Premio Nobel de 1906

O premio Nobel

Foi a seguinte a distribuição este anno dos premios Nobel, cada um dos quaes tem o valor approximado de 35 contos de réis: Premio da paz, a Theodoro Roosevelt, presidente dos Estados-Unidos; chimica, ao professor Moissan, de Paris, pelas suas experieucias na isolação da fluorina, investigações sobre a natureza d'este elemento e applicação do forno eiectrico aos trabalhos scientificos; physica, ao professor Thomson, de Cambridge, pelas investigações porfiadas sobre a natureza da electricidade; medicina, aos professores Golgi, de Pavia, e Ramon y Cajal, de Hespanha, pelas suas obras sobre a anatomia do systema nervoso; litteratura, ao professor Giosué Carducci, de Bolonha, um dos mais notaveis entre os modernos poetas italianos.

A força do Zambeze

As cataractas Victoria, de que se occuparam os *Serões*, no seu numero 5 da presente serie, a proposito da grande ponte que as transpõe, vão ser aproveitadas como força motriz para as minas de ouro do Rand e para outros usos industriaes. Os iniciadores d'este gigantesco plano são Lord Kelvin, Mr. André Blondel, de Paris, o professor dr. Klingenberg, de Berlim, o dr. E. Tissot, de Basiléa. A ideia não é nova. Já fôra suggerida a Cecil Rhodes pelo engenheiro sir Charles Metcalfe, o qual com sir Douglas Fox, fez o projecto do caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Mas só depois da construcção da ponte se começou a dar-lhe o devido peso.

Consiste o plano em captar a agua do rio acima das cataractas e conduzil-a por um canal que deve passar sob a linha ferrea e acercar-se novamente do rio na orla da garganta. D'ahi correrá em tubos de aço por uns 115 metros até á casa onde estão installadas as turbinas. A agua desaproveitada vasar-se-ha no leito profundo do rio. Rodas de rapida rotação fornecerão uma corrente sufficiente para produzir uma força de 50:000 cavallos, a qual será transmittida atravez de umas 600 milhas de territorio africano por meio de portas de ferro galvanisado. Em varios pontos se installarão estações de accumulação para evitar perdas de energia.

Balão dirigivel Lebaudy

O balão dirigivel *Patrie*, de Lebaudy, ao qual já fizemos referencia, fez ultimamente importantes experiencias mi-

Estação hydraulica de accumulação

Estação do vapor

O APROVEITAMENTO INBUSTRIAL DAS CATARACTAS DO ZAMBEZE

litares em Moissan com exito favoravel. Manobrou acima das nuvens e operou descidas rapidas afim de tirar photographias e de lançar projecteis. Parece pois, que o exercito francez pode contar n'elle com mais um ex cellente valioso instrumento de guerra.

O BALÃO DIRIGIVEL «PATRIE»

O Niagara do Brazil

Acerca de seis dias de jornada de Buenos-Ayres, quasi na intercessão das fronteiras do Brazil, Paraguay e Republica Argentina, acham-se as admiraveis cataractas do Iguazu, pouco conhecidas pelos viajantes e rivalisando em magnificencia com as do Niagara e as do Zambeze, tão celebradas. A catadupa superior cae de uma altura de 60 metros, e depois o rio precipita-se n'uma serie de prodigiosas cataractas pelos dois lados de uma ilhota. Logo abaixo d'esta ilhota ha um novo salto de 23 metros. O espectaculo é um dos mais imponentes do mundo inteiro. Para se avaliar a importancia d'esta cataracta pelo confronto com as duas a que nos referimos, basta dizer que as duas cataractas do Niagara, a dos Estados-Unides e a da Ferradura, tem respectivamente 47 e 44 metros de altura. e 326 e 907 metros de largo; a cataracta Victoria do Zambeze tem 109 metros de alto, e de largura 1780 metros. Ora a do Iguazu tem a altura de 69 metros com 3 milhas e meia de extensão. A energia d'esta extraordinaria cataracta anda por 14 milhões de cavallos.

Navegação aerea

Nas duas estampas que inserimos, reunem-se todos os principaes typos de navegação aerea, até hoje apresentados. A primeira refere-se ás

CATARACTAS DO IGUAZU

machinas voadoras dos dois seculos precedentes. São os seguintes os typos apresentados: 1. O germen do aeroplano, a *Passarola* do padre Bartholomeu Lourenço, ensaiada em Lisboa, em 1709; 2. A carruagem da Companhia de Transito Aereo, de uma gravura de 1843; 3. O aeroplano brinquedo de Penaud, 1871; 4. A machina voadora de Caballero de los Olivos, 1895; 5. Machina voadora de Sir H. Maxim, 1893; 6. Aerodromo do professor Langley, 1896; 7. O *Avion*, machina voadora do gove.no francez, 1898; 8. Deslisador alado de Pilcher, 1899; 9. Deslisador de Hargraves, 1899; 10, Deslisador de Chanute, 1902; 11. Aeroplano dos irmãos Wright, 1904.

A segunda estampa apresenta alguns typos de machinas voadoras modernas. São, conforme a sua numeração, as seguintes:

1. O novo aeroplano de Santos Dumont; 2. O *Santos Damont VI* balão dirigivel em que o insigne

AS ANTIGAS MACHINAS VOADORAS

TYPOS MODERNOS DE AERONAUTICA

aereonauta brazileiro fez a primeira ascensão em Paris, a 12 e 29 de julho de 1901, tendo naufragado a 8 de agosto de 1901 e ganho o premio Deutsch de 100:000 francos a 19 de outubro de 1901; 3. Invento de Henri Villard, de Paris, ideia suggerida de uma umbrella de 7 a 8 metros de diametro, que revolve rapidamente como um motor; 4. Aeronave do conde Von Zeppelin, que fez ascensões no lago de Constança a 2 e 17 de julho e 21 de outubro de 1901; 5 Aeronave de Lebaudy *Le Jaune*, que ascendeu em Seine-et-Oise a 12 de novembro de 1903; 6. Aeronave de Ricardo Severo *Pax*, antecessor da outra *Vaugiraud*, que explodiu e cahiu de uma altura de 400 metros, causando a morte de Severo e do seu ajudante, em 12 de maio de 1902; 7. A nova aeronave Deutsch; 8. Aeronave *Ezekiel*, suggerida ao Rev. B. Cannon, de Pittsburg, por uma passagem de Ezequiel (III, 19); 9. Machina de Mr. Gustave Whitehead, imitando as aves, actuando o mecanismo das azas sobre um automovel que permittia percorrer a terra; 10. A *Patrie* de Lebaudy; 11. A aeronave de Mr. Leo Steven.

A casa «Monolithica» — HA muito que lá por fóra se manufacturam portas, janellas, varandas, etc., em grandes quantidades, promptas para se collocarem nos logares proprios; não tardará que se façam encommendas de casas de dimensões sortidas, sendo apenas preciso o terreno para as instalar, promptas a receberem a mobilia.

Na America tem-se desenvolvido extraordinariamente a construcção concreta e reforçada; e agora propõe-se Thomas A. Edison a construir (melhor diriamos a *fundir*) um edificio completo de uma só peça. Fazem se modelos metalicos correspondendo ás varias peças da estructura, e quando se quer proceder á construcção, esses moldes aparafuzam-se uns aos outros convenientemente, de modo que formem uma matriz completa do edificio projectado. Então introduz-se n'elle uma substancia em fusão até a encher de todo. D'ahi a alguns dias, quando a massa está bastante solidificada, tiram-se as secções do molde, e fica uma casa solida. A ideia do inventor é que todas as peças do edificio, fogões, chaminés, padieiras, embellezamentos architectonicos, escadas, pias, inclusivamente canalisações de gaz e de agua, fiquem completas de um só jacto.

Producção de phosphorescencia nos animaes — COM respeito á phosphorecencia dos animaes, affirma o professor Mac Intosh ser ella produzida por quatro methodos distinctos: 1.º por cellulas especiaes que segregam um muco phosphorecente; 2.º por cellulas especiaes que são phosphorecentes sem secreção visivel; 3.º por tecidos ordinarios sob a acção nervosa; 4.º por bacterias. A mais extraordinaria caracteristica é a ausencia absoluta do calor. Para produzir a luz do pyrilampo, embora fria, seria precisa, por processos ordinarios, a não ser pelo tubo Geissler, uma temperatura superior a 1:000 graus centigrados; e é esta notavel economia de energia na natureza que induz á esperança de maior efficacia na illuminação artificial.

Uma torrente sem desaguadouro — UM dos cursos de agua mais extraordinarios do mundo existe na Africa Oriental. Corre na direcção do mar, mas nunca o attinge. Mesmo ao norte do Equador, a poucas milhas do Oceano Indico, corre por um deserto fora, onde desapparece de subito completamente.

A luz dos pyrilampos — O orgam luminoso dos pyrilampos reside no abdomen. É uma secção arredondada, sob a qual existe uma substancia gorda que produz um brilho phosphorecente, como resultado de uma lenta alteração chimica. Pode-se considerar esta luz um farol de amor, o qual attrahe os machos alados e activos durante as horas de obscuridade, por isso que os pyrilampos teem habitos nocturnos.

Os olhos do macho são extraordinariamente grandes e desenvolvidos, sem duvida com o fim de o auxiliarem na busca da fêmea, brilhante, mas indolente.

Pedra-pomes artificial — É uma recente invenção germanica. É fabricada misturando areia e barro. Tem differentes graus, adaptando-se para a limpeza do couro, da esculptura e até da madeira e do metal. É muito mais duradoura do que o producto natural.

A mais valiosa rozeira do mundo — ATTRIBUE-SE a uma rozeira existente na cidade allemã de Hildersheim a espantosa edade de mais de mil annos. Apesar d'isso, cobre-se ainda de flores na estação propria. Ha annos um inglez offereceu por ella a quantia de 50:000 libras, que foi recusada.

A arvore mais alta — É o grande eucalypto de Gipland, na Australia, o qual tem 150 metros de altura.

Terceiro concurso photographico

dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA

A' HORA DA CALMA

Photographia do sr. Luiz A. Marques de Souza — Porto

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES
Nº 20 Fevº 1907
Marques

Summario

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte:

Uma paizagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paizagem).

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publcaimos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço da photographia: ....

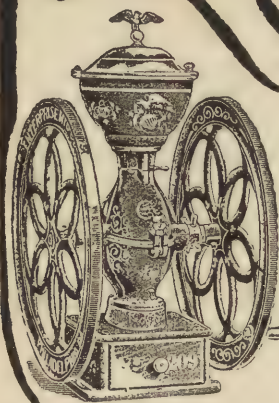
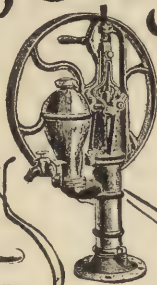
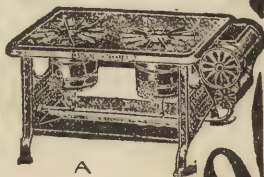
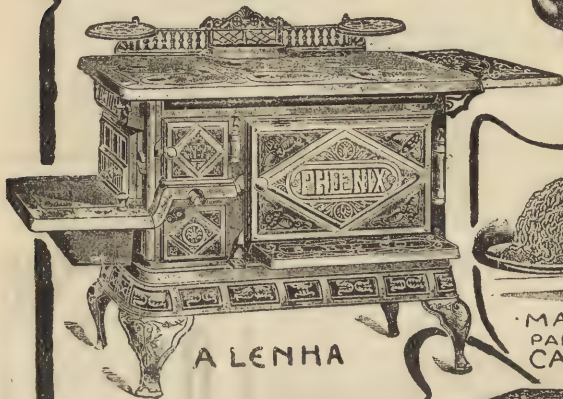
....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138 — No verso do enveloppe a indicação: Quarto concurso photographico.

Ottoni, Silva & Cia.

RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13 e 15
·TELEPHONE 912·
RIO DE JANEIRO

MOINHO PARA CAFÉ

BOMBAS

A PETROLEO·

A LENHA

·MACHINA PARA CARNE·

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS

A GAZ

Poock
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

A EQUITATIVA
DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos
SÉDE SOCIAL
AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)
FILIAL EM PORTUGAL

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Threnos — Por Jeronymo d'Almeida — Fol. de 80 pag. — Guimarães, 1906 — Versos que denunciam inexperiencia de forma, mas espontaneidade e graça poetica, dignas de apreço.

O Melhor Caminho — Dois actos em prosa por Luis da Camara Reys — Coimbra, 1907 — Cremos que estreia do auctor na escabrosa litteratura dramatica. Facilidade e levesa no dialogo, incerteza desculpavel na factura. Boa promessa.

Renascença — *Revista mensal de lettras, sciencias e artes* — Anno IV — Janeiro de 1907 — N.º 35 — Rio de Janeiro — Summario: — Dr. Vicente Machado — Dr. José Candido Ferreira — O estado do Paraná — Curytiva — Colonisação no Paraná — Paranaguá — Coração — Deslumbramento — Olhos velados — Antonina — Viação no Estado do Paraná — Incontentavel — Sim? — Dom Quichotte — Ao crepusculo — Sonata do luar — Chronica musical.

Accordãos do Tribunal da Relação de Loanda. — Anno de 1906.

A Crise Vinicola e a sua Soluçãa. — Pelo Dr. José Lopes Vieira — Summario: — Identificação da crise duriense com a do Centro do sul do paiz — Dados do problema da crise vinicola, sua discussão e resolução — Lançamento e cobrança do imposto de producção sobre vinhos.

La Lectura — *Revista de Ciencias y de Artes* — Año VII — Febrero 1907 — N.º 74 — Summario: — La casa da contratation de las Indias — Vasco de la Zarza, escultor — Las razones del «Arte Social» — Sociologia: Un programa — Crónica.

Construcção Moderna (A) — *Revista illustrada* — Anno VII — N.º 20 — 1 de Fevereiro de 1907.

Revue de la Société des E'tudes Portugaises — *Fondée à Paris em 1902 sous le haut patronage de Sa Majesté le Roi de Portugal* — Directeur: Xavier de Carvalho — 5.º Année — Janvier 1907 — N.º 4.

Revista Illustrada — N.º 1 — 16 de Fevereiro de 1907 — 1.ª serie.

Vinha Portugueza (A) — *Revista Mensal de Viticultura de Agricultura Geral* — Dedicado aos progressos agricolas e principalmente viticolas do paiz — Anno XVII — Janeiro 1907 — N.º 1.

Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola — N.ºs 1, 2, 3 e 4 — Janeiro de 1907.

Revista de Artilharia — Publicação mensal — 3.º anno — N. 29 — Novembro de 1906 — Summario: — Influencia da altitude sobre o angulo de tiro da boccas de fogo da costa — A artilharia de campanha de tiro curvo — Estudo sobre a região fortificada de Lisboa — Armamentos da bateria de costa — Variedades — Noticiario — Bibliographia.

A Cidade e os Campos — *Revista mensal illustrada* — N.º 8 — Fevereiro de 1907 — Anno I — Artigos principaes: — As leis nefastas — O Divino Raphael — O dr. Lopes Vieira — Mortalidade infantil — A missão das commissões de Beneficencia Escolar — Concurso litterario, etc.

Portugal Agricola — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — Summario: — Novo processo de alimentar as plantas — Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa — Revista das Revistas — Solução pratica da questão das carnes — A cultura do algodão e a industria algodoeira — Livros, conferencias e communicações — Informações e noticias — Secção official.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada.* — 3.ª Serie — Fevereiro de 1907 — N.º 36 — Summario: — O caminho de ferro e o porto da Beira — Galeria da Revista — Conselheiro J. J. Machado — O Gungunhana — Um novo paiz algodoeiro — As estradas no territorio de Manica e Sofala — Alguns usos e costumes indigenas de Sena — Relatorio d'uma viagem — De toda a parte — Chronica — Carteira da Revista.

Nova Silva — *Revista illustrada* — N.º 2 — 17 de Fevereiro de 1907 — Summario: João Chagas — A «Nova Silva» — Soneto — A liberdade e o calendario — Boa visinha — O carnaval no Porto — Amôr mystico — Avançando — Vulgarisação doutrinaria — A uma mulher simples — Varia — Typos das ruas.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — Anno II — Dezembro 1906 — N.º 12 — Summario: — Estudos sociaes — Fernando Brunetièr — A insinuação régia dos vigarios capitulares — Descanço semanal e descanço dominical — A questão social — Chronica social do estrangeiro — Bibliographia.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — N.º 12 — Tomo X — Summario: — Pelourinhos, cruzeiros e outros monumentos — Cruzeiros notaveis — O Pelourinho de Paredes de Coura — Acta da sessão de assembléa geral em 9 de julho de 1906 — O castello d'Evora-Monte — Casa onde morreu o poeta visconde de Castilho — Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo.

Os amadores

Quadro de Meissonier

Evora antiga

JANELLAS

DOS

Seculos XVI e XVII

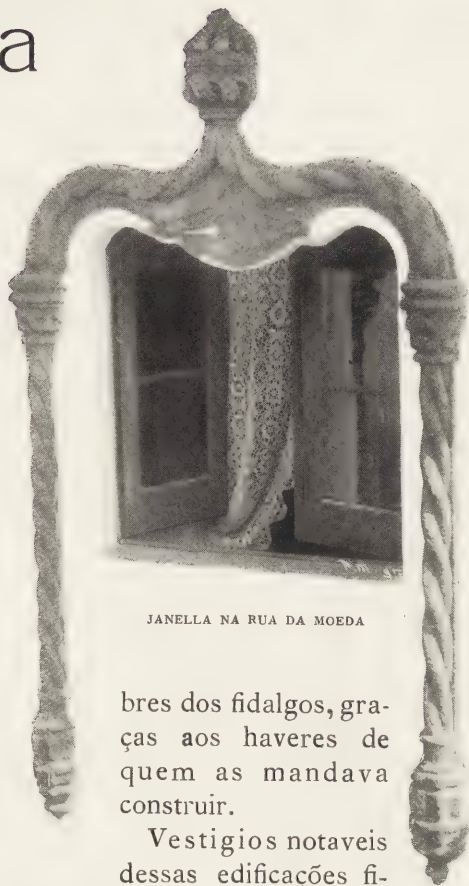
OR vezes foi Evora côrte de reis e morada de fidalgos e de ricos, nos seculos passados do viver autonomo de Portugal.

Por diversas vezes aqui esteve na primeira dynastia D. Fernando e sua côrte, habitando o antigo palacio dos Estáos, actualmente destruido, ou, antes, transformado. Na segunda, foi esta cidade côrte de D. João II, de D. Manoel, de D. João III, e por vezes de D. Sebastião. Filipe II visitou Evora na terceira dynastia.

Sem permanencia de consideração, aqui estiveram varios monarchas da actual dynastia até ao Senhor D. Carlos.

Com a permanencia da côrte, aqui mandaram construir seus palacios e casas nobres os fidalgos cortesãos, os senhores de grandes terras no vasto Alemtejo.

Desses palacios só subsistem hoje restos, com rarissimas excepções nos do Duque de Cadaval, condes de Basto (Castros das 13 arruellas) e no dos Mellos na rua Alconchel.

De crer devemos que assim como em Evora trabalhavam architectos famosos, que construiram a maravilha da egreja de S. Francisco, viessem outros ou os mesmos erguer as casas nobres dos fidalgos, graças aos haveres de quem as mandava construir.

JANELLA NA RUA DA MOEDA

Vestigios notaveis dessas edificações fidalgas são ainda pela cidade as janellas de muitos delles, em que não pouco tem que admirar o artista e o archeologo, e talvez mesmo que aproveitar.

Desenhos e boas execuções delles offerecem, se não absolutas novidades, amostras dignas de attenção e de estudo ás artes de desenho, a constructores, a muitos que estimam o nosso passado monumental.

Na diaria transformação por que vae passando a cidade de Evora, é conveniente e dever patriotico salvar por meio da estampa esses restos de uma passada grandesa artistica, que nobilitou esta nação a par das estrangeiras, e construiu Belem, a Batalha e Thomar.

Nesta contribuição exigua o fazemos, mandando á posteridade as re-

liquias subsistentes da grandesa artistica de Evora, acompanhadas de alguns dados historicos preciosos por melhormente serem avaliados.

FRONTARIA DA CASA DE GARCIA DE REZENDE

NA RUA DA MOEDA

Na antiga, estreita e tortuosa rua do Tinhoso, em Evora, hoje chamada da *Moeda*, uma das que da Praça de Geraldo descem para poente, para o bairro que foi dos Judeus, ha uma casa humilde de apparencia, actualmente, mas que póde ser o que resta de rica construcção, onde se vê a janella representada na estampa, na verdade, elegante.

Annos ha foi o nome de rua do *Tinhoso* convertido em rua da *Moeda,* não porque subsista documento que prove o ter sido n'aquella rua a *Casa da Moeda;* mas por perpetuar a memoria de que D. João I e D. João IV aqui a bateram, como é comprovado de numismas existentes em museus.

DA CASA DE GARCIA DE REZENDE

Da casa que pertenceu ao chronista de D. João II, Garcia de Resende, mais immortalisado no *Cancioneiro geral* do que na *Chronica,* que mais parece ser de Ruy de

JANELLAS DA RUA DOS INFANTES

Pina do que delle, fazem parte coeva as janellas representadas na estampa.

Formosas, e umas das mais lindas da cidade, maiormente a da direita, porque a outra parece ser uma imitação d'aquella, existem ellas á *Porta de Moura,* no sitio chamado antigamente *Paço de Selborosos.*

FRONTARIA DO PALACIO DE SEPULVEDA

Genuina do estylo *manoelino,* ou nacional, póde dizer-se que, tirante as que subsistem do palacio de D. Affonso de Portugal, de que adiante fallaremos, não tem a Evora actual mais elegantes.

Possa ella ser respeitada do camartello transformador, quasi sempre mandado de nescios executantes como de pouco illustrados mandantes.

NA RUA DOS INFANTES

As duas janellas, representadas na estampa, existem em casa humilde na rua dos Infantes. De quem fôsse tal casa em tempos antigos difficil, se não impossivel, é hoje o dizer-se.

Com tal desenho, outras não tem Evora actualmente, e só lhe conhecemos congeneres na casa nobre dos marquezes de Angeja, no Lumiar, em Lisboa.

DO PALACIO DE SEPULVEDA

Existiu o palacio de Manoel de Sousa de Sepulveda ao fundo da rua da Lagoa, em Evora, já perto da muralha fernandina.

Dado que fôsse do infeliz cantado de Camões e de Jeronymo Côrte Real, e não de um homonymo, de seu palacio pouco existe.

Adquirido, talvez por compra, pelo Cardeal D. Henrique, foi o palacio accommodado ao Recolhimento, que nelle fundára, de S. Manço para donzellas, donde o ter ficado este nome até ao presente ao transformado edificio.

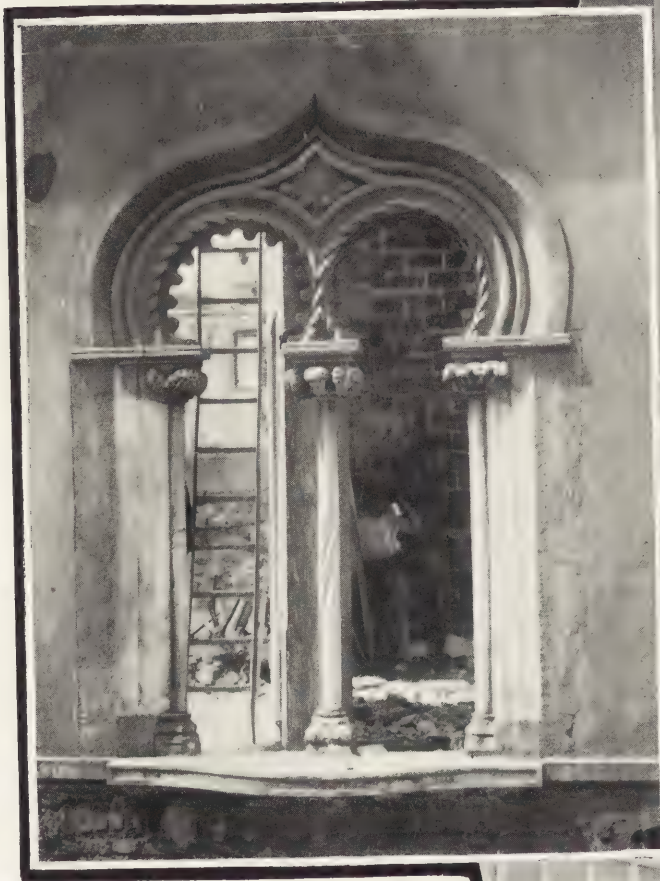
Na sequencia do tempo, este Recolhimento serviu de fabrica de moagens, soffrendo mais transformações, como ultimamente outras lhe fizeram, as

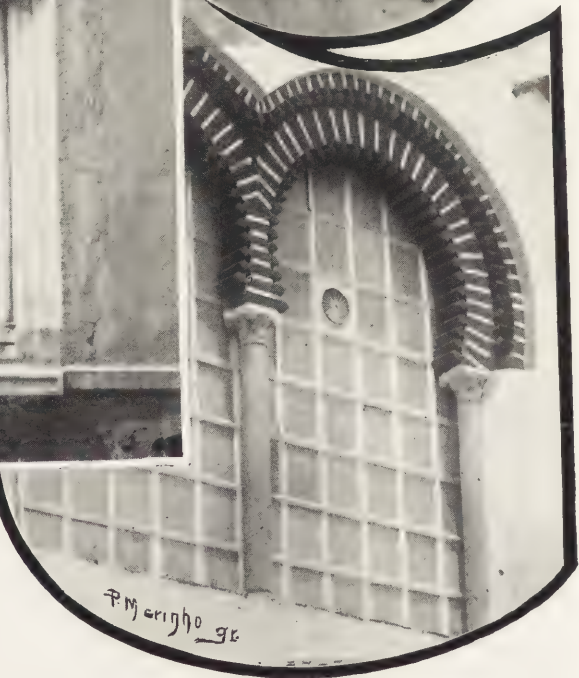
obras necessarias para servir, como serve, de *Adega regional.*

Póde affoutamente dizer-se que dessa casa nobre de Evora só existem encravadas na parede externa, que dá para a rua da Lagoa, as janellas represen-

JANELLA DA CASA DA CAMARA

JANELLA DA CASA DA CAMARA

JANELLA DE ESTYLO ARABE

tadas nas estampas, e nas paginas da historia de Portugal o nome tristemente lembrado de Manoel de Sousa de Sepulveda e de sua esposa D. Leonor, que

«Verão morrer de fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os cafres asperos e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente »

Esta segunda estrophe das tres consagradas, como é sabido, deram assumpto a Corte Real para obra de maior tomo, o *Naufragio de Sepulveda,* começado:

«Um successo infelice, um triste caso,
Um funesto discurso, a morte horrenda
De Sepulveda canto......

JANELLA NA RUA DA MISERICORDIA

JANELLA DE UMA CASA Á PORTA NOVA

DA CASA
DA CAMARA

São da antiga casa da Camara Municipal de Evora outras janellas que reproduzimos em gravura.

Mandára construir o edificio no seculo XVI a vereação de que fazia parte o grande cidadão João Mendes Cicioso.

Davam ellas para a varanda do edificio, donde, em 1637, os representan-

JANELLAS DA INQUISIÇÃO DE EVORA

JANELLA DO PALACIO DOS PEGAS

tes do povo soltaram dos labios ao povo, que na praça tumultuava, o primeiro brado de liberdade, o primeiro de independencia de Castella.

João Barradas e Sizenando Rodrigues ficaram, pelo facto, immortaes na historia de Portugal.

Vendido pouco ha, o edificio foi agora derruido até aos fundamentos, para no local ser construido um edificio para *Agencia do Banco de Portugal.*

Desappareceu pois, de vez, o edificio historico, que bem deveria ter sido considerado como monumento nacional, por ter sido nelle que se iniciou praticamente a realisação do que parecia um sonho, a liberdade portugueza, alcançada, finalmente, trez annos depois, por alguns portuguezes denodados, em Lisboa, no primeiro dia de Dezembro de 1640.

Fique neste vasto repositorio de cousas da patria ao menos um vestigio do historico edificio.

JANELLA DE ESTYLO ARABE

Em casa, que foi parte integrante da Inquisição de Evora, cujo pateo ainda conserva a porta por onde saiam os condemnados para os *Autos de fé,* existe a janella de arcos de ferradura no estylo arabe, compostos de tijolos moldados, como os que estão no jardim da cidade, por baixo da varanda dos paços de D. Manoel. Tem um *facies* de moderna esta janella, donde o poder-se conjecturar que seja ella uma imitação das do jardim publico.

Esta fórma de ferradura dada aos arcos, dá-nos a lembrar a existencia ainda em tempo de D. Manoel de artistas arabes em Portugal, como por sem duvida temos que os havia muito depois da expulsão delles do extremo occidente deste paiz. No castello do Alandroal ha disto vestigios indubitaveis.

NA RUA DA MISERICORDIA

A janella de esquina de casa, bipartida de columna, e não de columnello, como costumavam ser no seculo XVI, existe na rua da Misericordia perto da esquadra da policia civil.

Deve esta casa, em que se abre a janella, ser representante transformada do palacio dos condes de Farão, ou Faro, que desde o edificio actual da Misericordia até alli se prolongaria.

Encosta esta casa a uma torre do cinto de uma muralha romana, em cujos baixos existe a capella de S. Manços e mais recordações tradicionaes do santo.

Á PORTA NOVA

A janella representada na estampa existe á Porta Nova em casa humilde, revelando grande antiguidade.

Foi este aproveitamento do tijolo a cutelo muito usado em Evora em cousas congeneres. Ainda n'um ponto ou outro da cidade se veem construcções semelhantes, revelando muito bom gosto, como no miradouro das freiras do mosteiro do Calvario e no do convento do Salvador. Esta janella, porém, dá tanto nas vistas ao visitante da cidade e lhe prende tanto a attenção, que apropriado nos pareceu o dar de taes construcções noticia e amostra ao leitor.

DA INQUISIÇÃO

N'uma casa que foi da Inquisição de Evora, olhando ao largo da Sé, hoje do Marquez de Marialva, existem as janellas representadas na photographia : estão na parte do predio que dá para a rua de Vasco da Gama.

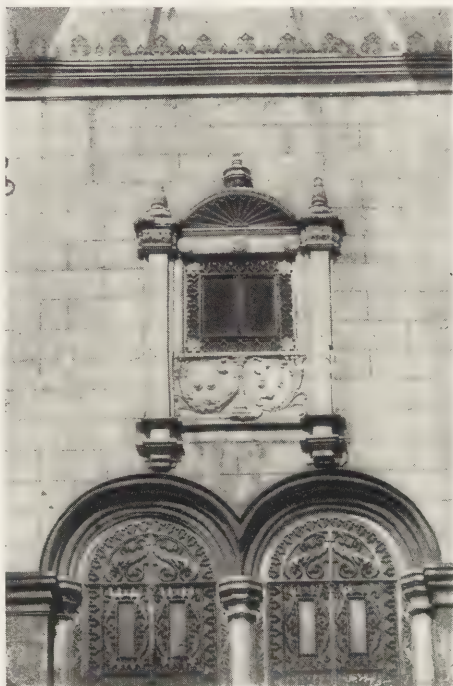
Datadas de 1637, não pertencem ellas ao seculo aureo não só de letras, mas das artes em Portugal. Recommendam-n'as a simplicidade e os esgrafitos que encimam a casa, especie que abundava na cidade e vae quasi extincta. Era uma ornamentação trabalhosa, mas elegante, como se vê das estampas, e que esteve em uso por toda a Europa.

Poucos mais existem na cidade.

DO PALACIO DOS PEGAS

Diz-nos a tradição que fôra do palacio dos Pegas, em Evora, a janella formosa e ampla, que a estampa representa.

Comprado nos ultimos tempos do viver do Dr. Barahona, foi por sua ordem accommodado ao edificio do correio, em que está.

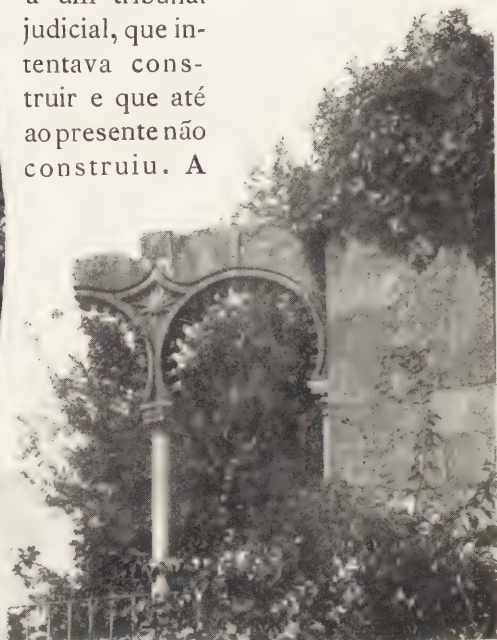
Tinha elle para a rua do Paço uma janella manoelina, muito linda, que se apeiou, e ouvimos que fôra cedida por cem mil réis a um forasteiro, que ao tempo das obras se achava na cidade. A nosso pedido ao fallecido benemerito, foi conservada a que a estampa representa, que olha para o pequeno quintal do palacio, composto, como todos os do seculo XVI, de grandes salas de tectos esguios, encimados de penduraes de madeira bem ou mal trabalhados.

PAÇOS DE D. MANOEL, NO JARDIM DA CIDADE DE EVORA

Não se vê da rua publica esta janella elegante, mas sómente do interior do edificio.

DOS PAÇOS DE D. MANOEL

Da cupula do atrio de entrada para a *Galeria das Damas* dos paços reaes de S. Francisco, ou de D. Manoel, são as lindas janellas de que damos exemplar em gravura.

Variadas nos desenhos e bem trabalhadas do cinzel offerecem ellas em Evora especimens unicos no genero.

desacato á arte contribuira o quererem aproveitar umas columnas que a Camara Municipal comprára com destino a um tribunal judicial, que intentava construir e que até ao presente não construiu. A

JANELLAS DO PALACIO DO BISPO D. AFFONSO DE PORTUGAL
NAS RUINAS FINGIDAS DO JARDIM DE EVORA

A *Galeria das Damas* só tem hoje da primitiva a parte inferior, tendo sido modificada com infelicidade na parte superior de modo a representar uma estufa envidraçada, que destoa formalmente do estylo do edificio. Para este estampa de todo o edificio bem claro mostra a infelicidade do acabamento.

Estes paços reaes tanto se adeantavam pelo convento de S. Francisco que os frades se queixavam amargamente da absorpção. Já quasi todo o convento

PAÇOS RECONSTITUIDOS DE D. MANOEL, NO JARDIM DE EVORA

pertencia ao palacio, já por elle se communicava a côrte com a egreja, onde existia a regia tribuna, a que anda presa a lenda galante dos amores do pintor *Grão Vasco* com uma dama da côrte, a qual fora surprehendida um dia na tribuna a rir e a zombar do pintor. Pintava elle o quadrinho subsistente do Anjo S. Gabriel. Não levára a leviana dama a melhor, porque o artista, por vingança da galhofeira, poz no rosto do diabo, que pintava, o rosto della, permanecendo o escandalo de demonio tão formoso por alguns annos, até que um Guardião do Convento o fez cobrir de uma nuvem grosseira como permanece.

O anjo S. Gabriel encadeiando a uma nuvem! Tão destoante é isto no quadro, aliás formoso, que bem poderia, por isso, assim originar a lenda referida.

DO PALACIO DOS CONDES DE VIMIOSO

São as ultimas janellas deste artigo um reflexo material de uma epopêa de nobresa, de estudo, de saber, de valor nas armas, de gentilesa no paço, de garbo e dextresa nos torneios e, por fim, da *bohemia* tão deploravel que chegou a ser cantada nas guitarras do tempo:

«O conde do Vimioso
Um grande golpe soffreu
Quando lhe deram a nova
Que a Severa já morreu» (1)

Foram tão lindas janellas do palacio dos condes do Vimioso, vindos do pe-

(1) Cigana conhecida em Evora e Lisboa.

nultimo bispo de Evora, D. Affonso de Portugal.

Creatura não das boas graças de D. João II, solteiro ou não, foi elle compellido a se ordenar de presbytero, ao tempo em que já era pae de trez filhos.

De modo insufficiente se esclarece o ponto da legitimidade delles, como o da causa do desamor do rei para o pae: uma bastardia talvez que naquelles tempos fosse cousa vulgar e bem recebida, até no alto clero. Bastardo fôra D. João I.

Elevado a bispo de Evora, viveu elle com seus filhos, ou no paço episcopal, ou no palacio fronteiro á sé, donde foram as lindas janellas, por elle mandadas edificar, ou pelo filho D. Francisco, primeiro conde do Vimioso.

Na sequencia dos tempos foi este palacio ter ás mãos de um particular, o qual lhe mandou arrancar as formosas janellas para as substituir por outras de ogiva lanceolada e de alvenaria esboroante, como ainda existem.

Parte dellas encontrou Cinatti em montão de pedras, quando, antes de 1866, fôra convidado a delinear o passeio, o jardim da cidade de Evora, e nelle aproveitou as subsistentes, concebendo as ruinas do passeio, em que as aproveitou.

Abraçadas por heras, hoje, são de uma poesia singular e de um encanto notabilissimo, especialmente de tarde, a quem atravéz dellas vir o sol poente no céo sem nuvens.

Ao que as contemplar sem attenção, dão ellas ideia perfeita de ruinas verdadeiras e reaes, e não producto architectonico da mente inflamadamente artistica do bondoso italiano, que aqui conhecemos pessoalmente em 1870.

A. F. Barata.

LINDOS OLHOS

A Olavo Bilac

Lindos olhos! sois tristes como o abismo:
vosso esplendor engana os corações!
Como do «radium» as emanações,
vós penetraes tambem nosso organismo!

Lindos olhos, de um terno sensualismo,
que viveis a cantar ternas canções:
sois indomaveis como dois leões,
olhos crueis de sentimentalismo!

Lindos olhos! sois tristes como o oceano,
mas tendes um poder mais soberano
do que a prece de um justo quando implóra!

Lindos olhos! si o pranto vos invade,
eu penso, em lendo a vossa falsidade:
— assim tambem o crocodilo chóra...

Oscar Brisolla.

O FUGIYAMA

Album de Exotismos Japonezes

Ora, eis aqui está o que se chama — modestia á parte, — um excellente titulo para um livro que tratasse do Japão. Sahiu-me dos bicos da penna agora mesmo, por acaso; e, francamente, se me propozesse refundir as minhas impressões escriptas sobre o paiz nipponico (calamidade de que julgo salva a paciencia do leitor), seria sob esta epigraphe suggestiva que as daria de novo á luz da publicidade, subordinadas ao plano que do proprio titulo se deprehende: — uma gravura, uma illustração qualquer (preferindo á photographia o traço livre do pincel); e, ao lado, algumas linhas apenas, que lhe completassem o sentido. — Nós, os occidentaes, somos decididamente os homens dos longos tratados da sciencia de matar pulgas, das vastas encyclopedias dos processos para fazer crescer o cabello, ou, em termos mais sisudos, os homens das explanações enfadonhas, das minucias interminaveis, os homens da analyse, n'uma palavra; convindo accrescentar que nem sempre as proporções do assumpto se encontram á altura do extremo escrupulo nos detalhes. Os japonezes, pelo contrario são, por indole, por educação, os homens da synthese; aprazendo-se em resumir a maneira de exprimir a emoção sentida, aproveitando da scena vista apenas os traços capitaes, deixando o resto ao cuidado da imaginativa individual — o leitor em litteratura, o contemplador em arte. — A obra impressiva do europeu é geralmente uma amplificação; a obra do japonez é geralmente uma miniatura.

Ajuntarei eu agora que a existencia forçada, durante annos seguidos, n'este meio onde me encontro, ter-me-ha naturalmente embebido um tanto o espirito das preferencias d'este povo. Para o caso que citei, agradam-me mais as phrases curtas do que as largas divagações á volta de um assumpto; parecendo-me que, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento no difficil mister da concisão, o «desideratum» litterario — embora nunca attingivel — seria o de escrever um livro com uma só palavra; essa, porém, tão bem escolhida, tão persuasiva, tão intensiva, tão perfurante, que fôsse prompto ferir a imaginação do leitor, como um punhal — salvo seja — que lhe atravessasse o peito!...

O TIRA-OLHOS

Disse — um «desideratum» nunca attingivel. — Para casos especialissimos de aguda morbidez, de affectibilidade exaltada, é concebivel o livro empolgante com uma só palavra. Ao homem que se morre de amores, que chora um ente querido que lhe fugiu dos braços, que mais emocionante leitura se lhe poderia offerecer, do que a d'este simples termo — *Saudade* — ?... Ao avarento, que mais commovente epopéa do que este outro vocabulo — *Thesoiro* — ?... Estou-me referindo á psychologia do europeu. O japonez, em pleno equilibrio da sua mentalidade, conhece o livro de uma só palavra e com elle se deleita: é o *gaku,* o quadro suspenso da parede, contendo uma unica phrase, um unico symbolo, um unico caracter, sobre que os olhos se poisam com amor, no remanso do lar; phrase, symbolo, caracter que, pela interpretação que se lhe deve attribuir, e tambem pelos rasgos calligraphicos do pincel que o desenhou, impregnados da nervosidade affectiva do auctor, e ainda pela suggestão do meio ambiente, acorda no mysterio sentimental do nipponico uma successão de ideas captivantes, que o prendem, que o enleiam, que o deliciam... Ora, não se poderia, com effeito, imaginar livro melhor!...

Não perdendo de vista que não somos japonezes, mas cingindo-me quanto possivel ao principio em que acabo de insistir, vou offerecer aos leitores um capitulo de impressões — não um livro, — mas ao qual outros capitulos virão possivelmente succeder-se; apparecendo a illustração, e ao lado a phrase que a complete, curta, concisa, fugindo aos longos devaneios, que são como que pedaços do rojante manto de velludo com que a dama Rhetorica, por petulante garridice, tanta vez se apraz em revestir-se, quando se acerca de manso da secretaria onde escrevemos...

FUJIYAMA

A subida ao monte Fuji, o sagrado Fujiyama, é peregrinação muito em valia entre nipponicos; exequivel apenas durante o fim de julho e todo o mez

de agosto, quadra que corresponde á grande força dos calores n'este paiz. A chusma indigena, algum estrangeiro occasionalmente se reune.

Os que lá vão contam após as proprias impressões, inolvidaveis, do espectaculo imponentissimo, quando, cerca da cratéra, entre terra e céo, tendo aos pés vagos amontoamentos de nuvens pardacentas, contemplam as divinas auroras, os sublimes occasos, vaporisados no fundo do azul immenso. Poucos lá sobem porém, relativamente. No entanto, a parabola graciosissima da montanha e a alva cabelleira do vertice, constituida por eternas neves, avistadas do mar alto desde longa distancia, avistadas do solo em treze provincias ao redor, são bem conhecidas do japonez, e tambem do estranho que pisa o solo de Nippon. Para mais, a litteratura e a arte empenharam-se em divulgar profusamente a maravilha, aqui, em toda a parte. Na boceta de charão, no bule de porcelana, no circulo da ventarola, na face do biombo, em mil outros artigos, vos apparecerá frequentemente o traço do Fuji. Não se poderia mesmo conceber o Japão sem este monte: elle é, por assim dizer, o symbolo heraldico d'este paiz de delicio-

POSTURA RESPEITOSA NO JAPÃO

A RÃ

sas chimeras, de requintados exotismos...

AS ILHAS TIRA-OLHOS

Uma vez, ha muitos seculos, ha cerca de 2600 annos, o imperador Simmu, que foi o primeiro na lista dos imperadores d'este paiz, teve o capricho de subir ao cume de uma alta serra, na provincia de Yamato, com o fim de relancear todos os seus dominios, que bem resumidos eram; e então, após haver lançado em torno da scena a vista e reflectido um tanto, virando-se para os varões que o acompanhavam e traçando no espaço, com a mão aberta, um gesto amplo, proferiu uma augusta observação, pouco mais ou menos como segue: — «As minhas terras têem a forma de um tira-olhos, quando inclina o corpo para lamber o rabo.» — Desde aquella éra remotissima, um dos varios nomes por que é conhecido o imperio japonez é *Akitsushima,* que quer dizer: — as ilhas Tira-olhos.

A RÃ

A rã, sem duvida a *kajika,* a rã de canto suave e harmonioso, que habita as margens das ribeiras rumorosas e delicia, em certas ho-

ras, os ouvidos dos nipponicos, inspirou um poeta dos velhos tempos, o qual lhe dedicou a seguinte poesia:

Té wo tsuité,
Uta moshi-aguru
Kawazu kana!...

Isto, traduzido, dá pouco mais ou menos:

Poisadas as mãos no chão,
Soltas canticos fagueiros
Em reverente postura,
Rã dos ribeiros!...

Para comprehender devidamente esta amavel referencia, convem saber, se se não sabe, que a postura respeitosa, com que o japonez dirige a palavra a um superior, é a postura de joelhos, inclinando o corpo para a frente e poisando no chão as duas mãos; tal como a rã...

A CRIADINHA

A dama japoneza está longe de viver entre quatro paredes, na reclusão que é peculiar á sua visinha, a chineza. Encontramol-a nos theatros, encontramol-a nas lojas comprando os seus vestidos, em peregrinações aos templos, em excursões aos campos. No entretanto, a maior parte do dia, vota-se ella — e bem haja — ao seu lar, ao seu jardim, n'um ninho de paz e de mysterio, occulta ás vistas dos profanos.

Decididamente é a criadinha quem desde manhã até á noite dá vida ás habitações para o forasteiro, que passa de largo e relanceia. Na sua existencia em pleno ar livre, eis que ella se põe a sacudir o pó da casa junto da varanda escancarada, ou sáe fóra a regar a rua junto á porta, ou cerca, lava a roupa, ou lava o arroz, ou amanha verduras, ou tira agua de um poço, ou passeia uma creança que se lhe escarrancha sobre as costas. Dá gosto vêl-a. A criadinha, pela graciosidade do seu typo e do seu trajo, pela gracilidade do gesto, pelo sorriso perennal que lhe esvoaça no fresco rostinho côr de rosa, é, mesmo occupada nos seus mais infimos misteres, uma das gentilezas do Japão.

A CRIADINHA

No lar, na intimidade patriarchal da vida japoneza, a criadinha é designada por titulos familiares, não humilhantes, mas derivados da sua condição hierarchica, inferior á de todos os membros da familia. É de preceito porém que o estranho lhe dê um tratamento respeitoso, o que põe bem em relevo a forma amavel da cortezia n'esta terra; este tratamento é de — *Ané-San,* a Senhora minha mana mais velha. — Gracioso, pois não é?...

TAMA-GHIKU

Aproveito—egoismo reprehensivel?... — aproveito um cantinho d'esta pagina para estampar, a titulo de recordação pessoal, a veronicasinha authentica, repassada de enlevo exotico, de languido mysterio asiatico, de uma certa *musumé* que algumas vezes vi; acompanhando a illustração do seguinte ligeiro commentario, que é a sua inteira biographia:

Tama-Ghiku, o Malmequer Precioso, é uma *gheisha* de Kobe; dizem os conhecedores do genero que uma das mais graciosas na cidade, de entre o enxame; e parece ponto assente que a primeira de todas pela melodia da sua voz, quando solta dos labios velhos cantares da lenda, acompanhando-se da inseparavel guitarra indigena, o *shamisen,* cujas tres cordas de fio de seda choram amores, sob a percussão, sob a pressão, dos seus finos dedos muito alvos, feiticeiros. A rhetorica occidental compara por vezes a voz das gran-

TAMA-GHIKU

A GERAÇÃO NOVA

des cantoras á do rouxinol dos bosques; comparêmos modestamenta a voz de *Tama-Ghiku* á da rã das ribeiras...

A GERAÇÃO NOVA

Desde o inicio da guerra que ha pouco terminou, desde a noticia das primeiras victorias ganhas nos campos da Manchuria, entrou e está entrando, por este Japão dentro, uma tremenda multidão de arremedos de usos e de costumes europeus, que é mesmo coisa de espantar!... As tendencias para a transformação já se iam manifestando de longa data; mas agora é positivamente a febre, é o frenesi, é o delirio. As creanças, especialmente, encarregam-se de fornecer fartos exemplos d'esta verdadeira mania pelas innovações, isto sobretudo nos grandes centros — Tokyo, Yokohama, Kobe, Nagasaki, Nagoya, etc. — Parece que a intuição juvenil não pode comprehender heroes sem chapeo, sem calças, sem saias, sem meias, sem sapatos... e conseguintemente sem callos. Fóra com o *kimono* e fóra com as sandalias!... Esta geração nova, — rapazes e raparigas — frequentando hoje as escolas primarias e pullulando por todas as ruas das cidades, accusa em mil detalhes, á nossa observação em pasmo, a curiosissima epocha de transição por que o Japão está passando. Esta geração nova constituirá em breve trecho, dentro de quinze annos, a massa da força viva da nação -- força dirigente e força de trabalho. — Confiemos em que, embora a sua exterioridade caricatural se mostre susceptivel de todos os arrojos, a alma nipponica, dotada de tão nobres dotes, de tão galantes predicados, permanecerá inalteravel, inattingivel. O habito não faz o monge. Em todo o caso e considerando apenas um cantinho da face esthetica do prisma, se por exemplo vos apraz contemplar, *touriste* amigo, a belleza de um pé nú de *musumé,* nunca deformado pelo contacto do coiro de um sapato, poisando em desenvolturas ondulantes sobre a palha immaculada da sandalia, vinde depressa, muito depressa!...

A DISCIPULA DE RABECA

A DISCIPULA DE RABECA

Um dos variadissimos productos d'esta febre de europeanismo, a que estamos assistindo no paiz do Sol Nascente, é a discipula de rabeca. Ainda até ha poucos annos, a japoneza, no tocante a prendas musicaes, contentava-se com o popular *shamisen,* com o delicioso *koto,* especie de harpa, mas collocado horisontalmente sobre a esteira, e com mais dois ou tres instrumentos de puro typo indigena, modestamente resonantes e moderadamente exercitados. Agora já nos ameaça com o martyrio das valsas martelladas ao piano; e ha já a discipula de rabeca, que encontramos cirandando pelas ruas, sobraçando a enorme caixa negra, lugubre, a lembrar um caixãosinho de menino.

Um caricaturista de certo periodico de Tokyo, n'um comico presentimento da futura existencia nacional do seu paiz, desenhou ha pouco tempo a seguinte pagina humoristica: — A gentil dona da casa delicia-se com a rabeca, imprimindo ao arco tremente os soluços da propria inspiração; o filhito rabuja a um canto, esperneia sobre a esteira, com fome talvez do seio; e é o pae que o acalenta, buscando em vão acalmar-lhe o azedume... — Se isto assim continua e vier a estalar uma segunda guerra com a Russia (do que os deuses nos defendam), serão os maridos que fiquem em casa a tomar chá e as japonezas que marchem para o combate?... Não duvidemos de que os russos se renderiam sem demora, com armas e bagagens, os babosos... Mas tenhâmos esperança em que o feminismo japonez não subirá a taes alturas...

OS MEUS AMORES

E porque não?... Quem ha que não os tenha, mesmo aos cincoenta annos, mesmo aos sessenta annos, mesmo á beira do tumulo?... Ora pois, não se riam, porque o caso não é digno de motejo, e escutem o que digo... Os meus amores resumem-se presentemente n'uma gata, cuja effigie me apraz aqui apresentar, — gata japoneza, de côr branca levemente salpicada de negro, lindos olhos amarellos e sem rabo...

Kobe, Julho d 1906.

A vida de relações do homem, no que respeita o «Eterno Feminino», — phrase exuberantemente proferida, mas não banal de modo algum — poderia dividir-se por capitulos, como um enredo de romance; começando pelo prologo, que corresponderia á idade inconsciente, para a qual o supremo bem reside no meigo seio maternal; seguindo-se-lhe uma longa serie de peripecias affectivas, commoventes, ou burlescas, tendo por fito a mulher; té os ultimos annos da existencia, quando então não é condição indispensavel que o ente dos nossos affectos tenha de enfiar um chapellinho de plumas na cabeça e de perfumar de almiscar o fino lenço de cambraia; o que é preciso é que nos olhos lhe brilhem doçuras de perdão, de piedade, de condescendencia pelos nossos afagos, isso que é como que a benção derradeira com que a consciencia universal nos gratifica — subtilissimo apanagio do sexo delicado, mas independente das especies.

Ora, na quadra psychica e chronologica em que me encontro (admitto uma influencia particular de determinadas eventualidades da existencia), asseguro-lhes, justificando-me, que não ha mais digno altar para o nosso culto pelo «Eterno Feminino» do que uma gata japoneza, de côr branca levemente salpicada de negro, lindos olhos amarellos e sem rabo...

WENCESLAU DE MORAES.

OS MEUS AMORES

ELISABETH BROWNING

A portuguesita de Wimpole Street

Isabel Barrett Browning um dos mais interessantes e originaes typos de mulher com que se honra a litteratura inglesa. Primogenita de Eduardo Multon Barrett, d'uma familia de origem inglesa, da Jamaica, e de Maria Grahan Clarke, de Fenham Hall, nasceu em Coxhoe Hall, residencia de seu tio Samuel Multon, no condado de Durham. A sua saude, extremamente debil, exigiu sempre os mais assiduos e ternos cuidados, e talvez pela doença lhe vedar os jogos e folguedos, proprios da idade, se lhe inclinou o espirito á poesia, quasi *desde o berço*. Aos oito annos já fazia versos, e aos dôze compôz a *Batalha de Marathona*, que seu pae mandou imprimir e distribuiu pelos amigos.

M. Barrett era um homem muito jovial e até um pouco zombeteiro, mas extremamente sensivel e autoritario. Prohibiu a todos os filhos o casamento, talvez por entender, como todos elles, excepto a poetisa, que não se podía formar familia com um rendimento inferior a nove contos de réis annuaes. Fosse ou não, o que é certo é que a tres, que lhe desobedeceram, no numero dos quaes estava Isabel, nunca perdoou, nem quiz vêr.

Não o censuremos; é tão difficil descriminar factos, e sobre tudo intenções! Lembremos antes que elle era *muito sensivel* e que, não raro, um sentimento exagerado leva á pratica d'um acto mau.

Lamentemol-o; privou-se, e aos netos das santas alegrias de avô. Soffreram estes, inconsciente e despreoccupadamente, o castigo, que doeu aos paes e, talvez mais que a todos, ao proprio, que o dictou, que os filhos confessam ser pae ternissimo.

Era Isabel a sua valida; tinha n'ella a mais viva e justificada vaidade; sentia necessidade de a rodeiar de tudo que lhe podesse ser util ou agradavel. Quando mais tarde a doença a prostrou no leito, vinha elle mesmo muita vez trazer-lhe flôres. A filha era o seu idolo: elle seria encantador, se não fosse despótico, mas... quem não tem o seu *senão?* A mãe, absorvida pelos cuidados caseiros e já minada pela doença, que aos quarenta e oito annos a victimou, tinha menos enthusiasmo pelos trabalhos litterarios de Miss Barrett sem comtudo se desinteressar d'elles.

No circulo da familia, Isabel era adorada. Seu tio Samuel, seus irmãos, seu primo João Kenyon, o grande philantropo, que involuntariamente lhe deu a felicidade, (foi elle que volvidos annos a relacionou com Roberto Browning e depois de casada lhe estabeleceu um rendimento com que podessem viver desafogadamente) todos á uma porfiavam em incondicional admiração. Isabel, se não fôsse a intolerancia paterna e a doença, poderia dizer: Sou a

mulher mais feliz do universo; e, ainda assim, foi das mais felizes. O espirito pôde comprazer-se-lhe na permuta de bellas e altas ideias com Lytton, Carlyle, Kinglake e outros; Tennyson lia-lhe Maud até ás duas e meia da manhã, e, mais que tudo isso, «*O rei dos mysticos*», como ella chamára o insigne poeta Browning, foi seu marido desde dôze de setembro de 1846: é um cumulo! A gloria tinha-a attingido, mas o que é ella comparada ao amor para um coração de mulher?

Roberto Browning dizia d'ella:

«Meio d'ave, meio d'anjo, um amôr lyrico.»

Isabel Barrett escrevia-lhe:

«Sim, ha amôr em todo o universo: o nosso.»

Os seus corações batiam unisonos, as suas mentes voavam a par. Tinham o ceu na terra.

Browning chamava-lhe a sua «portuguesita», e este gracejo fôra originado pelo poemeto «Catharina a Camões» e pelos sonetos que elle, Roberto, lhe inspirára. N'um retrato da illustre poetisa, que se publicou por occasião do centenario do seu nascimento, que a Inglaterra celebrou, notei que a sua physionomia era mais meridional do que muitas meridionaes: n'um rosto oval, de feições finas, que emmoldura uma sedósa e opulenta cabelleira, que lhe cai sobre os hombros em longos anneis, destacam-se uns bellos e expressivos olhos. A sua figura não tem o ar d'avesita timida com que, na sua ternura, o marido a descreve tanto no physico como no moral; mas na harmoniosa irregularidade de todo o seu conjuncto ha não sei quê d'inspirado e quasi divino, e não de infantil, como tenho ouvido, que faz lembrar Santa Cecilia. Estou até em suppôr que as almas se lhes assemelhavam, porque a musica é poesia, e a verdadeira poesia é musica, e d'uma e d'outra eram ellas sublimes interpretes. Intitulando a sua obra *portuguesa*, Mrs. Browning honrou-se e honrou-nos; por isso a nós, mais que a nenhum outro povo, cabe sauda-la: é esse o fim que me proponho, visto que até hoje ninguem o fez.

ELISABETH BARRETT BROWNING

O seu poemeto e sonetos não seriam mais quentes nem intensamente sentidos, se tivessem sido escriptos sob o nosso ceu azul, sem nuvens, á luz do nosso deslumbrante sol, do que fôram na brumosa Londres, n'um triste quarto de doente, na sua casa de Wimpole Street. É, na opinião de muitos, a sua melhor obra os «Sonetos traduzidos do português» e, não inferior a esta, reputo o encantador poemeto já citado. N'elle, Catharina mórre emquanto Camões está longe, e faz allusão ao poema em que o grande épico, e não menor lyrico, relembra a dôce expressão dos seus olhos. Contém, como os sonetos, a par do irreprehensivel da fórma, uma suavidade deliciosa de expressão; é esta, a meu vêr, uma das

prendas que mais distingue Mrs. Browning. Catharina tem a mente e coração resignados, mas sente uma saudade infinita, que um ciume, ligeiramente humano, torna mais pungente. Que magoa que elle possa dizer dos olhos d'outra:

> «Estes olhos tão meigos, que por outros
> Em tempo algum se viram egualados.»

Depois no canto XVIII o seu caracter revela-se-nos inteiro quando exclama com sentida indignação:

> «Meus olhos, que fazeis? perfidos, perfidos,
> Tão sem razão gabados, se verteis
> Uma lagrima só na esp'rança d'outra
> Que dos seus olhos caia...»

E, quando emfim a alma despe todas as vaidades da carne, enuncia o desejo, tão generosamente feminil, de que elle possa encontrar outros olhos, mais meigos do que os seus. Que santa elevação n'esta renuncia moral de quanto lhe foi vida e alegria!...

ROBERT BROWNING

«Os sonetos traduzidos do portuguez» são a historia do seu coração. Ha n'elles a dôr do espirito aparelhado ao sacrificio quando exige:

> «Affasta-te de mim, que para sempre
> Na tua sombra fico.»

O receio do abandono vivamente expresso no final do soneto XV:

> «Sinto além da memoria o esquecimento
> Como se olhando d'alto sobre os rios
> Enxergasse inda além um mar de magoas.»

E a mais nobre e elevada resignação quando escreve:

> «Viver d'amôr, porém, sem uma esp'rança,
> Amar-te, mas dizer-te face a face
> Que renuncio a ti.......»

E por ultimo o grito do invencivel e immorredouro amor, quando supplica:

> «Ó dize ainda uma vez, e muitas mais, que me amas.»

As obras de Mrs. Browning são um limpido crystal atravez do qual se lê claramente no seu nobilissimo coração e vasto espirito. Tinha, vê-se, todas as requintadas delicadezas, todo o excesso de affecto d'uma alma perfeitamente creada á imagem e semelhança da Grande Alma, que nos rege. Ha n'ella muito de divino e pouco de humano. Atravez dos seus escriptos é facil ve-la em diversas epocas da sua vida. Creança, devaneando nos jardins de Hope End, emquanto sobre os joelhos lhe descança Homero ou Eschylo, alegre e animada, inclinada sobre a mesa de estudo, procurando com seu irmão Eduardo decifrar uma phrase grega, mais ou menos arrevesada, que lhe mereça á lição um elogio de Stuart Boyd, distincto hellenista, que lhe servia de mestre; na adolescencia, occupando-se do «Ensaio sobre o raciocinio», trabalho didactico na meditação do qual o rosto expressivo da sua auctora devia tomar um ar grave e reflectido, que faria certamente um delicioso contraste com a sua phisionomia ainda infantil. É sympathico ver como ella elogia calorosa e sinceramente a romancista Maria Roussell Milford, George Sand, e outras contemporaneas suas, como as olha modesta e admirativa, não lhes sendo em cousa alguma inferior, no seu innato enthusiasmo por tudo o que é bello e grande, e no espontaneo encarecimento com que falla de todos os verdadeiros talentos desde o escriptor ao artista; vê-se que é alma lavada de todo o mesquinho sentir.

Aos vinte e dois annos ei-la no escabroso dever de ser mãe dos seus irmãos e consoladora de seu pae de quem preconisa a fortaleza d'alma, e que ama quasi com a adoração devida a Deus; o pae é para o seu coração ternissimo um ser infinitamente superior.

Que dor não seria a sua na perda provavel d'esse affecto? — Paga-se tão caro a felicidade ás vezes!... Depois, quando a fortuna paterna se embaraça, é ella ainda que tenteia, repara, pondera, suggere, instiga, e ajuda os seus a supportar alegremente as tristes vicissitudes e perdas; e embora lhe sangrasse o coração ao vêr vender Hope End, onde passara a meninice e lhe faltára a mãe, é com o sorriso nos labios que passa a Lidmouth e d'ahi a Londres.

Ha muitas vezes nos seres physicamente fracos uma robustez moral, que arca victoriosa com sacrificios e energias, que prostariam muitos fortes. Mrs. Browning pertencia a esse numero. No seu quarto de Wimpole Street,

condemnada pela doença ao leito, ei-la resignada lendo as suas obras a João Kenyon, o sympathico creoulo, confidente, amigo e animador enthusiasta dos seus trabalhos.

Depois, n'uma villegiatura em Torquay, surprehendeu-a rudemente a morte de seu irmão Eduardo no naufragio da *Belle Sauvage.* A dôr desinteressou-a de tudo por longo tempo; com o seu caracter excessivo devia ser assim.

Mais tarde, sahindo do affectuoso conchego do ninho paterno, que confrangimento não seria o seu pensando nos que deixava! que amargura não seria a sua escrevendo a Roberto Browning:

«Se eu renunciar a tudo por ti, farás tu o mesmo? Serás tudo para mim? Não lamentarei nunca a perda de quanto tenho amado?»

Só um coração de mulher ou de poeta pode comprehender bem os mil e contrarios affectos, desejos, saudades e temores, que se debatem no espirito d'este ser affectuoso e bonissimo n'uma tão lamentavel colisão. Foi largamente compensada dos seus sofrimentos encontrando no marido tudo ou mais do que desistira.

O seu *tudo*, como ella diz em mais de uma referencia a Browning, amou-a do mesmo amor, e o seu mutuo carinho, talento e gostos uniram-se, ou para melhor dizer, entrelaçaram-se estreitamente e cada vez mais até que a morte, sempre brutral e violenta aos felizes, os separou cruelmente. Foi em Florença que Isabel adoeceu gravemente; conscia do seu estado, revestiu o fragil corpo da energia do espirito para poupar ao homem que amava a menor dor. Ella não queria custar-lhe uma lagrima, e n'uma heroicidade simples, como tudo o que é grande, sabendo o vacuo que deixava n'aquelle coração tão seu, privou-se das doçuras d'uma despedida grata decerto ao seu coração de mulher e de poetisa; teve animo de estar, para o illudir, fazendo projectos para o proximo verão e — sacrificio supremo entre todos os outros! — não beijou o filho. Prohibiu-se de envolver n'um ultimo e mesmo olhar esses dois entes queridos que eram todo o seu amor. Elle era *tudo;* tudo lhe sacrificou.

E, após phrases da mais viva e repassada ternura, foi dizendo-lhe sentir-se *magnificamente* que ás 4 e meia da manhã de 30 de junho de 1861 se desprendeu da terra aquella alma de eleição ou antes a deixou apparentemente: *Elle ficava...*

Quem póde sondar os mysterios da morte e o poder d'um infinito amor?

Ella partiu? talvez, mas praz-me antes pensar que o acompanhou sempre, sombra muda e invisivel, até que a implacavel morte, ceifando-o, lhe juntou o seu *tudo.* Então poderam ambos repousar a par, como tinham vivido, em Westminster, na infinda paz do tumulo, na gloria, que a gloria terrestre não attinge nem perturbará jamais.

Maria Pereira d'Eça O'Neill.

ASPECTOS DE S. CARLOS

REGINA PACINI

O titulo d'este artigo deve traduzir com sufficiencia os intuitos discretos de quem se propõe apenas referir, com os salpicos de leves considerações, alguns casos e coisas vividos n'um theatro que por largo tempo deu o tom, e ainda por muitos annos fornecerá, naturalmente, o motivo principal da grande symphonia mundana que ao bater o inverno, esgrouviado e desabrido, rompe na capital lisboeta.

Nós contentamo-nos em vagabundear á tona do assumpto, como quem não tem rumo certo. Confiamo-nos quasi ao acaso, o que talvez não seja mau de todo attenta a natureza do thema em vista, porquanto foi quasi sempre aos baldões do acaso que o nosso theatro d'opera atravessou um periodo mais que centenario.

De S. Carlos são tantos os pontos de partida para a interminavel pradaria das reflexões! tantos os themas susceptiveis de variações trabalhadas! tantas as verdades a mudar de côr segundo aquelle que as proclama! tantos e tão variados os acontecimentos de que tem sido theatro!

Não existem, pois, intenções da nossa parte de juntar novos annaes aos de S. Carlos, para o que seria mister apresentar os factos com a filiação e na sequencia exigidas pelos sagrados direitos da Historia. As contas que deveria haver entre o theatro da côrte e essa rigida matrona, liquidou-as o sr. Francisco da Fonseca Benevides na valiosa obra intitulada *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, onde para todo o dilettante são para louvar no mesmo elevado gráo o espirito d'imparcialidade e a paciente investigação.

Bom Deus! que medonha trabalheira seguir o nosso Lyrico junto á extensa linha quebrada por que elle é symbolisavel nas suas multiplas vicissitudes!

Com tal somma d'aspectos é para lastimar que a moda, em tudo mettediça, nem o jornalismo poupasse ao seu auctoritarismo apeando o plebiscito para tornar corrente a *interview*.

Se assim não fôra, viria agora a pêlo uma consulta sobre qual o lado mais interessante por onde encarar o nosso theatro lyrico. Uma das perguntas seria naturalmente:

S. Carlos e a Arte. Aspecto pouco votado: não é de bom raciocinio perder-se o tempo com questões inconciliaveis.

LUIGI MANCINELLI

MARINO MANCINELLI

GUILHERME COSSOUL
DALMAU
RAFAEL KUON

Viria depois:

S. Carlos e o mercantilismo. Este seria prosaico e descompassadamente longo, velho como é a acompanhar S. Carlos logo nos seus principios, nos tempos em que havia empreza que, a titulo d'uma qualquer compensação, pedia lhe deixassem importar quinze mil moios de trigo, e pretendente a ella que nas condições da proposta incluia a do privilegio exclusivo d'introduzir em Lisboa, isenta de direitos, quanta aguardente quizesse.

Depois viriam muitos outros; entre elles:

S. Carlos brigão. Hoje, com o regimen dispeptico a que parecem sujeitos os *dilettanti*, seria logo posto de banda; supposto, porém, que vingasse, não faltaria ao articulista material para escolher, a começar por uma refrega em fevereiro de 1814 em que d'um ou mais camarotes vieram parar á platéa pratos, garrafas, copos, ossos e quantos projecteis houve á mão, provenientes do botequim, n'uma tormenta promovida por um grupo luso-britannico de desordeiros, cuja sanha os da guarda nacional foram incapazes de conter. Este aspecto poderia derivar para sanguineo, retinto, quando recordado um conflicto surgido em 1824 nos corredores de S. Carlos entre um medico e um militar, ambos estrangeiros, e terminado a poucos passos do theatro por seis punhaladas traiçoeiras vibradas pelo militar no outro dilettante que se chamava Ardouin; e de tetrico que o aspecto era assim, sombriamente revestido, de brigão como se apresentou a principio, poderia colorir-se de phantasia, ser esturdio e aventuroso, evocados os nomes de José Vaz de Carvalho, D. João de Menezes, Sant'Anna e Vasconcellos, Luiz Forjaz e d'outros homens d'animo irrequieto e enthusiasta, assignalados na bohemia dourada de ha cincoenta annos atraz.

S. Carlos politico, S. Carlos e o enthusiasmo civico, S. Carlos subversivo (convém não esquecer que em 1828, S. Carlos, hoje a pacatez em theatro, soffreu a determinação de lhe mandarem fechar as portas, como perturbador da ordem publica) podiam apresentar-se em globo, subordinados ao mesmo rotulo, por se-

rem aspectos por demais conhecidos nas suas modalidades, de paginas pertencentes a varios livros como o supracitado, de Fonseca Benevides, *Lisboa d'outros tempos*, de Pinto de Carvalho. *Summario de varia historia*, de Ribeiro Guimarães, *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho, *Excentricos do meu tempo*, de Luiz Augusto Palmeirim, paginas a que, reunidas em volume, se poderia dar o titulo de *S. Carlos anecdotico.*

S. Carlos impudico. D'este aspecto seria figura em fóco uma tal Fiorina, amante de Marcos Portugal, com quem a policia se mostrou féra a termos de mandal-a sahir do reino, como qualquer acrata, pelo motivo tão simples de se apresentar em S. Carlos n'uma *toilette* quasi calcada no estylo primitivo.

EVA TETRAZZINI

S. Carlos desbragado. Justifica o extranho titulo um episodio sobrevindo durante a epoca tumultuosa dos *barilistas* e *boccabadattistas*, e que mostra como a exaltação d'animos fez S. Carlos competir em phraseologia com o Café do Refilão. Entre os partidarios da Boccabadatti havia um tal Salema, capitão da guarda nacional, para quem grande satisfação era fazer exasperar a Barili. A certa altura d'uma recita, não está averiguado que partida o boccabadattista fez á Barili, mas é historico que ella no meio de uma cavatina, á falta de melhor projectil,

REY BALLA

na *Africana*

VITALI

HELENA THEODORINI

descarregou-lhe esta apostrophe: — *Sargento di milicia, sargento di...* (fecho da phrase, *le mot de Cambronne.*)

S. Carlos e os artistas recalcitrantes. Já quasi ninguem se recorda do *pied de nez* feito pela Patti, findo o primeiro acto da *Carmen.* Dos dois casos mais modernos, um, de Paderewski, é recentissimo. Conhece-o Lisboa inteira de vêr noticiado nos jornaes que este pianista, tão talentoso, quanto telhudo, como o incommodasse a loquela d'algumas espectadoras, suspendeu a execução d'uma sonata para directamente lhes dizer que o magoava immenso perturbar-lhes a conversação. O caso da Cavalieri, a meia duzia d'annos já decorridos não o apagaram da memoria de quem assistiu a essa recita sensacional. Conhecimento intimo de *vieux marcheurs* dinheirosos, Lina Cavalieri era, sem favor, uma mulher modelar nas linhas ondulantes do corpo, no rosto oval, correctissimo de feições, o cabello farto e ondeado á heroina de d'Annunzio, negros os olhos que longos cilios velavam de melancholia. Pisou o palco duas vezes na *Nedda* dos *Palhaços.* Na primeira noite, o publico absorto na contemplação da plastica, mal pensou na voz; na segunda, porém, cuidou em ouvir a esbelta cantora, e então ella por mais sorrisos que lhe florissem no rosto não logrou chegar ao fim da opera.

A pateada, surda a principio, foi crescendo até lhe fazer crer que a carreira em S. Carlos estava terminada; a meio do 1.º acto, a Cavalieri, compenetrando-se d'essa verdade, serviu-se dos torneados braços e dos dedos afilados para um gesto ultra-desdenhoso, depois do que se foi com o desembaraço de quem levava tenção formada de não voltar a Lisboa. E pena é que não volte, porque, á força d'estudo, a Cavalieri é hoje artista afamada.

S. Carlos amoroso. Assumpto é este de que se faria um livro ancho e corpulento como um antiphonario. Imaginemol-o sem proemio para não o avolumarmos ainda mais. Enfiando logo no objecto a historiar, o capitulo a abrir seria o amor casto, d'olhos baixos, ares pendidos, o amor sentimental, feito de suspiros e anceios, o amor á portugueza, o amor para bons fins, para o que a Sicard, de quem ha muito só a memoria resta, com a novella da babucha, daria um romance á Julio Diniz. Titulo da obra: *O Sapatinho da Sicard.* Ou então a Sannazaro, da qual se devem ainda recordar alguns vetustos *dilettanti*, visto que a sua belleza peregrina a tantos enfeitiçou. Guilherme Cossoul foi um dos que lhe pretenderam a mão.

Para amores d'outro genero, com fins mais decididos, os que nasceram na alma de fogo d'uma aristocrata pelo barytono tambem aristocrata no porte e na arte de cantar que foi Filippe Coletti.

Tambem chegaria a vez ao amor ligeiro que, embora ephemero e doidejante, se compraz em operar pela calada da noite, envolto em negra capa e de chapéo meio derrubado pretendendo occultar pupillas a chammejarem de volupia. Aqui entra em scena o marquez de Niza com as suas ousadas proezas, qual d'ellas a mais conhecida, como a do rapto da cantora Olivier, levado a effeito com todos os matadores: *travesti* da heroina, extrema dedicação d'amigos, sége improvisada em aconchegado ninho e batedor afamado, d'antes morrer que parar.

Estes foram amores d'opera-comica; mas, annos antes, outros houve em S. Carlos que, pelas especiaes circumstancias que os revestiram, se deveriam considerar de tragedia lyrica. Foram os da cantora Luiza Mathey com o irresistivel Luiz Mendes de Vasconcellos, cuja inconstancia levou a pobre Mathey a apparecer na *Norma* nas mesmissimas circumstancias de desespero da protagonista da inspirada opera. Este pequeno rol de factos amorosos é méra pitada de subsidios para um estudo que, tratado por mão destra, deveria prender muitas attenções. Todavia, entre os aspectos de S. Carlos, existe ainda um que, quando aberto o plebiscito, talvez os vencesse a todos. Eil-o:

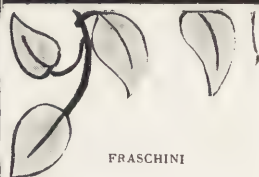
S. Carlos e o publico.

No que apresenta a um tempo d'abstracto e de real; de conciso e de diffuso; de força esmagadora e d'energia inconsistente; de subtilidade de matizes e fortes colorações, — o publico, hydra de mil cabeças para os que o temem, e simplesmente acephalo para os que o desprezam, tem sido e será sempre objecto d'analyse para psychologos de polpa, como Tarde, Le Bon, Pasquale Rossi e muitos mais. E' pena que desde alguns annos uma boa parte dos nossos intellectuaes se tenham desacostumado de frequentar S. Carlos, pois nenhum recinto como o lyrico offereceria aos nossos primeiros criticos de costumes campo mais vasto d'observação, maior abundancia de problemas sociaes a resolver. Formular-se-hiam curiosis-

simas conclusões da idiosyncrasia da gente lisboeta.

Longe de nós o intuito d'analysar-lhe o funccionamento organico e os phenomenos especiaes da sua maneira de ser. Com escalpello d'estanho como seria o da nossa penetração critica não iriamos além da epiderme do assumpto. Mas, como para nós é este o preferido dos aspectos de S. Carlos, não fugimos á tentação de, como simples esboço, apontar as phases principaes da evolução do publico.

FRASCHINI

Da liberalidade d'um grupo de capitalistas e dos esforços pertinazes de Pina Manique proveiu o nosso Theatro de S. Carlos, assim denominado em homenagem á collareja coroáda que foi D. Carlota Joaquina, a qual dois mezes antes d'inaugurado o theatro, havia dado á luz o primeiro rebento do seu auspicioso consorcio com aquelle mais tarde conhecido por Clemente por estulta indulgencia de quem assim o cognominou.

CRESCI

NAUDIN

Após curto tempo d'existencia, viu-se logo sob que desfavoraveis auspicios o theatro fôra aberto. Por uma ou outra noite d'intima satisfação como as recitas de gala, para o brilho das quaes o sanhudo intendente da policia caprichava em que nada faltasse, desde a ornamentação exterior e interior do theatro, até ás lautas ceias offerecidas aos convidados e a que tanta honra fazia o principe D. João; por esses momentos passageiros e custosos em que a vaidade de Pina Manique inchava de jubilo, quantos outros elle não teve de amargura, porquanto n'esse tempo era elle quem sanava todas as difficuldades levantadas dentro e fóra de S. Carlos. O que hoje de relativo a S. Carlos está sob a alçada do ministerio do reino, obras publicas, governo civil, ou edificio onde alto poder se abriga,

dependia então, unicamente, da intendencia geral da policia. Questões com os emprezarios, sérias dissidencias entre artistas, cancans de bastidores qual d'elles mais desaforado, de tudo isso houve em barda; mas para Pina Manique que tanto concorreu para a construcção do theatro, o dissabor mais fundo foi a escassa concorrencia. Tornou-se então preciso conceder subsidios ao theatro. Os primeiros foram dados em metal, ou papel ainda n'essa occasião facilmente convertivel. Depois, a penuria augmentara; mas como urgisse inventar para S. Carlos novos meios de protecção, permittiu-se-lhe a exploração de loterias, á qual por não dar ainda o sufficiente foi ajuntada outra, a da concessão exclusiva das casas de tabolagem, que foram quatorze.

As gulodices e os mimos terminaram com a morte de Pina Manique. Alguns annos depois dá-se a invasão de Junot, nome que em S. Carlos ficou significando femeeirismo e prepotencia, e durante os 27 annos seguintes, assignalados por novas invasões francezas, ancias de libertação da influencia ingleza e encarniçadas luctas intestinas, S. Carlos nenhuma acção exerceu na propagação do gosto musical. Tanto assim que em 1834, readquirindo o theatro a normalidade, o acontecimento occorrido a dentro do palco lyrico, por amor do qual a indignação do publico explodiu n'uma pateada feroz... Sabem qual foi? Um *padidu!* uma qualquer coisa choreographica, não exhibida por doença d'um dos dois bailarinos que a deviam executar!...

Ameaçado d'encerrar-se após a curta gerencia do emprezario Antonio Porto, o Theatro de S. Carlos teve, emfim, a sua época de magnificencia, quando de 1838 a 1840 o conde de Farrobo assumiu a empreza do theatro. Indubitavelmente, foi este o tempo aureo de S. Carlos. Nunca n'elle tinha existido, nem existiu depois, um ar de grandeza tão deslumbradora. Se á beira dos camarotes as formosuras emergiam d'entre os velludos lavrados e as mais trabalhosas rendas, refulgindo de pedrarias, no palco era tambem enorme o fausto na *mise-en-scène* esplendida e no conjuncto de cantores dos melhores da época. Com tudo isso, o conde de Farrobo ainda não logrou que o publico frequentasse regularmente S. Carlos. Com tudo isso e mais outras

VOLPINI — MONGINI — SQUARCIA

JUNCA

Os creadores do FAUSTO em S. Carlos

BENEVENTANO

BOTTERO NANNETTI

Léon, e o governo, sempre bode expiatorio nas solvencias das difficuldades de S. Carlos, salda-lhe a conta e toma a si o theatro, conservando-o até que a uma empreza se succede outra em que Campos Valdez faz a sua aprendizagem, e chega-se afinal á época de Cossoul & C.ª. Com esta empreza entra o theatro no seu periodo mais sympathico, n'aquelle em que postos de lado intuitos de ganancia, elle foi dirigido no sentido de concorrer para o cultivo esthetico do publico.

Sendo raras as vezes em que Cossoul nos seus ultimos annos de vida apparecia em S. Carlos regendo a orchestra, já o não vimos empunhando uma batuta em que os competentes reconheciam qualidades superiores, entre as quaes avultava essa escrupulosa meticulosidade, propria dos musicos para quem o exercicio da arte é um culto a ella prestado. De Guilherme Cossoul assistimos apenas ao enterro, n'uma aspera e acinzentada tarde de novembro, d'aquellas em que a natureza parece incumbir ao vento varrer das arvores o resto da folhagem. De quando em quando soltavam-se do céo fortes aguaceiros a engrossar o tapete de lama sobre que os pés enregelavam. No emtanto, lembra-nos que em S. Pedro d'Alcantara, onde assistimos ao desfile do funebre cortejo, era muita a gente a abrir alas á passagem do carro dos bombeiros voluntarios conduzindo o corpo de Cossoul. E' que o finado pertencia a uma privilegiada raça de homens que attrahem a ponto d'impôr a sympathia de todos. A sympathia do povo, porque se houve coração humanitario foi o d'elle; dos profissionaes da sua arte, porque ella não teve obreiros mais sinceros do que elle; da classe aristocratica, porque esse homem que accorria a medir-se com os perigos d'um incendio e privava com os musicos executantes a ponto de com elles usar de brincadeiras — era um partidista incansavel! — só admissiveis entre intimos, era o mesmo que se distinguia no porte e na conversação nos salões em que triumphavam o espirito e a elegancia.

vantagens que poderiamos apontar como, entre outras, a respeitante ao artigo 12.º do regulamento do theatro que facultava ao publico ao baterem as dez horas reduzirem-se os preços a metade, isto é, 300 réis a platéa geral e 480 a superior. Esta determinação é prova manifesta de como Farrobo conhecia o publico com quem tratava, porque era approximadamente a essa hora que principiavam os bailados, então sumptuosos. Mas tudo embalde, e gastos 40 contos em duas épocas, o conde de Farrobo deu-se por satisfeito.

A partir d'essa época, começou a decadencia de S. Carlos. Algumas quadras d'enthusiasmo provocado por artistas como Tamberlick, Stolz, Novello, Alboni, Castellani, não são mais que breve rememoração de noites grandiosas. De mão em mão, rastejando sempre, o theatro lyrico chega a ponto de não poder satisfazer os seus compromissos. Surge o conflicto com o famoso choreographo Saint

Não devia ser muito d'appetecer a exploração de S. Carlos em 1864 com a platéa mal semeada de *habitués* e a critica no estado deploravel de desmoralisação em que se revelara nas temporadas antecedentes augmentando as difficuldades creadas ao commissario do governo pelos caprichos e vaidades dos artistas em voga. O muito que os tempos mudaram, mostra-o o facto de quando do conflicto entre a Tedesco e o então commissario D. Pedro do Rio haver um só jornal, a *Revolução de Setembro* que a elle não foi desaffecto. Documento de como então, com excepções, os chronistas lyricos se entendiam com os artistas, é uma brochura intitulada: *Les Péchés du Théatre de S. Carlos, par Un Humoriste.* Quem quer que a escreveu, litterariamente, nem era humorista, nem coisa alguma. Não sahindo do rez do chão da Europa, humoristas foram Mariano de Larra, em Hespanha, e Camillo na nossa nesga peninsular. O auctor do livrinho não foi mais do que uma creatura de mãos limpas, com repugnancia a certos tunos a quem já não bastavam os cumprimentos dos cantores, os sorrisos das primadonas, os jantares em que a animação crescia com os vapores do borgonha até chegar ao *cheio* da troca de protestos por entre os goles de champagne das melhores marcas. Eram peores que aquelle clerigo de Tirso de Molina que:

> *nunca a Dios llamaba bueno*
> *hasta despuès de comer.*

FRANCISCO D'ANDRADE

ANTONIO D'ANDRADE

se desdobravam de todo o sudario dos elogios, era fixando o preço aos cantores. Eram a eschola e os processos de Fiorentino, embora empregados sem o espirito d'este famoso birbante da critica, que tendo amavelmente extorquido a Meyerbeer mil francos por occasião da estreia d'uma opera, como não conseguisse obter mais de quinhentos, dias antes da primeira representação d'uma outra, teve o desgarre de escrever que a nova partitura de Meyerbeer valia metade da precedente do mesmo compositor.

Essas e outras difficuldades removeram-n'as o tacto e o bom humor de Cossoul e de Valdez. N'essa época tornava-se favoravel aos emprezarios a acquisição de cantores. Assim se explica que n'um theatro em condições economicas longe de prosperas, durante nove annos se tivesse ouvido um nucleo d'artistas como Mongini (vindo da empreza anterior á de Cossoul), Naudin, Nicolini, Cotogni, Merly, Squarcia, Bagagiolo, Petit, o buffo Bottero, a Borghi-Mamo, Volpini, Rey Bala, Carlota Marchisio, Barbara Marchisio, a Lotti, a Fricci e ainda outros cantores de valor.

D'entre todos esses nomes destaca-se o de Pietro Mongini em tão poderoso relevo que ainda hoje os *dilettanti* de ha 40 annos quando evocam esse tempo saudoso chamam-lhe o de Mongini. E' que, ao que nos teem contado Mongini parecia reunir predicados artisticos que no seu equilibrado conjuncto não se encontravam em nenhum outro tenor. Em tempos a esses proximos, o tenor Miratti com o ventre pantagruelico barbaramente espartilhado, nunca poderia dar um artista com o desembaraço preciso. Fraschini, o inolvidavel Fraschini do *Baile de Mascaras*, pertencia á classe dos cantores immoveis. Escolhia a parte da ribalta que acusticamente lhe fosse mais favoravel, e depois... que o ouvissem.

Recuando mais, teriamos então o typo do tenor de que o Fancelli do nosso tempo foi curioso exemplar, com o seu gesto predilecto de acariciar o abdomen; iriamos emfim topar com o tenor ultra-material, bovino de passo, desazado de fantasia, abundante de voz e tão intemerato comilão, como beberrão insaciavel. Taes foram, entre outros, Baldanza e Swift. Este ultimo deixou o nome vinculado á historia anecdotica de S. Carlos n'um episodio impagavel, que não resistimos a referir:

No correr de Janeiro de 1853 deu-se a *Lucrecia* com elle e a Rossi-Cassia. Como por demais é sabido, depois da barulheira da *stretta* da introducção, os companheiros de Gennaro deixam-n'o só, encostado a um banco, onde deve adormecer em obediencia á rubrica. Apparece então uma gondola, guinando mais ou menos, segundo a destreza da mão que puxa a corda a que vem presa, e d'ella, envolta no proverbial negrume das vestes, sae *Lucrecia*, cautelosa, pé aqui, olho acolá, sem que no emtanto lobrigue a espial-a o quarto dos seus maridos. Canta o *larghetto*, volta a cantal-o, e ao concluir a cadencia, Gennaro deve acordar e levantar-se. N'essa tal noite, até esta altura do acto, nada houve de extranho; mas chegado o momento do tenor se erguer o caso mudou d'aspecto. Lucrecia puxa-o, aperta-o, sacode-o, belisca-o como deviam beliscar unhas de Borgias... Mas tudo esforços vãos: o panno teve que baixar, porque um desmando alcoolico inhibira de pôr-se em pé o tenor Joseph Swift!...

Com antecedentes como este e outros, para cuja descripção o espaço não chega, no que respeita aos *galans lyricos* em S. Carlos até á época de Mongini, imagine-se que adoração o publico chegou a sentir por elle; o que não impediu que d'um embate de caprichos d'este artista e dos *dilettanti*, resultasse o seu nome não apparecer no elenco a partir de 1868. Pois, apesar do valor immenso de Mongini e do muito merito dos cantores citados, a empresa Cossoul & C.ª só conseguiu consecutivas enchentes com o *Fausto* quando dado pela vez primeira em Lisboa e tão bem cantado como, ao que dizem, nunca mais aqui o foi. Sete annos mais tarde, em 1872, é que o theatro foi bastante frequentado com a vinda de Cotogni. Quanto ás outras temporadas, receita e despesa, quando muito, orçaram uma pela outra. O unico a ganhar foi o publico que inquestionavelmente se educou. Para nós é ponto assente que se alguma vez se justificou a fama d'entendida da nossa platéa, foi durante e empresa Cossoul. E' tempo que vôa, o decorrido a ouvir quem conheceu muito de perto S. Carlos n'essa época, evocar recordações do que o theatro era na intimidade da sua vida artistica; a ouvir, por exemplo, Emilio Lami, um dos directores d'orchestra d'então.

Precisamente, porque o espirito do publico se esclareceu no ponto de vista lyrico durante essa época, é que d'ella data a entidade de director d'orchestra, olhada geralmente até ahi como figura subalterna, passar a merecer a

condigna consideração artistica. Cessaram emfim os tempos em principios dos quaes Marcos Portugal, já operista consagrado, auferia como regente da orchestra de S. Carlos, 672$000 réis emquanto ao primeiro bailarino eram pagos 1:000$000 réis.

Desde Cossoul até hoje os *maestri* mais notaveis foram: Dalmau, Kuon, Marino Mancinelli e Luigi Mancinelli.

Durante a desastrada empresa Ferreira & C.ª se algum brilho o theatro teve, ás primadonas o deveu. Foi o periodo da Galetti, com a voz já em farrapos, mas com o temperamento ainda incolume; da Duval; da Ortolani; da Sass, cantora de tão grande voz, como estatura. A Ortolani, sua antecessora em S. Carlos, era pelo contrario uma mulher delgada e flexuosa, d'uma elegancia a frisar por um coquettismo de muito preoccupar o contrapeso d'um marido, cuja escriptura ella, com a sua, impunha a todos os empresarios. Quando com a mulher esteve em S. Carlos, era já Tiberini um tenor pilado, que á falta d'outras prendas conservava a de vocalisar muito regularmente, motivo este por que o seu escanzellado corcel de batalha era a *Matilde de Shabran*. Tudo isto são impressões d'outrem. Tão novo era quem agora as sirze, que de volta de S. Carlos a pergunta unica que lhe dirigiam sobre a recita, era se a pateada havia sido grande, tão repetidos eram então os fiascos! Todavia, lembra-nos ainda d'uma passagem da rossiniana *Matilde de Shabran*, quando a Ortolani, n'um duetto com o marido, arregaçando a saia entremostrava um pé que devia ser adunco e minusculo, um pé como até ahi não fôra visto em S. Carlos, porque ao pôl-o a possuidora um pouco mais a descoberto, era de notar o sussurro produzido n'esse momento pelos *dilettanti* ao soerguerem-se de repente, como se uma mesma mola os impellisse a todos. Maior que a d'elles não seria ainda a anciosa cupidez d'um enxame de garotos, quando um amador de scenas movimentadas atira para o meio d'elles uma moeda qualquer para os vêr cahir-lhe em cima!

ADELINA PATTI

Em 1878 a *Aida*, distinctamente apresentada em Lisboa por Cepeda, Biancolini, Bollis e Aldighieri, vinha quebrar o desconsolo em que o theatro se arrastava. E' d'essa época, tambem, o *Requiem* de Verdi, com a de Giuli-Borsi, Biancolini, Fancelli e Uetam. Mas foi passageira a aragem de fortuna, tanto que vindo a seguir á companhia italiana um grupo magnifico de artistas de opera-comica de que o tenor Lhérie era o coripheu entre cantores do merito de Dereims, da Dévriés-Dereims, de Odezenne, d'um comico soberbo, chamado Mengal, apesar das representações deveras artisticas de *Si j'étais roi*, *Songe d'une nuit d'eté*, *Zampa*, *Voyage en Chine*, para que a sala não estivesse positivamente ás moscas, implorava-se d'um e d'outro a condescendencia d'ir passar a noite a S. Carlos...

Leitor, se já não sois do tempo da primeira *Aida* em Lisboa, com difficuldade podereis imaginar o que era S. Carlos na maioria das recitas. Que aspecto de sala! Como aquillo era mortiço, sobretudo no começo do espectaculo! Pela pouca luz; pela falta de vida; pelo ar de desolação que circulava, aquelle vasto recinto tinha o seu quê de necropole. Geralmente, o panno subia com a platéa superior quasi totalmente desguarnecida. A' medida que a opera avançava, vinham chegando então as mesmas caras, inalteravelmente as mesmas. Um ou outro, mastigava ainda o seu palito, quasi occulto entre os dedos para não offender a civilidade. Atraz d'estes outros vinham, e a conversação generalisava-se. Quem fosse para as primeiras filas da geral, sabia já o que o esperava; era o inverso da esthetica da musica dramatica mo-

MARIE SASS

HERMINIA BORGHI-MAMO

derna: o dialogo estava em baixo, na superior, e a parte musical em cima, no palco. A conversação sustava-se ás vezes. Determinava a interrupção a passagem d'algumas retardatarias flôres da carne. Havia então troca de sorrisos, as boas noites dadas mal se movendo os labios e, depois, elles proseguiam no dialogo, ellas exhibiam-se a si e ás joias.

Essa gelada attitude desfel-a Tamagno quando cantou o *Poliuto* com Herminia Borghi-Mamo. Na primeira noite, a Borghi produziu magnifica impressão na cavatina do 1.º acto que cantava optimamente, ao passo que Tamagno na *preghiera*, que lhe não estava na voz, foi recebido com frieza. Mas no 2.º acto sobrevindo a meio do concertante o *Credo in Dio*... não se faz idéa do delirio com que a sala estremeceu. Tamagno, n'esse tempo, principalmente, era cantor por instincto. Phrases que não sentia, como tinha magros recursos de relevo, passavam despercebidas; mas aquellas que n'elle verdadeiramente vibravam e que lhe estavam no bom registo da voz, o agudo, soltava-as com uma convicção e n'um arranco d'alma d'arrebatar pela força immensa do impeto. A musica de Donizetti com as suas trivialidades tem, como pouca, o condão de, em certas idéas melodicas, arrastar uma platéa inteira, quando confiada a cantores de temperamento. Lembram-se da phrase do barytono no concertante da *Lucia*, no melhor tempo de Kaschmann?!...

A' época do *Poliuto* succedeu a do *Lohengrin*. Não nos recordamos de

BIANCA DONADIO

BORGHI-MAMO

outra temporada, tão fertil de peripecias, tão excepcionalmente accidentada como esta. Caprichos de artistas a irritarem a empresa, assignantes furiosos contra ella, por quem se diziam explorados, uns facultativos affirmando doente uma cantora, a Pasqua, ao passo que outros a attestavam superabundante de saude, operas representadas vezes sem conto, resurgimento de partidos entre cantoras, tudo isto houve na memoravel temporada de 1882-83 com a de Reszké, a Pasqua, Gayarre, Barbacini, Aldighieri e Eduardo de Reszké. Pateadas como terramotos, maiores ainda que as da época anterior, da policia disfarçada e disseminada pela platéa. Mas entremeados com o caldo negro de [Esparta de que os assignantes se queixavam, que banquetes opiparos de musica houve tambem em S. Carlos! Que Lohengrin — o primeiro na ordem chronologica e no brilho e consciencia do desempenho! — com a de Reszké, a Pasqua, Barbacini e Aldighieri!

LOTTI

E Gayarre? Esse era um artista em extremo curioso. Para darmos ás palavras accepção mais rigorosa, chamemos-lhe em logar de artista, cantor. Gayarre nunca foi um artista, como o não foram, em regra, os tenores antigos. De mistura com a mais desastrada gesticulação, vinha de vez em quando um violento bater de pé a recordar a rude profissão de que o libertou a privilegiada voz. Se bem que nasalada, essa voz, quando aquecida, disfarçava um tanto esse defeito, e era communicativa, levantava um auditorio. Gayarre tinha phrases d'empolgar no duetto final da *Favorita*.

FRICCI

O *Spirto gentil*, posto nas hastes da lua pelos patricios d'elle e visinhos nossos, como elle o cantava era um absurdo, visto atravez d'um prisma d'arte séria. Mas a platéa sorvia-o como um nectar. Quando a orchestra terminava o *ritornello* era tal o silencio, que se uma borboleta atravessasse a sala de S. Carlos se lhe ouviriam bater as azas setinosas. Começava então a escutar-se o *Spirto gentil*, que na bocca de Gayarre era méro pretexto para exhibição d'uma ductilidade de voz extraordinaria. Não havia rythmo, não havia pausas, as suspensões é que abundavam. E então é que era ver como a voz, ora se adelgaçava, ora entumecia, como elle a sujeitava ao esbatido d'um *smorzando*, como a elevava para deixal-a cahir de subito n'um *pianissimo* interminavel. E n'este fadario se

GALLETTI

TEDESCO

ouvia uma, duas e tres vezes o *Spirto gentil*, a cuja fórma de cantal-o Gayarre tão bem podia applicar a esthetica de lagarto de feira.

Um dos artistas predilectos ao nosso affecto que nos é grato relembrar como recordação de puras sensações de arte, é Enrico Barbacini.

Feio, muito feio, quasi tanto como a mulher, exacto resurgimento da de Socrates, este artista no palco transfigurava-se a ponto de ser plasticamente acceitavel no *Lohengrin*. Quer n'esta, quer n'outras operas, era sempre magistral. O saudoso e grande instrumentista que foi Augusto Neuparth pondo em parallelo Gayarre e Barbacini, comparava-os a dois gomis, ambos com valor de cinzel: o correspondente a Gayarre, reluzindo d'oiro, se o raspassem, quasi á superficie deveria n'elle apparecer o estanho; o outro era côr de bronze, mas se o perfurassem só bronze encontrariam!

O fremito de vida, o interesse, a franca expansão das manifestações, decresceram no publico logo na temporada seguinte, apesar do reapparecimento de Gayarre e da Donadio e da Borghi-Mamo. Então, quem mais feriu a attenção dos *dilettanti* foi Devoyod, robusta compleição artistica, devido á qual o Nelusko da *Africana*, o *Hamlet*, o Valentim do *Fausto*, o Nevers dos *Huguenotes*, foram trabalhos inolvidaveis. Uma bella creação de Devoyod, o *Bois-Doré* da *Laureana*, de Augusto Machado, que tão victoriada foi.

TAMAGNO MASINI

BONCI LHÉRIE GAYARRE

Volta na época seguinte e então ainda melhor cercado de artistas, pois que além da Sembrich, da Fidés Devriés, uma cantora divina e Nanneti, artista até á medulla, ainda os havia taes que sem pretenção a notabilidades, foram quanto bastou para com a Novelli, De Bassini e Sparapani, termos em S. Carlos a *Carmen* e com um desempenho como se não repetiu tão harmonico. No que mais uma vez se provou que um conjuncto de artistas com prestimo, bem aproveitados, prefére a uma ou mais notabilidades mal acompanhadas.

Veem depois: a Patti, com a meia desillusão que nos trouxe; a Scalchi-Lolli, um instrumento de precisão, applicado á execução da *Semiramis*; Masini, o musico patusco, mas cheio d'alma e de mimo, servido por uma voz suavemente timbrada e modulavel quanto possivel; Emma Nevada, — nevada por antiphrase, que ella infiltrava lagrimas atravez do que cantava; Valero, o tenor mellifluo; a dra-

FIDÉS DEVRIÉS

BELLINCIONI

HARICLÉE

DARCLÉE

matica Theodorini a arrebatar a sala com rajadas de talento; Francisco d'Andrade, artista insigne, a quem devemos um ***Rigoletto*** sem par, e que com Theodorini e Antonio d'Andrade tanto concorreu para o marcado exito da *D. Branca*, de Alfredo Keil; Eva Tetrazzini, estreita alliança da correcção do canto e d'um talento raro de malleabilidade; a Van-Zandt a exhibir acrobatismos vocaes a toda a altura da sua voz agudissima.

Consignemos ainda o barytono Menotti, pujante organisação artistica a empregar um orgão vocal cada vez mais apagado; Regina Pacini, com a sua prestigiosa virtuosidade; Adelia Borghi e Tarquini d'Or, as duas melhores Carmens em S. Carlos; Thereza Arkel, a unica sobrevivente do naufragio do *Navio Fantasma;* Darclée, a distincção em toda a linha: no canto e na patricia elegancia; Victor Maurel a fazer render uns biscatos de voz á custa de superiores recursos scenicos; Marconi, o cantor maravilhoso para um quarto de hora, se tanto era o tempo em que lhe escutavamos o *O paradiso,* da *Africana*;

DE-RESZKÉ

PASQUA

Garulli, tambem tenor afamado, mas de cuja voz lá fóra saborearam a febra e nós roemos os ossos; Mario Ancona, cantor embevecido de si, mas de avelludada voz, de que dispunha com pericia; De Lucia, tenor muito habil em que era de lastimar o uso e abuso de certos *rodriguinhos* no canto; Alexandre Bonci, o ultimo abencerragem dos tenores do *bel canto;* Gemma Bellincioni, cantora incorrecta por vezes, mas artista a valer e de rara vibratilidade.

E fiquemo-nos por aqui, que não ficamos mal com a Bellincioni a fechar a lista das notabilidades vindas a S. Carlos no ultimo quartel do seculo passado.

Isto, como a principio frizámos, não é, embora succinta, a descripção dos acontecimentos na ordem da successão em que decorreram no Lyrico. São simples impressões fugitivas, breves relatos d'episodios, notas d'occorrencias d'opera, que como taes estão longe de dar a evocação do que foram no nosso tempo as grandes noites de S. Carlos, as do *Lohengrin*, do *Barbeiro* com a Patti, Masini e Cotogni, da *Gioconda* com Theodorini e Stahl e depois Tetrazzini e Pasqua, do *Rigoletto* com Francisco d'Andrade, do *Hamlet* com a Devriés, uma *Ophelia* que tocou o apice da perfeição.

Depois de tudo isto é que começou a accentuar-se a concorrencia a S. Carlos e n'um *crescendo* tanto maior, quanto tem sido o *diminuendo* verificado no publico pelo apreço do espectaculo d'opera. Na apparencia contradictorias, estas palavras terão talvez seus ares de paralogismo; mas faceis de desvanecer sujeitando o S. Carlos d'hoje ao confronto do que foi ainda não ha muito tempo. Quem de ha uma duzia d'annos, temporada por temporada, tenha seguido a evolução do publico não deve ter considerado radical a transformação; porém, aquelle que ausente de Lisboa durante esse lapso de tempo, voltasse agora a S Carlos, que pasmo o tomaria ante a transfiguração n'elle encontrada! Não só no publico, tambem na sala que não poude subtrahir-se á furia vandalica de que continuou a ser vitima.

BATTISTINI DEVOYOD COTOGNI
KASCHMANN MENOTTI

Ao atavismo simiesco a cuja influencia se não pensou em resistir, deve a sala de S. Carlos ter recentemente a orchestra dentro d'uma banheira immensa. Imitou-se Bayreuth? Não: macaqueou-se; e com prejuizo manifesto da sonoridade, por isso que a vantagem obtida,

FANCELLI, MAESTRO KUON, MAESTRO ZILIANI, UETAM, GIULI-BORSI, BIANCOLINI
Interpretes da *Missa de Requiem* de Verdi, na epoca de 1878-79

quando sobrevindo um *tutti*, em se attenuar a crueza dos metaes, redundou em desvantagem desde que a corda passou a ouvir-se menos e os instrumentos de palheta, mórmente os oboés e os fagotes, mal se lhes consegue agora distinguir o som. Não seria mais sensato, mais conforme á construcção especial do theatro, restituir ao palco, se não todo o seu espaço primitivo, de quando a acustica, dizem, corria parelhas com a do Scala, ao menos aquelle barbaramente cortado em 1879 e proceder depois ao melhoramento na sonoridade da orchestra de fórma que ella resultasse bem equilibrada?

Outra alteração em S. Carlos foi o quasi desapparecimento das varandas. Se bem que esse logar ainda esteja na tabella de preços do theatro, podemos consideral-o como já não existente desde que se acha reduzido a um cacifo irrespiravel. Actualmente, a classe menos abastada não tem um logar toleravel em S. Carlos. É esta uma triste verdade, para vergonha nossa ainda aggravada com o facto de não haver nenhum theatro lyrico onde os menos protegidos da fortuna não tenham o seu logar menos confortavel que os dos ricos, mas, em todo o caso, supportavel. E todavia esse logar devia ser olhado com olhos compassivos, porque só trepavam ao *gallinheiro* os devotos da arte e os que mais careciam de levantar e retemperar o espirito na audição musical.

O gallinheiro tinha os seus direitos adquiridos na larga quota d'applausos que tanto concorria para tornar immensas as ovações das grandes noites. Mas na sinceridade de que o applauso brotava, provinha tambem os frequentadores d'este logar não reprimirem os impulsos de desapprovação. D'ahi o considerarem-o um agente perturbador da sujeição panurgica a que chegou o publico do Lyrico. O gallinheiro em S. Carlos era, com perdão do

parallelo, uma especie de minoria em S. Bento. Tinha tambem os seus ápartes no pigarro lá surgido quando o cantor desafinava; se uma empresa logo após uma opera com falta de ensaios, projectava levar outra á scena, sabia fazer obstruccionismo mostrando as condições em que aquella fôra apresentada; se havia escandalo, era o primeiro a farejal-o, a prevel-o, a levantar a ponta do veu mysterioso que o envolvia. Eliminadas, portanto, as varandas, a minoria desappareceu. Ficou em campo a maioria, aquillo que convinha, sabido por de mais que:

Les sots, depuis Adam, sont en majorité.

Actualmente, S. Carlos é uma oligarchia plutocratica. Quem tem assignatura obtem o seu logar por um preço nada excessivo; quem não possue haveres para assignar, se deseja muito naturalmente vêr o espectaculo uma ou outra vez, tem que pagar o seu bilhete por um preço exorbitante comparado ao dos assignantes.

Tudo porque a Moda com os seus mil tentaculos encobertos pela apparencia risonha e frivola com que para ahi a figuram, abarcou totalmente o Theatro de S. Carlos. Antigamente, em Lisboa, a abertura do theatro d'opera correspondia em influencia ao Grand-Prix dos parisienses, á primeira tourada annual em Madrid, a uma grande kermesse na Hollanda. Verdade é que no correr da época succediam-se ás vezes as recitas com a platéa semi-plena; mas n'aquellas em que o espectaculo era de molde a provocar enchentes, quando as festas dos grandes cantores se não desdobravam em despedidas varias e em ultimos e irrevogaveis apparecimentos, que noites de enthusiasmo febril se não passavam em S. Carlos! Que estremecimentos d'alma, que palpitação de vida, que vigor de seiva havia nos momentos das grandes ovações!

De ha certo tempo a esta parte, um mez antes de aberto o theatro, a romaria ao camaroteiro é incessante; e então é de pasmar o anceio mal disfarçado, a soffreguidão da certeza de que o logar não falte. O logar! eis todo o *desideratum*. Que importam a opera e os artistas desde que haja o logar certo, seguro, — privativo se possivel fosse conseguil-o! — o logar onde se sacie a sede de exibição que devora grande parte dos actuaes frequentadores de S. Carlos!

Obtido o poiso onde ostentar a luxuosa plumagem da *toilette*, podem succeder-se os espectaculos. Todos se hão de assemelhar n'uma coisa: na indifferença com que serão ouvidos. Dir-se-hia que uma das prescripções do ritual da elegancia seria apparentar uma passividade assás visinha da insipidez. Voltas que a elegancia dá! N'outros tempos, o elemento propulsor das grandes manifestações em S. Carlos; quem preparava festas artisticas como verdadeiras glorificações; quem ateava as rudes pelejas entre os partidos das primadonas; quem planeava pateadas furibundas, como a que um grupo de titulares levou a effeito em 1838 conseguindo até metter em plena platéa a bigorna d'um ferreiro da rua da Figueira; quem tudo isto fazia, era, positivamente, a nata do janotismo lisboeta. Hoje, é o que se vê. No publico de S. Carlos os nervos são de baraço: não vibram; a apathia venceu-o; a modorra é a sua disposição predilecta.

Para o Agapito da *Enseñanza Libre,* quebrado de corpo e de espirito, antevendo a morte no algido arrefecimento d'alma, farto de tudo, parecendo insensivel a tudo, ainda se encontrou remedio n'um par de castanholas. Revolvida a therapeutica inteira, para o publico de S. Carlos poderá haver algum?...

ADRIANO MERÊA.

(No tempo dos francezes)

(Puebla de Sanabria, 4 de agosto de 1810)

INICIARA-SE a Invasão de Massena. Cahira *Ciudad Rodrigo*. *Almeida* resistia ao cerco que devia terminar em breve, tornando-a como que a cratera d'um vulcão extincto, após a explosão do paiol, que, na noite caliginosa de 26 de agosto de 1810, illuminou e encheu o espaço com o sinistro reverbero das suas chammas, com o tenebroso ribombar do seu explodir!

Os proprios inimigos se maravilham!

Junot ao sentir o abalo, sahe do seu quartel-general (uma ampla e faustosa barraca de campanha), vae, olha e pasma! Sem poder conter-se, vôa a chamar a mulher:

— «Vem vêr, Laura; vem vêr! Que espectaculo! *Almeida* arde!!» (1)

*

Nos fins de julho, os 5000 francezes da divisão Serras, abeiram-se do norte do paiz, depois de terem escorraçado de *Puebla de Sanabria* os hespanhoes de Taborda Gil.

— Elles ahi veem; elles ahi veem outra vez!! — noticiam, consternados, os fugitivos fronteiriços transmontanos.

Silveira, o conde de Amarante, de observação em *Bragança*, suspeita assim do perigo que os ameaça. Manda partir um esquadrão do 12 de dragões, em descoberta, e após este a 1.ª brigada de milicianos.

... O coronel Wilson, o commandante do destacamento mixto portuguez, volta, trazendo-lhe a bôa nova, de que o Serras retirara para *Mombay*, deixando, como guarnição no castello de *Puebla*, o 3.º batalhão suisso, de Srafericed.

O espirito imaginoso do Silveira, a sua audacia e a sua energia de guerrilheiro, levaram-n'o a conceber e executar um golpe de mão sobre a pequena praça leoneza. Tomal-a com simples milicianos e a dois passos de 5000 homens de boa tropa, era na realidade um lance tentador. Se o conseguisse, mais uma vez se confirmava que os francezes de Massena, eram

---

(1) *Memoria biographica do coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida,* por João da Silva Mendes, pag. 203.

dos mesmos que haviam acompanhado Junot, e que a graça portuguezissima, insidiosa e pesada caricaturara assim:

Um homem com cabeça de donato,
tendo por barretina uma caneca,
olhos gazeos, bocca d'alforreca,
e pescoço estendido como gato;

burjaca suja e rota por ornato,
calça de brim na perna nua e secca,
uma espada que andou por séca e méca,
e dedos quasi fora do sapato;

uma pelle de cobra (1), *sobre o lombo*
cabacinha (2), *panella e caçarola,*
espingarda que leva muito tombo:

Eis um guerreiro da franceza escola,
agudo em manhas, em juizo rombo,
que outro Deus não tem que a passarola (3).

*

A 2 de agosto, n'uma d'essas marchas que o general sabia exigir aos bons caminheiros da sua provincia, Silveira põe-se á frente da 2.ª brigada, que o 1.º esquadrão do 12, de *Bragança*, (capitão Lobo) e uma peça de ferro de calibre 3 deviam apoiar.

Na madrugada seguinte, n'uma volta da estrada, na lombada da montanha, nos ultimos contrafortes da serra de *Cablana*, defrontaram com os campos que circundam *Puebla*, a desdobrarem-se em ondulações abruptas, a que a do castello, ao centro do valle, domina.

O *Sabor* ficara para traz, como uma enorme fita, colleando-se ao capricho dos movimentos do terreno, trecho de paisagem monotona e feia, d'uma vegetação de charneca.

Para Éste, ao fundo do quadro, mal se divisava *Momboy;* e mais perto, passado o *Teva* — que serpenteava muito manso e fraco dos excessos do calor — rasteja, emergindo d'um cómoro, o modesto povoado do *Outeiro*. Era por ahi que o caminho ia passar, bordado então de prados, que o xadrez das vedações de pedra solta retalhava pittorescamente, n'um parenthese de oásis e, como que lavrado por insignificantes linhas d'agua, attrahidas pelo rio.

*

A ponto, das bandas do poente, n'um d'esses carris abertos pelas cabras — exclusivas serventias que listravam os flancos penedios da montanha — distinguiu-se uma columna em marcha, que a impressão de surpreza tornou enorme!... Seria um rebanho ou soldados em fila indiana? Houve um tempo de paragem e de anciosa espectativa.

O quer que era, parou por seu turno.

O som roufenho d'um *buzinão*, mugidouro, espaçado e longinquo, repetido pelas quebradas, veiu echoar nos ouvidos attentos das atalayas portuguezas.

O capitão Lobo accudiu ao reconhecimento; e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, prescrutou, com a sua vista de lynce, os flancos penedios da montanha, onde uma linha quebrada, de pontos negros, permanecia immovel, mas suspeita.

O *buzinão* insistia, atirando para o valle — a espaços eguaes, propositadamente medidos, como quem interroga — os sons roufenhos, mugidouros, da sua voz caracteristica, impressionante e inconfundivel!

O sol illuminava agora, poderosamente, os flancos pedregosos da montanha; e da linha quebrada, de pontos negros, immovel e suspeita, soltaram-

---

(1) Mochila.

(2) Cantil.

(3) Aguia napoleonica. Apud. Soriano, Historia da Guerra Civil... tomo 1.º da 2.ª epoca, pag. 20.

se em cardume, as chispas denunciantes e seguras, que o sol arranca do brilho das armas...

— É a gente do general Taborda — acabou por garantir o capitão Lobo.

— São os hespanhoes! — repetiram os soldados, n'um grande alivio, agitando as espadas, em signal de saudação.

N'esse momento, como resposta corroborada, o *buzinão* tirou uns sons curtos, precipitados e alegres, tanto quanto lh'o consentia a sua garganta cava e sem modalidades quasi; e a linha de pontos escuros retomou, apressada, o interrompido movimento.

Eram, com effeito, os 800 hespanhoes que Serras escorraçara de *Puebla de Sanabria*, setenta e duas horas antes.

*

— *Que hacer?* — perguntou Taborda Gil, mal reposto ainda da corrida e apertando, com força, a mão que Silveira lhe estendia:

— Atacar immediatamente, general — volveu Silveira determinadissimo.

E entregando a empreza aos seus conterraneos, os *milicias de Villa Real*, que o seu proprio filho (o futuro marquez de Chaves) dirigiu em pessôa, Silveira e Taborda Gil, viram-n'os escalar e tomar, n'uma feliz arremettida, o primeiro recinto da praça!

Como em *Chaves* o Messeger, um anno antes, em *Puebla de Sanabria*, o Sraficed era constrangido hoje a encurralar-se no segundo recinto e no castello da praça, d'onde poude varejar os bravos milicianos, que se batiam com uma galhardia insupposta em soldados bizonhos, como aquelles com que Silveira sahira de *Bragança*, para baptisar no fogo.

... Para os lados de *Momboy*, para lá do *Teva*, o esquadrão do capitão Lobo vigiava os movimentos dos francezes.

*

Por volta das 10 horas da manhã de 4 de agosto as vedetas assignalaram a presença do inimigo...

O capitão Lobo chegou-se ao reconhecimento. Abandonou as redeas ao cavallo; e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, pode differençar, com a sua vista de lynce, a marcha vagarosa d'uma forte columna que se escoava da garganta do desfiladeiro, nos confins da paysagem...

Perto já, um esquadrão de dragões inimigos avançava trotando...

Na rapidez de exame e no determinado da concepção dos resolutos, ordenou aos 30 do alferes Miranda, que, aproveitando as trapadas á direita da estrada, fossem esperar que a cavallaria franceza entrasse no terreno da carga. O solo descia aqui em pendor suave para os lados de *Momboy*, pelo valle do *Teva*: a vantagem do terreno pertencia-lhe pois.

— Chegados a bom alcance, eu carrego-os de frente, emquanto o Miranda lhes corta a retirada — ordenou com energia e precisão.

Os trinta dragões de Bragança resvalaram subrepticiamente, attentos, encobertos, sem anciedade, conscios de que iam vencer: o Silveira velava por elles...

... E o Lobo, a pé, detraz d'um castanheiro enorme, viu-os desapparecer n'um magote de arvores.

O esquadrão francez avançou, choutando, parando para reconhecer, com uma lentidão, que lhe insoffria a febre

de os acutilar. Para o attrahir, arremeçou pela estrada fora, como negaça, o alferes Falcão com 12 homens.

O estratagema produziu o effeito desejado: os cavalleiros inimigos detiveram-se um instante e contaram-n'os.

— Que poucos! Que facil victoria! — pensaram.

— Viva o Imperador! Carregar! — ordenou o capitão.

A negaça, simulando de surprehendida, deu costas, ao galope... A furia franceza accudiu ao reclamo, voou á sua perdição, de redea bamba e de armas e capacetes luzindo, luzindo muito... Os officiaes, á frente — de braços e espadas estendidos para deante, na direcção do *Outeiro* — norteavam a carga. Moviam-se parallelamente á estrada, velozes, ebrios de enthusiasmo, saltando muros e vallas, no impeto guerreiro que a força moral da victoria estimula. Mais 200 metros e ganhariam o cómoro a que iam chegando os dragões portuguezes.

De improviso, corôa a altura o esquadrão do Lobo.

— Viva Silveira! Morte aos francezes! — bradam, como um só homem, os de Bragança, esporeando os cavallos e brandindo os sabres.

O solo treme debaixo da carga. Trepidam os dragões de Napoleão; querem voltar atraz. A velocidade adquirida precipita-os, porém. Dão uns contra os outros. Penetram-se, atacam-se, contundem-se, ferem-se, matam-se, derrubam-se... O choque é terrivel. A confusão, medonha. A refrega, instantanea. A retirada, impossivel. Aos gritos de:

— Avança, avança! A victoria é nossa! — o Miranda toma-os de revez.

Então o horror!

Entre as fileiras um tanto ordenadas e oppostas dos dragões de Bragança, desfaz-se a pinha dos cavalleiros francezes, que se escoam, espalhados, sem cohesão, perdidos, e perdidos vão dar comsigo em terra, á ponta das espadas dos trasmontanos, que audazes e febris, os massacram sem dar quartel! O chão amarello, queimado d'um sol forte, tinge-se de sangue francez; estruma-se de cavallos e homens, de espadas e capacetes!...

No fim de dez minutos, dos 70 cavalleiros inimigos, 28 jazem por terra; 30, mais de metade, acutilados, rendem-se prisioneiros, emquanto o capitão e mais 5 ou 6 se escapam, tendo por escolta sinistra 20 cavallos sem cavalleiros!!... (1)

*

Para os lados de *Puebla* o espingardear recresce...

... E uma hora depois, o Lobo, abandonando as redeas ao cavallo e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, poude differençar, com a sua vista de lynce, a marcha precipitada da forte columna, que mostrando-lhe as mochilas, se entranhava agora no desfiladeiro, aos confins da paysagem.

F. Sá Chaves.
Capitão de cavallaria.

---

(1) Claudio de Chaby — *Excerptos historicos*, tomo 6.º, pag. 138 a 145.

Nota biografica sobre Conan Doyle

O nome do doutor Conan Doyle, autôr deste romance, é hoje popularissimo, não só na Inglaterra e na America, onde as edições dos livros deste prestigioso escritôr se contam por dezenas, senão ainda em todo o continente europeu, existindo mais de uma traducão das suas obras nos principaes idiomas da Europa.

Tratando como Gaboriau, romancista tão lido e apreciado pelos leitores portuguêses, assuntos sensacionaes, rivaliza com o autôr do «Senhor Lecocq» nos dotes de imaginação, no imprevisto dos lances, excedendo-o, inquestionavelmente, já pelo ingenho das soluções, já pela correcção e magia do seu estilo, firme e conciso, elegante, as mais das vezes, e sempre á altura de um literato de primeira plana.

A personagem de SHERLOCK HOLMES, *o policia dilétante, não representa, como o «Senhor Lecocq», uma entidade ficticia e creada pela imaginação do escritôr; antes pelo contrario, é um typo estudado do vivo, um facultativo militar, já fallecido, professor no hospital de Edimburgo, com quem o nosso autôr, em annos da mocidade, manteve estreitas relações, e cujo espirito de observação, cujas faculdades de penetração e deducção, deveras prodigiosas, inspiraram ao doutor Conan Doyle as suas tão extraordinarias narrações de casos policiaes.*

O doutor Conan Doyle faz parte de uma distinta familia escossêsa, na qua é hereditario o talento; — neto do celebre H. B., escritôr satirico de pulso e eximio caricaturista, que durante trinta annos tanto intrigou o publico das ilhas britannicas com as suas pungentes sátiras e as suas cari-

SIR CONAN DOYLE

caturas anónimas, é filho do Dicky Doyle, outro caricaturista não menos distinto e um dos fundadores do celebre periodico humoristico «Punch».

Dotado de compleição herculea e de faculdades humoristicas que nunca se desmentem, optimo companheiro, homem de sciencia, SPORTSMAN *e viajante por vocação, tem acompanhado a varias expedições scientificas, á Asia, á Oceania, ao polo arctico, etc. Cultivou em tempos a especialidade de médico-oculista, escrevendo, por desfastio, nas horas de ocio, uma ou outra novéla analitica ou narrativa sensacional de viagem, para os* MAGAZINES *mais lidos. Da publicação das* AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES *no* STRAND MAGAZINE *data o immenso exito literario das suas series sensacionaes, cuja popularidade, sempre em augmento, attingiu em nossos dias proporções inacreditaveis, podendo afirmar-se afoitamente que, de todos os escritores britannicos, Conan Doyle é hoje o que conta maior numero de leitores, em todo mundo civilizado.*

«O doutor Conan Doyle, opinava recentemente um abalizado critico francês, possue o rarissimo condão de imprimir fórma nova e sempre original a um genero já tratado por mais de uma celebridade, genero que o talentoso escritôr do Reino-Unido soube aliás elevar á categoria literaria.»

E todavia caso singular, n'este côro de applausos e louvores vibra uma nota discordante: — os queixumes dos empregados do correio — o mithico, o lendario Sherlock Holmes é alvo de uma assidua correspondencia, e o verdadeiro, o legitimo inquilino, em carne e osso, do modesto predio de BAKER STREET *diz mal á sua vida; já perdeu as esperanças de conservar criado ou criada, estafados de andar no corropio da porta; de noite, tem pesadelos, zumbe-lhe aos ouvidos o retimtim incessante da campainha — um fadario de ensurdecer! Quer de dia quer por horas mortas chovem cartas, consultas a sério ácerca de roubos e descaminhos, alvitres estrambolicos, soluções cerebrinas aos intrincados problemas, aos casos criminaes misteriosissimos, labirintos cuja meada a fenomenal sagacidade de hipotetico dilétante policial é a unica que possue o fio conductor.*

E o maganão do nosso doutor, a rir do papo, a esfregar as mãos de contente; para o incorrigivel humorista a inócua mistificação triplica-lhe o gozo literario, representa um incentivo á procreação de novos casos estupendos, portentosos, cuja solução ingenhosa continúa a ser lançada na conta do effectivo do lendario Sherlock Holmes.

CAPITULO I

O senhor Sherlock Holmes

O senhor Sherlock Holmes, que tinha por costume levantar-se muito tarde, salvo nessas occasiões, assás frequentes, em que ficava a pé toda a noite, estava sentado á mesa, a almoçar.

Detive-me no capacho e peguei na bengala que o nosso visitante, por esquecimento, deixara ficar na vespera, á noite.

Era um pau, grosso, magnifico, com um castão bulboso, da especie conhecida pela designação de «advogado de *Penang*.» [1] Por baixo do castão, um aro de prata, muito largo, medindo quasi uma polegada. «A James Mortimer, M. R. C. S., os seus amigos do H. C. C., insculpido no metal, com a data «1885». Era o genuino typo da bengala predilecta dos classicos de algum dia — veneranda, rija e inspirando confiança.

«E dahi, Watson, que me dizes a isto?

Holmes estava sentado, de costas viradas para mim, e eu nem por sombras lhe tinha dado a perceber o que me captara a attenção.

— Como é que sabes o que estou fazendo? Terás tu olhos na nuca?

— Na ausencia delles, tenho na minha frente uma cafeteira, de casquinha, a luzir que nem um espelho, retorquiu. «Mas não me dirás, Watson, o que é que deduzes da bengala do nosso visitante? Já que tivemos a má sorte de nos desencontrarmos com elle e visto não suspeitarmos, sequer, o motivo da sua visita, esta recordação accidental assume certa importancia. Vamos lá a ver como é que tu reconstroes o individuo mediante o exame do objecto.»

— A meu ver, encetei, cingindo-me quanto em mim cabia aos methodos do meu companheiro, o doutor Mortimer é um facultativo, já idoso, com uma bôa clientéla, estimado, visto as pessoas do seu trato lhe offerecerem este testemunho do apreço em que o tem.

— Muito bem! accudiu Holmes. Optimo!

Parece-me, aliás, existirem probabilidades favoraveis á circunstancia de elle ser um clinico rural effectuando o melhor das suas visitas *pédibus calcantes*.

— E por quê?

(1) Advogado que exerceu temporariamente a sua profissia na India inglêsa.

— Porque esta bengala, um primôr, nos seus tempos aureos, tem aguentado tão má vida, que me custa accreditar que tenha andado nas mãos de um qualquer clinico urbano. A ponteira, muito grossa, está gásta, prova manifesta de que o homem se tem farto de andar abordoado a ella.

— Absolutamente sensato ! aduziu Holmes.

— E dahi, temos ainda os «amigos do H. C. C.» Palpita-me que serão socios de um club qualquer de *caçadores*, de alguma associação local a cujos membros elle haja prestado os seus serviços, na qualidade de cirurgião, e que em paga lhe tenham offerecido este brinde modesto».

— Realmente, Watson, estás-te saindo, emitiu Holmes, arredando para trás a cadeira e acendendo um cigarro. «Cumpre-me confessar que em tudo que tens publicado, referente aos meus modestissimos commetimentos, tens sistematicamente amesquinhado a tua propria pericia. Não serás talvez luminoso, mas nem por isso deixas de ser um conductor de luz. Ha individuos que, sem serem fadados de genio, dispôem de um notavel poder no sentido de o estimular.

E eu, meu caro amigo, confesso o muito de que te sou devedor.

Nunca elle tinha dito tanto, e devo admitir que as suas palavras me causaram intimo prazer, visto que por mais de uma vez me senti melindrado por a sua indiferença ante a minha admiração e as minhas tentativas no sentido de dar publicidade aos seus methodos. Desvanecia-me, aliás, a convicção de me haver assenhoreado do seu sistêma a ponto de o applicar de modo a grangear a sua aprovação.

Elle, tirou-me a bengala das mãos e pôs-se a examiná-la pelo espaço de minutos com a vista desarmada. Depois, exprimindo interesse, largou o cigarro, e, acercando-se da janéla com a bengala, submeteu-a a novo exame através de uma lente convexa.

— Interessante, comquanto elementar, proferiu, voltando a aninhar-se no seu cantinho predilecto do sofá.

A bengala apresenta uma ou duas indicações, não ha duvida ; ministra-me base para varias deducções.

— Escapar-me-ia qualquer coisa ? indaguei, um tanto ou quanto emproádo. Quer-me parecer que me não terá passado despercebida circunstancia alguma importante ?

— Custa-me declarar-t'o, meu caro Watson, mas as tuas conclusões são erroneas, quasi todas. Eu, quando affirmei que me estimulavas, para te falar com franqueza, queria dizer que, notando as tuas illusões, me sentia eventualmente encaminhado para a verdade. Não quero dizer com isto que tu, no presente caso, labores absolutamente em erro. O individuo é, com certeza, um clinico rural.

E anda muito.

— Nesse caso, tenho razão.

— Tens, até ahi.

— «Exclusivamente.

— Exclusivamente, não, meu caro Watson, de modo nenhum. O que eu pretendo sugerir, por exemplo, é que um brinde a um facultativo é muito mais provavel o provir de um hospital do que de uma associação de caçadores, e isto tanto mais, dando-se o caso de se acharem as iniciaes «C C» collocadas depois do alludido hospital, e sugerindo naturalmente as palavras «Charing Cross».

— E' possivel que tenhas razão.

— Abundam probabilidades nesse sentido. E acceitando-as como hipótese fundamental, temos uma nova base para assentarmos a nossa construcção, respectiva a este visitante incógnito.

— Muito bem, mas supponhâmos que H. C C, queira significar «Hospital de Charing Cross», que devêmos deduzir d'ahi ?

— Não te parece sugerirem-se quaesquer conclusões ? Conheces os meus méthodos. E' applicá-los !

— Apenas me accode a conclusão obvia de como o homem terá exercido clinica na cidade antes de se transferir para a provincia.

— Parece-me que podemos aventurar-nos a ir um pouco mais longe.

Considera o caso sob este ponto de vista. Em que occasião haveria maior probabilidade de ter sido offerecido este brinde ? Quando se haverão quotizado os três amigos para lhe offerecerem um penhor da sua estima ? É obvio que não deixaria de ser no ensejo em que o doutor Mortimer se despediu do serviço do hospital no intuito de encetar clinica por conta propria.

Sabemos que houve brinde. Suppômos ter havido transferencia de uma cidade para um partido rural. Será pois levar longe demais as nossas deducções o dizermos que o brinde se effectuaria na occasião dessa transferencia ?

— Tem seus visos de probabilidade, não ha duvida.

— Assim, pois, não deixarás de ponderar que o homem não podia fazer parte do *estado maior* do hospital, visto que semelhante posição só póde competir a um pratico devidamente estabelecido e exercendo clinica em Londres, e o individuo em taes circunstancias jámais derivaria para um districto rural.

Que era elle, então? Se estava adjunto ao hospital, comquanto não pertencesse ao *estado maior*, apenas poderá ter sido cirurgião ou medico-praticante, pouco mais do que um estudante do ultimo anno do curso. E elle largou o serviço ha cinco annos, — cá está a data na bengala. Portanto, o teu medico de partido, homem serio e de meia idade, esvae-se como o fumo, prezadissimo Watson, e surge-nos um moço que ainda não trintou, amavel, desambicioso, distraído e dono de um cachôrro predilecto, que eu descreveria, por alto, como sendo maior que um rafeiro e mais pequeno que um mastim.

Incredulo, desatei a rir, ao passo que Sherlock Holmes se refestelava no sofá a baforar uns anneis oscilantes de fumo para o této.

— Com respeito á outra parte do assunto, não tenho meio de te ir á mão, aduzi, mas sequer ao menos não será difficil o encontrarmos meia duzia de particularidades relativas á idade do individuo e á sua carreira profissional.

Fui-me á minha estantezinha de materia-medica, lancei mão do Indicador-profissional e folheei-o até topar com o nome. Encontrei varios Mortimers, mas um, apenas, que pudesse ser o nosso visitante. Li de rijo os dizeres respectivos.

«Mortimer, James, *M. R. C. S.* 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião-interno, desde 1882 a 1884, no Hospital de Charing-Cross. Obteve o Premio-Jackson respectivo a Pathologia comparada, mercê de uma memoria intitulada «A doença representará uma reversão?» Membro correspondente da Associação Pathologica da Suécia, autôr de «Alguns casos de Atavismo» (*Lancêta*, 1882)» «Acaso progredimos?» (*Jornal de Psicologia*, março, 1883). Medico de partido das paróquias de Grimpen, Thorsley, e High-Barrow».

«Nem palavra ácerca do tal club local de caçadores, Watson, ponderou Holmes, com um sorriso caustico, mas sim um facultativo rural, como tu mui astutamente observaste. Quer-me parecer que se justificam completamente as minhas inducções.

Com respeito aos adjectivos, eu, se bem me lembro, disse: amavel, desambicioso, e distraído. Ora, diz-me a experiencia que os homens amaveis são os unicos que neste mundo recebem testemunhos de estima; os ambiciosos os unicos que abandonam a carreira em Londres com o sentido na carreira provincial, e os distraidos os unicos que deixam a bengala em vez do bilhete de visita, depois de terem estado á espera uma hora, na sala de qualquer pessoa.

— E o cão?

— Está acostumado a carregar com esta bengala, atrás do dono. Ora, como o pau é pesado, o cachorro abocava-o com força, pelo meio, e os sinaes dos dentes cá estão, manifestamente visiveis. A mandibula do cão, conforme se observa no espaço entre estes sinaes, é, na minha opinião, larga de mais para um rafeiro, e de menos para um mastim. E' possivel que seja... sim, por Jove, é um cão de agua de pêllo encaracolado.

Erguera-se, e passeava pelo quarto emquanto falava. Agora, estacára no vão da janéla. Havia um clangor tal na sua voz que levantei para elle os olhos, pasmado.

— Meu caro, como é que tu pódes ter a certeza disso que afirmas?

— Pela razão, simplissima, de estar vendo d'aqui o proprio cachorro assomar ao patim da nossa escada, e eis que retine o toque de campainha do dono. Não te levantes, Watson, é um teu collega, e a tua presença poderá representar para mim um auxilio. Eis chegado o lance dramatico da sorte, Watson, no acto de ouvirmos umas passadas na nossa escada, e passadas que vem invadir-nos a vida, sem que saibamos se será para bem se para mal. Que terá o doutor James Mortimer, o homem de sciencia, que indagar de Sherlock Holmes, o especialista em criminologia? Pode entrar!

O aspecto do nosso visitante foi para mim uma surpreza, visto como eu estava á espera de ver um clinico rural typico. Era um homem muito alto, magro, com um nariz comprido, tal qual o bico de um passaro, espetado entre dois olhos sagazes, pardacentos, muito juntos e a luzirem por detrás de uns oculos com aros de oiro. Trajava ao modo dos da profissão mas com um certo desalinho, um tanto sordido o casaco, e as calças, esfiampadas. Moço ainda, e não obstante, já um tanto alcachina-

do das costas, extensissimas, e no acto de andar projectando em frente a cabeça, com uns ares de benevolencia, abelhuda. Assim que deu entrada, feriu-lhe a vista a bengala que Holmes tinha na mão, e correu para ella, com uma exclamação de alegria.

— Estou contentissimo, prorompeu. Estava em duvida se a teria deixado aqui, ou no Escritorio da Agencia-maritima. Antes queria perder fosse o que fosse, n'este mundo, do que esta bengala.

— Uma offerenda, segundo presumo? proferiu Holmes.

— Sim, senhor.

— Do Hospital de Charing-Cross?

— De uns amigos que alí tenho, por occasião do meu casamento.

— Ai, ai, ai! isso é que não é nada bom! atalhou Holmes, abanando a cabeça.

O doutor Mortimer pestanejou através dos oculos.

— Nada bom! E porquê?

— Não faça caso. E' que o senhor vem transtornar algum tanto as nossas deducçõesinhas. Do seu casamento, diz o senhor?

— Tal qual. Casei, e por esse facto, deixei o hospital, e com elle quaesquer esperanças de estabelecer consultorio. Tornava-se-me urgente cuidar do lar domestico.

— Vamos lá que, ainda assim, não lhe andámos muito longe, emitiu Holmes. E agora, doutor James Mortimer...

— Doutor, não; *senhor*, apenas... — um humilde M. R. C. S. —

— E um homem com o juizo no seu logar, é evidente.

— Um chafurdador da Sciencia, sr. Holmes, um respigador de conchas nos areaes do ignoto e vasto oceano. Presumo estar-me dirigindo ao senhor Sherlock Holmes e não a...

— Perdão, este senhor é o doutor Watson, meu amigo.

— Muito estimo conhecê-lo. Ouvi mencionar o seu nome em relação intima com o do seu amigo. O sr. Holmes inspira-me singular interesse. Estava longe de esperar o encontro de uma cáveira dolicocéfala a tal ponto ou um desenvolvimento supra-orbital tão accentuado. Terá duvida em que eu corra o dêdo ao longo da sua sutura parietal? Um molde da sua cáveira, meu caro senhor, emquanto não estiver disponivel o original, representaria um adorno precioso em qualquer museu antropológico. Longe de mim a ideia de suscitar assuntos tristes, mas confesso que cubiço a sua cáveira.

Sherlock offereceu uma cadeira ao nosso visitante.

— O doutor, segundo vejo, é um enthusiasta na orbita dos seus pensamentos, tal como eu, na dos meus, commentou. Do seu dêdo indicador deprehendo que tem por costume embrulhar os seus cigarros. Póde acender um, não faça ceremonia.

O sujeito sacou do bolso mortalhas e tabaco e fez um cigarro com destrêza surprendente. Tinha uns dêdos esguios, compridos, tão tremulos, tão ageis e irrequietos, como as antênas de um insecto. Holmes, caládo, os seus olhares furtivos, incisivos, manifestavam-me porém o interesse que lhe incutia o nosso tão curioso companheiro.

— Presumo senhor, disse por fim; que não seria com o intuito unico de examinar a minha cáveira que me proporcionou a honra de me procurar hontem á noite e novamente esta manhan?

— Não senhor, não foi; com quanto muito me alegre tambem o ter-se-me proporcionado o ensejo a que se refere. Vim procurá-lo, senhor Holmes, porque reconheço que eu, na essencia, sou um homem nada pratico, e pelo facto de me encontrar, de subito, a braços com um problêma muito sério e não menos extraordinario. Reconhecendo, como effectivamente reconheço, que, na escala dos mais reputados peritos da Europa, o senhor occupa o segundo logar...

— Deveras, senhor! Ousarei perguntar-lhe a quem cabe a honra de occupar o primeiro? indagou Holmes, com tal ou qual asperêza.

— Todo e qualquer individuo dotado de espirito de precisão scientifica não deixará de curvar-se, reverente, perante a obra de Monsieur Bertillon.

— Por que é, então, que o não consulta?

— Perdão, senhor, eu porém, referi-me ao espirito dotado de precisão scientifica. Mas na qualidade de homem pratico, e de intendido em questões de vida pratica, o senhor é confessadamente o primeiro. Ouso esperar, doutor, que, por inadvertencia... não terei...

— Um poucochinho, retorquiu Holmes. E quer-me parecer, doutor Mortimer, que procederia sensatamente, tendo a bondade de declarar-me, com singelêza e sem mais ambáges, qual a verdadeira natureza do problêma em favor do qual solicita o meu auxilio.

CAPITULO II

A maldição na familia Baskerville

— Trago aqui, na algibeira, um manuscrito.

— Isso mesmo já eu tinha observado, assim que o senhor entrou nesta sala, volveu Holmes.

— É um manuscrito muito antigo.

— Dos principios do seculo dezoito, a não ser uma falsificação.

— Em que se funda essa sua affirmativa?

— O senhor facultou ao meu exame uma ou duas polegadas do mesmo, durante o tempo todo que tem levado a falar. Fraco seria o perito que não pudesse determinar a data de um documento com a diferença de uma década, ou coisa que o valha. Haverá lido, talvez, aquella minha monografiazinha referente ao assunto. Attribuo esse ao anno de 1730.

A data exacta é 1742 — O doutor Mortimer sacou-o do bolso interno — Este documento familial foi entregue ao meu cuidado por sir Charles Baskerville, cuja morte subita quanto tragica, ha três mêses, tão grande sensação causou em Devonshire. Posso affirmar que fui seu intimo amigo a par de medico assistente. Era um espirito atilado, sagaz, energico, pratico, e tão pouco dado a fantasias como eu proprio, senhor. E não obstante, tomava a serio, quanto possivel, este documento que aqui vê, e o seu animo estava disposto exactamente para o mesmo fim que eventualmente veiu a ter.

Holmes estendeu a mão para o manuscrito, e pôs-se a endireitá-lo sobre o joelho.

— Chamo a tua atenção, Watson, para o emprego alternado dos *ss* longos e dos *ss* curtos. É este um dos varios indicios que me habilitaram a fixar a data.

— Olhei por cima do hombro do meu amigo para o amarelido papel e para a letra, apagada. No cabeçalho estava escrito: «Solar de Baskerville», e por baixo, em caracteres grandes, uns gatafunhos: «1742».

— Parece ser a narração de um facto qualquer.

— É, a exposição de uma certa lenda corrente na familia Baskerville.

— Mas julguei perceber que o assunto ácerca do qual deseja consultar-me seria de indole mais moderna e mais pratica.

— Modernissima. Materia summamente pratica e urgentissima, que tem que ser resolvida dentro do prazo de vinte e quatro horas.

E' breve, porém, o manuscrito e liga-se intimamente ao caso.

Se me dá licença, vou ler-lh'o.

Holmes derreou-se na cadeira, conjugando as pontas das dêdos e cerrando os olhos com uns ares de resignado. O doutor Mortimer voltou o manuscrito para a luz, e com voz estridula, de cana rachada, leu a seguinte e curiosa narrativa dos tempos que já lá vão: —

Com respeito á origem do Cão dos Baskervilles mais de uma affirmativa tem corrido mundo, e não obstante, como eu descendo em linha recta de Hugo Baskerville, e ouvi a historia da propria bôca de meu pae, que a ouviu tambem da bôca do proprio autôr de seus dias, registei-a, com a crença firme em que occorreria tal qual a transcrevo aqui. E desejo que acrediteis, filhos queridos, em que a mesma justiça que castiga o pecádo tem poder tambem para o perdoar, e em que não existe culpa, por mais pesada que seja, que mercê de preces e arrependimento sincero não possa ser expungida. Aprendei, pois, da presente historia a não temer os frutos do passado, antes a ser circumspéctos no porvir, afim de que essas paixões nefastas, que tão gravemente hão atribulado a nossa familia, não venham outra vez a desencadear-se para nossa perdição.

Sabei, pois, que nos tempos da Grande Rebelião (cuja historia escrita pelo erudito Lord Clarendon eu mui empenhadamente recommendo á vossa atenção) estava de posse deste solar de Baskerville Hugo, do mesmo appelido, e não consente impugnação a afirmativa de que era um homem summamente fragueiril, profano, e nada temente a Deus. Tudo isto, em boa verdade, lhe poderiam ter perdoado os vizinhos, conscios de que santos foi coisa que jamais floresceu por estas nossas terras, éra porém atreito a uns assômos taes de protervia e crueldade que o seu nome veiu a ser o espantalho de toda a região occidental. Adregou a vir o dito Hugo a tomar-se de amores, (se, com effeito, paixão negregada a tal ponto, poderá ter jus a tão formôso titulo) com a filha de um lavrador, foreiro de umas terras, entestando com a herdade de Baskerville.

A donzéla, porém, discreta e bem reputada tentava sempre esquivar-se-lhe, receosa da pessima fama do fidalgo.

Veiu pois a acontecer, em dia de S. Miguel,

o dito Hugo, com cinco ou seis dos seus ociosos e procazes companheiros, assaltar de improviso a casa do lavrador e raptar a moça, aproveitando a occasião de estarem ausentes quer o pae quer os filhos. Carregaram com ella para o solar e encerraram-n'a em um cubiculo do sótão, ao passo que Hugo e seus amigalhaços, abancados, levaram a noite de folia, segundo seu costume. A pobre da rapariga, por pouco não ensandeceu, com aquelle ingranzéu de cantigas, berraria e pragas de arripiar que, lá debaixo, do salão nobre, lhe vinham azoinar os ouvidos, pois é voz corrente que as palavras soltadas por Hugo Baskerville, quando se tomava da bebida, eram de molde a fazer ir pelos ares o individuo que as ouvia. Até que por fim, nos transes do pavôr aventurou-se a um acto que faria recuar de susto o homem mais energico e destemido, visto como, auxiliando-se das ramadas da hera que vestia (e veste ainda) a parede do lado sul da mansão, despenhou-se daquella immensa altura, e galgou de corrida até casa, através do bréjo, as três leguas que vão do solar até ao casal do pae.

Quis o acaso que, lá pela noite adiante, Hugo apartando-se dos comensaes com o fito em levar de comer e de beber — e outras coisas peores, quem sabe? — á sua captiva, veiu encontrar erma a gaiola e o passaro, quero, que é delle. Então, ao que contam, ficou como se tivesse o diabo no corpo, visto como, descendo a escada de gangão, investiu pela sala de jantar, saltou para cima da mêsa, derrubando de roldão pratos, copos, garrafas e talheres, bramindo em voz de trovão, perante toda a malta, que naquella mesma noite entregaria corpo e alma aos Poderes do Averno, com tanto que lograsse haver ás mãos a cachopa. E ao passo que os alegres comensaes ficavam boquiabertos ante a furia do castelão, um delles, mais perverso, ou, quiçá, mais borracho do que os restantes, exclamou que lhe soltassem os cães na trilha. Ao ouvir isto, Hugo investiu pela porta fóra, berrando para os lacaios que lhe apparelhassem a egua, e fossem ao canil soltar a matilha, e arremessando aos cães um lenço da joven, levando-os á tréla despediu pela charneca em fóra, á luz do luar, com alarido de ensurdecer.

Os borrachões permaneceram atonitos, um bom pedaço, incapazes de perceber o alvitre, pela rapidez com que foi dito e levado a effeito. Em breve, comtudo, o embotado bestunto lhes acordou manifestando-lhes a natureza do lance que provavelmente ia consumar-se no brejo. Foi geral a confusão, o alarido, bradava este pelas pistolas, aquelle pelo cavallo, pedia um cangirão de vinho aquelloutro. Até que por fim lhes foi alumiando o dementado cerebro uns vislumbres de razão, e a malta em pêso, trêse, ao todo, cavalgou e despediu, campos em fóra, no rastro da preza. Alumeava-os em cheio o clarão do luar, e galopavam a par, á espora fita, seguindo o rumo que era mais provavel a moça haver seguido, para alcançar a propria casa.

Teriam andado uma ou duas milhas eis que topam com um dos zagaes que costumam velar de noite, no brejo, e indagaram deste, voz em grita, se acaso teria dado fé da foragida. E o pobre do homem, segundo reza a historia, tomou-se de medo tal, que mal podia articular, até que por fim declarou que com effeito tinha visto a malfadada rapariga, e os cães a seguir-lhe o rastro.

«E vi ainda muito mais do que isso», accrestou, «pois rente de mim passou Hugo Baskerville, cavalgando a sua egua preta, e atrás delle, á desfilada, sem tugir nem mugir, uma avantesma de um cachorro do inferno, que Deus permitta eu o não veja nunca a cheirar-me os calcanhares.

Os beberrões dos fidalgotes encommendaram ao diabo o pegureiro e meteram por ali fóra. Em breve, porém, sentiram frio até á raiz do cabello, pois lhes veiu ferir os ouvidos o estrupido de um cavallo a galopar através da charnéca e a egua negra, branca de espuma, toda ella, passou rente com elles com a redea a arrastar pelo chão e a sela erma. Nisto, os tresnoitadores meteram os cavallos a par, tomados de subita quanto aguda aprehensão; não obstante foram seguindo seu caminho, através da charneca, supposto cada um delles, de per si, se acaso fôra sósinho, não hesitaria em ter dado de redea ao corsel, regressando pelo mesmo caminho.

E assim foram indo a passo moderado até que toparam com os cães.

Estes, apezar da fina raça e da provada ardideza, estavam todos em montão, a uivar no alto d'um barranco assás fundo, abrindo sobre um brejo, alguns delles recuando muito encolhidos, outros com o pello arripiado e a mirarem, com os olhos espipados, o enesgado vale na sua frente.

Teve pois a malta que fazer alto, mais es-

vaído o vapor do vinho, agora, conforme devem suppôr, de que quando partiram de abalada. Os mais delles nem á mão de Deus Padre queriam ir por diante, uns três, contudo, ou por mais destemidos ou, talvez, por irem mais borrachos, meteram os cavallos pelo barranco abaixo, até que se acharam num descampado a meio do qual se erguiam dois penedos muitos grandes, que ainda actualmente alí se podem ver, e alí foram implantados, em eras remotas, por uns certos povos, dos quaes hoje não ha memoria. O luar, claro como se fora dia, varria a campina, e ao centro desta jazia por terra a desditosa joven, no proprio sitio em que tinha caído, morta de medo e de cançasso. E contudo, não foi a vista do seu cadaver ou a do cadaver de Hugo Baskerville, estatelado ao pé della, que fez pôr os cabellos em pé no craneo daquelles nossos três moinantes sem fé nem lei, mas sim o facto de se lhes deparar, encabritado em cima de Hugo, e filado ás guelas deste, uma coisa estupenda, uma féra, negra, de tamanho desmarcado, com a fórma de um cão, muito maior, contudo, do que todo e qualquer cão em que jamais poderá ter posto a vista em cima seja quem for neste mundo.

E elles, estarrecidos, a contemplarem o monstro, acirrado a dilacerar a guéla de Hugo Baskerville, até que, voltando para elles os olhos a luzir como brasas e as fauces arreganhadas, os fez dar de esporas aos cavallos e meter á redea-solta pelo brejo, soltando gritos de pavor. E' voz constante, um delles haver espirado de terror, effeito da tremenda visão, aquella mesma noite ; e os outros dois nunca mais puderam levantar cabeça nos restantes dias da vida.

Eis aqui a historia, queridos filhos, da vinda do cão, o qual, desde esse dia, se tornou uma praga terrivel em a nossa família. E eu, se registei o caso, foi por considerar que o perigo ácerca do qual possuimos uma noção clara nos incute sempre menos pavor do que qualquer ameaça envolta nas sombras do mistério.

Nem sofre denegação o facto de mais de um membro da familia haver morrido de morte desastrosa, repentina, cruenta e misteriosa. E sem embargo, acolhamo-nos á infinita bondade da Providencia, a qual, por certo, não quererá tornar eterno o castigo, protraindo-o até á terceira geração, conforme rezam os Sagradas Escrituras. E eu, filhos meus, encommendando-vos tambem á Providencia, aconselho-vos que andeis acautelados cohibindo-vos de transitar pela charneca a horas mortas nessas horas em que andam á solta os Poderes malignos.

> «Estas régras foram escritas pelo proprio punho de Hugo Baskerville e dedicadas a seus filhos Rogerio e João, recommendando a um e outro que não revelem uma palavra sequer do teôr dellas a sua irman Izabel».

O doutor Mortimer, quando concluiu a leitura de tão singular narrativa, empurrou os oculos para a testa o olhou de fito para o senhor Sherlock Holmes. Este, a bocejar, e a arremessar para o lume a ponta do cigarro.

— E dahi ? emittiu.

— Não acha que é interessante ?

— Para qualquer collector de contos de fadas.

— O doutor Mortimer sacou do bolso um jornal, dobrado.

E agora, senhor Holmes, apresentar-lhe-ei coisa um tanto mais recente. Tenho aqui a *Chronica do Condado de Devon*, com a data de 14 de junho do corrente anno. E' uma breve resenha dos factos succedidos por occasião do fallecimento de sir Charles Baskerville, occorrido uns dias antes desta data.

O meu amigo debruçou-se para a frente um tudo nada, com a atenção estampada no semblante. O nosso visitante compôs os oculos e encetou :—

«A morte subita e recente de sir Charles Baskerville, cujo nome tem sido mencionado na qualidade de presumido candidato liberal pelo districto de *Mid Devon*, nas proximas eleições, lançou uma nuvem escura por sobre o condado.

Comquanto sir Charles haja apenas residido na Mansão de Baskerville durante um periodo relativamente curto, a amabilidade do seu caracter e a extrema generosidade tinham-lhe grangeado a afeição e o respeito de quantos o haviam tratado de perto. Nestes dias de ricassos feitos á pressa é uma consolação toparmos com um caso em que a vergontea de uma antiga familia do Condado, sobre a qual tem pesado sorte adversa conseguiu enriquecer por esforço proprio e transferir-se com essa

mesma riqueza para a sua séde, com o fito em restabelecer o decaído esplendor da sua linhagem. Sir Charles, e quem haverá que o ignore, ganhou avultadas quantias em especulações na Africa Meridional. Mais prudente do que aquelles que porfiam até que a roda lhes venha a desandar, liquidou os seus ganhos e regressou com elles a Inglaterra.

Ha apenas dois annos que fixou a sua residencia na Mansão de Baskerville, e anda na boca de toda a gente a vastidão dos seus projectos de reconstrucção e bemfeitorias, interrompidas, aliás, pelo seu fallecimento. Não tendo filhos, era seu desejo, publico e manifesto, que toda a comarca, durante ainda a sua vida, viesse a aproveitar da sua avultada riqueza, e mais de uma pessoa terá motivos pessoaes para sentir o seu inopinado fim.

Os seus magnanimos donativos aos institutos de caridade, já locaes já por todo o condado, tem sido, por mais de uma vez, registados nestas colúnas.

As circunstancias incidindo com a morte de sir Charles não se pode afirmar que hajam sido cabalmente tiradas a limpo pelo inquerito e contudo, tem-se feito o sufficiente para pôr cobro a esses boatos aos quaes tem dado incremento a superstição local. Não existe o minimo motivo para suspeitar que tenha havido protervia, ou para suppôr que a morte haja resultado de quaesquer circunstancias alheias a causas naturaes. Sir Charles era viuvo, e um homem cuja mentalidade, a certos respeitos, se pode afirmar o ter sido um tanto ou quanto excentrica. A despeito da sua consideravel riqueza eram singelissimos quer os seus habitos quer as suas predilecções, e o seu pessoal domestico, de portas a dentro, na Mansão de Baskerville, consistia em um casal do appellido de Barrymore, desempenhando o marido as funcções de mordomo e a mulher as de governante.

O depoimento, quer de um quer de outro, confirmado pelo de varios amigos, tende a provar que a saude de sir Charles andava, tempos havia, um tanto abalada, e insiste muito em especial numa certa affécção cardiaca, maniféstada por mudanças de côr, faltas de respiração, e accéssos agudos de depressão nervosa. O doutor James Mortimer, amigo e médico assistente do defunto, depôs no mesmo sentido.

São simples as circunstancias do caso. Sir Charles tinha por costume, todas as noites, antes de se recolher, dar um passeio pela famosa alêa dos teixos da Mansão de Baskerville. O depoimento do casal Barrymore mostra ser esse o seu costume. No dia 4 de junho sir Charles havia declarado a sua intenção de partir para Londres no dia seguinte, e déra as suas ordens a Barrymore no sentido de lhe ter pronta a bagagem. Nessa mesma noite, saiu a dar o seu passeio nocturno habitual, durante o qual tinha o sestro de fumar um charuto. Nunca mais voltou. A' meia noite Barrymore encontrou ainda aberta a porta da sála-vaga, assustou-se e, acendendo uma lanterna, foi em procura do amo. O dia estivera humido, e as pégadas de sir Charles éram faceis de verificar no saibro da alêa. A meio caminho da dita veréda existe uma porta dando saída para a charnéca. Havia indicios em como sir Charles se tinha demorado alí durante breve espaço de tempo. Meteu então pela alêa abaixo, e foi lá no extremo da mesma que logrou encontrar o cadaver. Um facto, porém, que está ainda por explicar é o de Barrymore haver depôsto que as pégadas do amo mudavam de caracter desde o momento em que este transpôs o portal da charnéca, e que dalí por diante dir-se-ia ter caminhado em bicos de pés. Um tal Murphy, cigano, alquilador, andava na charnéca, dalí a dois passos, a essa hora, mas, por propria confissão pelos modos achava-se um tanto entrado na bebida. Declara ter ouvido gritos, mas não póde especificar de que lado vinham. Não se encontraram sinaes de violencia na pessoa de sir Charles, e conquanto o depoimento do médico se referisse a uma distorção facial pouco menos de inacreditavel,—e a tal ponto que o doutor Mortimer, a principio, negou-se a acreditar o achar-se, na realidade, em presença do corpo do seu amigo e cliente—foi aduzida a explicação de ser aquillo um simtôma dando-se amiudadas vezes em casos de dyspnêa e de morte proveniente de exhaustão cardiaca. Esta explicação resultou da autopse, que manifestou uma affecção organica existindo desde longa data, e o *coroner* emitiu o seu veredicto em conformidade com o parecer do facultativo. E ainda bem que assim foi, pois é obvio ser da maxima importancia que o herdeiro de sir Charles estabeleça residencia no solar e continue a boa obra tão tristemente interrompida. Se acaso o prosaico parecer do *Coroner* não vem pôr ponto final nas historias romanticas que andavam de bôca em bôca com re-

lação ao caso, é possivel que houvesse difficuldade em encontrar um inquilino para a Mansão de Baskerville, E' caso assente o ser herdeiro immediato o joven Henry Baskerville, se acaso ainda é vivo, filho do irmão segundo de sir Charles Baskerville. O dito moço, segundo as ultimas noticias, achava-se na América, e anda-se procedendo a pesquizas com o intuito de o informar do afortunado lance que lhe coube em sorte.

O doutor Mortimer dobrou a gazeta e tornou a metê-la no bolso.

—São estes os factos, senhor Holmes, que vieram a publico, relativamente á morte do sr. Charles Baskerville.

— Cumpre-me agradecer-lhe, proferiu Sherlock Holmes, o haver-me chamado a attenção para um caso que certamente apresenta alguns visos de interesse.

E FILADO ÁS GUÉLAS DESTE, UMA COISA ESTUPENDA, UMA FÉRA, NEGRA, DE TAMANHO DESMARCADO...

Eu em tempos li de corrida uns certos commentarios jornalisticos, andava, porém, a tal ponto preoccupado por aquelle cásosinho dos camafeus do Vaticano que, na minha anciedade em ser agradavel ao Pápa, perdi de vista a mais de um caso interessante occorrido em Inglaterra.

Diz o senhor que este artigo contem, na integra, os factos que vieram a publico?

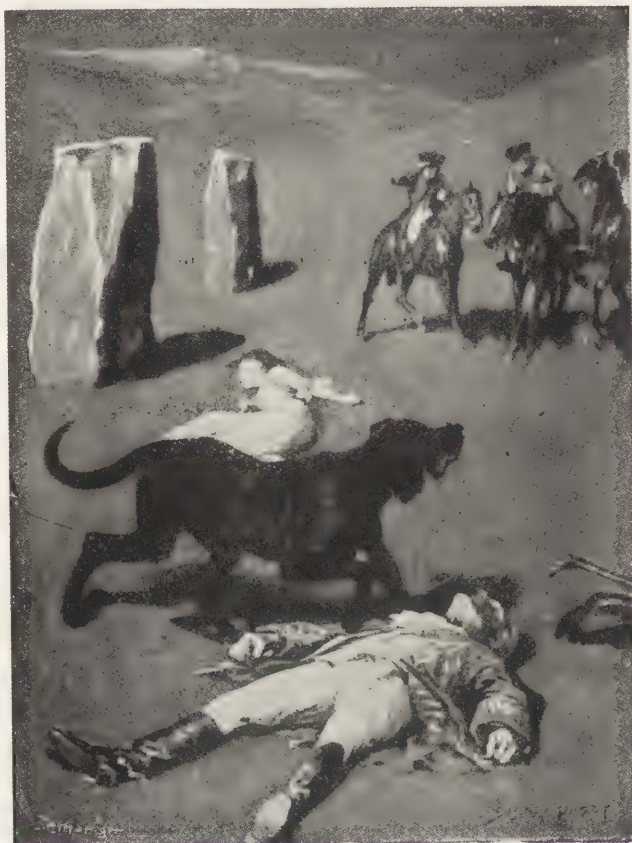
— Completamente.

— Queira pois inteirar-me dos particulares.

Recostou-se na cadeira, voltou a conjugar as pontas dos dedos, e assumiu a mais impassivel e judicial das suas expressões.

— Annuindo ao seu pedido, emitiu o doutor Mortimer, que principiara a manifestar sinaes de uma forte commoção, vou revelar aquillo que até hoje não confiei seja a quem fôr. O motivo que me impeliu a retrahir-me perante o inquerito do *coroner* é a repugnancia que sente todo e qualquer homem de sciencia em perfilhar uma crendice popular.

A este motivo accresce a circunstancia de, conforme o affirma o jornal, o Solar dos Baskervilles, ter certamente de ficar deshabitado, dado o caso de que eu, de algum modo, concorresse para lhe augmentar a já tão sinistra fama. Por ambos motivos pensei que se justificava o eu dizer um tanto menos do que sabia, desde que dahi não podia resultar praticamente bem de especie alguma, mas com o senhor não ha razão que me induza a deixar de usar da mais absoluta franquêza.

A povoação é escassissima na charnéca, e aquelles que nella convizinham mantem mui estreitas relações. Eis o motivo porque eu me dava muito com Sir Charles Baskerville. Com excepção do senhor Frankland, do solar de Lafter, e do senhor Stapleton, naturalista, não se topa com outras pessoas cultas, no ambito de muitas milhas. Sir Charles era um homem retrahido, o acaso da sua infermidade

pôs-nos, porém, em contacto, e a communidade de interesse em favor da sciencia manteve a intimidade. Tinha trazido abundantes informações scientificas do Sul da Africa, e passámos juntos mais de um serão delicioso a discutir a anatomia comparada do *Bushman* e do Hotentote.

Durante os ultimos mêses foi-se-me tornando cada vez mais evidente achar-se o sistema nervôso de Sir Charles excitado a ponto de ameaçar desastre. Havia tomado a peito a lenda cuja leitura o senhor Holmes acaba de ouvir — e tanto, que, supposto não discontinuasse os seus passeios dentro dos limites da sua herdade não havia forças que o levassem a pôr pé na charneca, de noite. Estava sinceramente convencido de que sobre a sua propria familia pesava um fado tremendo, e valha a verdade, as memorias de que elle tinha noticias com respeito aos seus antepassados não eram lá muito de animar. A ideia da presença de uma qualquer entidade sobrenatural perseguia-o a todo o instante, e em mais de uma occasião me perguntou se acaso, durante as minhas jornadas nocturnas, eu teria dado fé de alguma creatura de aspecto extraordinario ou se ouvira ladrar um cão Esta ultima pergunta fez-m'a elle amiudadas vezes, e sempre com uma voz a vibrar de excitação.

Recordo-me muito bem de uma tarde, em que, indo eu visitá-lo, o vim encontrar ao portão. Eu tinha apeado e, eis que o vejo de olhos fitos no espaço por cima do meu hombro, e lendo-se-lhe nelles o mais intenso terror.

Voltei para trás, de relance, e apenas tive tempo de entrever vagamente um vulto que eu futurei ser um bezerro preto, de bom tamanho, deslizando lá ao fundo da vereda. Era tal a excitação, e o susto, do fidalgo, que me impelliu a ir de corrida ao sitio em que surdira a alimaria. Sumira-se, porém, e o incidente, pelos visos, produziu na mente de sir Charles funda impressão. Passei com elle o resto da noite, e foi nessa occasião que, para explicar o sobresalto que manifestara, confiou á minha discreção a narrativa cuja leitura antecedeu a da noticia exarada na gazeta. Menciono por incidente este episodio pois assume uma certa importancia em vista da tragedia consequente, e todavia, eu na occasião em que elle se deu, persuadi-me de que o caso era apenas trivial e que a excitação de sir Charles era injustificada.

Foi por conselho meu que elle tomou a resolução de ir viver para Londres.

Eu sabia que elle tinha o coração affectado, e a constante excitação em que vivia, por chimerica que fosse a causa, estava concorrendo a agravar o seu estado de saude. Futurei que a permanencia de uns poucos mêses na capital e as distracções o fariam regressar á mansão, refeito de todo.

O senhor Stapleton, nosso amigo ao qual dava bastante cuidado a saude delle, perfilhava a minha opinião. Nas vesperas da partida, eis que surge a tremenda catastrofe.

Na propria noite em que falleceu sir Charles, Barrymore, o mordomo, que foi quem deu pelo sinistro. mandou montar a cavallo o Perkins, moço de estrebaria, e expediu-o a avisar-me e, como eu estivesse ainda a pé, uma hora depois do desastre dei entrada em Baskerville. Confirmei, restabelecendo-as em parte, as circunstancias todas mencionadas no inquerito. Fui seguindo as pégadas em toda a extensão da alêa dos teixos, observei o sitio junto ao portal da charneca onde parecia haver-se detido, notei a mudança de caracter das pégadas, a partir daquelle ponto, confirmei-me em que não havia outras pégadas no sitio além das de Barrymore, e em conclusão, examinei detidamente o cadaver, no qual ninguem tinha tocado até á minha comparencia. Sir Charles jazia de bôrco, com os braços estatelados, os dedos cravados no chão, contrahidas as feições do rosto por qualquer commoção forte, e isto a tal ponto, que eu proprio me não atreveria a jurar sobre a sua identidade. Era evidente não haver injuria fisica, qualquer que fosse.

E todavia, no inquerito estava exarada uma declaração falsa por parte de Barrymore. Afirmava este não existirem vestigios de especie alguma no saibro humido em redor do cadaver. Não dera fé de coisa nenhuma. Mas dei eu... dalí dois passos... visiveis e recentes.

— Pégadas ?

— Pégadas.

— De homem ou de mulher ?

O doutor Mortimer olhou para nós de modo estranho, e a voz sumiu-se-lhe quasi a ponto de murmurar:

— Eram as pégadas de um cão gigantesco, senhor Holmes !

(Versão de Manuel de Macedo).

(Continua).

CONAN DOYLE.

Occulta no mysterio, como a vida na semente, existe uma simples verdade.

I

N'AQUELLA tarde, o teu amor, achou por bem fazer-me uma dadiva mimosa.

Até então, só indifferenças e magoas me offerecera!

— Infelizmente, n'um rapido olhar, eu poude comprehender, que não souberas o que me havias dado. —

... Emfim, offereceras-me um botão de rosa, coisa bem simples e vulgar... ha tantos!

Apezar d'isso, a tua offerta foi um prodigio de delicadeza e de ternura para mim.

Que me importa que lhe houvesses dado o logar secundario d'um adorno na linha pura do teu peito?

Que me importa que m'o desses sem saber que me fazias a mais formosa das dadivas?...

Não foi n'um jarro d'oiro lavrado, — como na *lenda*, — que o colloquei, mas n'uma jarra simples, toda modesta, toda esguia e transparente.

Desde então, senti que vivia mais alguem na minha solidão, e, ebrio da maravilha perfumada e colorida a que se chama — flor — passava as horas, rapidas, a considerar essa existencia mysteriosa, que bebe um pingo d'agua e toda se abre n'um prodigio inimitavel de graça.

Já não me lembro onde escutei que as obras dos anjos poetas eram as flores da terra.

II

Até o decimo dia, conservou-se altivo e moço na fina jarra, estantia como o seu caule; mas de repente, como se fôra tocado d'um quebranto fulminador, o teu botão de rosa, o meu amigo, o silencioso companheiro de tantas horas amargas, deixou cahir a fronte que outrora se erguia para o ceo.

A tua offerta, como vês, não foi somente um admiravel e palido botão de rosa, foi um ser vivo condemnado, foi uma angustia muda, uma agonia linda que, sem saber, trazias sobre o peito. Tocado pela morte, assignalado pelo toque divino dá expressão que tem a vida a extinguir-se, dizia-me, na voz da mudez palida, a sua multipla agonia: a tortura do vergar das fibras do seu caule, a sêde infinita das agoas miraculosas da chuva, a nostalgia da terra maternal e as saudades da caricia da aragem... Tudo isso eu li no livro das suas petalas, sentindo intensamente todo esse mundo de magoa silenciosa. Avaro da sua belleza, sedento do seu mysterio, tocado da sua tristeza e grato pela sua presença, habituei-me a vêl-o como se fôra um grande amigo, em cujo seio continuassem as minhas proprias magoas.

Ao vel-o moribundo quiz soccorrel-o, tocar-lhe, transmittir-lhe a vida, mas, senti as mãos impuras; a suprema delicadeza põe uma barreira de castidade entre os seres... hesitei adivinhando um crime occulto na realidade do contacto. Então, piedosamente, entornei sobre as mãos um frasco de perfume e sequei-as ao fogo de myrra. E, como tocaria nas tuas palpebras para as cerrar para sempre — com o tremulo cuidado da dôr sem lagrymas — assim toquei nas petalas setineas que pareciam irmãs da tua face e procurei, sondando-as, achar o vibrião maligno que as tocára...

Foi um momento de demencia aquelle!...

... Mas, sob os meus olhos começou então a revelar-se a delicada maravilha de estru-

ctura que tu ignoras, a abrir-se o receptaculo d'um coração, cujo amor incruento e mysterioso tu nunca sonhaste!

Sob os meus dedos tremulos, patenteava-se uma creação admiravel, cujo silencio parecia desdenhar do genio humano. Aquelle ser vivente não era mais que uma harmonia que de subito se corporizára trocando o som pela forma. As valvulas de tunicas finissimas, cobertas de ligeira pennugem, pareciam os labios, ainda tremulos, por onde se escapára a ultima nota musical. O meu olhar passava maravilhado dos lobulos das anteras aos tenues filamentos que os sustentam, como columnas microscopicas a erguer o Sonho d'um Gigante: — a Vida! — Ébrio de perfeição, emfim, pousava na origem das petalas e notava a sua mysteriosa relação com os estames! A harmonia estava escripta! Como na eterna agitação do radium, existia ali a eterna agitação do germen. A tua flor, soffria porque vivia... e vivia porque amava.

Comprehendes agora porque me deste alguma cousa de inextimavel sem saber.

Tu bem a olhaste decerto porque a formosura fascina, mas o que havia de immenso n'aquelle exiguo espaço, coutinuou irrevellado, para esse olhar que tudo revela.

III

Finalisara a busca inutil. Em logar d'um vibrião mortal apenas achei um prodigio de belleza, mas a morte lá estava occulta, incançavel na destruição. Dir-se-hia que entrára disfarçada nas primeiras penumbras da tarde e que tomava alento, na sombra crescente, para concluir o mysterio na treva.

A extensão do silencio e do desgosto, pozera entre mim e a vida uma atmosphera de torpôr e abatimento. A noite pezava-me nas palpebras como um remorso a querer esmagar a lembrança. A sensação extinguia se vertiginosamente. Quiz reagir; forcei a imaginação a chamar-te para junto de mim, a ver se a tua presença me libertava do extranho annel que me abraçava o cerebro. Foi tudo inutil!. . Um instante de lucta... e mais nada... Adormecera e sonhava:

Na minha frente, illuminado e transfigurado, o admiravel botão de rosa agitava as petalas, n'um movimento rythmico, emitindo um murmurio em ondas de perfume... A flor falava!

Submisso ao seu encanto não tive um gesto de surpreza, um ai de espanto, apenas inclinei a fronte para escutar melhor. As suas palavras, n'uma voz cujo timbre não sei evocar, desde logo me chegaram ao ouvido, nitidas, precisas.

Diziam assim:

IV

«Não sei onde nasci, nem quando nasci! Na carreira do tempo, a minha lembrança pára a poucos passos. Sei porém que venho de longe e que vou para muito longe, embora não saiba d'onde vim nem para onde vou.

A tua companhia enterneceu-me. Ouvi bater o teu coração e vi a tua alma prescrutar-me e comprehender-me. Foste a primeira creatura que soffreu com o meu soffrer. Farei por não esquecer-te nunca.

Em paga da minha affeição apraz-me contar-te a minha breve historia:

— Vivi uma estação n'um conteiro singello em frente d'uma pequena casa terrea, onde havia uma moça, cheia de belleza e de saude, que me dava de beber.

De dia, cantavam os passaros nos verdes vimeiros do vallado e isso destrahia-me. A' noite dormia emballado por uma aragem muito meiga e ao som das cantigas d'um regato proximo, que em sonhos me fazia sêde.

Algumas vezes era despertado pela minha amiga e por alguem com quem ella conversava. As palavras que diziam eram brandas como a viração que me emballava.

Outras vezes, acordava julgando ter ouvido os passaros cantar; eram beijos.

Se acontecia passarem junto de mim, unidos n'um abraço como sempre, ella dizia, mostrando-me ao companheiro:

— Se as flores fallassem!...

Certa noite, lembro-me que acordei sebresaltado e em grande espanto reconheci a moça que me dava de beber, com os cabellos desmanchados e um olhar de fugitiva.

Do escuro avançava um vulto que dizia com voz arrastada:

— Mentiste! Mentiste! Mentiste!

— Nunca! Juro te!

— Vi! disse elle; e de repente, ergueu a mão, onde brilhou como que uma luz, que foi apagar-se no peito d'ella...

No dia seguinte, havia muita gente á porta da pequena casa terrea.

Quando se afastavam, notei que o ultimo grupo sahiu da porta trazendo um longo caixão ainda aberto, que pousou no terreiro...

Dentro estava a moça que me dava de beber.

Nunca mais a vi; ninguem mais me deu agoa; somente os passaros continuaram a cantar nos vimieiros do vallado, de companhia com o regato que me fazia sêde.

Depois vieram brizas mais fortes que me desfolharam; e por fim o vento levou-me.

De todo prezo pela extranha confidencia julguei por momentos, ter escutado uma historia de que eu fora o principal heroe: o homem cioso e brutal que põe o seu amor acima de Deus, para logo o afogar em sangue ao primeiro rebate de mentira! Mas não; não fôra eu porque só a ti amei no mundo e tu nada podias ter de commum com as mentiras d'elle; serias infantil mas não mentirosa. Tudo isto pensava eu no exquisito sonho que coutinuou assim:

«O vento levou-me...

Fui cahir muito longe nos arrebaldes d'uma grande cidade em um jardim gradeado á beira do caminho.

Visitava-me todos os dias um jardineiro que me tratava com cuidado e que me mostrava a todos com orgulho, como se eu fosse uma obra do seu engenho e não um producto natural, bello em qualquer parte do mundo onde houvesse terra propria e boa agoa.

Uma manhã, aos primeiros alvores do sol, distingui um pequeno vulto andrajoso deitado no caminho, e quasi sob o muro onde eu, então já crescido, me debruçava.

Das roupas batidas pelo sol começou a sahir um fumo leve. O vulto, d'ali a pouco, principiou a mover-se e despertou.

Era uma mocinha impubere, com as faces roxas de frio, os cabellos mal tratados e uns grandes olhos tristes inconscientes.

Apanhou do chão o resto d'uma maçã que os animaes ja tinham roido e comeu com satisfação. Olhou depois em roda e demorou os grandes olhos sobre mim. Em seguida aproximou-se, estendeu o braço e n'um pequeno salto colheu-me. Ao fundo do jardim echoou uma exclamação de raiva. O jardineiro surprehendera-a e corria armado d'um longo ansinho.

VI ENTÃO AFASTAR-SE VAGAROSA

A creancinha mal comprehendeu o perigo deitou a fugir n'uma carreira doida apertando-me sempre na mãosita gelada.

Como conseguiu escapar não sei.

O sol já ia alto quando entrámos na grande cidade que ficava perto.

Vagueamos longo tempo ao acaso e a minha dona em vão procurou restos de maçãs pelas ruas. Tinha fome e ninguem lhe deu pão, nem mesmo a olhavam... e passava muita gente.

Subitamente ao principio d'uma comprida e larga rua toda cheia d'arvores, ouvi uma voz que me encantou e que dizia:

— Que lindo botão de rosa! E quasi a seguir uma mão muito branca, muito branca, deixou cair uma moeda na mãosita roxa da minha companheira.

—Dá-m'o, continuou a voz, e toma para bolos.

A pequena olhou-me longamente como se tivesse pena de me deixar e olhou em seguida a moeda.

— Olha, disse a voz melodiosa, além, podes comprar pão, vae ...

Vi-a então afastar-se vagarosa e perder se entre a multidão. Nunca mais a tornei a ver.

A minha nova dona prendeu-me sobre o peito e eu vi-lhe então o rosto que era o mais lindo de quantos tenho visto. Os seus olhos como dois lagos em noites sem lua, pareciam adivinhar o que ninguem adivinha e ver o que ninguem mais vê. A sua boca tinha uma voz tão fresca que nenhuma aragem a podia egualar ..»

— Basta! conheço-a! exclamei eu interrompendo-o. Não pode ser senão ella porque não ha segunda sobre a terra.

Não te enganas, continuou o botão palido, foi essa que bem conheces e de quem me recebeste!»

Ao dizer isto, vi-o empalidecer ainda mais como se o alanceasse uma infinita magoa ou uma immensa saudade! — de ti por certo. —

— Soffres? perguntei-lhe.

— Soffro.

— Tens medo da morte?

— Não!

— Tens saudade d'alguem?

— Tenho!

— D'aquella de quem te recebi?

— Não, estava agora a lembrar-me que fim levaria a mocinha a quem matei a fome. Foi a creatura mais parecida commigo que encontrei. Tambem anda como eu ao sabor do vento, comprehendo melhor a sua magoa e tenho pena.

—... Mas... nada mais te recorda d'aquella que te prendeu ao peito, cujos olhos pareciam dois lagos em noites sem lua?... perguntei ancioso por ouvir falar de ti!...

«Pouco, continuou elle, apenas me recordo que as suas amigas me fizeram elogios com olhares cubiçosos, ao que ella respondia:

—É pena que não seja artificial, porque é realmente bonito. Assim, é uma belleza d'um só dia...

— E nada mais ouviste?

— Mais duas palavras apenas: alguem lhe perguntou em que jardim se creavam tão admiraveis flores.

— Chegou-me hontem de Nice, disse ella...

E nada mais ouvi da sua voz melodiosa.

....

N'este momento, acordei angustiado.

João Gouveia.

CARNE

Para Alvaro Ribeiro

Ó carnes alvas, velludosas, quentes,
De onde sobem perfumes delicados...
De onde correm venenos de serpentes,
E onde bramem procellas de peccados...

Vós sois, ó bellas carnes lactescentes!
Os bárathros horríficos, gelados,
Onde tombam inermes, impotentes,
As almas sempre em flôr dos namorados...

Pairando sobre vós, andam, sedentas,
As aguias colossaes e truculentas
Da Volupia, do Amor e dos Desejos...

Andam pairando, a disputar em côro,
O excelso, o mirifico thesouro,
Dos Abraços, dos Extases, dos Beijos.

Rio de Janeiro, 16—8—906.

Alipio Machado.

A Bibliotheca Publica do Porto

IV

CONCLUSÃO

Provido o logar de bibliothecario, vago pelo fallecimento do erudito dr. Eduardo Augusto Allen, no sr. Antonio Augusto da Rocha Peixoto, a nova administração da livraria publica municipal portuense immediatamente se assignalou por um indefesso trabalho e dedicado zelo. Assim, o sr. Rocha Peixoto, que é um naturalista e um archeologo, vantajosamente conhecido no paiz por seus estudos publicados, empenhou-se desde logo em actualisar a bibliotheca a seu cargo, procedendo, sem perda de tempo, á acquisição de tudo quanto a dotação de que dispunha o habilitava a poder alcançar, augmentando o cabedal das obras já possuidas. Melhorou, pois consideravelmente o estado da livraria publica portuense, completando secções atrazadas e preenchendo vastas lacunas. Obteve, em remessas successivas, o escol dos modernos livros de historia, litteratura, sciencias philosophicas, economicas, moraes e sociaes, de modo que hoje em dia todos os nomes não só os illustres como até os medianamente conhecidos, nos varios ramos da actividade do espirito, se encontram idoneamente representados nas estantes da bibliotheca municipal. Brevemente me consta que se começará a imprimir o catalogo supplementar, incluindo estas modernissimas acquisições, o qual conterá copiosissima somma de numeros, significando uma massa de alguns milhares de volumes. De seu exame derivará o conceito da justeza d'esta affirmativa, que não pecca por exaggerada.

ALEXANDRE HERCULANO
Um dos primeiros bibliothecarios

No louvavel intuito que acabo de fixar, a nova administração suscitou a ampliação da verba de acquisições e promoveu a posse pela livraria portuense de obras raras, de manuscriptos e de cartas geographicas.

Não só conseguiu reparar sua séde, substituindo completamente os telhados do predio, como ampliou o edificio, dotando-o com um novo salão, obra muito importante e de longa data, em lastimoso insuccesso, pretendida. Apresentava, com effeito, o edificio parcellamente um aspecto de ruina, e em tempo o caricaturista portuense fallecido,

Sebastião Sanhudo, no baixo de uma das paginas da folha satyrica, *O Sorvete*, escrevia a legenda: *O tecto da Bibliotheca do Porto*, e no alto desenhava escarninhamente o céu estrellado. O novo salão dará margem á accomodação de milhares de volumes. Não só ha necessidade de espaço para as recentes e innumeras acquisições como de espaço se tem carecido para pôr em estantes cerca de vinte mil volumes que, do fundo primitivo, e já verbetados, não fôra possivel levantar ás passadas administrações, por escassez de logar.

A administração nova procedeu a numerosas reparações nas paredes, soalhos, corredores, gabinetes, etc., e augmentou consideravelmente todo o mobiliario. Estabeleceu o vestiario, desapparecendo, assim, a tabella que, prohibindo rigorosamente a entrada na sala de leitura de livros extranhos ao estabelecimento, determinava que de seus logares os donos os vigiassem sobre a mesa onde á entrada eram obrigados a pousal-os, prescripção que motivara criticas pouco consentaneas com o decoro e sisudez da casa.

DR. EDUARDO ALLEN
Antigo bibliothecario

A nova administração estabeleceu ainda o serviço de desinfecção, as campainhas electricas, etc., e cuida actualmente do importante problema do aquecimento. O edificio é, na verdade, extremamente frio de inverno e curto tempo, na estação rigorosa, é licito permanecer, lendo, escrevendo, tomando apontamentos ou estudando na bibliotheca do Porto, porque o curioso ou o estudioso provisoriamente gela. O que soffrem então os empregados, obrigados a estacionar na casa todo o tempo util da lei da organisação do estabelecimento! Esta questão do aquecimento é de solução difficil, por sua mesma complexidade, visto ter de attender-se ao perigo dos incendios e haver de considerar-se a despeza, que se tem reputado excessiva, desde que se pensa no excellente systema adoptado, por exemplo, na bibliotheca de Paris. Na sala redonda da casa da rua Richelieu tive, todo um inverno, ensejo de, de per mim, apreciar as inultrapassaveis vantagens d'esse systema, que é o adequado e proprio para pessoas occupadas n'um trabalho mental; aproveito o ensejo para fazer votos por que a breve trecho minha cidade natal do Douro imite, n'esse ponto, minha adoptiva então cidade do Sena.

Deixo, para que não me acoimem de nimiamente prolixo, numerosas pequenas reformas de pormenór que, de todo em todo, não importa assignalar, se bem que representem attenção e redundem em proveito; mas o que não deixarei de notar é que a nova administração activou e regularisou o serviço de requisições, fazendo cumprir a lei das remessas, e promoveu a integralidade de numerosas publicações incompletas, uniformisando o regimen e indole das publicações periodicas.

Iniciou a secção de *ex-libris*, dos quaes ha muitos, variados e interessantes exemplares. Como se sabe, este é o thema ao presente versado pelos bibliophilos e eruditos; e, com respeito aos *ex-libris* portuguezes, uma revista especial se tem publicado em Italia, dirigida e redigida pelo sr. Joaquim de Araujo, consul de Portugal em Genova.

Não só a dentro do paiz como lá para fóra para o extrangeiro a nova administração da Bibliotheca Publica do Porto tem facilitado, sem excepção, a informação bibliographica, o que é um dos serviços prestantes d'estas vastas livrarias, na correspondencia dos estudiosos e na reciprocidade dos grandes centros civilisados. Á Bibliotheca do Porto hão recorrido e n'ella tem concorrido, para informações derivadas de impressos e manuscriptos, alli existentes, extrangeiros, oppostos ou a elucidar assumptos scientificos e litterarios ou a

derimir pleitos politicos, nas dissidencias de direitos e nos conflictos de interesses internacionaes, como ainda ultimamente occorreu

ROCHA PEIXOTO
Actual bibliothecario
Redactor em chefe da «Portugalia»

com Consultantes inglezes cuja estada no Porto, n'esse proposito, noticiaram na occasião os jornaes portuenses.

A nova administração iniciou egualmente o Inventario e Catalogo Geral, parallelamente aos catalogos parcellares e de especialidades. A par dos catalogos supplementares impressos, existem, da primitiva, na livraria publica portuense os catalogos manuscriptos, por nomes de auctores, em varios volumes. O de Historia consta de tres tomos; o de Litteratura, de dois; o de Jurisprudencia, de um; o de Theologia, de dois; o de Sciencias Exactas, de um; o de Sciencias Naturaes, de dois. Ha tambem um volume para Polygraphia; e accresce ainda um Supplemento geral, a estes catalogos, outrosim como elles manuscripto. E' n'esta collecção d'esses diversos catalogos manuscriptos que se encontram registradas todas as obras que provieram dos extinctos conventos e compuzeram o fundo inicial da Bibliotheca Publica do Porto.

A nova administração organisou definitivamente o Gabinete de Estampas e creou o Gabinete Cartographico. N'um e n'outro se deparam preciosidades, aos olhos do visitante attento e culto.

As bibliothecas municipaes tem a nova administração da Bibliotheca Publica do Porto, como já por vezes o fizera a antiga, cedido duplicados, restantes ainda das vendas em leilão, com cujo producto a livraria municipal portuense começou, da data d'esses leilões em deante, a adquirir obras novas, da moderna livraria franceza com especialidade.

Cumpre, no lance respectivo e de passagem, deixar notado que os gabinetes de numismatica e glyptica, e bem assim as secções de epigraphia lapidar e de armorial, a nova administração os não estabeleceu completamente, por terem sido reorganisados ou creados no Museu Municipal, actualmente annexo á Bibliotheca. Este museu conservara-se longos annos na casa do seu fundador e da familia Allen, á rua da Restauração; mas foi removido de lá para o edificio de S. Lazaro.

A nova administração reformou o quadro do pessoal, determinando-se-lhe rigorosamente as suas attribuições; coordenou os serviços de estatistica e de administração; e remodelou a antiga classificação bibliographica.

Assim e por tudo, tem honrado a confiança

OLIVEIRA ALVARENGA
Conservador
Redactor principal do «Primeiro de Janeiro»

que n'ella depositou a vereação do Porto, escolhendo-a; e ao estabelecimento que lhe foi confiado ha prestado multiplos e assignalados serviços. Terminando, é-me grato em publico reconhecel-o.

E, terminando, completarei este imperfeitissimo esboço, pela addição de algumas notas que me escaparam no primeiro e insufficiente rascunho.

Escapou-me, por exemplo, fallar da *Arte de Arithmetica*, escripta no Porto por Bento Fernandes e no Porto impressa em 1555, por

JOÃO GRAVE
Conservador
Redactor do «Diario da Tarde»

Francisco Correia. O douto portuense Antonio Ribeiro dos Santos, indicando uma edição, no Porto, por Vasco Dias Frexenal, que parece não ter visto, a refere ao anno de 1541, como d'elle Innocencio, em 1858, a trasladou. Mas Barbosa déra-a em 1555, sem que, todavia, nem um nem outro d'esses dois eruditissimos bibliographos entrassem em mais particularidades que nos habilitassem para decidir coisa alguma com respeito a essa obra, de que, pela sua parte, Innocencio não vira ainda exemplar algum nem sabia onde existisse. Até 1867, da edição do *Tratado de Arithmetica* apontada por Antonio Ribeiro dos Santos com a data de 1541, não tinha apparecido, que lhe constasse, exemplar algum. Mas da segunda edição feita em 1555, um existia na Bibliotheca d'Evora, cuja descripção a Innocencio enviara Telles de Mattos e aquelle transcreve. Cria Innocencio, e o exara, que o fallecido rei D. Luiz possuia tambem um exemplar d'esta edição; ignorava, como se vê, todavia, que outro existe egualmente na Bibliotheca Publica do Porto. A este o examinou e do teor da obra publicou uma analyse modernamente o dr. Ricardo Jorge; o exemplar da livraria publica portuense encontra-se, porém, bastante deteriorado.

De mathematico d'outro tomo, que não o modesto Bento Fernandes, do grande Pedro Nunes tambem me escapou nomear o *Tratado da Esphera*, impresso em Lisboa em 1537, e que existe na Bibliotheca do Porto, onde o insigne sabio está grandemente representado. Com effeito, de Pedro Nunes, na Bibliotheca do Porto ha o *Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria*, de Anvers *(Herederos de Arnoldo Birckman)*, 1567; ha esse *Tratado da Esphera*, que, como se sabe, é seguido dos dois tratados que o mesmo doutor fez sobre a carta de marear, «em os quaes se declarão todas as principaes duvidas da navegação cõ as tavoas do movimento do sol e sua declinação, e o Regiméto de altura assi ao meyo dia como nos outros tempos»; ha as obras em latim: *De arte atque ratione navigandi libri duo; In theoricas Planetarum Georgu Purbachi annotationes, et in Problema mechanicum Aristotelis de motu navigu ex remis annotatio una; De erratis Orontii Finœi liber unus. De crepusculis liber unus. Cum libello Alhacen de causis crepusculorum.* A pag. 328 (fasciculo terceiro) do *Supplemento* geral impresso, referente ás acquisições posteriores á sua fundação, vem descripto o *Tratado da Esphera com a theorica do Sol e da Lua* e uma nota nos adverte que está mais completo este exemplar do que o antigo da Bibliotheca. Na pag. 225 (fasciculo segundo) do *Indice* preparatorio do catalogo dos manuscriptos vemos, em additamento 1.º a esse fasciculo 2.º, attinente aos manuscriptos que advieram á Bibliotheca desde 1859 para cá, que em 1868 lhe foram offerecidos pelo fallecido portuense José Gomes Monteiro dois volumes, em 4.º encadernados (ou brochados antes) em pergaminho, um d'elles tendo por titulo *Tratado do Uso da*

Sphera. O offerente havia lançado, sobre algumas folhas soltas que se guardam dentro d'esses codices, uma serie de observações historico-litterarias ácerca de quem seu auctor seria, das quaes se deprehende que aquelle erudito, sobre a paternidade do codice, hesitava entre Pedro Nunes, André do Avellar e outros. O outro manuscripto á Bibliotheca do Porto offertado por Gomes Monteiro intitula-se *Do astrolabio*, e o prestante fallecido dr. Eduardo Allen frisa que, entre as diversas obras que Innocencio diz que Pedro Nunes havia composto mas de que se não encontra vestigio, menciona tambem um «Tractado sobre o Astrolabio». O *Tractado do Uso da Sphera* tem, pela parte interior da pasta, em frente da guarda, um lettreiro que diz assim: «Este cartapacio e outro d'esta encadernação (é o mencionado *Do Astrolabio*), mas parece que é a letra alguma cousa diversa, e trata da Esphera e astrolabio, me vendeo em Coimbra, seria pelos annos de 1629, um livreiro que chamam Carneiro, que depois foi para Lisboa, e nunca me quiz dizer d'onde os ouvera, senão que os comprara entre outros livros em hua livraria que comprara. Oje 12 de janeiro de 1634. *F. Estevão de Napoles*». Segue um segundo lettreiro, que diz: «Hoje, 1842, pertence ao Barão de Prime, que o comprou a Dionisio José de Loureiro, por este ter comprado a livraria da casa da Prebenda. Vizeu, 1843». Indicações analogas se deparam no codice *Do Astrolabio*.

Com respeito á *Hypnerotomachia Poliphili*, Veneza, 1499, contos então seriam larguissimos. D'esta se fez modernamente vulgarisação em Paris, editando-a o livreiro Liseux, em 1883, em 2 vol. in-8.º, litteralmente traduzida pela primeira vez, com uma introducção e notas, por Claudius Popelin, ornada de figuras em madeira gravadas a novo por A. Prunaire, e com o titulo *Le Songe de Phiphile, ou Hypnerotomachie de Frère Francesco Colonna*. Ora, quer o leitor saber como abre sua noticia aproposito o sabedorissimo Alcide Bonneau? Pois começa assim: «A *Hypnerotomachie Poliphili, Sonho de Poliphilo*, é um livro celebre entre todos, mui procurado dos amadores pelo menos em sua primeira edição, dada por Aldo Manucio em 1499, e que é mais rara do que um corvo branco, *albò corvo rarior*, diz Charles Nodier.» Mas, se o leitor, aguçado o appetite, quizer ver o resto, transfira seus olhos para as laudas 190 a 211 do volume *Curiosa*, ensaios criticos de litteratura antiga ignorada ou mal conhecida, estampado em Paris pelo mesmo editor Isidore Liseux, em 1887.

Eu é que passo já aos manuscriptos da Bi-

ARTHUR CARVALHO
Amanuense
Auctor do catalogo dos incunabulos

JOÃO DE SOUZA
Amanuense

bliotheca do Porto, pedindo venia ao mesmo indulgente leitor para perante elle me penitenciar da falta em que incorri não mencionando os diarios contendo as novas do heroico e benemerito sertanejo Silva Porto, por este dados á Sociedade de Geographia Commercial do Porto, d'onde, extincta esta, passaram para a livraria municipal. Sua enumeração não consta ainda do *Indice* preparatorio, pois o ultimo fasciculo d'esse catalogo, que a si mesmo modestamente se deu como provisorio, exhibe a data de 1896 e é já mais referente a assumptos industriaes e bibliographia; o fasciculo da primeira secção (geographicos) dos mss. Chartaceos tem dez annos de antecedencia, é de 1886. Em 1891 na capella da Lapa as execquias se celebraram por motivo de serem trasladados para alli os restos mortaes de Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, prégando o portuense padre Francisco José Patricio o sermão que, com o titulo de *A bandeira do sertanejo*, foi publicado na occasião e se encontra hoje recolhido, com os demais, em suas obras oratorias, em Lisboa editadas pela Parceria Antonio Maria Pereira, tomo I, impresso em 1893.

PRIMITIVO EMBLEMA

As notas de Silva Porto constituem treze volumes, que comprehendem desde o anno de 1846 até o de 1889. Offerece-as o africanista «aos seus compatriotas, em testemunho de respeito» e intitula-as *Viagens e apontamentos de um portuense em Africa*, em logar do primitivo titulo, prejudicado pela ampliação determinada pela demora em Africa e por se não ter impresso a obra primeira, cujo rotulo era *Cinco viagens ou costumes e usos gentilicos*. No verso da folha do rosto do terceiro volume, e encimadas com a palavra *Attenção*, leem-se as linhas seguintes: «Não me sendo possivel, por falta de tempo, satisfazer aos desejos do meu amigo sr. Silva Porto, como lhe havia promettido, ao pedir-lhe os seus dez livros — Diario — da sua vida em Africa, para *trancar* ou de qualquer forma vedar a leitura dos seus actos da vida privada, com a auctoridade que me foi concedida, prohibo a transcripção de tudo que não seja de interesse para o publico, e especialmente o que fôr intimamente ligado á vida privada do meu amigo. Porto, 6 de Março de 1885. *Francisco José da Costa Jubim.*» Nada obstante, até hoje transcripção alguma se ha feito, que me conste, ainda do que de interesse publico se deve conter afoutamente n'esses treze volumes, que cumpriria lêr para extractar d'elles o que de aproveitavel encerrem. Aguardam ainda quem se abalance a este patriotico afan.

CARIMBO PRIMITIVO

Em regra e para todas as suas secções, providamente curtas são as temporadas em que a livraria publica portuense não ajunta acquisição nova a guardar ao lado das já enthesouradas.

CARIMBO ACTUAL

Assim, quasi nos ultimos dias á Bibliotheca do Porto veio parar uma curiosa e valiosa collecção de noticias, parte manuscriptas, parte colhidas ou recortadas do impresso, e quasi todas á historia geral e particular do Porto referentes. Organisou essa collecção o portuense Henrique Duarte e Sousa Reis, empregado municipal que em tempos fez serviço na Bibliotheca e com amor cultivou as lettras, deixando de seus labôres vestigios em varios trabalhos insertos nas columnas de periodicos politicos e revistas litterarias.

A collecção hoje ao serviço do publico, por em poder da sua Bibliotheca, consta de vinte e sete volumes. Enumeremos os respeitantes á cidade.

Encontramos primeiro sete grossos tomos de *Apontamentos para a historia do Porto.* O primeiro é a «Descripção historica»; o segundo trata do «Commercio e governos»; terceiro e quarto (primeira e segunda parte) occupam-se do «Clero»; o quinto dos «Edificios publicos»; o sexto do «Povo»; o setimo é um «Supple-

mento». Temos um volume de «Recordações das entradas solemnes dos bispos do Porto na cidade»; e temos uma «Memoria das Aguas do Porto». Com motivo da «Festividade e procissão de *Corpus Christi*» ha cinco volumes. Um existe sobre a «Origem das procissões da cidade do Porto»; um contendo «Programmas funebres na morte de diversos soberanos e com especialidade na de S. M. F. a rainha a senhora D. Maria 2.ª»; ha um de «Documentos officiaes relativos ao coração e á estatua de D. Pedro 4.º»; e outro de «Documentos relativos aos actos publicos e solemnes em obsequio de D. Pedro 5.º». Na collecção se depara com um «Indice chronologico»; bem como alli se topa ainda com uma «Descripção historica das Arcas, Fontes e Aqueductos da cidade do Porto. Encontramos um livro de «Programmas e descripções de festejos publicos» e damos com uma «Vida de D. Manuel de Santa Ignez, vigario particular, governador e bispo eleito do Porto», pelo «seu secretario privado, Chanceller e Distribuidor do mesmo bispado», escripta em 24 de janeiro de 1854.

Apparece-nos o tomo I de uns «Apontamentos para os annaes municipaes do concelho do Porto desde 1832 até 1839», e logo nos surge uma «Descripção historica da antiquissima Villa Nova de Gaya», feita pelo referido H. D. Sousa Reis em 8 de Março de 1849.

Este indefesso official maior da Secretaria da Municipalidade do Porto de seu punho escreveu em 1857 uma «Collecção de leis relativas á administração municipal, e com especialidade das que dizem respeito á do Concelho do Porto, selecta na legislação portugueza até ao anno de 1855, egualmente organisada alphabeticamente».

Elle, em 1873 até 1875, elaborou «por estudo e recreio, compilando tudo quanto se tem publicado a respeito d'este infeliz principe», uma «Chronica de D. Antonio de Portugal, prior e administrador do notavel priorato do Crato, filho natural do infante D. Luiz e de D. Violante Gomes, denominada *A Pelicana*»; e em 1856 redigiu uma «Numismatographia portugueza ou descripção de todas as moedas, antigas e modernas, do reino de Portugal e suas conquistas, na Europa, Asia, Africa e America, com a citação de todas as leis e mais disposições regias que ordenaram seus cunhos, preços, pezo e metaes de que foram fabricadas, desde o principio da monarchia até aos nossos dias».

Receio largamente enfastiar mais do que é permittido aliás n'este genero de escriptos, de si tão deleitosos para os iniciados como aridos para os profanos. Assim, limitando-me ainda a indicar a existencia na Bibliotheca do Porto, de raridades *modernas*, como o inencontravel *Bico de gaz*, de Camillo Castello Branco, ponho ponto, o que para mais de um leitor, emfim desoppresso, já não será sem tempo.

J. Pereira de Sampaio (Bruno).

EMBLEMA ACTUAL

O José
Mata-gigantes

Quando o José começou a andar á caça dos gigantes era ainda um fedelho. Estava na edade em que os rapazes só pensam em ir aos ninhos ou em apanhar borboletas; mas elle só queria aquella faina, pois sabia o mal que os gigantes faziam a toda a gente.

Estreou-se com um a quem tinham posto a alcunha de Tubarão, porque engulia as pessoas e os bichos tão facilmente como aquelle grande peixe engole os peixes mais pequenos e até gente, e tambem porque nunca se fartava, por mais comida que mettesse para o estomago.

A's vezes o Tubarão sahia de sua casa, situada n'uma rocha muito alta, e, conforme costumava dizer, ia ás compras. Não se julgue, por isto, que comprava o seu sustento. Isso sim! Deitava a mão a tudo o que ia encontràndo, e depois de papar o que mais lhe appetecia, levava o resto para a despensa.

A' volta para casa é que mettia maior pavor. Com uma das manapulas segurava pelos cabellos a meia duzia de homens e mulheres, que levava cahidos para traz das costas, e que não paravam de berrar e barafustar; com a outra agarrava pelos rabos em outras tantas vaccas e bois, que formavam uma cambolhada.

Já se póde imaginar a raiva de morte que lhe teria o povo, mas o gigante não se importava com isso e só tratava de comer bem e beber ainda melhor.

O copo, que despejava muitas vezes ao dia, era do tamanho de um barril.

Punha-se d'um lado da mèza e dizia: «Lá vae á sua, *sô* Tubarão!» e vasava o copo de um trago. Passava para o outro lado, enchia outra vez o copo e dizia: «Muito obrigado! Lá vae á sua!» E mandava outro copasio á pá do bucho.

Depois de apanhar algum fartote dos maiores, ficava em casa uns tres ou quatro dias, a esmoer a comida, como faz a giboia.

O José soube que o gigante acabava de apanhar uma das taes pançadas e tratou de caçal-o. Para isto excavou no meio do caminho, que ia dar ao castello do Tubarão, um poço da altura de tres ou quatro homens e tapou-o com galhos de pinheiro. Por cima d'estes pôz uns saccos velhos de serapilheira e espalhou terra e pedras, de modo que ninguem diria que por baixo houvesse uma cova.

Quando acabou a obra, subiu até ao castello e bateu com força á porta principal, gritando:

— Salta cá para fóra, meu grande fracalhão! Quero mostrar que és um cobarde. Anda d'ahi, Tubarão d'uma figa, e verás a grande sova que apanhas!

O gigante espreitou da janella e quando viu que era um garoto de quinze annos quem ia assim provocal-o, ainda mais se enfureceu.

— Espera que eu já te arranjo, meu patife! exclamou. Verás o que eu costumo fazer a quem me incommoda quando estou dormindo a sesta.

DEU COM ANCIA UMA PANCADA NA MOLLEIRA DO GIGANTE

— Bem sei onde te espero, disse José com os seus botões. E' para além do poço.

E desatou a correr com quantas pernas tinha pelo monte abaixo, seguido de perto pelo gigante, que fazia um berreiro de ensurdecer. Por um triz que não encontrava o logar do poço, mas sempre conseguiu descobril-o, e parou um pouco mais abaixo. D'ali a um instante ouviu-se uma grande estalada e a bulha de um corpo pesado que se despenhava de grande altura. O Tubarão estava no fundo do poço.

— Então, gigante de má morte! Em que ficaram as tuas farroncas? Vaes ahi morrer á fome.

Mas o perigo ainda não tinha passado, porque apesar de o poço ter aquella altura, não impediu que d'ali a pouco surgisse na borda a cabeça do Tubarão.

Vendo isto, o José agarrou no alvião com que tinha aberto a cova e deu com tanta ancia uma pancada na molleira do gigante, que logo o matou.

Depois de se certificar de que elle estava bem morto, desceu ao poço e cortou uma porção de cabello do gigante para offerecer á mãe.

E o caso é que a boa mulher teceu um tapete, que muito lhe serviu de inverno.

— Deixe vocemecê estar, disse-lhe o rapaz, que havemos de arranjar tapetes eguaes para todos os quartos da casa.

O povo dos arredores ficou tão grato ao José pela morte do gigante, que lhe offereceu uma bella espada de Damasco, de certo muito mais propria do que um alvião para dar cabo de gigantes, e um cinturão, tendo na frente uma chapa de oiro, com estas palavras gravadas:

«Sou eu o destemido valentão,
Que deu morte ao gigante Tubarão.»

O grande cadaver ficou sepultado no poço, que o povo encheu de terra e cobriu de pedregulhos, como se tivesse medo de que o Tubarão resuscitasse e viesse cá para fora.

*
* *

Pouco depois o José pôz-se em campo novamente, á caça de gigantes, e foi dar a um lindo bosque muito sombrio, no meio do qual havia uma fonte de agua fresquissima e crystallina. Tendo mitigado a sede — o dia estava bastante quente — deitou se na relva macia, para descançar e pensar. E era tão agradavel estar ali deitado, respirando o ar fresco e sadio do bosque, ouvindo o murmurio da agua, o cantar dos passarinhos e o zumbido das abelhas, que o rapaz, quando mal se precatava, adormeceu.

Ora n'aquelle bosque sombrio é que ficava o castello de gigante Gargamalo, o mais feroz e cruel de todos os que ao tempo existiam. Como estava com calor, Gargamalo foi passear pelo bosque e approximou-se da fonte, para matar a sede.

— Brrrr! grunhiu elle, quando viu o José. Quem será?

N'isto leu as palavras gravadas no cinturão e deitou uma das mãos em roda da cintura do rapaz, levantando-o ao ar como se fosse um bonequito.

— De que maneira te hei de torturar com toda a perfeição, antes de te matar? dizia Gargamalo comsigo mesmo, quando ia, a grandes passadas, direito ao castello.

E emquanto dava voltas ao miolo, no que levou muito tempo por ser coisa tamanha, deixou o José fechado n'uma torre muito alta e medonha, que ficava mesmo por cima da porta de entrada.

Apenas se viu ali preso, o rapaz tratou de examinar o sitio onde estava, não deixando em claro o cantinho mais excuso, para ver o que poderia aproveitar para fugir. Encontrou diversas ossadas humanas, muitos ratos e dois sapos, mas

nada d'isto lhe servia. Felizmente n'um canto descobriu uma corda muito forte e comprida. Soltou um suspiro de satisfação.

No muro da torre havia uma fresta gradeada. José conseguiu trepar até lá, e, deitando a cabeça de fóra, avistou Gargamalo andando pelo campo em direcção ao castello, de companhia com outro gigante ainda maior do que elle, e mais medonho e mal encarado.

—Bom! pensou José. Se não aproveito esta felicidade inesperada, posso dizer adeus á vida.

E metteu mãos á obra, valendo se da corda.

Deve dizer-se que, desde muito pequeno, elle tinha aprendido com os maritimos a fazer toda a qualidade de nós, taes como o nó de galera, o nó de ancora, o nó de dois cotes, o nó de tecelão, o nó de artifice. O peior é que nenhum d'estes nem os outros, que tambem sabia dar, lhe serviam para o fim que tinha em vista.

O RAPAZ DESCEU PELA CORDA

Já os dois gigantes, de braço dado, vinham chegando á porta do castello e era preciso aproveitar immediatamente aquella occasião unica, aliás estava tudo perdido.

Que fez então o José?

Inventou um nó absolutamente novo e original, semelhante ao nó allemão, com o feitio de um 8 e formado de duas laçadas corredias, que se podiam apertar puxando pela outra ponta da corda. Encostou a cara á grade da fresta, estendeu o mais que poude o braço direito para fora, tomou á farta a respiração e ficou esperando. Os gigantes já estavam ao pé da porta, por baixo exactamente da fresta gradeada e pararam um instante, entretidos a conversar. O rapaz, calculando tudo com o maior cuidado, deixou cahir a corda.

Táte!

Cada uma das laçadas enfiou-se pela cabeça de seu gigante, e ainda a corda lhes não tinha tocado nos hombros quando o José a retesou fortemente, pendurando-se n'ella com todo o seu peso. As laçadas apertaram-se logo em volta do pescoço dos gigantes. Os dois brutamontes bem quizeram soltar-se, mas o

mais que fizeram foi grunhir: Grrô! Grrô! Grró! E o rapaz puxou a corda com quanta força tinha. Puxou até sentir os musculos dos hombros quasi a estalar. Puxou até esburacar com os pés o rebôco da parede. Puxou até que as mãos lhe ficaram a arder, como se as tivesse posto em cima de um ferro em braza. Puxou até deixar de haver movimento do outro lado da corda. Puxou até já se não ouvir o ultimo «Grrô!» Puxou até os dois gigantes ficarem pendurados, inertes, sem acção, como um par de fantoches.

Amarrou então á grade a ponta por onde tinha puxado, escoou-se, como enguia, por entre as barras de ferro e desceu pela corda abaixo.

Tendo deitado a mão á adaga de Gargamalo, pôz em breve os dois gigantes em completa impossibilidade de lhe fazerem mal, se acaso não estivessem bem mortos.

No castello encontrou tres damas muito lindas, presas a uma grande arca pelos seus formosos cabellos e que os gigantes tencionavam assar no fôrno para o jantar d'aquelle dia. Entregou-lhes as chaves do castello, dizendo que tudo o que ali havia lhes ficava pertencendo.

— D'aqui não levo senão a grenha dos dois mostrengos, continuou o rapaz. Com a do Gargamalo — uma das damas tinha-lhe dito como elle se chamava — faz minha mãe um tapete para a nossa casa de jantar, e com a do companheiro, que infelizmente é mais rala e está muito embaraçada, arranja outra para deante da lareira.

(Conclue no proximo numero.)

Terceiro concurso photographico dos SERÕES (Menção honrosa)

«MARGENS DA RIBEIRA DE SITIMOS»
Photographia do sr. Thiago Silva, Alcacer do Sal

Grandes topicos

O novo Reichstag

Posto em cheque pelo Reichstag, que lhe recusara os creditos necessarios para proseguir a campanha colonial, o chanceller principe de Bulow resolveu dissolvel-o acto continuo. E assim fez — manifestando claramente que dava esse golpe para pôr um dique á influencia sempre crescente da social-democracia e, sobretudo, para se libertar da tutela do Centro catholico que, sendo no parlamento o partido mais forte, e, por isso indispensavel á acção governativa, abusava d'essa situação fazendo exigencias cada vez mais intoleraveis. Supunha o chanceller que, apelando de novo para o sufragio, o povo aprovaria a sua politica, e os dois grandes partidos seus rivaes sairiam da lucta eleitoral gravemente feridos. Não era essa a opinião geral e muitos dos proprios amigos do chanceller tentaram fazer-lhe comprehender que laborava em erro. Mas elle nada quiz ouvir: dissolveu o parlamento e convocou as eleições.

Logo ao primeiro escrutinio se viu que os planos de Bulow tinham em parte falhado, e quando se concluiu o escrutinio de desempate reconheceu-se que o chanceller apenas conseguira acertar n'um dos alvos: o socialista. Com effeito, eis a constituição do novo Reichstag, comparada com a do anterior.

Centro catholico, tinha antes 104 deputados e tem agora 105; socialistas, 79, 43; conservadores, 80, 86; nacionaes liberaes, 51, 55; radicaes, 36, 46; agrarios, 15, 23; polacos, 16, 20; alsacianos-lorenos, 9, 7; diversos, 7, 12.

O PÁRA-RAIOS

da residencia imperial de Berlim

Do «*Wahre Jacob*»

TRES CÃES A UM OSSO

O osso — a alliança com a Russia — foi todo ruido pelo urso russo. Os tres cães que o disputam são a França, a Inglaterra e a Allemanha.

Do «*Wahre Jacob*»

Vê-se, portanto, que o principal partido de quem o chanceller queria descartar-se, o centro, não só conservou as suas posições como as melhorou. O mesmo succedeu aos outros partidos de oposição, excepto ao socialista. Mas as perdas d'este são exclusivamente parlamentares e não politicas, porquanto, apezar de obter menos 36 deputados do que nas eleiçoes de 1901, conseguiu reunir mais 250 mil votos do que então. De resto, essas perdas não veem alterar profundamente a situação do governo no Reichstag, e, por isso, á hora a que escrevemos ainda nem sequer se calcula quaes sejam os elementos de que o governo póde lançar mão para constituir uma maioria.

A futura Duma

Parece que se realisam os nossos vaticinios que, de resto, eram os de toda a gente que mais ou menos conhece as coisas da Russia. Iniciado o periodo eleitoral em fins de janeiro com as eleições do primeiro grau, notou-se a breve trecho que apezar dos esforços mais ou menos legitimos, empregados pelo governo para que a nova Duma fosse um organismo absolutamente seu, os partidos avançados e, sobretudo, os democratas constitucionaes iam obtendo votações muito apreciaveis. Passa-se ás eleições do segundo grau, e essas votações augmentam por tal fórma que suplantam as dos partidos do governo. No momento

A AGUIA NEGRA

KAISER — *Visto que o gallo os empurra para fóra, eu os metto debaixo da minha aza.*

Do «*L'Asino*»

em que escrevemos estão-se realisando as eleições do terceiro grau — as definitivas — que devem terminar em principios de março. Pois os resultados conhecidos acusam já uma maioria tão grande para os partidos avançados que será muito dificil senão impossivel ao governo atingil-a sequer.

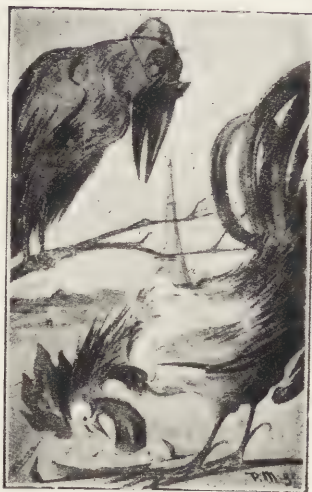
Póde, portanto, dar-se como certo que a futura Duma será a digna successora da que iniciou na Russia uma nova éra. Repetir-se-hão n'ella, fatalmente, as scenas de que a primeira foi theatro. Que fará o governo em presença d'isso? Naturalmente, o que prometeu — dissolvel-a. Mas depois? Depois... terá a palavra o povo russo.

A Egreja e o Estado em França

Depois de uma lucta de longos mezes, o Papa resôlveu-se a transigir. Ordenara elle aos sacerdotes francezes que não se sujeitassem á ultima lei Briand, estabelecendo a nova organisação dos cultos. Contava, para poder resistir, que os catholicos da França fossem em auxilio da Egreja, com os fundos necessarios para ella poder organisar o culto privado. Enganou-se, e a desilusão que soffreu parece ter sido completa, porquanto o seu apello quasi não teve echo. Assim, Pio X apressou-se a communicar ao episcopado francez que, em harmonia com a lei, fizesse os indispensaveis arrrendamentos de egrejas para a continuação do culto publico tal como até agora tem sido exercido.

Póde, portanto, considerar-se o conflicto como virtualmente terminado.

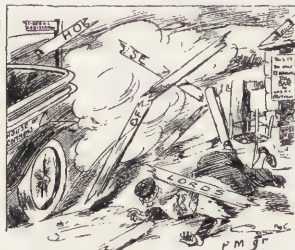
Lords e communs

Póde dizer-se afoitamente que as duas camaras inglezas nunca se entenderam muito bem; mas a sua rivalidade começou a tomar um aspecto mais grave a partir da segunda metade do seculo XIX, assumindo então nos ultimos tempos as proporções de um sério

A CONCORDATA

O gallo francez está a desfazel-a em pedaços, emquanto as auctoridades do Vaticano olham com pezar para os destroços.

De «*Il Fischiette*»

conflicto. Tudo isto porquê? Porque a camara dos lords vem systhematicamente rejeitando todos os projectos rasgadamente liberaes aprovados pela camara dos communs. Os ultimos atingidos por essa sanha reaccionaria foram o *Plural voting bill*, que estabelecia o principio «um homem, um voto», e o *Education bill*, que proclamava a neutralidade religiosa no ensino.

Esta verdadeira anomalia no Estado mais democratico da Europa, não podia deixar de irritar o espirito publico e, consequentemente, o governo que tão bem o tem representado. Assim, quando a lei do ensino foi rejeitada, o primeiro ministro Campbell Bannermann resolveu logo acabar de vez com semelhante situação, absolutamente intoleravel. E o facto é que no discurso da corôa lido na abertura da nova sessão legislativa veem já annunciadas as medidas que o governo tenciona tomar n'esse sentido. Não se sabe por ora quaes sejam essas medidas, mas os politicos afectos ao gabinete dão a entender que, não sendo possivel desde já áquelle acabar com a camara alta, vae propôr aos communs que lhe supprimam o direito do *veto*.

A QUESTÃO DA CAMARA DOS LORDS

O CHAUFFEUR — *Emquanto os senhores não abusaram dos seus privilegios, ainda os toleramos, agora excede, o que é insupportavel.*

E' preciso abrir caminho, por onde possa prevalecer a vontade do povo. (Trecho de um discurso do primeiro ministro inglez).

«Do *Morimag Leader*»

O GIGANTE CHINEZ

Ao acordar, sacode todas as outras nações de cima da sua colcha
Do «*Illustrated London News*»

Estados Unidos e Japão

A camara americana acaba de votar um projecto de lei interdizendo a immigração de *amarellos* sem passaporte. Representa isto, nem mais nem menos do que a aprovação pelo parlamento da atitude tomada contra o Japão pelo estado da California. Com efeito, se aparentemente o conflicto derivou da frequencia illegal das creanças japonezas nas escolas publicas d'aquelle estado, a sua causa verdadeira foi a extraordinaria immigração que se vem acentuando, pelas costas do Pacifico, de trabalhadores japonezes que, uma vez em territorio americano, faziam baratear a mão d'obra, d'onde resultava uma séria perturbação economica. A questão das creanças foi simplesmente um pretexto, justificado embora. E assim, veremos como, promulgada a lei, os californienses se acalmam logo, deixando mesmo, porventura, que os pequenos japonezes continuem a frequentar as escolas do estado, impondo apenas para isso algumas condições. Quer dizer: os Estados Unidos realisam o seu *desideratum* e, como o conseguem por uma forma absolutamente legitima, o Japão tem de se calar.

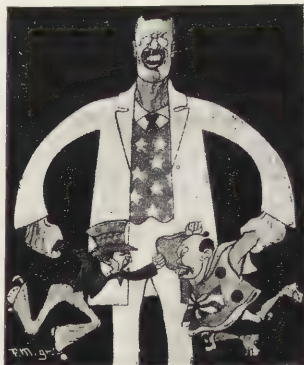
A não ser que surja algum novo incidente que deite tudo a perder.

JAPÃO, AO TIO SAM

«Olhe lá, ó tio! A sua barba vae crescendo demais. Não era mau tosquial-a um pouco.»
Do «*Tokio Puch*»

Em Hespanha

As velhas desintelligencias entre os diversos agrupamentos liberaes hespanhoes mais uma vez originaram uma crise ministerial e a subida ao poder dos conservadores que, aliaz, não se supunha podessem tão depressa lá voltar.

A ambição d'uns e o despeito d'outros fizeram com que a ultima tentativa de governo liberal fracassasse e que Vega de Armijo cedesse o passo a Maura, isto é, que a liberdade fosse substituida pela mais caracterisada reacção. Esta, é claro começou logo a manifestar-se e manifestar-se-ha, sem duvida, mais intensamente com o andar dos tempos. Não é crivel, porém, que o seu dominio se mantenha, porquanto quando uma nação como a Hespanha se lança resolutamente no caminho do Progresso, não lhe é facil parar e muito menos voltar atraz. Assim é que os partidos avançados, inclusivè os liberaes, que durante o consulado d'estes se haviam quasi desorganisado, iniciaram já um forte movimento tendente a oppôr um dique á onda reaccionaria. Os liberaes, comprehendendo finalmente o erro da sua politica anterior, acabam de dualisar a sua fusão n'um partido unico, sob a chefatura de Moret, deixando apenas de entrar n'essa combinação Canalejas e Lopez Dominguez que se propõem constituir um novo partido com os amigos d'estes e os antigos democratas que, capitaneados pelo primeiro, formavam a ala esquerda dos liberaes. Por seu turno os republicanos, ultimamente bastante divididos em virtude da alliança que alguns haviam feito com elementos monarchicos da Catalunha, estão á hora a que escrevemos procurando uma formula de accôrdo que garanta a subsistencia da União, unico meio de poderem com vantagem luctar com os partidos monarchicos.

A CALIFORNIA E OS MENINOS JAPONEZES

ROOSEVELT — *Juizo, rapaziada! Então já se esqueceram do meu premio da paz?*
«Do *Pasquino*»

Vida na sciencia e na industria

A Photographia telegraphica

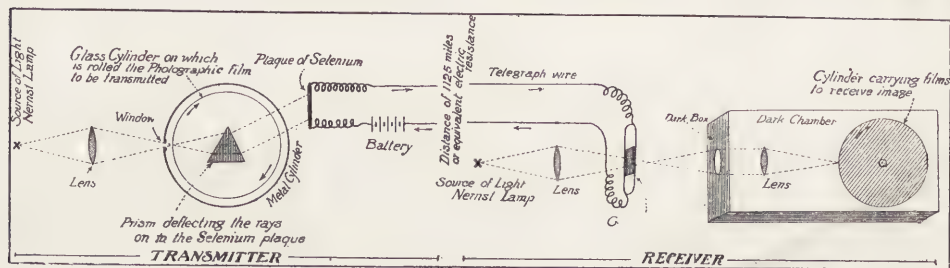
O dr. Korn, de Munich, continua a aperfeiçoar o seu invento de transmissão telegraphica da photographia, ao qual nos referimos n'um dos numeros anteriores dos *Serões*.

DR. KORN

Inventor da transmissão telegraphica das photographias — Retrato transmittido pelo seu apparelho.

Funda-se a invenção na propriedade especial do selenio, metal que transforma as variações da luz em variações da corrente electrica. No apparelho do professor Korn, as variações de densidade de um negativo são transmittidas exactamente como o som no telephone. Esse apparelho é semelhante com effeito a um telephone ou a uma installação telegraphica. Consiste n'um transmissor e n'um receptor, ligados por arames, que se podem empregar em usos telegraphicos ou telephonicos. Nas experiencias, o dr. Korn substitue pela distancia uma resistencia que a ella equivalha. Por esta forma, precisa de doze minutos para transmittir uma photographia.

Mais tempo demandaria a transmissão, se fosse feita por um cabo submarino, que augmenta a resistencia. O transmissor consiste n'um cylindro interior de vidro, em que se enrola a pellicula negativa da photographia, e o qual está incluido n'outro cylindro de metal, com uma fenda a todo o comprimento. N'essa fenda projecta-se um feixe de luz de uma lampada Nernst. O cylindro de vidro gira, e a luz passa atravez do negativo e depois por um prisma que reflecte os raios sobre uma chapa de selenio. Esta chapa, a que se ligam os fios telegraphicos, transforma as variações de luz em variações electricas, que são de novo reproduzidas pelo receptor. Este consiste n'uma camara escura, em que está um cylindro girante, com uma pellicula que deve

Retrato transmittido pelo apparelho do DR. KORN

SCHEMA DO APPARELHO DO DR. KORN

Á esquerda, o transmissor. Vê-se, a começar da esquerda, a origem da luz; a lente; a fresta; o cylindro de vidro em que se enrola a pellicula photographica; o cylindro de metal que o envolve; o prisma reflectindo os raios na chapa de selenio; essa chapa. Segue-se a bateria. Depois ha o fio transmissor com a extensão de 1125 milhas ou equivalente resistencia electrica. Á direita o receptor, com a origem da luz; a lente; a caixa de madeira onde está a camara escura; o cylindro com as pellicullas para receber a imagem.

PLANTAS FEITAS PELO HOMEM

A esquerda, cultura de uma semente artificial n'um tubo de prova; ao centro alga artificial completamente desenvolvida; á direita, cogumellos artificiaes.

receber a imagem transmittida. Fóra da camara está fixada uma lampada Nernst, cujos raios são projectados por meio de uma lente sobre um tubo de Geissler ao qual estão ligados os fios telegraphicos. O feixe de luz passa por uma fenda no tubo, depois por meio de uma lente na camara escura é projectado sobre o cylindro girante, e a pellicula sensibilisada recebe a impressão photographica.

Organismos vivos creados pelo homem

O dr. Stéphane Leduc, professor da escola medica de Nantes, conseguiu realisar prodigiosas formações chimicas, analogas a tecidos vegetaes. Para fazer uma semente, toma elle duas partes de saccharose ou de assucar e uma de sulfato de cobre, pulverisa-as e mistura-as. Molha uma pitada da mistura em agua. Prepara uma solução de cultura, composta de agua, com ferrocyaneto de potassio, chloreto de sodio e gelatina. N'um tubo de prova deita um pouco d'este liquido em que mergulha a semente. Esta começa logo a inchar como se fora producto natural. Em seguida grela e alonga uma a vinte hastesinhas, que dentro de poucas horas attingem 25 a 30 centimetros de altura, desenvolvendo umas como folhas, tal qual uma planta aquatica.

Quando a cultura se faz n'uma vasilha mais larga, as apparencias são differentes. Toma a forma de alga ou de cogumelo. «Não ha n'isto vida», diz o dr. Leduc, «nem vestigio de protoplasma e da sua complexidade de albuminoides. É puramente uma manifestação de productos chimicos.

A planta artificial é, comtudo, como a verdadeira, sensivel á acção dos toxicos, e a temperatura tem uma influencia consideravel no seu crescimento. Essas plantas, embora não vivas, estão sujeitas á morte. Envelhecem em cousa de 48 horas. Cessa o crescimento, e desfazem-se».

Com outras formulas, o dr. Leduc obteve cellulas liquidas n'um meio liquido, que apresentam os phenomenos de segmentação, de divisão em cellulas ainda menores dentro da cellula primitiva, como succede com um ovo durante a incubação. As experiencias são de grande interesse para a sciencia, por mostrarem a correlação entre a forma da planta e o seu ambiente physico.

Estação radio-telegraphia movel

É a ultima applicação do invento de Marconi. Adapta-se o apparelho de telegraphia sem fios a um carro automovel o qual pode ser usado para tracção, ou para gerar energia electrica para os effeitos telegraphicos. Dentro de dez minutos a estação fica prestes a entrar em actividade para uma distancia até 90 milhas; mas para pequenas distancias pode prestar serviço quando em movimento, a meia velocidade. Um só vehiculo transporta o poste, o alternador, o apparelho e os officiaes.

É principalmente destinado este apparelho ao exercito italiano, e foi seu inventor o marquez Solari, secretario de Marconi. Pode alem d'isso ser muito util na paz, em caso de desastres em linhas ferreas.

A sua vantagem é sobretudo a facilidade de transporte, para estabelecer communicações rapidas.

MARCONI

O inventor da telegraphia sem fios

SECÇÃO DO CANAL DE MANCHA, MOSTRANDO A LINHA DO TUNNEL PROJECTADO ENTRE A INGLATERRA E A FRANÇA

O tunnel da Mancha

Graças á *entente cordeale*, resurge com mais força o projecto de perfuração do tunnel da Mancha, apezar da opposição do partido militar inglez que receia o perigo de uma invasão subita. Formou-se uma importante companhia anglo-franceza, em que entram personalidades importantes dos dois paizes, na sciencia, na industria, no commercio, na marinha.

A natureza, ao contrario dos homens induzidos por preconceitos de raça, tem facilitado o trabalho dos engenheiros, porque os terrenos que vão de uma a outra costa são faceis de excavar e impermeaveis. A maxima profundidade do tunnel será de 100 metros abaixo do nivel do mar, ou cerca de 50 metros abaixo do fundo.

O comprimento total das excavações será de 30 milhas. Haverá dois tunneis com o diametro de 6 metros e desviados 15 metros um do outro, communicando entre si por galerias. O poder motor dos comboios será a electricidade. Ha dois principaes planos para inutilisar temporariamente o tunnel do lado da Inglaterra: ou enchel-o de gazes deleterios ou obstruir a saida pela entrada do mar. Mas as formidaveis baterias de Dover são um elemento consideravel de defeza. O custo total calcula-se em 16 milhões de libras, metade levantadas na Inglaterra, metade na França. Calculam-se as receitas n'um milhão de libras por anno; mas é mais que provavel que elle exceda estas previsões. A obra pode completar-se dentro de sete annos. As vantagens d'ella são incalculaveis para o commercio e industria, tanto de Inglaterra como do Continente, alem de contribuir para o estreitamento de relações pacificas entre os povos da Europa.

O medico do Papa

O dr. Lapponi, nascido em 1851, falleceu em dezembro de 1906. Foi em 1888 escolhido por Leão XIII para seu medico particular, e aos seus desvelos se atribue a mantença d'esse poderoso espirito dentro de um corpo debil durante tantos annos. A despeito dos interesses contradictorios sempre presentes no Vaticano, o dr. Lapponi gozava de affeição de todos os partidos. Quando o cardeal Giuseppe Sarto passou do patriarchado de Veneza para o throno pontificio, não hesitou em consagrar a escolha feita pelo seu antecessor. A morte prematura do habil medico foi uma perda sensivel para a sciencia.

O DR. LAPONI
Medico do Papa

Vida na arte

Fernando Brunetière

FALLECEU em França, com 56 annos de edade, este abalizado critico, que durante muitos annos exerceu grande influencia,

FERNANDO BRUNETIÈRE

não só sobre a litteratura do seu paiz, mas ainda sobre os espiritos cultos de todo o mundo. Era director da *Revista dos dois mundos*, facto que representa um alto testemunho do seu grande valor intellectual, pelo escrupulo que sempre tem havido na escolha dos directores e collaboradores d'aquella importante publicação. O espirito conservador de Brunetière procurou sempre conciliar as tradicções religiosas com as aspirações scientificas dos tempos modernos.

EXEMPLAR DE ARTE GRECO-PHENICIA

Roubo de obras de arte

HA um tempo para cá que os guardas do Museu do Louvre procuravam descobrir o paradeiro de uma estatueta de marmore, representando a deusa Isis, de cerca de meio metro de altura. Custava-lhes a crer que ella houvesse sido roubada, e attribuiam o seu desapparecimento a extravio por occasião de uma limpeza geral do Museu. Os humoristas affirmavam que a deusa devia ter fugido com algum ratoneiro, e os guardas já estão dispostos a admittir essa triste hypothese.

Pouco depois d'este roubo, outro se praticou tambem no Louvre, tendo por objecto uma figurinha de chumbo, exemplar da arte greco-phenicia. O seu principal interesse era a sua parecença com um lindo busto de terra cotta descoberto em Elche (Hespanha). As duas figuras eram complementares, identificando uma d'ellas a outra.

O tumulo de Ibsen

UM simples obelisco de pedra negra do Lavrador se erigiu a 12 de dezembro sobre a supultura do grande dramaturgo Henrik Ibsen. Custou esse monumento 400.000 kroners. Sobre o obelisco vê-se uma coroa de louro, de cobre, deposta pela Sociedade de Autores Italianos. Sobre uma das faces está gravado o martello symbolico do deus Thor, emblema da força.

Salvador Marques

NA pessoa de Salvador Marques perdeu o theatro portuguez um enthusiasta esclarecido e um cultor distincto. Pelo theatro, a que consagrou a vida inteira, abandonou elle a carreira scientifica que o reclamava. Não lhe foi porem grata a arte dramatica, porque morreu pobre, apezar de ter sido muitos annos emprezario e director de varios theatros de

SALVADOR MARQUES

Lisboa. O seu drama *Os Campinos* basta para o consagrar como um escriptor de grande merito.

Tinha alem d'isso uma rara facilidade, augmentada por larga experiencia, para a adaptação de peças theatraes extrangeiras ao palco portuguez. São testemunha d'isso muitissimas obras que, sósinho ou de collaboração com escriptores distinctos, arranjou para diversos theatros. A sua reputação litteraria, espalhando-se n'um meio restricto, não deu ao seu nome o prestigio que merecia.

ESTATUETA DE IRIS

Terceiro concurso dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA

CARTA INTIMA

Photographia do sr. Bergamim — Porto

Typ. do Annuario Commercial—Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

Nº 21

MARÇO DE 1907

Summario

MAGAZINE Pag.

OS SERÕES DAS SENHORAS (21 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte:

Uma paizagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paizagem).

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publcaimos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço da photographia: ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que unto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138 — No verso do enveloppe a indicação: Quarto concurso photographico.

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

CALÇADA DA GLORIA, 5

Telephone 1:239 **LISBOA**

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

Poock
POOCK
CASA
CLAUSEN
RIO DE JANEIRO

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

La Lectura — *Revista de Ciencias y de Artes* — Año VII — Março 1907 — N.º 75 — Madrid.

Construcção Moderna (A) — *Revista illustrada* — Anno VII — N.º 21 — 10 de Fevereiro de 1907. N.º 213.

Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola — N.ºs 7 e 8 — 16 e 23 de Fevereiro de 1907.

Nova Silva — *Revista illustrada* — Anno 1.º — 5 de Março de 1907 — N.º 3.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — Anno III — Janeiro 1907 — Summario: Para a lucta — A instrucção popular no seculo XIX — Casas baratas — «O capital-salarios» — O divorcio — Chronica social do estrangeiro — Bibliographia.

Novos Horisontes — *Publicação mensal operaria de propaganda e de critica* — N.º 9 — 1 de Março de 1907.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma — Fevereiro de 1907 — Roma — Summario: Instrucção popular — Oração ouvida — Mons. Maffi — Jesus Rei do amor em Pretoria — O «Portugal» — Petrarcha — A questão social — Ao «Novo Mensageiro» — Chaves de Pedro — Fastos de Roma.

Vera Cruz — *Quinzenario politico, litterario e humoristico* — Anno III — S. Paulo, 10 de Fevereiro de 1907 — Summario: Com ares de chronica — Mons. Alfredo E. dos Santos — Pobre França — Aos que me perseguem — Manoel Victorino — A villa de Palmella — A egreja de S. Jorge — Notas a lapis — Urbino de Freitas — Portugal e a Iberia — Justa homenagem — Mystico — Anniversario — A obra de Pasteur — Sobre Politica — O que dizem de nós — Livros e impressos — Boas-Festas.

Archeologo Português (O) — *Collecção illustrada de materiaes e noticias publicada pelo Museu Ethnologico Português* — Vol. XI — Setembro a Dezembro de 1906 — N.ºs 9 a 12 — Summario: Numismatica Portugueza — Villa do Conde — Archeologia de Trás os-Montes — Evora Monte — A Deusa Nabia — Acquisições do Museu Ethnologico Português — Noticias varias — Onomastico Medieval Português — Necrologia — Bibliographia — Registo Bibliographico das Permutas.

Revista de Infanteria — Vol. 10.º — N.º 2 — Fevereiro 1907 — Summario: A distribuição das metralhadoras pelos nossos batalhões de caçadores — A evolução da tactica de infanteria — Soldos — A festa militar — Organisação militar colonial — Bibliographia — Secção do estrangeiro.

Echo Feniano Girondino — *Magazine illustrado, de instrucção e de recreio* — Anno II — 28 de Fevereiro de 1907 — N.º 1 — Porto — Summario: A nossa revista — Um negro intrepido — Uma mulher de... nervos — Jupiter Olympico — Os homens-passaros — Dictos e piadas — O carnaval d'este anno — Proezas d'um ladrão — Medicina pratica — D. Pedro IV e o conselho d'Estado — Sciencia recreativa — Uma sessão espirita — Resurreição — Sonetos, etc.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa — 3.ª serie — Dezembro de 1906 — N.º 24.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª série — Março de 1907 — N.º 37 — Summario: O nosso anniversario — O caminho de ferro e o porto da Beira — Mineraes raros das minas de Manica — O milionario Alfredo Beit — Animaes ferozes e nocivos — Materiaes para um diccionario cafreal — Algnns usos e costumes indigenas de Sena — Relatorio d'uma viagem por Abeillard Gomes da Silva — Como se estabeleceu em Africa a primeira Companhia de Moçambique — De toda a parte — Livros e Jornaes — Carteira da Revista — Chronica, Notas e informações — Descoberta valiosa.

La Mujer ilustrada — *Revista Ibero-americana de labores e modas* — Año III — N.º 15 — Madrid.

Arara — *Jornal illustrado* — Anno II — S. Paulo-Brazil — N.º 102.

Instituto (O) — *Revista scientifica e litteraria* — Vol. 54 — N.º 1 — Janeiro 1907 — Summario: Allocução proferida junto ao feretro do Dr. Francisco Antonio Diniz — Palavras proferidas á beira da sepultura do Dr. Francisco Ferraz de Macedo — A alliança ingleza — Historia da beneficencia publica em Portugal — Les mathématiques en Portugal — O radio e a radioactividade — A jardinagem em Portugal, etc.

A VIRGEM DO PEIXE

QUADRO DE RAPHAEL

AREAL DA PRAIA DA VICTORIA

A ilha Terceira pittoresca

Não desejo fallar-lhes da Ilha Terceira heroica, ultima a render-se aos hespanhoes na perda da independencia nacional, baluarte da liberdade portugueza na implantação do constitucionalismo, cantada por todos os bardos romanticos que o patriotismo inflammou, e cuja linda, aceiada e pequena capital, Angra, mereceu a designação honrosa *do Heroismo*. Essa parte, gravemente épica, da vida da Terceira, pertence á historia; não ha compendio miudo ou obra de folego em grossos tomos a descrever a evolução da vida portugueza, sem uma referencia, um capitulo encomiastico para os brios dessa terra tão pequenina e tão gloriosa.

Como vive essa gente assanhada e guerreira? Que trajes, que costumes, que crenças os vestem, os guiam, os amparam? Torna-se necessario quanto antes fixar numas notas rapidas todas essas caracteristicas dum povo distante do continente, embrenhado numa ilha que apenas meia duzia de estradas sulcam. Porque os velhos habitos pittorescos, as velhas tradições sómem-se lamentavelmente.

Cada vapor que fundeia na enseada de Angra do Heroismo parece levar uma ingenua e deliciosa costumeira, um traço regional e unico.

A vida da cidade de Angra é muito restricta, muito acanhada, cheia de pequeninos interesses, como a das nossas terras de provincia. Uma anedocta, um dicto, uma desgraça, uma alegria, correm a cidade em duas horas. A chegada do vapor, de quinze em quinze dias, alvoroça o ramerrão quotidiano...

— Apparece ámanhã, em minha casa, cêdo...

— Ámanhã?! Chega o vapor!

Toda a gente se move, tudo se agita, tudo se prepara, com desassocego, com impaciencia, com ancia. Deitam-se com as gallinhas.

E no dia seguinte, quando o vapor, ao ancorar, dá o tiro de signal, tudo corre estremunhado, vógam os escaleres, palpitam os corações. Ha os parentes que voltam, o correio que traz noticias da grande colonia açoriana de Lisbôa.

ASPECTOS DA CIDADE

Angra — O leiteiro — A falla da Terceira — A belleza das mulheres — As casas — O recato, a capa e o capote — Velhos costumes — O individuo

Cheguei numa manhã radiosa de verão com um ceu purissimo, sem nuvens.

De longe, quando se esboçam os primeiros contornos da ilha, começam por apparecer os ilheus, depois a encosta baixa que leva á enseada, e á esquerda o Monte Brazil. Logo a cidadesinha, com as suas casas refulgentes ao sol, muito brancas, aninhadas em volta da bahia, surge, bordando alegremente as margens até ás muralhas do castello, meio desmantelado. Ao descer em terra começam a apparecer os trajes pittorescos, o feitio da vida.

E' o leiteiro, com as suas grossas cabaças vergando-lhe o varapau apoiado no hombro, boné sem pala descahido sobre a testa, calças e casaco de panno aspero tapando-lhe as pernas e o tronco. A photographia mostra, enrolada em volta dos hombros, o que chamam a *camisola*, especie de camisa de dormir, mas curta, que muitas vezes usam vestida e desabotoada.

Elles cobrem as cabaças ainda verdes, seccam-nas, tiram-lhes a pevide e o miolo e defumam-nas para adquirirem um tom envernisado, dum castanho polido e brilhante. Ao enche-las de leite, tapam-nas com hervas cheirosas, abalam para a cidade e apregoam-no numa voz muito arrastada e cantando: *L-e-i-te-é !*

Só ouvindo-o se póde imaginar a plangencia, a arrastada e demorada dolencia desse pregão.

As vozes da Terceira são já de si, fallando naturalmente, muito cantadas, duma monotonia, que accentua e deixa suspenso o final de todas as phrases como numa perpetua interrogação e num perpetuo espanto. Ha nellas um pouco do murmurio e do canto eterno do mar.

ANGRA DO HEROISMO — PASSEIO DUQUE DA TERCEIRA

Foi decerto o Oceano que com a sua voz infatigavel ensinou em quatro seculos a essas vozes a melancolia interminavel desse tom especial. Os michaelenses fallam com a bocca contrahida, quasi cerrada; os madeirenses puros mastigam nos dentes uma araviada exquisita e incomprehensivel. Só as vozes da Terceira traduzem fielmente a tristeza e os gemidos do mar. As mulheres então dão-lhe um encanto maior e mais doce.

Vem a proposito dizer que na Terceira, com raras excepções, todas as mulheres são bonitas. Será do mar benefico, saudavel, oxy-

genado? Será tambem da velha vida tradicional, recolhida, caseira, com as noites tranquillas, bailes raros, theatro de mezes a mezes?

O que é certo é só longe a longe apparecer uma cara feia. O que nunca se vê, porém são olhos feios. As mulheres do campo, *mulheres do monte*, como lá dizem, são por vezes duma formosura extraordinaria, com olhos deslumbrantes. Teem muito mimo, pouco trabalham no campo, usam grandes chapeus para se abrigarem do sol, e algumas, as mais abastadas e de instinctos mais fidalgos, protegem as mãos com luvas durante o trabalho!

De resto preferem as pequenas industrias caseiras de que fallarei adeante.

Voltemos á cidade. Algumas varandas são tapadas inteiramente, da base ao parapeito, com madeira, e apenas a meio se abre um pequeno postigo por onde se espreita quem passa na rua, sem se ser visto. Ha uma preoccupação de mysterio nas mulheres da Terceira. Por isso usam tambem o manto, embiocado sobre os olhos, que as deixa andar pela cidade sem se darem a conhecer. A cada passo se encontram dois mantos a par, pelas ruas da cidade, com um ar de freiras de ordem mendicante, caladas e tristonhas. Estes mantos são feitos de merino preto. Ha tambem, como trajes regionaes, o capote, em geral castanho, de baetão, já em desuso; e a capa, de panno preto. Ambos descem até aos pés, mas o capote tem como accessorio um capuz e a capa um cabeção de veludo preto.

Em meio de muita originalidade encantadora, tem inconvenientes graves, esta vida, complicada com uma devoção exagerada, numa terra de interesses pequenos, muito acanhados, em que tudo o que se faz, tudo o que se diz provoca commentarios e levanta censuras. Mas tambem ha lá, como em parte alguma, uma intimidade, relações que unem admiravelmente todos numa crise da vida. Se morre alguem, a familia recebe comida, durante trez a oito dias, das familias das suas relações. E ella vem de tanta casas, que ainda é necessario dar os sobejos. A familia que está de lucto nada faz. — Tambem quando ha casamento, os noivos mandam uma bandeja de doces aos parentes e pessoas de amizade que não poderam assistir ao matrimonio. Mas tudo isto hoje se sóme, varrido numa aura de modernismo. Os figurinos, as modas, os habitos, os prazeres, que Lisboa importa de Paris, vão passando em segunda mão para uma terra que rasga os velhos trajes e põe de lado os antigos costumes. Nas trezenas de Santo Antonio, a meia encosta do Monte Brazil, na Praça Velha (hoje Praça da Restauração), no Passeio Publico, nas *soirées*, no Theatro Angrense, as elegantes já inspeccionam e commentam minuciosamente as toilettes, perderam a simplicidade das attitudes, seu riso alegre, sympathico e modesto, e caminham rigidamente, com o busto muito direito, de cara olympica, ves-

IGREJA DO COLLEGIO

MEMORIA

CASTELLO DE S. SEBASTIÃO E CAES DO PORTO DE PIPAS

tes rugindo sedas, *pour se donner une contenance !*

AS TOURADAS DE CORDA

S. Miguel e a Terceira — As touradas — Grupos rivaes — As touradas de corda — Descripção de uma — Os grupos, os aspectos, os commentarios

Na ilha visinha e rival da Terceira, S. Miguel, os *sports* propriamente inglezes teem invadido a pouco e pouco o gosto da população, e o *lawn-tenis*, o *foot-ball* e o *cricket* são universalmente adoptados pela camada mais rica da população michaelense. O inglez é mais fallado que o francez. Dá-se dia a dia uma infiltração cada vez maior dos habitos, das ideias, dos trajes britannicos.

Mas Angra não tem a sua enseada cheia de uma rede emmaranhada de mastreações como o porto de Ponta Delgada.

O movimento commercial é relativamente pequenissimo. No ancoradouro ha normalmente apenas uma ou duas barcaças a partir para o Fayal. O desregionalismo é muito lento.

Não ha jogos inglezes. No Passeio Publico fizeram uma *croquet* para que não ha quasi jogadores. No dia em que desembarcaram o primeiro automovel, houve um frémito de espanto, quasi de indignação...

O unico *sport* adoptado, adorado, idolatrado unanimemente é a tourada, a velha tourada portugueza e sobretudo a *tourada de corda*.

Quando eu estive em Angra, ha sete annos, havia dois partidos terriveis, que dividiam irmãos, que turvavam a paz de velhas amisades.

E esses dois grupos animavam, enchiam de mil attenções, de ternos cuidados cada um dos seus toureiros. Eram dois hespanhoes, encantados do acolhimento recebido, correndo a ilha de trem pago pelos admiradores, saboreando banquetes offerecidos com um respeito attencioso e grave. Chegaram a tal ponto as manifestações que um grupo de senhoras se organisou enthusiasticamente para bordar uma capa luxuosa a um dos toureiros.

Bordaram-na a ouro, offereceram-

VENDEDOR DE PEIXE

lh'a e agora a pavoneia o homem galhardamente pelas praças portuguezas e hespanholas. Pechuga se chama elle, creio eu.

Um commerciante lançou uma imitação de folhas de hera, tendo gravados os nomes dos dois rivaes em lettras douradas: *Pechuga* para os pechuganos, *Zé Ito* para os outros. Que novos idolos, que novas rivalidades não apaixonarão hoje as almas de Angra?

MANTO

Onde, porém, mais cego, mais intratavel, mais feroz, mais selvagem para dizer o verdadeiro termo, se mostra o enthusiasmo dos terceirenses, é nas *touradas de corda!*

É raro have-las na cidade.

Mas basta saber que em tal domingo ha *tourada de corda* em S. Matheus, S. Bartholomeu, nos Biscoitos, na Ribeirinha, na Villa da Praia para haver um verdadeiro exodo.

Só ficam na cidade os entrevados e as creanças de mama, para guardarem as casas de crimes muito raros (1). De resto os criminosos nesses dias perdem os instinctos maus para só pensarem nos touros.

De todas as aldeias da ilha ha, para a aldeia onde correm os touros, uma debandada festiva. Os camponezes vão já reunindo magotes de valentões decididos, de varapau ferrado. Lembram velhas façanhas noutras touradas. Ha uma egualdade espontanea entre os homens de campo e a gente da cidade, ou empregados publicos, ou commerciantes...

(1) Ha annos em que não se abrem audiencias geraes. Em compensação na parte civel chovem continuamente as demandas, destinadas a arrastar-se interminavelmente, e em que as partes se arruinam mutuamente com uma ferocidade e uma alegria tranquillas

Quer-se, como sempre para todas as touradas, um dia de muito sol, o que o ceu açoreano, borrascoso, humido e ennevoado, nem sempre concede. O que nunca falta é a animação. Ha certas terras em que ha todos os annos tourada. Em S. Bartholomeu um homem apontava-nos: — «Aquella terra, além, o dono arrenda-a mais barata, porque o boisinho entra lá todos os annos... e ha sempre uns estragos». Como vêem todos os interesses se somem perante o boi. O boi é soberano!

Mas soberano martyrisado. Amarram-lhe uma corda aos galhos, abrem-lhe a porta do curro deante da estrada coalhada de varapaus, emquanto na extremidade da corda quatro homens se agarram em linha para lhe quebrarem os impetos e o fazerem voltar ao cabo duma corrida desvairada.

Numa campina do Ribatejo a furia bruta dum touro expandida num horizonte intermino e largo, a selvageria dum arremesso pela planicie incommensuravel, teem uma grandeza extranha e dominadora. Ao esperar o gado da manada, quando, como um centauro em fugida, o campino e o cavallo que elle encontra, desembestam pela planura, saltando vallados, atravessando pastos, galgando azinhagas, acossados de perto pela alimaria cega, na paisagem magnificamente vasta desenha-se um grupo tão intenso, tão admiravel, que pincel algum o poderia pintar sem lhe desvanecer o vigor da musculatura retesada, o brilho dos olhos que perscrutam e avançam, todo o fulgor de vida, de astucia, de colera, de desespero num scenario adequado e grandioso.

CAPOTE E CAPA

Mas nas *touradas de corda* não ha esse soberbo scenario.

O touro investe, entalado entre dois renques de muros ou de casas. «Guarda! guarda!» Entre a poeirada, os gritos de desafio e de medo, os magotes que se dispersam, elle rabeja, de cabeça baixa e olhos injectados, procurando atropellar, amarfanhar, esmagar debaixo das patas a multidão que o excita e lhe faz negaças. Os valentões sahem-lhe á frente, picam-no com os varapaus ferrados, furtam-lhe o corpo, deixam-no passar e novamente o espicaçam pelo flanco. Elle hesita, para, muge, escarva, investe com a cornadura aos que o cercam de perto. Chegado ao fundo da aldeia, os homens que vão á corda fazem-no voltar, e todo o povoleu que já se amontoava atráz do boi, fóge, grita, salta muros, invade portaes, baralha-se, atropella-se deante da avançada do touro mais irritado. Depois, por traz, de novo o desafiam.

VISTA PANORAMI

E elle vae, volta, arremette, queda-se, desvairado, extenuado, já sem nada vêr. Colhem-no então ao curro.

Intervallo até vir novo boi. Vamos dar uma volta pela estrada. Janellas apinhadas de gente. Senhoras da cidade que comadres pobres convidaram para sua casa, fidalgos que os caseiros recebem, arraia miuda, grulhando, namorando, rindo, commentando. Grupos em que todos reivindicam a coragem com que fizeram frente ao boi. Um que escalavrou a mão, liga-a. Outros bebem vinho para molhar a bocca e endireitar o animo. Uma grande alegria animal illumina os carões. Ha rostos de mulheres de campo lindos. Circulam os vendedores de agua, milho torrado, tremoços...

Lá vem o segundo boi! Tudo se some e dispersa. «Guarda! guarda!» Ficam só em campo os valentões: «Eh! boi! Eh! boi!» A alimaria ainda fresca obedece ao grito, escorna o ar, as paredes, as costas de algum menos agil. Nas voltas da estrada a corda reteza-se ás vezes e varre um muro eriçado de gente que vae malhar ao vallado, em baixo, com tres metros de altura. Nesta tourada a que assisti, um pobre campino furou com o varapau o ventre e morreu em minutos.

Depois é outro touro. E ainda outro. E ainda outro.

Vae descendo a tarde. É quasi noite. Ha uma fadiga em todos os corpos dos que voltam a casa, mesmo nos que assistiram só duma janella. Tem-se vagamente a consciencia dum desperdicio inutil, exagerado, de forças nessa lucta brutal, em que a arte é quasi banida e em que se alarga á bruta a natureza exuberante comprimida pelo trabalho e pelas privações.

Theophilo Gautier, na *Viagem em Hespanha*, tomou corajosamente a defeza da tourada hespanhola. Os seus nervos de artista impassi-

vel embriagavam-se perante o colorido, a vida, a energia, a belleza da lucta cheia de ardis, cheia de coragem, do homem e do touro. Mas nas touradas de corda todo o encanto se some. A aldeia em que se correm os bois lembra uma feira sem animação, onde por acaso investisse um touro trasmalhado.

até ao horisonte, illimitado, rumoroso, cheio de luz.

Passam camponios, dão grandes barretadas.

Descalços, trajo vulgar, com a camisa fechada no pescoço por uma cadeia de dois botões de filigrana de ouro. Os que amanham os campos vestem a «camisola» de estopa ou li-

ꓤA DO HEROISMO

Mas estas touradas continuam. O primeiro governador civil, que se atrevesse a prohibil-as, amanheceria com os vidros partidos, veria as sympathias esfriarem-se repentinamente em volta de si, e ao cabo de oito dias tinha que pedir a demissão!

A VIDA NO CAMPO

A paisagem — Os trajos — Na Ribeirinha: mortes, casamentos — As habitações, os costumes, as industrias — «Matar porco» — A cosinha da Terceira — Os dôces

Um grande passeio de trem em volta da ilha. Vegetação mediocre, terras safaras para quem traz os olhos ainda deslumbrados com as Furnas e as Sete Cidades em S. Miguel. Aldeias pobres e pequenas. Grandes extensões em que a estrada corta collinas, deixando-lhes a nu, sem urze ou giesta, um barro avermelhado, coalhando a paisagem de manchas côr de sangue. De vez em quando o mar rasga-se

nho grosso com que vimos o leiteiro na cidade.

A Ribeirinha, apesar de ser a aldeola mais proxima de Angra do Heroismo, é a mais atrazada e mais ignorante. Por isso mesmo ahi, como em nenhuma outra parte da ilha, se conservam os restos das tradições mais originaes, dos trajos mais caracteristicos e dos costumes mais interessantes.

Ainda ha poucos annos as mulheres lá usavam as chamadas «saias dos hombros». A unica differença das outras saias era serem mais compridas e feitas sempre de baeta preta. Punham-n'as como uma capa para irem á missa, á cidade, a outras excursões. Os homens usavam no cocoruto da cabeça as «carapuças», especie de barretinhos escuros, tendo aos lados, como enfeite, duas «orelhas» de baeta encarnada. Tanto as «carapuças» como as «saias dos hombros» só se vêem hoje melancholicamente na cabeça e nos hombros de velhos e de velhas, fieis ás tradições.

Antigamente, quando morria alguem, em si-

gnal de confusão, de luto e dôr, as mulheres punham sobre os hombros os casacos dos homens e os homens as saias das mulheres. E espontaneamente todos se transformavam em carpideiros sinistros, berrando horrivelmente.

Já agora, que me desviei da vida do campo em geral para os trajos e os costumes da Ribeirinha, vou exgottar os meus apontamentos a esse respeito.

COROAÇÃO DO ESPIRITO SANTO

FESTAS DO ESPIRITO SANTO — ESMOLAS DE PÃO E CARNE

Uma senhora minha parenta foi convidada para um casamento n'esta freguezia. No dia combinado estão o noivo e a noiva promptos, cada um na sua morada, no «meio da casa», que é em todas as habitações do campo da Terceira o quarto de entrada, com porta para a rua. Entra o pae da noiva em casa do noivo e diz-lhe:

— Com licença de seu pae e da sua mãe faça favor de me acompanhar.

O noivo veste o casaco que tem ao hombro e vão juntos até á casa da noiva. Lá é o noivo quem repete:

— Com licença de seu pae e de sua mãe faça favor de me acompanhar.

Dirigem-se para a egreja. No emtanto, á saida de cada um da sua casa, levanta-se uma lamuria, um berreiro, um chôro immenso na familia desolada. Ella sobe para um carro de toldo puxado a bois, ao lado da madrinha; o noivo vae a pé com os convidados. Assim vão e voltam. Mas no regresso da egreja atiram-lhes confeitos, e saem ao caminho, das casas onde vão passando, a offerecer á noiva ou uma tigela com milho, ou um punhado de batatas, ou trigo, ou fructa, um talher, um guardanapo, etc. Ella lá vae recebendo, agradecendo e levando tudo no carro.

Em casa ha jantar lauto. Os ricos teem boda durante tres dias. É n'essas bodas e n'esses jantares que apparecem os monstruosos queijos, esmagadores e enormes como rodas de carro, os vastos alguidares transbordando de vinho, onde cada convidado familiarmente mergulha a sua tijella de louça vidrada. Innundam a mesa os pães enormes. Circulam as immensas travessas coalhadas de alcatra, um assado de carne muito suculento, muito saboroso, especialidade da ilha. E é comer, é comer, é devorar soffregamente, incalculavelmente, «até lhe chegar com o dedo», para não fazer desfeita... No fim, com a cara a estalar de sangue e os olhos a arderem de brilho, empanturrados e apopleticos, procedem á ceremonia final de engulir uma colher de assucar do mesmo assucareiro e com a mesma colher...

Ainda por aqui não acaba este culto jucundo e primitivo da comesaina alegre. Á cabeceira dos noivos põe-se uma bandeja pequena com bolos e vinho.

Para estas bodas iam convidados da cidade. Mas a pouco e pouco tudo tem caido. Já é raro vêr casamentos celebrados na Ribeirinha com este esplendor, esta abundancia e estes ritos. E é pena. Nenhum meio melhor de estudar em flagrante o poder magnifico dos estomagos portuguezes do seculo XV.

CORO AÇÃO DO ESPIRITO SANTO

Na freguezia das Lages ha o costume de pôrem fóra da porta dos noivos uma carrada de lenha. São o tempo, a chuva, o vento que a vão desfazendo. Nunca se gasta, como o symbolo admiravel do lar que se formou...

VENDEDOR DE LEITE

N'esta divagação e n'este amontoar a trouxe-mouxe de apontamentos, ainda não lhes fallei das habitações da aldeia, do seu interior, dos costumes caseiros, das industrias, dos dôces terceirenses. Passemos «o meio da casa». Ha uma pobreza asseiada, sem miseria, quasi que um conforto nos quartos desguarnecidos, mas cheios de ordem, de paz e de alegria. Milho depois de secco dependurado do tecto em «cambulhos». As casas novas que não podem «crear porco» ficam melhor que ninguem, porque os outros mandam sempre do seu na occasião de o matar.

«Matar porco» é um regabofe incalculavel. São oito dias d'um afan, d'um movimento excepcional em casa. Do sangue fazem as magnificas «murcellas» e não ha pedaço do lombo, da focinheira, do ventre, das orelhas, que não se aproveite para as salchichas, as «linguiças», os «torresmos d'entre banha». . E não é só no campo que matam porco. Na cidade não ha familia que se prese sem um leitão todos os annos sobre a mesa.

No dia de «matar porco» faz-se a «sopa de bofe», condimentada solidamente com canella, assucar, abobora, o respectivo bofe, grão, miudos do porco ..

A Terceira deve dar ás estatisticas uma percentagem terrivel de dispepsias ([1]). Em casa de

---

([1]) Seja dada de passagem uma informação triste. Angra é a cidade do nosso paiz, segundo indicações recentes de um jornal, onde ha relativamente mais tuberculosos, pre-

ilheus, em que a sopa é um caldo espesso, saboroso, indigesto, magro de adubos, ouvem-se muitas vozes ao mesmo tempo exclamarem, quando a acabam de comer: «Já estou jantado! Já ficava satisfeito!» N'este genero a sopa do Espirito Santo, por occasião dos *Imperios*, festa religiosa de que adiante fallarei, é o modelo dos modelos e o exaggero dos exaggeros.

E não passe já agora sem menção o peru assoprado e recheiado com uma mistura de gemmas de ovo, azeitonas, pimenta, gorduras, mil ingredientes, mil desvairadas cousas que formam um conjuncto d'um sabor divinamente requintado. Não são as mãos mercenarias e grosseiras das criadas que o preparam. As donas da casa é que se incumbem d'elle.

Mas de novo um desvio do assumpto que me prendia. Fallemos agora das mulheres do campo. São ellas que, a par da tarefa de crear os filhos, remendar a roupa e cozer o pão, bordam delicadissimos trabalhos para a Madeira, Rio de Janeiro, fiam as suas teias tecidas ás vezes por algumas. O desenho d'estes trabalhos, colchas de lã e linho, guardanapos, toalhas de mesa, etc., tem um caracter especial, que os meus olhos profanos e incompetentes não pódem detalhar e explicar. Pena é não possuir desenhos ou photographias que podessem servir aos *Serões* para a sua parte de documentos de illustração. Na ultima exposição de productos açorianos, este ramo de industria foi um dos mais importantes, mais interessantes e mais apreciados.

Ahi vão ainda alguns habitos que se somem tambem dia a dia e que parecem colhidos por algum sociologo, em paragens remotas, ao organisar elementos de estudos exoticos: ao jantar, se se cozem favas ou outro qualquer alimento, deitam-se em seguida n'uma tigela d'onde só comem marido e mulher e n'outra d'onde comem os filhos. Mas se a gente é muita, deita-se tudo n'uma toalha de estopa, que serve de comedoiro commum.

A vida das mulheres é toda caseira, recolhida. O marido pela manhã leva o almoço e ás vezes o jantar para o campo, porque a mulher não costuma ir lá dar-lho. Á noite, quando elle chega a casa começa por ceiar, lava em seguida os pés e, sem os enxugar, enfia as galochas e deita-se.

As camas são muito bonitas. Cobrem-nas colchas com um folho até ao chão, em roda-pé; as almofadas tambem teem folhos e rendas. Mas tudo é apenas uma exterioridade. Se se levantar o roda-pé, surge logo o colchão embrulhado n'uma simples manta. O que ha em tudo é um asseio escrupuloso, meticuloso.

Outra industria caseira importante são os doces. Ha mil especialidades em que eu não me posso alongar para não cahir em assumptos de manuaes de confeiteiros. Ha as pombas, as rosquilhas, os bonecos, os braços e pernas para promessas, fabricados em «alfenim», constituido essencialmente por assucar levado a uma temperatura consideravel e depois amassado, puxado, batido longo tempo ás mãos ambas. «Filhós» pelo carnaval, «caspiadas» (bolos de milho com muitos temperos) em novembro. «Massa sovada», de trigo, ovo, assucar etc. muito semelhante ás «fogaças» da Villa da Feira, perto de Aveiro. E como estes, uma innumeravel quantidade de outros doces. O mais delicado, bonito e original neste genero são os confeitos dentro de flôres: essas flores são feitas com fio de metal branco enrolado n'um canudo estreito, onde se mettem os confeitos e que toma o feitio da flôr que se quer imitar. No pé da flôr pregam uma folhagem de lata em verde claro e verde escuro. Ha ainda a «conserva» de fructas seccas cobertas de assucar que lhes dá as formas mais variadas. Todas estas golodices são muito perfeitas e muito saborosas. As freiras antigamente fabricavam ainda os confeitos em que fallei para canudos em papel recortado e para formarem corações .. ironica occupação da sua vida claustrada.

Hoje são particulares que se occupam desta especialidade

---

dominando no sexo masculino. A Madeira evidentemente tem mais relativamente á população, mas ha a contar com os forasteiros que procuram melhoras no clima. A que será devida esta situação tão saliente de Angra do Heroismo nas estatisticas? Em grande parte decerto ás pessimas condições hygienicas da cidade, com respeito a canalisação de agua, por exemplo. Grassam lá annualmente, n'uma proporção terrivel, os typhos. Parece que pensam actualmente em mudar a canalisação, depois de uma larga campanha.

De resto, os terceirenses são grandes comedores só em dias de festa. No resto do anno são sobrios de mais. Ha annos, beber vinho ao almoço attraía as attenções. Eram em tudo comedidos, apegados, discretos. Só uma duzia de vezes ao anno chegava a desforra. Mas na generalidade alimentavam-se pouco. Isto talvez explique tambem a generalidade da tuberculose. Felizmente, n'este ponto os preconceitos teem ido a terra.

FESTA RELIGIOSA

A devoção do Espirito Santo — Os Imperios — Os bodos – As cerimonias

Falta-me fallar da devoção do Espirito Santo, do «Senhor Espirito Santo» como lá dizem, profundamente arreigada aos habitos, ás

NASCENTE DO MILHAFRE

creanças, á alma dos terceirenses. Cada freguezia tem o seu *Imperio* e possue a sua corôa de prata mais ou menos rica. A devoção abrange o domingo de Paschoa e mais os seis domingos seguintes. Para isso tiram-se á sorte os nomes de sete «irmãos» do «Imperio» para ver a qual toca, em cada domingo, illuminar, festejar e «corôar». A corôa está em casa do ultimo irmão que corôou no anno anterior. O irmão que coroará no domingo de Paschóa, oito dias antes, á tarde, acompanhado dos seus convidados que cantam, faz a trasladação de lá para sua casa.

Quando o cortejo é de gente menos fina, daina hoje, mas muito mais raramente que ha alguns annos, vão atraz os «foliões», vestidos com opas de chita de côres variegadas e vistosas e um lenço vermelho atado na cabeça; um leva o tambor, outro o pandeiro, outro a bandeira: e assim vão tocando e cantando. Durante oito dias, em casa do irmão que corôa, ha luminarias, reza-se o terço á noite, e em seguida ha bailados acompanhados de viola com descantes. Esses bailados são muito variados; chamam-lhes «charamba» e teem uma musica original e apropriada. Passados os oito dias de festejos, vae o irmão, uma pessoa de familia ou uma creança acompanhados novamente dos convidados com tochas accesas e musica, «corôar» á egreja. Voltam a casa, ha esmolas aos pobres e lautos jantares em que apparece a saborosa, a gordurosa, a temivel, a celebrada sôpa do Espirito Santo, grosso caldo que mal arrefece coalha logo, e em que entra tudo que lisonjeia o paladar pantagruelico dos terceirentes em dias festivos: muita carne, muito toucinho, muito chouriço, muita banha, muita hortaliça, muito tempero.

MONTE DA FREGUEZIA DA SARRETA

Á noite vem buscar a corôa o irmão, que festeja no segundo domingo. Traz acompanhamento com canticos, philarmonica e raparigas vestidas de branco. E assim de semana a semana, vae passando de casa em casa. O penultimo domingo, isto é, o de Pentecostes, é o chamado «domingo do Espirito Santo». Neste domingo e no seguinte (da Trindade) a irmandade de cada Imperio dá um bodo geral aos pobres. Todo o vinho, toda a carne e todo pão, antes de distribuidos, são benzidos. A cada pessoa que offerece esmola a um Imperio é offerecida uma rosquilha de massa so-

vada, de alfenim, ou outra lembrança. E os pobres encontram fartura e alegria n'uma terra que no resto do anno não lhes nega amparo (1).

*

Apontadas estas leves notas eu desejaria que ellas provocassem n'aquelles a quem pódem interessar, emmendas ou observações, que as completassem e rectificassem. São apenas um esboço muito leve e muito modesto de pittorescas tradições e pittorescos costumes, intrevistos n'uma viagem rapida e avivados por informações.

(1) Pela amabilidade do illustre açoriano snr. José Paulino de Sousa Pereira, posso citar alguns algarismos estatisticos das quantidades de trigo, carne e vinho gastos nos bodos realisados na Ilha Terceira nos domingos de Pentecostes e Trindade do auno de 1879. Os dados referem-se aos concelhos de Angra de Hroismo e da Praia da Victoria. São: 145.939 litros de trigo, 3 772 kilos de carne e 24.361 litros de vinho, na importancia total de 9:508$382 réis. É esta a nota mais sympathica dos festejos. E tambem tem seu pittoresco vêr ao longo das ruas as compridas mesas cobertas de toalhas brancas com grossos pães e carne a encher pratos.

Luiz da Camara Reis.

TOURADA DE CORDA

O Theatro por dentro

HA um proverbio francez que resa: *dos pequenos regatos é que se fazem os grandes rios.*

Nada mais certo. E não é sómente na vida real que os grandes acontecimentos são a maior parte das vezes, occasionados por factos aparentemente insignificantes; é tambem no theatro, durante as representações, que as irremediaveis difficuldades teem por origem faltas que o mais simples descuido proporciona.

Qualquer *pertence de scena* que esquece, isto é, uma carta que falta, um relampago que não fuzila a tempo, uma campainha que não toca á deixa, um tiro que falha, e eis os actores embaraçados no meio da scena, eis um acto sem poder proseguir, eis ás vezes—quantas! — o agrado de uma peça, em uma primeira representação, prestes a ir pelo buraco do ponto abaixo.

Devo dizer, porem, que actores ha, felizmente, que em face de taes difficuldades não se desconcertam com duas razões. Bastante conhecido é, por exemplo o caso de, em uma representação na provincia, faltar em scena um fogão acceso, onde uma personagem devia queimar uns papeis compromettedores. O actor *Z*, ao terminar a leitura dos documentos em questão, notando a falta de lume acceso, teve o expediente seguinte: rasgou tudo em bocadinhos e guardou-os na algibeira da sobrecasaca.

O actor *X* que a seguir entrava em scena e a quem competia dizer: «Que cheiro a papel queimado!» não trepidou um instante, e, artista de recursos, como o seu collega, foi todavia mais além no expediente que empregou. Sabedor do que se estava passando, ao entrar na scena, entre portas, farejou como quem presente que anda cousa no ar, e exclamou todo ancho:

—Que cheiro a papel rasgado!

UM DRAMA INTERROMPIDO

No anno de 1898, eu fazia parte de uma *troupe* de artistas, que, em *tournée*, percorremos a provincia, e em uma noite de agosto démos no theatro de D. Affonso, no Porto, uma representação com a *Martyr*.

E' bastante conhecido, entre nós, o celebre drama de D'Ennery, para que eu o conte aos meus leitores. Sempre lhes direi, porém, que no segundo acto, Lourença, a protagonista, tem uma conferencia com um irmão bastardo, filho de uns amores illicitos de sua mãe, mancebo que é um valdevinos e de quem Lourença recebe n'aquelle momento, em troca de avultada quantia, umas cartas compromettedoras para a honra d'aquella que a ambos deu o ser. No momento em que o bandalho passa o maço de cartas, que subtrahira a seu pae, para a mão da irmã, entra em scena o marido d'esta, e, desconhecendo o interlocutor de sua mulher, toma a nuvem por Juno, julga-o um rival, um amante, um preferido e sem mais tir-te nem guar-te,

O ACTOR AUGUSTO DE MELLO

puxa por um revolver, desfecha-o e o cunhado cae morto no chão, e a sua cara metade, alvoroçada por tão imprevisto acontecimento... enlouquece.

Presenciando tal procedimento, o espectador pergunta a si proprio, e com razão, por que motivo é que aquelle marido, que, até ali, vivia em pleno ceo azul de felicidade conjugal, em plena paz domestica, e sem manifestar que tem medo de ladrões, anda por casa, no seio da familia, com um revolver carregado, no bolso, Mr. D'Ennery, auctor da obra, é quem poderia responder, se ainda fosse vivo; mas o que eu posso esclarecer e que é fora de duvida, é que do final do segundo acto em diante, a acção deriva d'esse tiro, e como *pour faire un civet de lievre, il faut un lievre*, para se dar o tiro é indispensavel que o revolver funccione e que portanto não erre fogo.

Pois uma noite, um domingo, no theatro de D. Affonso, no Porto, lembro-me bem, com uma casa á cunha... esse tiro falhou!

*

Os camarins, no theatro de D. Affonso, no Porto, theatro que já não existe, eram ao lado esquerdo do palco, em um plano mais elevado e todos davam para uma especie de varanda com o respectivo parapeito.

Quando o segundo acto estava prestes a acabar, — e eu no meu camarim dava os ultimos toques na minha caracterisação, para o inglez, *Sir Drak*, personagem que desempenhava e que só entra no principio do terceiro acto, senti subitamente um silencio profundo no palco, isto é, a representação parada, ao mesmo tempo que da sala me chegou ao ouvido um sussurro, um murmurio, bastante agitado. Movido pela curiosidade, abeirei-me da varanda dos camarins, debrucei-me e eis que vejo a minha collega Carolina Falco que representava o papel da senhora de La Marche, mãe legitima da *Martyr*, personagem tristonha, acabrunhada pelo remorso, pois que a sua leviandade e as suas fraquezas de outrora são a origem de todo aquelle drama, quando vejo, repito, a minha collega Carolina Falco, entre portas da scena, em frente do meu camarim, que de braços erguidos, á queima-roupa, e com rara afflicção, me pede:

— Uma faca, senhor, uma faca!

Confesso que a minha primeira impressão foi de que n'aquella noite, não era Lourença quem, como de costume, enlouquecia, mas que a senhora de La Marche, a senhora sua mãe em pessoa, é que estava prestes a perder o juizo!

— Uma faca para quê? perguntei, continuando a não ter exacto conhecimento do que se estava passando.

— Para matar o Ferreira da Silva! respondeu a minha saudosa collega.

Cahi das nuvens ao ouvir tal pedido, porque, nem Carolina Falco tinha maus figados, ella que era tão bondosa! nem o senhor Ferreira

VEJO A MINHA COLLEGA CAROLINA FALCO, ENTRE PORTAS DA SCENA, DE BRAÇOS ERGUIDOS...

da Silva merece tanto; a personagem que lhe cumpria exhibir, essa sim; mas elle... pessoalmente... oh!... era demais!

A agitação do publico na sala ia augmentando, e, no convencimento de que alguma cousa grave estava ocorrendo, gritei d'ahi mesmo, para o urdimento:

— Deitem o panno abaixo!

Assim foi, e rapidamente desceu ao palco. Percebi então a origem do incidente. Na sala, lá fora, os commentarios do publico ensurdeciam; um espectador da geral irritado — como eu me recordo! — cantava de gallo! Cá dentro, no palco, a discussão atordoava e ninguem se entendia.

Ora, n'estas occasiões, quando em scena taes faltas se dão, ha um empregado no serviço do palco contra quem sempre todos se revoltam, e que é, sem a maior parte das vezes ter tido a culpa, aquelle que paga as favas; esse empregado é o contra-regra.

O pobre homem, crivado de censuras, de phrases amargas e de recriminações, dirigidas por todos os artistas, rodeado por elles no meio do palco, para demonstrar que havia cumprido o seu dever, que tinha carregado e experimentado o revolver e ainda mais que sabia a

PODE-SE CALCULAR A ANCIEDADE DOS ARTISTAS

A ACTRIZ CAROLINA FALCO

fundo o seu mister, e, finalmente, para garantir a segurança da arma, puxou pelo gatilho e o revolver disparou com estrondo!

O publico que ouviu o estampido do tiro, apesar do panno estar descido, respondeu ao estrepito com uma salva de palmas.

O espectaculo, porém, tinha de caminhar, e, preparada outra vez com zelo, pelo contra-regra, a arma traiçoeira, o panno subiu de novo e a representação continuou. Repetiu-se o segundo acto, desde o começo.

Pode-se calcular a anciedade com que todos estavam, não só o publico como os artistas.

O actor encarregado do papel de marido precipitado e vingativo, o meu collega Julio Soller, cautelosamente havia-se premunido com um punhal, que mettera na algibeira do peito da sobrecasaca. Espingarda, que falha uma vez, falha duas ou tres! diziam os antigos caçadores, e elle conhecia o proverbio.

Chega-se ao momento critico e Julio Soller, o brilhante actor, com os cabellos desgrenhados, o olhar incendiado, e a bocca contorcida pela raiva, como determina a peça, exclama:

— Miseravel! O que vens fazer a minha casa?... O que pretendes de minha mulher, a sós, n'este gabinete? Quem és, ladrão da minha honra... dize?!

—Não posso! responde o irmão adulterino de Lourença.

—Piedade, perdão! implora ella de mãos erguidas.

—Ah! É o teu amante, não é verdade? atalha o marido ciumento; pois vae pagar com a vida a minha deshonra!

E, sem mais explicações, saca o revolver do bolso das calças — é para notar que no theatro, em scena, os actores, usem geralmente os revolvers no bolso das calças — e aponta-o rapidamente ao peito da victima.

Estabeleceu-se um profundo silencio e todos

O ACTOR SERGIO D'ALMEIDA

perceberam e tiveram a sensação de que, além do que prescrevera o auctor, alguma cousa de singular ia succeder.

Julio Soller deu ao gatilho, e o revolver... ficou mudo e quedo!

Olhavam-se em scena, os actores angustiados... n'uma afflição suprema! «Ai que falha outra vez!» pensavam todos.

O momento era critico; e eu que me achava junto do regulador, a observar, alheio á representação, asseguro que tambem me sentia coberto de suores frios.

Julio Soller, então, n'um esforço desesperado, todo nervoso, puxou de novo o gatilho, e o revolver fez... *peff!* Havia-se inflammado a polvora, mas não se tinha produzido a detonação. Ferreira da Silva — a verdade manda Deus que se diga — não esteve com delongas, nem vacillações; apenas viu o fumo sahir da bocca da arma, lançou-se logo no chão a debater-se, varado, nas vascas da agonia!

Uma salva de palmas do publico radiante e satisfeito poz termo ao incidente, e a representação continuou.

E como este caso, quantos teem acontecido pelos nossos theatros!

UM SANTO EM LUCTA COM O DIABO

A rivalidade, que se desenvolve, por vezes, entre os actores, tem causado serios conflictos, produzindo até ... vias de facto. No theatro dos Recreios, eu presenciei um caso desta naturesa. Representava-se o *Miguel Strogoff*; Sergio d'Almeida, que desempenhava o papel de protagonista, e Carlos Rocha, a cargo de quem estava a parte do grão-duque, não se viam com bons olhos, havia bastante tempo, e uma noite, no final do drama, depois do grão-duque haver condecorado, como premio da sua coragem, o correio do czar, este, assim que a peça terminou, agrediu-o, do que resultou séria desordem entre os dois, desordem que só terminou com a intervenção de dois policias authenticos, da esquadra do Rato. Conseguiram então aquelles dois agentes da auctoridade — já lá vão desasete annos! — serenar a colera e o odio que lavrava entre dois russos, um principe, o outro plebeu! Salvador Marques, o distincto escriptor e homem de theatro ha pouco fallecido, que era ao tempo empresario dos Recreios, agradeceu-lhes e gratificou-os!

Se esses agentes de segurança tivessem força para conter na ordem e estabelecer a harmonia hoje entre o povo e a aristocracia russa, como o czar, esse outro grande empresario, lhes havia de agradecer, lhes daria milhões de rublos!

Ha annos, em uma cidade do nosso paiz, succedeu outro episodio verdadeiramente pictoresco, entre artistas dramaticos que se detestavam. Por achal-o divertido vou narral-o aos meus leitores.

Representava-se o *Santo Antonio*, essa tão popular e applaudida oratoria de Braz Martins.

Ora, como só tres personagens são precisas para o que lhes vou contar, devo esclarecer os leitores, dizendo-lhes que, o actor A des-

empenhava o papel de Santo Antonio, o actor **B** o papel de Lusbel, o diabo, e a actriz **C** a parte do anjo Gabriel.

Esta actriz, bonita rapariga, era a preferida do coração do actor **A**, artista que cultivava com afinco o amor livre e que odiava o seu collega **B**, já porque este lhe fazia, por vezes, sombra no palco, nas representações perante o publico, já porque, em mais de uma occasião, elle se havia interposto no seu caminho de aventureiro conquistador, empatando-lhe as vazas e chegando até — diziam — a supplantal-o! Eram inimigos figadaes, e quem sabe se na terra da verdade, no outro mundo, onde elles param ha tempos, ainda se detestam e debatem!

RESULTOU SÉRIA DESORDEM ENTRE OS DOIS

Uma noite de enchente, com a representação da celebre peça sacra, as cousas chegaram a tal estado, que só um desforço physico, entre os dois rivaes, conseguiu pôr ponto final na questão.

* * *

O Santo Antonio, lindo santo! lá ia fazendo os seus milagres, fallando aos peixinhos, salvando o pae da forca, recitando os seus versos:

> Mimosa nasce a flor e vive linda,
> Se colhida não foi logo ao nascer;
> Assim nasce a donzella e vive pura
> Se o vicio não trabalha p'r'a perder!

Caminhava o santo no seu trilho da virtude e do bem! Ia sereno, calmo, com um sorriso nos labios, a palavra doce, o olhar meigo, terno o gesto, grave o andar, mas com o coração ulcerado pelo espinho do ciume, do odio, do desespero! E tinha razão para isso.

É que Lusbel andava a tentar a sério, a valer, o seu querido anjo!

Elle tinha visto, com os seus proprios olhos, logo no primeiro acto, durante a primeira scena, quando o demonio havia passado pela retaguarda de Gabriel, elle tinha observado, repito, que o anjo cahido puxara pelas azas do anjo bom e lhe dera um beliscão... n'esse sitio, em que as costas mudam de nome!

Elle era santo por conta de Braz Martins, n'aquella noite; mas desde que viera ao mundo, era homem por conta da Natureza! O habito não faz o monge, e por debaixo do burel da sua veste, pulsava um coração sensivel e apaixonado!

A peça foi seguindo o seu curso e.... o diabo, o maldito, toda a santa noite a fazer das suas!

Seja dicto, porém, em abono da verdade, que o anjo Gabriel n'aquella noite, estava nos seus dias de fidelidade e de honradez, o que, como facilmente os meus leitores comprehenderão, muito concorreu para irritar o demo tentador e para encher de justa indignação o thaumaturgo portuguez.

Mas apenas cahiu o panno, no final, agora o vereis! Ainda Santo Antonio, morto, ascendia ao ceo, no meio das bençãos, dos regrantes e do fumo do incenso, preso pela cintura a uma corda que o elevava ás bambolinas, quando lá de tão alto, apesar de ter dicto, momentos antes, ao expirar:

O ANJO CAHIDO PUXARA PELAS AZAS DO ANJO BOM E LHE DERA UM BELISCÃO

> Não se arreceia da morte
> Aquelle que leva a vida
> Pela virtude medida!

elle gritou lá de cima,

repito: «Canalha! Espera! que eu já t'o conto!» ao diabo, que se afundava pelo alçapão abaixo, envolto em fumo de pez derretido, para as profundas dos infernos!

E, sem mais delongas, saltando de tão alto, galgou em dois pulos até ao subterraneo e logo, eil-o aos soccos e pontapés ao diabolico do collega.

Não era pêco o rei do inferno e com uma bem puxada bofetada estatelou o aggressor no meio do chão. Este ergueu-se, tornou a insultal-o, encararam-se o thaumaturgo e o inimigo, mediram-se o santo e o diabo, e precipitando-se, rancorosos, um para o outro, os dois rolaram pelo solo, agarrando-se, debatendo-se, com os fatos rasgados, as cabelleiras á banda, em desordenada grita, arranhando-se como gatos, rugindo como leões!

O anjo, não podendo conter-se, desceu ao campo da lucta, interveiu, e com a espada da justiça, a espada flammejante, atirou tamanha cutilada á cabeça de Satanaz, que lhe abriu uma brecha tremenda e lhe cortou cerce essas excrescencias tão caracteristicas da sua posição social, excrescencias pelas quaes, até ás apalpadelas, se pode distinguir a cabeça de qualquer carneiro da cabeça de uma ovelha!

Que tragedia, ali, se passou!

N'aquella noite, o diabo foi dormir para o hotel em lençoes de vinho, e o Santo e o Anjo Gabriel pernoitaram na cadeia.

E, segundo dizem, elles, a altas horas, conseguiram transformar a infecta enxovia em um trecho do inebriante e sublime paraizo de Mahomet!

Oh! o amor!....

Augusto de Mello.

SCENOGRAPHIA SUGGESTIVA

Varias sociedades inglezas, alvitraram a representação de Shakespeare, com a indigencia de recursos scenicos que caracterisam o theatro do tempo, afim de que as bellezas litterarias não fossem prejudicadas pelo deslumbramento do scenario. Eis como, na corrente d'essas ideias, um caricaturista suggere a representação do quadro da esplanada do «Hamlet».

PELOURINHOS

PELOURINHO DE PONTE DA BARCA

Pelourinhos!...

Creados na selva nebulosa das espontaneas concepções do direito, fecundados pela seiva exuberante do espirito medieval, estiolaram-se, anachronicos e humilhantes instrumentos de pena! ao calor generoso e crescente da humanisação das leis.

Sobrevivendo ao seu destino ficaram como padrões symbolicos, mas na solitude e no descaro geraes, adquirindo, por isso, o aspecto recolhido, mofino e mysterioso das inuteis coisas banidas, não obstante a graça esbelta das suas linhas.

Hirtos, solitarios e concentrados no olvido pacifico dos pequeninos largos provincianos apenas sentem á sua roda, e de longe em longe, a contemplação affavel d'algum artista, ou a convivencia investigadora de historiographos e eruditos, empenhados em desvendar-lhes a sua verdadeira genése. E se bem que, por egual, nos fosse grato este conhecimento, os illuminadores do passado não chegaram, todavia, á uniformidade d'um assêrto. Continuação tradicional, embora modificada, da velha estatua de Marsyas ou de Sileno — symbolo da liberdade burgueza na antiguidade classica — como queria Alexandre Herculano, seguido actualmente pelo sr. José Caldas?

PELOURINHO DE FREIXO DE ESPADA-Á-CINTA

Representação do *genius loci* romano, patrono da independencia municipal e que o catholicismo

PELOURINHO DA ANTIGA VILLA DE RATES (PÓVOA DE VARZIM)

mante; Tailliar, chronista francez do seculo XIII, alludia á penalidade do pelourinho; o baixo relevo do portentoso tumulo da linda Ignez, em Alcobaça, é um vivo documento do seculo XIV que depõe sobre o mesmo facto e a disposição do livro I, titulo 28, das Ordenações Affonsinas confirma-o no seculo XV.

D'est'arte parece que a picota teve por principal destino reter os delinquentes ante os olhares exprobadores de todos os municipes na mais vasta e solemne praça do burgo. Era real-

PELOURINHO DO SUAJO

PELOURINHO DE VILLA DO CONDE

converteu em monumento de ignominia, como pretende o sr. Theophilo Braga? Poste d'expiação publica convertido pelo desuso em emblema de jurisdicção municipal, como entendia o visconde de Juromenha?...

Seguindo, no entanto, a esteira dos indicios historicos presumivelmente se conduz o assentimento para a asserção d'este ultimo estudioso.

Com effeito, ao agonisar da Republica em Roma, Cicero, nas suas orações, fazia referencias á columna infa-

PELOURINHO DE REBORDÃOS
(Abas da Serra da Nogueira

mente no forum, para onde convergia a alma do concelho, pois ahi se levantava o templo das suas regalias civis, que sitava o patibulo vexatorio e deprimente dos traidores aos deveres da honestidade e da solidariedade, tão necessario na interdependencia das relações communaes.

A dureza de tal sancção penal visava aos intuitos moralisadores da reparação collectiva. Offender um dos membros da communa o mesmo não era que attentar contra esta? Portanto a todos os que compunham o aggregado, presumivelmente attingidos pela affronta, devia ser licito o desaggravo contra o criminoso indigno e despresivel.

Mas, tempos de mais viva cordealidade e mais suave repressão vieram obliterando o uso dos pelourinhos que se converteram então, segundo conjecturamos, em marcos symbolicos das attribuições jurisdiccionaes dos velhos municipios.

Finda a sua utilidade immediata e apagada quasi a sua significação sobre elles cahiu a tristeza do abandono e, mais que isto, o barbarismo das sevicias por irreprimivel ignorancia ou por petulantes e disparatados assômos de ideias liberaes.

PELOURINHO DE VILLA NOVA DE FOSCÔA

Muitos restam ainda. Fixar alguns d'elles pelo relato e pela estampa não será archivar documentação sobre capitulos da nossa vida historica e artistica?...

O exemplar, sabidamente, mais remoto é o do ediculo da *Paixão* que reveste uma das faces da primorosa arca funeraria de Ignez de Castro. O plastifice ao modelar o doloroso e humilhante flagicio de Jesus serviu-se do mais expressivo e frisante realismo que na sua epocha melhor podia interpretar esta scena da passionologia christã: amarrou-o ao pelourinho! É do genero de gaiola. Esta, segundo Juromenha, poisava sobre o pilar e destinava-se a encarcerar o condemnado para a sua completa ex-

PELOURINHO DE VILLA VIÇOSA (1)

(1) Este desenho, assim como o do Pelourinho de Lisboa, foi obsequiosamente cedido pelo sr. Silva Leal, que os mandou fazer para uma obra que prepara sobre a materia d'este artigo.

PELOURINHO DE POVOA DE VARZIM — PELOURINHO DO ANTIGO COUTO DE NOURE — PELOURINHO DE COLLARES

posição publica á semelhança dos *piloris* francezes. Não é facilmente crivel que a guarita tivesse por fim a exhibição dos criminosos, mas antes fosse um remate para motivos artisticos no alto do pilar, como as picotas do seculo XVI e seguintes o denunciam.

Eis ahi a de Villa Viçosa com a grande esphera *ajourée* sobre o fuste octogono e a de Barcellos com o minusculo kiosque sextavado, de abertura em cada face delimitada por pilastras e cupula florida, coroando a columna hexagona.

N'este grupo tambem poderá incluir-se o pelourinho de Villa do Conde com o formoso capitel, vasado e lavrado, segurando no bordo o escudo e a corôa reaes, e, no cimo, o energico braço de ferro do executor empunhando a espada implacavel da justiça; pelo feixe das suas meias columnas torcidas a romper do patim, suggere a lembrança do de Lisbôa e dos dois fontenarios, identicamente manuelinos, do paço e da villa de Cintra.

EDICULO DO TUMULO DE D. IGNEZ DE CASTRO — ALCOBAÇA

Mas analogo tambem e do mesmo estylo se offerece o dos Arcos de Val de Vez feito por João Lopes em 1587 como o assevera a legenda no extremo superior do pilar cylindrico de torcicolos á volta. No capitel tra-

balhado, trez brazões regios, trez arcos conjugados no ponto de projecção do eixo, trez espheras armillares, entre estes, sobre a mesa, e uma no fecho.

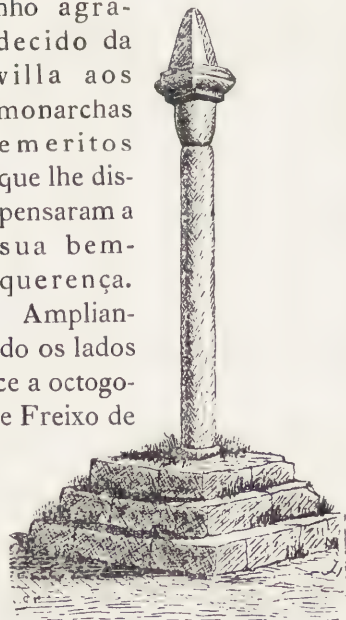
Ainda assim, por uma leve subordinação schematica, se póde considerar o de Collares: base prismatica, fuste recamado de florões emergindo nas estrias espiraladas que se repetem, ao cimo, na pyramide conica assente sobre uma viçosa florescencia. Assim era o d'Elvas.

Do mesmo periodo manuelino, mas constituindo já um typo á parte pelo desvio dos seus perfis, é o de Villa Nova de Fozcôa, plethoricamente ornamentado, se bem que a inspiração seja pobre. Aprumado sobre um escadoz octogonal de quatro degraus tem o fuste de quatro facetas inçado de contas, vieiras, etc.; a meio, o nó formado pela corda e pela cadeia; no topo, o capitel em pyramide quadrangular, invertida e truncada, composto de molduras tendo uma concha ao centro de cada face; sobre aquelle, e rodeando a peanha intermedia que supporta a esphera armillar sobrepujada pela flor de liz, varios obeliscos e corucheus n'um dos quaes se firma o escudo das quinas.

N'estes emblemas se assegura o testemunho agradecido da villa aos monarchas emeritos que lhe dispensaram a sua bemquerença.

PELOURINHO DE BARCELLOS

PELOURINHO DE ARCOS DE VAL DE VEZ

Ampliando os lados da columna apparece a octogona do pelourinho de Freixo de Espada á Cinta (1)

PELOURINHO DA ANTIGA BEHETRIA DE OVELHA DO MARÃO

---

(1) Este, o de Rossas e o de Mesão Frio, conservam os vasos de ferro finalisando em cabeças de reptis com as argolas suspensas.

com alternados renques de florões a expirar no annel que os separa dos quatro brazões com as armas regias e as do povoado. Por cima, rematando, um cubo com columnelos, nos perfis, a flanquear os medalhões, o que accusa a simultaneidade, na mesma peça, do manuelino com a renascença. Equipara-se a este o de Chacim.

PELOURINHO DE BRAGANÇA

Desarestisado, o tronco octogonal transforma-se no cylindro que permanecerá, em definitivo, d'ora em diante. Do seculo XVI e sob a influencia esthetica, levianamente, alcunhada de nacional subsiste, com a pilastra cylindrica e lisa, a picota de Bragança.

Alçada sobre a base de quatro degraus irrompe d'uma *porca* — esculptura zoomorphica da primitiva arte iberica — ; no alto o capitel em cruz cujas hastes terminam por carrancas, além de revestidas lateralmente de baixos relevos allusivos, pelo que se presume, á penalidade ali executada. De resto, um grotesco garrando o brazão da cidade.

Da mesma epocha e declinando para uma sobriedade inexcedivel d ornamentação se ostenta o de Ponte da Barca, de fuste liso, tendo insculpidas na esphera as divisas de D. Manuel.

No de Moure no principo do seculo XVII, firmam-se as armas do arcebispo D. Agostinho de Castro, naturalmente, senhor do velho *Couto de Braga*.

Nos subsequentes, d'uma extrema penuria conceptiva, como os de Mesão Frio, Rates, Rossas, Rebordãos, Ovelha do Marão e Povoa de Varzim, desapparece já a chancella heraldica. São os ultimos padrões dos remotos conceitos juridicos locaes.

N'este grupo se deve incluir o rude pelourinho de Soajo, se bem que o seu aspecto singular torne difficil uma conjectura firme e insuspeita.

Sobre os tres degraus basilares o tosco monolitho em que avulta uma caraça, n'um distico sarcastico, sob a lage triangular. Alguem adduziu para esta o simile com o chapeu tricorne. Não se affigura todavia justificavel tal intenção. O elemento elucidativo, verosimilmente, d'outra origem promana.

PELOURINHO DE LISBOA

Entre os privilegios que a archaica villa fruia, um realçava, por insolito e excepcional.

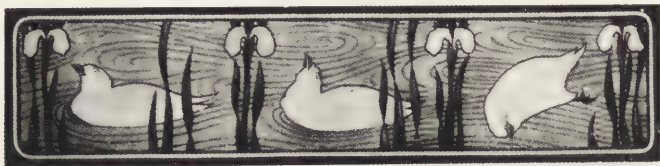
No tempo em que a nobreza assumia uma preponderancia dominadora, um reinante medieval — D. Diniz? D. João I? —ordenava que, em virtude dos abusos praticados por estes

aristocratas: *nenhum fidalgo ou poderoso em nenhum tempo tivesse n'ella bens, nem pudesse estar de assento mais que emquanto um pão quente arrefecesse no ar na ponta d'uma lança.*

N'esta garantia regia se inspirou talvez a factura da extranha picota, patenteando, no granito, a excelsa immunidade do populacho com a evidencia publica da sua troça vindicativa...

Pelourinhos!...

Serenas e graciosas testemunhas do passado são para nós, além de evocações e reveladoras confidencias, documentos apreciaveis dos cyclos d'arte que os ergueram.

MANUEL MONTEIRO.

ILLUDEMUR

Quando disseste amar-me e enternecida
Ouviste a minha confissão ardente,
Abracei como naufrago demente
Essa illusão que me trazia a vida...

Crê-se o que se deseja facilmente
Quando na dôr a alma succumbida
Evoca a ultima illusão perdida,
Como um sonho d'amor saudosamente...

Por isso eu crendo em ti era ditoso
E n'um amor, embora mentiroso,
Encontrava ainda um balsamo bemdito...

Que tem que seja illusão, mulher?
Ventura é tudo o que me dá prazer
E verdade sómente o que acredito!

Cruz Andrade.

Henry Faure

Este illustre escriptor francês fallecido o mês passado em Paris era um dos melhores e mais dedicados amigos dos portuguêses.

Mr. Henry Faure tinha pelo nosso país uma verdadeira ternura paternal e ninguem como elle se sujeitaria a incommodos e desilusões para tornar conhecida em França a litteratura portuguêsa. Completamente desajudado, e até por vezes contrariado nos seus propositos, o nosso querido amigo nem um momento esqueceu a nossa Patria pela qual nutria uma simpathia viva e desinteressada.

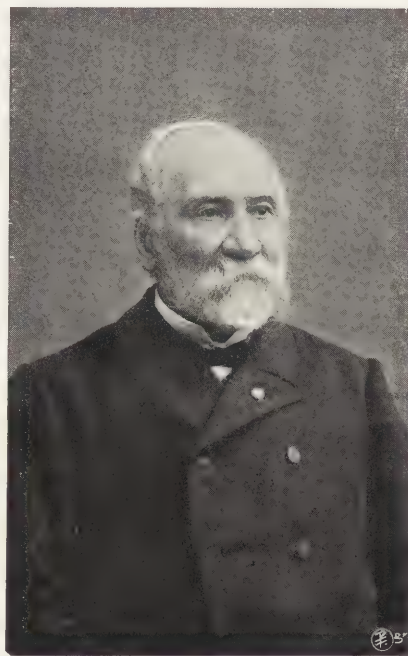
HENRY FAURE

No nosso país desconfia-se tanto de quem se interessa por nós (talvez pelo habito de nos vermos mal julgados) que ha muito quem supponha certos interesses mesquinhos nos que de motu-proprio se mostram nossos amigos; pois o querido morto, com um nome respeitado em França, e com trabalhos de valôr litterario e historico, como a sua grande obra *Histoire de Moulins,* não precisava de procurar a litteratura exotica de um país desconhecido para se tornar interessante e para se impôr no seu país natal.

Quantas vezes com sacrificio, mas sempre com jubilo, não pôs esses seus trabalhos de parte para traduzir obras portuguêsas?!

Mas nem particularmente nem officialmente teve o nosso illustre amigo a condigna prova do nosso reconhecido affecto.

Particularmente, porque a grande maioria dos portuguêses não se preocupa com os factos litterarios, e não dá importancia ás letras escriptas na lingua patria, quanto mais traduzidas; os poucos que lêm são os que escrevem, e esses acham sempre mal em-

pregado o tempo que se gasta a traduzir-se as obras do visinho...

Officialmente, porque os nossos governos, sendo tambem da mesma opinião do vulgo, completamente se desinteressam da arte, e da litteratura em especial.

Ainda se não convenceram de que um país vale mais pelo que representa o seu escol intellectual do que vale pelos seus banqueiros e pelos seus diplomatas.

Mr. Henry Faure conhecia bem tudo quanto lhe deviamos e decerto soffria com o mal que lhe pagavamos; mas nunca teve um protesto, nunca se lamentou senão pela mágua que lhe causava a certeza de que em morrendo nos faria muita falta!

Ainda na sua ultima carta, datada de 12 de dezembro de 1906, o diz, com infinita tristeza:

«... *Sauf le nom (et le nom seul) de Camões, notre grand public ignore le Portugal littéraire. Je ne vois qu'un rémède à des difficultés contre lesquelles je lutte depuis 30 ans avec courage et désintéressement. Ma tâche est á present terminée, car, si je suis encore de ce monde dans un mois, le 20 janvier* (EXACTAMENTE NO DIA EM QUE FALLECEU!) *je commencerai ma 82 année, et, comme le dit Bossuet: «Je sens de plus en plus l'approche du gouffre fatal». Ce rèmede c'est que votre pays (soit le ministre, soit une réunion de quelques bons patriotes) s'impose tous les ans un petit sacrifice pécuniaire pour faire traduire et imprimer dans notre langue, vulgarisatrice par excellence, vos principaux ouvrages littéraires. Je ne crois pas, en effet, qu'il y ait chez nous beaucoup d'ecrivains qui, en ayant la compétance, consentent à faire gratuitement œuvre de traducteur: il faut, pour cela connaitre suffisamment les deux langues, être libre de son temps, avoir de quoi vivre et renoncer à composer des ouvrages originaux par affection pour le Portugal, ce qui n'est pas le lot commun.*»

Como a outro nosso grande amigo morto, o Dr. Storck, Portugal ficou-lhe em divida, que infelizmente já não lhe poderá pagar. Oxalá o exemplo não ficasse esteril e houvesse mais reconhecimento para com outros amigos que lá fóra se interessam ainda por nós!...

São muitos os trabalhos de traducções portuguêsas feitas pelo illustre escriptor; de cór apenas posso citar:

O bobo, de Herculano;

Arrhas por foro de Hespanha, do mesmo;

Frei Luiz de Sousa, de Garrett;

O episodio da Joaninha do valle, do mesmo;

A Roca de Hercules, de Pinheiro Chagas;

A morgadinha de Val-Flor, do mesmo;

A Senhora de Brabante, de Gomes Leal.

Poesias de Camões, Anthero, Junqueiro, João de Deus, Alice Moderno e tantos outros, antigos e modernos, que formariam alguns volumes.

Ainda ha pouco tempo conseguira que a casa Alcide Picard et Kaan, de Paris, editasse dois volumes de contos infantis da minha colecção, e ha 4 mezes fez sahir a traducção do livro *A's mulheres portuguêsas,* na *Revue internationale de Sociologie,* de Paris, dirigida por René Worms, recebendo eu oito dias antes da sua morte, a separata em volume.

E isto não o digo por vaidade, porque sei bem que sem a sua grande dedicação pelo nosso país e a sua bôa

amizade pessoal, ninguem se importaria com obras portuguêsas e principalmente minhas. Mas quero que fique bem constatado que sei quanto devo ao querido morto — por mim e pelo meu país. Que a saudade reconhecida com que recordo o seu nome seja uma consolação para a sua bôa e generosa alma.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

DON'ALDA

Não sei dizer-te, Don'Alda,
Tudo o que sinto, não sei...
Meu coração se engrinalda,
Sou mais feliz de que um rei!..

Tu me fizeste captivo
Do teu olhar, do teu vulto!...
Que bom viver, como eu vivo,
Só para render-te culto!

Que bom viver deste geito,
Captivo do teu amôr,
Guardando dentro do peito
Tua imagem, minha Flôr!

Hoje, então, que tu completas
Um anno mais (que alegria!)
Que bom mandar-te, repletas
Da mais louçã bizarria,

Umas quadrinhas sonoras,
De encantadora feição,
Que te levem meus emboras,
Levando o meu coração!...

Mas não acho, por mais terso,
Um vocabulo que exprima,
Nas filigranas do Verso,
Nos esplendores da Rima,

Toda a grandeza infinita
Desta amizade sem par
Que na minha alma palpita,
Serena como um luar!

Praza a Deus que, toda a vida,
(Corôe-nos tal fortuna!...)
Estreitamente, Querida,
O mesmo affecto nos una!

E que, um millenio passado
De uma ventura sem fim,
Eu viva ainda a teu lado
E tu vivas junto a mim,

Gozando desta amizade
Que as nossas almas enflora
E que enche de claridade
Os dias tristes de agora!

E embora a neve dos annos
Sobre nós venha cahir,
Hão de, em meio aos desenganos,
As alegrias florir!

SIMÕES PINTO.

S. Paulo, Agosto de 1905.

Phot. Camacho

JOÃO DE DEUS NO SEU GABINETE DE TRABALHO

ESCOLAS MOVEIS PELO METHODO DE JOÃO DE DEUS

ROUPA para tres ou quatro mezes e dois livros pequenos, quasi dois folhetos — a *Cartilha Maternal* e os *Deveres dos Filhos* — eis a modesta bagagem dos modernos apostolos da Instrucção Popular. Por mais gasta que esteja esta palavra *apostolo,* não sei d'outra que melhor se applique aos professores das Escolas moveis: — como os lendarios companheiros de Jesus são affaveis, discretos e quasi sempre sem fortuna; vêem, como elles, das mais diversas profissões, das mais variadas terras; mas basta o evangelho da *Cartilha Maternal* para que um mesmo credo os irmane e um mesmo ideal os guie. São sóbrios. Com uma remuneração parca vivem satisfeitos — tanto a alegria do dever cumprido lhes dá uma alma sempre prompta ao sacrificio pela sua causa. E não se diga que é gente pouco culta e, por isso, facil de contentar: — quantos tenho eu conhecido instruidos e sabedores, comprehendendo e amando todas as creações da Arte, todas as conquistas da Sciencia! O que elles têem é um grande e devotado amor á sua profissão, ao méthodo que vão ensinando por esse Portugal fôra, amor tão arreigado e consciente que nenhum d'elles seria capaz de renegar o nome de João de Deus, como

S. Pedro renegou o nome de Christo...

Eu não quero, nem sei entrar em detalhes psychologicos; mas julgo bem que a explicação de todo esse culto pela *Cartilha Maternal* provem da luminosidade — permitta-se-me o termo — d'esse livro de ensino. Elle é tão claro, tão accessivel ás creanças, tão logicamente disposto, tão racionalmente combinado, que não ha quem, conhecendo-o, não sinta uma respeitosa admiração pela obra pedagogica do nosso maior poeta lyrico, depois de Camões. Não vem para aqui explica-la; mas eu, que aprendi pela *Cartilha Maternal,* e que mais tarde a estudei cuidadosamente, eu sei o pouco exforço que é preciso para se chegar a ler correntemente, e o grande, o indisivel prazer que dá esse exforço. Por isso o meu espanto é tão doloroso, ao ver que ainda há creanças a quem ensinam por outros méthodos, por qualquer d'essas cartilhas vulgares, que só servem para destruir nos espiritos infantis toda a iniciativa e toda a faculdade de raciocinar. Até hoje, a *Arte de Leitura* de João de Deus é a unica que foi feita para seres pensantes, e não para cãesinhos de regaço. E tal é a sua perfeição, e tanto está dentro da moderna orientação pedagogica — que ainda ha dois annos em França, a *descoberta* d'um novo systema de apprender a ler, discutido e celebrado, se approximava muito dos seus principios, que lá appareciam como novidade! (1)

DR. JOÃO DE MENEZES

deputado que apresentou á Camara o projecto de lei concedendo um subsidio ás Escolas Moveis

JOÃO DE DEUS RAMOS

filho de João de Deus

CASIMIRO FREIRE

fundador da Associação das Escolas Moveis pelo methodo João de Deus

Foi a camprehensão da racionalidade e da facilidade da *Cartilha Maternal* que levou Casimiro Freire, o grande amigo e admirador do poeta (e que melhor titulo de gloria pode querer um homem?) á fundação das *Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus,* em 1882.

Só a sua energia intelligente e audaz poderia fazer vingar uma ideia tão contraria aos nossos habitos e tão

(1) *Méthode des demoiselles Janicot.* (Rev. Rose, n.º 23 — tome II, 1905).

MISSÃO NA SERRA DO BOURO
Pedida pelo sr. Francisco Grandella

desajudada do apoio official, mas tão util sempre, principalmente n'um paiz como o nosso, em que a falta de recursos do Estado impede a creação das escolas primarias ou a sua conveniente dotação. Toda a gente sentia, mais ou menos, essa utilidade e assim o dizia ás vezes. No entanto, quando foi preciso passar a factos positivos e concretos, quando se pensou em realisar praticamente a ideia de Casimiro Freire, os subscriptores não affluiram, antes appareceram em numero pouco elevado. Apezar d'isso, as Escolas Moveis vingaram — á força de tenacidade e dedicação do seu fundador. E n'uma proporção limitada, mas sempre segura, têem visto augmentar d'anno para anno os pedidos de missões. A sua fama, ainda que custosamente, vae rompendo atravez do paiz. E como, para que uma escola se estabeleça n'uma localidade durante o tempo necessario para aprender a ler, escrever e contar (quatro mezes, o maximo), nada mais é preciso de que uma simples requisição de particulares ou das autoridades locaes, já ha quem se anime a querer experimenta-las em terras sertanejas. E taes são os resultados, tão maravilhosos e fecundos, que, em geral, onde uma missão foi pedida, outra é de novo reclamada em breve praso. E', decerto, o mesmo motivo que faz com que os professorem sejam recebidos carinhosamente em toda a parte; e eu sei de muitas terras onde elles deixam saudades, ás creanças, aos paes e até aos alumnos já adultos, pelo seu tracto afavel e tambem como disse, pela clareza do methodo, pela simplicidade e facilidade em adquirir as

MISSÃO 145 — MONTES D'ALVOR *(Portimão)*
Pedida por um grupo de cidadãos

noções fundamentaes e precisas para se chegar a ser verdadeiramente homem...

Pois bem: — reconhecidas por uma grande maioria a benefica e insubstituivel funcção das Escolas Moveis, é natural pensar que a sua instituição é rica, pela contribuição de todos os que podem pagar, pelo menos, 100 rs. por mez (tal é a sua quota minima). Assim não acontece. Imagine-se que ha socios, reconhecidamente ricos, que pagam 3:000 réis por anno!

Isto dispensa todo e qualquer commentario. E pôe mais em evidencia a tenacidade de Casimiro Freire, para o qual não ha louvôres bastantes; não só pela iniciativa que tomou, mas ainda pela sua realisação e sustentação.

Do Brazil é que tem vindo, ultimamente, incentivo e dinheiro. No Pará e em Manaus duas commissões, respectivamente presididas pelos srs. Domingos Pires Barreiros e Carlos dos Santos Silva, fazem a propaganda das Escolas Moveis e contribuem generosamente e largamente para a sua Associação.

Deve-se este valioso auxilio, principalmente o que vem do Pará, á dedicação do sr. Antonio Ferreira de Freitas que tem pela *Cartilha Maternal* uma profundissima admiração; tão grande que ainda ha bem poucos annos a estudou, para a poder ensinar.

Nos Açores tambem o methodo de João de Deus é estimado e respeitado.

A *Sociedade de Instrucção Popular* presidida pelo capitão Goulard de Medeiros, requisitou ha mezes uma missão, já realisada. E consta que essa mesma sociedade vae officiar ao nosso consul em S. Francisco da California, para que esse requisite uma ou mais missões das Escolas Moveis, com o fim de ensinar a ler aos açorianos que em tão grande numero emigram para esse Estado da America do Norte.

Quando se pensa como o não esquecimento da propria lingua, pela leitura e pela escripta, é um dos mais poderosos meios de conservar em paiz extranho o sentimento de nacionalidade — todas as palavras são poucas para exaltar a resolução tomada pela *Sociedade Protectora d'Instrucção*. O seu patriotismo é um patriotismo intelligente e esclarecido. E assim fosse o de tantos que não percebem que um povo sem nenhuma cultura é um povo agonisante. Veja-se na Italia — que não quer que os seus emigrantes saiam para fora do paiz sem saber ler e escrever, para que a lingua patria nunca possa vir a ser-lhes completamente extranha! E olhe-se depois para a percentagem dos nossos analphabetos — que, é sempre bom repeti-lo, chega a 80 % e d'onde sae a maior parte dos que vão procurar fortuna n'outros paizes. O que ainda nos vale é que a terra promettida é quasi sempre o Brazil. Mas se acontece ser a Argentina, por exemplo, os portuguezes que de lá voltam — e eu já tenho conhecido bastantes — são incapazes de

MISSÃO 148 — ALVORNINHA *(Caldas da Rainha)*
Pedida pelo sr. Francisco Sebastião de Lima

gastar cinco réis em beneficio da patria.

*

* *

Será interessante dizer alguns numeros, para dar maior segurança ás minhas affirmações.

Desde a data da sua fundação, em 1882, até 31 de Dezembro de 1906, isto é, em 24 annos, á *Associação das Escolas Moveis* foram requisitadas 149 missões, que integralmente se realisaram; o que faz uma media de, pouco mais ou menos, 7 missões por anno, media que raras vezes foi excedida, e pouco. Mas, á data em que estamos, o numero de missões pedidas é de 18, com 1.153 alumnos; emquanto que a somma dos alumnos de todas as outras é de 9.664, isto é, 420 alumnos para cada anno. Como se vê ha um grande acrescimo de população escolar. Pois se elle continuar, como é natural, a Associação ver-se-ha obrigada a não satisfazer todos os pedidos de missões.

Senão veja-se: — o seu saldo em 1906 foi de **106$296 réis**, quantia que nem chegava para pagar um professor a mais!

Sei, porém, que o illustre deputado sr. dr. João de Menezes, que tão conscienciosamente tem affirmado as suas altas qualidades de intelligencia e de trabalho, vae apresentar á camara um projecto de lei em que o Estado se obrigará a conceder ás Escolas Moveis um certo subsidio annual, obrigando-se estas a ensinar a ler, escrever e contar a uns tantos milhares de analphabetos

MISSÃO 145 — MONTES D'ALVOR *(Portimão)*

Vê-se ao centro da terceira fila o dr. João de Deus Ramos, e um pouco mais á esquerda o distincto escriptor Teixeira Gomes

por anno. O projecto comprehende tambem a creação de Bibliothecas Populares Moveis — das quaes se deve esperar muito para a cultura do nosso povo, que não só precisa de saber ler, como de ter que ler.

E eu julgo bem que ambas estas coisas são egualmente importantes.

O governo decerto acceitará esse projecto, que honra quem o vae apresentar e honrará quem o acceite .. E as maiorias e minorias da camara com certeza o votam — na convicção que prestam assim a melhor e a mais util homenagem á insubstituivel obra pedagogica de João de Deus.

*
* *

Abandonando os calculos e as previsões, é preciso accentuar o quanto é consolador o augmento de pedidos de missões. Deve-se isso, em grande parte, ao filho do Poeta, ao dr. João de Deus Ramos. Com uma dedicação, uma coragem e uma intelligencia, raras n'um rapaz tão novo, João de Deus Ramos tem sabido fazer dar á obra de seu pae — por meio da propaganda escripta e fallada, em conferencias e em artigos da revista *A Instrucção Popular* — o valor que ella na realidade tem e que, por isso mesmo, tantos lhe negaram. E' o verdadeiro continuador da obra de João de Deus. Dize-lo é prestar-lhe a mais alta consagração. E basta ouvir as suas conferencias e ler os seus trabalhos, para se ver que estas palavras não traduzem mais de que um simples sentimento de justiça.

*
* *

Entre as photographias que acompanham este rapido artigo, ha uma em que a figura de Teixeira Gomes, o illustre e requintado artista das *Cartas sem moral nenhuma* e da *Sabina Freire* se vê ao lado de João de Deus Ramos. Faço-lhe esta referencia muito de proposito. Teixeira Gomes está ali de direito, como promotor d'essa missão escolar. E n'este facto quer a minha grande fé nos destinos da Patria, ver um *signal dos tempos*: — Será d'esta vez que os nossos intellectuaes chegarão a comprehender que só pela Instrucção se pode levantar e dirigir a alma nacional ? Assim o desejo — tanto quanto o posso e sei deseja-lo.

Fevereiro, 1907.

João de Barros.

Summario dos capitulos 1.º e 2.º

Sherlock Holmes o tão celebre DETÉCTIVE *é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante. — Um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso — : O cão dos Basher-villes — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Bashervillle, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza — declaração sensacional do doutor Mortimer.*

CAPITULO III

O Problema

Confesso que ao ouvir aquellas palavras senti percorrer-me a espinha um calefrio. Havia um clangor na voz do médico que manifestava o achar-se elle proprio fundamente impressionado por aquillo que nos estava communicando.

Holmes, de excitado, debruçara-se para a frente, e os seus olhos apresentavam aquelle fulgor, duro, secco que despediam sempre que alguma coisa o interessava intimamente.

—E afirma o senhor que as viu?

—Com a mesma clareza com que o estou vendo ao senhor.

—E não disse coisa nenhuma?

—Para quê?

—E como se explica o facto de ninguem mais ter dado por tal?

—Os vestigios eram visiveis a umas trinta jardas de distancia do corpo, e ninguem pensou sequer em semelhante coisa. Eu proprio haveria feito outro tanto, se não estivera inteirado da tal lenda.

—Andarão muitos cães de gado lá pela charneca?

—Sem duvida, este, porém, seria tudo menos cão de gado.

—E diz o senhor que era grande?

—Enorme.

—Mas não se tinha aproximado do cadaver?

—Não, senhor.

—E a noite, que tal estava?

—Humida e agreste.

—E não chovia?

—Não senhor.

—Quaes são as condições da alêa?

—Segue entre duas sébes de teixo, vélho, medindo de altura doze pés, e impenetraveis. A vereda, ao centro, medirá para ahi, uns 8 pés, de lado a lado.

—E não ha coisa nenhuma entre as sébes e o piso?

—Há, uma faixa de relva, larga de seis pés de cada ládo.

—Pareceu-me ouvir-lhe dizer que a sébe de teixo é penetravel num dado ponto por um portal?

—E', por um cancêlo facultando saída para a charnéca.

—E não existirá qualquer outra saída?

—Mais nenhuma.

—De modo que, para alcançar a alêa de teixos, qualquer terá que entrar pelo edificio ou então, pelo cancêlo da charnéca?

—Ha ainda outra saída pela estufa, lá ao fundo.

—E sir Charles teria alcançado a esse ponto?

—Não tinha, jazia a umas cincoenta jardas, distante delle.

—Ora diga-me, doutor Mortimer—e esta circunstancia é importante — os rastros que o senhor observou eram apenas visiveis no saibro, ou tambem na relva?

—E' claro que na relva não podiam ser perceptiveis.

—E o rastro seguiria pela veréda, por o lado, exactamente, que vae desembocar no cancêlo?

—Seguia: as pégadas enfiavam pela beira da veréda, em direitura ao cancêlo.

—Não imagina quanto me está interessando. Outro ponto, ainda. E o cancêlo, estaria fechado?

—Fechado com o cadeado.

—Que altura teria?

—Obra de uns quatro pés.

—Visto isso, qualquer o pode galgar?

—Lá isso póde.

—E que vestigios encontrou nas immediações do cancêlo?

—Nenhum em especial.

—Valha-nos Deus! Pois não houve quem se desse ao trabalho de os examinar?

—O saibro estava todo elle revolvido. Sir Charles deve ter permanecido alí pelo espaço de cinco a dez minutos.

—Como é que o sabe?

—Porque a cinza do charuto lhe caíu no chão por duas vezes.

—Optimo! Temos aqui um colléga, á medida dos nossos desejos, Watson!

E com respeito ás pégadas?

—Elle tinha deixado as suas, impressas em todo o ambito daquelle montão de saibro. Não consegui distinguir mais nenhumas.

Sherlock Holmes bateu uma palmada no joelho, com gesto impaciente.

—E não estar eu lá! exclamou.

E' mais que evidente o acharmo-nos em presença de um caso de extraordinario interesse, e caso que apresenta immensa opportunidade ao perito scientifico. Aquella pagina de saibro em que eu tanto pudéra ter lido, há que tempos não terá sido empapada pela chuva e desfeita pelas chancas dos labrostas abelhudos. Ah! doutor Mortimer, doutor Mortimer, e lembrar-me eu de que nem sequer pensou em appelar para mim! tem graves contas que dar, na verdade.

—Eu não podia vir ter com o senhor Holmes, sem tornar publicos semelhantes factos, e já lhe expus as minhas razões para não desejar fazêl-o. Alem disso... alem disso...

—Porque hesita?

—Existe um terreno em que o *detective* mais sagaz e mais experiente é de todo inapto.

—Quer dizer que se trata de um caso sobrenatural?

—Tanto não afirmei.

—Não, mas é evidente o pensá-lo.

—Desde que se deu a tragedia, senhor Holmes, tem-me chegado aos ouvidos noticias de diversos incidentes assás difficeis de conciliar com a ordem natural das coisas estabelecida pela Natureza.

—Por exemplo?

—Vejo que antes de haver occorrido lance tão pavorôso foi vista por varios individuos, na charnéca, uma creatura que corresponde ao tal ente diabolico de Baskerville, e que não pode ser animal algum reconhecido pela sciencia. Concordam todos em que era uma creatura de tamanho desconforme, luminoza, fantastica, espectral. Fartei-me de sondar os ditos individuos, um delles, um camponês resoluto, outro, um ferrador, e o terceiro um casaleiro da charnéca, e todos repetem a mesma historia com referencia á tal pavorosa apparição, e que corresponde, exactamente, ao cão infernal da lenda. E affirmo-lhe que reina o terror por todo o districto, e que muito animoso será o individuo que se atreva a transitar pela charnéca a horas mortas.

—E o senhor, um homem com uma educação scientifica, acredita ser um caso sobrenatural?

—Se eu nem sei no que deva acreditar!

Holmes encolheu os hombros.

Eu até hoje tenho circunscrito as minhas investigações a este mundo, emitiu. Com os meus modestos recursos tenho combatido o mal, mas arcar com o proprio Pae do Mal, representaria, talvez, empreendimento um tanto ambicioso. Em todo o caso deve de admitir que é material a pégada.

—O decantado cão era material o sufficiente para esfacelar as guélas a um homem, e nem por isso deixava de ser um ente diabolico.

— Vejo que se bandeou de corpo e alma com os sobrenaturalistas. Mas, aqui para nós, doutor Mortimer, queira dizer-me o seguinte: — Perfilhando essas ideias, por que é que veiu consultar-me? Declara-me, a um tempo, que é inutil investigar da morte de sir Charles, e que deseja que eu o faça?

— Eu não disse que desejava que o senhor o fizesse.

— Mas sendo assim, em que poderei eu auxiliá-lo?

— Aconselhando-me como me heide haver com sir Henry Baskerville, que deve estar a chegar á estação de Waterloo. — O doutor Mortimer consultou o relogio — daqui a cinco quartos de hora, á justa.

—E' então o herdeiro?

— E'. Por morte de sir Charles.

SIR HENRY BASKERVILLE

Indagámos ácerca deste mancebo, e soubémos que tinha uma lavoira no Canadá. Segundo as informações que recebemos é um excellente môço, a todos os respeitos. Estou-me expressando, não como médico mas sim na qualidade de depositario e de executor das ultimas vontades de sir Charles.

— E não existe outro pretendente, presumo eu?

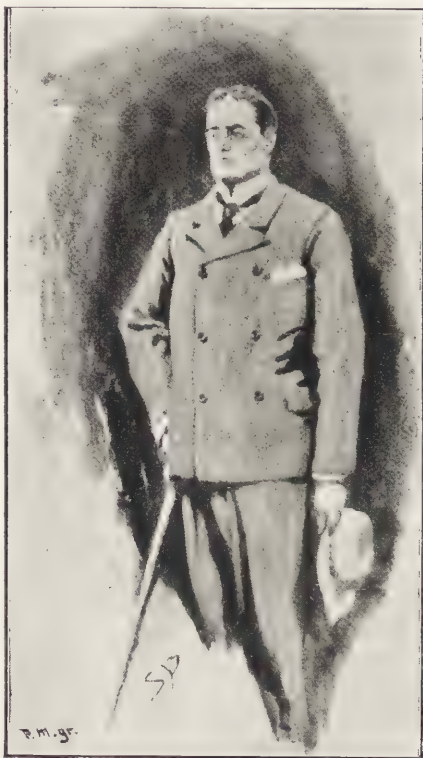
— Nenhum. O unico parente de que pude haver noticia era um tal Rodger Baskerville, o mais novo de três irmãos cujo primogénito era o malfadado sir Charles. O immediato, que morreu novo, é o pae deste môço, Henry. O terceiro, Rodger era a ovelha gafa da familia. Herdara as baldas dos Morgados da estirpe e éra propria á imagem, segundo dizem, do retrato de familia do velho Hugo. Tantas fez, que já não cabia em Inglaterra, fugiu para a America Central, e por lá veiu a falecer em 1876, da febre amaréla Henry é o derradeiro dos Baskervilles. Daqui a uma hora e cinco minutos vou esperá-lo á estação de Waterloo. Soube por o telefone que já chegou a Southampton, esta manhan. E agora, senhor Holmes, como me aconselha que proceda com respeito ao herdeiro?

— E por que não hade elle ir ocupar a residencia de seus maiores?

— Nada haverá de mais natural, pois não acha? E sem embargo, considére que todo e qualquer Baskerville que para ali vae é victima do mau fado. E tenho a certeza de que se acaso sir Charles tem podido falar comigo antes de expirar, não deixaria de me avisar no sentido de não trazer para esta mansão da morte a ultima vergontea da sua antiga estirpe. E comtudo, não se pode negar que a prosperidade de toda esta região, tão pobre e agreste, está dependente da sua presença. O conjunto de obras meritorias inauguradas por sir Charles desabará de vez desde que o herdeiro descure de olhar por o seu solar. Punge me o receio de ser impelido em demasia pelo proprio interesse, obvio, aliás, e eis a razão porque eu vim submeter-lhe o caso e solicitar o seu conselho.

Holmes ficou-se por instantes a cogitar.

— O negocio, resumidas as coisas, é o seguinte, emitiu: — Na sua opinião existe um agente diabolico que torna Dartimoor um pa-

radeiro pouco seguro para qualquer Baskerville. — E' essa a sua opinião, se me não engano ?

— Não me aventuro a muito afirmando haver uma tal qual evidencia nesse mesmo sentido.

— Exactamente. Mas, com certeza, admitindo que seja correcta a sua theoria sobrenatural, tão fatal poderia ser para esse moço em Londres como em Devonshire. Um demonio com poderes méramente locaes, tal qual uma junta de paroquia, seria coisa inconcebivel.

— O senhor Holmes trata o caso com um desassombro, com que o não trataria se por ventura se houvesse achado em contacto pessoal com semelhantes coisas. O seu conselho, pois, se é que intendi bem, é que o mancebo achar-se-á em tanta segurança em Devonshire como em Londres. Elle não tarda por ahi uma hora. Em conclusão, que é que me recommenda ?

— Recommendo-lhe, doutor, que se mêta num *cab*, que chame o seu cachôrro, que está ali fóra a raspár na porta da rua e que se dirija á estação de Waterloo a encontrar com sir Henry Baskerville.

— E depois ?

— E depois, não lhe diz uma palavra referente ao caso emquanto eu não tiver assentado a minha opinião a esse respeito.

— E quanto tempo lhe levará a assentar a sua opinião ?

— Vinte e quatro horas. Amanhan, ás dez em ponto, doutor Mortimer, muito me obsequiará procurando-me nesta sua casa, e observar-lhe-ei que auxiliará os meus planos quanto ao porvir trazendo comsigo a sir Henry Baskerville.

— Cumprirei os seus desejos, senhor Holmes.

Rabiscou o apontamento no punho da camisa, e abalou, apressado, e com aquelles seus modos destraidos e afuroadores. Holmes deteve-o no patamar da escada.

— Uma ultima pergunta, doutor Mortimer. Afirma o senhor que, anteriormente á morte de sir Charles Baskerville, a tal apparição tinha sido vista na charnéca por diversos individuos ?

— Viram-n'a três pessoas.

— E depois disso, seria visto por mais alguem ?

— Que me conste, não, senhor.

— Muito obrigado. Passe muito bem.

Holmes voltou a occupar o seu poiso com aquelle olhar tranquillo de intima satisfação significativo de que tinha na sua frente uma empreitada a seu gosto.

— Sáfas-te, Watson ?

— A não ser que precises de mim.

— Não, meu caro, só appélo para o teu auxilio no momento da acção. Mas este caso é esplendido, e verdadeiramente unico sob varios pontos de vista. Ao passares pelo Bradley, faze-me o favor de lhe dizer que mande um arratel do tabaco mais forte que tiver. E seria optimo o arranjares as coisas de modo que não voltes cá antes do anoitecer. Nessa occasião, estimaria muito comparar as nossas impressões ácerca deste interessantissimo problêma que nos foi submetido esta manhan.

Eu estava farto de saber que a reclusão e o isolamento eram condições indispensaveis ao meu amigo naquellas horas d'intensa concentração mental durante as quaes ponderava a cada particula de evidencia, construindo e alternando theorias, estabelecendo balanço entre uma e outra, e assentava no seu espirito qual dos quesitos seria essencial e qual o inefficiente.

Nessa conformidade, entretive o dia no meu clube, e apenas regressei a Baker Street ao cair da noite. Seriam umas nove horas quando voltei a encontrar-me outra vez na sala.

A minha previa impressão no acto de abrir a porta foi que tinha rebentado um incendio, pois se achava o quarto atulhado a tal ponto de fumo que a luz do candieiro, em cima da mesa, estava fosca, até. Quando entrei, comtudo, o meu receio socegou, era a fumarada acre, do tabaco forte e ordinario, que me tomou a garganta, causando-me um froxo de tosse. Através do novoeiro lobriguei uma vaga visão de Holmes, enfunicado no chambre, alapado numa cadeira de braços, com o tisnado cachimbo de barro entre os dentes. Pairavam em redor uns rolos de papel.

— Constipaste, Watson ? emitiu.

— Não, é esta atmosfera pestilenta.

— Calculo que deve estar algo densa, agora que deste por isso.

— Densa ! Dize, antes, intoleravel.

— Abre a janéla, então !

Passaste o día todo no clube, segundo vejo.

— Essa, agora, Holmes !

— Acertei, ou não ?

— Já se sabe que acertaste, mas como foi que?...

Elle desatou a rir ante a minha expressão de pasmo.

— Resumbra da tua pessoa um tão delicioso frescor, Watson, que torna agradabilissimo o exercitar o limitado poder de que disponho, a expensas tuas. Um *gentleman* sae de casa com um dia chuvoso e morrinhento. Volta imaculado, á noite, com botas e chapeu escovados e luzidios.

Esteve de conserva todo o dia, já se vê... Não é homem de intimas relações.

Onde á pois de presumir que tenhas estado? Não será obvio?

— E' obvio, lá isso é.

— O mundo está cheio de coisas obvias que ninguem, por caso nenhum, observa jamais. Onde te parece que eu tenha estado?

— De conserva, tambem.

— Pelo contrario, estive em Devonshire.

— Mentalmente?

— Tal qual. O meu corpo ficou aqui, nesta poltrona e, com magua o digo, na minha ausencia consumiu dois boiões taludos de tabaco. Depois de saires mandei buscar ao estabelecimento do Stanford o mappa official daquella leira da charnéca, e o meu espirito tem estado todo o dia a pairar sobre ella. Não é por me gabar, mas palpita-me que já não corro perigo de por lá me perder.

— Um mappa em grande escala, segundo presumo?

Muito grande. Desenrolou uma secção e estendeu-a sobre o joelho. Aqui tens o districto que nos interessa em especial. Aqui no centro fica a Mansão de Baskerville.

— Com uma mata em redor?

— Tal qual. Quer-me parecer que a alêa dos Teixos, supposto não venha aqui indicada com essa designação, deve prolongar-se a éste desta linha, com a charneca para o lado direito, conforme podes observar. Este gruposinho de casas é o casal de Grimpen, onde nosso amigo doutor Mortimer assentou os seus quarteis. A dentro de um raio de seis milhas existem, conforme podes ver, apenas meia duzia de habitações, muito espalhadas.

Aqui fica a mansão de Lafter, mencionada na narrativa.

Vem aqui indicada uma casa que poderá ser a residencia daquelle naturalista, o — Stapleton, — é esse o appelido, se bem me recordo. Temos aqui mais duas granjas, na charnéca High Tor e Foulmire. Depois, quatorze milhas mais para além, a grande prisão de Princetow. Entre estes dois pontos disseminados e de roda dos mesmos estende-se o brejo inhospito, desolado. E' este, pois, o palco em que se representou a tragedia, e sobre o qual, mediante o nosso auxilio, poderá tornar a representar-se.

— Deve de ser um sitio, ermo, selvatico.

— E'; o scenario é digno da obra.

Se acaso o diabo desejasse intrometer-se nos negocios humanos.

— Querem ver que te inclinas tambem a aceitar uma explicação sobrenatural?

— Os agentes diabolicos podem muito bem ser de carne e osso, pois não podem? Achamo-nos em frente de duas hipoteses desde o inicio. A primeira, é se terá ou não havido crime; a segunda, qual seja esse crime e em que circuntancias terá sido perpetrado? Já se vê que, admitindo que tenha fundamento a suspeita do doutor Mortimer, e o estarmos a braços com forças alheias ás leis communs da Natureza, deixam de ter razão de ser as nossas investigações. Mas temos que esgotar a toda e qualquer outra hipotese antes de nos aferrarmos a esta. Parece-me que não seria mau tornarmos a fechar aquella janéla, se te não incommóda. E' caso singular, mas tenho notado que a concentração da atmosfera auxilia a concentração de pensamento. Que eu ainda não rompi no excesso de me meter dentro de um caixote para pensar, mas é a conclusão logica das minhas convicções. Tens dedicado a tua atenção ás circunstancias do caso?

— Tenho, não pensei em outra coisa, todo o dia.

— E a que conclusão chegaste?

— Que é um caso para dar volta ao miolo.

— Tem um caracter proprio, não ha duvida. Offerece pormenores muito especiaes. Aquella mudança de caracter das pégadas, por exemplo.

Como a interpretas tu?

— O Mortimer afirmou que o homem tinha percorrido aquelle lance da veréda em bicos de pés.

— Não fez mais do que repetir aquillo que qualquer palerma declararia durante o inquerito. Porque motivo havia alguem de percorrer a alêa em bicos de pés?

— Que deduzes dahi, então?

— Deitou a correr, Watson, — a correr como um desesperado, a correr para salvar a vida, a

correr até lhe estoirar o coração, e baquear sem vida, de rosto á terra.

—A fugir de quê?

E' ahi que reside para nós o problema. Existem indicios do homem estar louco de pavor ainda antes de ter deitado a correr.

—Em que te fundas tu para o afirmar?

—Presumo que a causa do seu terror vinha crescendo para elle através da charnéca. Se effectivamente assim foi, e parece ser o mais provavel, só um homem com o tino perdido pode ter deitado a correr em direcção opposta á casa em vez de para ella se dirigir. Admitida a veracidade do depoimento do cigano, elle corria clamando por soccorro na direcção donde com menores probabilidades esse soccorro lhe podia vir. E, ainda mais, de quem estaria elle á espera, aquella noite, e por que motivo estaria elle aguardando esse alguem na alêa dos teixos e não na sua propria residencia?

—Parece-te, então, que estaria á espera de alguem?

—O homem era velho e infermo. Podemos admitir o elle ter ido dar o seu passeio nocturno mas o chão estava humido e a noite inclemente. Achas natural o elle haver-se detido durante cinco ou dez minutos, conforme o doutor Mortimer, com mais senso pratico do que o julgaria capaz, inferiu da cinza de charuto!

—Mas se elle saía todas as noites?

—Parece-me pouco provavel que elle se pusesse á espera dalguem ao cancêlo da charnéca, todas as noites. Antes pelo contrario, o que é evidente é o facto de elle evitar a charnéca. E. aquella noite, esteve ali, á espera. Era a noite antecedente á sua partida para Londres. O cáso vae assumindo fórma, Watson. Vae apresentando coherencia. Se me fizesses o favor de me dar dahi a minha rabéca, e adiassemos toda e qualquer cogitação ácerca deste negocio até que tenhamos a vantagem de nos vermos com o doutor Mortimer e sir Henry Baskerville, amanhan pela manhan?

CAPITULO IV

Sir Henry Baskerville

Levantaram muito cêdo a nossa mêsa do almoço e Holmes, de chambre, pôs-se á espera da promettida entrevista. Os nossos consulentes, pontuaes, compareceram á hora aprazada, pois tinham dado nove horas no relogio da sala, quando deram entrada ao doutor Mortimer, e atrás deste, o juvenil baronêto. Este ultimo era um individuo, baixo, vivo, de olhos pretos, orçando pelos trinta, de compleição robustissima, sobrancelhas fartas e carregadas e o rosto resumbrando força e pugnacidade. Trajava um fato completo de cheviote, avermelhado, e apresentava a côr tisnada de homem havendo passado o melhor do seu tempo a céu-aberto, e não obstante havia um não sei quê na firmeza do olhar e garboza serenidade dos seus ademanes que denunciava o cavalheiro.

— Este senhor é Sir Henry Baskerville, declarou o doutor Mortimer.

— Em pessoa, confirmou o sujeito; — e o que é mais extraordinario, senhor Holmes, é que se o meu amigo aqui presente me não tem proposto vir directamente procurá-lo ao senhor, esta manhan, eu teria vindo por minha conta e risco. Constou-me que o senhor se entretem com a solução de uns enigmazinhos e encontrei-me com um, hoje, pela manhan, que é caso para dar mais que pensar, do que eu me sinto apto a fazê-lo.

— Queira sentar-se, sir Henry.

— Se me não engano, o senhor, logo no acto da sua chegada a Londres, viu-se a braços com um qualquer caso embaraçoso?

— Coisa de pouca importancia, senhor Holmes. Alguma facécia, provavelmente. Foi esta carta, se é que merece semelhante designação isto que eu recebi esta manhan.

Depôs sobre a mêsa um sobrescrito, e debruçámo-nos todos á uma para o observar. Era de papel muito ordinario, de côr pardacenta. O endereço, «Sir Henry Baskerville, Hotel Northumberland», estava impresso em caracteres toscos; com o timbre postal «Charing Cross», e a data de postagem a noite da vespera.

— E quem estaria inteirado do facto do senhor poisar no Hotel Northumberland? indagou Holmes, varando com a vista o nosso visitante.

— Ninguem o podia saber. Foi resolução tomada apenas depois de eu ter encontrado com o doutor Mortimer.

—Mas o doutor Mortimer, sem duvida, achar-se-ia já hospedado ali?

— Não, senhor, hospedei-me em casa de um amigo, declarou o doutor. Não havia o minimo indicio por onde se pudesse presumir

que tencionavamos hospedar-nos no alludido hotel.

— Hum! Parece-me haver pessoa sumamente interessada nos seus actos. — Tirou de dentro do sobrescrito meia folha de papel almaço, dobrada em quarto. Desdobrou-a e assentou-a sobre a mêsa. Tomando toda a largura, ao centro da folha, apenas se lia uma frase, adoptado o expediente de a compôr com palavras impressas. Resava o seguinte: «Se tendes amor á vossa vida, ou á vossa razão, deveis afastar-vos da charnéca». A palavra «charnéca» era a unica contrafeita com tinta de escrever.

— Ora pois, senhor Holmes, aduziu Sir Henry Baskerville, não me saberá dizer que demonio significa tudo isto, e quem será que tanto se interessa pelos meus negocios?

— Qual é a sua opinião, doutor Mortimer? Deve concordar que, d'esta feita pelo menos, não haveria intervenção sobrenatural!

— E' certo que não, senhor Holmes, mas quem nos diz que não provirá dalguem convicto de que é sobrenatural este negocio?

— Qual negocio? indagou sir Henry, em tom incisivo.

Quer-me parecer que os senhores sabem todos muito mais do que eu com respeito aos meus proprios negocios.

— Compartirá do nosso saber antes de se ausentar desta sala, sir Henry.

Isso lhe prometo eu, emitiu Sherlock Holmes. Com a devida vénia, circunscrever-nos-êmos, por emquanto, a este interessantissimo documento, que deve de ter sido ingendrado e deitado na caixa do correio hontem, á tardinha. Terás por ahi o *Times*, do dia de hontem, Watson?

— Está aqui neste canto.

— Dá cá, faze favor, a pagina interna, com os artigos de fundo.

Percorreu-a, rapido, com a vista, relanceando os olhos de alto abaixo pelas colúnas. «Soberbo artigo acerca do Livre Comercio. Permita-me que lho leia em resumo. Vós podeis embelecar-vos pela afirmação de que o vosso ramo especial quer de negocio quer de industria virá a beneficiar com uma tarifa protectora; a razão, porém, o bom senso dizem-nos que semelhante legislação, pelo andar dos tempos, virá a afastar destes reinos a riqueza, a diminuir o valor da nossa importação, causando uma depressão nas condições geraes da vida nestas nossas ilhas.» — Que dizes tu a isto, Watson? — exclamou Holmes, muito contente e satisfeito, a esfregar as mãos. — Não achas que são admiraveis estas conclusões?

O doutor Mortimer cravou os olhos no semblante de Holmes com uns ares de interesse profissional, e sir Henry Baskerville volveu para mim um par de olhos pretos, perplexos.

— Pouco ou nada intendo de tarifas ou coisa que o valha, observou; mas parece-me que saimos um quasi nada para fora do trilho, pelo que diz respeito a esta carta.

— Pelo contrario, e eu penso que estamos a caminho de pôr pé no trilho, sir Henry. O meu amigo Watson, aqui presente, conhece melhor os meus methodos do que o senhor, e não obstante, nutro a aprehensão de que nem elle proprio terá penetrado a significação desta frase.

— Pela parte que me toca, confesso que não vejo a minima connexão entre a carta e o artigo.

— E não obstante, meu caro Watson, existe uma tão intima connexão, que uma é extraida do outro.

«Vós», «vossa», «vida», «razão», «valor», «afastar», «da». Não percebes donde foi que extrairam estas palavras?

— C'os demonios, tem razão! Boa partida, sim, senhor! exclamou sir Henry.

— E se acaso restasse alguma duvida, desfazer-se-ia ante o facto de «afastar» e «da», haverem sido recortados por inteiro.

— Ora esta — e é assim mesmo!

— Realmente, senhor Holmes, digo-lhe que isto vae além de quanto eu tinha imaginado, declarou o doutor Mortimer, pasmado, a olhar para o meu amigo. — Lá o afirmar alguem que as palavras haviam sido recortadas de um jornal, até ahi, comprendo eu; mas que o senhor indigitasse o proprio jornal, e que accrescentasse que eram do artigo de fundo, é um dos casos mais singulares que tenho presenceado em minha vida. Como chegou o senhor a semelhante conclusão?

— Presumo, doutor, que estará habilitado a distinguir entre a cáveira de um preto e a de um ésquimo?

— Certamente.

— E por quê?

— Pelo facto de ser essa a minha tinêta especial. As diferenças são obvias. A crista supra-orbital, o angulo facial, a curva maxilar, — o...

— Pois esta é tambem a minha tinêta especial, e as diferenças são obvias, do mesmo modo. Existe tanta diferença a meus olhos, entre a fundição do typo burguês de qualquer artigo do *Times* e a impressão tosca dos periodicos da noite, a meio-penny, que vae do seu preto ao seu ésquimo. O destrinçar os typos de imprensa é um dos ramos mais elementares da sciencia para o perito especialista em criminologia, e não obstante, confesso que uma vez, nos annos de juventude, confundi o *Mercurio de Leeds* com as *Novidades Occidentaes da Manhan*. Um artigo de fundo do *Times* distingue-se, porém, sempre, e muito, e as alludidas palavras não podem ter sido extraídas de qualquer outro jornal. E como o caso se deu hontem, havia a maxima probabilidade em encontrarmos as palavras nos numeros com data de hontem.

— Até onde eu posso seguir o seu raciocinio, senhor Holmes, disse sir Henry Baskerville, «houve alguem que cortou á tesoura esta carta».

— E tesoura de unhas, afirmou Holmes. Observando, verificará o terem-se servido de uma tesoura com as laminas muito curtas, visto que o fio teve que dar duas investidas para recortar a parte superior da palavra «afastar».

— E' verdade. Houve alguem, pois, que recortou o conteúdo desta carta com uma tesoura de folhas curtas, que a pregou com massa...

— «Gôma», emendou Holmes.

— Com gôma, no papel. Mas não se me daria de saber por que é que a palavra «charnéca» foi escrita á mão?

— Porque a não puderam encontrar impressa. As restantes palavras eram de uso commum, todas ellas, e faceis de encontrar em qualquer numero de jornal, «charnéca», porém, é vocabulo com que se não topa a cada passo.

— Effectivamente, desse modo o caso explica-se. Leria, acaso, mais alguma coisa na dita carta, senhor Holmes?

— Ministra-me uma ou duas indicações, e comtudo, empregaram a maxima cautéla em evitar desmascarar-se. O endereço, conforme vê, é impresso com typo grosseiro. Mas o *Times* é um periodico raro d'encontrar em outras mãos que não sejam as de pessoa educada. Infirâmos, pois, dahi, que a carta foi composta por um individuo educado, desejando passar por ser pessoa que o não era, e que o seu esforço em encobrir a propria letra, sugére a hipotese de que poderia vir a ser conhecida a dita letra ou vir a sê-lo, pelo senhor. Direi mais, observe que as palavras não foram pegadas em linha recta, mas sim que umas estão muito mais acima do que as outras «Vida», por exemplo, está inteiramente fora do seu logar. Isso poderá indicar descuido ou poderá indicar agitação e pressa por parte da pessoa que recortou. Eu, no todo, inclino-me a esta ultima interpretação, tendo em vista a importancia obvia do assunto, visto ser pouco provavel quem compôs semelhante carta haver pecádo por descuido. Admito que estivesse com pressa, surge-nos a importantissima pergunta: — a que seria devido essa mesma pressa, do momento que, qualquer carta deitada na caixa, de manhan cedo, tinha a certeza de chegar ás mãos de sir Henry antes deste cavalheiro se ausentar do hotel. A pessoa que a compôs receiaria, acaso, que alguem viesse surprendê-la — e receou-se de quem?

— A meu ver, vamos entrando algum tanto pela região devinatoria, commentou o doutor Mortimer.

— Diga, antes, na região em que confrontamos as probabilidades e escolhêmos as mais plausiveis. E' o emprego scientifico da imaginação, mas dispômos sempre de uma qualquer base material para assentarmos as nossas especulações. Os senhores, agora, vão apodar de adivinhação o que eu vou avançar, mas tenho a quasi certeza de como este endereço seria escrito em um hotel.

— Mas porque artes o pôde o senhor vir a saber?

— Se examinarem a carta com cuidado confirmar-se-ão em como tanto a penna como o papel déram que fazer a quem a escreveu. A penna espilrou por duas vezes na mesma palavra, e secou por três vezas numa frase tão curta, manifestando assim o haver muito pouca tinta no receptaculo. Ora, quer a penna quer o tinteiro, em qualquer casa decente, raro é o deixarem-se chegar a semelhante estado, e a combinação de uma e outra circunstancia poucas vezes se dará. Devem de estar fartos de saber o que são pennas e tinta nas hospedarias, onde é raro encontrar coisa melhor. E sem embargo, não hesito quasi em afirmar que, se nós pudessemos submeter a exame o cesto da papelada de todos os hoteis nas immediações de Charing-Cross, até darmos com

os restos do mutilado artigo de fundo do *Times*, iriamos pôr o dêdo na pessoa que expediu esta singularissima missiva. Houla! Houla! Isto que é?

Estava procedendo a minucioso exame do papel almaço, sobre o qual estavam pegadas as palavras, conservando-o afastado dos olhos uma ou duas polegadas.

— E então?

— Nada, volveu, depondo a carta. — É uma folha de papel, que nem sequer tem a marca de agua. Palpita-me que sacámos quanto pudémos desta curiosissima epistola; e agora, sir Henry, acontecer-lhe-ia qualquer coisa interessante desde que se acha em Londres?

— Que eu me lembre, não, senhor Holmes.

— Não daria fé de alguem o ter seguido ou de lhe haverem espiado os passos?

— Pelos geitos que lhe vejo vim pregar comigo nos arcanos dum romance tétrico, comentou o nosso consulente. Por que demonio me havia alguem de seguir ou espionar?

— Já lá vamos. Não tem mais nenhuma communicação que nos fazer antes de nos aventurarmos neste negocio?

— Eu lhe digo, isso depende de estabelecer o que é que os senhores acharão que mereça ser referido.

— No meu intender tudo que se afaste da rotina vulgar da vida merece ser referido.

Sir Henry sorriu-se. — Nem por isso me acho ainda muito orientado com respeito ao viver britanico, pois tenho passado o melhor de meus dias nos Estados Unidos e no Canadá. Mas ouso crer que o perder uma bota não fará parte da rotina ordinaria da vida, nestas ilhas.

— Pois sim, senhores, quer me parecer que apanhei uma herança de truz, commentou assim que chegou á conclusão. E' claro que desde pequenino sempre ouvi falar a respeito do tal cão. E' a historia favorita da familia, supposto eu ate hoje nunca a tomasse a serio. Mas quanto á morte de meu tio, dir-lhes-ei que me pôs os miolos a arder, e que não vejo boia, neste negocio. E os senhores, da sua parte, parece-me que nem sequer ainda perceberam se será caso para appelarmos para a policia se para um padre.

— Exactamente.

— E agora eis que nos surge este negocio da carta que me foi dirigida para o hotel. Supponho haver ligação entre um e outro incidente.

— Parece demonstrar o haver alguem que está mais informado do que nós do que passa lá pela charnéca, observou o doutor Mortimer.

— E tambem, accrescentou Holmes, o haver alguem sem más intenções a seu respeito, visto que o avisam de um perigo.

— Póde tambem ser que desejem, para fins proprios, espantar-me d'alí.

— Sim, é possivel, não ha duvida.

Muito grato lhe sou, doutor Mortimer, por me haver iniciado a um problêma que apresenta diversas alternativas e qual dellas mais interessante. Porém, o ponto pratico que actualmente nos cumpre resolver, sir Henry, é se será ou não prudente o senhor ir residir na mansão de Baskerville.

— Mas por que é que eu não heide ir?

— Prefigura-se-me o haver perigo.

— Refere-se a perigo por parte desse duende familial ou a perigo por parte de qualquer humana entidade?

— Isso, agora, é o que nos cumpre deslindar.

— Seja lá o que fôr, a minha resposta está dada. Não ha diabo do inferno, senhor Holmes, nem homem algum neste mundo que possa tolher-me de ir residir para o lar da minha estirpe, e peço-lhe que considere isto como a minha resposta definitiva. Carregou os nêgros sobr'olhos e invadiu-lhe a face um rubôr sombrio, no acto de se expressar. Era evidente o não se achar extincto o genio fogoso dos Baskervilles neste seu ultimo representante. — Neste meio tempo, proseguiu, nem sequer tenho vagar de pensar em tudo que acaba de transmittir-me. E' negocio serio para qualquer, o ter de comprehender e resolver, a um tempo. Não se me daria de ter uma hora de socêgo para assentar o meu espirito. Oiça lá, senhor Holmes, são onze e meia, e vou daqui direitinho para o hotel. Suppunhâmos que o senhor e o seu amigo doutor Watson vinham lanchar comnosco, ao hotel, ás duas horas? Achar-me-ei habilitado a expôr-lhes com mais clareza o modo porque me impressiona este negocio.

— Convem-te o alvitre, Watson?

— Absolutamente.

— Pode, então, esperar por nós; quer que lhe mande chamar um *cab*?

— Prefiro ir a pé, este negocio atordoou-me a tal ponto.

— Far-lhe-ei companhia, com muito gosto, declarou o facultativo.

— Perdeu então uma bota?

— Haverá levado descaminho, meu caro se-

nhor, atalhou o doutor Mortimer. Verá que a vae encontrar assim que chegar ao hotel.

Em que nos adiantará o incommodarmos o senhor Holmes com ninharias desse teór?

— Então? Elle não me pediu que lhe contasse tudo que se apartasse da rotina commum?

— Diz muito bem, acudiu Holmes, por mais disparatado que lhe pareça o incidente. Diz, então, que perdeu uma bota?

— Ou levaria descaminho, em todo o caso. Deixei-as fóra da porta, hontem á noite, e esta manhã encontrei uma, unicamente.

Não fui capaz de apurar coisa nenhuma do lapuz que as limpou.

Demais a mais ainda hontem as tinha comprado no Strand, e estavam por estrear.

— Mas se ainda as não tinha calçado, por que é que as deixou de fóra para serem limpas?

— Eram umas botas de côr e ainda não tinham sido envernizadas. E foi por isso que as pus fóra da porta.

— Fiz bastantes compras. O doutor Mortimer, aqui presente, acompanhou-me. Bem vê que eu, além, passo a ser *squire*, e tenho que me pôr na altura, e eu, aqui para nós, lá por esse mundo occidental adquiri uns habitos um tanto desleixados. Entre outras compras, adquiri o tal par de botas de côr — dei por ellas seis dollars — e furtaram-me uma antes de eu as ter estreado.

— Roubo esquisito e que pouco aproveita, ao que parece, aduziu Sherlock Holmes.

Confesso que perfilho a crença do doutor Mortimer em como não tardará muito que não torne a apparecer.

— E agora, meus senhores, emittiu o baroneto em tom peremptorio, quer me parecer que me fartei de dar á lingua ácerca daquillo de que tão pouco sei. E' tempo de me cumprirem o promettido, e de me orientarem cabalmente com respeito ao caminho que deverei seguir?

— E' muito sensata a sua exigencia, volveu Holmes. Doutor Mortiner, creio que o melhor que tem que fazer, será contar a sua historia tal qual no-la contou.

— Desta forma animado, o nosso scientifico amigo sacou do bolso a papelada, e apresentou integralmente o caso tal qual o havia apresentado na vespera de manhã. Sir Henry Baskerville escutou com a maxima attenção, e soltando de vez em quando, uma ou outra exclamação de surpreza.

— Está dito; — tornar-nos-emos a vêr ás duas horas.

— *Au revoir*, e passem muito bem!

Ouvimos as passadas dos nossos visitantes descendo a escada e a pancada da porta da da rua. Instantaneamente, Holmes, de languido sonhador transformou-se em homem de acção.

— Calçar botas e pôr chapeu, Watson, e avia-te! Não podemos perder um momento! Enfiou pelo quarto, de chambre, e dalí a segundos voltava, de sobrecasaca. Galgámos a escada a correr e saímos.

Eram ainda visiveis o doutor Mortimer e Baskerville, levando-nos uma dianteira de umas duzentas jardas em direcção a Oxford-Street.

— Achas que vá indo adeante e os detenha?

— Por caso nenhum d'esta vida, Watson. Vou satisfeitissimo em tua companhia, e tu, dignar-te-ás tolerar a minha. Andaram avisados os nossos amigos, não, que a manhã está linda para um passeio.

Estugou o passo até que encurtámos, de metade, a distancia que nos apartava.

Então, conservando-nos sempre a umas cem jardas, na çaga, fômos indo atrás delles por Oxford-Street, e em seguida, Regent Street abaixo.

De uma vez pararam os nossos amigos a olhar para a vidraça de uma loja, e Holmes fez outro tanto. Dalí a instantes emitia este um gritinho de satisfação, e acompanhando a direcção dos seus olhos, anciosos, reparei num *hansom* com um individuo lá dentro, que tinha parado do lado opposto da rua e que voltava agora a andar, devagarinho.

— Alí vae o nosso homem, Watson! Anda dahi! Temos que atentar bem nelle, quando mais não seja.

Acto-continuo reparei numas barbas pretas, cerradas, e num par de olhos como balas, a varrerem-nos por detrás da portinhola do *cab*. De subito, eis se ergue o postigo cerrado do tejadilho, gritam o que quer que seja ao cocheiro, e o *cab* investe por alí fora num desatino, Regent Street abaixo. Holmes olhou ancioso em procura de outro *cab*, mas não se avistava um unico disponivel. Então, desembéstou, pernas para que te quero, na trela do carricoche, por entre a balburdia do transito, o outro, porem, levava muita dianteira, e ia já a perder de vista.

Ora esta! proferiu Holmes, com azedume,

ao emerger offegante e fulo de raiva dentre o labirinto de vehiculos. — Se haverá exemplo de um azar assim, ou de um modo de operar mais desastrado?

Watson, Watson, se és homem de brio, não deixes de registar isto, tambem, e de o contrapor aos meus exitos!

— Quem era aquelle homem?

— Não tenho a minima idéia.

—Algum espião?

— Eu te digo, a julgar pelo que ouvimos é evidente que Baskerville tem trazido sempre alguem á farejar-lhe a sombra desde que pôs pé na capital. Pois de que outro modo poderiam saber tão depressa que hotel porque havia optado era o Northumberland? Visto que elles o seguiram logo desde o primeiro dia, inferi dahi que não deixariam de o seguir no segundo. Haverás talvez observado que cheguei duas vezes á janéla emquanto o doutor Mortimer lia a sua lenda.

— Lembro-me, effectivamente.

— Fui ver se pescava algum vadio na rua, mas não dou fé de nenhum. Temos que nos haver com um espertalhão, Watson.

Este negocio tem que se lhe diga, e comquanto eu ainda não assentasse no meu espirito se será ou não um agente maligno a entidade com que vamos arcar, não deixo de estar convencido da existencia de um poder e e de uma intenção. Assim que os nossos amigos voltaram costas, saí atrás delles esperançado em descobrir o seu espião invisivel. E elle, tão finorio que não se aventurou a ir a pé, valendo-se antes de um *cab*, para melhor poder ir a molengar atrás delles, ou a despedir para diante como um raio e esquivar-se assim a que dessem pela sua presença. O seu methodo apresenta a vantagem adicional de, dado o caso de elles se meterem num *cab*, estar pronto a seguil-o's. E não obstante, o alvitre apresentava uma desvantagem.

—O collocá-lo á mercê do cocheiro.

— Exactamente.

— Que pêna não lhe havermos registado o numero.

— Meu caro Watson, apezar da minha torpeza, estou crente em que não imaginarás, a sério, que me descuidei de lhe tirar o numero? 2704,... é o do nosso homem. Isso, porém, neste momento, não é da minima utilidade.

—AHI VAI O NOSSO HOMEM, WATSON, ANDA D'AHI

— Nem vejo que mais possas ter feito.

— No acto de observar o *cab* o que eu devia ter feito era seguir em direcção opposta. Teria então alugado um *cab*, de meu vagar, e seguido primeiro a distancia respeitosa, ou, ainda melhor, ido até ao hotel de Nortumberland, e pôr-me á espera. Quando o nosso incognito seguia até casa o Baskerville, deviamos de haver encontra do ensejo de ter luctado com elle a ar-

mas eguaes, e ter visto para onde se dirigia.

E em vez disso, mercê de uma indiscreta anciedade, da qual tirou vantagem com extraordinaria rapidez e energia o nosso oppositor, denunciámo-nos e perdêmos de vista o nosso homem.

Tinhamos ido a molengar, por ali fora, a festo de Regent Street, durante este colloquio, e o doutor Mortimer, mais o seu companheiro, haviam-se sumido, muito tempo havia, na nossa frente.

— Não há a minima utilidade em os seguirmos, afirmou Holmes.

— Esvaiu-se a sombra para nunca mais voltar. Cumpre-nos ver quaes são as cartas que temos na mão, e jogá-las com decisão.

Tens a certeza de poder identificar a cara daquelle homem que ia dentro do *cab?*

— O que não ha perigo que me escapasse, é a barba.

— Outro tanto me succede — donde eu concluo que segundo todas as probabilidades era postiça. Um homem esperto, em missão tão delicada não precisa de pôr barbas, salvo se é para esconder as feições. Entrêmos aqui, Watson!

Enfiou por um dos escritorios districtaes de expedições, onde foi recebido de braços abertos pelo gerente.

— Wilson, estimo vêr que não te esqueceste daquelle casozinho em que tive a dita de te poder valer?

— Por certo que não esqueci, meu senhor. Salvou-me os meus bons creditos, e quem sabe se a minha vida.

— Nada de exagêros, caro amigo.

Se a memoria me não falha, Wilson, entre os teus rapazes, havia um de appelido de Cartwright, que manifestou certa habilidade durante aquella investigação?

— E' verdade que sim, e ainda cá está.

— Vê se o chamas pelo telefone. Obrigado. E precisava de trocar esta nota de cinco libras.

Obediente ao chamado gerente, compareceu um moço de quatorze annos com uma fisionomia esperta e viva.

Estacou, a contemplar, reverente, o famigerado *detective*.

— Deixa-me ver dahi o Indicador dos hoteis, disse Holmes. Obrigado! Ouve lá, Cartwright, vem aqui os nomes de vinte e três hoteis todos elles nas immediações de Cháring Cross. Atentaste bem?

— Sim, senhor.

— Has de revistar a cada um por sua vez.

— Sim, senhor.

— Principiarás, em todo o caso, por dar ao guarda-portão um sheling. Aqui tens vinte e três shelings.

— Sim, senhor.

— Has de dizer-lhe que queres ver a papelada de refugo do dia de hontem. Alegarás que levou descaminho um telegrama importante, e que andas em busca delle. Percebestes?

— Sim, senhor.

— Mas o que tu realmente andas procurando é a pagina do meio do *Times*, com uns buracos recortádos á tesoura. Aqui tens um numero do *Times*, a pagina é esta.

Se a vires conhéce-la, pois não é assim?

— Sim, senhor.

— Em cada um dos hoteis o guarda-portão mandará chamar o porteiro do andar-nobre a quem darás tambem um sheling. Aqui tens mais vinte e três shelings. Em vinte casos sobre vinte e três, dir-te-ão que o papel de refugo da vespera foi queimado ou para o lixo. Nos três casos restantes mostrar-te-ão um montão de papelada, e has de procurar a tal pagina do *Times*.

As probabilidades em a vires a encontrar são minimas. Ahi vão mais dez shelings prevendo qualquer contingencia. Communica-me o que houver, pelo telefone, para Baker-Street, antes da noite. E agora, Watson, resta-nos apenas o verificarmos a identidade do cocheiro n.º 2704, pelo telefone, e depois vamos fazer horas para ahi em qualquer galeria de pinturas em Bond Street até irmos para o hotel.

(Versão de Manuel de Macedo.) *(Continua.* CONAN DOYLE.

. . . Já a Natureza parecia agitar-se no quebranto do seu somno da madrugada, com o esperguiçamento amoroso d'uma nympha que vae despertar, sorrindo.

Vagamente, pela sombra, as coisas estremeceram. O silencio encheu-se do murmurio de milhares de bocas segredantes: fremitos d'hervas, sussurros de folhagens, marulhos d'agoas correntes, zumbidos d'insectos nos boejos, gorgeios de pardaes nas cearas, trilos de codornizes nos regos das leivas, arrulhos de rolas nos ninhos, palpitações d'azas escondidas, que acordavam nos ramos do arvoredo. Em surdina ainda, a immensa voz da Vida balbuciou á flor da terra absorta, sob a inefavel serenidade do infinito.

Subito, o canto d'um gallo vibrou, como o toque d'alvorada d'um clarim heroico. Outros, ao longe, responderam. No azul limpido da manhã elysea, as estrellas, uma a uma, bruxolearam como lampadas. Como um sorriso da Aurora, uma claridade rosea illuminou o horizonte oriental. O veu de sombra estendido sobre os campos empalideceu gradualmente. Reflexos lilazes nuançaram as collinas longinquas. Ao fundo dos valles um sôpro agitou as nevoas azuladas, que se esgarçaram, se encorporaram como fumos sobre os pinheiraes escuros, onde as gralhas e os gaios esvoaçavam, piando. Aqui e alem, na paysagem que parecia volatilizar-se em miragens de sonho, côres e formas foram a pouco e pouco rompendo da neblina palida. Um lameiro surgiu, d'um verde aveludado e liquido, todo esmaltado de margaridas, como d'uma geada.

Um matto florido de giestas, como uma ilha d'oiro, luziu entre as ondulações glaucas dos trigaes. Para alem, leiras lavradas, varzeas viçosas, vinhas verdes, desenrolaram as suas manchas de tintas vivas, até ás collinas que subiam, violaceas, com azinhagas e soutos densos de castanheiros, na madrugada lucida e serena.

Como um jorro de vidro derretido, o rio reluziu entre os choupos roxos, os salgueiros prateados e os freixos grisalhos das margens colleantes.

E o velho cego não sabe mas sente que alguma coisa de ethereo, d'immaterial e fluido, descendo do alto, fluctua no mysterio do silencio, sobre a terra extasiada. E' a luz, a divina luz do sol que desponta sobre os montes, a bemdita luz immortal cada manhã voltando do outro hemispherio, na sua peregrinação infatigavel, a fecundar as rozas e os cardos, a abençoar as desgraças, as chimeras, os idylios e as miserias— sem as ver, como o cego que a não via; todas as dores e todas as alegrias dos homens, dos animaes, das plantas, dos mineraes; de tudo o que vive no ar, no solo, nas aguas e no humus; de tudo o que vôa ou rasteja; de tudo o que ama, sonha, soffre, morre e se transforma para soffrer de novo, pelo mundo...

E o cego sentia, na sua dôr, a alegria d'essa resurreição matinal da natureza: da herva rasteirinha que se ergue, feliz, toda orvalhada da luz; da folha ligeira que se agita no velho tronco, como uma aza viva; da humida corola que se entreabre como uma bocca que aspira; do fructo novo que lateja de seiva, como um

pequenino seio em que palpita o leite da vida; do insecto humilde e do passaro impaciente que abre as azas para o primeiro vôo. E toda a innocencia da natureza penetra no seu coração de paria e ungia de ternura a sua miseria.

Ali perto, a voz do rio cantou mais clara. O vento que passava fez arfar, n'um arrepio verde, as folhagens novas dos amieiros. As cotovias, as toutinegras, as perdizes e os melros bateram as azas por cima dos trigaes. Um bando de rolas alvejou sobre os escuros pinheiraes, n'um ruflar d'azas sonoras. Um rouxinol, no ramo d'uma amendoeira em flor, como uma noiva, saudou a luz. As lebres e os coelhos sairam sem mêdo dos seus esconderijos, e vieram beber ao rio. Sob as hervas humidas, entre as folhas caidas e a poeira do chão, os bichos humildes arrastaram-se das suas tocas; e mesmo os que vivem nas cascas das arvores, debaixo das pedras, ou nos charcos estagnados, entre os limos e os fetos, como os sapos e as rãs, mesmo os mais miseraveis da creação saudaram a luz d'um novo dia — na immaculada paz da terra, onde os homens dormiam ainda.

Depois, ao longe, d'alguma ermidinha invisivel, subiu, fina e limpida no ar, a prece d'um sino. O cão d'um pastor ladrou, n'uma quebrada da serra. Carros de bois chiavam pelas devezas. Um côro de ceifeiras passou ao longe, na estrada, e lentamente o echo de um canto foi esmorecendo nas collinas. O hymno da vida ascendeu, pairou, immenso e multiplo, no rythmo triumphal da creação que acordava para a lucta.

E o mendigo cego levantou as mãos, ergueu a cabeça para o alto — d'onde vem a luz. As orbitas dos seus olhos dir-se-hia contemplarem o mysterio dos mundos, para além da nevoa que os levava, para além da transitoria vibração dos seres e das coisas. Humildemente, na face esculpida pela miseria, pela fome, por todas as angustias da vida, os seus labios abriram-se e murmuraram:

— Padre Nosso que estaes nos ceus, santificado seja o teu nome!. .

*
* *

Alguma coisa do ceu, mysteriosamente, fluctua junto d'elle. . .

Que fremito d'invisiveis azas, no ar perfumado da manhã, o aflorava? No ar, ou na sua alma, sonhando?. . .

Um halito inefavel bafeja-o, como se ali perto, de repente, n'um milagre, desabrochasse uma açucena. O quer que é indefinido, arruinado e ao mesmo tempo immaterial, como uma luz que tomasse forma, passa, desliza, afasta-se, depois volta, n'uma caricia furtiva e alada...

Alguem? sonho?...

Subito, aquelle anhelito, aquelle afloramento torna-se mais insistente, mais preciso. E o cego tem a sensação d'um tacto vivo, d'uma presença corporal. Estremece. Bate-lhe o coração, n'uma anciedade. As suas mãos estendidas tacteiam o ar.

E eis que o sopro d'uma bocca lhe passa pelos cabellos. Alguem lhe puxa pela capa de burel.

— Quem é? Quem está aqui?

As suas mãos tacteantes tocam uma mãosinha de creança. Agarra-a. Sente-a tremer dentro das suas, pequenina, tão leve, como uma borboleta.

Era a mão d'algum anjo?

Algum anjo descera do ceu, emquanto rezava?

Levanta-se, torna a perguntar, na paz da manhã luminosa:

—Quem és tu? D'onde vieste?

Junto d'elle, a creança continua sem se mover, sem responder — estatua mysteriosa do silencio. Passa-lhe a mão pelo rosto, pelos cabellos caidos nos hombros pelos braços.

— Porque não respondes? Falla! Como vieste? Não está ninguem comtigo?

O mesmo silencio. A surpreza no invisivel e no desconhecido...

Subitamente, os bracinhos de creança cingem lhe o pescoço. E o mendigo sente nos cabellos brancos a caricia d'um beijo.

Era o primeiro que lhe dava uma bocca humana. Ninguem o beijara nunca. Aquelle beijo innocente foi a revelação d'um mundo ignorado e divino, para além da terra. A sua cegueira teve na graça angelica d'essa caricia o presentimento da luz que não via. E aquelle a quem nunca ninguem amára, poz-se a amar aquella creança desconhecida. A sua velhice sentia-se ligada áquella infancia por todo o amor accumulado no seu coração de vagabundo. Condemnado á solidão, aquelle beijo libertava-o do seu sepulchro.

— Meu anjinho, falla! Porque não respondes?

Então, muito baixinho, quasi inaudivel, inarticulado, semelhante ao vagido d'um passarinho recemnado, um som balbuciante, guttural, saiu dos labios da pequenita: um som que não tinha significação na terra, entre os homens.

E o cego comprehendeu que ella não respondia — porque não fallava nem ouvia.

Quem a tinha abandonado, no meio da noite?

Orphã, talvez; perdida e mendiga, de certo, como elle errante pelo mundo, a pedir esmola de terra em terra.

Mas o velho cego pensara sempre que ella tinha descido do ceu, n'aquella alvorada...

Sentiu que lhe mettia entre os dedos uma codea de pão centeio. Havia quasi dois dias que não comia. Silenciosamente, tomou-lhe a mão pequenina e, de joelhos, levou-a aos labios. E as lagrimas caiam-lhe dos olhos no pão duro, e rolavam sobre o corpo do cão morto, estendido aos seus pés.

Estava já rigido. O sangue coagulara-se nas feridas. As moscas varejeiras voavam-lhe sobre os olhos vitreos.

Poz-se a abrir uma cova no chão, sob um salgueiro, á beira do rio. Assim que a fez bem funda, tomou o cadaver nos braços, beijou-o na cabeça, deitou-o no fundo. E de mansinho, como se receasse magoal-o, começou a cobril-o de terra.

Depois, estendeu a mão á creança — elle atraz, com o violino ao hombro, todo curvado e tropego na sua capa de burel; ella adeante franzina e descalça, d'olhos radiosos como as longinquas estrellas, partiram pelo mundo — grupo de estatuaria antiga que symbolisasse o eterno soffrimento humano guiado pela mão evangelica do sonho...

* * *

Assim um resequido olmo já sem folhas, e assim um recemnascido arbusto ainda sem ellas, ambos crescidos ao acaso, n'um êrmo, fizeram-nos o destino e a miseria companheiros n'esta vida.

SILENCIOSAMENTE, TOMOU-LHE A MÃO PEQUENINA E, DE JOELHOS, LEVOU-A AOS LABIOS

Sempre pela mão um do outro, elle tão velho, ella tão pequenina, tinham ambos a fragilidade sagrada da Innocencia. E formavam assim, dir-se-ia, um sêr unico, os dois corpos — como se a alma d'um não fosse mais que o reflexo da alma do outro. A do cego reflectia

a candura da creança. A d'ella reflectia o seu soffrimento. Semelhantes a duas ondas, uma da outra brotando, uma que expira, outra que d'ella renasce, aquellas duas existencias continuavam-se. Se um morresse, a morte não tardaria a levar a outra. O olhar da mudinha era a luz d'aquella cegueira sombria.

Por vezes, n'um velho tronco esgalhado, que nunca conheceu senão as rudes ventanias e os raios, o milagre d'uma subita primavera faz desabrochar uma flor — e dir-se-ia que n'essa pobre florsinha melindrosa e derradeira então se concentra toda a seiva que as raizes aspiram na terra agreste. O tronco que resistiu cem annos ás ventanias, morreria se um sopro da aragem lhe arrebatasse a unica flor. Assim vivia apenas aquella velhice d'aquella infancia.

Nunca soube quem era, nem d'onde vinha, se algum dia tivera familia, uma mãe que a abandonara ou morrera. Que lhe importava o seu passado, os outros?

Era como se aquella creança que não falava nem ouvia, e que elle nunca poderia ver, tivesse vindo do infinito, enviada de Deus, para o guiar.

Desde aquella madrugada, nunca mais se deixaram. Não poderiam. Os que muito soffreram têem mais que os felizes a sede inextinguivel d'amar, para continuar a viver. O destino caza as almas dos desgraçados, até á morte, para a redempção pelo amor, n'uma outra vida melhor, talvez!...

Toda a claridade que não tinha nos olhos, puzera-lhe Deus ao cego, no coração. Toda a claridade que não podia distinguir e que cada noite desaparecia da terra, abrigava-a elle, inextinguivel, n'aquella afeição que o ligava á pequenita. Toda a claridade que lhe enchia a ella os olhos absortos no deslumbramento das paysagens que atravessavam, sentia-a elle no peito, quando a mudinha o beijava.

Não tinham a linguagem dos homens — mas a das almas, para se comprehenderem. Conversavam de mãos dadas — sem falar. E o mysterio do silencio fazia mais sublime aquelle amor — como a sombra da noite torna mais radiosas as estrellas.

*

* *

Eram assim felizes, amorosamente isolados n'um mundo mais livre que o das outras creaturas.

Juntos, á aventura, n'essa existencia sem norte dos mendigos, semelhante á das folhas, do fumo, das nuvens e da poeira que o vento leva, ninguem sabe aonde, pelo ar, iam indo pelo mundo, sem conhecer as fronteiras dos homens.

Iam indo pelas brancas estradas reaes, entre ravinas e descampados; pelos caminhos verdes dos campos semeados e dos prados humidos, onde os bois os ficavam olhando, com os seus grandes olhos graves; pelos carreiros sinuando entre silvados e madresylvas cheirosas, nas montanhas onde a agua das nascentes ia saltando e rindo; ao longo dos ribeiros, entre as vinhas, as cearas reluzentes e as veigas ondulantes; pelas tranquillas aldeias, descançando nos adros cheios de cruzes das ermidinhas rusticas, á sombra dos olmos centenarios, onde os passaros parecem resar, ao toque das trindades; pelas eiras onde os malhadores cantando, malham as espigas d'oiro; pelas estalagens de varandas de pau e d'alpendres, em que os ferreiros batem o ferro inardente nas bigornas, e onde param, n'uma nuvem de poeira as enormes diligencias amarellas, com as parelhas fumegantes, tilintando as guizeiras, e os machos dos almocreves, carregados de fardos; pelos pateos dos solares solitarios, que falam do passado, com estatuas mutiladas e velhos brazões cobertos d'heras; pelos cemiterios calmos com cyprestes e roseiras, onde as borboletas voam sobre a herva que cresce nas vallas e cheios de amóras para as abelhas e para as creanças; pelos cazaes e herdades fumegando ao cair das tardes, quando vão recolhendo dos pastos os rebanhos, seguidos do pastor vestido de pelles, como um propheta christão; pelas margens dos rios correndo entre os cannaviaes e os freixos, e espumejando nas reprezas dos açudes, junto d'um moinho onde o cão de guarda, dormindo ao lento gemer da roda esverdeada de limos, acordava para os ver — e a mulher do moleiro, com o filhinho todo enfarinhado ao collo, aparecia á porta para perguntar ao velho d'onde vinham e dava, sorrindo á mudinha, o pão alvo da sua farinha...

Iam indo pelas villas mortas e antigas, com arcos sobre as pontes e castellos em ruinas; pelas silenciosas praças entre melancolicos palacios fechados e egrejas tristes, onde o cego tocava o seu violino entre as creanças que voltavam da escola, e que fitavam admirada a mudinha toda esfarrapada e loura, sentada nos degraus de pedra do chafariz ou d'um lendario

pelourinho secular, pelas ruas estreitas e ermas, onde as velhas fiando nas rocas, lhes deitavam esmola das janellas d'adufas, cheias de craveiros.

Iam indo pelos arraiaes das romarias, pelas feiras vozeantes, entre os gados mugindo ao sol do meio dia; pelos areaes doirados, ao longo do mar azul, cheio de velas que a creança fitava, cheio d'ondas que o cego escutava.

Iam indo pelas grandes cidades, entre o tumulto das multidões nas largas ruas rumurosas como rios, entre o rolar das carruagens nas pontes, os gritos, e os echos dos pregões; pelos sombrios bairros populares, á porta dos quarteis e das fabricas cheias de fumo, quando saem os operarios curvados, junto aos caes.

Iam indo de longada, sem destino, o velho tocando, a creança esmolando.

O espectaculo sempre novo das auroras e dos poentes, dos movimentos, das fórmas e das côres, encantavam os olhos da creança. Os rythmos e os aromas da terra encantavam a alma do cego.

A MULHER DO MOLEIRO, COM O FILHINHO TODO ENFARINHADO AO COLLO, APPARECIA Á PORTA.

O vento, o sol e o luar eram seus companheiros. No inverno, viviam nas cidades, n'alguma mansarda que os abrigava da chuva e da neve. Logo que a primavera voltava, partiam de novo atravez dos montes e dos campos. A sua vida era um sonho harmonioso e calmo. Ao verem a mudinha tão linda, ninguem lhes negava a esmola, pelas estradas e aldeias. Pelas serras, comiam os fructos sylvestres, amoras dos silvados, abrunhos das sebes. Bebiam a agua pura das nascentes. De verão, dormiam ao ar livre, sob o ceu estrellado, ao lado um do outro, nas mêdas de feno e nos palheiros, ou sob as arvores dos bosques, embalados pelo rumor das folhagens e das aguas.

Ao cantar das cotovias acordavam, nas madrugadas d'oiro, do seu somno innocente. Em contacto com a natureza, permaneciam as suas almas angelicas. Os seus andrajos faziam-nos dois santos, sylvestres e divinos. O sol abençoava-os. O luar ungia-os. Não precisavam da linguagem dos homens para se entenderem — porque se amavam. Por vezes, parecia ao cego que no silencio ouvia, ao seu lado, como um vago palpitar d'azas. E ficava pensando que ella era sem duvida um anjo que descera do ceu, para o guiar...

*

* *

Para o velho, todo o universo se condensava nas sensações do ouvido, do tacto e do olfato. Por essa acuidade incessantemente desenvolvida, desde a infancia, do *sexto sentido dos cegos*, as impressões da natureza revelaram-se-lhe n'um fluxo e refluxo constante de vibrações, de ondas fluidas de movimento. Os seus dedos experientes reconheciam, pelo simples tacto, não só a fórma, mas a substancia dos corpos. O habito de interpretar com maior attenção as impressões recebidas pelos outros sentidos, suppria n'elle a visão. Ouvia, como os outros vêem. Pelos multiplos rumores do vento, das arvores, das aguas, dos seres e até das coisas que aos outros homens se afiguram mais inanimados, tinha a imagem das paysagens, dos logares que atravessava. Os sons exprimiam-lhe as coisa que não via — e poderia dizer-se que, no silencio, aquelle velho percebia o surdo trabalho subterraneo das seivas e das raizes.

O decorrer das estações, mesmo sem a sen-

sação alternativa do calor e do frio, podia elle distinguil-o nitidamente pelas vózes diversas da natureza: desoladas e profundas, no inverno, como as d'um immenso orgão orchestrado a ventanias; afinando-se, subtilizando-se gradualmente na symphonia da primavera, em que diria ouvir o tremulo e amoroso balbuciamento da terra rejuvenescida; ascendendo n'um crescendo cada vez mais amplo, até attingir a intensidade heroica do côro triumphal, do hymno pantheista da natureza fecundada pelo sol, na gloria ardente do estio; esmorecendo em seguida, lentamente, na sonata nostalgica do outomno que parece expirar em notas de préghiera mystica, em surdinas suspirantes d'harpas lithurgicas, de violinos tristes.

As arvores e as ondas dialogavam com elle, nas madrugadas candidas e ao cair dos crespusculos graves. O vento contava-lhe, á noite, nas solidões, o que vira e ouvira pelo mundo. Fremitos das hervas fallavam-lhe em segredo de coisas tão mysteriosas, que ninguem mais as comprehenderia, não tendo a mesma alma.

Auscultador de todas as vibrações do universo, concebeu a synthese da vida — a noção de que tudo no infinito é uma harmonia eterna de movimentos. E attingiu esse «estado de graça», esse grau supremo de impersonalidade dos mysticos e dos videntes que, atravez do exthase, exaltam a alma além da terra e entrevêem Deus.

Que extranhas visões avistariam os seus olhos cegos, que os nossos não podem avistar? Que regiões de sonho, ignoradas, com outras formas, flores singulares, phantasticas grutas, chimericos palacios d'uma architectura nunca sonhada, florestas mysteriosas com lagos resplandecendo entre clareiras e avenidas limites — toda a irreal paysagem dos contos de fadas e dos sonhos, outros mundos fabulosos, mais bellos, de certo, do que este!...

E a pequenita surda-muda, que impressão teria do maravilhoso mysterio que de repente fazia transfigurarem-se as feições grosseiras da multidão que a rodeava, quando o velho tocava no violino?

Com o gesto hieratico d'um mago, a sua longa mão magra ia movendo o arco, emquanto voltada para o alto a cabeça macerada, parecia escutar, com os olhos fitos e a bocca soffredora illuminada por um sorriso exthatico.

Que diria aquelle arco nas cordas?...

A' medida que crescia, foi aprendendo a entendel-o, pelo que *adivinhava*. E cada gesto teve para ella uma significação. Assim como o cego concebia as formas e os sons, sem as distingir, revelava-se-lhe a ella o mysterio da muzica, sem a ouvir, pelo movimento. Em vibrações, para os ouvidos do cego; em apparencias, para os olhos da creança. Os gestos rythmicos do arco sobre o violino, contavam-lhe historias, extranhas narrativas semelhantes ás que as velhas amas contam. A principio, brando, lento, evocava coisas bellas e calmas.

Depois, de subito, estremecia, agitava-se, parecia viver d'uma vida propria, dolorosa e tragica, agonisava, esmorecia...

Pelas expressões diversas dos rostos que escutavam, ella pensava, na sua alma obscura, que elle sabia dar aos homens a alegria, o extase, a dor, o riso e as lagrimas. E os olhos da creança, cheios de claridade, fitavam as orbitas do cego, cheias de sombra, como as estatuas dos santos que nos nichos das velhas cathedraes parecem olhar para alem da terra...

Florença — Janeiro de 1907.

JUSTINO DE MONTALVÃO.

A cahir de somno

Sobresahia entre um pequeno grupo de escriptores russos Anton Chekhov, ha pouco fallecido, cujos contos a critica colloca n'um levantado nivel. Publicamos a tradução de uma das mais vigorosas e caracteristicas das suas curtas producções, uma que de varias formas symbolisa os sentimentos da Russia moderna: a consciencia da estagnação, a revolta contra a vileza e a banalidade da existencia, a impotencia de resistir efficazmente ás forças ambientes. O tedio da vida: é essa a nota dominante da tragedia de Varka, e é o que um vasto povo tenta sacudir, muita e muita vez por meios que trazem á ideia a forma por que a pobre servasita resolve o seu problema individual.

Noite. A amasinha seca Varka, de treze annos de edade, emballa o berço onde está deitado o menino, e murmura em voz quasi imperceptivel.

Bayu, bayushki, bayu!

«A ama vae cantar ao menino»

Em frente do icone arde uma lamparina verde; de parede a parede atravessa o quarto uma corda onde estão penduradas roupas de creança e um grande par de calças pretas. No tecto, por cima da lamparina, alastra-se uma grande nodoa verde, e as roupas e as calças projectam compridas sombras sobre o pequeno, sobre o berço, sobre Varka. Quando a luz tremelica, a nodoa verde e as sombras agitam-se como movidas pelo vento. Abafa-se. Ha um fartum de comida e de calcado.

A AMASINHA SECCA VARKA EMBALLA O BERÇO

O menino chora. Ha muito que está rouco e debilitado de chorar, mas sempre chora, e Deus sabe quando ficará socegado. E Varka queria dormir. Pesam-lhe as palpebras, pende-lhe a cabeça, doe-lhe o pescoço. Mal póde mecher as palpebras ou os beiços, e parece-lhe ter a cara resequida e petreficada, e a cabeça têr-se-lhe encolhido ao tamanho de uma cabeça de alfinete.

—*Bayu, bayushki, bayu!* — murmura ella — A ama está a fazer papinha para o menino.

Na lareira ouve-se o fretenir de um grillo.

No quarto contiguo, para além da porta, resona o patrão de Varka mais o jornaleiro Athanasio. O berço tem um rangido lamentoso, Varka cantarola baixinho, e os dois sons misturam-se n'uma melopea de acalentar, doce aos ouvidos dos que estão na cama. Mas para ella a musica é apenas irritante e acabrunhadora, pois que convida ao somno, e o somno é impossivel. Se Varka, de que Deus a defenda! pegasse no somno, o amo e a ama davam-lhe pancada.

A lamparina tremeluz. A nodoa verde e as sombras agitam se, escoam-se pelos olhos semi-abertos e immoveis de Varka, e confundem-se em nebulosas imagens dentro do seu cerebro meio desperto. A pequena vê nuvens negras que correm umas atraz das outras pelo ceo fóra, chorando como o menino. E eis que se levanta o vento, e as nuvens desvanecem-se, e Varka vê uma estrada muito larga, coberta de lama viscosa; pela estrada passam carroças em fila, arrastam-se homens com sacos ás costas, movem-se sombras para a frente e para a rectaguarda; de cada lado, atravez do nevoeiro denso e regelante, descortinam-se montes. E de repente os homens com os sacos e mais as sombras, tudo tomba sobre a lama viscosa. «Para que é isso?» pergunta Varka. «Para dormir, para dormir!» é a resposta. E dormem todos profundamente, tranquillamente; e nos arames telegraphicos ha corvos pousados que choram como o menino e tentam despertal-os.

— *Bayu, bayushki, bayu!* A ama vae cantar ao menino — murmura Varka.

E eis que se vê dentro de uma choça escura e abafada.

SUA MÃE PELAGEYA CORREU AO PALACIO

No chão está extendido seu pae, Yefim Stepanov. Ella não o pode vêr, mas sente-o a rebolar de um lado para o outro, aos gemidos. Tão intensas são as dôres que elle não póde pronunciar uma palavra só, e apenas aspira o ar e emitte pelos labios um como reboar soturno:

— Bu, bu, bu, bu...

Sua mãe Pelageya correu ao palacio afim de dizer ao fidalgo que Yefim está ás portas da morte. Ha que tempos sahiu! Quem sabe se acaso voltará! Varka está deitada na lareira, e escuta as vozes do pae:

— Bu, bu, bu, bu...

E n'isto pára um carro á porta da choça. É o medico, mandado do palacio, onde se encontra hospedado. Entra. Não se distingue no meio das trevas, mas Varka ouve-lhe a tosse e sente o ranger da porta.

— Tragam luz — diz ella.

— Bu, bu, bu — responde Yefim.

Pelageya corre á lareira, em cata de uma caixa de fosforos. Decorre um minuto em silencio. O medico mette a mão na algibeira, e accende elle um fosforo.

— Já vae, *Batiuschka*, já vae — exclama Pelageya, sahindo da choça a correr.

D'ahi a pouco volta com um coto de vela.

Yefim tem as faces afogueadas, os olhos scintillantes, o olhar penetrante, como se podesse ver atravez do medico e das paredes.

— Então que é isso? — pergunta o doutor, curvando-se sobre elle. — Ha muito tempo que está assim?

— Que é isto? Está chegada a minha hora, excellencia. Está por pouco a minha vida.

— Tolice! não tarda que o curemos.

— Como quizer, excellencia. Agradeço-lhe

com muito humildade; mas bem entendo o que por cá vae. Se tiver de morrer, hei de morrer por força.

Meia hora gasta o medico com Yefim; depois levanta-se e diz:

— Não posso fazer nada. Tem que ir para o hospital; lá lhe farão a operação. E tem de ir quanto antes, sem falta! É tarde, e no hospital está tudo a dormir. Não importa! leva um bilhete meu, entende?

— *Batiuschka*, como póde elle ir para o hospital?—pergunta Pelageya.—Nós não temos cavallo.

— Não se afflijam. Eu vou falar ao fidalgo, elle emprestalhes um.

O doutor vae-se embora, a luz apaga-se, e Varka torna a ouvir:

— Bu, bu, bu...

D'ahi a meia hora sente-se um rodar que pára á porta da choça. É o carro para Yefim ir para o hospital. Yefim arranja-se e vae.

E eis que desponta uma manhã clara e linda. Pelageya não está em casa; foi ao hospital, a saber noticias de Yefim. Chora uma creança, e Varka ouve alguem a cantarolar com a sua propria voz:

— *Bayu, bayushki, bayu!* A ama vae cantar uma cantiga ao menino!

Pelageya está de volta; benze-se e cochicha:

— A noite passou-a melhor; mas pela madrugada deu a alma a Deus. O reino dos ceus, o repouso eterno! Dizem elles que já era tarde quando o levámos; deviamos tel-o levado mais cedo.

Varka mette-se pelo bosque a chorar, e de repente dão-lhe tamanho bofetão que a cabeça lhe vae bater n'um tronco de betula. Levanta a cabeça, e vê deante de si o amo sapateiro.

— Que estás tu a fazer, descarada? — pergunta elle — O menino a chorar, e tu a dormir.

Dá-lhe um sopapo na orelha; ella sacode a cabeça, embala o berço e rosna a sua cantilena. A nodoa verde, as sombras das calças, e a roupa da creança tremem, fazem-lhe acenos, e n'um momento tomam de novo posse do seu cerebro. De novo lhe apparece a estrada coberta de lama viscosa. Os homens das sacolas e as sombras, tudo extendido no chão, estão ferrados no somno. Ao vel-os, Varka tem uma ancia enorme de dormir; quem lhe dera deitar-se tambem! mas sua mãe Pelageya acode a puxar por ella. Vão ambas á cidade, a procurar vida.

LEVANTA A CABEÇA, E VÊ DIANTE DE SI O AMO SAPATEIRO

— Deem-me um kopek pelo amor de Deus! — diz a mãe a toda a gente que encontra. —Tenham caridade de mim, meus bons senhores!

—Dá-me essa creança — brada uma voz bem conhecida. —Dá ca a creança! — repete a mesma voz mas d'esta vez com aspereza e com colera. — Estás a dormir, estupida!

Varka levanta-se de um salto, olha em torno de si, recorda-se onde está; não vê estrada nenhuma, nem Pelageya, nem mais mais gente, a não ser, espetada no meio do quarto, a patrôa que vem amamentar a creança. Emquanto a robusta e espadauda matrona aleita e acalenta o menino, Varka fica muito quieta, a olhar para ella, á espera que ella acabe.

E lá fóra, a atmosphera toma uma côr azulada, desvanecem-se as sombras, e empallidece

a nodoa verde no tecto. Não tarda a romper a manhã.

— Pega no menino — exclama a patrôa — Está a chorar. Deram-lhe mau olhado!

Varka pega na creança, deita-a no berço, e começa outra vez a embalal-a. Desapparecem a sombra e a nodoa verde, e nada ha já que lhe estimule o cerebro. Mas o que ella deseja ainda, e sempre, e com mais vehemencia, é dormir, dormir. Varka encosta a cabeça á borda do berço, e emballa-o com todo o corpo, como para afugentar o somno; mas as palpebras pendem-lhe outra vez, e sente a cabeça pesada.

— Varka, accende o fogão — clama a voz do patrão por detraz da porta.

Quer dizer que já são horas de estar alerta e começar o trabalho do dia. Varka afasta-se do berço, e corre ao telheiro a buscar lenha. Está contentissima. A correr ou a andar, não a incommoda tanto a falta de somno como quando está sentada. Traz a lenha, accende o fogão, e sente reanimar-se-lhe o rosto petrificado, e aclararem-se-lhe os pensamentos.

VARKA LEVANTA-SE DE UM SALTO, OLHA EM TORNO DE SI, RECORDA-SE ONDE ESTÁ

— Varka, apprompta o samovar! — grita a patroa.

Varka corta umas lascas de lenha; e mal as accende e as põe no samovar, surge logo outra ordem:

— Varka, vae limpar as polainas do patrão!

Varka senta-se no chão, a limpar as polainas, e pensa que bom seria metter a cabeça n'aquellas polainas largas e grossas, e dormitar uns instantes. Cae-lhe a escova da mão, mas Varka sacode logo a cabeça, arregala os olhos, e procura ver as cousas como se não houvessem crescido e não lhe cirandassem deante da vista.

— Varka, vae lavar os degraus da porta. Os freguezes não os querem ver sujos.

Varka lava os degraus, varre a casa, depois accende outro fogão e corre para a loja. Ha muito que fazer, e não se pode perder um momento.

Mas nada ha tão fatigante como estar á mesa de cosinha a descascar batatas. A cabeça descae-lhe para cima da mesa, as batatas encandeiam-lhe a vista, cae-lhe a faca da mão, e á roda d'ella anda a patrôa rabugenta e robusta, n'uma azafama, com as mangas arregaçadas, a falar tão alto que atordoa os ouvidos de Varka. Tambem é uma tortura servir á mesa, lavar a louça e coser. Momentos ha em que a sua ancia é deitar-se no chão e dormir, sem se importar com o que se passa á roda de si.

O dia chega ao termo. E ao ver as janellas escurecerem, Varka aperta as frontes petrificadas, e sorri sem mesmo saber porque. A escuridão acaricia-lhe as palpebras pendentes, e promette-lhe para breve um somno regalado. Mas quando chega a noite, a casa do sapateiro está cheia de visitas.

— Varka, arranja o samovar! — grita-lhe a patroa.

O samovar é pequeno, e antes que as visitas se fartem de chá, Varka tem de enchel-o e aquecel-o cinco vezes. Depois do chá, Varka fica uma boa hora immovel no mesmo sitio, a olhar para as visitas, á espera de ordens.

— Varka, vae n'um instante comprar tres garrafas de cerveja!

Varka salta por alli fora, o mais depressa que pode, na ideia de espalhar o somno.

— Varka, traze vodka! Varka, onde está o saca-rolhas? Varka, vae limpar os arenques.

Até que por fim se vão embora as visitas; apaga-se o lume; o patrão e a patroa vão para a cama.

— Varka, embala o berço! — echoa a ultima ordem.

No fogão sente-se fretenir um grillo; deante dos olhos semi-abertos de Varka tremelicam de novo as sombras e a nodoa verde do tecto; fazem-lhe caretas e obscurecem-lhe o cerebro.

— *Bayu, bayushki, bayu!* — murmura ella— A ama vae cantar ao menino.

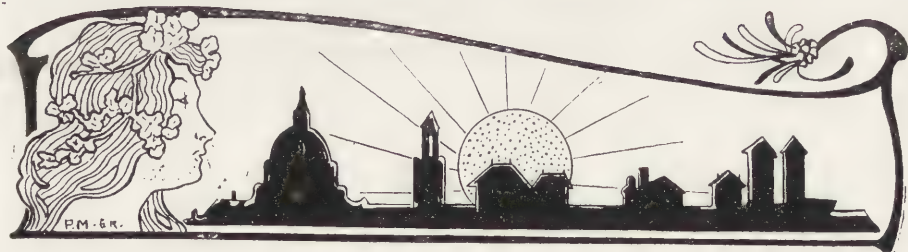
Mas a creança chora, esfalfa-se a chorar. Varka torna a ver a estrada lamacenta, e os homens das sacolas, e Pelageya, e seu pae Yefim. Vae-se lembrando, reconhece-os a todos, mas na sua modorra não pode perceber a força que a prende de pés e mãos, e que a esmaga, e que lhe destroe a vida. Olha em derredor de si, em procura d'essa força para a destruir. Mas não pode descobril-a. E por fim, alanceiada, concentra todo o seu vigor e toda a sua vista; olha para cima, para a nodoa negra que se agita, e ao ouvir o choro do pequenino, descobre o inimigo que lhe esmaga o coração.

O inimigo é a creança.

Varka ri-se. Está pasmada. Como é que até alli nunca poude comprehender cousa tão simples? A nodoa verde, as sombras, e o grillo, tudo parece sorrir de surpreza.

Apossa-se uma ideia de Varka. Levanta-se do banco, e, sorrindo agora com os olhos arregalados, dá uns passeios no quarto. Está contentissima, radiante com o pensamento de que não tarda a ficar livre da creança que a tem amarrada de pés e mãos, ficar livre, e depois, dormir, dormir, dormir.

E sorrindo e pestanejando, e ameaçando com os dedos a nodoa verde, Varka dirige-se pé ante pé para o berço, e curva-se sobre elle com os dedos abertos, que logo se cerram com força. Depois, rindo de jubilo por pensar que pode dormir agora, Varka adormece n'um instante com um somno tão pesado como o da creança morta.

Anton Chekhov.

As construcções nas regiões de grande sismicidade

E Lisboa é uma região sismica

N'um paiz sismico, como Portugal, o estudo da actividade sismica não se deve restringir exclusivamente: a averiguar os registos dos phenomenos, que lhe são peculiares, sob o ponto de vista scientifico, com a estulta pretensão de resolver o problema sismologico; ou a investigar a lei synthetica determinante das causas sismogencias; ou a procurar os factos demonstrativos da connexão existente entre a frequencia e a intensidade dos abalos; ou, ainda, a colligir, para a estatistica, todos os phenomenos sismicos occoridos n'essa região. Mas um outro fim, mais altruista, deve esse estudo ter em vista, que é o de pesquisar a fórma mais apropriada para as construcções para que, dada a infelicidade de sermos surprehendidos por uma catastrophe d'esta ordem, possamos confiar na resistencia que ellas offerecem, na certeza de que o numero das victimas e dos destroços dependerá directamente d'essa reacção.

UMA CASA EM MANILA DEPOIS DO ABALO SISMICO DE JULHO DE 1880

As nações civilisadas, mais batidas por estes cataclysmos, taes como: o Japão e a Italia, muito teem feito n'este sentido, já estabelecendo regulamentos, já ordenando o cumprimento das prescripções apontadas n'esses regulamentos.

A importancia dos tremores de terra resulta, n'uma região qualquer, de dois factores capitaes que são: a frequencia dos abalos e a intensidade que elles attingem. D'aqui a necessidade de aturado estudo, visto que a experiencia nos mostra que o phenomeno sismico é extremamente irregular na sua marcha.

Apesar dos estudos de illustres geologos, d'entre os quaes os do sr. Nery Delgado e Choffat — revelando-nos que a origem dos abalos na região sismica de Portugal é submarina, que o seu epicentro (ponto na superficie da Terra que corresponde verticalmente ao centro do abalo) deve estar ao Sudoeste da nossa costa e, por fim, que a área *pleistoseista* (a mais fortemente sacudida) abrange as zonas central e meridional do continente e, mui particularmente, aquella, — não nos consta que até hoje se tenham emprehendido quaesquer traba-

lhos de vulto em assumpto d'esta natureza, podendo-se mesmo avançar que, para nós, o estudo da sismologia conserva se embryonario; nem mesmo que se tenham formulado disposições para que as construcções satisfaçam a uns certos e determinados preceitos que a pratica tenha aconselhado como vantajosos.

A carencia de effectuar observações sismologicas, á qual, por vezes, nos temos referido, é materia incontroversa, quanto mais não fosse para o procedimento da escolha do local onde devem ser installados os edificios.

E' notorio, que os modernos instrumentos, pela sua excessiva sensibilidade, podem acarretar embaraços para esse estudo, por quanto elles registam toda a especie de movimentos, embora alguns d'esses movimentos nada tenham que ver com os tremores de terra, como são: os effeitos da variação da pressão e da temperatura atmosphericas, das attracções lunares e solares, da accumulação da neve, dos phenomenos da actividade humana etc, sobre a crusta terrestre; mas que são outras tantas causas vibratorias susceptiveis de serem registadas.

E tanto assim que um dos exemplos citados tem sido o registo de uma vibração bastante fraca, na estação sismologica de Leipzig, cuja origem, a principio mysteriosa, foi encontrada, depois de algum tempo, no toque dos sinos das torres de egrejas; se bem que o movimento proveniente d'uma origem, não puramente tellurica, póde ainda proporcionar interesse e utilidade para a analyse de phenomenos de outra natureza. Ora, no caso actual, o que nos convém conhecer, é o registo dos movimentos de origem tellurica, quer estes sejam *microsismicos*, isto é, de caracter pouco intensivo, quer *macrosismicos*, isto é, sufficientemente sensiveis aos nossos sentidos e, por consequencia, dignos de estudo e de apreço.

*
* *

A titulo de curiosidade vamos esboçar, muito summariamente, so principios mais essenciaes, a que devem ser submettidas as construcções nas regiões propensas aos tremores de terra.

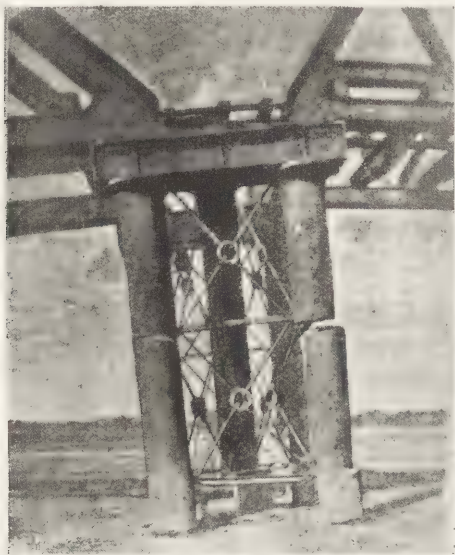
Escolha do local. — N'uma região sismica, anologa á do Japão, a escolha do local, para a edificação d'uma cidade e, até mesmo, para uma simples construcção, é objecto de magnitude; pois, é obvio, que n'essa propria região se encontram logares diversamente affectados por estes cataclysmos.

Do exemplo adduzido das construcções executadas na cidade de Tokio (Japão) e das observações sismicas ahi realizadas, tudo faz deprehender que a selecção deve recahir em terreno assaz proeminente; o que não quer dizer, que o dr. Roberto Mallet, n'um reconhecimento feito no littoral de Napoles, onde se deu o terremoto de 1857, notasse que os destroços se avolumaram mais grandemente nos pontos elevados do que nos terrenos de alluvião ou nas planicies.

Tambem é evidente que este caso, comparativamente raro e resultante talvez de quaesquer outras circumstancias ignoradas, não póde servir de norma; todavia, o governo italiano, após o terremoto que desolou a ilha Ischia, ao Sul de Napoles, determinou que a cidade fosse reconstruida na parte mais sobranceira da ilha.

A experiencia tem ainda mostrado que, n'uma porção de terreno de cerca de quatro hectares, a quantidade de movimento, apre-

UM ASPECTO DA PONTE FERREA SOBRE O RIO NAGAYA (JAPÃO)
DEPOIS DO ABALO OCCORRIDO EM 1891

ciada n'um dos lados, póde ser sufficiente para demolir uma construcção, emquanto que uma outra similar, proxima do lado opposto áquella, póde deixar de ser perturbada; dependendo isso, é claro, da qualidade do terreno em que a construcção foi erecta. As indicações cons-

OUTRO ASPECTO DA MESMA PONTE

tantes dos sismographos dizem-nos que o terreno alagadiço é prejudicalissimo para as construcções, posto que seja opinião popular o suppor-se que o terreno humido absorve o movimento do abalo sismico. A observação, egualmente, denota que o periodo do movimento augmenta em extensão nos terrenos pantanosos; vantagem esta mais que contrabalançada pelo inconveniente do accrescimo da amplitude.

Tudo isto, depois de cabalmente reconhecido, foi prescripto no regulamento que vigora para as construcções em Manila (archilago das Philippinas) na parte concernente á estructura a que devem ser submettidas, para resistir aos abalos, e bem assim indicada a fórma por que devem ser effectuadas as fundações em taes logares.

No regulamento do governo italiano, para a ilha de Ischia, as condições ainda são mais rigorosas, a ponto de serem prohibidas as construcções em certas áreas de terrenos humidos.

Os terrenos bruscamente inclinados devem ser rejeitados como má situação para servirem a uma construcção; assim testemunham os factos presenciados com as construcções, levantadas nas faldas das montanhas de grande declive.

Em 1891, na área *meisosismica* (área onde a acção se torna mais violenta pela proximidade do epicentro) da parte central do Japão, em que o derrocamento das montanhas foi geral, os valles transformaram-se em lagos e as montanhas cobertas de verdura ficaram completamente despidas de vegetação.

E, para além d'esta área, a uma distancia de cerca de 40 a 80 leguas da origem, embora as ruinas não fossem tão desastrosas, ficou sufficientemente comprovado, pela destructibilidade produzida, que os terrenos de alluvião abruptamente inclinados constituem logares perigosos para edificações.

O mesmo não se dá nos terrenos planos, como nos bancos do rio Nagaya, em que as arvores se deslocaram 18 metros, conservando-se sempre direitas; não succede isto nos terrenos extraordinariamente inclinados, pois que as construcções, além de abrirem grandes fendas, soffrem pelo escorregamento dos materiaes que veem de cima.

Nos terrenos montanhosos, em que as vertentes teem grande pendor, o resultado geral d'uma serie de movimentos sacudidos não é simplesmente o de deslocar os materiaes, mas tambem o de abrir uma serie de fendas parallelas, no sentido do comprimento, e cuja distancia entre ellas mede a amplitude da onda sismica. Este phenomeno acompanha, d'ordinario, todos os grandes tremores de terra. Essas fendas, nos terrenos contiguos ás margens dos rios, assemelham-se áquellas que seriam talhadas por gigantescas charruas, em que a largura fosse de alguns metros e a altura a que apresentam as excavações profundas. Ellas costumam extender-se, parallelamente, para o interior, o que realça a desvantagem occorrida no assentamento dos *rails* para os tramways, ou na construcção de quaesquer outras edificações, sobre os terrenos marginaes. Do que fica dito, se infere a inconveniencia de construir nos terrenos acima mencionados, a não ser quando se utilizem methodos já preconizados pela experiencia, ou quando se empreguem materiaes de construcção recommendados pelas suas excellentes qualidades cohesivas.

Fundações. — Nas nações em que existe le-

gislação attinente ás construcções levantadas nas regiões sismicas, a determinação do modo de executar esses alicerces deve estar subordinada á natureza do terreno, no qual tem de se construir. Na legislação italiana para a ilha de Ischia os regulamentos permittem que as construcções só possam ser levadas a effeito em terrenos bastante solidos. Porém, se o terreno é compressivel, torna obrigatoria o estabelecimento d'uma plataforma de alvenaria que, para edificios de um só pavimento deve ter 0,m7 de espessura e para os de dois pavimentos a espessura deve ser de 1,m20. Esta plataforma deve alongar-se para além da base da construcção proximamente de 1 metro a 1,50.

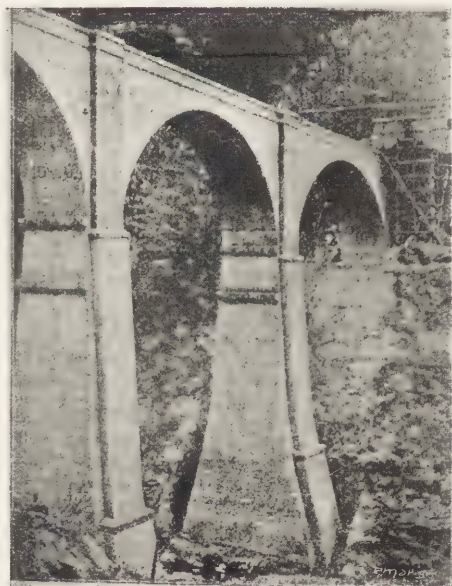
Em Manila, está estipulado que a resistencia da fundação, nos terrenos arenosos que, apesar de incompressiveis, teem uma tal ou qual mobilidade, deve ser proporcional, pelo menos, ao peso duplo do que tem a supportar.

Sendo o solo de terreno compressivel, mas sem infiltramentos de aguas, elle deve ser consolidado com um berço de argamassa hydraulica e a fundação da construcção ser feita o mais contínua possivel. Se as camadas compressiveis são aquiferas, a construcção não é permittida.

As disposições acima expostas, perfeitamente baseadas nos resultados da experiencia, impende-nos a acceitar que a construcção, executada sobre uma fundação precisamente contínua, oscilla, como se fosse um unico todo e, por conseguinte, padece menos do que uma outra cuja base não estivesse estrictamente ligada, porque então as diversas partes constitutivas deslocar-se-iam naturalmente em diversas direcções. Um exemplo frisante d'este caso, foi o que aconteceu, em 1891, com o grande terremoto que assolou o Japão, em que as pontes, onde assentavam os *rails* dos tramways, soffreram immensamente devido á descontinuidade das fundações.

Facto identico succedeu com uma ponte, de cerca de 540 metros, sobre o rio Kiso, no Japão central, em que os tramos — assentes sobre pilares, distantes uns dos outros de sessenta metros — torceram por fórma a exibir uma curva duplamente circular de doze metros, approximadamente, de diametro.

A construcção edificada em fossos de 3 a 6 metros de profundidade parecé ser menos sensivel aos abalos sismicos; a realização pratica d'este systema de construcção só depois de alguns annos teve vulgaridade observando-se hoje em differentes habitações, na cidade de Tokio, d'entre as quaes se destaca a da Universidade Imperial. E' publico ter este edificio resistido a successivos tremores, ao passo que as construcções d'outro systema, situadas em terrenos circumvisinhos e levantadas sobre plataformas de alvenaria, terem succumbido á acção dos abalos. Como prova do que acabamos de expôr, suggere-nos o succedido na capital japoneza, quando foi submettida a uma serie de longas ondulações originadas a 70 leguas, as quaes, não fazendo avarias na Escola de Engenheria nem na Universidade, destruiram por completo a officina annexa áquella escola, que distava desoito metros.

Telhados. — Relativamente ao emprego de telhados pesados nos edificios, ha a notar que, quando se dá a sacudidela, as paredes mestras se movem para a frente e o telhado, pela sua inercia, tende a ficar, resultando d'ahi que as paredes, passando além do limite de equilibrio, fendem-se e desabam.

ASPECTO DA CONSTRUCÇÃO DE PILARES D'UMA PONTE NO JAPÃO

No imperio japonez, o systema de construcção dos telhados é leve e rigido, empregando-se bastante as coberturas metallicas. As coberturas de telha e de ardozia não são applicadas, havendo regulamentos que prohibem o seu uso; mesmo n'aquelles em que é per-

mittido o seu emprego este é só admissivel em edificios d'um só pavimento. As coberturas mais preferidas são portanto a chapa ondulada de ferro, a chapa de zinco e o feltro asphaltado.

No regulamento italiano, o uso do terraço é apenas praticavel nas construcções solidas e feitos de material leve.

Paredes, chaminés, etc. — As paredes, assim como as chaminés, devem ser construidas solidamente, mas ligeiras; sendo pesadas e carregadas com balaustradas, ellas podem ser fendidas, mesmo pela sua propria inercia. A altura de que as paredes podem ser construidas com segurança depende do material applicado e do typo do telhado. Na ilha Ischia, a altura das paredes, nos edificios de dois pavimentos, não deve exceder 7,5 metros; o regulamento, comtudo, dá para limite maximo a altura de 10 metros, não podendo ultrapassar a alvenaria a altura de 4 metros e ter menos de 0,^{m}70 de espessura.

Em alguns regulamentos o limite minimo de espessura para as paredes é de 0,^{m}30, sem aberturas de qualquer natureza.

O regulamento *liguriano* (noroeste da Italia) consente em que os edificios possam ter tres pavimentos até a altura maxima de 15 metros, devendo n'esse caso as paredes terem 0,^{m}60 da espessura, para um jorramento de um vigesimo de altura.

O regulamento da Norcia (parte central da Italia) permitte apenas edificios de 2 pavimentos com 8,5 metros de altura, salvo raras excepções.

Em Manila as paredes são de alvenaria até ao primeiro andar e d'ahi para cima de madeira.

Portas e janellas. — Nos regulamentos italianos está preceituado que as aberturas estejam dispostas verticalmente umas sobre as outras; outros regulamentos determinam que os *vãos* não estejam todos enfileirados no sentido vertical, mas sim formando uma linha polygonal.

Quanto á prescripção quasi geral de architectura, que, nas casas de habitação, a largura dos *nembos* (alvenarias latteraes dos vãos) seja dupla da largura dos vãos, é modificada pelo regulamento italiano, impondo a distancia de 1,50 metro. Porém, a distancia deverá depender do material empregado na construcção das paredes, dimensões e grandesa dos vãos, tendo sempre em vista que as portas e janellas constituem um meio valioso de fuga para a occasião de se presentir o abalo.

Um grande numero de victimas tem sido occasionado pelas construcções possuirem um numero menor de vãos d'um lado do que d'outro. No Japão ha a tendencia de as construcções cairem para o lado da rua, visto ser a *parede da frente* a que tem mais vãos; sendo as ruas estreitas, succede que as ruinas dos dois lados formam um montão, sob o qual ficam d'ordinario soterrados os moradores.

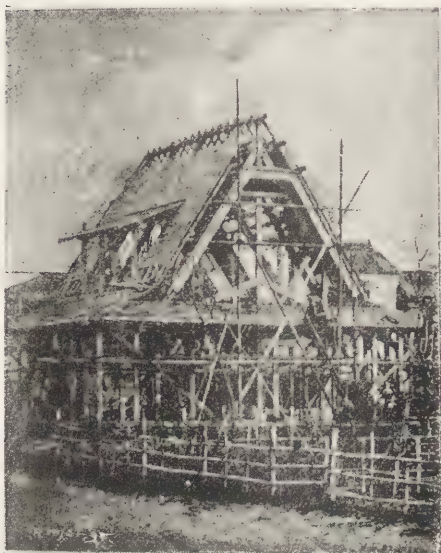
UMA EGREJA EM MANILA DEPOIS D'UM ABALO SISMICO EM 1880

Materiaes. — Uma outra questão importante, é a da escolha dos materiaes a applicar nas construcções situadas em regiões sujeitas aos movimentos sismicos.

Todos os regulamentos determinam que o material seja da melhor qualidade, possivel; no regulamento italiano a madeira preferida é a do castanheiro. A pedra de cantaria deve ser preferida á de alvenaria, a cal deve ter sido apagada com agua não salobra, e as argamassas devem ser boas e formadas com areia de primeira qualidade.

Os japonezes, para economia no emprego do cimento, dão aos tijolos um feitio especial, de sorte a combater a desaggregação pelos effeitos da inercia; os materiaes; por elles ap-

plicados, são excellentes e teem por condição offerecer a maxima resistencia para o minimo peso.

As construcções de ferro teem o inconveniente do custo; as de madeira, sendo mais elasticas e flexiveis, resistem mais facilmente aos movimentos dos abalos, tendo comtudo a desvantagem de durarem menos e estarem mais sujeitas a incendios.

UM TYPO NOVO DE CASAS CONSTRUIDAS NO JAPÃO

As construcções mixtas de ferro e madeira não parecem offerecer, ao presente, primazia, sendo, antes, preferivel as mixtas de ferro e de alvenaria.

O typo de construcção, mais em voga na cidade de Manila, é o d'alvenaria, desde a fundação até ao primeiro andar, e o de madeira d'ahi para cima.

Em conclusão, para se obstar tanto quanto possivel aos effeitos de tremores de terra, teem as construcções a attender: primeiramente, á selecção do local, que deve ser, d'ordinario, em terreno proeminente e incompressivel, e em segundo logar ao systema de construcção a applicar, que deve alliar a levesa á solidez.

Os edificios, em que predominam a pedra e o tijolo, carecem d'uma fundação rigida, devendo, no entanto, tomar precaução para que os telhados sejam leves, a situação e fórma das portas e janellas, e a disposição dos pavimentos estejam de accordo com as prescripções já assignaladas. As construcções ligeiras, que apresentam sufficiente esforço e flexibilidade, teem entretanto a desvantagem de offerecer uma grande inercia, quando são sacudidas, pelos terremotos.

No regulamento italiano é aconselhado o systema de *gaiola* em que o esqueleto é de madeira ou de ferro, sendo o material, que constitue as paredes, de tijolo ôco, por ser mais leve. No Japão usam-se tambem umas construcções ligeiras, como as dos nossos *chalets*.

*

* *

Estas modestissimas considerações, sobre as construcções nas regiões de grande sismicidade, são a consequencia de resultados praticos, se bem que humanitarios, obtidos depois d'um aturado estudo da *sismologia* e demonstram claramente as vantagens que sempre adveem do ensinamento, quando alheio de meandros philosophicos e dedusido da experiencia. Todavia é natural que, entre nós, esse estudo, ainda que estabelecido em circumstancias favoraveis, não désse resultados tão proficuos, attenta a orientação da nossa educação scientifica e o espirito rotineiro que nos caracterisa.

A. Ramos da Costa.

O José Mata-gigantes

(Conclusão)

Não passou muito tempo sem que o José continuasse na sua tarefa costumada.

— Tres já eu tenho no meu rol, disse elle á mãe. Preciso arranjar tapetes para os outros quartos.

— Vê bem o que fazes, rapaz. Lá por teres sido bem succedido até hoje, não cuides que não te pode cahir a casa.

Mas as palavras da prudente mulher não foram attendidas e o José abalou na manhã seguinte.

Quando anoiteceu, já tinha feito caminhada tamanha, que mal podia dar um passo, e resolveu-se a bater á porta de um casarão, que topou deante de si.

Sentiu bulha de trancas e ferrolhos e viu, com grande espanto seu, apparecer um formidavel gigante de duas cabeças, a respeito de quem já tinha ouvido contar muitas historias pavorosas. As duas cabeças ainda o faziam parecer mais medonho do que os outros.

Apesar d'isto o José, em vez de se acobardar, disse de si para si:

— Quantas mais cabeças, tanto mais cabello, e quanto mais cabello, tantos mais tapetes para minha mãe. Estou nas minhas sete quintas!

— Se queres entrar e passar a noite no meu castello... disse o gigante, tentando sorrir amavelmente com ambas as boccaças ao mesmo tempo.

O José bem se lembrou de ter ouvido contar que o horrendo gigante costumava fazer aquelle convite aos viandantes que lhe batiam á porta, e a quem depois matava, lá pela noite velha; mas acceitou logo o offerecimento, porque tambem lhe tinham dito que o malvado era possuidor de um gibão magico, que tornava invisivel a pessoa que o vestisse, de uma espada mandingada, que cortava tudo aquillo em que tocasse, e, finalmente, de um par de botas enfeitiçadas, que faziam andar, a quem as calçasse, dez vezes mais depressa que o cavallo mais veloz, e se chamavam por isso as botas de sete leguas.

Entrou á ilharga do gigante, e foi ter a um quarto de dormir, muito grande e de pavimento lageado.

— Uma noite muito feliz, meu amiguinho, disse-lhe o gigante, quando se foi embora.

O José não se deitou logo e ficou sentado na cama, a pensar na sua vida. Ouviu o dono do castello, que andava no quarto do lado cantarolando com uma das boccaças e com a outra falando com os seus botões.

E as palavras da cantiga chegaram-lhe aos ouvidos e gelaram-lhe o sangue nas veias. Eram assim:

Quem passar aqui a noite
Guarde bem o gasganete:
Talvez a mais não se afoite
Quem provar o meu cacete.

— Ah! Elle é isso! pensou o José. Pois veremos qual de nós puxa com a trouxa!

Em logar de se metter na cama, deu uma vista de olhos a todo o quarto, e, descobrindo, a um canto, um cepo de madeira, com que o gigante costumava exercitar-se para enrijar os braços, deitou-o debaixo da roupa. Enfiou-lhe, do lado da cabeceira, o barrete de dormir e arranjou tudo tão bem, que parecia mesmo que era uma pessoa que estava ali a descançar. Feito isto, escondeu-se debaixo do leito e ficou á espreita.

Pouco depois de o relogio do castello dar meia noite, a porta abriu-se de mansinho e o gigante avançou para a cama, pé ante pé. Tomou o folego e com um enorme cacete descarregou, no cepo de madeira, tres bordoadas tão fortes, que se fossem dadas no rapaz, o teriam de certo reduzido a moinha.

O José, debaixo da cama, dava graças a Deus por ser tão forte a mobilia do gigante, pois um leito vulgar se teria desfeito com as pancadas.

Na manhã seguinte desceu para almoçar, e disse muito alegre ao gigante:

— Isto é que é uma casa socegada. Sim, senhor! Dormi como um abbade!

O mostrengo estava tão espantado por ver o José vivo e são, que não podia dizer palavra.

— Mui... muito bons... bons dias! murmurou a final uma das cabeças.

E a outra perguntou:

— Não... não hou...houve en... então ná...nada que o a...acordá... dasse em tô...toda a noite?

— Nada absolutamente. Ah! Senti apenas, havia de ser meia noite, um ligeiro rumor, causado certamente por algum rato. O bicho, por signal, passou-me o rabinho pela cara umas tres ou quatro vezes. No seu caso, arranjava um gato.

— Se...seria um rá...rato, disse baixinho uma das boccas do gigante.

— Um gá...gato, sim... é... é o que eu hei de a...arranjar, lem...lembra mui...muito bem, resmungou a outra.

Nenhuma, todavia, era capaz de fechar-se, tão grande era o pasmo do gigante. Querendo disfarçar, trouxe para a meza a sopa e deitou-a nas malgas.

Ora o José tinha tido, antes de sahir do quarto, uma feliz ideia, que a ninguem mais acudira até então e que talvez não torne a acudir a outra pessoa, e foi metter, por baixo da vestia e na frente, um grande sacco de coiro, com a

bocca chegando quasi á gola. Quando o gigante olhava para elle, o rapaz levava a colher á bocca e comia uma pequena porção de sopa; mas, sempre que o via desviar os olhos, deitava para o sacco toda a sopa que podia apanhar.

Felizmente o gigante, obrigado a dar alimento ora a uma ora a outra das cabeças, tão depressa mettia a colher a trasbordar em uma das boccas, logo esta se escancarava novamente a par da outra, como os bicos dos passaritos que ainda estão no ninho. E berravam ambas ao mesmo tempo, na ancia de comer. Foi assim que o José conseguiu, sem ser visto, despejar para o sacco a maior parte da comida da sua malga.

— Mais sopa, se faz favor, disse elle para o gigante, que mal acabara de papar a que tinha deitado para si.

Cada vez mais espantado, o gigante encheu outra vez as duas malgas, e outra vez a do José ficou vasia ao mesmo tempo que a d'elle.

Foram pois á terceira tijelada, mas o dono do castello, apesar de gigante, já se sentia empanzinado e com vontade de dormir. Foi quando o José poude mais depressa despejar tudo para o sacco.

O JOSÈ ENTERRA A FACA NA VESTIA

Ainda a malga do gigante estava meia de sopa, quando as duas cabeças declararam terminantemente que não queriam mais. Vae então o rapaz emborcou a sua tijela no prato, para mostrar que a deixara vasia e desatou a assobiar, como se aquelle regabofe fosse para elle a coisa mais simples d'este mundo. O gigante não dizia nada, mas deixou-se ficar sentado, cheio de desconfiança e de mau humor.

— Vou agora fazer uma habilidade, disse-lhe o José, uma habilidade de que o senhor não é capaz certamente.

E tirando de cima da meza uma grande faca, sem dizer palavra enterrou-a em cheio na frente da vestia, e, parecendo que estava a estripar-se, fez cahir para o chão toda a sopa que tinha deitado no sacco.

O gigante mal acreditava nos seus olhos, mas já se sentia tão zangado e fora de si, vendo-se derrotado por um garoto, que perdeu a consciencia do que fazia.

Para não ficar atraz exclamou:

— Isso mesmo tambem eu faço. Não é admiração nenhuma.

E, tendo agarrado em outra faca, cravou-a tambem na frente da vestia, mas, como não tinha por dentro um sacco de coiro, enterrou-a na carne e abriu uma ferida muito, muito funda.

Uma das cabeças descahiu para traz, de encontro ás costas da cadeira, e a outra pendeu para deante, e ambas começaram a fazer um barulho como panella que está fervendo a toda a força. Assim morreu o temivel gigante.

O José mandou o cabello das duas cabeças á mãe, com uma carta explicando que era todo do mesmo gigante, o que poz a pobre da mulher de bocca aberta. Mas, tendo a certeza de que o filho não era capaz de faltar á verdade, acreditou. Como o cabello de uma das cabeças era preto e ruivo o da outra, teceu-os em xadrez para uma passadeira, que poz no corredor e na escada.

O José deu uma busca a todo o castello e encontrou o gibão, a espada e as botas magicas. Apanhou tudo, e mal enfiou as botas desatou a correr mais que um pé de vento.

A seguinte proeza foi contra um feiticeiro muito ruim, que tinha encantado, havia muitos annos, uma formosa menina. Guardava-a n'um bosque medonho, allumiado por fogos azues, que esvoaçavam no ar. Pelo chão rastejavam cobras, lagartos e lacraus. O José encontrou o magico no meio de um arvoredo muito cerrado, degolou-o com a espada magica e desencantou a menina.

Apenas tinha continuado a jornada, avistou um gigante enorme que levava de rastos, presos pelo cabello, um cavalleiro e a sua dama. Cresceu para o alarve sem ser visto, porque tinha vestido o gibão magico. As primeiras cutiladas apanharam as pernas do gigante um pouco abaixo dos joelhos, pois que o rapazote não tinha altura para feril-o mais acima. O grande corpanzil estatelou-se logo no chão, produzindo estrondo egual ao que faria um carvalho colossal, que um lenhador tivesse abatido. O José saltou, como um virote, para cima dos hombros do gigante, cortou-lhe a cabeçorra muito lepido, e tosquiou todo o cabello. Foi assim que a mãe poude fazer mais um tapete para o seu melhor quarto de dormir.

Como soube que um irmão d'este gigante vivia n'uma furna muito escura e profunda, aberta na falda de uma serra, o José encaminhou-se por lá e viu o tamanhão sentado á entrada. Sem que elle o podesse ver, cortou-lhe com uma cutilada o nariz e com outra separou-lhe a cabeça do tronco. Fez-se com o cabello d'este gigante um tapete para a copa.

E o José tambem matou o terrivel gigante Gallifrão, que, de combinação com o feiticeiro Alcofribas, costumava tornar as pessoas em bichos repugnantes, como lesmas, sapos e jacarés, e guardava toda esta bicharia no pateo interior do seu castello. A' porta estavam dois dragões, um de cada lado, ambos cobertos de escamas, com a bocca escancarada. O José, por causa do gibão magico, passou despercebido entre elles e teria cortado em dois o feiticeiro, se n'aquelle mesmo instante se não houvesse levantado uma refega de vento, que o levou pelos ares fora, de escantilhão. Quebrado o encanto, os jacarés, porcos-espinhos, sapos e quejandos animalejos tornaram-se nas pessoas que já tinham sido. Com o

cabello de Gallifrão a mãe do José fez outro bello tapete para o quarto de dormir do filho. D'ali o rapaz foi fazer uma visita ao castello de um dos fidalgos que tinha desencantado

Quando o povo soube que ia chegar o destemido Mata-gigantes, correu para as muralhas e frestas do lado por onde elle havia de vir. Estavam todos a esperal-o com impaciencia, quando rebentou a noticia de que Gigajoga, o mais temivel entre todos os gigantes de duas cabeças, vinha a toque de caixa para o castello, decidido a vingar-se do José pelas mortes de tantos dos seus parentes e adherentes. O rapaz chegou e viu todos a tremer de medo, mas ficou muito socegado da sua vida e disse-lhes estas palavras:

— Em vez de se assustarem, alegrem-se, porque vou fazer-lhes gosar um espectaculo magnifico!

O gigante sentiu-lhe o cheiro, mas não foi capaz de lobrigal-o, e parou no meio da estrada, farejando para a direita e para a esquerda como cão de caça bem adextrado e resmungando:

Hum! Hum! Hum! Hum!
Cheira-me aqui ao tratante
Que vae saber n'um instante
Como um gigante...
Hum! Hum! Hum! Hum!
Sem almofariz, nem rolo
Faz de um jagodes, de um tolo
Um simples bolo.
Hum! Hum! Hum! Hum!

GIGAJOGA CORRENDO ATRAZ DO JOSÉ

— Vamos a ver isso, respondeu-lhe o José. Mas se não fizeres o que dizes, mostrarás que o tolo e o jagodes és tu.

— Onde estás, grande patife? perguntou-lhe Gigajoga, cada vez mais furioso, porque, embora deitasse para todos os lados os quatro olhos das duas cabeças, não podia enxergal-o.

— Estou aqui, respondeu-lhe o José, e, como vês, sou pouco maior que o teu fura-bolos... isto é, o dedo com que has de furar-me, se fizeres o que dizes.

E Gigajoga viu com effeito o rapazelho, que por arrogancia tinha despido o gibão, mas que, primeiro, calçara as botas de sete leguas.

— Eu já te apanho, meu lagalhé! grunhiu elle e desatou a correr desesperadamente, dando passadas enormes. Para se fazer ideia do que avançava, basta dizer-se que as pernas tinham mais de quatro braças de altura.

O José tambem corria como um gamo. Primeiramente foi direito ao castello e passou á vista dos seus amigos, que estavam apinhados no alto das muralhas. Depois virou á direita, justamente quando passava por deante da ponte levadiça, e foi correndo pela beira do fosso. O castello, a bem dizer, parecia vir abaixo com a gritaria que fazia toda aquella gente, vendo o rapazola escapar-se ao gigante. A's vezes Gigajoga parecia estar quasi, quasi a agarral-o; estendia a mão, mas, quando a fechava, apenas colhia vento, porque o José já ia uns quinze ou vinte passos mais para deante.

A corrida durou assim algum tempo, excitando a maior animação nos que estavam dentro do castello e fazendo-os correr de um para outro logar nos parapeitos, de janella para janella, com a ancia de não perderem nenhum pormenor do espectaculo. E á medida que o José mais caçoava com o gigante, maior enthusiasmo elles mostravam, acenando, vozeando, cantando, dando saltos, piruetas e até cabriolas. Todos, é claro, se interessavam somente pelo rapaz.

Quando os dois corredores acabavam de dar uma volta completa em redor do fosso, e chegavam outra vez deante da porta, produzindo tal barulho a respiração que o Gigajoga tomava pelas duas gargantas, que mais parecia o resfolegar de uma locomotiva — descoberta feita muitos seculos depois — o José de repente virou á esquerda e enfiou pela ponte levadiça. O gigante segui-lhe as pégadas, mas logo que poz os pés na ponte, foi-se por ali abaixo com estrondo o taboleiro e o Gigajoga mergulhou no fosso, que era muito mais alto do que elle.

Esteve por um triz o rapaz a ir tambem para o charco, pois não tinha ainda acabado de atravessar a ponte. Passados instantes apparecia o immenso corpanzil boiando á tona d'agua. O José deitou-lhe uma fateixa, presa á ponta de uma corda, puxou-o para a bordo do fosso e cortou-lhe as duas cabeças.

Os moradores do castello fizeram-lhe muita festa, e ainda mais admiraram o rapaz quando lhe ouviram dizer que era aquelle o oitavo gigante que matava, sendo dois de duas cabeças. Não falou no magico, por ser coisa de pouca monta, em comparação com o resto.

Com a grenha das cabeças de Gigajoga fez a mãe do José um tapete para a casa de entrada e uns poucos de capachos muito grandes, onde as visitas limpavam os pés e onde dormia o cão Piloto e o gato Garoto, durante as frias e compridas noites de inverno.

Como já não havia nenhum quarto em casa por atapetar, nem eram precisos mais capachos, o José deu por findas as suas caçadas, tanto mais que não tornou a ouvir falar em gigantes.

Não se julgue por isto que tivesse deixado de havel-os durante a vida do José, que se prolongou por mais de cem annos.

Parece que os gigantes acabaram depois da invenção da polvora.

Quer isto dizer que os ultimos foram mortos a tiro?

E', pelo menos, a opinião do auctor da historia da *Caróchinha*, tão verdadeira como a do *José Mata-gigantes*.

Grandes topicos

Pela Russia

Eis a perspectiva que offerece a nova Duma para o futuro. Os grupos socialistas aggregam quasi duas quintas partes. O centro comprehenderá provavelmente uma proporção um pouco maior, e a direita terá menos de um quinto. Se os socialistas se abstiverem de questões entre si e se unirem todos, serão mais fortes na segunda Duma que em qualquer outra assembléa nacional e poderão paralysar o elemento moderado. Se o governo adoptar uma attitude puramente constitucional, poderá aggregar em seu auxilio as forças moderadas. Os seus orgãos comtudo persistem em atacar os constitucionaes democratas, desprezando a lição dada pelas recentes eleições, que avolumaram a representação dos socialistas, em consequencia do ostracismo imposto áquelle partido.

A Duma abriu a 5 de março, elegendo para seu presidente o sr. Golovin, constitucional democrata, por 356 votos contra 102, 91 dos quaes foram dados ao candidato da direita. Ha nos circulos politicos, em vista da maioria opposicionista da nova assembléa, mediocre esperança na longevidade d'esta, e ha quem supponha estar-se já planeando uma lei que restringe o suffragio e reduz a Duma a uma simples assembléa consultiva. E' certo comtudo que, por occasião da visita feita pelo novo presidente ao czar, este manifestou os melhores desejos de acceitar a collaboração da Duma na resolução dos graves problemas que se debatem no imperio.

No emtanto, continuam os assassinios legaes e extra-legaes a manter o terror na Russia inteira. Veremos se o funccionamento regular da Duma acalma a onda revolucionaria, que no anno passado produziu milhares de victimas, mortes, ferimentos, deportações, prisões, a avaliar por uma imperfeita e medonha estatistica recentemente publicada.

Grande celeuma levantou por toda a parte o livro do general Kuropatkine sobre a guerra russo-japoneza, o qual contem revelações tremendas sobre as deficiencias do exercito e o procedimento dos generaes. O governo moscovita tratou, é claro, de o abafar immediatamente, e muitos dos interessados refutaram as asserções feitas no livro. Em recentes *interviews*, Kuropatkine affirmou estar convencido de que a guerra, se tivesse continuado, terminaria com vantagem para os russos, e o conde Witte discorda d'esta opinião, persuadido de que a Russia seria incapaz de derrotar o Japão sem uma esquadra.

Os russos estão evacuando rapidamente a Manchuria, aonde chegam todos os dias tropas chinezas. A disciplina d'estas ultimas deve naturalmente encher de anciedade todos os que receiam o levantamento da raça amarella.

O PATRÃO DA ALLEMANHA

O PARTIDO DO CENTRO CATHOLICO *(á Allemanha)—Não apanhas de mim mais nada!*

Do «*Simplicissimus*»

QUEDA DO PAPA

«*Coragem, França! os teus ultimos golpes vão libertar tambem as tuas irmãs!*» *(Quem sustenta a tiara é a Allemanha).*

De «*L'Asino*»

A favor da paz — Para preparar a proxima conferencia da Haya, anda por diversas côrtes o celebre jurisconsulto russo Professor Martens, a mostrar o ramo de oliveira que lhe confiou o czar. O presidente do conselho de ministros da Grã-

A LUCTA CONTRA A HYDRA COLONIAL

O HERCULES DENBURG *(ministro das colonias allemão)* — *Dou á fera tanto para devorar até que rebente.*

Do «*Wahre Jacob*»

O CARNAVAL DAS NAÇÕES SOBRE O GELO

Confusão geral. O marujo extende-se. A Triplice Alliança patina com a Paz Armada. O Vaticano cae desastradamente debaixo de Combes. Cae a infeliz Russia, e ninguem a ajuda a levantar-se. O inglez, patinador eximio, anda de um lado para o outro, a vêr onde ha dinheiro a ganhar, e o Americano deixa-o em paz. A Hungria deseja libertar-se. Os Estados Balkanicos divertem-se com o Turco. A Grecia e Candia andam juntinhas. A Allemanha e a companheira Austria seguem a China velada, sem saberem se ella fala a serio ou se está só a troçar d'elles.

De «*Il Papagallo*»

Bretanha, Campbell-Bannerman, pronuncia-se a favor da diminuição de armamentos n'um artigo que levantou grande celeuma de um e de outro lado da Mancha. Os francezes em geral, apesar da *entente cordiale*, recusam ouvir fallar em desarmamento e atacam cortez, mas firmemente, o estadista insular. Receiam elles que essa ideia, espalhada em varios circulos internacionaes, resulte n'uma armadilha feita á sua boa fé para que o tradicional inimigo de além-Rheno espreite ensejo de os esmagar.

Ao mesmo tempo, a visita da imperatriz viuva da Russia a sua irmã, a rainha de Inglaterra, coincide com os persistentes boatos de approximação entre os dois paizes, um d'elles alliado, outro amigo da França. O principal objecto d'essa approximação é determinar as espheras de influencia da Russia e da Inglaterra na Persia, o que afasta uma das principaes ameaças de conflicto entre as duas potencias.

Por outro lado, fala-se n'um tratado a firmar-se entre a Russia e o Japão, como complemento do tratado de Portsmouth, que poz ter-

O MORTO AO VIVO

«*Meu caro amigo, quando uma pessoa sobe a Papa, deve esquecer-se de que foi em tempo cura de aldeia.*»

Do «*Pasquino*»

mo á guerra do Extremo Oriente. Por elle seriam sujeitas a arbitragem as questões que entre as duas nações se levantassem.

Tambem o conflicto entre o Japão e os Estados Unidos, que n'um certo momento assumiu aspecto assustador, parece estar em via de

QUEM SERÁ O PRIMEIRO A AFFRONTAR O GLADIO GERMANICO?

Palavras do Principe Hohenloe: «Se a Allemanha conservar o gladio afiado, não tem que ter medo do seu isolamento.»

Do «*Tokyo Punch*»

O TUNNEL DA MANCHA

A «Entente Cordiale» não evita que John Bull tenha pesadellos. No cimo, a França ameaça o Kaiser, que surde debaixo dos Vosges. John Bull, ao ler o «Spectator», convence-se de que a abertura do tunnel representaria um desastre, caso a Allemanha se apossasse de Calais.

Do «*Nebelspalter*»

solução favoravel, embora pela exclusão, mais ou menos disfarçada, da raça amarella no desenvolvimento da riqueza na America.

Desastres navaes

Nas costas da Hollanda naufragou o paquete *Berlin,* da Great Eastern Railway Company, partindo-se logo ao meio e seguindo-se a morte de 91 passageiros e 52 homens de equipagem. Entre os mortos contam-se muitos artistas da companhia de opera allemã que voltava de dar uma serie de recitas em Londres.

Salvaram-se apenas dezeseis pessoas, quinze das quaes devem a vida á dedicação dos hollandezes. N'este trabalho de salvamento notabilisou-se o principe consorte da rainha Guilhermina, congraçando assim sympathias que até então eram escassas.

No momento de começarmos a impressão d'estas paginas, noticia-se a terrivel catastrophe do couraçado francez *Iena,* no estaleiro de Toulon, com a morte de 107 pessoas entre officiaes e praças de marinhagem. De toda a parte a marinha e a nação franceza teem recebido eloquentes mensagens de condolencia.

A Egreja e a França

Continuam laboriosamente as negociações para o definitivo cumprimento da lei sobre os cultos em França. Os bispos, na sua maioria, submettem-se com repugnancia á vontade intransigente do Vaticano. Este, pela sua parte, começa porventura a reconhecer, já tarde, que não tem influencia precisa sobre a população para reagir abertamente contra as resoluções parlamentares, nem para alcançar os subsidios que necessitaria uma attitude intransigente. Falou-se em discordancia entre o chefe do governo e o ministro dos cultos, Briand, e já os elementos raccionarios se alvoroçavam com a imminencia de uma crise ministerial. Esse perigo porém afastou-o a cordura, conjugada com a firmeza, de Mr. Briand, cujas medidas conciliadoras tendem a collocar o Vaticano e o partido clerical na alternativa de ceder ou de se lançar abertamente n'uma lucta repugnante e perigosa.

A MAIOR GLORIA DO MUNDO

Russia esfaimada — *Tenho muita fome. Somos dezoito milhões de creaturas a morrer de fome.*

Czar — *Que maçada esta! Não vês que estou a planear mais nove milhões de rublos de couraçados para nossa maior gloria?*

Do «*International Syndicate*»

AS DIFFICULDADES DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Segundo o criterio japonez, o Presidente procura attingir o sitio com o rotulo de «Anti-japonismo», onde o esta picando uma vespa.

Do «*Tokyo Punch*»

O Transvaal

O primeiro ministerio do Transvaal tem por chefe o general Botha, o velho adversario da Inglaterra, consagrando assim a união da raça boer com os seus vencedores. Todas as esperanças dos sul-africanos acompanham o novo governo.

DE GUARDA AO BURACO

Partido militar inglez — *Não os deixes furar até á outra banda. Cousas terriveis podem succeder. Tens que estar ahi de vigia dia e noite.*

Leão britannico — *Por mim, não vejo que mal possa vir do buraco, mas se tenho de passar toda a vida aqui de guarda, melhor é que elle não se abra.*

Da «*Westminster Gazette*»

Vida na sciencia e na industria

Expedição scientifica na Africa

Em fevereiro de 1904 partiu de Inglaterra uma expedição scientifica á Africa, composta dos dois irmãos, os tenentes Boyd e Claud Alexander, o capitão Gosling e Mr. R. A. Talbot, este ultimo como adjuncto geographico. A expedição foi tristemente assignalada pela perda do tenente Claud Alexander, que falleceu no Lago Tchad, e do capitão Gosling, que succumbiu no territorio do Congo. Teve de vencer grandes difficuldades, não só naturaes, mas provenientes da hostilidade dos indigenas, A viagem consistiu em cerca de 4:000 milhas, a partir de Lokoja e a terminar em Khartum. A sua parte geographica mais importante é a penetração do grande Lago Tchad, tão coberto de vegetação que a expedição o navegou á razão de cerca de duas milhas por dia. Acompanhou-a um portuguez, José Lopes, a cujos bons serviços confessa dever muito o chefe, tenente Boyd Alexander. Teve este nosso compatriota a fortuna de ver vivo um okapi, animal somelhante á girafa, mas não teve remedio senão matal-o a tiro com receio de que elle fugisse. A pelle foi trazida para Inglaterra, e figura hoje nas collecções do Museu de South Kensington. Tambem José Lopes teve a honra de salvar o seu chefe das garras de um leão, nos sertões do Congo.

O TENENTE BOYD ALEXANDER
chefe da expedição

JOSÉ LOPES
o factotum portuguez da expedição

A EXPEDIÇÃO ALEXANDER-GOSLING A AFRICA

A origem da vida

O dr. Chalton Bastian, famoso pela renhida discussão com Huxley, Tyndall e Pasteur a proposito da geração espontanea, fez ultimamente novas e interessantes experiencias. N'ellas achou uma prova concludente da sua asserção, de que n'um meio absolutamente esterilisado e isolado appareciam germens de vida. Preparou certas soluções salinas, que metteu em tubos hermeticamente fechados e previamente esterilisados. Sujeitou os tubos e as soluções a temperaturas entre 100 e 130 graus centigrados, fataes a todos os micro-organismos, ás bacterias, micrococcos, torulas, vibriões e bolores. No emtanto, mezes passados de exposição á luz diffusa ou ao calor uniforme de um incubador, elle descobriu formas de vida n'um deposito de silica, ao fundo do tubo, permanecendo o liquido por cima limpido, o que não succederia se não estivesse completamente esterilisado. Não ha carbonio nas soluções, mas ha o seu intimo alliado chimico, a silica. Por isso, sustenta o dr. Bastian que a silica é capaz de entrar na composição do protoplasma, substituindo-se completamente ou em parte ao carbonio.

Aguarda-se com interesse o proseguimento das experiencias, que darão luz a tão debatido assumpto.

TORULAS VEGETANDO
(Ampliadas cerca de 200 diametros)

O tubo contendo a solução salina em que se fez esta evolução, foi aquecido a 130 graus centigrados durante 20 minutos. Esta temperatura é fatal a todos os micro-organismos conhecidos.

O Telharmonio

O dr. Thadeu Cahill inventou um apparelho que realisa um dos mais assombrosos sonhos dos videntes da arte e da sciencia, a distribuição de musica aos domicilios. Telharmonio é o nome dado a este apparelho. O tocador tem ao seu dispôr varias correntes de vibração de uma serie de dynamos, cada uma das quaes corresponde a uma nota isolada. A musica é transmittida a qualquer distancia, e a ligação dos sons é arranjada por fórma que elles podem surdir de um açafate de flores, do centro de um divan, de uma urna ornamental, de uma estatua, de um arco voltaico, de qualquer objecto emfim que queira escolher-se. Assim se pode ter musica á vontade durante o jantar, n'uma soirée, até nos quartos de cama para embalar o somno. O tocador tem dominio absoluto não só sobre as notas, mas tambem sobre a qualidade do tom.

O thesouro dos athenienses em Delphos

O recinto do Templo de Apollo em Delphos, do grande theatro e do stadio foi pesquizado por archeologos francezes em 1892 1897, e a Escola Franceza de Athenas publicou algumas esplendidas gravuras dos resultados. O edificio do Thesouro, que foi uma das mais interessantes descobertas feitas então, está sendo actualmente reconstruido pelos francezes. Tem cerca de 11 metros de comprido, de leste a oeste, por uns 6^{m},30 de largo, de norte a sul. Parece que foi derrubado por um terremoto e esmagado pelo peso dos materiaes que desabaram do templo que lhe está sobranceiro. Existem porém os alicerces, e acharam-se quasi inteiros elementos architectonicos e decorações esculpidas. O edificio é todo construido de marmore de Paros, á excepção de um só degrau de pedra vermelha. Inscripções varias authenticam o monumento historico. Pelas quatro faces extende-se um frizo de triglyphos e metopes esculpidas, que se acharam quasi inteiras, representando as batalhas dos deuses e dos titans e as façanhas de Hercules e Theseu. O archeologo francez Homolle fixou a data da edificação entre 490 e 480 A. C.

O papel. De que é feito e o que faz

O linho é decerto a melhor materia prima para a fabricação; mas muitas outras substancias o substituem, por exemplo: cevada, aveia, arroz, milho, ervilhas, feijões, agulhas de pinheiro, refugo de canna de assucar, juta, musgo, algas, tabaco, lichens, folhas e casca de arvores, acelcas, batatas e outras cousas egualmente extravagantes. Mas a maior parte do papel commum e feito da madeira de certas arvores.

O INVENTOR DO «TELHARMONIO»

Assim como de tudo, por assim dizer, se pode fazer papel, tambem tudo ou quasi tudo se pode fazer de papel. De papel comprimido se fazem rodas, carris, cannos, ferraduras, brunidores de joias, bicyclos, tubos asphaltados para gaz ou para fios electricos. Com polpa de madeira e sulfato de zinco se experimentou em Berlim fazer o calcetamento das ruas.

De egual maneira se fabricam telhas e manilhas para agua. Ha postes de telegrapho feitos de folhas de papel enroladas, ocos, mais leves que os de madeira, e resistindo melhor ao tempo,

No Japão fazem-se de papel fatos, vergas das janellas, lanternas, guarda-soes, lenços, couro artificial, etc. Nos Estados Unidos e até na Allemanha se fazem caixões de papel. Na Allemanha fabricam-se com papel barris e vasos diversos.

Compram-se hoje em dia chapeus de palha, nos quaes não entra um atomo de palha. São feitos de tiras estreitas de papel, tingidas de amarello. Fazem-se esponjas artificiaes de cellulose ou de polpa de papel. Na Inglaterra vendem-se muitos phosphoros de papel. Mr. Clavier tirou um privilegio de fio de papel para se usar na sapataria, e a seda artificial de Chardonnet tem por base a polpa de papel.

O uso do papel na industria pode extender-se indefinidamente. Emprega-se na imitação de porcellana, em balas, em sapatos, em pannos de bilhar, em velas de embarcações, em taboas para construcção, em sacos impermeaveis para cimento e substancias em pó, em barcos, em vasilhas para agua. Até já se fez um fogão de papel, o qual aguentou perfeitamente o calor. Pode-se usar a cellulose para preparar um revestimento impermeavel, que se applica como tinta. Teem-se construido casas completas de papel; na Noruega ha uma egreja, com capacidade para mil pessoas, construida toda de papel, inclusivamente o campanario.

O THESOURO DE DELPHOS

que os francezes actualmente reconstituem

Viagem aerea atravez dos Alpes

Dois aeronatas italianos, os srs. Usuelli e Crespi, atravessaram os Alpes n'um balão chamado *Milano*. Partiram de Milão e desceram em Aix-les-Bains, tendo passado pelo Monte Branco. Um aeronauta inglez, Mr. Leslie Bucknall, sahindo de Wandsworth, dentro de 16 horas desceu no rio Loup, perto do lago de Genebra, percorrendo uma distancia de 420 milhas. De noite, o aeronauta conheceu pelo echo a visinhança dos Alpes.

Se tivesse tido

reserva de gaz; poderia ter atravessado as montanhas.

O exame de lingua

ASSEVERA o dr. Kast que o estado da lingua saburrosa como indicio de molestia de estomago, sobre o qual até agora se depunha tanta fé, cahiu hoje em descredito geral. Isto deve-se provavelmente sobretudo á falta de prova de que a condição do estomago possa affectar a da lingua, quer pela ascensão directa do conteudo do estomago á bocca, quer por qualquer outra forma. O dr. Kast demonstrou porém que realmente se effectua essa ascensão. Alguns doentes enguliram capsulas contendo pó de lycopodio. Lavaram muito bem a bocca n'essa mesma noite, e o mesmo fizeram na manhã seguinte. Em metade d'esses se reconheceu que a bocca estava isenta de lycopodio á noite, se bem que o contivesse pela manhã. Pode pois sem escrupulo concluir-se que em certos casos o conteudo do estomago sobe gradualmente pelo esophago até á bocca formando um revestimento na lingua. N'esses casos, o estado da lingua pode certamente suppor-se que representa o estado das paredes do estomago.

A vida simples

NÃO é tão simples como parece, o viver simplesmente. Ha pouco fez-se a experiencia. Um grupo de auctores, pintores e philosophos da Allemanha, desejou reverter á vida primitiva. Escolheu-se para isso a ilha de Kabakon, no archipelago Bismark. Organizaram uma colonia, sob o titulo de Irmãos do Sol, com a aspiração de gosar banhos permanentes de sol no vestuario de Adão. A alimentação devia restringir-se a fructos, e o trabalho devia consistir em cultura do solo e mantença de gado. A experiencia teve um fim prematuro, em resultado das influencias contra as quaes o homem primitivo luctava o melhor que podia, mas ás quaes os philosophos e artistas civilisados se esqueceram de attender a tempo. Dois do grupo, um escriptor e um philosopho, succumbiram em consequencia da exposição do corpo desvestido e da debilidade promovida por uma dieta para que não estavam preparados. Outro philosopho foi morto pelos indigenas, cujas noções de vida simples não concordavam com as do europeu. Os restantes membros da colonia voltaram desesperados, segundo consta, para o seio da civilisação.

O tunnel do Monte Branco

O relator da commissão recentemente nomeiado pelo ministro das obras publicas da Republica franceza, para examinar as varias propostas para abrir um caminho mais curto entre a Italia e a Europa Central, concluiu em favor da perfuração do Monte Branco. Opportunamente será submettido o relatorio ao exame e á votação das camaras.

Cura da escarlatina

INFORMA o dr. Luhan que durante os ultimos cinco annos não lhe morreu um só doente de escarlatina, nem houve complicações serias entre os seus 129 clientes. Julga elle que a condição do sangue é a causa directa da paralysia do coração, á qual se deve a morte em tantos casos d'esta molestia, principalmente em creanças. O dr. Luhan isola o doente no aposento melhor e mais alegre da casa. Dá-lhe um banho quente, e applica-lhe um clyster ou um purgante de citrato de magnesia. Dieta rigorosa de leite, com agua e caldo á vontade. Nada de drogas ou qualquer tratamento para diminuir a febre, a não ser o banho tepido. No quarto dia, ministra-se-lhe elixir de sulfocarbonato de ferro, depois, durante quatro dias, elixir de sulfo-citrato de ferro.

Remedio para a pneumonia

UM medico italiano ficou surprehendido pelas melhoras notaveis reconhecidas n'um doente, em resultado do seu tratamento de symptomas acompanhando a pneumonia. Deu-lhe uma solução aquosa (5 por 100) de bisulfato de carbonio para allivio das dôres intestinaes. Experimentado em quatro casos de pneumonia sem complicações, o remedio deu excellentes resultados. A febre desappareceu no fim de tres ou quatro dias, e a expectoraçao diminuiu consideravelmente. Suppõe-se que a substancia volatil, facilmente absorvida pelo sangue, paralysa os germens pneumonicos e neutralisa as toxinas.

Indicador de ruas

TUDO o que possa contribuir para o melhoramento dos modernos meios de transporte deve ser bemvindo. Concluiram-se ha pouco em Barcelona, no serviço de automoveis *La Catalana*, experiencias muito interessantes de um engenhoso apparelho denominado *Marcavias* e inventado pelo telegraphista D. José Fernandez Vizcaino. O apparelho é collocado dentro do vehiculo, e indica automaticamente o nome das ruas pelas quaes se vae passando. Tão bom resultado deram as experiencias que todas as companhias o estão adoptando.

Para preservar o leite

UMA firma commercial de Londres, fornecedora de leite, manda-o aos consumidores em garrafas de vidro, limpas pela electricidade, e cobertas por um pedaço de cartão e uma rolha de mola. O leite não pode ser tocado de nenhum modo desde a vacaria até á casa do consumidor, e, sendo filtrado por um processo especial, está inteiramente livre de sedimentos.

Vida na arte

Roubo de preciosidades artisticas

Um novo roubo, analogo áquelle de que fizemos menção no nosso numero anterior, foi commettido na madrugada de 12 de fevereiro na casa de um illustre colleccionador de Londres, Mr. Charles Wertheimer. O gatuno cortou das molduras dois bellos quadros, um de Reynolds, outro de Gainsborough, que n'esta pagina reproduzimos, e apossou-se de um grande numero de preciosas caixas de rapé e de duas lindas miniaturas. Como o ladrão do Louvre, este é desconhecido até hoje.

SHAKESPEARE E TOLSTOI

SHAKESPEARE A GOETHE — *Meu caro Wolfgang, se eu tivesse conhecido este ratão, tinha mettido mais um rustico nas minhas obras.*

TORSO DE DISCOBOLO

desenterrado pelas proprias mãos da rainha de Italia

As ideias de Tolstoi

O illustre escriptor russo escreveu ultimamente uma serie de artigos, publicados n'uma revista ingleza, em que nega quasi em absoluto o valor de Shakespeare como auctor dramatico, attribuindo a sua fama universal a snobismo litterario prolongado atravez dos seculos.

É a essa excentrica apreciação que allude a curiosa caricatura que publicamos, extrahida de um jornal allemão.

RETRATO DA HON. MRS. CHARLES YORK DE REYNOLDS

Achado archeologico da rainha de Italia.

Na mansão regia de Castelpozziano, para onde os reis de Italia vão passar uns tempos de repouso, a rainha Helena, que é enthusiasta pela archeologia, descobriu recentemente um bello torso de discobolo. No seu alvoroço de desenterrar a artistica reliquia, a rainha chegou a ensanguentar as mãos franzinas. O torso, que é uma copia do famoso Discobolo de Myron, existente no Museu do Vaticano, foi restaurado pelo professor Rizzo, archeologo de nomeiada, e foi offerecido pelo rei de Italia ao Museu Nacional.

Projectos archeologicos na Italia

A discussão sobre as excavações de Herculaneum, a que já nos referimos, concentrou a attenção sobre toda a questão das antiguidades e bellas artes na peninsula italiana. O respectivo ministro, professor Rava, afastou a ideia impopular de exploração internacional, e o governo decidiu definitivamente fazer esse trabalho á sua custa, empregando archeologos italianos. O plano do ministro é vasto e verdadeiramente notavel. Comprehende a protecção de antiguidades e thesouros artisticos, a instituição de direcções especiaes de monumentos, excavações e bellas artes em todas as provincias da Italia, o augmento dos fundos orçamentaes destinados a este fim, o começo das excavações em Ostia, o porto de Roma, em Paestum, a construcção do Passeio Archeologico desde o Forum Romano até aos banhos de Caracalla para um lado, e os banhos de Tito e Trajano para o outro.

RETRATO DE NANCY PARSONS DE GAINSBOROUGH

Terceiro concurso photographico

dos «SERÕES»

MENÇÃO HONROSA

Caluda! Já tem passarinho

Photographia do sr. Antonio Francisco de Lemos, Juiz de Fóra — (Minas, Brazil)

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

ABRIL 1907

Nº 22

Summario

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

PHONOGRAPHOS
E
CYLINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS
SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA
REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ
RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARÁ E RIO GRANDE DO SUL

Peixoto
PASTA DENTIFRICIA SALICYLADA
Peixoto
LISBOA
SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.
DEPOSITO
Rua Nova do Almada, 84, e Rua do Carmo, 83
LISBOA

CASTELLO
MOURA
123, R. da Conceição
LISBOA

Chamamos a attenção para as condições de assignatura, que inserimos a seguir ao summario d'este numero.

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão **MOUSINHO D'ALBUQUERQUE**, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor **EDUARDO DE NORONHA**. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Contos das Creanças — por D. Maria P. Figueirinhas — Porto, 1907 — A auctora, já lisongeiramente conhecida n'este difficil ramo de litteratura infantil, continua a manter os seus bons creditos n'este novo volume, bastante illustrado.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de Viticultura e de Agricultura Geral* — n.º 2 — Summario: — Chronica e Noticias — F. d'Almeida e Brito — Que trabalho produz um alambique por dia? (resposta a uma consulta) — A Fassio — Adaptação e Afinidade — A. e B. — Vinificação — A. L. H. (continuação) — Adubação das Arvores Fructiferas — H. Harald Hume — Noticias officiaes — Consultas — Gravura — Alambique montado em carro de ferro, «Deroit, Fils».

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Vol. IX — n.º 1 — Summario — Questão das Carnes — Relatorio da gerencia de 1906 — Parecer da Commissão Revisora de contas.

Nova Aurora — n.º 1 — Rio de Janeiro — Brazil — *Revista mensal de critica social, sciencia, philosophia, literatura evolucionaria e humanista* — Summario: — Nova Aurora — O Homem na natureza, por Aristides d'Avila — A Mulher por D. Maria de Oliveira — O poder da vontade por Marcos d'Heronville — Visão de hoje por Uhrick Kauffmann — Liberdade por Joel de Oliveira — Discurso pelo Dr. Frederico Lisboa — Resultados Economicos por Anselmo Lourenço — A doutrina socialista e o humanismo por J. — Que é ser socialista? por George Renard — Varias publicações; Notas, Avisos, etc.

Renascença — *Revista mensal de lettras, sciencias e artes* — Anno IV — Fevereiro de 1907 — n.º 36 — Rio de Janeiro — Summario: — Eugenio Bevilacqua — João de Barro por Maxico — Antonio Salles por Max Stirner — Elysio de Carvalho, *A avicultura no Brazil,* Wilcox — A Estrella do Pastor por Max Gomes — Avè Maria por A. Pinto da Rocha — A Sessão do Instituto por Rodrigo Octavio — Lição de Inglez por Verediano Carvalho — Na hora da prece por Arthur de Salles — O Cavallo do heroe por Fernando Caldas — Flauta no ermo por Gualdiano de Castro — Tarde de batalha por Alvaro Reis — A montanha da lua por Durval de Moraes — Dr. Farias Brito por Rocha Pombo — A terra do Espinhaço por Orville A. Derby — Chronica musical.

Bulletin de la Société Générale d'Education et d'enseignement — Março de 1907 — Sommario do n.º 3 — Communications de La Société — Les devoir des catholiques vis-à-vis des ecoles sans Dieu — La suppression du Baccalauréat — Chronique des comités et des œuvres d'enseignement chrétien — Revue des Bulletins d'enseignement chrétien — Mélanges et notes — Laicisation Cantonal — Bulletin Judiciaire.

The Teikoku Gaho — Revista japoneza.

Portuguezes illustres, por Bruno — Porto, 1907 — Tomo 1 — Mais um livro, devido ao incansavel e erudito escriptor, um dos mais eminentes entre os modernos pensadores portuguezes. Notas interessantissimas sobre filhos notaveis do Porto, desde o Magriço e o infante D. Henrique até Gonzaga e Almeida Garrett.

O marquez de Niza, por Eduardo de Noronha — Porto 1907 — Narrativa historica, vigorosamente romantisada pelo nosso eminente collaborador, repleta de episodios dramaticos, arrancados com mão de mestre á historia da gigantesca lucta travada entre a França da Revolução e o poder naval da Inglaterra.

A guerra Russo-Japoneza — por F. Sá Chaves — Lisboa, 1907 — A competencia do auctor, especialmente versado em assumptos militares, garante o interesse do livro. E' o conjuncto de conferencias feitas na escola de cavallaria, sobre o papel representado por esta arma na campanha do Extremo Oriente.

Tentações de S. Frei Gil, por Antonio Corrêa de Oliveira — Lisboa, 1907 — Edição artistica de um admiravel poema todo impregnado d'aquella doce philosophia prutheista que caracterisa o poeta, cantando a ideia divina nas suas manifestações supremas: a Belleza e a Bondade, encaminhando a humanidade pelo unico caminho susceptivel de a aproximar do ceu: O do amor. Uma obra prima de sentimento e de forma.

Feliz descoberta!

QUADRO DE M. STOCKS

ARCO DO MARQUEZ DE ALEGRETE

Após a conquista da cidade em 1147, o rei christão, tolerante e benevolo, permittiu que o mouro vencido se agrupasse na sua *communa* ou *arravalde*, isolado dos fieis da cruz, constituindo no valle profundo que fica no sopé dos montes orientaes, a sua *mouraria*, identica ás muitas que persistiram nos principaes povoados do sul do paiz.

Alli junto ao fertil e fresco valle, outr'ora banhado por um esteiro do Tejo, e depois sulcado pelo *rego* ou *regueirão*, citado já em documentos do tempo de Affonso II, se extendia, trepando em pittoresco amphitheatro pelas encostas, a communa dos mouros, cerrada com muralhas e cadeias, como as judiarias.

Por tres portas se abria o contacto, regulamentado severamente, d'esta população laboriosa de infieis, com os christãos da cidade. Não cahia sobre elles tão duro e rancoroso despreso, como o que perseguia os judeus; mas obedeciam a preceitos que as leis do reino inflexivelmente determinavam, nas suas relações com os fieis. Se de tempo a tempo, a convivencia tendia a abrandar estes rigores, os odios ferozes do fanatismo reclamavam, rogando aos soberanos a execução das leis. Assim D. Pedro I, attendendo aos pedidos da intolerancia, ordenou que as *raças infectas* vivessem apartadas para evitar *desordenadas cousas* que aos christãos causariam *escandalo e nojo*.

De trechos esparsos pelos volumes da sempre citada *Lisboa antiga* do sr. Julio de Castilho, e dos estudos documentaes sobre a *Mouraria* do sr. Pedro de Azevedo, e sobre mouros e suas industrias do sr. dr. Sousa Viterbo, respigaremos as curiosas noticias com que vamos bordando este ligeiro artigo de mera vulgarização.

A despeito das invejas os mouros e judeus, activos e intelligentes, faziam das suas communas magnificos bairros; a *Mouraria* tinha seu *alcaide* como a Judiaria o *rabbi;* o arrabalde mourisco gosava de autonomia religiosa e civil, devendo obediencia apenas ao rei de Portugal. De resto, mantinham dentro de seus muros todas as auctoridades civis; tinham a sua mesquita, a sua cadeia, o seu açougue, o curral, a arrecadação dos tributos, a escola, as casas de banhos, as officinas de diversas industrias, e os *almocavares* ou cemiterios.

Mandavam as ordenações de D. Affonso V acerca das mourarias: — guardem seus alcaides, seus usos e costumes; cerrem-se as suas portas ao sino da oração; tragam determinados trajos, e não poderão os mouros entrar em casa de mulher christã ou ter a seu serviço pessoas da fé de Christo; terão seus tabelliães e sacerdotes.

O mouro — que na linguagem do povo ficou sendo o symbolo da actividade e do trabalho — como o dizem os proloquios tão usuaes — *aquillo é um mouro* ou *anda sempre a mourejar*, mostrou logo a sua aptidão de cultivador,

PORTAL DO PALACIO ALEGRETE

perpetuando a tradição agricola ensinada pelo arabe.

Aproveitando a fertilidade do valle, irrigado de fontes e nascentes, o mouro cobriu-o de *almoynhas* ou hortas, com suas *noras* e *alcatruzes*, de onde se abastecia a cidade, e irradiou mais tarde pelos suburbios, agricultando os *reguengos*, que se extendiam desde o coração da capital até Oeiras e até Sacavem, deixando como descendentes directos os *saloios* actuaes das cercanias.

Aos nomes das localidades e dos sitios da cidade vincularam-se origens arabicas; esboçou o nosso douto arabista sr. David Lopes, na sua *Toponymia arabe de Portugal*, a indicação de algumas dessas curiosas origens. Assim a *Alfama*, de que tratei em anterior artigo nesta revista, e da qual tem sido apresentadas diversas erroneas etymologias, significa — *fonte thermica*, derivando depois o nome do bairro das suas famosas *alcaçarias*.

O vocabulario da nossa lingua conserva egualmente num grande numero de palavras a immediata denuncia da origem moura de muitas das nossas mais interessantes e typicas industrias. O termo *algibebe* lembra-nos o alfaiate mouro; o *azulejo* indica a origem da ceramica popular; a *aldrava* e o *alfageme* lembram-nos os serralheiros e armeiros; a *alcatifa* traz-nos o indicio da muita aperfeiçoada industria dos *tapeceiros*. Segundo o mostrou largamente o sr. dr. Sousa Viterbo, no seu estudo documental sobre *tapeceiros mouros* (*Instituto*, 1902), havia na Mouraria officinas ou teares mouriscos, com

ERMIDA
E LARGO DA SAUDE

ENTRADA DA RUA DO CAPELLÃO

caracter educativo, verdadeiras escolas industriaes, protegidas e privilegiadas pelos soberanos (pelo menos desde D. João I), onde se fabricavam aquelles soberbos *pannos de armar*, com que se decoravam os paços dos reis e dos grandes.

A par dos tapeceiros havia os *esteireiros*, industria tão nossa, que só ha uns vinte para trinta annos deixou de florescer em Lisboa como ainda hoje persiste no Algarve.

ERMIDA E LARGO DAS OLARIAS

Das *olarias*, que abundavam no sitio, filiadas na existencia de argilas aproveitaveis, permaneceu a memoria afamada no nome da rua e do largo. Alli, na Mouraria, nasceu portanto a

CASAS DE ANTIGA CONSTRUCÇÃO NA RUA DO BEMFORMOSO

curiosa ceramica lisbonense, meio christã, meio arabe, a que já com louvor se referia em 1584 o P.e Duarte Sande, na sua descripção de Lisboa.

Falando desta olaria popular, diz-nos o sr. Julio de Castilho: — «o pucarinho a rechinar como frigideira ao contacto da agua, o *rouxinol*, assobio lyrico pastoril das estrelladas noites do Santo Antonio e S. João na praça da Figueira; o *muringue* tão saboreado e serviçal nos serões torridos de agosto; a *bilha* ou *quarta* caseira; o *alcatruz* todo arabe da nora; o modesto *vaso*, de forma prehistorica, do manjaricão e da saudade; a *telha mourisca* dos telhados nacionaes; em suma todas as variadas formas a que se adapta o barro, graças ao *genio* do pobre oleiro, tudo isso tem as suas cnronicas, as suas historietas, as suas illustrações».

A industria não morreu; tem a sua ultima descendencia na modesta louçaria do Intendente.

Mais adiante eram os *lagares*, citados em muitos documentos do seculo XVI; lagares de azeite que pertenciam ao Hospital Real, a quem os soberanos doaram, como ve-

remos, as terras do antigo arrabalde dos mouros.

Tambem eram os mouros bons mestres de cantaria *(Sousa Viterbo)*, e por isso talvez, D. Affonso Henriques em seu testamento ordenava que os mouros captivos de Santarem e de Lisboa, os mandassem trabalhar nas obras da Sé, e depois nas de Santa Cruz de Coimbra, para onde já tinha ido o seu mouro carpinteiro *(Historia genealogica)*.

Quando a fanatica rainha D. Isabel, filha dos reis catholicos, impoz a D. Manoel, como condição formal do seu consorcio, a perseguição supersticiosa e implacavel aos mouros e judeus do reino, as communas mouriscas e as judiarias extinguiram-se; os seus habitadores foram expulsos ou coagidos a adoptar a fé christã.

Para além das Olarias, havia desde o tempo da conquista o *almocavar* ou cemiterio, de que nos fala o chronista Osberno. Doou o rei em 1501 todos esses terrenos ao Hospital Real, sua instituição predilecta, com todos os bens das *communas* dos judeus e mouros, declarando porem que era vontade sua que aquella jazida dos infieis fosse destinada a *pascigo de gados.*

O GASPAR DA VIOLA

Desenho de Manoel de Macedo

OS FADISTAS

Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro

Não obstante, por aquellas vertentes, que iam até abaixo do adro da Graça e até á rua da Bombarda, romperam-se ruas e aforaram-se terrenos. A pedraria das campas foi infelizmente mettida nas enxilharias do Hospital

Real, e deste modo destruidos monumentos epigraphicos, que tanto nos diriam da Mouraria de Lisboa, de cuja vida intellectual não perduraram noticias directas. É presumivel porem que tivessem apurada illustração; alguns documentos artisticos e industriaes (de ourivesaria, de esculptura em marfim e de gravura em pedras finas) nos revelam a sua cultura litteraria pelos dizeres que elles insculpiam nesses artefactos saídos das suas officinas. Assim o nota com o seu superior criterio o sr. dr. Sousa Viterbo no estudo precioso sobre *Arabistas e Interpretes*.

Nas mourarias, observa o erudito arabista sr. David Lopes *(Textos de Aljamia)*, conservava-se uma linguagem carateristica que Gil Vicente reproduziu no auto *Côrtes de Jupiter*. A litteratura mourisca extinguiu-se, porém, com a morte politica daquelle povo, e do notavel movimento litterario que haviam manifestado antes da conquista christã nada perdurou. Quebrou-se, irremissivelmente, a tradição litteraria dos mouros.

Nem siquer a lingua arabica, que tantos subsidios e heranças sub-ministrou á nossa, teve o mesmo culto que a hebraica, que chegou a ser ensinada na Universidade.

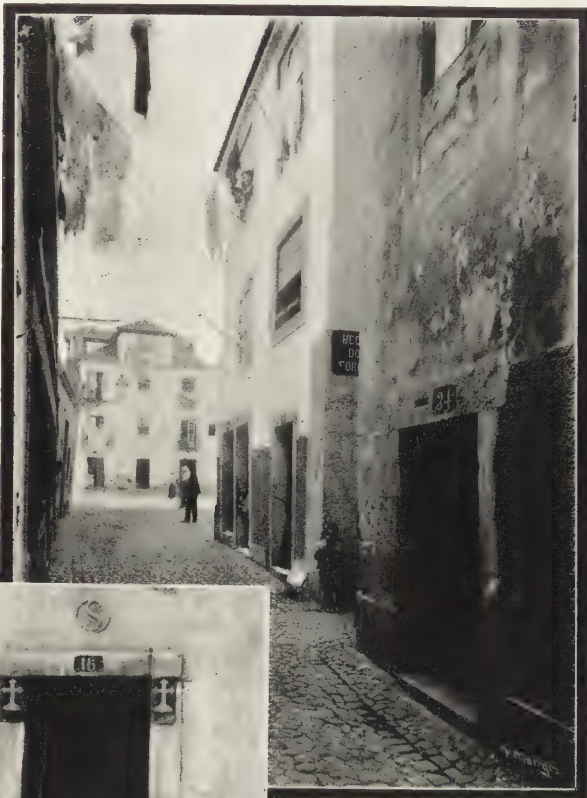
*

* *

Ao periodo remoto da mourisma, consumado o exôdo, succedem se as tradições religiosas da população christã, que invadiu o arrabalde, enchendo-o de templos, de ermidas, de procissões e de nichos, com seus cultos e devoções.

É sabido como, por occasião das pestes que assolavam a cidade, o povo crente e devoto, que já antes se apegava com varios santos, como intercessores contra a epidemia, iniciou a tradicional e pittoresca devoção á Senhora da Saude.

Depois de S. Christovam, de S. Roque e de S. Sebastião, ao qual os artilheiros de Lisboa erigiram ermida e culto na Mouraria, o povo invocou como sua defensora contra o flagello

CASA DA SEVERA NA RUA DO CAPELLÃO
É a que fica para além do beco á direita

PORTA COM O PADRÃO DO HOSPITAL, NA RUA DAS OLARIAS

assustador da peste, a imagem da Senhora da Saude, primeiro na capella do Collegio dos meninos orphãos da Mouraria e depois de 1662 venerada na sua actual ermida, e celebrou com grande solemnidade a procissão annual que ainda não ha muitos annos era uma das festividades populares mais queridas e pittorescas de Lisboa.

Eram então, como nos relatam extensamente (o que neste artigo se torna impossivel fazer) o auctor do *Sumario de varia historia*—Ribeiro Guimarães o auctor da *Lisboa Antiga*

O COLLEGINHO

e outros, eram então os leilões de cargos, salpicados de chistosos ditos, as festas das ruas, os jogos e corridas tão falados nas annotações ao *Theatro de Figueiredo*, em que vinham os cavalleiros correr patos e enfiar pombos, entre os applausos das janellas e do gentio.

Eram as procissões percorrendo as ruas por entre janellas colgadas de pannos e flores; era a original procissão do Ferrolho, na noite de Santo Antonio; era o peditorio para as festas com o andador de alforge ao pescoço; eram os devotados cultos a varias imagens como o do Santo Antonio da Mouraria, no seu nicho; o do oratorio ou *passo do Boi formoso*, hoje lembrado apenas pela estreita rua do Bemformoso, e o da Senhora da Guia, na antiga e turbulenta rua do Capellão, nome que ainda se filia talvez na remota reminiscencia mourisca do sacerdote da mesquita, ao qual se dava com certeza esse nome christão.

*

* *

Deixemos agora a Mouraria crente e religiosa do seculo XVII e vamos descortinar outro quadro, não menos pittoresco, da Mouraria foliona e buliçosa do seculo XVIII, tal como outro investigador laborioso e proficiente das cousas antigas da cidade, o sr. Pinto de Carvalho *(Tinop)* nol-a apresentou com a sua phrase picante na *Historia do Fado.*

Campeavam então por ali as *hortas*, das quaes já falava o classico Jorge Ferreira, na *Ulyssipo*, dizendo — *damas vão, damas vem, a uma horta da Mouraria.*

Era por aquellas quintas extra-muros, que os lisboetas dos seculos XVII e XVIII faziam as suas diversões patuscas, aos domingos, debaixo das sombras dos parreiraes, como ainda nos tempos de hoje se observa nos *retiros* campe-

UM NICHO NA RUA DAS TENDAS
Casa onde residiu o pae de Nicolau Tolentino, em 1737

sinos da Perna-de-Pau, do Ferro-de-Engommar, e outros.

Naquelles mesmos sitios onde outr'ora, no dizer do bom Garcia de Rezende, resoavam:

> bailos e galantarias
> de muito formosas moiras,

e de que Gil Vicente, no *Pranto da Maria Parda*, exclamava:

> O rua da Mouraria,
> quem vos fez matar a sêde
> pela lei de Mafamede
> com a triste da agua fria?

estanciavam as famigeradas *hortas*, com seus tanques de lavadeiras, poço, nora, jogos da malha e da bola.

Pelas ruas estreitas, tortuosas, escuras e sujas, poucas lojas; as peixeiras e regatões reuniam-se á noitinha pelas portas, fazendo praça de peixe, á qual acudia a gente miuda do sitio; ao fundo da rua, sem saída, organizavam-se animados arraiaes com suas bolinheiras, queijadeiras e bolacheiras, vendendo bolos em grande parte fabricados na Mouraria e nas visinhanças. Adeante, na Carreirinha do Soccorro, ao lado do antigo chafariz, a popularissima tasca do *João do grão*, onde se preparava o apetitoso prato da *desfeita*, tasca que persistiu até ha poucos annos. Mais adeante ainda, para o lado da actual rua Nova da Palma, a horta das Atafonas, pertencente ao *Tio Francisco* ou Francisco da *horta*, e a horta do *Cata-vento*: — «com seu commerciosinho de peixe frito e bom vinho do Termo, com chinquilho e jogo da bola, e com as suas latadas, os seus encanastrados de feijoeiros, e as suas mezas de pedra para as merendas plebêas no caramanchão, para as guitarradas em tardes de dia santo, era ella talvez o ultimo representante dos antiquissimos retiros, etc.» (Julio de Castilho, *Lisboa antiga*).

LARGO E ARCO DE SANTO ANDRÉ

Foi, nesta quadra que vai de 1700 a 1834, a Mouraria o quartel general dos rufiões e desordeiros, infestada de mulheres de má fama, de botequins e de batotas, valhacoutos de ladrões, de malfeitores e de galderios.

Em vão os corregedores do bairro tentavam policial-a com as suas rondas de *chuços*,

em reconhecimentos nocturnos; tudo era baldado. Até dos tempos que ainda vivem na memoria de muita gente, as ruellas sombrias da Mouraria, povoadas de templos do vicio, se tingiam a miudo de sangue, nas desordens ferozes da marujada com soldados e paisanos, incendidos todos nas febres de ciumentos amores de bordel.

Nestas brigas selvaticas esfaqueavam-se os refilões do bairro, ou em éstos de emulação batiam-se á valentona em verdadeiras campanhas com os fadistões do Bairro Alto, secundados pela matula terrivel da garotada apedrejadora, que dominava impune as terras do Monte.

Sobrelevava a todas as velhas viellas da Mouraria a afamada rua do Capellão, antiga *rua Suja*, de torpe memoria, prenhe de tradições assassinas e devassas.

PORTA DA ERMIDA DA SENHORA DA GUIA

BELLO PORTAL DO ANTIGO COLLEGIO DOS ORPHÃOS NA MOURARIA

Neste ninho dilecto de fadistas, brigões e comborças creavam-se tambem verdadeiras celebridades, cujos nomes se eternizaram nos annaes da baixa bohemia lisbonense.

O mouro, antigo habitante do arrabalde, legou á população que o substituiu o espirito alegre e folião, a tradição perenne de suas festas e bailados, as *aravias* e *lenga-lengas*, as *leilas* ou cantares, e muito principalmente as danças, que persistiram nas grandes festas do povo, sob o nome de *mouriscas* ou *mouriscadas*. Dellas falam sempre com affecto os nossos escriptores antigos. Garcia de Rezende chama-lhes no *Cancioneiro* o *doce baile da mourisca*, e o sempre querido Gil Vicente, frequentes vezes allude a ellas, dizendo por exemplo:

E balhando a mourisca
Dentre gente portuguez.

Era uso dos velhos tempos. Ainda em 1486, por festas publicas solemnes, pedia El-Rei á Camara que *judeus e mouros andassem pela cidade com alegrias e cantares (Historia do Municipio, I).*

O genio alegre dos povos do sul foi inventando a par destas, variadas danças populares, todas desenvoltas e sensuaes, que tiveram successivas epochas, até que ao despontar do seculo XIX surgiu na *guitarra* a nova aurora do *fado.*

A *guitarra*, outra herança dos arabes, e seu instrumento predilecto, era a antiga *guitara*, em que o mouro enamorado tangia os seus cantos cadenciados e tristes.

Segundo crê o sr. Pinto de Carvalho, o fado nasceu a bordo das naus, é de manifesta origem maritima, creada pelo espirito essencialmente imaginativo e contemplativo do mareante, retratando nas toadas plangentes do seu canto, as agruras maguadas da sua vida sempre cheia de incertezas e saudades.

«No rythmo do fado, diz o sr. Pinto de Carvalho, onduloso como os movimentos cadenciados da vaga, balanceante como o jogar de bombordo a estibordo nos navios sobre a toalha liquida florida de phosphorescencias fugitivas ou como o vae-vem das ondas batendo no costado, offeguento como o arfar do grande Azul desfazendo a sua tunica franjada de rendas espumosas, triste como as lamentações fluctivagas do Atlantico que se convulsa glauco com babas de prata, saudoso como a indefinivel nostalgia da patria ausente, vislumbra bem clara a sua origem».

Só depois de 1840, accrescenta o consciencioso auctor da *Historia do Fado*, é que o *fado do marinheiro*, unico que até então existia, irrompeu nas ruas de Lisboa; mil fados diversos, tornando-se a musica dilecta do povo, desde as suas frescatas e diversões campestres, desde as viellas e tabernas, das tresnoitadas orgias e das esperas de touros, até subir ás salas alcatifadas, dedilhados na guitarra pelas finas e educadas mãos de formosas senhoras aristocratas e burguezas, ou dictados pelo inspirado estro dos grandes bohemios da academia coimbrã.

O *fado* gerou o *fadista* — um novo e curioso typo de Lisboa, um typo genuinamente privativo dos bairros miseraveis da Alfama e da Mouraria. E' o heroe das alfurjas, minado de taras hereditarias, crivado de enfermidades, roído pelo vicio e pela bebida, lovelace dos alcouces, atrevido, insolente, rufião, cobarde, faquista traiçoeiro, repositorio de todas as perversões, ocioso, inutil, tendo por arena dos seus triumphos a viella, a taberna, o café.

Dentre os heroes do *fado* que se perpetuaram mais ou menos na memoria popular, immortalizou-se o nome da *Severa*, uma habitante famosa da Mouraria, companheira das orgias do Conde de Vimioso, á qual o estro popular fascinado dedicou o fado repassado de bellezas sentimentaes, conhecido pelo nome de *fado da Severa*:

Chorae fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu,
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa falleceu.

Ponde nos braços da banza
Um signal de negro fumo
Que diga por toda a parte
O *fado* perdeu seu rumo.

Chorae fadistas, chorae,
Que a Severa se finou,
O gosto que tinha o *fado*,
Tudo com ella acabou.

Não morreram porém os fados; antes subiram ás salas e aos concertos, recolhidos da inspiração popular das guitarradas pela alma artistica de Hussla.

*

Ainda não ha 20 annos era a Mouraria este perigoso coio da fadistagem, que enxameava nas tabernas e botequins, alastrando até altas horas da noite para as ruas e praças do coração da cidade.

Por isso ainda em 1887 o sr. Visconde de Castilho registava o caracter tenebroso e bulhento do bairro por onde o Limoeiro recrutava os seus mais constantes habitadores.

Hoje porém tudo mudou; transformáram-se os aspectos e os costumes da cidade, sob o influxo da illuminação electrica, do bulicio, da concorrencia, da policia das ruas e das praças.

A fadistagem fugiu, debandou, desappareceu atacada pelas rusgas constantes, e pelas levas de vadios para o ultramar. Assim se extinguiu, se extirpou do centro da Lisboa moderna aquelle typo repugnante e malefico do *faiante* de melenas e calça de bocca de sino, de *naifa*

sempre em riste, de gestos e aspecto nojento e repellente.

Procurem-o hoje, degenerado, muito outro, na sua inalteravel bohemia errante, nos bairros mais afastados, nos remotos recessos da Alfama ou nos antros da operaria Alcantara.

Tudo passa! tudo o tempo e a evolução dos costumes apagam e destroem! Da Mouraria tradicional dos tempos antigos, que rapidamente esboçámos, pouco, quasi nada já resta!

Algumas ruas apenas, onde o camartello municipal vae abrindo clareiras para alargamento e saneamento do sitio, e onde os proprietarios vão dia a dia restaurando, desfigurando os predios, cuja architectura original caracterizava aquellas viellas tortuosas.

Não poderemos pois já hoje dizer como o sr. Visconde de Castilho em 1887 que a rua da Mouraria constitue um bello specimen medieval, respirando ainda no aspecto e nos costumes uns laivos archeologicos da velha Lisboa.

NO POÇO DO BORRATEM — A CASA DOS ARCOS EM 1871
Desenho do sr. Visconde de Castilho

A CASA DOS ARCOS — ESTADO ACTUAL

O POÇO DO BORRATEM

Não! O bulicio deste ultimo quarto de seculo demudou por completo a velha rua!

Só nos restam fracos vestigios em alguns raros edificios da Mouraria doutr'ora. Lá estão ainda algumas das taes casas com os andares

em resalto, junto á esquina da rua do Capellão, cuja entrada é typica e interessante.

Subsiste, poupada pelo camartello, a casa da Severa, á esquina do becco do Forno; encontram-se penetrando naquellas viellas até ao Colleginho, logar da antiga mesquita dos mouros, casas velhas, beccos escuros e vetustos, nichos nas paredes, nomes significativos de velhas tradições, como o do becco do Imaginario, onde nasceu por certo algum ignorado artista. Azulejos nas paredes, ha-os bem formosos na rua dos Cavalleiros e calçada de Santo André, como pelas Olarias se vêem os padrões de fóros ao Hospital Real, com a sua divisa antiga (S) — *Sanctorum omnium.*

Cá em baixo o arruinado e deturpado palacio dos marquezes de Alegrete, onde outr'ora teve o seu cenaculo a famosa Academia dos Generosos, com o passadiço e bellos portaes brasonados; adeante as ermidas da Guia e da Saude, e entre ellas o *passo* da Mouraria, que mal se sustenta entre derrocadas e edificações modernas.

Ao lado delle, para o sul, corria ainda ha annos um lanço carcomido da antiga muralha de D. Fernando, tão pittorescamente descripta por Fernão Lopes, e como padrão uma preciosa lapide, memorando a construcção da velha cêrca da cidade medieva. A lapide foi recolhida na Camara, que prometteu restabelecêl-a ao seu primitivo logar.

No Borratem — nome antiquissimo de ignorada significação, onde passava o antigo caminho do arrabalde mourisco, havia em tempos, fechando o topo sul da rua do Arco do Marquez de Alegrete, outro arco que demoliram, o arco dos Camillos, e no largo, á esquina do becco dos Surradores, existe ainda, felizmente, uma casa de aspecto curioso, hoje muito deturpada, mas conservando um dos dois arcos ogivaes que a decoravam. Passou esta casa, até na opinião honrada de Vilhena Barbosa, por ter sido a residencia de João das Regras, e como tal foi incluida na lista dos monumentos nacionaes.

Com a sua convincente logica, baseado na criteriosa interpretação de documentos, contesta esta attribuição o sr. Visconde de Castilho, mostrando-nos o palacio de João das Regras, depois dos condes de Monsanto, com sua ermida de S. Matheus, no lado opposto do largo, pegado com a cerca antiga do Hospital de Todos os Santos.

E era deste mesmo lado, mais para o nascente, o antiquissimo tanque ou poço dito do Borratem, de cujas aguas, de problematicas e duvidosas virtudes medicinaes, falavam os antigos tratadistas therapeutas. Da abundancia de aguas dizia Gil Vicente:

> muita agua em Borratem
> e no poço do Tinhoso.

O poço era ao ar livre, em logradoiro publico, cercado de velho taboado e de casebres, telheiros e palhoças, onde se albergavam os ferreiros e os burros e alimarias das saloias. Edificado ali um grande predio cobriu-se o poço de abobada, fez-se a casa de banhos, no logar onde as excavações abertas para os alicerces pareceram indicar ter existido em tempos remotos um estabelecimento thermal.

Da velha Mouraria, desse pittoresco e populoso bairro, que entre os moradores mais illustres contou em 1538 o celebre pintor Christovão de Utrecht, e em meiado do seculo XVII aquella curiosa figura do principe de Candia, nascido no extremo oriente no sólo fecundo da ilha de Ceylão, para vir descançar

A PROCISSÃO DA SAUDE PASSANDO NO LARGO DE S. DOMINGOS

o ultimo somno no seu bello tumulo da egreja de Telheiras (como o sr. dr. Sousa Viterbo tão miudamente nol-o revelou no seu criterioso estudo ácerca daquelle principe oriental), d'esse bairro de que nos falam Gil Vicente e Sá de Miranda, e junto ao qual, em casas contiguas á cerca do hospital de Todos os Santos, viveu no seculo XIV o grande João das Regras, d'esse historico recanto da velha Lisboa só hoje conservamos tradições e memorias.

Eis tudo quanto nos resta do antigo arrabalde dos mouros de Lisboa, outr'ora povoado pelos intelligentes e laboriosos infieis e pelas *galantes mourinhas, as mourinhas de aljofre*, a que se referem Gil Vicente e Antonio Prestes, cujas lendas o povo consagrou por muitos seculos, nas historias de *mouras encantadas*, e de que o nosso Garrett tão deliciosamente nos fala a cada passo nos seus devaneios de artista:

E vós, formosas moiras encantadas
Da noite de S. João, ao pé da fonte
Aureas tranças com pentes de ouro fino
Descuidadas penteando, emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocía
E os lucidos anneis de perlas touca...

Presentemente nem as mouras encantadas, nem os cantadores, nem as festas devotas do povo crente, nem as rixas de marinheiros e fadistas... A Mouraria entrou na vida monotona e simples da grande cidade moderna, policiada, pacifica, é certo, mas desconsoladoramente para o artista e para o archeologo — demasiado incaracteristica, inesthetica, prosaicamente civilizada.

VICTOR RIBEIRO.

Chrysanthemos

Eu digo agora: — *os chrysanthemos.* — Dantes, dizia: —*as chrisanthémas;* — o que deu motivo a que um critico julgasse ter descoberto influencias de Loti - quiçá plagiarios— na minha pobre prosa. Não era assim, porem. No tempo em que eu deixei a minha terra, a flôr em questão estava alli ainda mui pouco divulgada e o nome éra ainda menos proferido. Masculino? feminino? não se sabia bem: resmungava-se o grego, em raras citações, ao acaso, conforme vinha á bocca. Depois, vivendo no Japão, optei pela forma feminina, pelo facto de ser o nome da flôr ao mesmo tempo um nome vulgar de mulher n'este paiz: — *Ó-Kiku San;* — e, independente d'isto, confesso darse em mim a tendencia para querer feminizar os termos de todas as coisas graciosas, gentis, que nos encantam, como é o caso com esta linda florescencia. Passados annos, entrando em moda a flôr em Portugal, convenci-me, por varias noticias dos jornaes, que toda a gente ia dizendo: — *os chrysanthemos;* — não me agradou, francamente, a escolha do genero, que vinha pôr suissas e bigodes em tão mimosa corolla; mas não tive remedio senão seguir com a turba. Falemos pois, em correcta grammatica dos salões, *dos chrysanthemos (kiku* em linguagem japoneza).

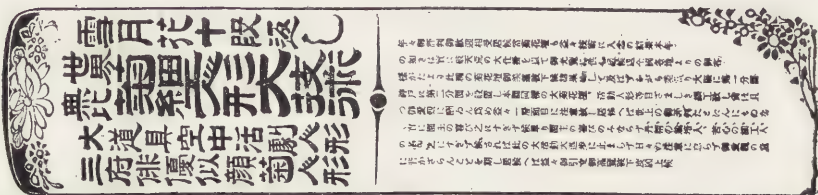
Ora, no calendario floral da terra onde me encontro, figura o mez de novembro como um dos mais conspicuos. E' em novembro que floresce o *chrysanthemo*, em profusão; flôr de origem japoneza, querida pelo povo; com menção glorificante em mysticas legendas; para mais, nobilitada por constituir, quando se representa com desaseis petalas apenas, o brazão heraldico imperial.

Os vendilhões de flôres percorrem aqui as ruas, de porta em porta, como em Lisboa os vendilhões de carapau ou de sardinha; e todos mercam, — ricos e pobres, — sendo de uso geral ornar a casa com um raminho, valioso ou custando apenas alguns cobres. Pois, em novembro, raro será o lar, — palacio de principe ou albergue de indigente, — onde não desabroche o chrysanthemo.

É então um prazer sahir a gente da cidade e estender o passeio até aos campos da cultura do *kiku*, onde, por milhares, as plantas florejam em galas multicôres, embalsamando as brisas. As petalas alvas como leite, e amarellas, e côr de oiro, e roseas, e vermelhas, e roxas — todas as tonalidades chromaticas com excepção do azul — encostam-se umas ás outras, beijam-se, constituindo o todo um vasto tapete de mosaico incomparavel, sobre que a vista poisa, enternecida, em demorado extasis.

No entretanto, nos centros bastante populosos, é de usança organisarem-se exposições de chrysanthemos, onde a chusma se deleita nos aspectos variados d'estas flores; avançando cada qual, com alegre afan, a moedita de nickel que lhe faculta admissão. Cartazes illustrados annunciam o espectaculo. Tambem eu, ha poucos dias, fui com a chusma á exposição de chrysanthemos que em Kobe se ostentava.

CHRYSANTHEMOS AO LUAR

Era de noite. N'um jardim improvisado, que jorros de luz electrica alumiavam de claridades extranhas de um dia phantasmagorico, alinhavam-se as plantas em canteiros, coberto o solo de loira e fina areia, e dando abrigo contra os rigores do tempo graciosos alpendres de palha e de papel. Em cada planta, esguia e hirta, desabrochava uma unica flôr, havendo sido propositadamente eliminados todos os outros botões; obtendo-se por esta forma tamanhos descommunaes de florescencia. Relanceando estes canteiros e estas flôres, em pompas estupendas de contornos e matizes, nos seus requintes de cultura forçada artificial, vieram-me á idéa, não sei como, outras exposições de flores — estas humanas, — que a gente admira em Tokyo, tambem de noite e á luz das lampadas, no famoso bairro de prazer conhecido por Yoshiwara: tambem alli ellas se alinham á vista de quem passa pela rua, bellas, perfumadas, em ricas vestes polychromas, com os penteados prodigiosos crivados de enfeites de mil côres. Se, porem, é dar largas de mais á phantasia, comparando a flôr do chrysanthemo a uma cortezã, o que ella accusa seguramente, a flôr, é uma intensa individualidade propria, quasi animal, de besta apocalyptica; isto de meia delicia e de meia monstruosidade, que é uma das grandes caracteristicas da arte e da creação n'este paiz, quando julgadas pela esthetica do Occidente. A flôr de chrysanthemos lembra não sei que estranha anemona do mar, actinea de um oceano fabuloso; o dedo do visi-

CARTAZ JAPONEZ ANNUNCIANDO UMA EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTHEMOS

tante europeu quasi se recusaria a ir tocar-lhe, no receio de alguma cilada dos seus tentaculos serpentinos, que nos estão denunciando intenções malevolas de apprehensão e de succção.

A outras plantas, deixaram-se então desenvolver os botões todos, e mesmo se lhes exaggerou a producção, por mysteriosos segredos de adubos e de amanho; vendo-se assim um pé de chrysanthemo, onde desabrocham vinte flôres, cincoenta flôres, um cento de flôres ou muitas mais.

IYOKU

As hastes de outras plantas foram antecipadamente sujeitas e atadas a um esqueleto feito de lascas de bambu, com uma determinada forma; assim se veem, por exemplo, cestos, barcos, coches, todos verdura e todos flôres.

Por ultimo, offerece-se á curiosidade do publico o que mais extasia esta boa gente, representado em maioria pelo povo ingenuo, facil em commover-se, amoroso da lenda e da evocação heroica; refiro-me aos bonecos de chrysanthemos, *kikuninghyo*. Imaginem varios grupos de bonecos, de proporções humanas, com as caras e as mãos perfeitamente modeladas em madeira, e as vestes de variegadas côres, feitas de folhas e flôres de chrysanthemos, que alli no solo enraizam e prosperam. Taes grupos figuram, em geral, transes guerreiros, ou coisas da lenda, ou historias de amores ficadas na memoria; e o recinto onde se encontram exige um scenario theatral, apropriado, que ajude a impressionar o espectador. Uma *musumé* que rodopia por aqui, tendo a seu cargo servir chá e sorrisos aos freguezes, dá-me, complacente, explicações sobre os bonecos — este é Urashima, o pescador, sobre o dorso de uma tartaruga, que o leva a um formoso palacio submarino; aquelle é Nanko, ou Kusunoki Masashighé, o general devotado ao imperador Go-Daigô, heroe de mil façanhas, vencido finalmente em 1333 junto do rio Minato, cerca de Kobe, e suicidando-se após, para eximir-se á vergonha de render-se; alem está o grupo amoroso de Komurasaki e Gompachi; e outros grupos se seguem.

Nada mais tenho que dizer dos chrysanthemos; mas, já que fallei de Komurasaki, que é a *Dama das Camelias*, a *Traviata* japoneza, lembro-me de, a proposito, palestrando, alguma coisa dizer a seu respeito. A historia dos amores de Komurasaki e Gompachi resume-se como segue. Ha perto de tres seculos, em Yedo (hoje Tokio), Gompachi, um esbelto samurai fugido da provincia de Inaba, onde grave falta commettera, encontra por acaso em Yoshiwara a formosa e famosa cortezã Komurasaki, que elle dantes conhecêra, então recatada, com altos primores de educação, em companhia de seus paes; revezes de fortuna haviam-n'a

arremessado áquelle sitio, á cella do vicio, á escravidão. Apaixona-se por ella e é correspondido em seu affecto. Frequentando-a, offerecendo-lhe regalos, bem cedo a sua bolsa de exilado se esvazia. Desvairado—porque paixão e desvario valem-se bem—rouba então, mata então para espoliar as suas victimas; e assim consegue recursos que mulo os dois corpos (1). O bom povo evoca ainda hoje commovido as peripecias d'estes tristes amores. Uma carta da cortezã, enviada ao samurai quando no carcere, conhecida pela denominação de *Votofloral*, ainda hoje existe e é como reliquia conservada. Diz a carta:—«Estou contemplando as preciosas flôres que ainda ha poucos

BONECOS DE CHRYSANTHEMOS
Komurasaki e Gompachi, outra scena da «Dama das Camelias» japoneza

paguem as caras horas que elle vota a seus amores. Por fim, a justiça da cidade deita-lhe a mão, condemna-o e enforca-o. Komurasaki, informada do triste fim de Gompachi e dos desmandos de que ella fôra a causa involuntaria, foge do encerro, corre ao templo, prantêa o bem-amado e alli se suicida.

O bonzo do logar, inspirando-se de terna piedade, reuniu no mesmo tu-

dias me mandou, como se o seu proprio rosto contemplasse. Sinto-me cahida na mais profunda magua, ao sa-

(1) E' o argumento da peça que Sada-Yaco representou em Lisboa, com a sua companhia, no theatro D. Amelia. E é coincidencia notavel que o nome *Korumasaki* signifique, como diz o autor no final do artigo, *Pequena Violeta*, considerando que foi este exactamente o nome que os librettritos da *Traviata* escolheram para a sua heroina. *(N. do lec.)*.

ber das tristes condições em que se encontra, do que eu fui a causa unica. Tenho ouvido dizer que existe um deus nas petalas de cada flôr; assim, solemnemente appello para um tal deus, a fim de que elle seja testemunha da minha inalteravel constancia e fidelidade a seu respeito, succeda o que succeder».

O bom povo vae em peregrinações frequentes até ao tumulo de Komurasaki e Gompachi, onde ajoelha, queima incensos piedosos, espalha flôres e reza pelos dois. Espectaculo tocante!... Na lapide musgosa, lêem-se, a custo já, os nomes dos amantes e esta curta phrase:—*Sepultura de Hiyoku*—convindo advertir que *Hiyoku* é o nome de uma ave fabulosa, ou antes de um casal de aves, de suggestiva allegoria, suppondo-se que o macho, como a femea, tem apenas um olho e tem apenas uma aza; não podendo cada um voar e dirigir seu vôo senão reunido ao outro. Não poderia escolher-se melhor divisa para alli. Cerca do tumulo, n'uma outra lapide, alguem es-

BONECOS DE CHRYSANTHEMOS

Os de cima, episodios guerreiros; o de baixo, scena da «Dama das Camelias», japoneza

creveu pouco mais ou menos o seguinte, de pura inspiração buddhista: — «Nos antigos dias do periodo de Ghenroku, soffreu Ella amargas penas pelo seu gentil apaixonado, tão bello, como bellas são as flôres. Agora, debaixo d'estes musgos, dois nomes existem gravados; nada mais.

N'este mundo de aspectos transitorios, as geadas e as chuvas desfazem pouco a pouco a triste loisa que aqui vêdes; vós, que passaes, concedei o vosso obulo para perseveral-a da destruição dos tempos, persistindo durante futuras gerações; e consenti que aqui se leia a poesia commemorativa que segue:

Estes pobres passarinhos,
Quaes flôres de cerejeira,
Tão lindos, cedo morreram...
Lembram, por esta maneira,
Flôres que os ventos damninhos
Antes do fructo varreram.» —

Kobe — Novembro de 1906.

Tragedia popular, içando ás alturas de apotheose na historia, á custa de muita somma de amor e de infortunio, os nomes de dois grandes desgraçados, rastejando pelas ultimas camadas da escala social — um foragido tornado facinora e uma serva do vicio — não admira que o episodio dos amores de Komurasaki e Gompachi sensibilise ainda hoje a alma do povo, depois de trezentos annos decorridos; nem admira que na exposição de chrysanthemos, em Kobe, a multidão se quede embasbacada em frente do gracioso grupo florido, que representa Gompach no momento de entrar no jardim da luxuosa casa que serve de encerro a Komurasaki, a qual se apressa em enviar-lhe ao encontro uma das pequeninas aias, que sempre se achavam ao serviço — duas em numero — das cortezãs famosas.

Komurasaki quer dizer em portuguez: — A Pequenina-Violeta.

W. de Moraes.

Rebello da Silva

Summario: — *Homens de ha meio seculo. — Herculano e os convivas da sua casa de Ajuda. — Rodrigo Felner, o Marquez de Sabugosa, Lopes de Mendonça, Gonçalves Dias, Garrett, Bulhão Pato e Rebello da Silva. — O pae de Rebello da Silva: uma curiosa figura de «vintista». — O Romantismo na Politica, na Litteratura e na Oratoria. — Os tribunos da Sociedade Philomatica. — José Estevão e Rebello da Silva. — A intensa actividade do historiador. — Como foi feita a «Ultima corrida de touros em Salvaterra». — Rebello da Silva, professor do Curso Superior de Lettras, e D. Pedro V. — A sua correspondencia: autographos de Napoleão III, Prim e Victor Hugo. — A existencia bucolica na casa do Valle de Santarem. — A delicada e intima inspiração d'uma primorosa obra litteraria: Garrett, as «Viagens na minha terra», a janella de Joanninha e o rouxinol de Bernardim Ribeiro.*

Por 1847, ia bem rija a celeuma politica, segundo rezam as paginas revoltas dos alfarrabios do tempo, Alexandre Herculano achava-se já installado na sua casa da Ajuda, buscando na existencia uma epocha mais tranquilla e proveitosa. Animo forte, varonilmente austero e resoluto, o antigo soldado do heroico Regimento dos Voluntarios da Rainha, — d'uma geração nobre e sincera que aprendêra o liberalismo nos transes do exilio e enchamuscára galhardamente a fronte nos recontros das linhas do Porto — aspirava a um periodo intimo de estudo e elaboração, sem jamais deixar esmorecer dentro do coração o culto intenso da Liberdade. A experiencia da vida e dos homens tinham dado mais de uma desillusão ás suas formulas rigidas de patriota; ainda n'aquelle mesmo anno, accesa a lucta constitucional, que trazia exaltadas as camadas democraticas, suggestionadas ao grito do Alto Minho e da Maria da Fonte, — d'uma vez, refere Bulhão Pato, deslisaram quentes lagrimas pelas faces encandecidas do philosopho, ao saber que forças mercenarias tinham abafado os clamores sinceros da gente patuleia... Assim lavrando eloquentemente o protesto de suas intenções, entre despeitado e altivo, absorvendo-se bem fecundamente nos limites da sua forte envergadura e vocação de homem de lettras, apartado da intriga constitucional, mais e mais se recolhia, n'uma vida serêna e laboriosa de estudo, á atmosphera quieta das paredes vastas e sonoras do velho palacio — parte para elle e lá no alto, entre as urzes, morada suave de bandos de pombas familiares.

Aos sabbados Herculano quebrava a clausura, dava-se folga e abria as portas do Eremiterio a alguns convivas, pleiade dos mais illustres homens do tempo. Iam lá Rodrigo Felner, creatura de espirito faceto, consumado em epigrammas e calembourgs; o Marquez de Sabugosa e D. Antonio da Cunha Menezes, fidalgo aprimorado; Oliveira Marreca, econo

mista sisudo e desenganado liberal; Francisco Maria Bordallo, que fez uns romances de inspiração maritima, intrepido e decidido, que d'uma vez varrera, á pranchada, seis rufiões do botequim das Parras ao Rocio; Lopes de Mendonça, alma privilegiada, feita na adversidade, que para sempre lhe illuminou de melancholica ironia a fronte espaçosa e altiva, e que ao tempo folhetinava na «Revolução», dardedejando implacavelmente contra o ultramontanismo reaccionario com o mesmo denodado esforço com que servira ás ordens de Salter na Maria da Fonte, e com a mesma coragem, com que d'uma vez batia as palmas, citando-o a uma pega real, a um garraio salgado no pateo da casa do Conde de Vimioso. E eram tambem convivas de Herculano — Carlos Bento, Gonçalves Dias, insigne vate brazileiro, Palmella, amigo intimo de bons annos, e Garrett, o peralta rival de Paiva de Araujo e de Antonio da Cunha Sotto-Mayor, que um dia uma crise de tédio da banalidade e da politica, phase aguda do lyrismo, levou até á assembleia simples do Eremiterio, sobraçando o manuscripto das «Folhas Cahidas», bem olympico na sua casaca verde-bronze e botões de metal amarello, sobre a alvura da camisa finissima e de punhos encanudados, o collete deslumbrante de largas bandas, calça flôr-de-alecrim, luva côr de palha e a mancha berrante da gravata de côres lubricas.

P. Mar. gr.

REBELLO DA SILVA AOS 25 ANNOS

De um daguerreotypo

Herculano era generoso, rasgadamente sincero, um espirito amplo que sabia distinguir homens e capacidades. Banira a politica do lar, mais que nunca se votára á investigação dos factos mais recuados da vida patria, acolhendo com enthusiasmo os lettrados e os dignos, todos os que d'elle se acercavam a pedir um conselho, uma impressão culta de arte. Foi assim que por aquelle tempo começou frequentando a casa da Ajuda um rapaz novo e esperançoso, que abalara de Coimbra e dos Geraes, farto do latim e rebelde á disciplina universitaria, de olhar scintillante e larga fronte, physico debil e acurvado, bom conversadôr, espirito irrequieto, com ditos atilados e cortantes, nervosamente animado d'um satanismo prompto e agudo.

Era Rebello da Silva, que ia iniciar, á sombra propicia e affectuosa de Herculano, a sua educação litteraria e liberal, no meio recolhido do Eremiterio, entre preoccupações exclusivas de estudo, a sós com a consciencia e os livros, sem rebates de ardencias politicas, só suscitados com eloquencia — relembra com orgulho Bulhão Pato, tambem familiar da Ajuda — quando do protesto energico levantado pelo pensamento portuguez contra a *lei das rolhas,* que o ministerio de 1847 queria fazer vingar com funesta audacia. Rebello da Silva não podia ambicionar mais rigida e fertil escola de educação litteraria e politica. Demais o pae,

REBELLO DA SILVA

Um dos melhores retratos do historiador

REBELLO DA SILVA E SEU FILHO MAIS VELHO

Que é o actual par do reino e professor Luiz Rebello da Silva

Luiz Antonio Rebello da Silva, fôra um praxista ferrenho, homem da Constituinte, douto e razoavel tribuno, morto de apoplexia fulminante no final d'um discurso na «Liga Agricola» por entre as palmas dos assistentes... O filho viera n'uma epocha de romantismo exacerbado, encandecido culto de imaginação, um ideal vago de aventura e galhardia, que por egual arrastava um homem á concepção d'um poema triste e amoroso ou a uma morte gloriosa no alto das barricadas. Aquecia os espiritos uma illimitada idealisação de Liberdade, pura e justiceira, crepitava alta nos corações a chamma intensa do altruismo, vivia-se n'um sentimentalismo terno, nebuloso, que inspirava dramas, romances e novellas e cantava nas estrophes ovantes e livres dos poetas adulados. Era o impulso litterario de Chateaubriand, Lamartine, George Sand e Madame de Staël, Silvio Pellico e Manzoni, de Walter Scott, do duque de Rivas, de Byron, o mais extravagantemente sincero, passeando o seu romantismo da contemplação de Cintra paradisiaca aos campos de batalha da Grecia livre, e de Musset, o mais delicado e sentido, pedindo aos amigos que lhe abrigassem as cinzas, com cuidado, com ternura, á sombra balançada, fugitiva e miudinha d'um salgueiro...

O romance historico, com mosqueteiros, amantes reaes, lances de cavalheirismo estrepitoso, intrigas palacianas e um leve borborinho de escandalo plebeu, estava no gôsto do publico, educado na leitura das obras de mais ampla e explorada dramatisação do passado.

N'um primeiro periodo de elaboração investigadôra, em que a critica aponta justamente uma imperfeita indecisão, como natural inicio d'uma mente de historiadôr, que se aprestava para trabalhos de mais fôlego, Rebello da Silva publicou o «Rausso por homisio» e «Odio velho não cança», romances tecidos em paciente investigação em torno de episodios passionaes dos primeiros seculos da monarchia. Na evolução natural d'um espirito de tão applicada cultura, Rebello da Silva, na escolha dos motivos e na successivamente mais robusta e brilhante exteriorisação da ideia, ia adquirindo mais e mais uma cadencia de forma, uma es-

UM DOS ULTIMOS RETRATOS DE REBELLO DA SILVA

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Valle de Santarem 28 de Julho
de 1863.

Recebi e muito agradeço o favor da carta de V. Ex.a de 10 do corrente. Não respondi mais cedo, porque um forte incommodo, de que só agora me vejo mais alliviado m'o impedio forçosamente.

Lisonjeou-me que a ideia, que emitti a-cerca de uma lei organica do artigo da carta sobre as relações entre os poderes spiritual e temporal merecesse a approvação de V. Ex.a Não vejo outro modo de cortar as difficuldades a-ctuaes pela raiz e de supprir o que se per-deo na jurisdicção e tradições de alguns an-tigos tribunaes extinctos.

Permitta-me V. Ex.a porem, que lhe observe, que talvez convenha mais, antes de se nomear uma commissão, que para o effeito parlamentar é in-dispensavel depois, mandar V. Ex.a formar na secretaria de Estado as bases de todo o trabalho, as quaes a Commissão terá pre-sentes para as modificar e ampliar como parecer melhor.

Se V. Ex.a porem, prefere a nomeação immediata da Comm.ão pela minha parte estou prompto a coadjuval-o em tudo nesta parte; mas será bom saber eu primeiro quaes os pontos capitaes que V. Ex.a deseja que a redacção do Decreto aponte. Quem está no leme e tem o pensam.to da jornada é que deve dirigil-a.

Fico esperando as ordens de V. Ex.a de quem sou com a maior consideração

De V. Ex.a
M.to Ven.or amigo obrig.mo
Luiz Augusto Rebello da Silva.

«FAC-SIMILE» DE UMA CARTA AUTOGRAPHA DE REBELLO DA SILVA

tylisacão mais radiosa, corrigindo pacientemente as asperezas da espontaneidade primitiva. Surgia, assim, mais personalisada, a mente vigorosa do litterato e, alijando das paginas do romance pesadas preoccupações de erudito, lograva imprimir-lhe pinceladas magistraes de intenso colorido. E assim, o personagem ou scena vividos ha seculos ganhavam em distantancia, em vida e em ampla caracterisação externa, o que as exigencias escrupulosas do investigadôr não vacillavam em sacrificar vantajosamente aos supremos impulsos da visão romantica do artista. D'este modo á medida que mais poderosamente triumpharam n'elle as faculdades de impressionista e logrou desabrochar mais livre a imaginação em seus arrojos, Rebello da Silva revelava uma perfeição crescente no architectar das grandes scenas historicas e na intensa descripção dos individuos, fautores da obra vivida. Taes as paginas romantisadas em que decorre a «Mocidade de D. João V», a pintura dos aspectos culminantes da vida portugueza do seculo XVIII, d'esse meio cortezão, beato, ridiculo, sophismado e decadente, em que se tramão os episodios educativos do personagem-protogonista, futuro ungido, megalomano de psychologia contradictoria que bailava a grande instrumental entre temores espirituaes de Deus e mahometanas condescendencias com o peccado e a carne.

Conscienciosamente minucioso no detalhe apparatoso, sem comtudo aprofundar por vezes e bastantemente na analyse — que é o mais, o mais delicado e valioso — da vida, determinismo e pensar intimos dos individuos em fóco, Rebello da Silva, cujo estylo se imbue, com habitual exito, d'uma ironia, que belisca mais do que fere, não procurava, no romance como na historia, dar corpo, levar de vencida, n'uma prescrutação intima e continuada, toda a ampla e complexa desenvoltura e succedidas phases d'um grande acontecimento ou acção. Seduzia-o de preferencia um trecho, um recatado ou mais flagrante aspecto, e assim para transferir o viver d'uma epocha, fazia-o por quadros, á guiza d revista, para melhor surprehender e transplantar com mais intenso colorido e pormenor o que mais subidamente lhe seduzia a mente e a imaginação. N'esse genero o mais divulgado, completo e encantador quadro do historiador é a «Ultima corrida de touros em Salvaterra».

N'uma tarde de verão em 1848, Rebello da

Hauteville house
11 août 1864

Monsieur,

J'ai lu avec un vif intérêt le remarquable ouvrage que vous avez bien voulu m'envoyer. le talent de l'historien et le charme du sujet.

Vous êtes inspiré par un noble sentiment patriotique, et j'applaudis à votre œuvre. Le Portugal est une illustre nation. Il a jadis compté parmi les peuples puissants; il compte aujourd'hui parmi les peuples libres. Cette double gloire le place très haut dans l'histoire de la civilisation.

Je vous félicite, monsieur, de votre travail approfondi et lumineux, et je vous offre l'assurance de ma considération très distinguée.

Victor Hugo

Monsieur L. A. Rebello da Silva,
membre de l'académie des sciences de Lisbonne

CARTA AUTOGRAPHA DE VICTOR HUGO

Dirigida a Rebello da Silva.

CASA DE REBELLO DA SILVA, NO VALLE DE SANTAREM

Á direita a celebrada janella da Joanninha, «a menina dos rouxinoes.»

A CASA DO VALLE DE SANTAREM, VISTA DA ESTRADA.

Silva fôra assistir com Bulhão Pato a uma tourada no Campo de Sant'Anna em beneficio dos desamparados com os ultimos acontecimentos politicos. O *sol* era *patuleia*, e toda a multidão se ergueu delirante ao vêr entrar no redondel os cavalleiros D. João da Cunha Menezes e D. José de Mello e Castro, cheios de garbo, vestidos de malha e com uma pelle de tigre fluctuando sobre os hombros, um primor de equitação e galhardia. O espectaculo e enthusiasmo d'aquella tarde impressionaram vibrantemente a alma de Rebello da Silva, que pelos modos era *aficionado*, ao contrario de Herculano, que detestava a tauromachia, dizendo ser sempre do partido do touro . . . Tendo combinado com Bulhão Pato jantarem juntos no dia seguinte, Rebello da Silva á sobre-meza tira do bolso um manuscripto e lê jubilosamente ao poeta a ultima e triste aventura do joven e enamorado Conde dos Arcos, negro na sorte e no trage, — o momento de extrema tensão dramatica em que no redondel surge vingadora, maior que a Morte, n'um impeto de bravura tão portugueza, a figura encanecida do Pae, Marquez de Marialva, e lá em cima a um canto da tribuna real o perfil severo e dominador de Pombal, o censor de olhar frio e mente esclarecida. O episodio historico, que será para sempre uma pagina brilhante da nossa litteratura, está maravilhosamente bem aproveitado.

Assim foi sempre e caracteristicamente a producção historica de Rebello da Silva, cuja intelligencia, bem cêdo, necessidades e aspirações de vida obrigaram a multiplicar no sentido dos mais variados e complexos intuitos de actividade mental, dispersando, em grandes e segmentados esforços, a sua attenção e aptidões intellectuaes. Breve iniciava a sua vasta collaboração em periodicos politicos e litterarios versando proficientemente os problemas e assumptos mais variados. Naturalmente um dia fez-se politico, e foi-o d'ahi até á morte, honesto, desinteressado, convicto e patriota.

RETRATO DA FAMILIA REAL PORTUGUEZA

Pertencente a Rebello da Silva. Á esquerda, Rainha D. Estephania e el-rei D. Pedro V; á direita, o infante D. Luiz, depois rei de Portugal; ao centro, el-rei D. Fernando.

O romantismo, inspirando ingenuamente os ideaes da Politica, provocára complementarmente uma exuberante escola oratoria, o culto elevado do gesto e da palavra, que despertaram aptidões e adeptos n'um amplo proselytismo, patenteado sobretudo depois que as assembleias populares tomaram a formula convencional dos Parlamentos. Entre nós, o mais alto, illustre e perfeito representante d'essa escola é João Estevão, alma electrisada de genial scentelha, perfil classico, figura elegante, estatura elevada, arcabouço forte, fronte espaçosa, cabelleira annelada, nariz levemente aquilino, mãos delicadas, e voz excelsa, capaz de exprimir toda a emotividade sentimental, desde a mais violenta rajada de eloquencia demolidôra até á mais contricta prece de harmonia e perdão. Por isso, quando d'aquella vez que a reacção palatina, no meio da conflagração odienta dos Cabraes, poz a premio de dois contos de réis a cabeça do genial e sincero democrata, nenhum sicario ergueu o braço homicida, porque ella... valia mais.

Rebello da Silva não fôra bravo do Mindello nem academico da serra do Pilar, não formára o espirito sob a influencia d'uma educação de homem e liberal, feita na suggestão d'um intenso e directo impressionismo, colhido em annos generosos d'uma mocidade accidentada.

O fogo, que animava excelsamente José Estevão, era n'elle menos atiçado e menos repentista, o physico recolhido, a voz não tão modulada e ardente, a mente menos febril, a imaginação mais sobria e dominada. Mas uma vez no rostro, tambem elle se transfigurava, vibrava todo a ponto de não poder esconder o tremor dos dedos nos primeiros periodos do discurso, insinuava-se fundamente pela palavra, pelo gesto e pelo olhar, e não tardava em apossar-se da multidão, arrebatada e unanime. Rebello da Silva exercitára o verbo desde bem novo, pois fôra um dos fundadores da Sociedade Philomatica, grupo em que tambem entravam Andrade Corvo e Thomaz de Carvalho, reunindo-se em frequentes palestras oratorias. Herdára do pae a bossa do discurso; e até se conta que uma noite, estava o Rebello da Silva fazendo uma conferencia na Liga Agricola, entrando o pae na sala, tal foi a jubilosa commoção ao escutar-lhe a palavra brilhante, que avançou ovante até á tribuna, abraçando entre lagrimas o orador...

Rebello da Silva entrou na Camara, n'uma epocha agitada, ainda no tempo do conde de

Biarritz 27 Sept. 1862

Monsieur, Le Ministre de Portugal à Paris m'a remis le premier volume de votre ouvrage, le Corpo diplomatico portuguez dont vous voulez bien me faire hommage. Je l'accepte avec plaisir et je ne doute pas de tout l'intérêt de cette collection puisqu'elle est publiée par un savant que l'académie des sciences de Lisbonne compte parmi ses membres les plus distingués. Je vous remercie, monsieur, et je vous offre l'expression de mes sentiments.

Napoléon

Mr Rebello da Silva, membre de l'académie des sciences de Lisbonne

FAC-SIMILE DE UMA CARTA DE NAPOLEÃO III
Dirigida a Rebello da Silva

O GENERAL PRIM

Retrato offerecido a Rebello da Silva

Thomar, estreando-se como opposicionista nos primeiros dias da Regeneração. Era Garrett ministro dos Extrangeiros; sendo tambem com o vate de «*Camões*» que Rebello da Silva se defrontou, com extraordinario brilho, n'um dos seus ultimos triumphos oratorios, quando da discussão da reforma constitucional de 1852.

Aniquilava-se a compleição debil d'aquelle homem na ancia de tanto trabalho. E em tamanho dispendio de energia já o mal, que o havia de prostrar um dia, lhe avançava no intimo, consumindo-lhe o alento e o enthusiasmo, o coração que lhe batia aos impetos, fazendo-o levar a mão ao peito n'um gesto triste e acalmante. Pouco tempo tinha para pensar na doença.

Fundado o Curso Superior de Lettras, Rebello da Silva foi convidado para a regencia da cadeira de Historia.

As suas conferencias eram feitas entre applausos e no auditorio selecto punha sempre uma nota de subido apreço a presença de D. Pedro V, mallograda e magnifica figura de homem e de rei. Ao mesmo tempo Rebello da Silva mantinha correspondencia com os mais illustres vultos da intellectualidade europeia d'então, com Paul Gerard, Octave Lacroix, Laveley, Guizot, Michelet, — Victor Hugo escrevia-lhe de Houseville-House, com palavras de admiração pelos trabalhos do historiador; o general Prim enviava-lhe saudações de amigo no momento historico de sua existencia em que, exilado da patria e repudiado do solo francez, ia abrigar sua pessoa n'um hotel de Genebra, esperando com tranquilidade de justo uma mudança de ministerio e de situação politica em Hespanha; e Napoleão III mandava-lhe, de seu punho, missivas de grande apreço, sendo até curioso que foi por intermedio do imperador dos francezes que Rebello da Silva e Pinheiro Chagas travaram relações pessoaes, trocando opiniões sobre o movimento litterario da França.

Mas os dias mais deleitosos, gratos e inspi-

ma part à nos amis le
Marquis — à Santos Silva
— à Silva Carballo y a San-
tana —
Tout à vous de bon coeur
Prim

FINAL DE UMA CARTA DO GENERAL PRIM

Dirigida a Rebello da Silva

rados de sua curta existencia, teve-os Rebello da Silva, desde novo, na casa do Valle de Santarem, logar privilegiado pela natureza, sitio ameno e deleitoso, patria dos rouxinoes e das madresilvas, cinctas de faixas bellas e de loureiros viçosos, paysagem extremenha de harmonia immensa, em cujo remanso e convivencia o historiador ia buscar, n'uma doce attracção de alma fatigada, a paz, a saude, o socego do espirito e o repouso do coração. Saciava-se de inspiração farta e de energia pura aquelle romantico incorrigivel, entre as paredes rusticas da sua habitação antiga, mas não delapidada, com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavaes do sul. Alli teve terna pousada Garrett, quando de sua grata e suave romagem atravez do bucolismo ardente de sua terra; a janella ampla e terrea, rasgada na cercadura viçosa dos festões e grinaldas de madresilvas e musguetes, é a mesma onde Joanninha, a idèal e espiritualissima figura de Joanninha, «a menina dos rouxinoes», meditou sua recolhida e casta paixão de alma, vestida de branco — como a entreviu o poeta — a fronte descahida sobre a mão esquerda, o braço direito pendente, e alçados aos céus os olhos verdes como duas esmeraldas orientaes, transparentes, brilhantes sem preço. Garrett, *o divino*, alli sonhou e concebeu a mais sentimental, intima e deliciosa novella de seu acrisolado romantismo, enamorado perante aquelle balcão mysterioso, vendo raiar alvoradas de maio e contemplando na tranquillidade melancholica das tardes o esmaecer rubro dos poentes, arrebatando-se-lhe a imaginação n'um santo gozo de alma, por entre as estrophes e desgarradas cantigas dos rouxnoes, a recordar-lhe i'um rebate de sincero bucolisimo, o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cahir n'agua de cançado...

José Lobo d'Avila Lima.

CASA NA RUA DA ESCOLA POLYTECHNICA
Onde falleceu Rebello da Silva

De polo a polo

Narração de uma viagem segundo o eixo da terra, colligida dos diarios do defunto professor Haffkin e de sua sobrinha, Mrs. Arthur Princeps, por

JORGE GRIFFITH.

«Bem, professor, o que vem a ser isso? Alguma cousa muito importante, supponho eu, em vista do enunciado da sua informação. Qual o resultado final a que chegou? Resolveu o problema da navegação aerea, ou conseguiu projectar alguma luz sobre os dominios da quarta dimensão?

«Não é nada d'isso por emquanto, meu amigo, mas alguma cousa que pode ser egualmente maravilhosa» replicou o professor Haffkin, pondo os cotovellos sobre a mesa e olhando fixamente, por debaixo das sobrancelhas grisalhas e encrespadas, para o mancebo que lhe estava sentado defronte, fumando um charuto, com ares meditativos, e bebendo goles de whisky e soda.

«Bem! se é cousa realmente extraordinaria e ao mesmo tempo praticavel — como sabe, as minhas ideias sobre tudo que é pratico são muito amplas — vou até onde chegar o dinheiro. Pelo que diz respeito ao fim scientifico do assumpto, se me disser que sim! é porque sim!»

Arthur Princeps tinha muito boas razões para entrar assim ás cegas n'um projecto, de que nada conhecia a não ser que representava uma especie de jogo scientifico, que lhe poderia custar muitos milhares de libras. Tivera a fortuna de ser discipulo do professor quando estudava na Real Escola de Minas, e, possuindo um dos dotes mais raros, uma imaginação intuitiva, tinha visto muitas possibilidades atravez das malhas da rede verbal das leituras do professor.

Mais tarde, os bons destinos abençoaram-n'o com um duplicado dote. Tinha uma sede ardente e insaciavel d'aquelle genero de conhecimentos, que se satisfazem sómente com a demonstração de factos incontestaveis. Havia sido um estudante de sciencia physica, simplesmente porque não podia despender mais; seu avô deixára-lhe depois fóros em Londres, Birmingham, Manchester, e minas de carvão e ferro em meia duzia de condados, que produziam um rendimento fora do vulgar.

Ao mesmo tempo, herdara de sua mãe e de sua avó aquella especie de intellecto, que o habitava a considerar toda esta riqueza como simples meio para conseguir um fim.

Tempo depois, sendo examinado por Haffkins em mathematica applicada, na Universidade de Londres, fez tão boa figura que o professor se lhe dirigiu, depois de elle ter tomado o grau, pedindo-lhe, em termos breves mas firmes, o favor das suas relações pessoaes. Deu isto em resultado uma intimidade intellectual que não sómente produziu resultados satisfatorios debaixo do ponto de vista social e scientifico, mas tambem pelo lado material e proveitoso.

O professor era homem rico em ideias, mas relativamente pobre em dinheiro. Arthur Princeps tanto possuia ideias como dinheiro, e em resultado d'este conjuncto de personalidades, o homem de sciencia tinha apresentado milhares dos seus inventos, emquanto o homem scientifico em finanças apresentava e explorara dez mil, e foi d'isto que se tratou entre elles n'aquella tarde em que jantaram em *tête-à-tête* na casa do professor, em Russell Square.

Quando o jantar terminou, o professor levantou-se e disse:

«Puxe pelo charuto, Mr. Princeps. Eu prefiro o cachimbo, e podemos conversar mais commodamente no meu escriptorio. Além d'isso tenho uma cousa para lhe mostrar.»

«Bem, mas se vae fumar cachimbo, farei o mesmo. Pensa-se melhor com o cachimbo do que com um charuto. O cachimbo prende mais a attenção.»

Atirou metade do seu Muria para o fogão e acompanhou o professor ao santuario, que era meio gabinete de estudo, meio laboratorio, e além d'isso uma sala muito confortavel. D'um lado estava ardendo carvão e lenha n'um fogão de genero antigo, e do outro havia uma bonita cadeira de braços, estofada e commoda.

«Agora, Mr. Princeps,» disse o professor, depois de se sentarem, «vou pedir-lhe que tenha alguma crença no que ouso dizer-lhe e que talvez julgue impossivel.»

«Meu caro senhor, se a julga possivel, isso é o bastante para mim,» replicou Princeps. «O que vem a ser?»

O professor tirou uma grande fumaça do cachimbo e tendo voltado a cabeça de modo que os seus olhos fitassem bem os do convidado, replicou:

«É uma viagem atravez do centro da terra.»

Arthur Princeps trincou o ambar do cachimbo, endireitou-se na cadeira, pegou no cachimbo, deitou no fogão os bocados de ambar, e disse:

«Peço perdão, professor—atravez do centro da terra? Ha pouco estive lendo um artigo n'um dos jornaes scientificos, que demonstra que o centro da terra—por assim dizer, o caroço da noz terrestre—é um corpo rigido e solido, mais duro e mais denso do que tudo que conhecemos á superficie do globo.»

«Era perfeitamente isso, perfeitamente isso,» replicou o professor. «Tambem li o artigo, e admitto que o raciocinio não seria mau, mas pareceu-me atrazado. Acho, comtudo, que devo manifestar-lhe o que penso a tal respeito em muito menos tempo do que levo a dizer-lh'o.»

Levantou-se e foi ao armario de uma grande secretaria, que estava a um canto, junto do fogão Tirou um frasco de cerca de seis pollegadas de diametro e doze de altura, e pousou-o devagar sobre uma meza pequena, collocada entre commodas cadeiras.

OLHANDO POR CIMA DA GRANDE MURALHA DE GELO DO SUL

Princeps deitou-lhe os olhos e viu que estava cheio de um liquido que parecia agua. Exactamente ao meio, entre a superficie do liquido e o fundo do vidro havia um globulo espherico d'uma côr amarella escura, e,

pouco mais ou menos, de uma pollegada de diametro. Quando o professor collocou o vidro sobre a meza, o globulo oscillou um pouco e afinal ficou parado. Princeps levantou ligeiramente as palpebras, mas não disse nada. O dono da casa voltou ao armario e tirou uma agulha de aço, comprida e fina, com um disco de metal delgado a tres pollegadas d'uma das extremidades. Mergulhou-a no liquido do vidro e passou-a atravez do centro do globulo, que se dividiu quando o disco o atravessou, e que logo em seguida retomou a primitiva forma espherica.

O professor levantou os olhos e disse exactamente como se estivesse leccionando:

«Isto é um globulo de oleo córado. Fluctua n'uma mistura de agua e alcool, que tem exactamente o mesmo peso especifico do que elle. D'este modo, representa tanto quanto possivel a terra na sua primeira condição de fusão, fluctuando no espaço. A Terra tinha então, como agora, um movimento de rotação em torno do seu eixo. A agulha representa este eixo. Dou-lhe um movimento de rotação e veremos o que succedeu ha milhões de annos ao então novo planeta a Terra».

Emquanto dizia isto, começou a fazer girar a agulha suavemente, mas com uniformidade, entre os dedos indicadores. O globulo achatou-se e alargou para os lados até se transformar n'um annel, com a agulha e o disco no centro; depois o movimento da agulha tornou-se mais lento. O annel passou novamente a ser um globulo, mas achatado em ambos os polos, havendo um canal circular perfeitamente definido atravez d'elle, de polo a polo. O professor, com toda a dextreza, tirou a agulha e o disco atravez do canal, e o globulo continuou a girar á roda da abertura central.

«Isto é o que eu quero significar», disse elle. «Certamente, não deseja que eu desça a pormenores. Ali está a terra que é como eu a creio hoje, salvo algumas excepções, o que promptamente veremos.

«A crosta exterior amolleceu. No interior d'ella ha uma esphera semi-fluida, na qual existe, provavelmente, o corpo rigido, o amago da terra. Mas não creio que a cavidade se tenha enchido, simplesmente porque deve ter existido desde o começo. Admittido tambem que a attracção da gravidade é para o centro, se ha um vasio d'um polo ao outro polo, conforme sustento que deve haver, como consequencia natural da força centrifuga produzida pela rotação da Terra, a massa do planeta ha de desarreigar-se da cavidade em todos os sentidos egualmente».

«Parece-me qne já vejo» disse Princeps, em cujo espirito as espantosas possibilidades d'esta simples demonstração tinham penetrado vagarosamente. «Sim! Vejo! Admittida a cavidade de polo a polo—chamemos-lhe tunnel —um corpo que n'elle cahisse por uma das extremidades seria arrastado para o centro, ultrapassal-o-hia com enorme velocidade, e seria levado para a outra extremidade; mas como a attracção da massa da Terra se exerceria egualmente em todos os sentidos, tomaria um caminho perfeitamente recto, quero dizer, não se esmagaria de encontro ás paredes do tunnel.

«A unica difficuldade que vejo é que, suppondo-se que o corpo era lançado no tunnel do lado do polo norte, ser-lhe-hia impossivel alcançar o polo sul. Pararia e voltaria para traz, e assim oscillaria, semelhante a um pendulo, com uma oscillação sempre decrescente, até que afinal permaneceria em repouso no meio do tunnel, ou, por outra, no centro da Terra».

«Exactamente» disse o professor. «Mas não seria possivel por alguns meios impellir o projectil para fóra da attracção do centro, empregando-os exactamente no instante em que o movimento do corpo fosse contrariado pela attracção para o centro?»

«Perfeitamente praticavel,» disse Princeps, «comtanto que houvesse entes racionaes no citado projectil. Bem, nesse caso, professor, parece-me que o percebo agora. Acredita que esse tunnel, como nós lhe podemos chamar, corre atravez da Terra, de um polo a outro e deseja ir a um dos polos para fazer a viagem pelo tunnel. É uma ideia esplendida! Diga-me que a julga realisavel, e estou ás suas ordens. Se quer emprehender os preparativos, pode sacar sobre mim até á quantia de cem mil libras; e, quando estiver tudo prompto, partirei comsigo. De que polo entende que devemos partir?»

«O polo norte» respondeu Haffkin serenamente, como se fallasse da cousa mais simples d'este mundo, «posto que não descoberto ainda, é considerado já como um pouco vulgarisado. Proponho que partamos do polo sul. É uma excellente cousa que seja tão generoso no tocante a meios pecuniarios. De certo comprehende que não podemos ter esperança em qual-

quer recompensa monetaria, e é tambem muito possivel perdermos a vida na realisação da empreza.»

«Todo aquelle que se prende com insignificancias nunca pode praticar grandes feitos», replicou Princeps. «Emquanto a dinheiro, nem vale a pena pensar n'isso. Tenho-o a fartar — mais do que é licito possuir. De mais a mais poderemos encontrar oceanos de ouro, meio derretido, lá dentro. Quando o meu amigo estiver prompto para partir, tambem eu estou.»

II

Perto de dois mezes depois d'este colloquio, alguma cousa mais aconteceu. A sobrinha do professor, unica parenta que lhe restava, voltou de Heidelberg com o grau de doutor em philosophia. Era «uma filha dos deuses, divinamente alta e muito mais divinamente formosa», como acontece n'aquelles em cujas veias corre o sangue norte e anglo-saxonico. Certas experiencias anteriores levaram Princeps ao convencimento de que ella o amava immensamente pela sua pessoa, mas que chegava quasi a detestal-o pelo seu dinheiro — facto este que algum tanto lhe fez parecer que a posse de milhões era cousa muito pouco vantajosa.

Ora aconteceu que Brenda Haffkin voltou a Londres no dia seguinte áquelle em que fôra tudo combinado para a expedição mais estupenda e apparentemente impossivel que dois seres humanos tinham ainda resolvido tentar.

O governo britannico e a Real Sociedade de Geographia de Londres tratavam de fazer partir dois navios — uma velha baleeira, e um incapaz e antigo cruzador que escapára difficilmente a um bombardeamento de exercicio — para as geladas regiões do Antarctico. Um esplendido auxilio para os fundos da expedição foi o ter-se alcançado passagem no cruzador para os aventureiros e para cerca de dez toneladas de bagagem.

Brenda soube do grande segredo uma semana, pouco mais ou menos, antes da partida. O tio expoz-lhe a theoria do projecto, e Arthur Princeps explicou os passos que ainda tinham para dar. Fosse qual fosse a sua opinião, ella não deu o minimo signal de crença ou descrença; mas quando o professor acabou de falar, Brenda voltou-se para Princeps e disse muito tranquillamente, mas com intenso brilho n'aquelles grandes olhos castanhos, para os quaes elle tantas vezes olhára com impaciencia :

«Vae realmente na expedição, Mr. Princeps? Consente em arriscar-se a morrer de fome ou de um desastre mais do que provavel? E não hesita, além d'isso, em gastar uma grande porção de dinheiro — embora o tenha em quantidade sufficiente para comprar tudo o que o mundo lhe pode vender?»

«O que o mundo pode vender, Miss Haffkin, — ou, por outras palavras, o que o dinheiro pode comprar — tem pouquissimo prestimo, além do que é necessario para a vida. O que o dinheiro não pode comprar, o que o mundo não consegue vender, é que tem realmente o maior valor. Sabe o que quero dizer», acrescentou elle, mettendo as mãos nas algibeiras, e voltando-se a fim de olhar para fóra da janella. «Mas peço-lhe perdão. Não tencionava referir-me novamente áquelle velho assumpto, affirmo-lhe.»

«E vae realmente na expedição?» perguntou Brenda, com deliciosa incoherencia, que, n'um bello doutor em philosophia, era inteiramente irresistivel.

«Certamente que vou. E porque não? Se descobrirmos que effectivamente ha um tunnel atravez da terra, se entrarmos n'elle no polo Sul e sahirmos no polo Norte, e se tirarmos uma serie de photographias electro-cinematographicas da crosta e do coração da terra, faremos uma cousa que ninguem mais pensou ainda em fazer. Com isto ganharemos alguns milhões, além da gloria.»

«E supponha que não o consegue? Supponha que o maravilhoso apparelho ideiado por meu tio se submerge n'esse abysmo sem fundo, e não reapparece na outra extremidade? Supponha que o explosivo erra fogo na peior occasião, quando tiverem quasi attingido o polo norte? Voltarão para traz para além do centro da terra e andarão assim para traz e para deante, até o apparelho, d'aqui a dois ou trez seculos, ficar immovel no meio do planeta com um par de esqueletos no bojo. Que me diz a isto?»

«Levamos comnosco uma pharmacia, e não supponho que nos seja necessario esperar a fome.»

«Seriamente! Propõe-se a arriscar a vida e todo o seu esplendido futuro pelo simples acaso de conseguir uma coisa quasi impossivel e phantastica?»

«Creia que é isso mesmo o que me attrae. Não vejo como um homem na minha posição possa gastar melhor o seu dinheiro e arriscar melhor a sua vida.»

Succedeu um curto silencio, depois do qual Brenda disse, com a voz alterada:

«Se realmente vae, eu gostava de ir tambem.»

«Só o pode fazer, Miss Haffkin, com uma condição.»

«Qual é?»

«Obrigar-se a responder sim ao pedido, a que deu, ha nove mezes, um redondo não. Pode chamar a isto abuso ou suborno. Pouco importa! É o que é. Ah! Como estou absolutamente resolvido a tomar parte na expedição, deixe-me dizer-lhe tambem, que, se eu não voltar, o meu procurador lhe communicará uma coisa que talvez lhe seja vantajosa.

«Preferia ir trabalhar n'uma officina, a acceitar similhante offerta,» redarguiu Brenda. «Se consente em que eu vá, acompanhal-o-hei!»

«Adivinho que o «não» se tornou em sim!» exclamou Princeps, approximando-se para lhe agarrar na mão.

«Sim,» respondeu Brenda, olhando para elle afoitamente. «Já vê que ha nove mezes eu não o julgava capaz das grandes coisas, que vae agora effectuar. Concorria para a má impressão que me causava, a sua abominavel riqueza. Hoje confesso o meu erro...»

Quando proferiu estas ultimas palavras, já estava nos braços de Princeps, e a discussão teve rapidamente uma conclusão satisfatoria, se bem que em parte silenciosa.

III

O modesto casamento feito, mediante licença, em Saint Martin, Gower Street, e a viagem de Southampton para Victoria Land foram muito similhantes a outros esponsaes e a outras viagens; mas quando a baleeira Australia e o cruzador Bellona de Sua Magestade Britannica deixaram cahir as ancoras na sombra fumarenta do monte Terror, abriram-se as caixas mysteriosas, e os officiaes e a tripulação dos dois navios começaram a ter graves suspeitas sobre o estado mental dos tres passageiros.

As caixas, trazidas para o convez com o auxilio de monta-cargas, foram desenfardadas. Os barcos estavam sobre uma ponta de areia e gelo de cerca de cem jardas. Para além erguia-se uma limpida muralha de gelo com cerca de mil e oitocentos pés de altura. D'um lado ficava tudo o que era conhecido do Antarctico, Do outro, o desconhecido.

Quasi todas as bagagens eram muito pezadas. Muitas e phatasiosas foram as conjecturas com relação a poder o conteúdo d'estas caixas ser utilisado nos mais remotos confins da Terra.

Os homens experimentados só anteviam insania — ou, pelo menos, um emprehendimento impraticavel e sem esperança — em presença d'aquelles extranhos aprisionamentos. Havia cerca de dois mil pequenos cylindros d'um metal notavelmente leve, com buracos para torneiras em ambas as extremidades. Havia tambem originaes aprestos, que, uma vez desembarcados, de qualquer modo se arrumaram em uma especie de trenós munidos, d'um lado e outro, de rodas dentadas. Viam-se egualmente balões pequenos, que se enchiam ás torneiras dos cylindros, e que subiam presos a grandes papagaios de papel, de forma quadrangular ou com o feitio de uma caixa. Quando o vento se tornou sufficientemente forte, e soprou na direcção exacta para o polo sul, um systema combinado d'estes papagaios de papel levou comsigo o professor Haffkin e Mr. Arthur Princeps, e, depois de muitos protestos, Mrs. Princeps.

Esta, como tivesse chegado a maior altura, contou, depois de descer, que tinha visto o que nenhum ser septentrional ainda podera admirar.

Por sobre a grande muralha de gelo do sul, descortinara uma planicie sem fim de campos de neve, aqui e alem quebrados por montanhas de gelo, mas, tanto quanto lhe fora possivel alcançar com a vista áquella distancia, cortados por valles de neve; camadas de gelo perfeitamente lisas e compactas estendiam-se na direcção do sul.

«Nada», disse ella, «poderia estar mais bem disposto, mesmo tendo sido feito por nós; e ha uma cousa absolutamente certa — admittido que o tal buraco atravez da terra exista realmente, é que não deve haver difficuldade alguma em alcançal-o.

«O vento parece soprar sempre na mesma direcção, e com os carros-trenós e os balões auxiliares devemos com facilidade fazer percurso. São apenas mil e duzentas milhas, ou pouco mais, não é assim?»

«Pouco mais ou menos,» disse o professor, abrindo os olhos mais do que costumava.» E

agora que já temos toda a nossa bagagem em terra, e, até onde nos é licito prever, tudo o que nos poderá evitar qualquer desastre, digamos adeus aos nossos amigos e ao mundo. Se voltarmos, será *via* polo norte, depois de conseguir o que os scepticos chamam impossivel».

«Porém, minha querida Brenda», disse-lhe o marido, «não achas que seria melhor voltares para traz? Para que has de arriscar a vida e todas as tuas aspirações em tal aventura?»

Ao que ella respondeu promptamente:

«Se te arriscares, tambem eu me arrisco, e desisto se tu desistires. Pois não estás ainda certo de que somos uma só e a mesma pessoa, na realisação de qualquer projecto, de qualquer designio? Se fôres tambem eu vou, por maiores que sejam os perigos atravez d'esse caminho, que, podendo levar-nos á morte, pode tambem conduzir-nos á maior gloria que até hoje conquistaram creaturas humanas. Pediste-me que escolhesse, ja escolhi. Desapparecerei comtigo no desconhecido ou comtigo voltarei á superficie da Terra, junto ao polo norte, no meio de uma aureola de gloria tão deslumbrante, que eclipsará o brilho das proprias auroras boreaes! O que tu passares, passal-o hei tambem, e o dinheiro deixado em Inglaterra que trate de si proprio até nós voltarmos. É tudo que tenho a dizer-te.

«Não preciso ouvir-te nem mais uma syllaba. Disseste o que eu queria que dissesses, exactamente o que suppuz que dirias, o que, além de ser bom, é o bastante para mim. Quer vamos do sul ao norte atravez do centro da terra, quer tenhamos que parar ou sejamos esmagados a meio caminho ou em qualquer outra parte, estaremos juntos, sempre juntos! Se se der o inevitavel, matar-te-hei primeiro, e suicidar-me hei depois. Se fizermos a travessia, seremos, aos olhos de todos, justamente o que penso que tu és agora, e... Bom! Já disse o bastante a este respeito, não é verdade?»

«Quasi», disse ella, «falta ainda...»

Lendo o que estava escripto sinceramente nos olhos, da esposa, Arthur Pinceps apertou-a contra si. Os labios encontraram-se e acabaram a phrase com mais eloquencia do que o fariam quaesquer palavras.

«Eu sabia que havia de ser aquella a tua resposta», disse-lhe elle em voz baixa, passado um momento.

«Nem tu me escolhias para tua mulher, se eu fosse capaz de responder-te de outro modo».

«Não escolhia, confesso, embora esta confissão tenha um tanto de brutal.»

«Se me pedisses, fazendo outro juizo de mim» disse Brenda, fitando-o uma vez mais, «eu teria dito não, como já te respondera». E olhava-o d'uma maneira seductora emquanto dizia isto. Princeps puxou-a para si, segredando-lhe:

«Por ventura te compenetraste alguma vez de que ha muito maior prazer para um homem em beijar labios que uma vez lhe disseram «Não», e depois «Sim», do que os labios que sempre disseram «Sim»?»

«Que vantagem tão pequena a tirar d'uma fraca mulher... !»

Um beijo terminou a phrase incompleta.

«E quando partiremos?» perguntou Brenda afinal.

«Ámanhã de manhã, ás sete horas, isto é, pelos nossos relogios, não pelo sol. Tudo está agora na praia, e não nos demoraremos mais. Vou ter com o professor, para ajudal-o nos ultimos preparativos. Estou que tu vaes para a barraca, tratar dos arranjos domesticos».

E assim se pronunciou o mais momentoso «Boa noite» trocado entre um homem e uma mulher desde que Adão beijou a Eva no Paraiso e lhe disse tambem «Boa noite!»

IV

No dia seguinte, quer dizer, decorridas umas doze horas contadas pelos chronometros da expedição, visto que o pallido sol apenas descrevia um pequeno arco sobre o horisonte boreal, não mergulhando n'elle durante trez mezes pouco mais ou menos, os membros da expedição de Polo a Polo disseram adeus aos companheiros que os tinham seguido até ali.

Soprava uma briza forte e constante exactamente do norte.

Os grandes papagaios, em forma de caixa, subiram, em numero de seis, presos a finos cabos feitos de cordas de piano.

Os mais leves aprovisionamentos eram conduzidos em barquinhos pelos balões.

Princeps e Brenda tinham ido primeiro para cima nos pequenos estrados pendentes.

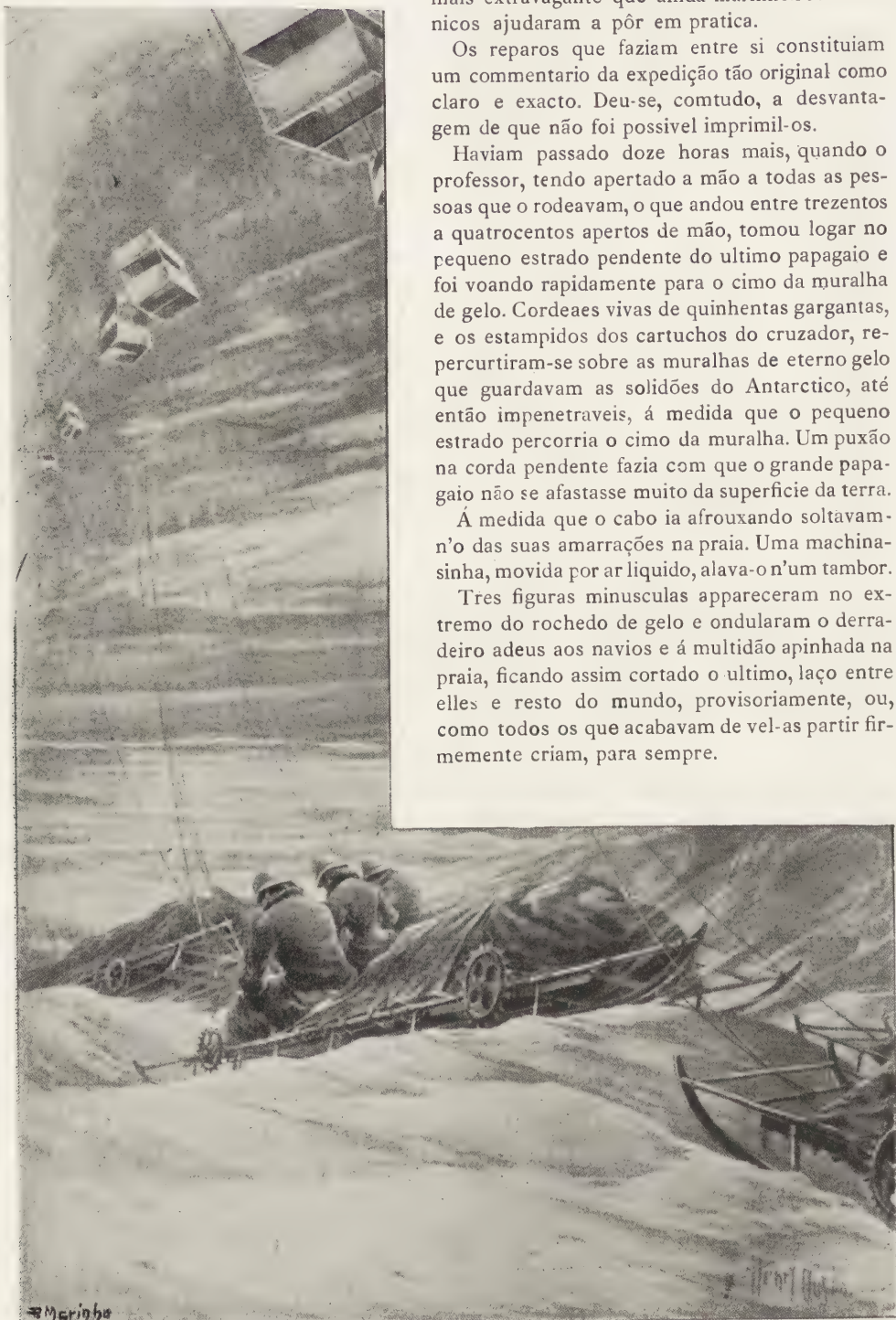
O professor ficara na praia com os marinheiros do cruzador, que, cheios de prazer

e no meio de galhofa foram dando ajuda á obra mais extravagante que ainda marinheiros britanicos ajudaram a pôr em pratica.

Os reparos que faziam entre si constituiam um commentario da expedição tão original como claro e exacto. Deu-se, comtudo, a desvantagem de que não foi possivel imprimil-os.

Haviam passado doze horas mais, quando o professor, tendo apertado a mão a todas as pessoas que o rodeavam, o que andou entre trezentos a quatrocentos apertos de mão, tomou logar no pequeno estrado pendente do ultimo papagaio e foi voando rapidamente para o cimo da muralha de gelo. Cordeaes vivas de quinhentas gargantas, e os estampidos dos cartuchos do cruzador, repercurtiram-se sobre as muralhas de eterno gelo que guardavam as solidões do Antarctico, até então impenetraveis, á medida que o pequeno estrado percorria o cimo da muralha. Um puxão na corda pendente fazia com que o grande papagaio não se afastasse muito da superficie da terra.

Á medida que o cabo ia afrouxando soltavam-n'o das suas amarrações na praia. Uma machinasinha, movida por ar liquido, alava-o n'um tambor.

Tres figuras minusculas appareceram no extremo do rochedo de gelo e ondularam o derradeiro adeus aos navios e á multidão apinhada na praia, ficando assim cortado o ultimo, laço entre elles e resto do mundo, provisoriamente, ou, como todos os que acabavam de vel-as partir firmemente criam, para sempre.

A CAMINHO DO POLO SUL

Os tres membros da Expedição de Polo a a Polo bivacaram n'aquella noute abrigados por um outeiro de neve, e, depois d'um bom somno de doze horas, fizeram os preparativos para a ultima travessia, mas uma das mais maravilhosas, da viagem. Havia quatro trenós. Um formava, por assim dizer, o wagon da bagagem. Levava os cylindros de gaz, a maior parte das provisões, e o vehiculo destinado a transportor os tres aventureiros do polo sul ao polo norte, atravez do centro da terra, desde o momento em que a theoria do professor, a respeito da existencia do tunnel transterrestre, fosse exacta. Estava enfardado em secções, que se reuniriam quando se chegasse á beira da grande cavidade.

O trenó podia ser conduzido de duas maneiras. Emquanto o vento norte-sul soprasse bem, seria arrastado sobre a camada compacta de gelo, que se estendia por aquella planicie sem fim, até onde a vista podia alcançar do cimo da muralha de gelo, em direcção ao horizonte atraz do qual estava o polo sul e, talvez, o tunnel. Era tambem acompanhado de uma machina de ar liquido, que fazia girar quatro grandes rodas dentadas, duas na frente e duas atraz. Estas, quando o vento falhasse, cortariam o gelo e conduziriam os corredores do trenó sobre a planicie com a velocidade maxima de vinte milhas por hora. A machina, podia, de certo, utilisar-se conjunctamente com os papagaios quando o vento fosse brando.

Os tres outros trenós eram mais pequenos, mas similhantes em construcção e moviam-se do mesmo modo, tendo cada um os seus papagaios e a machina de ar liquido. Um levava uma reserva de provisões, boiões e carros de verga, com uma duzia de cylindros. Outro transportava os utensilios de cozinha e as barracas; e o terceiro os tres passageiros, com os seus pertences pessoaes, nos quaes, entre outras cousas desusadas, se incluiam uma lampada de alcool e um par de ferros de frisar e ondear o cabello.

Todos os trenós eram jungidos uns aos outros, indo na frente o maior. Seguia-se o carro dos papagaios, e no fim os outros dois ao lado um do outro. Para o caso de accidente, havia disposições que permittiam apanhar immediatamente o trenó que se perdesse. Os papagaios, se o vento soprasse a grande altura, podiam ser esvasiados e trazidos para baixo, por meio de cordas que tinham pendentes.

Corria uma brisa de vinte milhas quando os papagaios partiram, depois do almoço. Os trenós jungidos estavam presos por cabos a cavilhas enterradas no gelo. Os papagaios alcançaram uma altitude de cerca de mil pés, e os trenós começaram a levantar-se e a entesar os cabos da amarração como se fossem seres vivos. O professor e Princeps cortaram todas as cordas excepto uma antes de tomarem logar no trenó, por traz de Brenda. Então Princeps deu-lhe a faca, e disse:

«Partamos!»

Brenda passou, para traz e para deante, o gume afiado da faca sobre o cabo retesado. O trenó, como impellido por uma mola, partiu, e assim abalou a maravilhosa caravana, com um impulso tal que a fez cahir para traz sobre os assentos.

Os outeirinhos de gelo começaram a fugir para a retaguarda. Os vestigios deixados no gelo pelos velozes corredores iam-se estendendo, convergindo como as linhas dos carris quando, voltando-nos para traz, por elles alongamos a vista. O ar frio e penetrante fustigava os viajantes e depressa os obrigou a proteger as faces com mascaras de phoca, que deitaram abaixo dos seus capacetes; mas, ande Brenda puxar a sua, tomou um longo hausto do ar gelado e disse:

«Ah! Isto é o mesmo exactamente que beber champagne nevado! Que maravilha!»

Respirou novamente, puxou a mascara para o rosto, metteu um dos braços no braço do marido e o outro no do tio, chegou-os para si, e desde aquelle momento consagrou todos os olhares, que dardejavam atravez da lamina de crystal da mascara, áquella estranha paysagem, que ondulava ligeiramente, e para os grandes papagaios, que se erguiam elevando-se nos ares com uma brancura monotona que contrastava com o escuro azul do firmamento, e que velozmente os conduziam para o Desconhecido e, talvez, para o Impossivel.

(Conclue no proximo numero.)

A Inquisição

O PADRE ANTONIO VIEIRA julgado por ella

(Artigo fundado no respectivo processo inedito que se encontra na Torre do Tombo).

A prisão d'um jesuita pelo Santo Officio — O que pensaria Santo Ignacio de Loyola

CONTA-SE que, no dia primeiro de outubro de 1665, junto do tumulo de Ignacio de Loyola — o patriarcha da Companhia de Jesus — se sentira um estranho ruido, como de revolver agitado de cinzas; e sabe-se que n'esse dia, deu entrada nos carceres *de custodia* da inquisição de Coimbra o maior vulto do Portugal d'então, o jesuita Antonio Vieira.

Ao que parece o sonhador de Manresa não ficara satisfeito com o facto de lhe lançarem o descredito sobre um filho dilecto e sentira-se intimamente repeso dos esforços por elle feitos, havia já um seculo, em favor da causa inquisitorial.

Mais uma vez se lhe provaria que a Humanidade é toda do mesmo barro vil e que as papoilas mais altas são as que tiram a vista ás hervas damninhas e por isso são por estas sacrificadas e destruidas.

D'ahi a sua indignação que lhe fizera referver no sangue a parcella que restava ainda do heroico e intrepido defensor de Pamplona!

Quando o *Padre Mestre Ignacio*, como lhe chamam os documentos portuguezes do tempo, se dirigia a el-rei D. João III para o conciliar com o Summo Pontifice por causa da Inquisição, mal pensaria que volvidos muitos annos, sob as garras da sua protegida havia de cahir o Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus.

Um carcere insupportavel — Pedido de commutação desattendido

Antonio Vieira foi pois recluso no carcere da Inquisição de Coimbra e durante quarenta e quatro dias, tanto gemeu e penou que outro remedio não teve senão pedir que o transferissem para o seu collegio ou o internassem em qualquer convento de religiosos. O carcere do Santo Officio de Coimbra era humido e frio, muito exposto ao vento norte, e para mais Vieira tinha sido preso ainda em convalescença, já lá dentro tivera tres ameaças de recahida, com febre e hemoptyses e quando assim era no outomno, que faria em vindo os rigores do inverno?!

Além d'isso precisava de quem lhe escrevesse a allegação da sua innocencia, o que elle não podia fazer com a ameaça constante d'uma ethica, que o ia minando, e precisava d'uma copiosa livraria, principalmente de theologos e juristas, para o auxiliarem n'essa elaboração.

Nada d'isto porém lhe foi concedido e o Padre Antonio Vieira, conhecido pelo leitor illustrado dos seus sermões tão orthodoxos e as suas cartas tão moraes estava ali encerrado, como o ultimo dos blasphemos que negasse a divindade de Jesus ou cuspisse na hostia consagrada!...

Porque seria isso? De que o accusavam? E' o que nos respondem as suas

Denunciações

Vinha de longe o trama contra o grande orador sagrado.

Já em 19 de janeiro de 1649, Martim Leitão, um jesuita, lente de vespera de theologia, no collegio de Santo Antão, vinha denuncia-lo porque, em conversa comsigo e com o Padre Francisco Soares, lente de prima de theologia do collegio de Coimbra, fallara em possuir dois livros de prophecias, um intitulado *Vates*, que elle não lia por não serem catholicos.

No dia 20 de novembro de 1656 o prior da egreja da Magdalena, Jeronymo d'Araujo, tambem vinha declarar que em sua casa tinha fallecido um capitão Antonio Lameira que lhe afirmara ter ouvido proposições avançadas não só a Antonio Vieira como aos outros padres residentes com elle no Maranhão. E a 13 de abril de 1660, o jesuita André Fernandes, bispo do Japão, era intimado a mostrar no Santo Officio o escripto do Padre Antonio Vieira, intitulado *Esperanças de Portugal* que elle lhe remettera do Maranhão.

Com effeito no dia 16 era o manuscripto remettido á Inquisição com uma carta em que André Fernandes dizia que o seu auctor «falou só segundo sua opiniam ou affeiçam, que lhe fez avaliar ao Bandarra por profeta d'El-Rey Dom Joam, como a outros d'El Rey Dom Sebastiam.»

Esta foi a base da investigação e da accusação inquisitorial.

No entretanto, já de depois de preso, duas denunciações se fizeram contra elle. Uma de Manoel Ferreira, administrador geral do provimento da fronteira da Beira, a 2 de novembro de 1665 e outra do medico Fernão Sardinha.

Disse Manoel Ferreira que da primeira vez que o Padre Antonio Vieira foi a Hollanda, ao desembarcar na Rochella, tinha dito para elle e para o jesuita Antonio de Mello, que o acompanhava, quão util seria ao reino favorecer os christãos novos não fazendo caso d'elles não irem ás egrejas e de esperarem pelo Messias, chegando em tal sentido a apresentar memoriaes a D. João IV. A 30 de junho de 1666, o dr. Fernão Sardinha, medico da camara de El-Rei, vinha sobrecarregar-lhe as culpas, affirmando que ha dezaseis annos — como era fiel a memoria do delator! — lhe ouvira dizer, por occasião de uma doença de que o tratava, que para conservação do reino era necessario admittir n'elle publicamente os judeus.

D'esta forma ficou tambem o Padre Antonio Vieira como suspeito de judaismo.

O PADRE ANTONIO VIEIRA
(Copia de um quadro)

Qualificação do escripto de Vieira — Esperanças de Portugal

Assente a base da accusação o primeiro cuidado do Santo Officio foi definir a culpabilidade que para o illustre jesuita resultava da obra *Esperanças de Portugal*, *Quinto Imperio do Mundo*, *Primeira e Segunda Vida d'El-Rei D. João IV, escriptos por Gonçalo Annes Bandarra.*

Foi Frei Nuno Viegas quem em 12 de agosto de 1660, deu primeiramente o seu parecer, opinando que o melhor seria *manda lo recolher e sepulta-lo para sempre.* Entendia o qualificador que a proposição do Bandarra ser propheta verdadeiro era erronea, porquanto para isso era preciso ter elle revelação divina e não constava que as trovas do Bandarra fossem authenticadas pela Egreja.

Tambem o qualificador Frei Jorge de Carvalho foi intimado a examinar o livro do Pa-

dre Antonio Vieira que continha a explicação dos prophetas; com effeito, em 16 de abril de 1663, communicou, a proposito do livro *Clavis Prophetarum*, que Antonio Vieira estava compondo, que este lhe dissera, fundando-se n'uma epistola de S. Paulo, que a duração da Egreja se devia computar pela vida de Christo. Ainda outras cousas lhe affirmara, mas todas, referindo-se a um livro só existente *na sua memoria*.

Ao que parece porém os inquisidores reconsideraram. E a censura do escripto de Vieira, a principio determinada para os qualificadores de Portugal só foi depois exercida pela Sagrada Consagração do Santo Officio em Roma.

Assim tinha ella outra auctoridade e a Inquisição podia apresentar-se mais altiva e senhora de si, perante réo de tanto valor intellectual.

Os theologos romanos affirmaram pois que o escripto de Vieira não continha senão vaidades e falsas insanias — *vanitates et insanias falsas* e por aqui se calcula bem como os inquisidores portuguezes ficariam radiantes e satisfeitos!

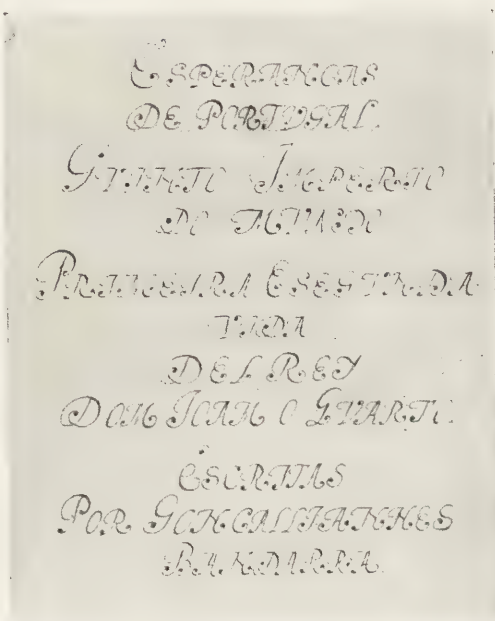
O primeiro interrogatorio de Vieira — Suas confissões — Jesuita e protector dos judeus — Jesuita e credulo nas prophecias do Bandarra

No dia 21 de julho de 1663 subia as escadarias da casa do oratorio da Inquisição de Coimbra o Padre Antonio Vieira, *religioso professo da Companhia de Jesus, assistente no collegio d'essa cidade*. Dava entrada na sala das audiencias pela manhã e promptamente jurava dizer a verdade e ter segredo. Quem o interrogava era o inquisidor Alexandre da Silva, nome assaz desconhecido, mesmo d'aquelles que mais se teem enfronhado na historia da epoca.

A primeira pergunta que lhe fizeram foi se suspeitava porque era chamado, a que Vieira respondeu negativamente. Em seguida perguntaram-lhe se, por palavras ou por obras, disséra alguma coisa, cujo conhecimento pertencesse ao Santo Officio.

Começam então as suas confissões:

O Padre Antonio Vieira disse que havia 14 ou 15 annos, na cidade de Lisboa, a instancias do deputado do Conselho Geral, Sebastião Cesar de Menezes, e do Conde Camareiro Mór, D. João de Sá, compuzéra um escripto politico, cujo principal assumpto era inculcar alguns meios mais proprios para a conservação d'este reino, entre os quaes era o acrescentamento do commercio fazendo favor aos homens de negocio e que este favor, quanto aos judeus fosse o que Sua Santidade lhes concedesse.

Confessou tambem que haveria 13 annos, por occasião da sua vinda de Hollanda, propoz a el-rei D. João IV, que, sendo verdade alguns christãos novos sahidos de Portugal passarem a viver no norte da Europa, e sendo

Frontispicio do original do escripto do Padre Vieira que principalmente fundamentou a sua condemnação

christãos verdadeiros tornarem-se judeus, perdendo-se assim suas almas e as de todos os seus descendentes, acrescendo que os Portuguezes eram tidos n'aquellas paragens como judeus, propoz o Padre Antonio Vieira certos remedios para tal. Quaes elles fossem não se lembra.

Sabe porém que o deputado do Conselho Geral, bispo de Elvas, Pantaleão Rodrigues Pacheco, não approvou esses meios e por isso nunca mais fallou no assumpto.

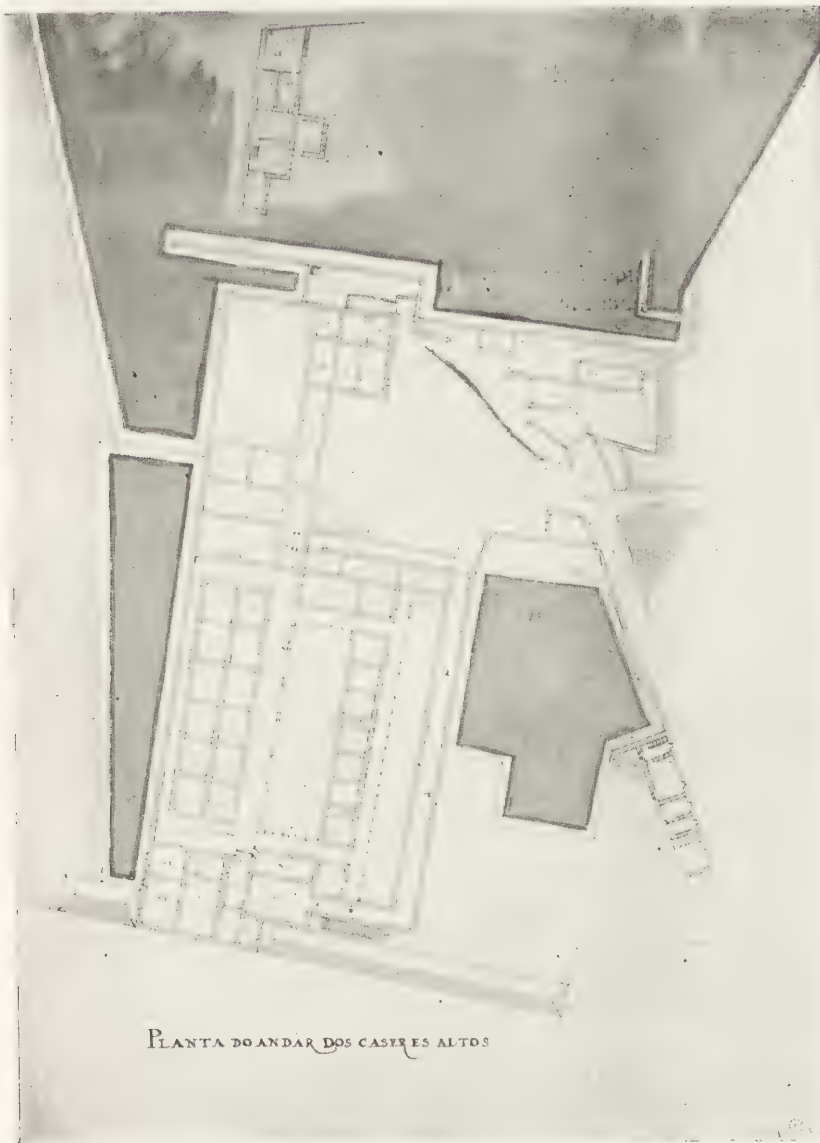
Disse mais que, de ha 20 annos para cá, em sitios e tempos de que não está lembrado, ti-

nha dito causarem-lhe tres cousas grande sentimento.

A primeira misturarem-se os christãos velhos, por casamento, com christãos novos; a segunda perderem-se muitas almas dos mesmos christãos novos por falta de doutrina e instrucção nos mysterios da santa fé; a terceira, que sendo o commercio nervo d'este reino, por estar nas mãos dos christãos novos, o lograssem os inimigos de Portugal, entre os quaes elles com medo da pena da confiscação, traziam todos os seus capitaes.

Para estes inconvenientes lembra-se de ter proposto que, para em Portugal se differençarem os verdadeiros christãos dos judeus, se poderia conceder a estes o terem liberdade de consciencia em algum logar ou logares d'este reino, e, depois de reduzidos ao dito logar ou logares e conhecidos por este modo, quaes eram judeus e quaes catholicos, se tomaria resolução, se convinha mais expulsar do reino, os que fossem judeus, se conserva-los n'elle, á semelhança do que se faz em Roma.

PLANTA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA NO SECULO XVII

Como se vê porém ainda o Padre Antonio Vieira não tinha chegado ao ponto de que o accusavam. E por isso o interrogaram vagamente se tinha escripto alguma coisa ácerca da resurreição de certa pessoa defunta e de varios successos futuros em que tinha de intervir a dita pessoa defunta, resuscitada antes da Resurreição universal. Vieira promptamente confessou que, haveria cinco annos, quando estava em Camutá, aldeia junto do Pará, tinha escripto uma carta ao confessor d'El-Rei, Padre André Fernandes, bispo do Japão, na qual pretendia provar tres pontos: primeiro que Gonçalo Annes Bandarra nas suas *Trovas* escrevera com verdadeiro espirito prophetico e

OUTRA PLANTA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA, NO SECULO XVII, A DO ANDAR DOS CARCERES ALTOS

Foi seguidamente interrogado se tinha prégado alguma vez as coisas que escrevera acabadas de confessar.

Vieira respondeu que, haveria oito annos, estando el-rei D. João IV nos paços de Salvaterra gravissimamente doente e já desconfiado dos medicos, elle dissera que, segundo o Bandarra, ou S. Magestade não havia de morrer, ou se morresse resuscitaria para obrar as cousas que lhe faltavam ainda fazer, segundo os vaticinios do conhecido Bandarra. Isto repetiu quando prégava no mesmo sitio, na capella real, em acção de graças pelas melhoras do rei e isto repetiu, prégando no Maranhão, nas exequias do mesmo monarcha. Accrescentou que, haveria trez annos, ainda no Maranhão, em cinco ou seis sermões, por occasião de pestes e guerras fallára em varios castigos e felicidades futuras que estavam para vir sobre a Igreja catholica, conforme diversos logares da Sagrada Escriptura.

E no fim das suas confissões foi intimado a não sahir de Coimbra sem licença do Santo Officio.

que por isso o movera, apezar de o não ter por propheta canonico; segundo, que elle tinha predito ácerca d'El-Rei D. João IV alguns factos já realisados e outros que ainda não tinham acontecido; terceiro, que, colhendo-se d'esse livro ser D. João IV o auctor de todas essas coisas e tendo já fallecido, devia Deus resuscita-lo antes da Resurreição universal.

Vieira confessou assim a paternidade do escripto *Esperanças de Portugal* que nos autos andava.

O Padre Antonio Vieira, obediente e humilde, só um pedido fez e foi que o não obrigassem a vir á Mesa antes de completamente convalescer.

Novos interrogatorios — O livro Clavis Prophetarum — O réo considera-se innocente

Foi essa a razão porque só a 25 de setembro elle foi novamente interrogado. O inquisidor Alexandre da Silva tinha-lhe recommendado que n'este intervallo *cuidasse muito em suas culpas* e Vieira, quando a isto se referiram, retrucou altivamente que não tinha culpas para confessar . .

Foi seguidamente interrogado em especial por causa do seu escripto *Esperanças de Portugal*, cuja paternidade, como já vimos não renegou. Entrou, porém, em explicações, dizendo que pelo facto de o ter escripto não tinha por certa nem infallivel a resurreição de D. João IV, nem tão pouco o Bandarra ser propheta verdadeiro e elle ter prophetisado que D. João IV havia de praticar muitas cousas que ainda não obrou nem pode obrar senão resuscitando. Vieira dizia ter apenas taes factos como moralmente provaveis E acrescentava terem sido tão publicos os effeitos do cumprimento de algumas das chamadas prophecias do Bandarra, o Santo Officio ter consentido que do pulpito abaixo lhe chamassem propheta, as suas trovas correrem impressas com approvação do mesmo, na sua sepultura existira um letreiro em que se dizia ter elle espirito prophetico o que muita gente douta e ilustrada affirmava, que por isso fez o escripto *Esperanças de Portugal*, nunca destinado ao publico, mas tão sómente para allivio da rainha viuva. Prégou o sermão de Salvaterra para mostrar como entendia que el rei havia de viver muitos annos afim de obrar as cousas que o Bandarra dizia d'elle e, se prégou no Maranhão as mesmas ideias, foi para consolar o povo desanimado em extremo com o falecimento de D. João IV.

Perguntado quanto á sequencia dos seus trabalhos litterarios disse que, de ha dez annos para cá, não se tem dedicado a taes trabalhos e sómente, por ordem dos seus superiores, quando para isso tinha occasião, tratava de limpar alguns dos seus sermões para os dar á impressão. E accrescentou que antes d'isto, de 18 annos a esta parte, anda estudando e compondo um livro que pretende denominar *Clavis prophetorum* e escreve-lo em latim, cujo principal assumpto e materia é mostrar por algumas proposições, com logares da Escripra e santos, que na egreja catholica ha-de haver um novo estado differente do passado, no qual todas as nações do mundo hão de crer em Christo e abraçar a nossa fé e então será tão grande a graça de Deus que todos ou quasi todos os homens se salvarão para se fazer o numero dos predestinados. Nesta hypothese ficam-se correntemente entendendo as prophecias de todos os prophetas canonicos quer da lei velha, quer da nova.

Ainda Vieira disse que tencionava escrever outro livro intitulado *Conselheiro secreto*, destinado a converter os judeus, impugnando-lhes os motivos que teem para seguir a religião moysaica.

Voltando ainda ao *Clavis Prophetarum*, foi-lhe perguntado quaes as fontes d'esse estudo, respondendo elle que teem sido, principalmente a Sagrada Escriptura, não se servindo para elle de nenhum dos livros prohibidos.

Até aqui muitas poderiam ser as conjecturas feitas pelo accusado sobre o fundamento da sanha inquisitorial contra elle. Era systema do Santo Officio deixar expandir os réos em considerações comprommettedoras para depois cahir sobre elles como a aranha sobre a mosca desprevenida.

Foi por isso que só nesta altura lhe declararam o motivo da sua vinda ao Santo Officio.

O seu escripto *Esperanças de Portugal* fôra considerado não só como temerario, escandaloso, injurioso e sacrilego, mas tambem como offensivo dos ouvidos religiosos — *piarum aurium* — erronio e *sapiente* a herezia. Especificaram-lhe então as proposições seguintes: — O dizer que o acontecimento das cousas é causa adequada e como regra dada por Deus no Deutoronomio para conhecer o verdadeiro propheta alumiado por Deus; o dizer que o Bandarra verdadeira e indubitavelmente prophetisou os futuros, interpretando o Padre Vieira as suas palavras, depois de taes factos terem acontecido (aqui carregou a censura inquisitorial), o que é temerario, fatuo, improvavel e escandaloso. Terceira proposição censurada: equiparar a resurreição particular d'el-rei D. João IV, tirada dos versos do Bandarra, com a certeza da fé que Abrahão teve da resurreição de Isaac no caso de o sacrificar; isto era erroneo e — para lhe não tirarmos o sabor theologico — *sapit haeresim*, sabe a heresia, affirmavam os inquisidores.

Depois d'esta explicação perguntaram a Vieira se queria estar pelas censuras, conformando-se com ellas. Porém, elle, respondeu que não e pelo contrario pretendia explicar as proposições que affirmara, tanto mais que as escrevera só para leitura do Padre André Fernandes, bispo do Japão e por isso lhe não pôz todas as explicações devidas. Todavia se o Santo Officio, apoz a sua resposta, entendesse ficarem essas censuras de pé considerar-se-hia sujeito *a tudo o que o Santo Officio lhe mandar como bom e fiel catholico que he.*

No emtanto ainda um mez depois Antonio Vieira, perante o inquisidor Alexandre da Silva affirmava bem alto que não tinha culpas para confessar e como taes não considerava as cousas confessadas, porque as tinha escripto e proferido *com mui pura intenção.*

Era o cumulo da pertinacia.

Na phrase inquisitorial *o réo julgava-se innocente!*

Mais interrogatorios — A sua genealogia — Vieira obrigado a dizer o Padre Nosso, de joelhos, deante dos inquisidores — O que entende por Quinto Imperio do Mundo — O sonho de Vieira.

No dia 20 de outubro foi perguntado pela sua filiação, naturalidade, etc., tudo perguntas do estylo. Vieira declarou-se natural de Lisboa, nascido na rua das Conegas, freguezia da Sé, filho de Christovão de Vieira Ravasco, fidalgo natural de Santarem e de D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa, ambos moradores na Bahia. Mas não se ficaram aqui as perguntas dos inquisidores. Desejaram saber quem eram os seus avós, o que Vieira satisfez, respondendo que o seu avô paterno se chamava Balthazar Vieira Ravasco, natural de Moura, e o seu avô materno Braz Fernandes de Azevedo, natural de Lisboa.

Depois de interrogado sobre os irmãos e de se dizer afilhado de baptismo do conde de Unhão, Fernando Telles de Menezes e que na egreja dos Martyres tinha sido chrismado, foi interrogado sobre doutrina christã. Ao Padre Antonio Vieira, o grande orador sagrado do seculo XVII, faziam-se na Inquisição perguntas aviltantes e deprimentes do seu extraordinario saber, das suas crenças tão enraizadas e fixas. Não phantasiamos. Os autos rezam:

E logo foi mandado por de giolhos e se persignou e benseo e disse a doutrina christam a saber: o Padre Nosso, Ave Maria, Creio em Deus Padre, Salve Rainha, os Mandamentos da lei de Deus e os Mandamentos da Santa Madre Igreja, e terminam: *e tudo disse bem!!!*

Cincoenta e cinco annos de altos serviços ao paiz, cincoenta e cinco annos de tanta dedicação pela sciencia que o collocavam num logar privilegiado, eram examinados — como hoje o mais humilde alumno de instrucção primaria — em doutrina christã!...

Que importava que Vieira pertencesse ha mais de vinte annos á milicia de Ignacio de Loyola? Que importavam os seus elevados serviços á corôa portugueza em Haya, Paris e Roma?

Tanto como as suas missões no Maranhão; tanto como o ser pregador d'el-rei D. João IV.

Depois d'isso o interrogatorio dirigiu-se para o seu tão discutido escripto e em especial para a parte do titulo chamada *Quinto Imperio do Mundo.*

A este proposito perguntaram a Vieira quaes os imperios que tem havido, se ha-de haver mais algum, em que tempo e em que parte do mundo. Vieira, referindo-se á visão da estatua de Nabuchodonosor disse ser ella interpretada pelos doutores como significando quatro imperios: o dos Assyrios, o dos Persas, o dos Gregos e o dos Romanos. E, quanto áquelle em que fallava no seu escripto, não tem certeza alguma, mas, pelas suas leituras, parece-lhe que o imperio de que trata hade começar com a extinção do allemão chamado então romano e pertencente á casa d'Austria.

Uma qualidade terá elle sempre: ser catholico romano, mais que nenhum outro. Durará até á vinda do Anti-Christo, cujo imperio será o ultimo antes de se acabar o mundo,

A frente do quinto imperio entendia o padre Antonio Vieira que estaria el-rei D. João IV resuscitado.

Como elle sonhava! Mas o estorninho pretendeu offuscar os vôos da aguia. O que Vieira dizia era erroneo e o inquisidor Alexandre da Silva expoz-lhe então a doutrina tida como orthodoxa a proposito da interpretação da estatatua de Nabuchodonosor. O quinto imperio deve ser o do Anti-Christo, pois que o quarto é o dos Romanos que *depois da vinda do Christo ficou sendo do mesmo Senhor e da sua igreja.*

Vieira defende a veracidade das Prophecias do Bandarra — Má interpretação que elle dá á Sagrada Escriptura.

O interrogatorio do dia 3 de novembro de 1663 constituiu o quarto exame feito ao P.e Antonio Vieira, a proposito do seu escripto.

O celebre Bandarra foi principalmente o thema escolhido.

Quanto ás suas trovas, Vieira confessou te-las como escriptas com revelação divina e que o Bandarra tinha fallado com verdadeiro espirito prophetico.

«Elle predisse e anteviu coisas futuras contingentes e dependentes do livre alvedrio e teve, conseguintemente, o lume superior, para isso precisamente necessario».

O fundamento que teve para assim lhe parecer, são os effeitos succedidos; tantos foram e tão continuados e ordenados pelo mesmo modo que o Bandarra os predissera!

A resurreição do rei D. João IV, tinha, não só fundamento nas trovas de Bandarra, como tambem em diversos logares da Sagrada Escriptura e nas predicções de alguns santos, como S. Francisco de Paula.

Uma parte do interrogatorio versou sobre o caracter theologico do propheta verdadeiro. Vieira entendia que, «se o successo fôr de cousas tantas e taes que não possam ser an-

A DEFEZA DO PADRE ANTONIO VIEIRA APRESENTADA AO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO
A SUA PRIMEIRA PAGINA

tevistas por entendimento creado, bastará para qualificar o verdadeiro espirito de prophecia». Isto apezar do que diz o Deutoronomio.

Em audiencias successivas foi interrogado, ouvido e admoestado para declarar a tenção que tivera em compôr o tal papel até que, em 5 de abril de 1664, lhe fizeram a ultima admoestação antes do libello. A essa, como ás antecedentes, Vieira respondeu não ter culpas para confessar.

O libello accusatorio

Por isso, depois de fazerem pôr em pé o réo, procedeu o promotor á leitura da sua accusação em nome da justiça, auctor.

Imagina-se bem, pelo que temos escripto, a qualidade de factos allegados contra Vieira.

Apezar de religioso e de theologo de profissão no seu escripto *Quinto Imperio do Mundo* declarou como prophecias certas umas trovas quaesquer e que certa pessoa havia de resuscitar antes da Resurreição universal, prégando nos seus sermões varios castigos e felicidades futuras que viriam sobre a egreja catholica, cuja duração e successos se haviam de regular com os que Christo teve no decurso da sua vida.

Deu o tal falso propheta como illuminado por Deus, dizendo ser de fé a resurreição por elle predicta, e que, depois de resuscitada, essa pessoa—D. João IV—appareceriam as dez tribus de Israel, apresentadas então ao Summo Pontifice e haveria tambem a reducção universal do mundo.

Não quiz o réo — assim se lhe chama no libello — estar pela censura inquisitorial e nas razões com que se pretendeu defender ainda aggravou mais as suas culpas, porque o 5.º imperio ha-de ser o do Anti-christo, conforme a verdadeira doutrina dos Santos Padres.

De certo tempo a esta parte disse o réo, depois de haver dito que os annos da duração e successos da egreja se haviam de medir pelos da vida de Christo, e haver paz universal no mundo, acrescentou que, reduzido este á fé de Christo havia de durar mil annos, tendo Deus preso o diabo para que não tentasse a gente, como consta de certo logar da Escriptura que allegou; e o mundo viveria então em paz á imitação do estado da innocencia, sem os peccados que agora se veem, e que depois, havendo de vir o Anti-christo, se tornaria a soltar o diabo.

Affirmou tambem que nos sobreditos mil annos, sendo tanta a gente sancta se egualaria o numero dos predestinados e reprobos; foi isto o que Christo nos quiz indicar na parabola das Virgens, que sendo dez, cinco se salvaram e cinco se perderam.

O promotor termina finalmente o seu libello

UMA CARTA INEDITA DO PADRE VIEIRA PARA O INQUISIDOR GERAL
TEM NO FUNDO A SUA ASSIGNATURA

pedindo que o réo *seja castigado com as mais graves penas que por direito em tal cazo merecer e em tudo feito inteiro cumprimento de justiça.*

A defeza de Vieira — A sua doença

Dos dois procuradores que lhe nomearam foi o licenciado Antonio Dias Cabreira quem

escreveu a defesa de Vieira. Nella, protestando que não quer defender o seu escripto, mas sómente explica-lo, pede o tempo necessario para o fazer por escripto, o que não pode ser com tanta brevidade como deseja por estar *em cura de uma enfermidade tão larga e perigosa e tão contraria á aplicação do estudo como de haver lançado muito sangue pela bocca!*

Isto passou-se a 5 d'abril de 1664.

Em 23 de dezembro foi chamado o Padre Antonio Vieira a audiencia.

Parecia já grande a demora; e por isso lhe perguntaram se queria apresentar a sua defesa escripta, pela qual se esperava havia já nove mezes!

Vieira mostrou então trinta cadernos, escriptos alguns com a sua letra, mas que não encerravam ainda toda a sua defesa.

Para a concluir, pretextando as suas repetidas doenças, *sangrias, purgas e banhos,* pediu o Padre Vieira uma moratoria de seis mezes. Porém o inquisidor Alexandre da Silva, por expressa determinação do Conselho Geral, assignou-lhe termo até á Paschoa de 1665, para o apresentar. Ainda então a não tinha prompta e á citação que lhe fizeram, respondeu da quinta de Villa Franca, perto de Coimbra, que tinha estado quatro mezes na cama e por isso, quando podesse, iria pessoalmente dar conta de si.

Por esta occasião, a 5 de setembro, o Conselho Geral ordenou que, em vista da dilação havida na causa, se junctasse a defesa do réo, fosse qual fosse o estado em que se encontrava. Não foi certamente com contentamento que Antonio Vieira recebeu tão positiva intimação e, allegando que *legitime impedito non currit tempus* e que lhe *tinham pedido conta não só do que dissera ou escrevera senão quantos livros teve pensamento de escrever* requereu que lhe dessem o tempo *moral e proporcionadamente necessario.*

Apezar d'isso e do réo ser visto pelo meirinho na quinta de Villa Franca *encostado a um bordão; ainda macilento do rosto e fraco ao que mostrava na presença e modo de fallar,* em 14 de setembro, indefiriram-lhe o requerimento, sendo mandados concluir os autos.

Sentença dos Inquisidores de Coimbra contra Vieira — O seu protesto junto do Conselho Geral

N'esse mesmo dia, 14 de setembro de 1665, os inquisidores de Coimbra, Manoel Pimentel de Sousa e Alexandre da Silva, assim como os deputados João d'Azevedo e Pedro Ribeiro do Lago, examinaram detidamente o processo e, depois de fazerem um relatorio das culpas confessadas por Vieira, e de se referirem á *altivez e presunção* d'elle — querendo, na interpretação da Sagrada Escriptura, affastar-se das opiniões mais geralmente seguidas pelos doutores catholicos — frisam o facto de, em alguns dos seus escriptos, persuadir El-Rei D. João IV a conceder no seu reino o exercicio livre do judaismo.

Por isso tudo, devia o reo ouvir a sua sentença na mesa do Santo Officio, diante dos inquisidores, deputados, promotor e notarios, e nella se lhe devia mandar que não tratasse mais por escripto nem oralmente *directe nec indirecte,* das materias a que se referiu nas proposições censuradas, sob pena de que, fazendo o contrario, seria mais rigorosamente castigado.

Devia ser privado de *vox activa e passiva,* suspenso do officio de prégar até mercê do Conselho Geral, e recolhidas todas as copias do seu escripto *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo.*

A sentença devia tambem ser lida ao réo no collegio da Companhia de Jesus, na casa que o reitor ordenasse, perante elle e doze dos mais graves e sisudos religiosos.

Finalmente os inquisidores ponderavam os motivos que tiveram para não usarem com o Padre Antonio Vieira do rigor da abjuração. Elle fizera taes protestos em sua defeza, de estar pela determinação e censura do Santo Officio, no caso de este lh'a dar e além d'isso viria para a sua ordem tal descredito, para mais injustificado, visto que os seus principaes membros não approvavam o escripto de Vieira, que os Inquisidores de Coimbra, cheios da benevolencia evangelica de Jesus, lhe fizeram sómente a condemnação que se acaba de ler.

Por uma fatal, ou quiçá propositada coincidencia, á hora a que se estava lavrando a sua sentenca esperava o Padre Antonio Vieira na sala e só pedia audiencia depois do seu processo ter sido despachado pelo correio para o Conselho Geral.

Dois fins tinha elle tido em vista ao solicita-la: um, entregar os cadernos em que tinha escripto a sua defeza, defeza ainda incompleta e outro pedir que lhe concedessem mais tres ou quatro mezes para a ultimar.

A resposta ao requerimento verbal de Vieira foi secca e rispida: se quizesse, que deixasse

ficar os seus cadernos e, quanto ao resto, não tinham por ora que deferir.

Bem se deixa ver o estado de animo dos inquisidores e, como reacção contra elles, a disposição de espirito em que se encontraria Vieira.

Tão boa ou tão má que, no dia 21 de setembro, era presente em Lisboa ao Conselho a seguinte carta ainda inedita dirigida ao Inquisidor Geral:

Senhor meu. Não conheço a Pessoa de V. M. mais que por fama, como V. M. a mim por delitos: Os quaes devem estar tam mal reputados nesse sagrado tribunal, como se vê pelos apertos com que sou instado a despeito da saude e da propria vida. Se eu tivera liberdade para ser ouvido, pode ser que se tivera outro conceito de minha justiça; cujo melhoramento espero por mãos de V. M. no breve despacho dos requerimentos inclusos. V. M. dará a esse debil papel o espirito que falta as rasoens escritas ainda quando he a alma dellas a mesma verdade. Custou-me cuspir de novo sangue o escrevello com tal pressa. E parece que meu estado merecia compaixão quando não favor. Em todo o que V. M. fizer a esta causa terá V. M. o merecimento dos que favorecem aos desemparados e perseguidos, e o de muitas obras de grande serviço divino que do bom expediente della estão pendentes. De my não offereço nada, porque não sou nada, mas se algum dia tiver ser, terá V. M. em my hu muy obrigado servo. Deus guarde a V. M. muitos annos como desejo e hei mister. Coimbra 21 de setembro de 1665, capellão de V. M. Antonio Vieira.

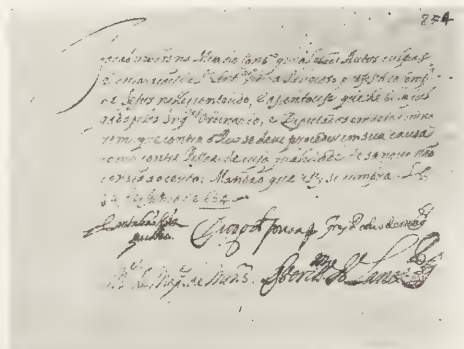
As revelações de Vieira — É violentado — Quaes os seus inimigos

Junctamente com a carta a que acabámos de alludir ía uma exposição do que com elle se passava.

Nella se lamenta Vieira do seu precario estado de saúde que tinha obrigado os medicos a aconselharem-lhe os ares maritimos e da grande *molestia pessoal e perigo do seu credito* que havia soffrido em ir ao Santo Officio. Ahi accusavam-no não só pelo que tinha escripto, como tambem pelo que tivera pensamento de escrever. Não lhe davam as proposições incriminadas separadamente e davam-lhe, como procurador da sua causa um advogado a quem tinha de dictar a contestação!

Entretanto nova enfermidade o obrigou a retirar para a quinta de Villa Franca e, quando foi intimado a apresentar a sua defesa até á Paschoa da Resurreição, Vieira replicou que não podia assignar um termo em que se lhe mandava cousa impossivel. Estava presente o inquisidor Alexandre da Silva; e este disse-lhe promptamente que visse em que se mettia, acrescentando outras palavras de ameaça.

Era a violencia a exercer-se sobre o grande tribuno; era a pressão inquisitorial a manifestar-se; tinha de o assignar por força!...

Mas não parava aqui; dizia-se-lhe que elle não podia argumentar com a sua falta de defesa, fallava-se-lhe no anno e meio para isso decorrido e comtudo as suas graves enfermidades reduziam-no apenas a quatro mezes!

Parecer do Conselho Geral do Santo Officio determinando que se proceda contra o Padre Vieira como contra pessoa de cuja qualidade de sangue não consta ao certo

Quatro mezes em que para acabar os livros que lhe eram necessarios, teve de ordenar a livraria do collegio da Companhia em Coimbra, que constava de perto de 6000 volumes, pois parte da sua tinha-se perdido num naufragio e o resto d'ella, com grande parte dos seus papeis e estudos, ficará no Maranhão. Quatro mezes em que tinha necessidade de mandar vir livros da livraria do collegio de Evora, da do collegio de Santo Antão, da livraria real, d'outras particulares e ainda de Roma e França!

Suspeitavam-no de querer dilatar a revolução da sua causa e todavia, quando estava na cama, tinha escondidos os livros por onde estudava as materias da sua defesa e esta dila-

ção era-lhe sobremaneira prejudicial. Tinha impedida a impressão de muitos tomos de sermões, que de todas as partes da Europa lhe pediam e cujos interesses eram destinados ás missões do Maranhão. Sem esse dinheiro padeciam lá os missionarios grandes privações e, aproveitando-se do seu impedimento, tinham em Castella impresso dois livros dos *Sermões* por varias copias manuscriptas tomadas de memoria, com infinitos erros e por palavras não suas.

Esqueciam-se os inquisidores de que Vieira apresentava, acerca da interpretação da Sagrada Escriptura, materia completamente nova e, tão interessante a achavam algumas pessoas doutas, que entendiam dever haver, para a sua qualificação, um concilio ecclesiastico!

Requeria portanto que lhe prorogassem o praso para entrega da sua defesa, permitindo faze-la oralmente, e entregando-lhe os apontamentos que lhe haviam já tomado.

Por ultimo Antonio Vieira requeria que sobre o assumpto não sejam consultados theologos suspeitos para elle. Não lhe faltavam inimigos dentro e fora da Companhia de Jesus. E, se individualmente os não podia citar, podia genericamente apontar como seus desaffeiçoados: os religiosos do Carmo, pelas controversias que com elles teve no Maranhão, sendo elles que principalmente moveram a sua expulsão e dos mais religiosos da Companhia que lá estavam, por haverem tido á mão uma carta em que Vieira informava contra esses religiosos el-rei D. João IV; os dominicanos, por haverem entendido que Vieira, num sermão prégado na Capella Real, reprovára o seu modo de prégar apostillado, escrevendo contra elle então diversos papeis; finalmente os ministros da Curia Romana.

Quanto a estes, o padre Antonio Vieira frisava melhor os seus motivos de suspeição, que em especial versavam sobre a critica que elles poderiam fazer ao *Quinto Imperio*.

Nesse escripto falava em castigos de Italia e invasão da cidade de Roma, o que, certamente, não é sympathico áquelles que poderiam ser victimados por elles; pretendia provar que o reino de Portugal viria a ser imperio universal, o que é odioso para todos os estrangeiros e, em especial, para aquelles ministros, que no espaço de 25 annos se tem conhecido quão pouco inclinados são aos interesses de Portugal, e *mais castelhanos, no affecto que os proprios castelhanos!*

A manha inquisitorial — A Congregação do Santo Officio de Roma censora do Padre Antonio Vieira — Ainda persiste na crença do Bandarra.

Já dissémos que foi a Congregação do Santo Officio de Roma que fez a censura do escripto de Vieira. Todavia só agora isso lhe communicaram depois de realisada a sua prisão.

Assim respondia o Conselho Geral do Santo Officio ao protesto do Padre Antonio Vieira.

Imagina-se bem o effeito moral das duas desagradaveis surprezas que o mez d'outubro de 1665, lhe trouxe: uma, a sua prisão, a que no começo d'este artigo se assistiu, outra a declaração da qualidade dos seus censores que promptamente lhe fez acceitar e acatar a censura feita. Mas como, apezar d'isso, pedisse livros e licença para rever o que, em sua defesa, tinha escripto, o *Conselho* mandou que o inquisidor Alexandre da Silva lhe fizesse notar não ser coherente com a sua declaração de obediencia á congregação romana, o pedir livros para insistir na sua defesa.

Foi-lhe então dado como procurador o Licenciado Antonio Baptista Pereira.

No emtanto Antonio Vieira teimava em se reportar ás prophecias do Bandarra.

Numa das audiencias em que foi interrogado affirmava elle que «a roda que agora o tinha abatido o poderia tornar a levantar, porque em hua das suas trovas dizia, o Bandarra:

Vejo hum alto engenho em hua roda triunfante,

dizendo varias pessoas que esse alto engenho era elle Padre Antonio Vieira».

Procedeu-se depois á qualificação da sua defesa.

Fr. Philippe da Rocha qualificou-a, em 8 de agosto de 1666, dizendo que o seu auctor «cego de tanta soberba e presumção, cuida que remedea com o que representa, e o seu remedear, he remendar». E mais abaixo: «O seu retratar-se de tudo quanto tem ditto não he liso, porque diz que as proposições que proferio erão sãs e boas.»

E successivamente D. Duarte de Santo Agostinho, frade de Santa Cruz de Coimbra e Fr. Domingos Freire, do collegio de S. Thomaz, classificavam noventa e nove proposições que lhes eram enviadas, dizendo que as proferira uma pessoa religiosa e douta.

Egualmente procedem Fr. Bartholomeu Ferreira, frade do convento de S. Domingos, Fr. João de Deus do convento de S. Francisco e o Dr. Fr. Christovão d'Almeida.

Depois d'isso em nada menos de vinte oito audiencias o Padre Antonio Vieira é larga e capciosamente interrogado até que, depois de haver suspeita de lhe correr nas veias uma gota de sangue hebreu, o *Conselho Geral* determina que contra elle se deve proceder *como contra Pessoa de cuja qualidade de sangue não consta ao certo!!*

Por tudo isto, emfim, a 23 de dezembro de 1667 proferiram-lhe a sua final

Sentença

Nella, depois d'um comprido relatorio, attendendo-se a que o Padre Antonio Vieira se tinha desdito e retratado das suas proposições «mandam que o dito Réo Padre Antonio Vieira ouça sua sentença na sala do Santo Officio na forma costumada perante os Inquisidores, mais ministros e officiaes, algumas pessoas religiosas e outras eccleziasticas do corpo da Universidade e seja privado para sempre de voz activa e passiva e do poder de prégar, e recluzo no collegio ou casa de sua religião que o Santo Officio lhe assignar de onde, sem ordem sua, não sahirá; e que, por termo por elle assignado se obrigue a não tractar mais das proposições de que foi arguido no discurso da sua causa, nem de palavra nem por escripto, sob pena de ser rigorosamente castigado; e que depois de assim publicada a sentença o seja outra vez no seu collegio desta cidade por hum dos notarios do Santo Officio em presença de toda a communidade».

Assim procedia a Inquisição com um religioso da Companhia de Jesus, theologo, e mestre de Theologia, Prégador de El-Rei de Portugal, e ministro seu na curia romana e outras côrtes, confessor nomeado do Sr. Infante, superior e visitador geral das missões do Maranhão com os poderes de seu Geral, e tão benemerito da Igreja que durante dez annos se empregou na conversão dos gentios, tendo tido muitas e muitas vezes disputas com os herejes em França, Hollanda, Inglaterra e noutras partes.

Assim se vexava, ultrajava e condemnava, por instigação dos seus emulos, o grande orador sagrado que na nossa historia litteraria se chamou Padre Antonio Vieira.

Antonio Baião.

AMPULHETA DA INQUISIÇÃO DE LISBOA

Summario dos capitulos I a IV

Sherlock Holmes, o tão celebre DETÉCTIVE *é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso — : O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima indicios contradictorios. — Volta á tela a* LENDA DO CÃO FANTASMA. — *Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A sollicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na larcira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nóvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando comsigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do* TIMES.

CAPITULO V

Três fios partidos

HERLOCK HOLMES dispunha, em notavel grau, do poder de alhear o espirito a seu bel prazer.

Pelo espaço de duas horas pareceu haver-se-lhe obliterado de todo o singularissimo caso em que andaramos involvidos, e absorver-se integralmente na contemplação dos quadros dos mestres belgas modernos. Falou apenas em Arte, ácerca da qual nutria as mais cruas ideias, desde que saímos da galeria até nos encontrarmos no Hotel de Northumberland.

— Sir Henry Baskerville está lá em cima, á espera dos senhores, declarou o escriturario. Recommendou-me que os encaminhasse para lá assim que chegassem.

— Não põe duvida em que eu lance a vista pelo seu registo? indagou Holmes.

— Está ao seu dispôr.

O livro manifestava o haverem-se inscrito mais dois nomes depois do nome de Baskerville. Um delles era o de Teófilo Johnson e familia, de Newcastle; o outro o de Mistress Oldmore, e criada, de High Lodge, Alton.

— Querem ver que será aquelle Johnson que eu em tempos conheci, disse Holmes ao escripturario. Advogado, pois não é, cabello já grisalho, e que coxeia um quasi nada!

— Não, senhor, este outro senhor Johnson é negociante de carvão, um sujeito muito activo, e que andará pela sua edade, senhor Holmes.

— O senhor, com certeza, está equivocado quanto á profissão do homem.

— Não estou; é fréguês cá da casa, ha muito anno, e muito nosso conhecido.

— Ah! sendo assim... E esta Mistress Ol-

dmore, tambem; o nome não me é estranho. Queira desculpar a minha curiosidade, mas quanta vez não succéde andarmos em busca duma pessoa e encontrarmos outra?

— E' uma senhora muito doente.

TRAZIA NA MÃO UMA BOTA VELHA, MUITO SUJA DE POEIRA

O marido foi em tempo presidente da camara em Gloucester. Quando vem á cidade, hospeda-se sempre cá no hotel.

— Obrigado; mas está-me a parecer que a não conhecerei. Viemos no conhecimento de um facto muito importante com estas perguntas, Watson, proseguiu, em voz baixa, ao subirmos outro lanço da escada.

Ficámos scientes de que o individuo, ou individuos, tão interessados pelo nosso amigo não se acham hospedados neste hotel. O que quer dizer que, comquanto o vigiem com anciedade, não tem a mesma ancia em serem vistos por elle. O que representa um facto sugestivo, em extremo.

— E que é que sugére?

— Sugére... houla, meu caro, que mais teremos por ahi?

Ao tornearmos o patim da escada, démos de rosto com sir Henry Baskerville, em pessoa. Vinha rôxo de colera, e trazia na mão uma bota velha muito suja de poeira. Vinha furibundo a ponto de mal poder articular, e quando falou, expressou-se num dialecto muito mais cerrado e oeste-americano do que lhe tinhamos ouvido pela manhan.

— Está-me a parecer que me tomaram para carniça, neste hotel, conclamou. Pois que se acautelem, mal sabem elles a besta com que se meteram.

Raio do diabo! se aquelle patife não me desencanta a bota, o caso hade dar brado. Não sou cara que desconfie, assim, á primeira, sr. Holmes, mas elles desta vez carregaram-lhe a manta.

— Ainda anda em procura da sua bota?

— Pudéra não! E heide encontrá-la.

— Mas, se bem me recordo, o senhor declarou que era uma bota nova, de côr?

— Está visto que era. E esta é preta e muito velha.

— Ora essa... diz, então, o senhor?...

— Digo e repito... que tinha apenas três pares de botas neste mundo, — as novas, de côr; as velhas, pretas, e as de polimento que trago nos pés. Hontem á noite bifaram-me uma bota de côr, e hoje impingem-me este cangalho, preto, em logar da outra. E então, já appareceu? Desembuche, homem, que está você para ahi pasmado, a olhar para mim?

Entrára em scena um criado alemão, muito atarantado.

— Não, senhor; fartei-me de rebuscar quantos cantos tem o hotel, mas ninguem me sabe dar conta da bota.

— Muito bem! Ou a bota apparece até á noite, ou vou ter com o gerente e declaro-lhe que viro as costas a este raio deste hotel.

— Hade encontrar-se, meu senhor, tenha

paciencia, e esteja certo de que a sua bota hade apparecer.

—E bem póde—pois é o ultimo traste meu que se perde neste covil de ladrões. — Queira desculpar, senhor Holmes, o eu havê-lo incommodado por semelhante ninharia...

-E a mim parece-me que o caso merece bem o incommodo.

— Ora essa! O senhor, pelos modos, toma-o muito a sério.

— E como é que o explica?

— Nem sei, nem tento explicá-lo. E' a partida mais damnada e mais esquisita de quantas me tem acontecido, em minha vida.

A mais esquisita, sim... talvez, commentou Holmes, pensativo.

— E o senhor, que deduz daqui?

— Eu lhe digo, não nutro a pretensão, por emquanto, de ter destrinçado o misterio. Este seu caso é complicadissimo, sir Henry. Acceito em conjuncção com a morte de seu tio, estou em dizer, até, que, entre os quinhentos e tantos casos que me passaram pelas mãos, nenhum haverá tão arrevezado, temos porém na mão diversos fios, e é de suppor que um ou outro nos sirva de guia no caminho da verdade. E' possivel o desperdiçarmos tempo em seguir o rastro errado, mais tarde ou mais cedo, contudo, havemos de topar com o verdadeiro.

Lanchámos aprazivelmente e pouco se disse a respeito do negocio que alí nos congregára. Apenas no acto de nos transferirmos para a salinha reservada de sir Henry, eis quando Holmes indagou deste quaes eram as suas intenções.

— Ir para o Solar de Baskerville.

— Quando?

— Lá para o fim da semana.

— Bem ponderado o caso, disse Holmes, afigura-se-me sensata essa sua resolução. Tenho provas manifestas em como o senhor em Londres anda vigiado, e entre os milhões de habitantes desta vasta cidade, é difficultoso descobrir quaes os individuos que o espreitam e quaes sejam seus fins. Se acaso as intenções destes são malevolas, poderiam fazer-lhe por ahi alguma perraria, e nós, impotentes em o evitar. Talvez não saiba, doutor Mortimer, que lhe seguiram o rastro esta manhan ao saír de minha casa?

O doutor Mortimer deu um pulo, sobresaltado. — Seguiram-me? Mas quem?

— Quanto a isso, não lho sei dizer, infelizmente. Entre os seus convizinhos e conhecidos lá em Dartmoor não se recorda de nenhum com barba preta, cerrada?

— Não, senhor... deixe-me ver... agora, agora! O Barrymore, mordomo de sir Charles, é um individuo de barba preta, muito farta.

— Ah! E onde pára esse tal Barrymore?

— Tem a seu cargo a mansão.

— Não será mau o certificarmo-nos, primeiro, se de facto ali estará, ou se por qualquer eventualidade se achará em Londres.

— Mas como hade ser?

— Dê-me dahi um telegramma em branco. «Acha-se tudo pronto para a recepção de sir Henry?» E' quanto basta. Endereçado ao senhor Barrymore, Mansão de Baskerville. Onde fica a estação telegrafica mais proxima? Grimpen. Muito bem, manda-se outro telegrama ao inspector do correio, Grimpen: «Telegrama para o senhor Barrymore, para ser entregue em mão propria. Se estiver ausente, queira responder pelo telegrafo a sir Henry Baskerville, hotel Northumberland». E' o meio de ficarmos sabendo, antes do anoitecer, se Barrymore se acha, ou não, no seu posto, em Dévonshire.

— Tal qual, commentou Baskerville. A proposito, doutor Mortimer, quem vem a ser esse tal Barrymore?

— E' filho do antigo feitor, já falecido. Ha quatro gerações que essa familia tem a seu cargo olhar pela Mansão. Segundo me consta, tanto elle como a mulher constituem um casal honradissimo, e considerado como tal por todo o condado.

— O que não tira que essa gente, insinuou Baskerville; agora que ninguem da familia reside no solar, estão disfrutando uma belissima casa e sem terem nada que fazer.

— Lá isso é verdade.

— E esse tal Barrymore aproveitará alguma coisa com o testamento de sir Charles? indagou Holmes.

— Quer a elle quer á mulher coube-lhes um legado de quinhentas libras.

Ah! E sabiam que o haviam de receber?

— Sabiam. Sir Charles gostava immenso de falar a respeito das disposições do testamento.

— E' interessantissimo esse pormenor.

— Ouso esperar, atalhou o doutor Mortimer, que não verá com olhos suspicazes a todo e qualquer individuo que haja sido contemplado com um legado por parte de Sir

Charles, pois aqui estou eu que recebi um de mil libras.

— Deveras? E mais alguem?

— Varias quantias insignificantes a diversos individuos, e avultado numero de legados caritativos.

O remanescente reverteu, integralmente, na pessoa de sir Charles.

— E a quanto montaria esse remanescente?

— A setecentas e quarenta mil libras.

Holmes arregalou os olhos, de espantado.

— Não fazia ideia de que se tratasse de tão avultada quantia, exclamou.

— Sir Charles tinha fama de rico, mas não viémos no conhecimento exacto da sua riqueza até que procedemos ao exame dos seus titulos.

O valor real das suas propriedades andava perto de um milhão esterlino.

— Co'a fortuna! O bolo vale bem a pena de que alguem se aventure a jogar uma carta de desesperado.

Ainda uma pergunta, doutor Mortimer. Supponhâmos que succedia qualquer percalço ao nosso juvenil amigo, aqui presente — queira desculpar a hipotese pouco grata — quem é que herdava a propriedade?

— Visto haver falecido solteiro sir Rodger Baskerville, os bens revertiam nos Desmonds, primos afastados.

James Desmond é um clerigo, já edoso, residindo em Westmoreland.

— Obrigado. Esses pormenores são todos elles do maximo interesse. Conhece pessoalmente o senhor James Desmond?

— Conheço; veiu de uma vez visitar a sir Charles. E' um sujeito de aspecto venerando e com o viver de um santo. Recordo-me muito bem da circunstancia de haver-se negado a acceitar qualquer dotação da parte de sir Charles, a despeito das muitas instancias deste.

— E esse homem de gostos singélos viria então a ser herdeiro dos milhares de libras de sir Charles?

— Vinha a herdar as propriedades, pelo facto de estarem vinculadas. Herdava tambem o dinheiro a não existirem quaesquer disposições testamentarias por parte do dono actual, o qual, já se vê, é senhor de fazer delle o que quisér.

— E sir Henry, já fez testamento?

— Por em quanto, ainda não, senhor Holmes. Ainda nem sequer tive tempo, se ainda hontem é que soube o estado das coisas. Mas sou de parecer que o dinheiro deve andar junto já com o titulo, já com os bens. E eram essas as intenções de meu tio, coitado! Como é que o dono do solar hade restabelecer a prosápia do nome dos Baskervilles não dispondo de dinheiro sufficiente para custeio da propriedade? Casa, fazendas e dollars deve ir tudo junto.

— Diz muito bem. E eu, sir Henry, concordo com o senhor quanto á plausibilidade em se transferir, sem detença, a Devonshire — Sugerir-lhe-ei, apenas, um alvitre. — Acho que não deve ir sósinho.

— O doutor Mortimer prontifica-se a acompanhar-me.

— Mas o senhor Mortimer tem que atender á sua clinica, e a residencia delle dista umas milhas da sua, sir Henry. Apezar dos seus bons desejos, não se achará habilitado a auxiliá-lo. Nada, nada, sir Henry, o senhor deve levar alguem comsigo, e pessoa de confiança, que lhe não largue a sombra.

— E não haveria possibilidade em vir comigo o proprio senhor Holmes?

— Se as coisas chegarem a uma crise, farei a diligencia por me achar presente, em pessoa; mas deve de avaliar que eu, com a extensa clientela de consulentes que appélam constantemente para o meu criterio, dos quatro pontos cardeaes do país, não poderei ausentar-me de Londres, durante prazo indefinido. Actualmente, até, um dos nomes mais respeitados em toda a Inglaterra está sendo difamado por um farçante, e só eu poderei sustar um escandalo desastroso. Já vê pois a impossibilidade que ha em eu ir a Dartmoor.

— E quem me recommenda, então?

Holmes pôs a mão sobre o meu braço.

— Se este meu amigo quiser assumir o encargo, de sorte encontrará a seu lado homem mais util num aperto qualquer. E ninguem como eu o pode afirmar com mais confiança.

A proposta tomou-me completamente desprevenido, porém, antes, até, de eu ter tempo de responder, Baskerville travou-me da mão e apertou-m'a com gana.

— Ainda bem, e realmente, é summa bondade da sua parte, doutor Watson, exclamou. Vê o lance em que me encontro, e sabe tanto a respeito do negocio como eu sei. Se vier ter comigo a Baskerville para me auxiliar, creia que jamais o esquécerei.

A promêssa de uma qualquer aventura teve sempre sobre mim poder de fascinação, e fui

cumprimentado quer pelas palavras de Holmes quer pela ancia com que o baroneto me saudou na qualidade de seu companheiro.

— Irei, com muito gosto, retorqui. E nem sei de melhor modo de empregar o meu tempo.

— E ir-me-ás dando conta do que houver, recommendou Holmes. Assim que se dér a crise, como não pode deixar de dar-se, communicar-te-ei as minhas instrucções. Quer-me parecer que até sabado tudo pode estar pronto?

— O prazo convirá ao doutor Watson?

— Perfeitamente.

— Pois, então, no sabado, a não ser que haja ordens em contrario, irêmos tomar o comboio de Paddington, que passa na estação ás 10 e 30.

Tinhamo nos levantado para sair, quando Baskerville, soltando um grito exultante e abaixando-se a um canto da casa, sacou debaixo de uma consola uma bota de côr.

— A bota que andava sumida! exclamou.

— Oxalá se debelassem com a mesma facilidade as nossas dificuldades! commentou Sherlock Holmes.

— Se ha caso mais esquisito! ponderou o doutor Mortimer, e eu que esquadrinhei os cantos todos a esta sala, antes do lanche.

— Pois tambem eu, acrescentou Baskerville. Polegada por polegada.

— E bota, ou sombra da mesma, é coisa que não existia.

— Visto isso, depô la-ia alí o criado em quanto lanchavamos.

Mandou-se chamar o alemão, que alegou não saber palavra a semelhante respeito, e foram baldadas quaesquer indagações em esclarecer o caso. Mais um pormenor se acrescentava áquella série acidental e apparentemente não premeditada de mistériosinhos vindo de enfiada uns após de outros. Arredando de banda o conjunto daquelle sinistro caso da morte de sir Charles, frenteava-se-nos um rosario de inexplicaveis incidentes e tudo isto dentro do prazo de dois dias, incluindo no ról a recepção da carta impréssa, o espião das barbas pretas no *hansom*, o descaminho da bota nova de côr, o sumiço da bota preta, velha, e a reapparição da bota nova de côr. Holmes, sentado no *cab*, taciturno, no acto de batermos por alí fora para Baker-Street, e eu pelos carregados sobr'olhos e intensa expressão da fisionomia, conscio de que a sua mente, tal qual a minha, ia absorta no tentame de urdir um qualquer esquêma, em que pudesse achar cabimento todo aquelle acervo de episodios desconnéxos. Passou a tarde inteira e a noite até deshoras embalado em tabaco e cogitação.

A' hora de jantar viéram dois telegramas. Rezava o primeiro: —

Acabo de saber que Barrymore se acha na mansão. — Baskerville.

O segundo: —

Visitei vinte e três hotéis conforme as instrucções, mas sinto dizer que não pude encontrar a pagina do *Times* recortada. — CARTWRIGHT.

— Lá se vão dois dos meus fios, Watson. Não há nada que mais estimule do que um caso em que tudo corre tôrto. Temos que farejar novo rastro.

— Resta-nos ainda o cocheiro que conduziu o espião.

Exactamente. Telefonei para o Registo-Official, a fim de lhe saber o nome e o paradeiro. E não me admiro de que isto seja uma resposta á minha pergunta.

O retim-tim da campainha veiu provar que era qualquer coisa mais satisfatoria do que uma resposta, pois se abriu a porta e eis que entra um homem muito ordinario com visos de ser o proprio individuo.

— Recebi um recado da estação central dizendo-me que um sujeito morador nesta casa tinha perguntado pelo numero 2704, declarou. Vae em séte annos que guio o meu *cab* e até hoje ainda não houve quem se queixasse. E vim calcurriando desde a estação da policia até aqui para que me diga na minha cara se tem alguma áquélla contra mim?

— Não tenho nada contra você, homemzinho, volveu Holmes. Pelo contrario, tenho aqui um soberano para o meu amigo se responder com clareza ás minhas perguntas.

— Está dito, e estou a ver que amanheci com sorte, emitiu o cocheiro, arreganhando a taxa. Que vem então a ser que o senhor me deseja perguntar?

— Antes de irmos mais longe, o seu nome e morada, prevendo o caso de eu precisar de você outra vez.

— John Clayton, 3 Turpey—Street, no Borough. O meu *cab* é do pateo do Shipley, ao pé da estação de Waterloo.

Sherlock apontou as declarações.

— E agora, Clayton, diga-me o que sabe

a respeito daquelle fréguês que veiu rondar-me a casa ás dez horas, esta manhan, e depois seguiu atrás de dois sujeitos por Regent-Street abaixo.

O bom do homem pôs os olhos nelle, pasmado e com tal qual enleio.

— E dahi, acho que será escusado eu dizer-lhe seja o que fôr, pois palpita-me que o patrão já sabe tanto ou mais do que eu disse. Verdade, verdade, o tal parceiro impingiu-me que era *detective*, e que não dissesse palavra fosse a quem fosse.

— Pois meu caro amigo, saiba que este negocio é muito sério, e não lhe quero estar na pélle se tentar encobrir-me seja o que fôr. Diz então que o tal freguês lhe impingiu que era da policia secreta?

— E' verdade que sim, senhor.

— E quando foi que lho disse?

— Quando se apeou.

— E não disse mais nada?

— Disse como se chamava.

Holmes esconsou para mim um olhar de ufania.

— Com que, então, declarou o nome? Falta de prudencia! E esse nome é?...

— O nome do freguês? mascou o cocheiro, disse elle que se chamava Sherlock Holmes.

Nunca eu tinha visto o meu amigo mais completamente embatucado do que ficou assim que ouviu a resposta do cocheiro. Permaneceu, por instantes, mudo de espanto. Depois, desatou a rir com gosto.

— Um sintôma, Watson — um incontestavel sintôma! exclamou. Farejo um melro tão fino e subtil como eu proprio. Meteu-nos os pés nas algibeiras! Com que, então, o nome delle era Sherlock Holmes, diz você?

— Pois já se vê que era

— E' famoso! Diga-me onde foi que elle se meteu no *cab*, e tudo que aconteceu pelo caminho.

— Acenou a chamar-me ás nove e meia, em Trafalgar Square. Disse elle que era da policia, e offereceu-me dois guinéus com a condição de fazer tudo que elle mandasse. Eu, já se deixa ver, disse que sim. Primeiramente batemos para o hotel de Northumberland e esperámos ali por dois sujeitos até que saíram e se foram meter num *cab* da carreira. Fomos-lhe no rastro até que elle mandou parar por aqui, algures.

— A esta mesma porta, completou Holmes.

— Eu lhe digo, lá quanto a isso não tenho a certeza, mas palpita-me que o parceiro sabia bem o que queria. Fomos indo com o carro, parámos a meio da rua e estivemos hora e meia á espera. Os dois sujeitos, neste comenos, passaram rentes comnosco, a pé, e nós fomos-lhes na cóla Baker-Street abaixo.

— Bem sei, declarou Holmes.

— Até que galgámos mais da terça parte de *Regent-Street*. Vae dahi, o fréguês levantou o postigo, e gritou-me que batesse até á estação de Waterloo, a toda a brida. Espertei a piléca, e pusémo-nos lá em dez minutos. Vae elle, passou-me para a mão os três guinéus, como um homem, e enfiou para a estação. Quando se apeou voltou-se para trás e disse:

«Talvez não deixe de te interessar o saberes que levaste no teu carro o senhor Sherlock Holmes.»

E ahi está como eu lhe vim a saber o nome.

— Percebo. E nunca lhe tórnou a pôr a vista em cima?

— Não tornei a dár fé do parceiro depois delle entrar na estação.

— E que especie de homem era esse tal senhor Sherlock Holmes?

O cocheiro coçou na cabeça.

— Eu lhe digo: não sei se acertarei a dar-lhe ideia do sujeito. Andaria pelos seus quarenta annos, nem alto nem baixo, com menos para ahi três polegadas do que o senhor; a julgar pela farpéla, era sujeito que avezava, e tinha barba cerrada, preta, aparada por baixo, e muito macilento. E mais nada lhe sei dizer.

— De que côr tinha elle os olhos?

— Se quer que lhe diga, não reparei.

— Não se recorda de mais coisa nenhuma?

— Não, senhor.

— Está bem, aqui tem o seu meio soberano. E cá fica outro á sua espera, se me trouxer mais algumas informações. Boa noite!

— Muito boa noite, patrão, e muito agradecido!

O John Clayton abalou cascalhando, e Holmes voltou-se para mim, encolhendo os hombros com um sorriso de decepção.

— Estalou outro fio, e estamos tão adiantados como no principio, emitiu. E' finorio o patife! Sabia o numero da nossa porta, sabia que sir Henry Baskerville tinha vindo consultar-me, pescou quem eu era, lá em *Regent-Street*, conjécturou que eu havia tomado o numero do carro e que não deixaria d'interrogar o cocheiro, e expediu aquelle atrevidissimo aviso. Sabes o que te digo, Watson, é

que temos pela prôa um contendor da fôrma do nosso pé. Apanhei xéque-máte em Londres. Resta-me apenas o desejar-te melhor sorte lá no Devonshire. Mas não tenho o espirito socegado a semelhante respeito.

-- A respeito de quê?

-- De te enviar para lá. O caso está feio, Watson, feio e perigoso a valer e quanto mais o vou observando menos me agrada. E' assim mesmo, amigo, podes rir á vontade, mas sempre te vou dizendo que tomára já cá o dia em que te veja são e a salvo de volta a Baker-Street, outra vez.

CAPITULO VI

A mansão de Baskerville

Sir Henry Baskerville e o doutor Mortimer compareceram no dia e á hora aprazados, e conforme ficara combinado abalámos para o Devonshire.

O senhor Sherlock Holmes foi comigo no trem até á estação, e á despedida fez-me ainda umas recommendações e deu-me uns conselhos.

— Não quéro pôr peias ao teu critério com sugestões de theorias ou de suspeitas, Watson, declarou:

O que eu desejo, tão sómente, é que me vás dando conta dos factos do modo mais circunstanciado, e que deixes a meu cargo as theorias.

— E que especie de factos? perguntei.

Tudo que te pareça ter alcance, comquanto indirecto, sobre o caso, e muito em especial as relações entre o moço Baskerville e seus convizinhos, ou quaesquer novos pormenores relativos á morte de sir Charles. Tenho procedido a mais de uma indagação, estes dias mais chegados, os resultados, foram porém negativos. Uma circunstancia paréce justificar-se, unicamente, a saber: que o senhor James Desmond, o mais immediato herdeiro, é um cavalheiro já edoso, e muito bôa pessoa, e que portanto a perseguição não será movida por elle. Estou em dizer, até, que o podemos eliminar de todo dos nossos calculos. Restam apenas as creaturas que presentemente se acham em contacto com sir Henry Baskerville lá na charneca.

— E não seria sensato ver-mo-nos livres desde já dos taes conjuges Barrymore?

— Por caso nenhum. Nem podias incorrer em mais grave erro.

Dado o caso que estejam innocentes, representaria uma injustiça cruel, e se de facto são culpados, perderiamos qualquer ensejo de lhes assentar a carapuça. Nada, nada, i-los-êmos mantendo na lista dos suspeitos. E ha ainda um moço de estrebaria lá no solar, se a memoria me não falha.

Há tambem os dois casaleiros da charnéca e o nosso amigo doutor Mortimer, a quem eu considéro um perfeito homem de bem, e a mulher delle ácerca da qual nada sabemos. Ha mais o Stapleton, naturalista, e a irman, que dizem ser uma menina com muitos atractivos. E por ultimo, o tal senhor Frankland, do solar de Lafter, que é tambem factor incógnito, não falando em mais um ou dois vizinhos. E ahi tens a gente que deve constituir para ti alvo de estudo especial.

— Farei quanto estiver ao meu alcance.

— Levas armas, já se vê?

— Levo, julguei ser prudente levá-las.

— Com toda a certeza. Não largues o teu revolver, quer de dia quer de noite, e não te deixes apanhar desprevenido.

Os nossos amigos tinham já mandado reservar um vagon de primeira classe, e estavam á nossa espera na plataforma.

Não, senhor, não temos noticias de qualidade nenhuma, declarou o doutor Mortimer, em resposta ás perguntas do meu amigo. Uma coisa lhe posso eu jurar — e é que não trouxémos ninguem agarrado á sombra, estes dois dias. Na rua, fômos sempre de olho á mira, e ninguem poderia passar-nos despercebido.

— Andariam sempre juntos, presumo eu?

Excepto hontem, de tarde. Dedico sempre um dia a recrear-me, quando venho á capital, e inverti-o no museu da Escola-Cirurgica.

— E eu fui ao parque para ver a concorrencia, declarou Baskerville. Mas não se deu incidente de qualidade nenhuma.

— Foi imprudencia, em todo o caso, afirmou Holmes, abanando a cabeça, com uns ares muito sérios.

— Rogo-lhe que não torne a andar sósinho, sir Henry.

Acontece-lhe desgraça grande se tal fizer. E a outra bota, já a encontrou?

— Até hoje, coisa nenhuma, sumiu-se de vez.

— Deveras? — E' caso interessantissimo. Com que, então, adeus, acrescentou, no acto do

comboio ir principiando a deslisar pela plataforma.

— Não perca de vista uma das frases da tal lenda estapafurdia que o doutor Mortimer nos leu, sir Henry, e trate de evitar a charnéca nessas horas nocturnas em que andam á solta os Poderes malignos.

Olhei para trás em direcção á plataforma, e vi o vulto alto, austéro de Holmes, espécado, a seguir-nos com a vista.

Foi rapida e breve a jornada e aproveitei-a para ir tomando conhecimento mais intimo dos meus companheiros e em brincar com o cão de agua do doutor Mortimer.

Dentro de poucas horas a terra pardacenta tornára-se avermelhada, o tijolo cedera a vez ao granito, e as vacas fulvas pastavam nos campos bem vedados onde a pujança da relva e a abundante vegetação eram prenuncio de um clima mais rico e mais humido. O juvenil Baskerville, á portinhola, não se fartava de contemplar os campos, soltando exclamações de contentamento, á medida que ia reconhecendo os traços familiares do scenario do Devonshire.

— Tenho corrido meio mundo desde que me fui daqui, doutor Watson, exclamou ; mas nunca vi terra que com esta se compare.

— Ainda estou para ver o filhote do Devonshire que não exaltasse acima de todas a sua terra, observei.

— Depende da raça do homem, tanto ou mais que do condado, — sentenceou o doutor Mortimer. O nosso amigo, aqui presente, logo á primeira vista, revéla o craneo redondo do Celta, que traz lá dentro o enthusiasmo celta e o condão de se afeiçoar. O craneo de sir Charles — coitado — era um typo rarissimo, meio gaélico meio ivernio nas respectivas caracteristicas. O senhor era porém muito moço quando viu pela ultima vez a mansão de Baskerville, pois não é assim?

— Era um rapazelho para ahi de trêse annos quando meu pae faleceu, e nunca tinha visto a mansão, pois residiamos numa casita de campo na costa meridional. Fui dalí direito para a companhia de um amigo, na America. E afirmo-lhe que o caminho tem para mim tanta novidade como a que tem para o doutor Watson, e que estou morrendo por ver a charnéca.

— Deveras? Saiba então que vão ser satisfeitos os seus desejos, pois já daqui a pode ver, — declarou o doutor Mortimer apontando para longe, através do postigo da carruagem.

Por cima dos quadrados verdes dos campos e da curva baixa de um arvoredo surgia ao longe um monte, pardacento e melancolico, com um cocoruto recortado e estrambotico, vago e esfumado na distancia, tal qual uma paisagem fantastica, vista em sonho. E Baskerville ficou-se de olhos fitos a contemplá-lo, embevecido, e eu a lêr-lhe no ancioso semblante a que ponto o impressionava a visão primeira daquella singularissima localidade onde os homens do seu sangue haviam exercido dominio durante prazo tão longo, e deixado tão fundamente estampado o seu estigma. E elle, sentado para alí, com o seu fato grosso de cheviote, e o seu sotaque americano, ao canto de um prosaico vagon de caminho de ferro, e não obstante, eu, ao contemplar lhe aquelle seu rosto tisnado e expressivo, senti mais do que nunca até que ponto elle era o lidimo descendente daquella extensa linhagem de homens, féros, imperiosos e de sangue generoso. Lia-se o orgulho, o valor, a força nas bastas sobrancelhas, nas sensitivas nariculas, e nos olhos rasgados e côr de avelan. Se acaso naquelle brejo inhospito iamos encontrar em nossa frente uma pergunta ardua e perigosa, sequer ao menos tinhamos alí um companheiro por quem se podia aventurar o arcar com qualquer perigo na certeza de que era homem para o compartir com valentia.

O comboio parou numa estaçãosinha rural e apeámos todos três. Lá fora, para além da vedacção baixa, pintada de branco, um carrinho com uma parêlha de garranos á nossa espera. Era evidente o assumir as proporções de grande acontecimento a nossa chegada, visto como o chefe da estação e carregadores, desde logo, oficiosos, nos cercaram carregando com a bagagem. Era um sitio campestre, ameno e comesinho, qual não foi porém o meu pasmo ao lobrigar, perfilados á cancéla, dois individuos de aspecto marcial, fardados de escuro, abordoados á clavina, e que ao perpassarmos cravaram os olhos em nossas pessoas. O cocheiro, um batoque, espadaúdo e mal encarado, fez a sua continencia a sir Henry Baskerville e dalí a minutos iamos de batida pela estrada larga e esbranquiçada. Velozes, a um e outro lado, deslisavam as veigas ondulantes e por entre a densa folhagem espreitavam as empênas da velha casaria, e sem embargo, para além da pacifica e ensoláda campina surgia-nos, sempre escura dencontro ao

ceu da tarde, a curva sombria e extensa da charnéca, interrompida pela montanha, recortada e sinistra.

O carrinho, dando uma volta, tomou por um atalho, e lá fomos galgando costa acima por entre uns barrancos muito altos, trilhado o piso por centenares de rodas e ajoujados com a densa côma de musgos e dos polpudos fétos da escolopendia.

O bronzeo tojo e as urzes matizadas refulgiam á luz do sol no occaso. Sempre a subir, transpusémos uma ponte estreita, de granito, galgando uma torrente, rapida e caudalosa, a espadanar com estrépito por entre as fraguas pardacentas. Estrada e torrente iam coleando através de um vale, uma brenha, todo elle, de carrasco e pinheiraes. A cada volta do caminho Baskerville, embevecido, soltava exclamações de jubilo, comtemplando, ancioso, os minimos incidentes, e desfazendo-se em perguntas. Aos olhos delle, assumia tudo formosissimas proporções, aos meus, contudo, um véu de melancolia pairava sobre aquellas vastas campinas, prenuncio evidente de ir declinando o anno. Alcatifavam carreiros e azinhagas, tremulando á nossa passagem, as amarelidas folhas. O rechinar das rodas esmorecia ao trilharmos as camadas da vegetação putreciente. Triste offerenda, a meu vêr, da Natureza, espargida em frente da carruagem do herdeiro do nome de Baskerville no acto do seu regresso á mansão de seus avós.

—Houla! clamou o doutor Mortimer, que quer isto dizer?

De fronte de nós, erguia-se um cabeço revestido de estêvas, como que um esporão desgarrado da charnéca. Na cumeada, rigido e nitido tal qual uma estatua equestre sobre o respectivo pedestal, campava um soldado a caválo, sombrio e carrancudo, com a clavina em descanço. Vigiava a estrada a festo da qual vinhamos rodando.

—Que quer aquillo dizer? Perkins? indagou o doutor Mortimer.

—Foi um preso qua se safou de Princetown, patrão Ha tres dias que anda a monte, e os guardas estão de atalaia a cada estrada e a cada estação, mas até agora ainda não foram capazes de lhe pôr a vista em cima. Os lavradores cá do districto é que não andam nada contentes, é o que lhe sei dizer.

—Mas elles, se bem me recordo, se pudérem dar noticias do meliante, apanham cinco libras cada um.

—E' verdade que sim, que elle, cinco libras é fraca pechincha para quem corre o risco de lhe cortarem as guélas. Que este, não sei se sabe, não é um facinora como outro qualquer. E' homem que não vira a cara seja a quem fôr.

—E quem é elle, então?

—E' um tal Selden, o assassino de Notting-Hill.

Eu recordava-me muito bem do caso, pois fôra um lance pelo qual se interessara immensamente Holmes, por motivo da peculiar ferocidade do crime e da perversa brutalidade incidindo com os actos todos do assassino. A commutação da pêna de morte foi o resultado de haver duvidas ácerca do seu estado mental, tão atroz havia sido o seu modo de proceder.

O nosso carricoche tinha galgado um lombo de terreno e na nossa frente dilatava-se uma vasta expansão de charnéca, sarapintada de penhascos, agulhas, fragosos e adustos.

Varria o brejo um ventinho algido, de arripiar. E por alí, algures, naquella desolada planicie, éra o esconderijo daquelle homem desalmado, alapado em algum fôjo como qualquer besta-fera, com o coração a referver de maldade contra a raça em pêso que o havia lançado á margem. Era o ultimo toque vindo completar a tetrica sugestão de tão agreste descampado. E o proprio Baskerville, taciturno, a aconchegar a si o sobretudo.

Haviamos deixado atrás de nós a fertil região da qual iamos a cavaleiro, e voltavamo-nos a contemplá-la, os raios declinantes do sól, já muito baixo, transformando em tenues fios de oiro corregos e regatos, e esparzindo o seu rubro clarão sobre a terra já de si avermelhada, revolvida de fresco pelo arado e por sobre o vasto labirinto do arvoredo. A estrada que se nos frenteava, cada vez mais aspera e mais agreste, cortando através das ingremes encóstas ora verdoengas ora avermelhadas, salpicadas de agigantados penhascos. De onde em onde passavamos rente com um cardenho da charnéca, com paredes e telhado de loisa, sem uma trepadeira que viesse quebrar-lhe a aridez dos contornos. De subito antolha-se-nos uma depressão concava, inçada de carvalhos e pinheiros enfézados, vergados e contorcidos por annos e annos de furibundos vendavaes. Ao de cima do arvoredo surgiam dois torreões. O cocheiro apontou para elles com o cabo do pingalim.

—O solar de Baskerville, declarou.

Ergueu-se de pé o dono a contemplá-lo com a face afogueada e os olhos refulgentes. Volvidos minutos paravamos ao portão, o proprio redenho de laçaria fantastica de ferro forjado, entre dois pilares carcomidos do tempo, manchados pelos lichens, e encimados pelas cabeças de javali, timbre dos Baskervilles. O corpo avançado era uma ruina de granito escuro, de argamassa, barrotes e enxameis descarnados, frenteava-o porém um edificio novo, por concluir, fruto primévo do oiro acarretado por Sir Charles dessa Africa Meridional.

Transposto o portal, atravessámos a avenida, onde as folhas seccas de novo amorteciam o ringido das rodas, e o vetusto arvoredo projectava as ramadas formando um tunnel sombrio por cima das nossas cabeças. Baskerville estremeceu ao varrer com a vista a vereda extensa e escura lá no topo da qual alvejava, qual espectro, a mansão.

— Seria aqui? indagou, baixinho.

— Não, senhor, a alêa dos teixos fica da banda dalém.

O juvenil herdeiro mirou em redor com o parecer carregado.

— Não me admira que meu tio adivinhasse desgraça em semelhante logar, declarou. E' de assustar seja a quem fôr. Dentro em menos de seis mêses heide mandar pôr aqui um renque de lampadas electricas, que a hão-de vêr e não a hão-de conhecer, e um dynamo Swan e Edison com força para mil luzes, mesmo defronte da porta do atrio.

A avenida abria para um terreiro de relva, e em frente, antolhou-se-nos a residencia. A' luz amortecida da tarde, pude observar que o corpo central era uma pesáda móle de construcção á frente da qual se projectava um portico.

A hera vestia completamente a fachada, e de onde em onde uma rotura, recortada no escuro veu, deixando ver na janéla um brazão de armas. Ladeavam este macisso central duas torres, antiquissimas, ameiadas e perfuradas por bastas séteiras. Quer da esquerda quer da direita dos torreões protrahiam-se duas álas de granito escuro, de data mais recente. Um clarão fosco brilhava através das janélas de maineis, e das altas chaminés encimando o telhado agudo e ingreme, solitaria, brotava uma coluna de fumo.

— Bem vindo seja, sir Henry, bem vindo seja a esta sua casa de Baskerville.

Da escuridão do portal surgira um individuo, alto, e abrira a portinhola do carrinho. D'encontro á amarelada luz do atrio estremava-se um vulto de mulher. Transpôs a porta e ajudou o homem a descarregar os nossos sacos de viagem.

— Se me dá licença, sir Henry, vou daqui direito a casa; minha mulher está a minha espera, declarou o doutor Mortimer.

— Isso é que não, doutor, primeiro havêmos de jantar.

— Queira desculpar, mas tenho que ir embora. Desejaria demorar-me para lhe ir mostrar os cantos da casa, mas está aqui o Barrymore que é mais competente do que eu. E adeus, se precisar de mim, quer de dia quer de noite, não faça ceremonia, mande-me chamar.

Esvaiu-se o barulho das ródas lá muito ao longe, na vereda, entanto sir Henry e a minha pessoa davamos entrada no átrio, e se fechava, atrás de nós, com estrondo, o ponderoso portão. Era um sumptuoso recinto aquelle em que nos encontrámos, espaçoso, com immenso pé direito, e travejado com grossas e pesadas asnas de carvalho denegrido pelo tempo. Na vasta e antiquada lareira e por detrás dos enormes espéques de ferro crepitava um lume de lenha. Tanto eu como sir Henry tratámos logo de aquécer as mãos, pois um e outro vinhamos regelados com a longuissima jornada. Em seguida feriu-nos a vista a esguia e alta janéla de vidraças pintadas, os apainelados de carvalho, as cabeças de veado, as cotas de armas colgadas pelas paredes, escuro, tudo aquillo, á esmorecida luz do candieiro collocado ao centro da casa.

— Tal qual eu o imaginava, exclamou sir Henry. O genuino typo de uma antiga casa fidalga! E lembrar-me eu de que esta é a mesma mansão em que, durante quinhentos annos, viveram os meus! Infunde-me um não sei quê de solemne um tal pensamento.

Observei que lhe illuminava o semblante uma expressão de enthusiasmo infantil ao contemplar o quanto o rodeava. Batia a luz em cheio no sitio em que se achava, a sombra, porém, descendo pelas paredes, estendia-lhe como que um docel por cima da cabeça. Barrymore fôra levar as malas para os nossos quartos e estava de volta, parado em frente de nós ambos, com os modos deferentes de serviçal bem creado. Era um homem de notavel aspecto, alto, bem parecido, com uma barba preta, esquadrada, macilento e de feições distinctas.

—Deseja que lhe sirvam o jantar, immediatamente, meu senhor?

—Está pronto?

—Daqui a minutos, meu senhor. Hãode encontrar agua quente nos seus quartos. Tanto eu como minha mulher, sir Henry, estimarêmos muito que se digne utilizar o nosso prestimo até que haja determinado o serviço da casa, mas não deixará de perceber, dadas as novas condições, que ella não poderá dispensar um pessoal em numero consideravel.

— BEM VINDO SEJA, SIR HENRY.

— Novas condições, e quaes são ellas?

— Venho eu a dizer, meu senhor, que sir Charles levava um viver em extremo retrahido, e que nos habilitava a atender ás suas limitadas exigencias. Sir Henry, presumo eu, desejará mais companhia, e não deixará, portanto, de necessitar de fazer mudanças no serviço da sua casa.

— Deverei deduzir das suas palavras que, tanto o senhor como sua mulher tencionam despedir-se?

— Mas apenas quando sir Henry o julgar conveniente.

— E não obstante, a sua familia tem vivido comnosco desde varias gerações, pois não tem? E eu, pela minha parte, sentiria o ter que principiar vida rompendo os laços de tão antigas relações de familia. — Pareceu-me discernir uns vislumbres de commoção no palido semblante do mordomo.

— Não deixo de o sentir, meu senhor, e minha mulher, egualmente. Mas, para lhe falar com franqueza, ambos eramos muito dedicados a sir Charles, e a sua morte deu-nos grande abalo, tornando-nos dolorosissimo residir nesta casa. Diz-me o coração que não tornaremos a ter socego em quanto estivermos na mansão de Baskerville.

— Mas para onde tencionam ir?

— Tenho fé, meu senhor, em como conseguiremos abrir para ahi algures um estabelecimento qualquer. A generosidade de sir Charles proporcionou-nos meios de o levarmos a effeito. E agora, meu senhor, talvez deseje que eu lhe vá mostrar os seus aposentos?

Em volta de toda a parte superior do vetusto salão corria uma galeria com uma balaustrada, tendo serventia por um duplo lanço de escada. Do patim, ao centro, seguiam dois corredores acompanhando o edificio em todo o comprimento, e para o qual abriam os quartos todos da casa. O meu era na mesma ala que o de sir Henry e com outro, apenas, de permeio. Estes quartos pareciam ser mais modernos do que o corpo central do edificio, e quer o viço do papel das paredes quer o numero de velas acêsas concorriam algum tanto para debelar a tétrica impressão que se apoderára do meu animo, á chegada.

A sala de jantar, contudo, que tinha entrada pela sala vaga era uma quadra lobrega e sombria. Era um recinto muito comprido, com um estrado apartando o docél do lanço inferior reservado para os dependentes. No topo, a varanda pára os menestreis a cavaleiro de

estrado. Por cima de nossas cabeças o travejamento denegrido supportando o enfumado tecto. Os renques dos brandões acêsos a espargirem luz, a cor viva e brilhante, a rude galhofa de um banquete de outras éras, havêlo-iam talvez amenizado; agora, porém, com a presença de dois sujeitos vestidos de preto, sentados no enesgado circulo luminoso emitido pelo candieiro com o competente quebra-luz, as vozes assumiam um tom soturno e o espirito sentia-se acanhado.

Uma fila escura de avoengos, trajando com a maxima variedade, desde o cavaleiro da èra izabelina ao frascario da Regencia, com os olhos cravados em nossas pessoas, assoberbava-nos com a sua taciturna companhia. Pouco ou nada falámos, e eu, pela minha parte, estimei immenso ver concluida a refeição e podermos transferir-nos para o mais moderno bilhar e fumar ali o noso cigarrinho.

— Não peca por alegre este nosso paradeiro, palavra de honra, commentou sir Henry. Ouso crer que uma pessoa poderá vir a ageitar-se, mas confesso que, por emquanto, me sinto fóra da afinação. Não me admira que meu tio se haja tornado um tanto mágico vivendo sósinho em semelhante casarão. E dahi, se o meu amigo se conforma, deitar-nos-êmos cêdo esta noite, e talvez que amanhã tudo isto apresente cara mais alegre.

Arredei as cortinas da janéla antes de me meter na cama e lancei a minha rabisaca para o exterior. A janéla tinha vista para um recinto rélvado que ficava em frente do portal da sala vaga. Para além, duas moitas de arvorêdo, a gemer e a abanar com o levantar do vento, a lua na sua fase média a romper por entre os rasgões das nuvens em correria. Ao algido clarão do luar lobriguei para além do arvorêdo a recortada franja de penhascos e a curva, baixa e extensa, da melancolica charnéca. Deixei cair a cortina, sentindo que a minha ultima impressão condizia com as restantes.

E todavia, não éra ainda a ultima. Sentia-me cançado mas sem poder pregar olho, dando voltas e viravoltas na cama, á espera do sôno que não queria vir. Soou ao longe o relogio de uma torre a badalar os quartos de hora, som unico vindo quebrar o silencio sepulcral em que jazia o velho casarão. De subito, noite morta, eis que vem ferir-me o ouvido, claro e inconfundivel um som. Era o soluçar de uma mulher, o arranco atabafado, afogado de alguem retalhado por incomportavel afflicção. Ergui-me no leito, de ouvido á escuta. O ruido não podia vir de muito longe, mas sim do proprio prédio, com certeza. Durante meia hora permaneci na espectativa, com os nervos todos a vibrarem, mas não tornei a perceber outro som além das badaladas do sino e da restolhada da héra nas paredes.

(Versão de Manuel de Macedo)

(Continua)

CONAN DOYLE.

A maçã

O Luiz era um pequeno muito desinquieto. Só na rua estava bem, a escarreirar com os gaiatos.

Por isso uma manhã em que não havia collegio, por ser quinta-feira, a mãe não lhe deu licença para sahir, como elle desejava, e apenas lhe permittiu que fosse brincar para o quintal. Assim, estava livre de tomar os maus exemplos da garotada, ou de levar com alguma pedra, como tantas vezes acontece ás creanças que andam mettidas n'aquellas brincadeiras.

O Luiz obedeceu e foi para o quintal.

De repente viu uma borboleta muito linda, esvoaçando de flor em flor. Parecia feita de oiro e pedras preciosas.

Desejoso de apanhal-a, foi-se-lhe chegando muito de vagarinho, cosido com o buxo dos canteiros, nos bicos dos pés, sem se atrever a respirar.

Quando estava quasi, quasi a deitar-lhe a mão, o brilhante insecto ergueu o vôo e sahiu do quintal, de modo que o pequenito, esquecendo as ordens da mãe, abriu a cancela que deitava para a estrada e largou a correr pelos campos além, até que avistou a borboleta pousada junto de um poço, por cima do balde com que se tirava agua. Approximou-se-lhe outra vez com mil cautelas, mas, vendo-a fugir, atirou-lhe com o bonnet, que em logar de a prender, cahiu para dentro do poço, afundando-se na agua escura, lá muito em baixo.

Apesar de ter em grande apreço o bonnet, o Luiz não desanimou com o contratempo, e continuou na caçada.

A borboleta já estava longe, e ora pousava n'uma flor, ora n'um ramo de arvore ou n'uma ervinha. Quanto mais elle a seguia, mais se afastava, como se quizesse fazel-o desesperar.

Afinal entrou para uma quinta cercada por um muro muito alto.

O pequeno ficou furioso, mas tanto esquadrinhou no muro que deu com um buraco, e a muito

custo metteu-se por elle, arranhando as mãos e a cara, e fazendo no fato uns poucos de rasgões.

Logo que se apanhou da parte de dentro, levantou-se e olhou para todos os lados, mas não foi capaz de descobrir a cubiçada borboleta.

Em compensação viu pendente de uma macieira uma linda maçã bemposta, muito vermelha e muito appetitosa.

Não pensou mais na borboleta.

De bocca aberta e olhos esbogalhados, mirava e remirava o bello fructo, ancioso por apanhal-o.

Acudiram-lhe á memoria os conselhos do pae, da mãe, do professor, mas poude mais que tudo a gulodice. Foi até junto da arvore, poz-se nos bicos dos pés para chegar á maçã e — forçoso é dizer a feiissima palavra — furtou-a!

Apenas a sentiu na mão, teve remorsos do que acabava de fazer. Se fosse possivel, de boa vontade tornaria a pegal-a ao ramo.

Por fim socegou um pouco, pois tendo olhado em volta de si não descobriu viv'alma, e disse, guardando o fructo no bolso:

— Ninguem me viu!

— Viu-te Deus! bradou uma voz tremenda, que o pequenito julgou vinda do céo.

Transido de medo, olhou para cima. Ninguem! Sentiu bulha. Era um grande cão, que arremetteu para elle de bocca escancarada, prompto a despedaçal-o.

Correr para o buraco, onde mais se rasgou, e sahir para o campo, foi tudo obra de um momento. Ainda assim não o fez tão depressa, que o canzarrão deixasse de arrancar-lhe um boccado da calça. Só por milagre lhe não arrancou tambem um boccado de carne.

Mais morto do que vivo, sentou-se debaixo de uma oliveira a descançar. Quando recobrou alento, ficou afflicto com a desgraça em que tinha o fato. Quiz refrescar a bocca e levou a mão á algibeira, em cata da maçã. Não a achou, nem tão pouco a algibeira! Tinham ficado no buraco do muro, ou nos dentes do cão, valha a verdade.

E lembrou-se do que lhe dissera aquella voz. Tanto Deus o tinha visto, que já começava a castigal-o. Ainda mais arrependido, poz-se de joelhos, pedindo perdão pelo furto e jurando não tornar a cahir n'outra semelhante.

Quando ia já a entrar em casa, não sabendo como desculpar-se para com os paes, por se apre-

sentar n'aquelle estado lastimoso, encontrou-se com um hortelão, que ia a sahir e que lhe disse de mau modo:

— Ande, vá ter com seu pae e sua mãe. Já sabem que teem um filho larapio.

O Luiz ficou tão cheio de medo, que ia cahindo desmaiado.

Amparou-o uma visinha e levou-o á presença do pae.

O bom homem deu uma severa reprehensão no filho, que lhe ajoelhou aos pés, e de mãos postas pediu perdão, chorando muito.

— Levanta-te, disse o pae. Vejo que estás arrependido, mas cá por mim não posso perdoar-te. Vieram dizer-me que tinhas entrado na propriedade alheia, para fazer um furto. Retira-te da minha presença, que de pouco servem os teus choros e pedidos. Amanhã falaremos.

Sahiu d'ali estonteado o travesso do rapaz, e foi pedir á mãe que lhe valesse n'aquella grande affliçāo.

Embora ella não o recebesse muito bem, vestiu-lhe outro fato, deu-lhe de comer e mandou-o para a cama uma hora mais cedo do que era costume.

*

Na manhã seguinte o pae chamou-o.

Quando o Luiz lhe ouviu a voz estremeceu todo, mas acudiu submissamente ao chamado, como filho obediente que era.

Foram ambos á presença do dono da quinta, ao qual o pae do Luiz disse estas palavras:

— Deus castigou-me por me dar um filho que me envergonha, praticando uma das acções mais vis que um homem pode fazer. Aqui lh'o trago. Confessa ter furtado uma maçã da sua quinta. Pode dar-lhe o castigo que quizer.

O pequeno julgou que tinha chegado a sua ultima hora, e de olhos pregados no chão tremia como varas verdes, mais por vergonha do que por medo.

O dono da quinta olhou para elle durante alguns momentos e voltando-se para o pae disse:

— Sinto deveras que tenha um filho com propensões tão más. Peço-lhe que se elle alguma vez fizer qualquer coisa má só lhe dê o castigo de *lembrar-lhe a maçã que me furtou.*

E ouvindo estas palavras o Luiz tremeu ainda com mais força, porque lhe pareceu estar ouvindo a mesma voz, que, junto da macieira, lhe tinha dito as terriveis palavras:

— *Viu-te Deus!*

E assim era effectivamente, pois estando o dono da quinta dentro do seu caramanchão, que havia ao pé da arvore, vira o Luiz apanhar o fructo e dera-lhe aquelle aviso.

*

Desde então o pequeno nunca mais tirou nada a ninguem, e, quando no collegio via algum dos companheiros ficar por brincadeira com o lapis ou a penna dos collegas, reprehendia-o promptamente e dizia-lhe:

— Fazes hoje por graça, o que amanhã podes fazer por vicio. Queres vir a ser a coisa mais despresivel que ha n'este mundo — *um ladrão?*

Terceiro concurso photographico dos SERÕES

Menção honrosa

SIMULANDO UMA MALHADA

Photographia do sr. Gomes Pinto, Porto

Grandes topicos

A questão religiosa em França

Vae uma celeuma espantosa em França por causa dos celebres papeis apanhados na nunciatura de Paris, e cuja publicação, reclamada pelos partidos avançados, já não agrada aos clericaes, que a começo a pediam tambem, seguros de confundir os inimigos. As revelações que vão apparecendo não são comtudo de molde a collocarem em mau campo senão os proprios clericaes. Tentativas de suborno sobre o chefe do governo francez, pedidos de intervenção de potencias extrangeiras no conflicto interno, as intrigas em summa habituaes ao jesuitismo que no Vaticano domina, tudo isso está transparecendo dia a dia, e dando carradas de razão aos adversarios da Egreja militante, entre os quaes se enfileiram muitos catholicos sinceros. E' um complicado romance que terá como desfecho ainda, segundo tudo leva a suppôr, um novo e retumbante triumpho de Clémenceau.

A MAIOR VICTORIA DE BULOW

Suppõe-se já Bismark

Do «*Borssrem*»

A paz

Continúa a preparar-se sem grandes ruidos o novo congresso de paz. Parece que o projecto de desarmamento, apresentado extra-officialmente pelo primeiro ministro de Inglaterra, não será considerado n'esse congresso, em vista da opposição que encontrou na maior parte da imprensa das potencias mais interessadas, e sobretudo da França, que não parece julgar a *entente cordiale* garantia sufficiente contra as coarctadas guerreiras da sua visinha de Leste.

Em compensação, alvitra-se a ideia de alargar no novo congresso o principio da arbitragem, devendo submetterem-se ao tribunal da Haya o maior numero de conflictos internacionaes que seja possivel, sem quebra da dignidade ou da segurança das nações interessadas.

ALL FOR PEACE

TUDO PELA PAZ!

Do «*Life*»

O VISINHO TURBULENTO

Quando a Russia e a America tratam de explorar pacificamente a Siberia, porque ha de o Japão levantar tamanha algazarra?

(Palavras russas sobre as combinações commerciaes entre a America e a Russia.)

Do «*Strekose*»

O tunnel da Mancha

A camara dos Communs de Inglaterra pronunciou-se contra o projecto do tunnel da Mancha, perfilhando as allegações do partido militar inglez, que veem n'elle um perigo gravissimo contra a segurança da Grã-Bretanha.

Revela-se n'isto uma das faces contradictorias do complexo caracter britannico, a um tempo enthusiasta por innovações materiaes e rotineiro em certos pontos que prendam com a constituição ou com as tradições nacionaes. Não se deveria esperar porventura esta timida resolução de uma camara com maioria liberal. Mas o espectro da Allemanha do presente ou da França do futuro tiveram mais força no espirito dos representantes da nação do que as ideias de progresso e de confraternisação entre os povos. Aguardemos nova tentativa, que virá proxima e será decerto mais afortunada.

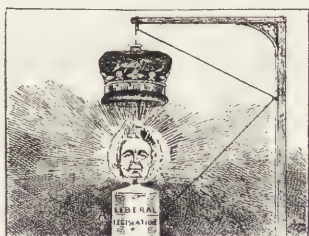
AS ELEIÇÕES ALLEMÃS

O MARCADOR BULOW — *Na mosca!*

Do «*Pasquino*»

AS ELEIÇÕES NA ALLEMANHA

«A Allemanha não deve apenas cavalgar bem; deve ser capaz de atropellar os adversarios.» (Discurso do Kaiser)

Do «*Pasquino*»

O APAGADOR DOS LORDS E COMO TRABALHA

Quando a vela chega á linha A, a corda arde e o apagador cae na luz, que é o primeiro ministro.

Da «*Westminster Gazette*»

MOSTRA OS DENTES... MAS SÓ A SORRIR

O Japão vae mandar uma esquadra a visitar San Francisco e outros portos do Pacifico.

Do «*Chicago News*»

O desabamento do tecto da Duma

Pouco depois da abertura da Duma, a 15 de março, pelas 6 horas da manhã, abateu o tecto da sala de sessões da Duma. O estuque era ainda novo, pois tinha sido collocado quando a sala foi convertida de jardim de inverno em local de assembléa politica. Debaixo das vigas do tecto havia taboas de tres

quartos de pollegada de espessura, as quaes datavam da erecção do palacio, de ha 120 annos. Sob estas taboas estavam pregadas ripas de 1/16 de pollegada de espessura afim de suster o estuque. A vibração dos geradores electricos, recentemente installados, afrouxou os pregos, o que produziu o desabamento. Felizmente, a hora matutina em que se deu o desastre evitou que elle tivesse causado victimas e salvou os representantes do povo russo.

A LETTRA QUE FALTA

JOHN BULL — *Olá! falta uma lettra. E' revolução ou resolução?*

(A proposito da resolução que se intenta apresentar á Camara dos Communs, limitando os poderes constitucionaes da dos Lords.)

DEPOIS DAS ELEIÇÕES ALLEMÃS

O PADRE *(em cima)* — *Graças ás tolices alheias, continuamos a estar de cima.*

Do «*Wahre Jacob*»

Em Marrocos

O imperio de Abdul-Azis deu de novo que falar de si. Quando, aplanadas todas as dificuldades, a tão decantada *questão de Marrocos* entrara no caminho da solução, e as potencias interessadas se preparavam para executar as determinações da Acta de Algeciras, eis que um novo acto de banditismo, praticado em circumstancias especialissimas, veiu chamar a atenção do mundo para esse velho reducto do Islam.

Ha tempos estabelecera-se em Marrakesh, a cidade mais suja e mais insalubre que se conhece, o medico francez Mauchamp que, por encargo do *Comité du Maroc*, ali foi estabelecer um Dispensario. Instalado n'um edificio do Estado, o dr. Mauchamp em breve conseguiu ganhar a confiança e a sympathia dos indigenas pelas inumeras e notaveis curas que realisou. Ultimamente foi Mauchamp á capital da França e, durante a sua ausencia espalhou-se o boato de que, apenas regressasse, instalaria na sua habitação um aparelho de telegraphia sem fios *que permitiria aos francezes de Paris ver tudo o que se passasse em todo o imperio.* Quem lançou esse boato? Afirma-se que um tal Holzman, pretenso medico, ha annos residente em Marrakesh e lá trabalhando de alma e coração pela Allemanha...

Fosse quem fosse, o certo é que ao regressar ali, Mauchamp foi recebido com manifesta hostilidade por todas as classes sociaes. Com elle apareceu em Marrakesh uma missão scientifica e commercial franceza que se instalou na sua habitação, em cujo mirante fez logo erguer um alto mastro destinado a observações geodesicas. Os mouros da montanha, quasi todos amigos de Holzman, ao verem o mastro e supondo que elle era de telegraphia sem fios, levantaram-se em massa e atacaram a casa do medico francez, assassinando-o, sem que as auctoridades marroquinas tentassem sequer evital-o.

Não podia a França deixar passar em julgado mais esta afronta, e assim resolveu immediatamente ocupar a cidade de Ujda, conservando-a em seu poder até que o Maghzen se resolva a cumprir com os seus deveres. Deve notar-se que não é apenas por este crime que o governo cherifiano tem de dar satisfações á França, mas ainda pelos atentados de que foram victimas ha tempos Charbonnier, em Tanger, Lariche em Rabat, e Gironcourt em Fez. Além d'isso, as convenções franco-marroquinas de 1901 e 1902 sobre delimitação das fronteiras com a Argelia, postos alfandegarios, etc., nunca foram respeitadas por parte de Marrocos.

A França tem assim serios motivos contra o Maghzen, e como a Acta de Algeciras lhe deixou inteira liberdade para regularisar directamente com Marrocos tudo o que depende da região fronteiriça, a ocupação de Ujda não póde dar origem a qualquer complicação internacional. E, com efeito, todas as potencias aplaudiram a atitude energica do governo francez.

O ENTERRO DO PARTIDO LIBERAL EM HESPANHA

Maura presta as ultimas honras ao partido liberal, cuja mortalha é a lei das associações.

De «*La Campana de Gracia*»

O CZAR E O POVO

O CZAR *(ao ministro)* — *Vé se tens o açamo prompto. Não me fio n'elle.*

Do «*Weekblad voor Nederland*»

ULTIMO RETRATO DO REI LEOPOLDO

Do «*Judge*»

A GRÃ-BRETANHA DOMINA AS ONDAS!

Como os americanos encaram o terror do tunnel.

Do «*Puch*»

Na Roumania

Serios disturbios teem occorrido na Roumania, de caracter agrario, por causa de uma sociedade financeira que adquiriu por baixo preço consideraveis tractos de terreno para os vender com grande lucro aos camponezes. As tropas teem exercido força para manter a ordem, resultando victimas. Alguns proprietarios teem sido assassinados pelos revoltosos. A devastação met-se estendido por varios districtos. Algumas aldeias foram bombardeadas.

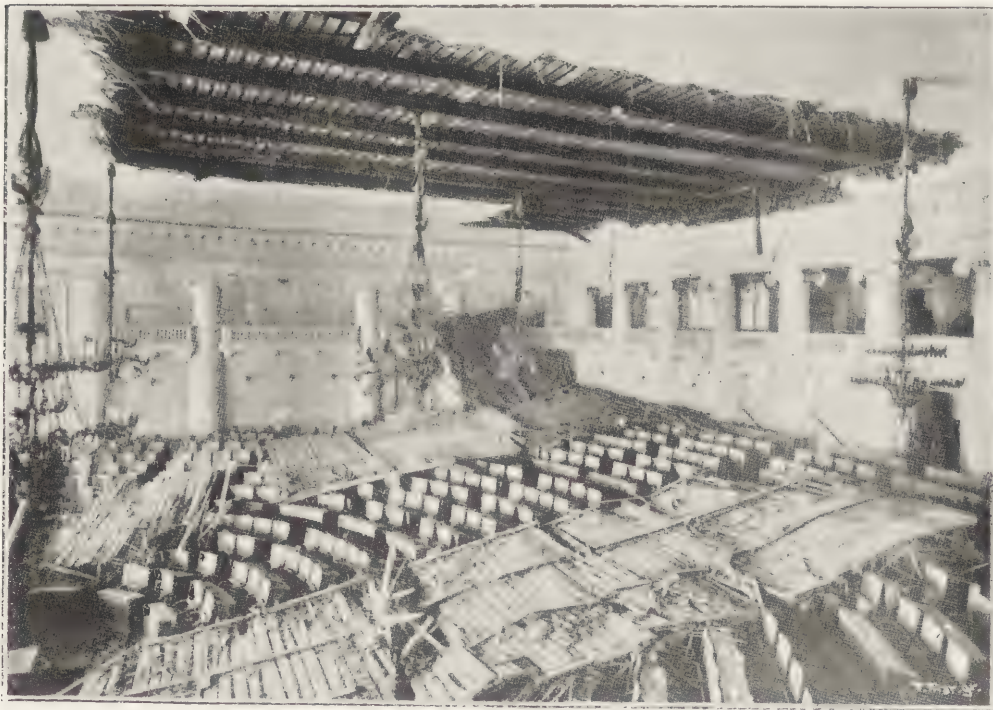
Nos primeiros dias de abril a tranquilidade parecia restaurada na maioria dos districtos. O ministro da guerra tinha 140.000 homens distribuidos pelo reino, estando a Valachia occupada por tropas moldavas e a Moldavia por tropas valachias. Os bandos, compostos de gente turbulenta, ciganos, extrangeiros e criminosos evadidos, havim sido exterminados.

OS ULTIMOS DESASTRES NAVAES

O couraçado francez «Iena»

O paquete inglez «Berlin»

O rei de Inglaterra em Hespanha

A entrevista entre os reis de Inglaterra e Hespanha, em Cartagena, deu logar a varias hypotheses de combinações internacionaes, que interessam tambem Portugal. Assim, aventa-se a ideia de uma quadrupla alliança entre a Inglaterra, a França, a Hespanha e Portugal, tornando-se já esse plano objecto de vivas controversias na imprensa dos paizes interessados. Hypotheses prematuras.

ASPECTO DA SALA DE SESSÕES DA DUMA, DEPOIS DO DESABAMENTO DO TECTO

Vida na sciencia e na industria

BERTHELOT

Berthelot

O fundador da chimica moderna, Pierre Eugène Marcellin Berthelot, falleceu dramaticamente a 18 de março, poucos minutos depois de sua mulher, a quem era profundamente dedicado. Nascera em Paris a 20 de outubro de 1827, e tinha apenas 23 annos quando crystallisou o carbonio, o que lhe deu desde logo fama universal, acrescida pelos seus admiraveis trabalhos em chimica synthetica.

Os restos dos dois esposos repousarão juntos, e gloriosamente, no Pantheon de Paris.

Alem de um grande sabio, foi Berthelot um estadista notavel, exercendo por vezes com muita distincção as funcções de ministro.

Era, morto Pasteur, a maior gloria scientifica da França, e uma das maiores da humanidade.

Um monstro antidiluviano

Os Estados Unidos offereceram ao Museu de South Kensington o esqueleto de um Dinosauro Triceratops, notavel exemplar de paleontologia pelo tamanho descommunal de cabeça, que excede a de todos os animaes terrestres, quer vivos quer extinctos. Essa caveira tem 2 metros de comprido, ou seja um terço do comprimento total do bicho. O esqueleto, depois de montado, mede 6^{m},5 desde o extremo do focinho até á ponta da cauda, e a altura nos rins anda por 2^{m},7. Como o nome indica, o animal vivo possuia tres chifres, um na testa e dois mais atraz, mas isso eliminou-se na restauração, por não ser possivel determinar as proporções exactas. Outra feição curiosa é o focinho cortante, formado por um osso separado em cada queixada; mas o mais extraordinario é a especie de cabeção osseo, que servia de contrapeso á parte anterior da cabeça.

LADEIRA ROLANTE

Os restos d'este monstro extranho foram descobertos nas camadas cretaceas superiores em Wyoming, onde abundam tanto que só um colleccionador encontrou ossos pertencentes a quarenta individuos distinctos. Era este o animal maior do seu tempo. Apesar da sua apparencia formidavel, o Triceratops era herbivoro. O cerebro era extraordinariamente pequeno, sendo, em relação ao volume do corpo, um decimo apenas do do crocodilo.

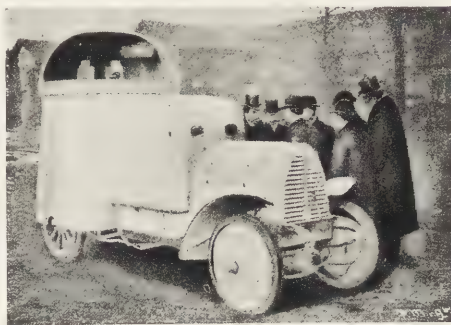
ESQUELETO DO DINOSAURO TRICERATOPS

Ladeira rolante

Nas cidades com rampas fortes, é conveniente adoptar a ladeira rolante ou electrica, actualmente em uso em Cleveland (Ohio), que poupa enormemente as cavalgaduras. A estructura é muito simples, e não toma toda a largura da via publica. Consiste o fundamento n'um canal concreto, estendendo-se por toda a subida, com cerca de 2m,7 de largo e 1m a 1m,4 de profundidade, cortado por travessas de aço sobre as quaes gira um cinto ou faixa sem fim. Quando o vehiculo chega á base da rampa colloca-se sobre a ladeira rolante, travando bem as rodas para que não escorregue. O cinto é então movido pela electricidade e dirigido de uma cabine no extremo superior. O cavallo não faz movimentos durante a ascensão. Ao chegar ao topo, o caminho continúa a nivel durante alguns metros. Tira-se o vehiculo, que segue pelo caminho ordinario. A ladeira rolante tem perto de 140 metros de comprido, e cerca de 22 de elevação. A ascensão dura entre 2 e 4 minutos, conforme o movimento.

Novo automovel de guerra

Fazem-se experiencias no ministerio da guerra francez com um novo automovel cujos caracteristicos são os seguintes:

O *châssis* tem 4 metros de comprido, o motor é de 35 cavallos, a cupula blindada tem 1m,50 de diametro interior, e no centro uma metralhadora. Entre a cupula e o motor, fica o alojamento do *chauffeur*, egualmente blindado. O assento pode baixar e a haste do volante de direcção diminuir de comprimento, para que o homem fique abrigado, com duas aberturas para se guiar. Na cupula ficam dois outros homens, um apontador e um servente, estando o primeiro montado n'uma especie de bicycleta e dirigindo os movimentos da cupula. A' roda d'esta, ha uns cacifos onde se podem guardar 14:000 cartuchos. O conductor entra por uma porta lateral, e os artilheiros por outra na parte posterior da cupula. A blindagem, de aço chromado, tem 3 millimetros de espessura. Todo o carro pesa 2:300 kilos. Ha uma disposição especial e ainda secreta para as rodas, que lhe permitte dar a velocidade de 45 kilometros a nivel, e escalar rampas de 50 por 100, transpondo terrenos pedregosos, barrancos, fossos, etc.

NOVO AUTOMOVEL DE GUERRA

Um aeroplano austriaco

No principio de março fizeram-se algumas experiencias felizes com um aeroplano inventado pelo austriaco Trojan Vreia. Havia nevoeiro sobre o campo, em Bagatelle, mas não havia vento, e em duas das tres tentativas a machina voou a distancias curtas. Na primeira experiencia só as rodas dianteiras se levantaram do chão, na segunda toda a machina se ergueu a uma altura de 6 a 7 metros e voou uns 10 metros; e e na terceira venceu uma distancia de 16 a 17 metros á altura de 1m,3 pouco mais ou menos. A machina tem a forma de borboleta, e um motor Serpolet alimentado com gaz acido carbonico.

O AEROPLANO AUSTRIACO VREIA

A corrosão das casas

Soffrem-na todas as construcções de arcabouço metallico das grandes cidades; mas faz-se sentir sobretudo nos famosos *skyscrapers*, edificios monstros dos Estados-Unidos. Segundo Mr. M. Toch, sabio americano, em todas as grandes cidades existe uma quantidade de electricidade livre, que produz effeitos de electrolyse, que corroem o aço, sendo essa acção mais intensa e rapida quando o metal está proximo de conductores electricos.

Vida na arte

UM DESENHO DE WATTEAU

Novos roubos de preciosidades artisticas

Descobriu-se em França que o fallecido M. Albert Thomas, architecto do Grand Palais dos Campos Elyseos, tinha feito uma serie extraordinaria de furtos da bibliotheca das Bellas Artes. Ao mesmo tempo fizeram-se analogas descobertas no gabinete que elle occupava na qualidade de architecto dos Archivos. Crê-se que todas as caixas existentes no gabinete do conselho da Escola de Bellas Artes conteem thesouros de arte de que M. Thomas se apossou. Foi fazendo a sua original colheita emquanto se occupava de investigações profissionaes na bibliotheca. Os furtos elevam-se ao valor de meio milhão de francos, e eram feitos em parte para embellezar o seu *château* de Nonan-le Fuzelier, e em parte para pagar as despezas de uma amante luxuosa. Reproduzimos uma das preciosidades, um desenho raro e encantador de Watteau.

UMA ESTATUA DOS JARDINS DE SALLUSTIO

Novas descobertas em Pompeia

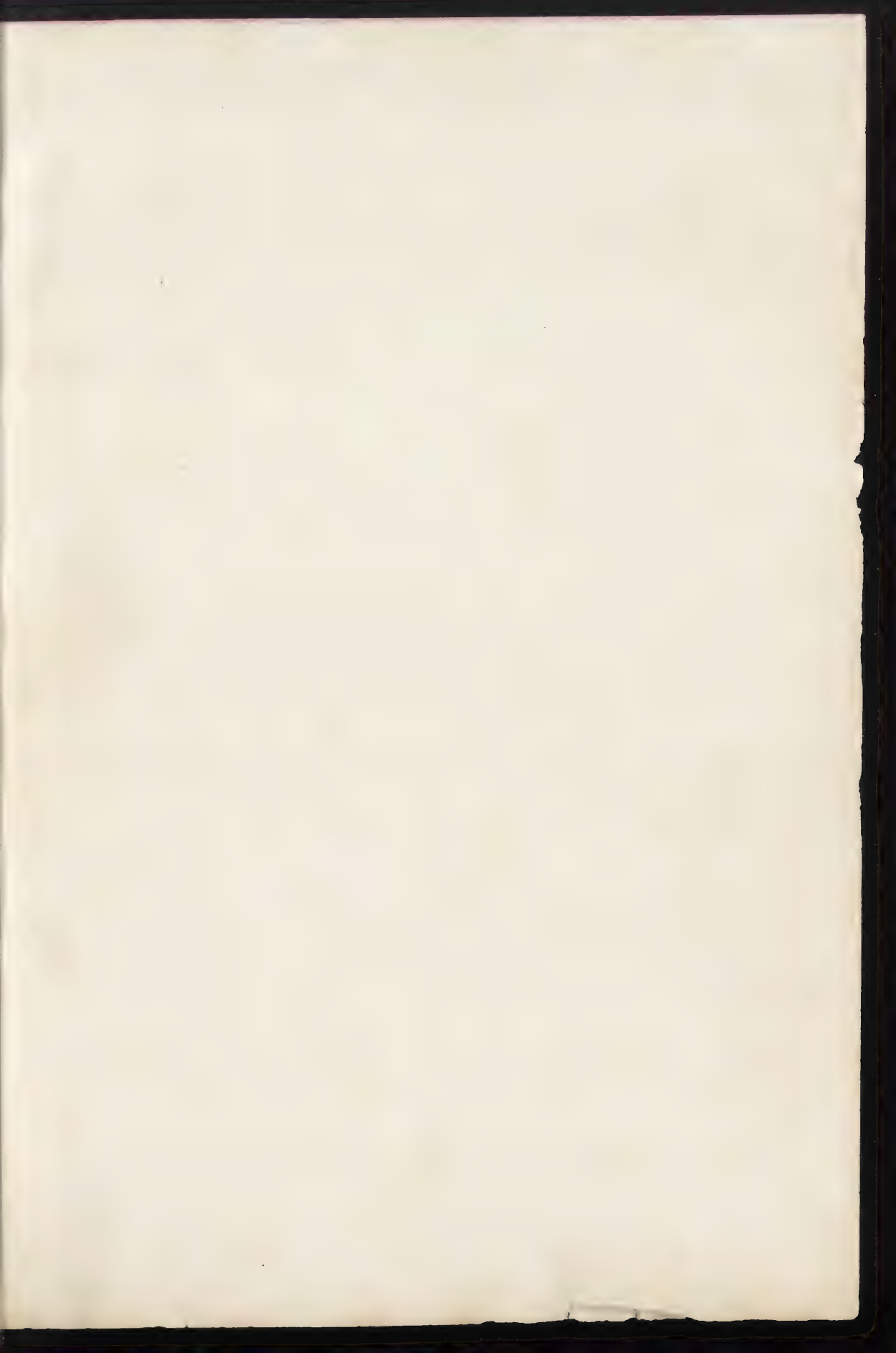
Desde a descoberta da casa dos Vetios que Pompeia não offerece thesouros de valor egual aos da casa recentemente desenterrada, denominada dos «Amorinhos de Ouro». Tem um bello peristylo, um *viridarium* ou jardim interior, que foi plantado de novo, soberbos relevos terminaes e frescos. Mas o achado mais importante é certamente o quadro dos Amores lavrado em ouro e esmalte. E' d'elle que a casa toma o seu nome. Reproduzimos dois marcos de bella esculptura, onde se veem em relevo mascaras comicas.

Outros ainda se desenterraram de precioso lavor.

MARCOS DA CASA DOS AMORES DE OURO EM POMPEIA

Nos jardins de Sallustio

Quando Alarico devastou Roma, as estatuas do jardim de Sallustio foram escondidas pelo povo. Em 1583, foram trazidas á luz porções do famoso grupo das Niobides, provavelmente devido a Scopas ou Praxiteles. Ultimamente, encontrou-se outra d'essas estatuas n'uma galeria subterranea a cerca de 11 metros de profundidade. E' a que reproduzimos na gravura junta.

Vem enriquecer o valiosissimo patrimonio artistico da Grecia e alvoroçar archeologos e artistas.

Serões

Maio de 1907

N.º 23

LIVRARIA EDITORA

Ferreira & Oliveira, Limitada

132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietario: Livraria Ferreira & Oliveira, Lt.da — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Séde da admininistração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A VIDA SEXUAL

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos na pagina 8.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Boletim Photographico — *Revista mensal illustrada de photographia* — Summario dos principaes artigos do n.º 83 — Processos de ampliação — A photographia aerea por meio de papagaios — Errata — Publicações recebidas — Productos e material novo — Formulario — Summario do n.º 84: — A illuminação racional dos clichés nas lanternas de ampliação — Calibragem de provas estereocopicas — Pé de galeria improvisado — Vicente Gomes da Silva, etc.

La Lectura — *Revista hespanhola de ciencias e de artes* — n.º 76 — Abril de 1907 — Summario: — La casa de la contratacion de las Indias por y Piernas Hurtado — Por Escondinavia (Visiones de viage) por Fray Candil — Historia comtemporanea de España Lecciones en el Ateneo de Madrid por Rafael Altamira — Los sermones del P. Vaughan por L. Cubillo — Sociologia — Manual de Sociologia por Adolfo Porada — Chronica — Libros — Napoleon et sa famille — La Fête imperiale — The life and letters of Lafcadio Hearn por Bénder — The future of America — A Search after realities por J. Jiménez. Libros recientes. Prensa: Los hermanos Quintero y la Prensa italiana (Giornade d'Italia, La Tribuna Avanti!) Revista de revista por Julian Juderias Españolas, Francezas, Inglezas y Norte-Americanas, Escandinavas — Libros recebidos.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — Tomo XI — n.º 1 — Summario — Casas memoraveis — Cruzeiros notaveis (continuação) pelo sr. dr. Sousa Viterbo — Um artista desconhecido, pelo sr. dr. Sousa Viterbo — Um desenho de Vieira Lusitano, pelo sr. dr. Sousa Viterbo — Noticias Archeologicas (continuação) pelo sr Rocha Dias — A Infanta D. Maria e o seu hospital da Luz (continuação) pelo sr. Victor Ribeiro — Catalogo das moedas e medalhas do museu do Carmo (continuação) pelo sr. dr. Arthur Lamas — Socios inscriptos depois de publicada a ultima relação.

Echo Feniano Girondino — *Publicação mensal* — Magazine illustrado, de instrucção e de recreio — Summario — Carro dos empregados do commercio (photogravura) — O Mealheiro «Feniano» — Os criminosos da Historia — O Homem mais rico do mundo — A deusa Jano — Phrases celebres — Os homens passaros — Dictos e piadas — Medicina pratica — Ignez Negra — Flores que devoram ratos — Proezas d'um ladrão (romance) — O amor — Caramanchão (photogravura) — O mau zuavo — (Canto de Daudet — As tres lagrimas — Cantiga (versos de Eugenio de Castro) — Noivado (soneto) — Os beijos (comedia) — Secção de Sport — Secção da bordadeira (com photogravura — Sciencia recreativa — Secção de petiscos — Echos theatraes — Secção charadistica.

A Juricidade — *Revista de Direito Theorico Legislação e Direito Pratico* — Publicação Bimestral do Ceará-Brazil, 1.º volume referente aos mezes de Janeiro e Fevereiro — Summario: — Linhas de apresentação — Juricidade pelo dr. Soriano d'Albuquerque — Grão de Doutor pelo dr. Antonio Augusto — Etiologia do crime. meios de defeza Social pelo dr. Mello Cesar — Jurisdicção civel (Justiça local) accordãos reformando a sentença contra a Sociedade de Beneficencia e Monte Pio — Acção ordinaria intentada pelo Professor de Logica do Lyceu devido administrativo que lhe designou a cadeira — (Rasões, sentença, appelação, accordão) — Acção ordinaria — Sentença sobre seguro de vida, contra Sociedade Mutuaria — Regimento de custas Judiciaria do Estado (commentado) Analyses e Informações.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura de agricultura geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas do paiz — Summario: — Chronica e noticias por F. d'Almeida e Brito — Vinificação por A. L. H (continuação) — A proposito de Densidade por Aléxis Lasbarréres — Noticias officiaes — Correspondencia pelo Padre Manuel Rodrigues Correia Araujo — Chronica do Norte por Palma de Vilhena — Contra o mildiú por F. d'Almeida e Brito, Consultas — Trabalhos do mez de Maio — Gravura — Bomba de cadeia ou de rosario.

Quarto concurso photographico dos SERÕES

PRIMEIRO PREMIO

AZENHA DO PAÇO

(Photographia de João Pereira da Cunha e Costa Junior — Mafra)

A caminho de Goa

Quem embarca para a India, leva comsigo na idéa um descontentamento antecipado pelo *terminus* da sua jornada. Ouviu fallar de Gôa como d'uma terra pobre, quente, muito quente e doentia, com tigres e cobras á espreita dos incautos.

A viagem atravez do Mediterraneo, do Mar Vermelho e do Oceano Indico dá-lhe primeiro um doce quebranto. A nostalgia da patria vence por fim a resistencia dos temperamentos mais duros e, depois de 17 a 20 dias de mar, não é na cidade de Bombaim, opulenta e grande, que o emigrante portuguez saccode o pezo leve d'uma tristeza que poucas vezes chega a vir d'uma saudade.

Em geral, os portuguezes que vão á India não se demoram n'esta cidade. Partem quasi sempre no mesmo dia em que chegam.

A's 2 horas larga da *Victoria Terminus*, uma estação que parece um templo, para Poona o comboyo da Great Indian Peninsula, e cêrca das 7 da tarde segue a Southern Maratta Railway de Poona para a Londa. Munidos de todas as indicações de trasbordos, nem um só dia se quedam os nossos compatriotas a contemplar essa prenda de noivado, offerecida em dote pela magnificencia d'um rei a uma princeza de Portugal que se foi com ella para Inglaterra.

A dadiva, então, pouco valia em si; foi, porém, a chave da India, o ingresso do Inglez na peninsula lendaria sobre que hoje impera, totalmente. Quem tivesse obrigado o prodigo a convencer-se de que o governador d'aquella praça tinha rasão! Não ter havido um portuguez que soubesse impôr os acêrtos honestos e nobres de Antonio de Mello e Castro.

*

Como bom portuguez, tambem fiz tudo á portugueza. Chegado a Bombaim almocei e parti. A monção do sudoeste alagava as praças e as ruas, e punha nos edificios de pedra morena um ar de desabrigo e de solidão.

Installado numa carruagem, lancei os olhos á paysagem que passava rapidamente, deixando-me apenas a impressão dos seus horizontes vastos. Não ha detalhes galantes, trechos-surprezas, emquanto se não começa a subir o Gattes. Mas a ascensão não tarda. Em pouco mais de uma hora, a locomotiva começa a resfolegar, no difficil esforço de galgar aquelles contrafortes alcantilados. São penhascosas as montanhas que a linha férrea atravessa. Os tunneis succedem-se e entre elles o caminho parece uma ameaça; ora é uma passagem estreita sobre valles que vão apparecendo cada vez mais profundos, ora são penedos inaccessiveis que se projectam carrancudos e pesados por cima da nossa cabeça. Mas não é nas proximidades de Bombaim que a India vem ao nosso encontro, com o orgulho montruoso das suas regiões. Todos esses vagalhões de pedra negra nos entretêem a vista,

sem que appareça um trêcho que consiga, momentaneamente, arrebatar o viajante do dialogo intimo com a sua tristeza.

*

Na altura de Poona principia o serviço do *dining-car,* a noite baixa, rapidamente, sobre os campos que uma arborisação cuidada não desencalvece de todo. Estamos a mais de 2:000 pés acima do nivel do mar.

Um poeta maratta comparou os imperios como Poona uma cidade fortificada, um departamento militar do exercito inglez, pertencentes ambas á presidencia de Bombaim.

Hei de um dia fallar-vos d'ellas. Residi em ambas o tempo bastante para poder contar da sua paysagem, dos seus monumentos, da sua historia, da sua vida... e da morte recente de Poona, a linda estação da *season.* Não é, porém, agora a occasião propria; vamos a caminho de Gôa e, sem o leitor conhecer essa depositaria caduca das mais bellas tradições portuguezas do Oriente, o resto do nosso imperio

VISTA GERAL DA ENTRADA DO PORTO DE MANDOVY

da India com os seus crepusculos. E foi menos porque a India acha uma sombra o poder temporal, do que pela curta duração do seu anoitecer. Com effeito, emquanto a Europa é grega, romana, o Indostão tem sido, bramahane, moiro, portuguez, maratta e, finalmente, inglez.

Durante o jantar, os cipaes fazem as camas dos seus senhores; e, quando a gente regressa á sua carruagem, encontra-a transformada n'um dormitorio perfeito. O cançaço do desembarque, um dia movimentado, depois de tantos seguidos na quietação de bordo, levam-nos n'um somno unico até Belgão. Belgão é ao desbarato, mutilada e reduzida por fim, de nenhum outro logar vos fallarei.

A temperatura em Belgão é como a da nossa terra. Era de manhã; mas que o não fosse!... os dois jardins que ladêam a estação fallam-nos da frescura do cantão pela natureza das suas flores. Amores-perfeitos, margaridas, hisbiscos... aguardavam o sol que as não anniquilará n'uma caricia ardente, naquella altura.

A partir de Belgão principia a anciedade. Como será Gôa? De mixtura com a expectativa de tornar a ouvir a nossa lingua, e de a ouvir n'um paiz distante, no coração da Asia,

TUNNEL ATRAVEZ DOS GATTES PORTUGUEZES

vem essa pergunta inquieta, medrosa, descontente, porque nos disseram coisas más da sua temperatura, das cobras e do espirito argucioso dos seus naturaes.

Em 4 horas estavamos na Londa, entroncamento visinho de Gôa. Pouco tempo mais, e eis-nos em Castle-Rock. Castle-Rock é a fronteira ingleza.

De Castle-Rock para lá, já é a S. M. R, que nos arrasta a caminho de Mormugão ; da Londa para lá é já a vegetação que se adensa numa promessa de selvas paradisiacas.

Tudo isto era nosso, dir-nos-hia o coração magoado, se o não soubéssemos de avanço. E o comboyo a correr e as mattas a dilatarem a dôr do que perdemos, recentemente, no seu prolongamento verde, ondeado e mysterioso. Enfim, mais um bambual vibrante com a luz e a aragem, e a nossa India escancára-nos os seus valles, na acquiescencia facil de quem se offerece, ha seculos, á cubiça dos portuguezes e que, farta de rejeições, vae por fim attrahindo os extranhos para as selvas primitivas das suas encostas.

De Castle-Rock para dentro parece que o sangue de todos os nossos antepassados fertilisou as montanhas. A fauna e a flora revelam-se na volupia da sua existencia imperturbada. D'um penedo alcantilado que se debruça e espreita, sobre uma ravina frondosa, partem as derradeiras nebrinas que o sol descondensa, funde e absorve. Semelhante á cabeça d'um gigante enterrado até ao pescoço, aquella rocha escura ali continúa estática, na apotheose constante em que as arvores e as feras vão ao encontro da sua sombra benigna, do seu abrigo bemdito. Lá ao fundo, num talhão que o sol só pode ver ao meio dia, um arrosal muito verde que refrigera aquella cabeça em brasa, com a visão desalterante d'um veiosinho d'agua delgado e puro e com a tenuidade do seu halito silvestre e humido.

O extasiamento começa aqui. Que multiplicidade de tons verdes! Na impetuosidade dos arbustos bravos, que se tocam e entrelaçam, appparecem a teca, o tamarindeiro, o cajueiro... que, aqui e acolá, são um acêno, isolado e gostoso, a lembrar possiveis

riquezas. Que brenhas! Que brenhas nunca exploradas!

Ali vivem e prosperam os tigres, os bufalos, os porcos bravos, os viados, as chitellas e a serpente do matto, a alcatifa.

E que personagens imagínaes, que exerciam a sua preponderancia de especie mais adiantada, no meio d'aquelles bosques virgens e cerrados, com relêvos em toda a escala do verde que adorna os montes e os valles? Chegava a ser irrisorio! Pareciam um templo de Durga, os Gattes portuguezes. A macacaria estavanada e feliz substituia-nos na obra de colonisação. O comboyo passava e os nossos guapos predecessores saltavam, alegres e descuidados, de ramo para ramo, de arvore para arvore, fazendo balançar os ramos e resoar as folhas. Alguns mostravam-nos a alvura dos dentes numa carêta tisnada, e fugiam, internando-se no arvoredo. Outros viam afastar a locomotiva indifferentes ou entretidos com qualquer incidente na vida da familia ou da tribu.

Vi alguns rapagões formidaveis, de tez branca, mas d'um branco muito espesso; vão a caminho d'esta alvura as mulheres que, por todo este mundo de requintes, tratam de substituir a côr natural dos seus rostos por engredientes acamados como esmaltes. Habitantes felizes d'aquelles montes das Novas Conquistas, scismavam talvez numa constituição social que os aproximasse do estado improgressivo das Velhas (Conquistas), quando, num desespero, a sua divindade os condemnou á morte.

Os gafanhotos vieram, a praga estabeleceu-se e roubou-lhes com a sua voracidade os fructos e as sombras dos palacios verdes, onde haviam chalrado de amôr e de ventura milhares de gerações.

*

Eis-nos em *Dudh-Sagor*. A cataracta avista-se muito antes de passarmos por ella. A linha do caminho de ferro de Mormugão é toda em curvas, sinuosidades contornando os montes e ainda assim, parece-nos uma cadeia de tunneis e de pontes. Nada conheço mais pittoresco e accidentado. Ao dar com os olhos na Dudh-Sagor fiquei na idéa de que a sua fama devia ser grande entre os povos de Gôa. E, com effeito, ella é um motivo de orgulho para os naturaes da provincia de Salsete. *Dudh-Sagor* quer dizer *Sagor* — lago ou lagôa — e *Dudh* — leite. Lagôa ou lago de leite é pois o que significa aquelle nome musical que acompanha bem a sonoridade transparente do franjar perpetuo das suas águas.

A *Dudh-Sagor* da altura de 60 metros acima da linha ferrea prolonga-se outro tanto para baixo, indo as suas aguas, num derramamento cada vez menos precipitado, até ao profundo valle que a nossa vista alcança.

A verticalidade da sua queda é porém tão embaraçada pelo relévo das pedras por onde se precipita que o leite não tem, na verdade, maior alvura na sua opacidade.

A primeira vez que a vi ainda tinha uma grande abundancia de aguas. Houve depois proposito de a aproveitar como força motriz para uma fabrica de lanifícios; alguns capitalistas de Gôa chegaram mesmo a pensar em unir os seus capitaes á iniciativa de subditos inglezes de Bombaim para levar a cabo o emprehendimento; mas a coragem veiu a desfallecer, e este desfallecimento até por fim se converteu em hostilidade á realisação do projecto. Hoje, porém, os inglezes que avançam, protegidos pela *Southern Maratta Railway* já aproveitaram parte das suas aguas e da sua força: assim a *Dudh-Sagor* está agora alguma coisa reduzida, mas a sua agua, que uma saliencia de rocha bifurca, não deixou por isso de ser como se do alto d'aquella montanha as suas divindades protectoras se divertissem a derramar, constantemente, cantaros enormes do mais puro leite. Mais uma curva e o comboyo passa, mesmo encostado, á cataracta. Se nos distrahimos, é o espadanar da agua que salta de rocha para rocha, de pedra para pedra, que nos chama a attenção para o logar. A continuidade da linha ferrea estabelece-se ali por um arco sob o qual referve o leite que foge veloz a perder-se, já então, pelo meio da vegetação mais desalterada d'aquellas paragens.

O comboyo segue e ainda a tornamos a vêr duas vezes na majestade d'aquelles alcantis negros, d'aquelle penedo que se ri do sol, e que ella tem roido fundo no seu trajecto precipitoso.

A linha ferrea vae toda a longo de precipicios. Os engenheiros inglezes dizem-na feita de diamantes; tão cara nos ficou a perfida!

Ainda temos na imaginação a *Dudh-Sagor*, e já na frente da locomotiva se levanta outro collosso, coberto de arvoredo cerrado, cujos troncos estão perpetuamente vestidos de arbustos. E' uma nova montanha que vamos furar. No meio, como um ponto negro, enxer-

ga-se a bocca d'um tunnel. D'ahi a pouco, volvidos á luz do sol, se percorremos com a vista a facha estreita por onde o comboyo nos leva, cançados já de contemplar os abysmos verdes e as verdes alturas, onde raras vezes sobresahem os contornos dos penedos, lá encontramos outra vez, ao fundo, aquelle ponto negro d'onde sahimos, recondito, mysteriosamente escondido como se a sua côr fosse apenas o resultado da maior densidade da vegetação virgem que o envolve. São numerosos estes trechos que se nos afiguram promessas de uma felicidade rustica, tranquilla, como a vida intacta das brenhas que vamos atravessando.

PEÇA DE BENASTARIM NO CAMPAL

*

Ao chegarmos a Collem, posto alfandegario portuguez, o nosso coração alvoraça-se todo. E' que ali vem-nos ao encontro; aproxima-se do nosso vagão o funccionalismo d'aquella paragem, e a lingua portugueza apparece-nos, não como a ouvimos articular ás vezes em terras extranhas, mas como um documento vivo da absorpção d'aquelle pedaço da India pelos portuguezes, e da perpetuação do nosso espirito occidental, já que materialmente decahimos e decahimos sempre.

E' o chefe d'alfandega, o medico, o commandante da guarda fiscal do posto e outros de menor categoria que nos demonstrariam, se o não soubessemos já, a terra portugueza, ela fartura de seus empregados publicos.

A amabilidade de todos elles, é que não se parece nada com o bruto rigor do occidente. Queremos pensar nas nossas malas e não nos deixam, queremos perguntar se tal artigo está sujeito ao fisco e tranquilisam-nos com um affago.

A ideia que á entrada da nossa India fiz dos seus naturaes é a que hoje tenho após 5 annos de residencia entre elles.

Ali me aconselharam a que não ficasse em Sanvordem. Sanvordem é sazonatico,—diziam-me então, — e que não havia lá casa boa para pernoitar, accrescentava o chefe da alfandega, o bom Lucena Campos que trez annos depois acompanhei á sua ultima morada.

Todos queriam pôr-me ao facto do melhor itinerario a seguir até Pangim (Nova Gôa); mas o signal da partida cortou aquelles avisos. Eis-nos de novo a percorrer os montes cobertos de bosques e a que apenas esta locomotiva interrompe, diariamente, o silencio extactico da sua existencia virgem.

PORTO DE QUEBRA-MAR EM MORMUGÃO

Alguns minutos depois, chegamos á ponte de ferro sobre o rio Sanvordem. Antes, porém, já o comboyo diminuira o seu andamento sobre ella para rodar vagaroso e pesado como que receoso da sua sorte, ou com o desejo de não despertar o rio que dorme, lá em baixo.

As margens do Sanvordem são sazonaticas, disseram-nos em Collem; — mas que florescencia bemdita se nutre ali, d'aquella lympha

VISTA DO TUNNEL DE CASSÚN

quieta, quasi estagnada! Dir-se-hia qua a má reputação d'aquelle logar, afugentando os homens, alliciou a affluencia tumultuosa da mais abundante vegetação. Um velho patamarim, uma ou outra tona, amarrados aos troncos d'um bambual luzente, e algumas folhas cahidas, despojos raros das arvores que na India nenhuma estação despe nem desalinha, são os habitantes unicos d'aquellas aguas doentias em que se reflecte a ponte ferrea que as profanam.

E' n'esta mesma provincia que a *Dudh Sagôr* tem o seu contraste. Além a cascata de Caranzol mais moderada no deslizar do seu liquido, mais semelhante á alma do Indio em meditação e tranquilidade, ramifica-se vagarosamente, quasi ao fim da sua jornada curta e desaprumada.

Onde a *Dudh-Sagor* se avertigina, desdobra esta o seu lençol mal esticado e transparente. Onde uma é de leite, é a outra de translucidez aérea. Onde a primeira se abysma segredosa, ruindo a montanha, desata-se a segunda em riachos monotonos. Entretanto ambas, são dignas filhas dos Gattes occidentaes, esses sobranceirões do Malabar, que escolheram a nossa Gôa para a descarga das suas aguas.

*

Sanvordem, pobre Sanvordem! entristecimento dos que veem a Gôa e sabem que hão-de ali dormir, para no dia seguinte embarcar numa lancha a caminho da capital.

E' de Sanvordem que partem essas lanchas velhas e miseraveis, perigoso meio de communicação fluvial entre as provincias da India portugueza. Só isto recommendou o logar á minha attenção. Se eu quizesse seguir na tal lancha, era ali que deveria ficar. Hoje, porém, Sanvordem é o centro de exploração do manganés. Gôa espirra manganéz por todos os póros, e Sanvordem está no ponto central das primeiras explorações. Deu-lhe vida o manganés, e o engenheiro turco Ismail que, por obra e graça do actual governador, ali fez o centro das suas operações.

Após Sanvordem está Chandór, um apeadeiro

que leva á aldeia deste nome. Chandór é uma aldeia rica. N'ella existe o melhor palacio de toda a India portugueza, o conhecido solar de Chandór, propriedade de Luiz de Menezes Bragança. Menezes Bragança, um dos mais bellos espiritos da nossa India, não modernisou a sua casa. As galerias, as salas, são ainda agora o que a solemnidade do espirito que as edificou e ornou, quiz que ellas fossem na hora da sua construcção.

O palacio de Chandór é pois um monumento seus naturaes, e das varzeas extensas onde ella se remira ainda orgulhosa.

De Margão a Mormugão ha algumas estações pequenas e toscas, simples apeadeiros cobertos de zinco, sendo os mais importantes Majordá, e Cansaulim por servirem um grupo de aldeias ricas e populosas. Em Vasco da Gama, o viajante extranha o tamanho da estação. Não se parece com alguma das outras onde o movimento e o trafego é cem vezes maior. Perguntamos surprehendidos, d'onde

CASCATA DE CARANZOL

que se não espera entre os palmares e os arrosaes sem fim, d'uma aldeia sertaneja, limitrophe quasi da provincia de Salsete.

Alguns minutos mais, e Margão é nos annunciada pelo grito agudo do avisador.

Margão! não vem agora fallar-vos de Margão, a villa nobre, a villa dos palacetes, a que devera ser capital do Estado.

Por mais que me debruce, por mais que estenda o pescoço, os coqueiros occultam-m'a e só descubro uma ou outra casa das que estão mais perto da linha ferrea. Um dia voltarei a dizer de sua grandeza, edade, edificios, dos

pode vir esta excepção? e temos então de ouvir a historia de uma tentativa frustre dos portuguezes do nosso tempo.

Aquella estação foi edificada para servir uma cidade que deveria ser hoje bastante populosa: a cidade de Vasco da Gama. O mau sestro das cousas portuguezas deixou ficar o emprehedimento apenas na estação: Vasco da Gama resume-se n'ella e em trez ou quatro casas das quaes uma é a do capitão dos portos e outra a do commandante da policia do porto.

Os terrenos de Vasco da Gama, mais ou

menos terra-planados, são um documento desanimador da nossa invalidez actual, como colonisadores. Num golpe de vista se mede aquelle projecto abandonado que nem sequer glorifica quem o concebeu e condemna apenas quem lhe deu tal nome: Vasco da Gama!

Dois nomes estão ligados a esta iniciativa que falhou. Alexandre Meyrelles Tavora do Canto, juiz que foi da Relação de Nova Gôa, e Adolpho Corrêa Mendes. Este sonho, a possibilidade da sua realisação pode dizer-se que se estenderam ao longo de tres governos locaes, até Cardoso de Carvalho.

Mas como a cidade de Mormugão havia abortado assim se desfez este outro feto incipiente, para a gestação do qual Meyrelles do Canto só conseguiu a terraplanagem e os arruamentos que a natureza já reconquistou com a sua flora, e com esse escombrar que o abandono promove em terrenos accidentados, e só removidos pelo homem, momentaneamente.

Quando se inaugurou essa linha ferrea que temos vindo a percorrer, uma esperança se reaccendeu nos que ainda não haviam comprehendido para onde levavam em Lisboa a formosa idéa de Meyrelles do Canto. Mas, a decepção, a hodierna compensadora de tanto impulso coroado pelos portuguezes d'outras eras, feria até um espirito valido como o de Cardoso de Carvalho, governador portuguez, cuja envergadura moral, cujo caracter se não reproduziu em seus successores, e que sobre tal emprehendimento teve o desanimo honesto dos honestos do nosso tempo.

A planta d'esta cidade está feita. Custou muito dinheiro á fazenda nacional; incitou-se muita gente a fazer edificações, mas Vasco da Gama é ainda agora, somente, estação onde estamos parados, cinco a sete casas menos de mediocres, alguns montes de pedras, ruas desarruadas e barracas sujas que os coqueiros protegem, espadanando-se com a viração do Indico.

São passados 10 minutos e a locomotiva parte. Para onde? Para o porto de Mormugão. Mormugão é o *terminus* d'este ramo da *Southern Maratta Railway*.

Verde-esmeralda, os seus montes precipitam-se sobre o oceano, e o mar, embargado ali nas suas arremettidas, resaca-se, forçado e ruidoso, como se quizesse levar comsigo o morro mais saliente.

O comboyo pára e a musica das aguas começa. Um enxame de *coolies* miseraveis, quasi nús e descalços tomam-nos as malas. Ha tempo, dizem-nos os moiros da companhia. De facto, o vapor da *Shepherd*, que nos ha de levar a Nova Gôa, ainda não se avista na barra que no globo se formou, para fixar a apotheose de quem d'ella se partiu, levando comsigo, para sempre, a sublime idéa d'um imperio portuguez no oriente por elle conquistado.

Pobres *coolies!* como elles vergam e rangem sob o fardo da nossa bagagem! Meia hora, se tanto, foi quanto me demorei ali; mas chegou e sobrou.

Como imaginaes Mormugão? Por mais reduzido que prefigureis este unico e acessivel porto d'abrigo, ao longo da costa do Malabar e do Canará, sempre o haveis de ter por mais alguma coisa do que na realidade é. Ao sahir da estação ides ao longo d'um troço da linha ferrea, que serve para as manobras das machinas, e logo encontraes uma barraca: é o escriptorio da *Shepherd*, onde os moiros d'esta companhia nos vendem os bilhetes para a travessia até Pangim (Nova Gôa); e uns vinte passos adiante outro barracão. Se o procurardes nos livros que nos contam essa agonia lenta, chamada a historia de Gôa, apparecer-vos-ha com este nome: Edificio da Alfandega de Mormugão! E, de facto, esta casa terrea, muito semelhante a alguns armazens de vinhos do Beato, é aquella a que a prosa official chamou o edificio d'alfandega d'aquelle porto. Lá ao fundo á esquerda ha um refugio confortavel. E' o *bungalow* do Lobo. O Lobo é um abrigo para o viajante. Alli ha asseio na comida e uma cama voluptuosa: pois o ramalhar das palmas e o quebrar das ondas são a visinhança, toda vitalidade, d'aquella pousada imprevista em Mormugão.

No *bungalow* do Lobo, que á influencia ingleza deve o seu conforto, hygiene e situação, principia uma estrada que leva ao palacio, thronado no alto da encosta, com rasgada exposição para o nascente. Este é hoje o hotel do mesmo Lobo, que offerece os seus serviços aos naufragos da Southern Maratta. Foi construido para residencia de vice-reis e governadores; mas Mormugão abortou como Vasco da Gama.

A caminho do palacio, subindo a estrada que leva ao oiteiro, encontram-se umas casas abarracadas, sempre em principio, com umas toscas varandas de madeira, por pintar, paredes por rebocar muito semelhantes, interior e exteriormente, a pequenas estancias de madeira, ou a fabricas de serração. Estas são as agen-

CATARACTA DO DUDHAGÔR

cias das companhias de vapores que deitam aquellas paragens.

A linha allemã d'Africa Oriental, a *Persian Gulf*, a *British India*, a propria *Shepherd* têm ali seus representantes. Os seus castellos, porém não se acabam, manteem-se propositadamente no estado de não poderem parecer obra feita. Installações provisorias, promptas a serem abandonadas.

Isto vi eu, logo que cheguei a Mormugão e

olhei para a esquerda; á direita, como obra da mão do homem, meio quebra-mar; uma especie de pontão de pedra, erguido para defender a bahia das violencias da monção do sudoeste, e que ficou a meio da sua curta investida sobre as ondas.

Estive ali das 6 horas ás 6 e meia e, a não ser o meu amigo Lobo, o proprietario do hotel, apenas o agente da *Shepherd* com uma senhora ingleza que se entretinham a ver caminhar os caranguejos que as ondas deixavam a descoberto no seu retrocesso. Um deserto. O quebra-mar, justamente porque ficou em meio, não faz senão provocar inerme o ataque das vagas; por isso o meu embarque foi por certa forma o meu baptismo para a vida tempestuosa que a nossa adoravel India me inaugurou naquella hora.

A noite veio, e a illuminação do porto eram apenas duas lanternas n'uma barraca gentilica, onde haviam sodas, fructas, doces indus, e os lampiões a meia força da varanda do Lobo.

No quebra-mar a phosphorocencia do oceano, rebrilhando perto de quem por elle passava, — quando a bruteza das ondas repetia a sua demonstração de que tal obra inacabada é absolutamente inutil, — foi a unica claridade que logrei para o meu embarque.

O *Kalinali* da *Shepherd* atracou emfim. Os *coolies* tomaram conta da bagagem e partiram e eu, sem saber, se a vida se jogava n'aquelles cincoenta passos, lá fui atraz d'elles até ao vapor. Nunca me esquecerei d'este trajecto. A escuridão albergava surprezas. Uma vez era um acartador a quem a nudez confundia quasi com a noite, pela côr da sua pelle de sudra, e que eu não vira a tempo, que me deixava hesitante entre um fardo pela cabeça ou um banho n'aquella bahia. Ha uma epocha do anno em que dizem haver ali tubarões.

Descalços, esguios, eram elles que me sentiam os passos e que gritavam qualquer monosyllabo que significava: olha, repara, *árê!* Eu olhava, reparava, mas só a destreza dos magros que medraram a ranger sob carrêtos, só a seu geito para se esgueirarem, me evitava o mergulho. E as ondas saltavam. Chegarei a bordo sem um banho pensava eu, quando de subito uma vaga mais cheia e crescida se quebrou tão viva que já foi ventura não rolar n'ella para os abysmos amargos d'esse velho Indico, revolucionado outr'ora, durante os combates dos deuses da epopêa bramahanica, e onde se afundaram tantas naus portuguezas e tantas esperanças e especiarias da moirama.

Enxarcado, seguro a um marinheiro do escalér da alfandega, que me guiava e que, n'aquelles cincoenta passos, fôra a unica luz do novo caminheiro na cidade de Mormugão, entrei no *Kalinali* que não tardou a largar.

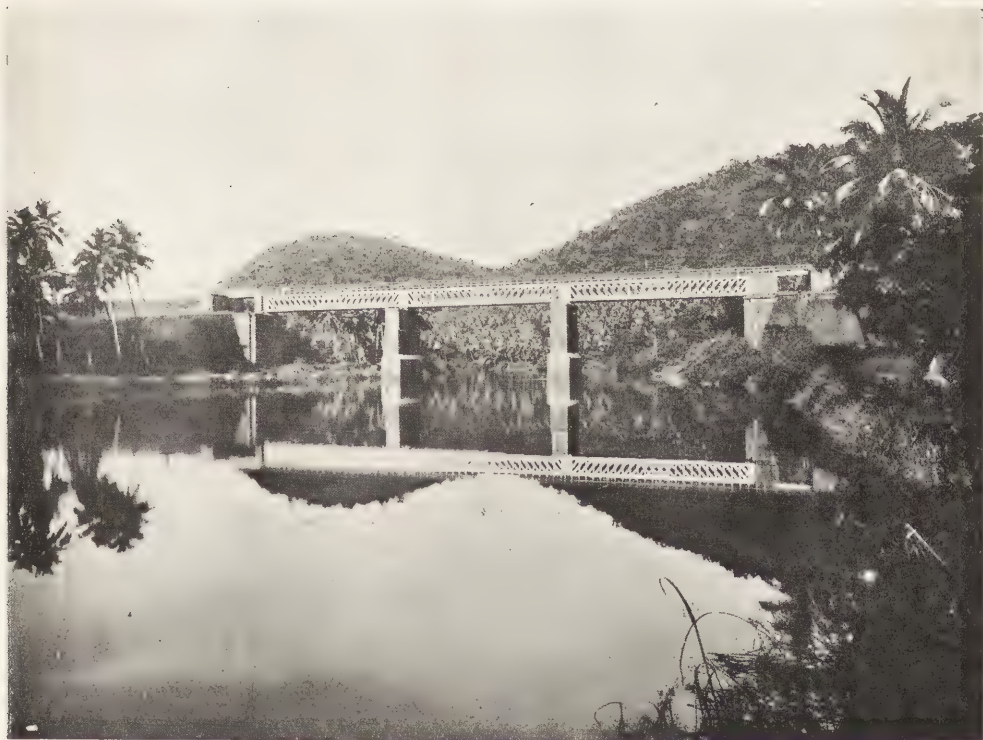
*

A medida que o vapor se afastava, Mormugão sahia das aguas mais d'um jacto, e eu lembrava-me d'aquella teimosia do Conde d'Alvor que lá e cá se esforçou como vice-rei primeiro, e com a sua influencia e seu alto cargo depois, para fazer ali a capital da India portugueza. Em meados do seculo XVII, ouvida a Junta dos Tres-Estados resolveu este vice-rei a transferencia da capital, sob o pretexto da insalubridade de Gôa e para evitar nova invasão dos marattas; mas todo o seu empenho, n'este sentido, iniciou apenas dois desertos — Velha Gôa e Mormugão. Uma que não passou de projecto, — a cidade de que me vou afastando; outra que se despovoou e ruiu, a Gôa das cobras, dos bebiós e adibes. Linda Mormugão, agora te deixo eu silenciosa e escura, morta á nascença ou nascida morta, como um feto de paes degenerados e vis! e quando mais tarde navegar pela costa do Malabar até Bombaim e do Canará até Calicut e não vir bahia alguma de tão prompto e seguro accesso, com tão profundas aguas, e em tão fronteiriça posição a Aden e á costa oriental do continente africano, como ajuntarei a esta certeza o conhecimento da importancia de seres, ao mesmo tempo, o *terminus* da mais importante via ferrea do Industão, não poderei deixar de concluir que já é preciso talento para te não deixarem crescer, povoar, enriquecer!

É este o porto que os russos demandam para a introducção do seu petroleo na India; onde vão os vapores allemães da linha d'Africa; onde entram, frequentemente, os paquetes da *British India*, os barcos da *Persian Gulf*, d'onde a *Southern Marotta*, que ali termina, vae á Londa e ali entronca com as linhas do sul, indo até Bangalore (cidade ingleza do sul, no estado de Mysore), ligando-se neste ponto com a *Madras Railway* que está de posse da rede ferro-viaria do sul; ligada para o norte por Bombaim, com toda a rede circulatoria do Deccan, Bengala extremo norte, Kattiavar, etc.; emfim um dos terminus da rede ferro-viaria

de toda a India, e a melhor bahia de toda a costa occidental da peninsula, com agua para todas as tonelagens, a cidade de Mormugão, digamo-lo, está como nasceu, com o seu quebra-mar, metade construido, e o seu palacio outeiral que foi residencia do consul inglez e que é hoje o hotel do Lobo!

Aqui tendes o que é a cidade de Mormugão para onde o Conde d'Alvor quiz mudar a capital, propondo e insistindo no abandono de Gôa, a cidade tomada por Albuquerque o maior emporio da Asia. Arruinadas pelo luxo as primeiras familias, abraçaram a idéa da mudança das suas residencias, porque este exodo apenas prefaciado pelo vice-rei, logo lhes serviu de pretexto para a liquidação do que haviam, e cessação d'essa vida ostentosa que lhes tinha trazido ruina e degenerescencia. O projecto de largarem Gôa, serviu pois a estas familias para cobrirem com justo disfarce a decadencia ultima a que haviam chegado, materialmente. A peste e os Marattas inquietavam é verdade a Velha Cidade, mas a morte de Gôa, sem que os que d'ella se affastaram, fundassem ou dessem origem a outra capital, denuncia o desconjunctado abatimento a que se viam reduzidos os principaes. Assim cahiu a Velha Gôa e os que a deixaram, restituindo-a ao deserto ruinoso que os meus olhos tanta vez contemplaram, nada levaram para Mormugão dos restos da sua grandeza. Nem um só telhado altaneiro lá corresponde, ao que os transfugas deixaram a mirar-se, a rir-se, á beira do Mandovy.

Felizmente, que me vou afastando de Mormugão. É ora irritação ora tédio o que nos acommette á vista d'aquelle miseravel porto do qual só o engenho da nossa administração, poderia conseguir a inutilisação de todas as condições que deviam fazer d'elle um rival de Bombaim. Não tarda que a barra do Mandovy se nos abra de par em par. Além, á esquerda está a fortaleza d'Aguada, onde as naus portuguezas, já no tempo da conquista, aportavam, frequentemente. É uma fortaleza rectangular, onde a pedra ennegrecida põe uma nota de regularidade na base do monte que vem ao encontro do mar. A fortaleza está voltada para o rio, e para lá estão assestadas as suas boccas de fogo. No alto d'esse monte vê-se o primeiro pharol

PONTE DE FERRO SOBRE O RIO DE LAMBORDEM

portuguez da costa do Malabar. A Aguada é muito varrida pelo vento, sendo por isso ali a temperatura menos alta. Vive na fortaleza o commandante da praça. Defronte da Aguada está o palacio do Cabo, residencia de recreio, e para os mezes mais ardentes, dos governadores geraes. *Lord* Curzon que esteve hospedado no palacio do Cabo chamou a mais bella vivenda do Malabar áquelle antigo e pequeno convento construido sobre rochas. Transposta a Aguada e o Cabo, eis-nos dentro do Mandovy. A entrada é difficil. A monção accumula annualmente na barra do Mandovy um banco de areia que impede a navegação.

Livre da monção abre-se a barra, mas um barco de maior tonelagem, apenas procurando uma linha que os pilotos nos ensinam, pode internar-se até á altura de Nova Gôa. Por isso, cá vae o Kalinali, apezar de vapor costeiro, procurando a linha, o prolongamento do traço que liga o pharol de Nossa Senhora da Conceição em Pangim com o de Gaspar Dias na margem direita do rio. N'esta direcção o vapor chega a estar a uns dez metros da praia da Ilha de Gôa para d'ahi a pouco cortar para a margem opposta e quasi confundir a sua mastreação com os troncos esguios dos coqueiros marginaes entre Verem e Betim, aldeias de Bardez.

Com este bordo se fecham as aventuras de todos os que por mar entram em Nova Gôa ou Pangim; mas desde que nos aproximamos d'Aguada até ao desembarque, que multidão de reminiscencias historias, que deslumbramentos pela paysagem, que surpreza na propria cidade.

Além cahiu o roble augusto que enraizou os portuguezes na India. Vamos cortando as mesmas ondas que deveriam ter engolida a nau d'Albuquerque, para que não agonisasse no doloroso conhecimento de quem lhe mandavam do reino, para d'elle herdar o seu imperio asiatico.

Como havia luar, pude ver bem o Cabo e presentir como nas suas largas varandas se confunde a musica das palmeiras, das mangueiras, dos tamarindeiros e dos velhos bambuaes, jogando ao vento do mar, com o profundo murmurar das ondas.

Depois da cêrca do Cabo, Caranzalem mais verde e luzidia, mais tratadas e felizes as suas arvores, menos desgrenhadas e despidas. A praia do Campal continúa a margem direita, substituindo por um revolto d'areia que separa extensos palmares do Mandovy, aquelle trecho anterior que vem com a sua vegetação mesmo até ao rio. E' no fim d'esta praia por onde todos os occidentaes levam os olhos a caminho do mar, como as aves olham atravez da grade d'uma gaiola para a arvore onde tiveram o seu ninho, que se encontra um largo, murado sobre a praia, á maneira de praça de guerra aonde collocaram, a meio da muralha, uma plataforma rectangular, a peça de Banastarim. A terrivel destruidora, a arma prodigio, companheira da resistencia dos portuguezes num dos cêrcos mais difficeis da sua epopeia oriental.

E lembrar-se a gente que foi em Banastarim que mais tarde o conde d'Alvor reuniu os estados, para resolver o abandono de Gôa, porque a cidade podia ser encommodada pelos marattas!

Fronteira á peça de Banastarim está a fortaleza de Reis Magos, além, do outro lado do rio, corrida ao longo d'um dos degraus do oiteiro. Reis Magos ! quantas vezes lá descancei a vista, depois, quando á tarde me despedia do sol que vinha a caminho do Occidente, de Portugal, da minha terra!

Quando o *Kalinali* encostou *trapiche*, a escuridão da capital melhorou a idéa que me ficára de Mormugão. Oh! a capital tenebrosa!

Um deus, — Indra talvez, interrompera durante uma hora, o amontuar das nuvens que agora voltavam a cobrir o ceu. Com este favor divino entrei em Gôa; com elle me foi dado ver o quadro-sonho da barra do Mandovy para o qual nenhum viajante encontrou ainda aproximação de belleza — sequer! nas mais formosas e ricas bahias do Velho e do Novo Mundo.

Ao atracar a escuridão voltou. — Bemdita escuridão!...

Dom Thomás de Noronha.

A correspondencia epistolar

NO

JAPÃO

LENDO O JORNAL

Supponhamos que a menina Dorothéa, ahi d'esse 3.º andar da rua da Prata ou d'essa sobre-loja da calçada do Marquez d'Abrantes (prazer de ir citando nomes de sitios onde os meus olhos não poisam ha mais de quinze annos...), supponhâmos que a menina Dorothéa conta dezoito primaveras e — consequencia logica — tem o seu namorado. Eu nunca li — affirmo e juro — as missivas trocadas entre os dois; mas sei que são de duas folhas de papel, de tres folhas de papel, de um caderno e mesmo mais!... É notoria a eloquencia epistolar (já não digo a ortographia) em corações amantes.

Dando um pulo — e que pulo! — passando de uma rua de Lisboa a uma viella do Japão, imaginêmos agora que *O'-Hana-San* (a menina Flôr) se encontra em circumstancias semelhantes, no respeitante a idade e a intimos affectos. Posso desde já assegurar que, como a sua irmã da Europa, a *Musumé* se regala com igual abundancia de leitura nas cartas que recebe, dando igualmente provas de infatigavel prolixidade amorosa nas cartas que ella pinta. Conclue-se que as duas Evas — a da Extrema-Europa e a da Extrema-Asia — não differem entre si n'este predicado psychico, como não differem tambem em muitos outros. Algumas divergencias, que se poderiam apontar, são apenas de forma, não de essencia. Assim, em quanto que a europeia *escreve* cartas, a japoneza *pinta* cartas — uma empunhando a penna, outra o pincel.— Convem tambem notar que a grandeza da carta nipponica *(teganú)* não se mede por folhas, nem por cadernos, mas sim por unidades lineares — o palmo, o metro, como queiram —. O pa-

pel para escrever vem da loja n'um rolo, que se vae desenrolando pouco a pouco, á medida que o pincel traça, em linhas de alto a baixo e da direita para a esquerda, a caprichosa caligraphia d'esta gente; arranca-se depois o pedaço que foi escripto, dobra-se em muitas voltas, envolve-se no competente sobrescripto, por signal de forma muito esguia, endereça-se e lá segue... A carta terá pois dois palmos de comprido, ou tres palmos, ou um metro, ou dez metros, conforme o

SORRINDO

LENDO UMA CARTA

assumpto, conforme a ancia de tagarelar com quem se estima. Nas relações entre ausentes, quaesquer que sejam os individuos e os paizes, o pensamento de um procura o outro, vae-lhe ao encontro. Debaixo d'este ponto de vista, a carta japoneza pode merecer uma interpretação sympathica: — imagem do pensamento, segue com elle, alonga-se, parte da mão carinhosa que segura o pincel até ao coração d'aquelle que longe soffre de saudades; não é um volume, é, com mais propriedade de expressão, uma distancia.

A *Musumé* adora as cartas — escrevel-as, recebel-as —. Não será por certo

exaggerado calculo, avaliando a sua correspondencia annual em alguns kilometros, entre missivas de familia, de amigas, de companheiras de escola; entrando, para mais, nas regras de boa educação, a pratica de enviar palavras de carinho aos distantes, em determinadas epochas: — principio do anno, quadra das neves, florescencia das ameixeeiras, florescencia das cerejeiras, começo das calmas, força do estio, inicio do outono, etc. —. Em assumpto litterario, sobra-lhe ainda tempo para lêr o seu jornal, o seu *shimbum*. N'outros assumptos, isto é, em cuidar dos seus vestidos, do seu jardim, ir ao templo, ir ao theatro, ir ao campo, rir — rir sobretudo, que é a sua mais favorita occupação, para regalo de quem lhe espreitar a fila humida dos dentinhos, — a *Musumé* dispõe ainda de quarenta e oito horas uteis, pelo menos, durante cada dia.

Kobe — Dezembro de 1906.

WENCESLAU DE MORAES.

CHORAR

Choraste aquêle dia por acaso,
Ao recordar um santo amôr, talvez...
Tomava o ceu a côr da viuvez
E escondia-se o Sol no seu ocaso.

Choraste! Pêla tua face linda
Correu a pouco e pouco um chôro brando.
Lamento dum amôr que foi passando
Ou uma saudade antiga mas infinda.

Foi então que soubeste que o chorar
É a pagina maior e mais comprida
Dum grande livro que nos faz amar.

Choraste porque sabes compreender
Que essa página e o livro são a Vida
E — vê — nem toda a gente a sabe lêr.

(Do *Livro de Dôr*, a sahir do prelo.)

Carlos Cilia de Lemos.

EPISODIOS E ANECDOTAS

III

A PATRIA HONRAE...

UANDO, a 27 de agosto de 1894, se manifestaram os primeiros symptomas de rebeldía entre os indigenas de Lourenço Marques, os dois unicos navios, que então constituiam a divisão naval, estavam combalidos por um demorado estacionamento nos portos da provincia de Moçambique. A machina da canhoneira *Quanza*, após trabalhosos cruzeiros no norte, no fatigante serviço de vigiar os pangaios e de perseguir os mujojos, funccionava tão lenta, tão arrastadamente, como os pulmões cheios de cavernas d'um tuberculoso. A corveta *Rainha de Portugal*, fundeada no rio do Espirito Santo, não se podia gabar de muito mais san. O governo geral requisitara telegraphicamente, e com a maior urgencia, alguns navios, mas a *Affonso de Albuquerque*, apesar dos melhores esforços da sua guarnição, só chegou em fins de outubro e mais tarde ainda a *Rio Lima* e a *Diu*.

O castigo da rebeldía, no sul, n'uma extensa faixa maritima, salpicada de ilhas, cortada de rios, entre os quaes dois de consideravel importancia estrategica—o Incomati e o Limpopo—em difficilimas condições de abastecimento, n'uma costa ouriçada de escolhos e de parceis, em cursos fluviaes, onde, a cada passo, se esbarra com obstaculos só vencidos á custa de muita habilidade e paciencia, teria de se effectuar com embarcações de tão diminuto valor militar, que se considerariam irrisorias se não as glorificassem a intrepidez e pericia dos seus tripulantes.

O primeiro tributo de sangue pagou-o a corporação da armada. Os rebeldes, ante a defficiencia dos nossos primitivos meios de repressão, alardearam audacia e hostilisaram-nos energicamente.

O que se denominava pomposamente esquadrilha de Lourenço Marques, no principio da campanha, era formada: pelo vapor *Neves Ferreira*, antigo, decrépito e arruinado transporte de emigrantes negros, commandado pelo segundo-tenente Raul Furtado; pelas lanchas-canhoneiras *Xefina* e *Bacamarte* e pelo escaler *Tito de Carvalho*. Este apodrecia encalhado, n'uma praia do Chai-Chai, no Limpopo. As duas lanchas, a primeira commandada pelo primeiro-tenente Marinho Cabral e a segunda por Filippe Nunes, significavam um simples e caricato arremedo de embarcações de guerra. Na *Bacamarte* só cabiam quatro homens, que desempenhavam á compita os complexos misteres de bordo, desde servir as metralhadoras até refugar a caldeirada para o rancho. As chapas do casco não resistiam ao embate d'um tiro de chumbo grosso, a machina estacava offegante no mais crítico da contenda e quando desfraldavam a bandeira nacional á

pôpa as suas dobras ensombravam todo o barco.

No dia 27 de dezembro de 1894, o *Neves Ferreira*, a *Xefina* e a *Bacamarte*, voltavam ao Marracuene, afim de metralhar mais uma vez as duas margens do ncomati. Apenas, do mangal, os negros avistaram as embarcações, toda a linha da beiramar se esbraseou, sinistra, n'um crepitar nervoso de fuzilaria. Subiram de vagar o rio; os projecteis incidiam no costado e despenhavam-se sobre o convés como um d'esses formidaveis aguaceiros de que só a Africa possue o segredo. A artilharia das lanchas cumpria valentemente o seu dever, mas do tenaz e cauteloso inimigo não se divisava sequer um pedaço de lan das densas carapinhas. De tarde, os navios desceram em direcção da foz, sempre tropeçando nas restingas que emmaranham os canaes, sem que o tiroteio contrario abrisse uma tregua na sua furia persistente de morticinio. A's quatro da tarde, quando a Xefina Pequena debruçava o recorte caprichoso do arvoredo nas aguas remançosas e amarelladas do Incomati, quando pouco faltava para se sahir d'aquelle inferno de baixios traiçoeiros, de ciladas cobardes, de acommettidas invisiveis, de tiros que surgiam como fogos fátuos, de metralha que saturava a atmosphera de chumbo e enchia os pulmões de gazes deleterios de polvora infecta, quando o primeiro-tenente Filippe Nunes se virava para o timoneiro e lhe transmittia uma ordem, uma bala aleivosa penetra-lhe pelas costas, atravessa-lhe o coração, mata-o instantaneamente e crava-se n'um madeiro que lhe ficava á retaguarda.

CAPITÃO-TENENTE FRANCISCO DIOGO DE SÁ

Era a primeira victima do dever, a primeira nscr ão de gloria que a marinha gravava nos fastos da campanha, tão opulenta de rasgos heroicos.

No dia 29 de janeiro de 1895, da madrugada, levantava ferro do seu ancoradouro em Lourenço Marques o *Neves Ferreira* e a *Bacamarte*, agora commandada pelo segundo-tenente Vieira da Rocha. Deviam encontrar-se as duas embarcações fundeadas ao meio dia no Marracuene, para auxiliar as forças da terra e cortar a retirada ao inimigo, caso elle quizesse atravessar para a margem esquerda. Essa viagem, tão curta em distancia, foi cheia de peripecias, revolvida de trabalhos, accidentada de perigos.

O *Neves Ferreira* com os seus onze pés de calado, em fundos sempre oscillantes, varou quando demandava a entrada do Incomati. O seu commandante, Raul Furtado, official que prestou optimos serviços nas operações pela sua coragem e sciencia, mandou arriar a baleeira com quatro marinheiros, para se safar, o que conseguiu com muita felicidade e calma de resolução. Proximo da Xefina, determinou o tenente Furtado que o escaler fosse içado e que a sua guarnição recolhesse a bordo. A vaga alterosa e o seguimento do vapor não permittiu a realisação d'esta medida. Dobra-se um baixio, a corrente forte e desvairada ennovela-se n'um redemoinho, o leme não actúa no navio, a ondulação atira-o sobre a praia, o

PRIMEIRO-TENENTE VICTOR SEPULVEDA

encalhe é inevitavel e talvez fatal. Uma manobra arrojada, porém, obriga-o a arribar e salva o casco de adornar sobre a fôfa cama de areia, que o solicitava com a fascinação d'uma d'essas fabulosas sereias tão temidas dos antigos navegantes. No momento em que sahia de todos os peitos um suspiro de allivio pelo risco ido, resôa lugubre e pavoroso o brado:

— Homem ao mar!

A baleeira virara-se. Um dos naufragos sobe facilmente pela espia do reboque, outro, menos expedito ou mais atrapalhado, aferra-se afflicto ao cabo, mas não encontra forças para se içar. E' laçado pelo pescoço e assim mettido no convés. Os dois restantes marinheiros, esbracejam nas ondas, a distancia, agoniados, prevendo a morte engulidos pela agua, ou retalhados pelos dentes ponteagudos e incisivos dos crocodilos. O *Neves Ferreira* não lhes pode acudir sob pena de se perder. Faz signal á *Bacamarte* para que os soccorra. Vieira da Rocha não se atemorisa com as difficuldades a vencer e aprôa ao sitio onde os desventurados se debatem nas vagas. Um d'elles sabe nadar; outro não. O segundo, agarrado á quilha da baleeira, deixa-se ir com ella, n'um rodopio phantastico e vertiginoso, ao sabor da corrente impetuosa. N'um momento, pelo capricho do mar, o escaler abeira-se da praia. Obravo e destemido nadador, impellido por

PRIMEIRO-TENENTE ALFREDO CAÇADOR

PRIMEIRO-TENENTE RAUL FURTADO

esse espirito de boa camaradagem e dedicação peculiares aos marinheiros, dirige-se para o companheiro, ampara-o, segura-o á custa de inauditos sacrificios e condul-o a terra. A *Bacamarte* não podia atracar ali; os naufragos foram constrangidos a andar mais de oitocentos metros pelo areal; quando a lancha conseguiu approximar-se, o 304, da 6.ª brigada, o que nadava, tornou a lançar-se á agua e a rebocar o camarada para bordo, em tão boa hora, que não lhe succedeu percalço de maior, além do prolongado banho.

Junto da Xefina Pequena o *Neves Ferreira* tornou a quedar-se em cima d'uma corôa. Só a preamar teve poder de o safar, ás quatro e meia da tarde. Proseguiu então a viagem. O mangal da ilha, onde se acobertava a damnada gente do Finish, transforma-se n'uma catadupa de projecteis, desfechando os negros sobre as embarcações quantas armas possuiam. As metralhadoras replicam na sua linguagem estrepitosa e phrenetica. O tiroteio dos indigenas esfria gradualmente; um pouco mais adeante, o 195 da 4.ª, um grumete com vista de milhafre, descobre dois rebeldes occultos por entre o capim. Aponta sereno e faz fogo. Um tomba para nunca mais se erguer; o outro foge como um antílope perseguido pelo leão. Na margem direita avistam-se diversos grupos, escondem-se á pressa, disparam varias descar-

gas, mas duas granadas certeiras, enviadas a tempo, enxotam-n'os para o mato cerrado. A fuzilaria vae esmorecendo, com intermittencias de cançaço, até se extinguir de todo. A's seis e meia da tarde fundeavam os dois navios em frente do Marracuene, desenrolando-se-lhe ao lado o bivaque da columna.

No dia 30, o *Neves Ferreira*, no cumprimento de instrucções recebidas, singra pelo Incomati acima, até onde o fundo lhe permitte. As suas metralhadoras excedem o Jupiter tonante da mithologia. O colmo das povoações breve se esbraseia em labaredas accesas pelos projecteis; os bandos da negralhada, curiosos e aggressivos, occultos no mangue e nos accidentes do terreno, não tardam a deixar ermos os covis onde se acoutam; tres lanchas de carga, de typo europeu, das empregadas no trafego entre a cidade e o interior, que se lhe depara, são apresadas. Não ha ninguem a bordo. Era evidente a connivencia da tripulação no contrabando de polvora e armas. Fugira tudo á approximação do vapor.

Ao passo que o *Neves Ferreira* realisava esta util e productiva expedição, a *Bacamarte* voltava para Lourenço Marques com correspondencia e em busca de provisões. Os negros como a vissem tão microscopica e desacompanhada de auxilio, fizeram convergir sobre ella toda a sanha do seu complexo e variado armamento. Entre as duas Xefinas a vigia de prôa, previne o tenente Vieira da Rocha.

— Sô commandante, vae além uma lancha apinhada de negros.

— Onde ? — pergunta o official assestando pressuroso o binoculo.

— Acolá — responde o interpellado, apontando para a frente, n'um gesto significativo e energico; — remam com alma os safardanas; querem ganhar a margem direita.

— E se fôr gente pacifica?! — objectou um marinheiro mais ingenuo.

— Qual pacifica, nem meio pacifica?! Quem não quer andar n'estas danças recolhe-se á cidade. Os pretos que vadiam por aqui nem valem o ferro que os ha de matar — explicou meio irado o interlocutor.

O tenente Vieira da Rocha encarou com olhar expressivo o tripulante que desempenhava a bordo as pomposas funcções de machinista, e ordenou-lhe:

— A'vante, a toda a força!

Operaram-se milagres. A caldeira não rebentou, nem toda aquella engenhoca de metaes velhos e de tubos rôtos foi pelo ar porque a Providencia protege os temerarios. Da lancha conheceram o perigo e multiplicaram os esforços para fugir á perseguição.

— Os cães do diabo querem enrascar-nos e vão para cima das restingas! — exclamou, terminando a phrase com uma formidavel praga, um dos quatro marinheiros da *numerosa* guarnição.

— Não terão tempo para tanto — resmoneou por entre dentes Vieira da Rocha calculando com toda a serenidade a marcha das duas embarcações.

— O rio é largo n'este ponto — commentou alguem para o camarada — e a helice sempre é mais maneira que os remos manejados por aquelles calmeirões.

— Olha lá! — berrou outro com a vista esgazeada e os labios a tremerem de instinctivo furor. — E' o barco de Carlos Lopes!

— E', não ha duvida! — confirmaram todos n'uma serie de inflexões, que exprimiam os sentimentos mais antagonicos, e que iam desde a surpreza dolorosa até o jubilo da vingança prestes a saciar-se.

Permitta agora o leitor que o elucidemos acerca da identidade do dono da embarcação, n'esse momento na posse dos rebeldes. Carlos Lopes era um dos netos do destemido e venerando patrão Joaquim Lopes, de Paço de Arcos, que salvara tantas vidas do naufragio

SEGUNDO-TENENTE PINTO ROBY

como cachopos e penedias tem a barra de Lisboa. Entregava-se em Lourenço Marques á profissão de pescador, profissão ali lucrativa mas arriscada. No dia 24 de outubro de 1894, embarcara na sua lancha, com dois madeirenses e um italiano, afim de pescar na Inhaca. Na bahia o vento rondou para o sul, rijo e ameaçador. Conhecendo que não podiam romper, deliberaram arribar á Xefina. Os quatro levavam espingardas e munições.

Antes de desembarcar descobriram um barco a bordejar dentro rio tripulado por trinta pretos. Temendo uma acommettida, quando em terra, dispararam alguns tiros sobre os rebeldes, que fugiram á força de vela. Saltaram na ilha e dormiram no barracão destinado a lazareto. De madrugada, ao despertar, não encontraram a sua lancha. Os indigenas tinham-lhe cortado a amarra e a maré impellira-a para dentro do Incomati. Estavam á mercê dos revoltosos. Carlos Lopes, sempre imaginoso, construiu uma jangada com as portas, janellas e mais madeiramento do pharol. A' tarde os dois madeirenses confiaram a vida ao fragil batel e dirigiram-se para a cidade. Carlos Lopes teimou em ficar. Ainda não ia longe a jangada quando a embarcação dos insurrectos lançou um golpe d'elles na praia. Houve tiros, uma lucta homerica e os dois europeus foram assassinados. Quando no dia immediato ali chegou um navio de guerra, commandado pelo tenente Raul Furtado, encontrou os cadaveres dos dois infelizes completamente nus. Carlos Lopes apresentava a perna esquerda quasi decepada por uma machadada, no terço superior, e dois ferimentos de bala no peito, o que fazia presumir que se suicidara antes de o esquartejarem. O resto do corpo era um crivo de azagaiadas, o mesmo acontecia com o seu desventurado companheiro italiano. Estes dois assassinios causaram a maior indignação em todos os habitantes e muito mais intensamente nos marinheiros, pois a victima pertencera á Armada Real.

— E' ella! Quem não a conhece no porto? — continuavam affirmando os homens da *Bacamarte*, n'um estado de exaltacão facil de comprehender.

— Mas em tal caso — lembrou um dos da guarnição — alguns d'esses *cabeças de estôpa alcatroada* devem ser dos que deram cabo do pobre rapaz!

— Ah! isso devem!

— Foi Deus quem os trouxe até aqui para receberem o merecido castigo!

— Ah! se os pudessemos agarrar vivos!

— Não será facil, tratam de se pôr a coberto das nossas garras! Procuram intimidar-nos.

Effectivamente os negros perseguidos desfecharam sobre a *Bacamarte* uma descarga cerrada, que rasgou novos buracos na já esfuracada embarcação, mas que deixou incólumes os seus tripulantes. Em seguida, convencendo-se que não conseguiriam escapar-se na lancha, lançaram-se ao rio, procurando alcançar a nado o mangal, que se encontrava perto. Não foi necessaria ordem de Vieira da Rocha para os artilheiros se acercarem da metralhadora e os demais pegarem nas espingardas.

— Que não falhe um! — recommendou o cabo.

Solemnes, calmos, como a imagem da justiça, mas não cegos, como ella, cada marinheiro visou com terrivel serenidade o seu escolhido. Os tiros detonavam seccos, breves, sem a precipitação dos combates. Eram tiros de caçador, que não quer que a presa se lhe esquive. Dos rebeldes, uns mergulharam tingindo a agua de largas manchas encarnadas, que alastravam de momento para momento; outros receberam a morte já em terra, contorcendo-se no ultimo estertor na areia calcinada. Não ficou aos brancos o remorso de deixar um unico insurgente com vida. Carlos Lopes e o italiano ficavam fartamente vingados. A embarcação roubada voltou para nós. A bordo, acocoradas debaixo dos bancos, transidas de medo, encontraram-se quatro creanças e uma velha. Pesquizado o barco nos seus diversos esconderijos, topou-se ainda com o relogio, completamente damnificado, e alguma roupa, que pertencera á desditosa victima da crueldade dos revoltosos.

O *Neves Ferreira* assistiu, inerte, á estupenda madrugada de 2 de fevereiro, quando os negros se arrojaram como um ariete vivo e fulminante de encontro ao quadrado das tropas expedicionarias. A bordo houve quem chorasse de raiva ante a excepcional impotencia d'aquella situação, em que não se podia disparar um tiro sobre o inimigo sem ferir amigos. A *Bacamarte* prestou tão extraordinarios serviços que o commissario régio, conselheiro Antonio Ennes, declarou, por graça, que tencionava pedir para ella a Torre e Es-

LOURENÇO MARQUES — MISSA CAMPAL NA PONTA VERMELHA

pada. Condecorada foi toda a sua guarnição, e ninguem mereceu com mais justiça essa recompensa honorifica.

Na primeira phase da rebellião, quando toda a força publica de Lourenço Marques passou quarenta e seis noites sem dormir, de olho á espreita e de dedo no gatilho, o commandante da *Rainha de Portugal* Moraes e Sousa, governador do districto Canto e Castro, segundo tenente Victor Sepulveda, e os guardas-marinhas Nogueira, Pinto Cardoso, Pereira da Silva e Silva Cardozo, mantiveram intrepidamente o pundonor da briosa corporação a que pertencem.

Na manhan de 16 de outubro de 1904 deu-se um incidente com o tenente Sepulveda, que, por um triz, não redundou em tragedia. De madrurada houve um falso alarme. Cerca das nove, Victor Sepulveda conversava em frente d'uma metralhadora Maxim com o tenente coronel Nogueira. Um cabo lembra-se de explicar a um amigo o funccionamento da metralhadora; mexe-lhe, o canhão dispara e um feixe de balas, sete ou oito, cruzam por baixo do braço direito do official de marinha e atravessam de lado a lado o cavallo do seu interlocutor. Os dois escaparam absolutamente incólumes!

*
* *

Dos feitos épicos praticados na campanha, um dos mais notaveis, o que revela o mais absoluto desprezo pela vida no cumprimento d'um dever patriotico e o que demonstra mais altas faculdades de pericia profissional, foi a viagem de Quilimane para Lourenço Marques das duas quasi invisiveis lanchas-canhoneiras *Carabina* e *Sabre*. Destinadas á navegação dos rios, desmontaveis, medía cada uma um pouco menos de vinte e tres metros de comprimento, tres metros e pouco mais de meio na sua maior largura, com um deslocamento de cincoenta e tres toneladas. De fundo chato, com a helice a ré, nada existia mais improprio e mais perigoso para arrostar as iras do canal de Moçambique, sempre pérfido nas suas tempestades, sempre ameaçador de tragar quem lhe devassa os tenebrosos mysterios.

Havia na marinha de guerra já um exemplo glorioso de temeridade semelhante: a travessia de Lisboa até á Zambezia dos dois vaporsinhos *Sena* e *Tete*, sob o commando de Ferreira do Amaral e Vaz. Necessarias no sul as duas acanhadas embarcações, não hesitaram os seus dois destemidos commandantes, Guilherme Ivens Ferraz, da *Sabre*, e Alfredo Caçador, da *Carabina*, em metter hombros a uma empreza sem similar nas armadas estrangeiras. Fôra resolvido comboial-as a canhoneira *Rio Lima*, á frente da qua se encontrava um marinheiro habilissimo, Azeredo de Vasconcellos, que só com muito escrupulo e reluctancia cedeu á heroica teimosia dos dois valentes rapazes, que insistiam pela partida.

Acompanhemos n'esta odysseia maritima a *Sabre*. Os riscos, o denodo, o brio, a obstinação do que ha de mais levantado na galhardia militar, são os mesmos para os heroes que guarneciam os dois exiguos navios. Fez-se a largada de Quilimane no dia 27 de abril de 1895, em boas condições atmosphericas. A *Rio Lima* levantou ferro mais tarde, porque andando melhor, era de suppor que depressa alcançasse as duas cascas de noz. Ivens Ferraz offerecera um almoço a bordo a varios dos

seus amigos, que o foram acompanhar até Tangalane, á barra. Ahi, á despedida, a commoção dos que ficavam rompeu desabrida e violenta. O conde de Villa Verde abraçou-se ao Ivens n'um choro convulsivo. Zangou-se o marinheiro e terminou a pathetica scena que enterneceria o carácter mais empedernido.

A caminho! Ao cahir da tarde, encontravam-se as lanchas em frente do Inhamissengo. De subito, como é tão vulgar n'aquellas latitudes, desce sobre o oceano um manto espesso de nuvens negras, desencadeia-se uma horrenda trovoada e despenham-se do firmamento diluvianas bátegas de chuva. A' prôa do barco não se descobre um palmo de horisonte, o mar, como enfurecido de tanta ousadia, encrespa-se em cordilheiras gigantescas, ao pé das quaes as lanchas são imperceptiveis manchas brancas no tapete glauco e profundo d'aquelles disfiladeiros pavorosos, de grandeza sinistra. As acanhadas embarcações estremecem e debatem-se em accessos de epilepsia; sem borda, com as pontes em cima a perturbar-lhes o equilibrio, sem poderem fechar as escotilhas, na espectativa lúgubre e permanente das vagas lhes apagarem as fornalhas, com o receio constante de avarias na machina, ameaçadas de minuto a minuto do leme não governar, avassalladas pelo cuidado fatigante de acudir á manivella, regular o ingresso do vapor e temperar a velocidade da helice, sem nenhuma das vantagens que caracterisam os navios de vela a luctar com as borrascas, a situação era affrontosa, cheia de angustias.

LOURENÇO MARQUES — UM ASPECTO DA MACANETA

Na *Sabre*, com os sacões horriveis do desesperado balanço, só cinco homens se aguentavam de pé: tres fogueiros, um marinheiro e Ivens Ferraz, que, á mingoa de timoneiros, se manteve, por uma maravilha de força nervosa, horas consecutivas ao leme. Não melhorava de posição quando era rendido pela unica praça válida, pois tinha de se amarrar ao mastro, se não queria ser cuspido pelas azorragadas das vagas ou pelas oscillações estonteantes dos bordos. O tempo cada vez se carregava mais e a terra avolumava de segundo para segundo, surgindo ainda mais feroz e horrenda com as suas funebres miragens de naufragios implacaveis, que as ondas de fauces abertas para tragar os míseros. Foram então lançadas as ancoras, denominadas de capa, e derramados alguns saccos de azeite, o que serenou um tanto o aspecto temeroso do mar.

A *Rio Lima* não apparecia. Aos signaes feitos, aos fogachos accesos, aos foguetes arremessados ao ar, só respondia o clamor do vendaval e a escuridão absoluta dos vapores tempestuosos. A noite decorreu na prolongada tortura d'uma anciedade indizivel. De madrugada alliviou um pouco o tempo, mas as trevas continuavam compactas, os aguaceiros persistentes, os trovões ensurdecedores. A terra mal se divisava a intervallos, quando os coriscos rasgavam em ziguezagues luminosos os crepes da cerração. As lanchas navegavam ás cegas, sem um astro no céo caliginoso que as guiasse, sem descobrir o fumo d'um paquete mais possante que lhes servisse de referencia, sem uma balisa, um pharol, uma montanha, um pedaço de littoral mais elevado que lhes indicasse a situação. Prumavam sem cessar, em fundos ora enormes ora escassos, n'uma incerteza confrangedora.

Ao meio dia de 28, Ivens Ferraz conhece que se encontrava nas alturas do porto da Beira. Como entrar, sem ser possivel distinguir as boias, acertar com o menor indicio revelador do canal? Fora era impossivel a contenda com os rôlos do mar a recrudescer de braveza de instante para instante. Tornava-se inadiavel buscar o surgidouro fosse qual fosse o sacrificio. Os officiaes sentiam apertar-se-lhes o coração n'uma acommettida de impotente phrenesi. Avante! E seguiram, com tanta felicidade, que, algumas braças adeante se lhes deparou a primeira boia. Conhecia Ivens Ferraz muito bem a barra, pois ao trabalho d'elle se devera quatro annos antes a sua balisagem. Entraram com a venda do nevoeiro nos olhos, confiados em Deus e na sua boa estrella até

chegar junto do povoado, perto do paquete inglez *Madura*, da carreira da India. Não puderam conservar-se ahi. O vento soprava tão impetuoso, que as duas lanchas, não obstante terem largado toda a amarra, garraram, vendo-se constrangidos os commandantes a suspender e a subirem o Pungue, até encontrar coutada n'um dos torcicollos do rio, onde conseguiram dar algum descanço aos membros lassos. Ahi, confessam os bravos marinheiros, dormiram a somno solto durante muitas horas a fio, sem sequer cuidar de comer.

O vapor *Madura*, prestes a sahir, mas receoso do vendaval, envergonhou-se, quando por elle passaram as duas pequenas embarcações, de não seguir viagem. Levantou ferro e affrontou a tempestade, mas não se demorou muito na audaciosa tentativa, pois d'ahi a poucas horas tornava a ancorar, corrido e cheio de pejo, sentindo-se humilhado de não realisar o que os míseros barquinhos tinham feito tão milagrosamente e com tanto brio. A *Rio Lima*, só no dia immediato, 29, pôde entrar, depois d'uma jornada horrorosa, em que não ficara louça inteira a bordo. Azeredo de Vasconcellos, ancioso e angustiado, não vendo, ao penetrar na Beira, as duas lanchas, occultas, como se encontravam, n'uma dobra do rio, suppoz que tudo sossobrara e soffreu horas de indizivel martyrio, emquanto a presença de Alfredo Caçador e de Ivens Ferraz o não convenceu que nenhum desastre acontecera.

As duas tripulações foram tratadas com requintes de mimo pela gente da *Rio Lima*. A melhor carne dos bois mortos, o carvão mais gorduroso dos paioes, escolhido pedra a pedra, tudo quanto materialmente se antolhava proprio para suavisar a faina laboriosa dos valentes navegantes, tudo foi posto ao seu dispôr com affecto paternal. Era forçoso proseguir na travessia. Eil-os com prôa ás ilhas de Bazaruto. Erguia-se agora outra difficuldade de momentosas consequencias — a alimentação das caldeiras. Com condensadores arranjados ao acaso e á ultima hora, para a inevitavel utilisação da agua salgada, as incrustações salinas attingiram tal extremo, que, ao perigo já de si temeroso da sanha das ondas, juntavam-se as medonhas probabilidades d'uma explosão imminente. Azeredo de Vasconcellos demonstrou aos seus intrépidos collegas a imprudencia de insistir no desempenho da commissão. Nenhum argumento demoveu a tenacidade dos heroicos rapazes.

Sem novidade de maior, fundearam primeiro na ilha grande de Bazaruto e depois na de Santa Carolina, onde se forneceram de agua e procederam a escrupulosa limpeza das machinas. Demoraram-se ahi quatro dias. Ao largar de Bazaruto a *Carolina* soffreu uma pequena avaria, atamancada como foi possivel pelos conhecimentos de mechanica do commandante, visto não existir machinista a bordo. Surgiu-lhes ahi uma nova e não menos ameaçadora rascada. As cartas do almirantado inglez, d'aquelle ponto, estavam erradas. Os officiaes metteram-se afoitamente por um corredor, marcado como navegavel, mas que era um beco sem sahida. Depressa a rebentação se tornou tão imponente e os flocos de espuma tão accentuados e brancos de clamorosa ira, que se viram perdidos. Valeu-lhes o pouco fundo que demandavam, e, aos baldões, contemplando a morte em cada cachão franjado de effervescente e alva cabelleira, lograram atinar com a sahida do traiçoeiro labyrinto.

De peripecia em peripecia, guiados por um lado pela mão da Providencia, e pelo outro pela sciencia e denodo dos seus jovens commandantes, appareceram as duas lanchinhas ancoradas em Lourenço Marques, no dia 14 de maio, quando todos quantos conheciam a arriscada viagem presumiam que o Oceano tivesse tragado os imprudentes marinheiros. Foram vinte dias de atroz viagem, a que só resistem extraordinarias forças de vontade e a tempera formidavel de homens de bronze como elles. Achava-se fundeado no Espirito Santo o cruzador britannico *Magician;* quando em retribuição das visitas effectuadas, o commandante d'uma das canhoneirasitas foi a seu bordo, o collega do poderoso vaso inglez, encanecido no serviço do mar, á despedida, apertando-lhe effusivamente a mão, disse-lhe:

— Uma nação que manda fazer serviços d'estes, ou tem muitos officiaes que perder, ou não possue ninguem que saiba ao certo o que é medo.

Um valioso elogio proferido por juiz insuspeito.

(Conclue no proximo numero.)

EDUARDO DE NORONHA.

De polo a polo

(Conclusão

V

expedição caminhara durante mais de seis dias, não tendo havido nada de notavel. O sol pallido fizera seis vezes o seu giro obliquo, sem intervenção de qualquer escuridão que desfizesse a continuidade apparente do dia polar. Ao principio andaram dezesete horas sem parar. Nenhum d'elles podia pensar em deitar-se no meio de tantas novidades que os cercavam, mas no ultimo dia contentaram se com doze horas de caminho e isto ficou estabelecido como viagem diaria.

Depressa acharam que ou a sua boa fortuna lhes tinha proporcionado um caminho maravilhosamente facil, ou então o continente antarctico era muitissimo differente do arctico. Horas e horas seguidas os trenós, assentes em molas untadas, deslizaram velozmente sobre os ondulados campos de gelo, sem quasi um solavanco ou uma trepidação.

— De facto, como disse Brenda no fim da viagem, parecia mais um passeio n'uma montanha russa de mil e duzentas milhas, do que uma expedição polar.

O tempo era assim distribuido: oito horas para dormir, duas horas, á noute e de manhã, para armar e desarmar as tendas, ceiar, almoçar e descançar, e dez horas para a jornada.

O lunch comia-se no caminho, porque abaixar os papagaios e ancorar os trenós era serviço muito trabalhoso, e urgia naturalmente aproveitar o mais possivel o vento emquanto durava.

Todos os dias, quando o sol chegava ao ponto mais alto da sua trajectoria acima do horisonte, o professor tomava a latitude. A longitude, com certeza, não a calculava praticamente, desde que a viagem diaria os conduzia por tantos centenares de milhas sobre os meridianos convergentes, e estes, de este a oeste, se approximavam cada vez mais, depois de percorrida tamanha extensão.

Na setima manhã os papagaios estavam todos arriados, divididos nos seus fragmentos, e enfardados, com excepção d'um que puxava o trenó grande.

Computou-se que se encontravam, n'este momento, a cerca de cem milhas do polo, ou, por outra, do extremo do eixo do mundo, havendo sido calculado por Haffkin tambem em cem milhas o diametro do tunnel de polo a polo. Como, porém, o diametro poderia ser maior, não pareceu conveniente approximarem-se mais do limite da terra, visto caminharem com a velocidade de vinte milhas por hora, devida á brisa forte e constante que sempre os acompanhara desde o cimo da muralha gelada. Puzeram-se por tanto a trabalhar as machinas de ar liquido, as rodas dentadas cravaram-se na planicie gelada, os trenós, indo o maior na frente, começaram a mover-se com a velocidade de oito milhas por hora, ajudados, até certo ponto, pelo respectivo papagaio.

A paizagem não mudava de aspecto á medida que se approximavam dos confins polares. Por todos os lados uma vasta planicie de gelo, atravessada, n'uma direcção geralmente austral, por compridos e largos sulcos. Aqui e ali levantavam-se pequenos outeiros e cómoros de gelo, a pouca distancia uns dos outros, e sem offerecerem obstaculos ao avanço da expedição.

Um pouco antes da hora do *lunch* o terreno

começou de repente a inclinar-se para o sul, e em tanta maneira que o papagaio derivou para ali, sendo preciso empregar as rodas dentadas para diminuir a velocidade crescente dos trenós. De ambos os lados era o declive perfeitamente uniforme. Após uma hora de descida poderam ver atraz de si uma vasta lombada de gelo a estender-se para a direita e esquerda e occultando os raios do pallido sol quasi horisontaes, de sorte que o meio crepusculo que os acompanhara até ali, em breve se tornou em profunda escuridão.

De que provinha isto? Iam descendo pela vasta depressão polar, em direcção ás praias do mar extensissimo muitas vezes imaginado pelos geographos e exploradores, ou baixavam realmente para a entrada do tunnel de polo a polo?

«Maravilha-me tudo isto», disse Brenda, sorvendo aos goles o seu café do meio dia. «Confesso que não me sorri a ideia do começar a jornada saltando por cima da borda do abysmo. Uff! Imagine-se um pulo de sete milhares de milhas, prolongando-se indefinidamente, até que a nossa carne se desaggregasse dos ossos e o nosso esqueleto viesse finalmente a parar no centro da Terra!»

«Concordo que a perspectiva não é das mais agradaveis, minha querida Brenda», acudiu o professor. «Não julgo, porém, que soffresses morte muito afflictiva. Nao! Seria quasi instantanea, e gosarias a ineffavel gloria de ter por tumulo todo o globo terráqueo!»

AJOELHOU NA SOLEIRA DA PORTA E DEU UM GOLPE NO CABO

—«Não me seduz a ideia» replicou ella. «Dou-me por satisfeita se me disserem que, depois de morta, consumirão o meu corpo n'um forno crematorio, e guardarão as cinzas que ficarem, n'uma urna de crystal. Mas que dizem? Não será bom pararmos, para ir explorar o terreno?

«Concordo com Brenda,» opinou Princeps. «Se estamos perto do tunnel e o trenó pode despenhar-se para dentro d'elle, o melhor, o mais prudente é seguir o seu alvitre.»

Pararam os trenós, e colheram-se os cabos que prendiam o papagaio maior, de modo que este, deixando de tomar vento, baixou a pouco e pouco, até que desappareceu de todo no gelo, com grande surpreza dos tres expedicionarios.

«Com a fortuna!» exclamou Princeps. «Não me espanto se o tunnel estiver a dois passos e o papagaio tiver cahido lá para dentro. Parece-me que sae certo o que Brenda suppoz ainda agora. Imagine-se que nos despenhavamos na immensa caverna, com a velocidade de dez a quinze milhas por hora!

«Se assim fôr,» disse Haffkins mui socegadamente, sem dar a minima attenção á medonha hypothese, «o tunnel axil deve ser maior do que eu calculava. Só á tarde, é que esperava chegar á borda.»

Os viajantes apearam-se e calçaram os patins. Seguiram depois ao longo do cabo do papagaio, e foram ter ao alto do que parecia uma escarpa de gelo. O cabo pendia por ella abaixo, até sumir-se n'uma meia obscuridade, que degenerava, inferiormente, em trevas profundas.

Puxaram pelo cabo e conheceram que tinha poucas jardas sobre a encosta. Assim veiu para cima o papagaio.

«Admira-me que já seja o tunnel» disse Brenda, avançando um passo.

«Seja o que fôr, tem grande profundidade e ai de quem para lá cahir», atalhou Princeps. ao mesmo tempo que puxava para traz a mulher, com um movimento rapido.

Quasi ao mesmo tempo o comoro de neve e gelo, onde tinham estado pouco antes a puxar o cabo do papagaio, desfez-se em pedaços e desappareceu no vacuo. Escutaram anciosamente, mas não perceberam nenhum som.

A grande massa tinha desapparecido no seio do nada, silenciosamente, n'um vasio que, ao parecer, não tinha fundo: porque, mesmo que ella cahisse da altura de mil pés, algum echo deveria chegar ao cimo da escarpa.

«E' o tunnel,» disse Brenda, após alguns momentos de silencio, durante os quaes os viajantes se entreolharam receiosos. «Muito obrigada Arthur. Estou certa de que sentirias pena se eu tambem fosse parar lá abaixo. Mas, tio, se isto é o tunnel, e se aquella massa de gelo entrou n'elle antes de nós, não parará e voltará para traz quando chegar perto do polo norte. Pois não é assim? Supponha então que a encontramos, depois de ultrapassarmos o centro da Terra. Haverá uma collisão muito desagradavel...»

«Querida Brenda,» replicou Haffkin, «realmente não vejo motivo para semelhante receio. No tunnel ha atmosphera, e antes que a massa, que se despenhou, attinja o centro do globo, a fricção derreterá a neve, e a agua dissipar-se-ha em vapor.»

«Com certeza! Que tola que eu fui em não ter logo pensado n'isso! Parece-me que até um pedaço de ferro lançado para lá, se fundiria e transformaria em vapor, exactamente como acontece com os meteorites. Pois muito bem! Se encontrámos o tunnel, não será melhor voltar para traz e tentar immediatamente entrar n'elle?»

«Temos de esperar pela lua, julgo eu,» disse Princeps, quando voltavam para os trenós.

«Sim» disse o professor. «Vamos ter luar bastante para trabalhar cerca de cincoenta e seis horas. Entretanto devemos descançar e fazer o que diz Brenda.»

Tinham decorrido umas cincoenta horas, quando a lua, quasi cheia, se elevou na extremidade oriental da muralha de gelo, lançando abundante luz branca sobre o escuro e phantastico terreno do Fim do Mundo. A' medida que se foi erguendo, os viajantes conheceram que a empinada encosta acabava n'um vasto semicirculo de penhascos, para além dos quaes não havia nada.

Foram por ali fóra, olhando para um lado e outro, mas as recurvas muralhas de gelo estendiam-se para as duas bandas até se perderem a distancia. Estavam litteralmente no fim da terra. Nenhum som de agua ou de acção vulcanica sahia do vacuo. Incendiaram dois foguetes e deitaram-n'os segundo um angulo de sessenta graus abaixo do horisonte. O rasto das centelhas espalhou-se com uma rapidez incomprehensivel, e, quando a carga fez explosão, duas estrellinhas azues scintillaram abaixo d'elles,

como ao de cima scintillavam as estrellas do ceo.

«Já não devemos ter duvidas,» disse o professor. «Achámos o tunnel axil; mas, se acaso fosse unicamente uma depressão muito profunda, podemo-nos certíficar pelos balões, quando lhe chegarmos ao fundo. Julgo, porém, que é o tunnel.»

«Oh, deve ser!» disse Brenda convictamente. «Tudo conspira para o demonstrar.»

Emquanto a lua vinha subindo mais redonda e brilhante, concluiram-se os trabalhos de preparação para a ultima phase da espantosa empreza. Tudo fôra calculado até o minimo pormenor, e a transformação occasionada pelos obstaculos que appareceram executou-se com a presteza das mutações n'uma peça phantastica.

Os trenós dividiram-se nas suas partes componentes, e estas reuniram-se outra vez formando uma grande caixa cylindro-ogival com as paredes forradas de *papier maché*. Havia quatro vidraças grandes dos lados, e duas largas e redondas, uma na parte superior e outra no fundo. Tinha a caixa dez pés de diametro e quinze de altura. O interior estava disposto de maneira simples mas commoda, com assentos para servirem durante o dia, e que, por meio de divisorias moveis, se transformavam em camarins para de noite.

A comida e a agua iam em armarios e tanques debaixo dos assentos, e os cylindros de gaz, foguetes, etc., acondicionavam-se inferiormente ao chão, que tinha ao meio um alçapão redondo, em correspondencia com a janella do fundo.

As machinas de ar liquido e os apparelhos para puxar os trenós estavam presos fortemente á parte inferior, com cadeias que, no caso de sinistro, podiam soltar-se com facilidade pelo lado de dentro.

No fundo do apparelho havia tambem duzentas libras de lastro de chumbo.

Presos á parte superior do vehiculo quatro balões podiam, quando completamente cheios, eleval-o facilmente com toda a sua carga. Ligavam-se com o interior por meio de tubos, e assim, com o auxilio de bombas movidas por uma machina de ar liquido, o gaz dos cylindros podia introduzir-se n'elles, ou ser tirado e armazenado.

No centro do tecto existia outro cabo, com comprimento superior ao dos que prendiam os balões, e levava preso um grande páraquedas, que podia, á vontade, abrir-se ou fecharse da parte de dentro.

VI

Quando chegou o momento escolhido para a partida, já não restava a menor duvida sobre a exactidão da hypothese de Haffkin. O sol mergulhava no horizonte, e principiava a longa noite polar. A lua cheia brilhava no zenith, atravez da atmosphera sem nuvens nem orvalho. O campo de neve inclinado e a curva entrada do tunnel de polo a polo tinham bastante claridade. Até onde a vista alcançava, desenrolavam-se, em largo ambito, as ribas de gelo, formando um circulo de extensão impossivel de calcular. A brisa ainda soprava para o sul, isto é, em direcção á entrada do tunnel. Os balões foram-se enchendo, até que o *Brenda* — conforme, por maioria de dois votos contra um, fôra denominado o estranho vehiculo — começou a esticar os cabos que o retinham. Então, depois de relancearem um olhar derradeiro para a terra inhospita que prestes iam deixar — talvez para nunca mais verem outra qualquer — os tres viajantes introduziram-se pela porta de corrediça, situada do lado de que soprava o vento.

Princeps fez mover o machinismo, e da parte de fora os balões acabaram de encherse. Tres dos quatro cabos da amarração foram soltos, quando o *Brenda* começou a oscillar, como barquinha de balão captivo.

«Outra vez!» disse Princeps a sua mulher, dando-lhe a mesma faca com que ella já cortara os cabos dos trenós.

«E agora para o polo norte, ou, por outra, para onde nos mandar o Destino!»

Tendo pronunciado estas palavras, Brenda com a mão esquerda segura pela do marido, ajoelhou na soleira da porta e deu um golpe no cabo que estava atado inferiormente. Os balões partiram, o *Brenda* estremeceu duas ou tres vezes e tornou-se immovel. Os penhascos de gelo deslisaram por baixo d'elles, patenteou-se o abysmo vasto, insondavel e começou a viagem d'um a outro polo, ou do Tempo para a Eternidade.

O professor, a quem naturalmente competia o commando, deixou o *Brenda* caminhar durante duas horas e meia com a velocidade cuidadosamente calculada de vinte milhas por hora. Então disse a Princeps:

«Parece-me que já pode esvasiar os balões

Devemos estar perto do eixo do tunnel. Fica á minha conta o pára-quedas.»

Tinham pensado e falado tanto na viagem e em todas as impossibilidades apparentes e riscos terriveis que ella poderia offerecer, que tudo isso se lhes afigurava a coisa mais vulgar d'este mundo. Ainda assim olharam uns para os outros de um modo singular, quando o professor deu a ordem de que dependia o destino dos tres viajantes. Os labios contrahiram-se-lhes, cerraram-se-lhes as sobrancelhas, quando Haffkin se voltou, para soltar os fios de arame que prendiam o pára-quedas.

A poderosa machinasinha começou a trabalhar, e o gaz dos balões entrou sibillando para dentro dos cylindros. Os involucros foram-se achatando e guardaram-se. Atravez das janellas lateraes, Brenda viu um horisonte escuro e longinquo ir-se elevando em roda, e pela janella do tecto e do buraco do pára-quedas o disco da lua cheia tornar-se cada vez mais pequeno. Foi quando percebeu que tinham começado a queda de 41:708:711 pés.

Reduzindo isto a 7:000 milhas, numeros redondos, e calculando a velocidade média em sessenta milhas por hora, o professor futurou que poderiam fazer a travessia d'um polo ao outro em seis dias, pouco mais ou menos, admittindo tambem que o tunnel estivesse livre em todo seu percurso. Se assim não fosse, os destinos dos víajantes ficavam entregues ao poder divino e nada mais havia que dizer. Conforme os acontecimentos provaram, Haffkin computara tudo em muito menos do que a realidade.

Nas primeiras trinta e seis horas, a excursão fez-se com perfeita serenidade. Os anemometros collocados lateralmente accusaram a velocidade de cincoenta e uma milhas por hora. O *Brenda* continuava a sua queda com toda a regularidade.

De subito, justamente quando os tres estavam para dar uns aos outros as «Boas Noites» pela segunda vez, ouviu-se um estalo muito forte e o som de qualquer cousa que se quebrava atravez do ar que com ruido escorregava pelo exterior do vehiculo. Este, em seguida, balançou violentamente de um lado para outro e os ponteiros dos anemometros começaram a girar com tal rapidez que já se não viam.

«Ceus ! O que aconteceu ?» perguntou Brenda, com a respiração entrecortada, agarrando-se ao banco para que se atirara.

«Só pode ser uma cousa,» replicou o professor, encostando-se á parede opposta. Alguns dos cabos cederam, e o pára-quedas rasgou-se e desfez-se. Deus me perdoe ! Porque não pensei eu n'isto mais cedo ?»

«Em quê ?» disse Princeps, cahindo no banco ao lado de Brenda e cingindo-a com o braço.

«No augmento da força da gravidade á medida que nos approximamos do centro da Terra. Calculei-a como força uniforme. Deve ter havido um violento esforço antes de se separar o pára-quedas.»

Emquanto fallavam o vehiculo deixou outra vez de balouçar. Os anemometros giravam com tal velocidade que os eixos chiavam e fumegavam nos moentes. A violencia do vento passando pela parede exterior produzia um silvo continuo.

Decorreram minutos sem conto de completa mudez, de terror indizivel. O ar interior tornou-se quente e abafadiço. As proprias paredes incombustiveis começaram a encarquilhar-se e a fender-se pela acção do horrivel calor desenvolvido pela fricção do ar.

Brenda duas ou trez vezes abriu a bocca para respirar, e, escorregando dos braços do marido, cahiu no chão com um desmaio. Abaixaram-se machinalmente tanto Princeps como Haffkin para a levantar. Com admiração de ambos, o esforço que fizeram para isto arremessou o corpo desfallecido quasi até ao vertice do tecto ogival. Brenda como que fluctuou no ar por um momento e cahiu depois vagarosamente nos braços dos companheiros.

«O centro da Terra !» disse com difficuldade o professor. «O ponto de egual attracção ! Se pudermos respirar n'esta hora mais proxima, temos sorte. Depressa, Arthur, dános mais ar ! A evaporação reduzirá a temperatura.»

Até mesmo n'un terrivel momento como este, Haffkin não se esquecia completamente da sua phraseologia scientifica.

Collocou Brenda, que ainda pesava poucas libras, n'um dos assentos e foi buscar aguardente á caixa dos licores. Entretanto Princeps abriu a torneira d'um cylindro de reserva, situado ao pé da machina de ar, que punha em acção o motor electrico. A rapida conversão da atmosphera liquida em gazosa abaixou a temperatura repentinamente, e—conforme pensaram depois cheios de terror—evitou provavelmente a explosão de todos os cylindros.

A aguardente e o repentino resfriamento de prompto reanimaram Brenda.

Tendo os dois homens bebido tambem um copo, a fim de acalmarem os nervos excitados, sentaram-se e começaram a considerar, com a possivel serenidade, a situação a que estavam reduzidos.

Tinham ultrapassado o centro da Terra com uma velocidade enorme mas desconhecida, e estavam, portanto, animados d'um impulso que os levaria certamente para a extremidade norte do tunnel interpolar; mas ignoravam a que distancia estavam, visto que não conheciam a velocidade.

Embora esta ainda fosse muito grande, ia diminuindo em cada segundo, e devia chegar um momento em que se tornaria nulla. Começaria então a queda em sentido contrario. Se não a pudessem impedir, ficaria tudo acabado por uma vez.

Passaram-se horas. Não as contaram, mas quantos pensamentos os assaltaram de envolta com silenciosas apprehensões! Lá fóra a violencia do vento começou finalmente a affrouxar, e, quando Princeps tentou substituir por outro anemometro um que se tinha feito em pedaços, registou pouco mais de duzentas milhas por hora.

«Está n'isto a nossa salvação, se não me enganam os meus calculos», disse por fim o professor, levantando os olhos d'um caderno onde estivera fazendo paginas de calculos. «Devemos vigiar aquelle ponteiro, e, quando a velocidade chegar a dez milhas por hora, tratemos de encher o mais possivel os balões, pondo de parte as machinas e outros engenhos. É o gaz que nos ha de puxar.»

Como não havia mais nada que fazer, sentaram-se e ficaram observando o ponteiro. Para matar as horas enfadonhas, discutiram as possibilidades e probabilidades de voltarem ao mundo civilisado, se os balões do *Brenda* conseguissem fazel-o sahir do extremo norte do tunnel.

Hora a hora a velocidade diminuia. Preoccupava-os constantemente aquelle fatal impulso que, na hypothese dos balões não o poderem contrariar, os arrastaria para traz tão irresistivelmente como se resultasse da propria mão do Destino. Algures, a um desconhecido numero de milhas para cima d'elles, ficavam os desertos gelados do polo norte, d'onde não sahiriam ainda que lograssem alcançal-os. Em baixo estava o terrivel abysmo, atravez do qual já haviam passado; e cahir n'elle outra vez representava uma sorte tão horrorosa que Brenda tinha já feito com que o marido lhe promettesse matal-a se a missão dos balões falhasse.

O professor levou a maior parte do tempo fazendo calculos para achar, o mais approximadamente possivel, a distancia a que estavam do centro da Terra, e portanto o numero de milhas que tinham ainda que subir até poderem respirar outra vez o ar exterior. Havia outros calculos que se relacionavam com a força ascensional dos balões, com o peso do vehiculo e das pessoas que o occupavam, com a quantidade de gaz á sua disposição, não só para subir até ao polo, mas tambem para voarem para o sul, se felizmente encontrassem vento favoravel que os fizesse voltar para os confins da civilisação. Estes ultimos calculos guardou elle para si. Tinha a melhor das razões para o fazer.

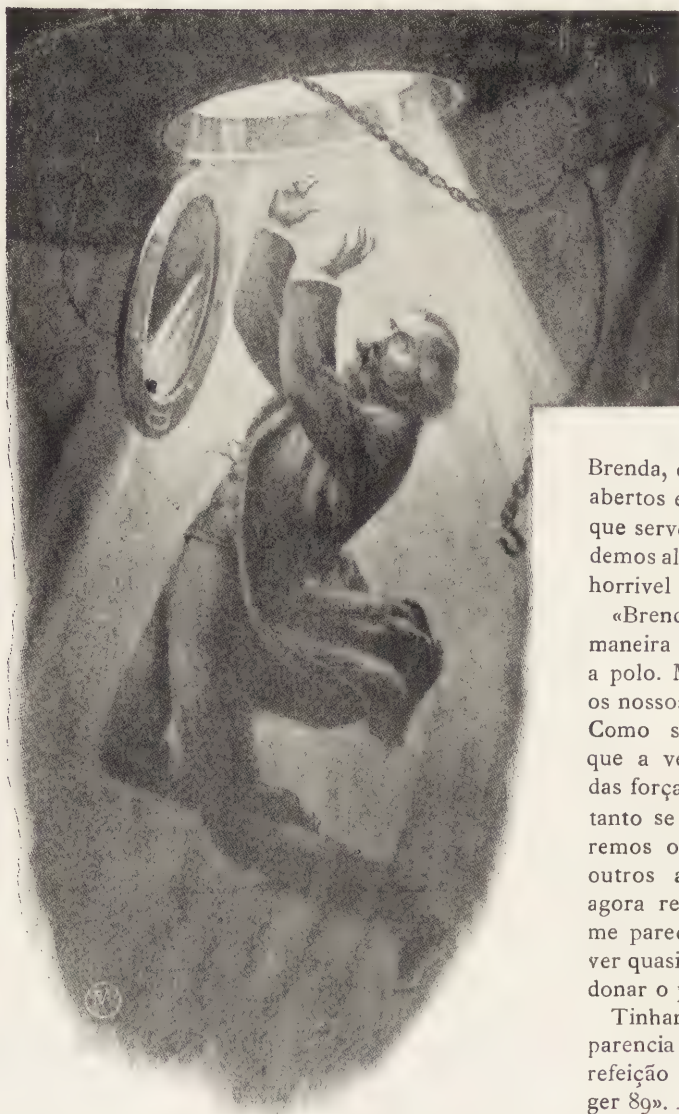
As horas viam-n'as passar com paciencia, e os ponteiros iam constantemente registando a velocidade. De cem milhas á hora desceu a cincoenta, de cincoenta a quarenta, depois a trinta, a vinte, a dez.

«Parece-me que já póde fazer sahir os balões», disse o professor. «Oxalá consigamos recolhel-os a tempo, senão podem rasgar-se em fitas. Se se encarrega de os soltar, eu tomarei conta do apparelho do gaz. Entretanto, Brenda, póde tratar do jantar.»

Dentro de uma hora os quatro balões foram largados atravez das portinholas do tecto do carro, presos pelos seus tubos e cordas de reserva. N'este meio tempo, a velocidade maxima do Brenda passára de dez a sete milhas. Ligaram-se os cylindros de gaz aos transmissores e ao apparelho que fazia o gaz voltar a uma temperatura normal, antes de passar para os reservatorios, e depois começaram-se a encher os balões.

Por alguns momentos o indicador parou e oscillou, emquanto os cabos se retesavam; depois continuou a girar. Viram que marcava seis milhas e meia por hora. Passou depois a sete, a oito, a nove, e por ultimo foi além de dez.

«Afinal, disse Princeps, veem que vamos augmentando de velocidade a cada minuto. Causa-me espanto esta variação e não sei a que attribuil-a.»

«Provavelmente provém do augmento da fricção atmospherica sobre a superficie dos

HAFFKIN PENDUROU-SE DA BORDA COM AMBAS AS MÃOS E DEIXOU-SE CAHIR

balões», replicou tranquillamente o professor, com os olhos fixos no mostrador.

O indicador voltou de novo ás dez, e então aquelle ponteiro azul de aço, que para elles era a verdadeira Mão do Destino, começou a arrastar-se para traz vagarosamente.

Ninguem fallava. Todos percebiam o que aquelle facto queria dizer. O impulso ascensional dos balões não vencia a attracção exercida pelo centro da Terra. Poucas horas mais e elles parariam e depois ficariam immoveis, como que suspensos, quando as duas forças se equilibrassem, n'aquelle terrivel abysmo de noite sem fim, até que o gaz se esvasiasse, e começaria então como que o mergulho em sentido contrario, que os levaria ao completo desastre.

«Não me agrada isto», disse Princeps, conservando a voz tão firme quanto podia. «Não seria melhor abandonar as machinas?»

«Parece-me que deviamos atirar fóra tudo o que não nos pode servir», disse Brenda, estarrecida e com os olhos muito abertos e fixos no fatal mostrador. «Para que servem essas cousas, se nós não podemos alcançar o extremo superior d'este horrivel buraco?»

«Brenda, não acho muito delicada essa maneira de se referir ao tunnel de polo a polo. Mas ainda não perdemos todos os nossos recursos, vamos caminhando.» Como sabes, os mathematicos dizem que a velocidade é egual ao momento das forças multiplicado pela massa. Portanto se diminuirmos a massa, diminuiremos o momento. As machinas e os outros apetrechos estão-nos ajudando agora realmente, posto que assim não me parecesse. Quando o indicador estiver quasi a parar, será occasião de abandonar o peso desnecessario.»

Tinham jantado com uma simples apparencia de appetite, e acompanhado a refeição com uma garrafa de «Pol Roger 89». A velocidade continuou a diminuir constantemente durante a noite. Princeps sentia-se satisfeito por estarem os balões completamente cheios, o que era garantia bastante de segurança. Por fim, no meio da noite convencional, o ponteiro começou a oscillar entre um e zero.

«Parece-me que deve abandonar agora as machinas, Arthur», disse o professor. «E' evidente que temos carga de mais. Solte os ganchos e depois vá lá acima ver se os balões ainda se sustentam alguma cousa».

Disse isto em segredo, porque Brenda, absolutamente desanimada, tinha-se deitado atraz d'um biombo.

Soltaram os ganchos e o ponteiro começou

a mover-se outra vez no mostrador, á medida que o *Brenda* alliviado de quasi seiscentas libras de peso, começava a subir. Mas a velocidade apenas ascendeu a quinze milhas por hora, menos oito milhas que o resultado a que chegara o professor. A força da attracção estava-se exercendo, manifestamente, tanto das paredes do tunnel como do centro da Terra. Olhou para o mostrador e disse a Princeps:

«Parece-me melhor ir para baixo e deitar-se. Chegou a minha vez de entrar de sentinella. Vamos caminhando bem. Preciso rever os meus calculos».

«Obedeço,» disse Princeps bocejando e apertando-lhe a mão. «Chama-me d'aqui a quatro horas, como é costume, não é verdade?»

Haffkin acenou com a cabeça que sim e disse: «Boa noite. Espero que de manhã estaremos livres de difficuldades. Adeus, Arthur».

Tirou para fora outra vez os papeis e tornou a passar pela vista aquelle labyrintho de desenhos e calculos, que enchiam folhas e folhas. Depois, quando o som de um respirar vagaroso e profundo lhe fez perceber que Princeps já dormia, abriu o alçapão do tecto e contou os cylindros de gaz que ainda estavam cheios. Quando acabou, disse para si muito em segredo:

«Apenas o necessario para os pòr a salvo, mesmo na melhor das hypotheses, mas ainda o bastante para provar que é possivel fazer a passagem de polo a polo atravez do centro da Terra. Oh! Ha de fazer-se e Karl Haffkin ficará immortal.»

Havia a luz do martyrio nos olhos do sabio, quando se fitaram pela ultima vez no mostrador. Haffkin desaparafusou a janella circular do fundo do vehiculo, abaixou-se, pendurou-se da borda com ambas as mãos e deixou-se cahir.

....

Quando Princeps e Brenda acordaram, tendo dormido algumas horas, ficaram attonitos por verem, atravez das janellas abertas, brilhar uma luz viva e estranha. Eram os clarões de uma aurora boreal. Princeps levantou-se exclamando:

«Hurrah, professor! Cá estamos! Luz de dia, finalmente!»

Mas não apparecia o professor e só se via aberto o alçapão, e o postigo pendente dos gonzos, indicando que uma vida quasi sem preço se tinha sacrificado heroicamente para se prolongar por mais tempo a vida de duas creaturas, que havia tão pouco tinham começado a trilhal-a juntos, atravez das douradas portas do jardim do amor.

Mas o sacrificio de Karl Haffkin quer dizer mais do que isso. Sem elle, a grande experiencia teria falhado, e tres vidas se perderiam em vez de uma só. Antes quiz a morte, para que os seus companheiros d'aquella viagem maravilhosa lograssem viver até quando a Natureza lh'o permittisse, e elle pudesse viver para sempre no quadro de honra esmaltado com os nomes dos mais nobres dos martyres — os que deram a vida para provar que a Verdade é verdadeira.

(Traduzido do inglez por Julio Oom.)

Apresentando um poeta

A descoberta d'um cometa ou d'um filão de terra, o simples encontro com um vaso romano ou um osso prehistorico, no fundo d'uma gruta, são considerados objectos rarissimos, de alta estimação, fontes de gloria muitas vezes, motivos de orgulho quasi sempre, por parte de quem os descobriu.

Um esqueleto esboroado e disperso, cheio de esterco e annos, é bastante para que a opinião universal se agite e se comova, em longas e laboriosas dissertações scientificas.

Um ponto luminoso, que em certa ocasião, surgiu pela primeira vez no espaço, é suficiente causa para que a imprensa de todo o mundo o annuncie, entre clamorosa e deslumbrada.

Qualquer chuço, emfim, perdido durante longos annos, no fundo d'um entulho, produz, ao aparecer, uma revolução. Correm os sabios, agitam-se as academias e preparam-se discursos laudatorios ao lado de vistosas comendas de galardão e merito.

E' isto o que acontece geralmente.

Ora eu entendo que um objecto deve ter tanto maior valôr, dispertar tanto mais interesse, quanto mais de nós se aproximar, quanto mais humano fôr.

Assim ninguem deve hesitar entre o encontro d'uma raridade archeologica e o d'uma alma de eleição. Um bom espirito é certamente de mais significação e de maior grandeza, que um osso de mastodonte ou um váso Etrusco, carcomido pelos seculos.

Uma alma não pode mesmo comparar-se a uma raridade historica. A distancia que vae d'um espirito d'amor e de verdade a um panno d'Arras ou a uma illuminura do seculo XIII, é a mesma que vae d'uma manhã de luz a um escaravelho esmigalhado por um carro, sobre uma estrada lamacenta.

E' por isso que eu tenho a certeza de alegrar mais o leitor dizendo-lhe: — aqui tem um bello poeta que é juntamente um fino espirito e um coração de nobres sentimentos — do que se lhe dissesse — aqui tem um dente que pertenceu a um megalosauro, e uma moeda de cobre que foi do rei Ataces.

Sim! Augusto Casemiro com a sua bella figura de rapaz forte, cheio de vida e cheio de ideaes, representa mais na nossa vida, é mais nosso — do nosso coração e das nossas ideias, — que as mais importantes descobertas de geologia prehistorica.

E porque? Porque Augusto Casemiro é uma alma, representa a vida livre e a vida forte. Simbolisa paixões e sentimentos, traduz o amôr e a fortaleza, proclamando no seu verbo tulgente ideias de libertação humana.

Fosse apenas um justo, fosse elle tão somente um bom...

Que mais precisaria eu para dizer-vos com orgulho: — eis um moço que é já um homem!

Augusto Casemiro é um poeta, mas d'essa raça de poetas fortes, que sobem para a vida intensa, como as aguias para as grandes montanhas: em amplo, arrebatado vôo.

Conheço-o ha dois dias apenas. As nossas primeiras relações foram travadas no gabinete solitario d'um lyceu, quando folheava, ao acaso, o compendio d'um professor. Dentro d'esse compendio com effeito, escondiam-se algumas tiras de papel rabiscadas de versos.

Para matar o tempo, comecei percorrendo-

as á tôa, e como quem não quer perceber nada.

Li com effeito o primeiro verso com despreso, agalegando-o.

Mas o verso foi refratario ao meu despreso. Vibrou-me nos labios, como uma corda tensa, emitindo um som claro e forte, como a forte vibração d'uma satira d'Hugo.

O segundo verso era tambem sonoro e cheio, expressivo e quente...

Mas de quem era aquillo? Virei a folha: um nome desconhecido e vulgar: Augusto Casemiro.

Continuei a ler. Li tudo. Mas com que estranho interesse, com que enthusiasmo!

D'ahi a pouco chegava o dono do compendio.

Perguntei quem escrevera aquillo!

— Um discipulo meu, do 7.º anno. E' um moço imberbe ainda, mas muito sympathico. Porque, tem talento?

Eu então, que andava farto, n'esse dia, de aturar toda a casta de celebridades coimbrãs, essa aristocracia do talento que faz pena muitas vezes, abri a torneira daquela, n'um farto elogio ao moço poeta, cujo nome não obstante lera e ouvira ali, pela primeira vez.

Interessei-me desde logo pela sua pessoa e pelo seu futuro.

Ao outro dia, o meu já então querido poeta appareceu-me.

Ah! tal qual. Era elle mesmo, o dos seus versos. Advinhara-o.

«E essa força assombrosa, indefenida,
Que creou mundos p'ra estrellar os ceus,
Eu sinto-a bem vibrar na minha vida.»

Era elle, o poeta forte.

«No templo todo luz da Natureza,
Na mascula oração d'um ser perfeito,
Eu hei de acrescentar toda a pureza,
Amor e enthusiasmo do meu peito.

Eu hei de ir — esta ancia é tão intensa! —
Sob o sol da Justiça e da Verdade,
D'um grande amor pela vereda imensa,
P'rás regiões do Bem, da Claridade.»

Era elle, aquella mocidade e fortaleza que eu sonhara e tinha agora ante meus olhos.

Modesto, ponderado, sereno, o seu aspecto é de quem segue um caminho conhecido e vae n'elle sem hesitações nem receios de perder-se.

Um d'estes individuos, que basta vel-o para poder dizer-se: hade vencer.

Não sei o que Augusto Casemiro poderá vir a ser como poeta. Ha na natureza humana taes caprichos...

O que todavia é certo, é dar-nos elle, já hoje, apesar de tão moço, trabalhos verdadeiramente superiores, feitos quasi sempre entre o thema de francez e a lição dos grandes lagos.

Entre os novos pode haver quem faça coisas sublimes, mas eu declaro sinceramente, abertamente, que não conheço em todos elles, nada que valha isto:

I

Do nada até ao lodo fecundado,
D'este á monéra, da monéra ao homem.
Voga um misterio imenso inominado,
Que turbilhões de idades mal consomem.

A vida nada mais é que um constante
Desejo de avançar p'ra Perfeição.
Em tudo vibra o mesmo som — Avante!
Tudo possue a mesma aspiração.

Na semente encerrada a planta quer
Dar sombra, flor e fructo e quer crescer
Febricitante, n'um deslumbramento.

E o desejo inenarravel da monéra
Inconsciente, com certeza era
Ser sol, ser luz, razão e pensamento.

II

Como nuvem subindo resplendente,
Doirada pela luz do sol bemdito,
N'um vôo d'amplo sonho, aurifulgente,
Anciando a paz aerea do Infinito;

Como chamma brilhante que incendeia
A aspiração imensa de subir,
Assim febril demanda a nossa ideia
A luminosa aurora do Porvir.

Nas madrugadas claras, nos estios,
Sobem canções de nevoa sobre os rios
E a terra é toda um templo — Claridade.

E a minha alma procura o ceu distante,
Para onde o Amor a leva triunfante,
Sob o sol luminoso da Verdade.

Eu nunca soube elogiar ninguem. Sou mesmo avesso a todo o elogio. Por isso se alguma coisa aqui transparecer elogiosa para Augusto Casemiro, isso não vem de mim, mas dos seus versos que a tanto me obrigaram.

Nem o meu fim é mais que apresental-o á curiosidade dos numerosos leitores d'esta revista.

Na minha apresentação vae ainda outra vaidade: é que sou eu o primeiro que vem, publicamente, reconhecer o seu talento, dando-lhe assim a primeira prova talvez d'uma profunda simpatia, d'uma admiração sincera.

Ganhos e bem ganhos são pois estes momentos que elle me rouba.

Mas são os momentos do semeador, quando semeia.

Porque esta terra é humosa e fecundamente bôa para amanhar e produzir. A semente que a ella se lançar — não tenham duvida — hade florescer com magnificencia e produzir com abundancia.

E porque isso em mim é já uma inabalavel convicção, aqui vae a resposta á sua carta, onde ingenuamente me pede que lhe diga eu *alguma coisa sobre o que hade estudar e lêr para a sua educação.*

Conselhos, não é verdade? Mas isto de conselhos é quasi sempre uma intrujice. Basta ser uma coisa que se dá a toda a gente, em todas as ocasiões e por todos os modos.

Os conselhos enganam. E mesmo quando são sinceros o mais que traduzem, geralmente, é a opinião, muitas vezes estupida, d'aquelle que os dá e os preconisa.

Sim, cada um os dá á sua maneira. Cada um puxa o barco para a sua corrente.

O meu amigo caiu em bater á minha porta.

Pois bem: hade vogar sobre o meu barco, seguindo rio abaixo, nesta forte corrente onde esbracejo.

Primeiro que tudo preciso declarar-lhe, que de tal modo confundi já o meu verbo com a terra, que mesmo em Arte sou labrego.

Posto isto passo a aconselhar-lhe o que sempre tenho feito, com poucas variantes:

Erguer cedo, não desperdiçar o tempo e comer bem, são dois principios firmes.

Ser simples e alegre, libertar-se dos vicios e fazer sempre, cada dia, cada hora, alguma coisa util — tal é um dos mais firmes preceitos da *arte de ser feliz.*

Preceito firme tambem para se ser escriptor.

Porque hoje o escriptor, o poeta, o philosopho, tem de ser, antes de tudo um forte e muscoloso combatente.

Ninguem lhe dará ouvidos, a ninguem conseguirá interessar ou comover, se não fôr um rude lutador de principios, um violento agitador de ideias.

Esses principios, essas ideias, se ainda se não teem — ninguem nasce educado — procuram-se, bebem-se nas grandes fontes do pensamento humano.

Indicar-lhe-ei aquellas onde bebi com mais sofreguidão e d'onde trouxe o espirito mais livre, o coração mais aberto, d'onde emfim eu sai mais tonificado, mais homem.

As *Farpas* devia ser o livro obrigado de todos os moços. E' uma bateria electrica, vigorisante, e um posto de desinfecção.

Para a sua educação religiosa bastam poucos livros: a *Origem dos Cultos*, de Dupis, as *Ruinas*, de Volney, e a *Biblia*.

Depois a Arte. E então surge, primeiro que todos, Byron.

Mas tem ainda Homero e Shakespeare, Ossian e La Fontaine, e para as multiplas manifestações do genio, Victor Hugo e Goethe.

Junqueiro, Anthero, Herculano, Camilo e Eça, não lhe falo n'elles, porque todo o portuguez tem obrigação de os saber de cór.

Por fim, escolha na sua bibliotheca um logar d'honra e ponha por sua ordem: Platão, Rousseau, Michelet, os ultimos trabalhos de Zola, o Plutarco, Buchner Haeckel e Spencer. Para aliviar o espirito e crear sonhos gloriosos, leia as viagens de Amicis e as divagações astronomicas de Flammarion.

O resto virá pela convivencia e pela critica.

E como falei das *Farpas*, deixe-me já transcrever-lhe para aqui um bocado d'uma pagina, onde vem um conceito que aproveita a nós ambos.

«Tu que empunhas uma penna, diz-nos Ramalho Ortigão, quem quer que sejas, se a tua paixão te não dilacera, se não choras, e se tambem não ris, se não sabes communicar-me alguma coisa da tua impaciencia, da tua inquietação, do teu enthusiasmo ou da tua ironia, do teu grande amor, do teu grande odio ou do teu grande despreso; tu em taes condições, não serás para mim senão um caturra mais ou menos habilidoso; serás um estimavel, um discreto, um bom homem; mas não serás nunca um escriptor que eu leia sem te bater com o meu nariz em cima — de somno.»

Mortagua — Julho de 1906.

THOMAZ DA FONSECA.

VISTA GERAL

A cidade de Khartum

Apostamos que as reminiscencias mais vivas que a maioria dos leitores conserva do nome d'esta cidade se ligam ao despacho noticiando, em 1884, o assassinio do general Gordon e ao que annunciava, em 1899, o modo como Kitchener vingou a memoria do seu heroico camarada na famosa batalha de Omdurman, de 2 de setembro, que assegurou a conquista do paiz para o governo Anglo-egypcio.

E, no emtanto, Khartum é, na ante-camara, por assim dizer, da Africa Central, uma ridente maravilha surgida da aridez do deserto quasi como que ao toque de uma varinha magica.

Porque, em verdade, a Khartum dos tempos em que o Sudan era tributario da Turquia, ou esteve sob a exclusiva administração egypcia, ou, mais recentemente, soffreu, durante dezesseis annos, o jugo do governo dos *derviches* (seita de fanaticos musulmanos) iniciado pelo Mahdi e continuado pelo Khalifa, seu successor, a Khartum d'essas eras não passava de um agglomerado de construcções em terra e pedra, de rudimentar architetura e tôsca apparencia.

Nas duas primeiras épocas, isto é, sob os turcos e os egypcios, a falta de actividade e de iniciativa de uns e outros e a cupidez dos funccionarios orientaes, que só visavam a locupletar-se, oppunham-se a um visivel progresso, não obstante haver já então no paiz muitos negociantes gregos que aspiravam a realisar melhoramentos locaes; mas, n'esse tempo, até o isolamento em que Khartum se encontrava, sem communicação com o mundo exterior a bem dizer, tornava dificilimo fazer chegar aqui quaesquer materiaes de construcção e outros confortos com que a Europa pode suavisar as agruras da vida africana.

O dominio dos *derviches* foi um periodo calamitoso de destruição e pilhagem e quando, em 1899, se inaugurou o governo Anglo-egypcio, Khartum era um montão de ruinas, como se um pavoroso incendio ou um grande terramoto houvesse derruido as suas pobres e humildes habitações.

Referindo-nos á administração Anglo-egypcia, queremos accentuar a influencia, no paiz, d'esses habeis colonisadores que são os inglezes; n'esta associação de nacionalidades para ambas vae a posse, mas para uma só é justo que vá a gloria, recompensa da intelligencia e do esforço empregados na restauração de uma vastissima colonia quasi absolutamente perdida pelas más gerencias anteriores. Tão perdida e tão desoladora nos seus aspectos geraes que o malogrado Gordon escrevêra n'um dos

seus relatorios: «O Sudan é, e será sempre, um paiz inutil». Não era tão previdente como corajoso o mallogrado general a quem os arabes barbaramente trucidaram; o futuro encarregou-se de desmentir as suas palavras e de provar que, posto em contacto com o resto do mundo por linhas ferreas e portos de mar, attrahida a emigração pela propaganda das riquezas naturaes que a região encerra, em gomma arabica, em marfim, em mineraes, em productos agricolas, etc., civilisados os indigenas pela abertura de escolas litterarias

PALACIO DO GOVERNO

e profissionaes, mantida firmemente a administração por um governo tolerante mas energico, o Sudan poude tornar-se um paiz util não só aos seus filhos como á grande communidade humana e espera, mais ainda, vir a ser uma riquissima e prospera colonia.

A sabia gerencia dos inglezes, respeitando a religião dos nativos, incitando-os a instruir-se, despertando-lhes o amor ao trabalho por meio d'exposições industriaes e agricolas com o estimulo do premio, ajudando bem assim os europeus que aqui veem estabelecer-se e contribuir com o seu labor para o levantamento da colonia, tem realisado verdadeiros milagres.

Mas é justo asseverar que á communidade grega, numerosissima desde que uma administração regular e séria assegurou a tranquilidade publica, se deve em grande parte o progresso actual; os capitaes e os braços hellenicos teem sido poderoso auxiliar da iniciativa britanica; o grego é negociante emprehendedor, industrial activo, operario laborioso, submisso e sobrio; é o ideal dos colonos, e feliz é o governo que n'uma das suas possessões conta um nucleo importante d'esta nobre raça, fiel ás gloriosas tradições do seu passado. O grego é no Egypto e no Sudan o que o portuguez tem sido no Brazil: — o primeiro e mais valioso elemento de riqueza.

Temo-nos alargado em considerações d'ordem geral ácerca do Sudan, mas o verdadeiro scopo d'este artigo é Khartum, a joven, (chamemos-lhe assim porque ella data, a fallar a verdade, de 7 annos) cidade onde estamos vivendo sob um clima actualmente dulcissimo como o da primavera na Europa, e apenas perturbado nos mezes de abril e maio por um calor algo excessivo e nos de junho e setembro por algumas tempestades de vento que nos lançam aos olhos e nos mettem nos ouvidos a areia do deserto e por algumas, poucas, fertilisantes chuvadas. Que para a

EDIFICIO CHAMADO «MINISTERIO DA GUERRA»
Onde estão installadas as repartições publicas

completa fertilisação dos terrenos adjacentes cá temos o velho Nilo a oscular a fimbria da *coquette* cidade com os seus labios sujos dos limos arrastados das montanhas da Abyssinia, limos de resto abençoados, pois que trazem a abundancia.

Khartum, esta perola do deserto, é perfeitamente plana e talhada em largas avenidas e ruas transversaes e em vastissimas praças. O becco, a viella, a travessa propriamente dita, a rua estreita e tortuosa, tão grata aos orientaes, não existem aqui; tudo é largo, amplo, arejado. Cada casa tem seu pateo ou quintal e o proprietario é obrigado a abrir pôço para uso commum dos inquilinos, afim de que não faltem os banhos, base de toda a hygiene.

Em tres bairros se divide a cidade: o bairro commercial, ou *Bazar*, o bairro europeu e o indigena. N'este ultimo ainda se toleram construcções rudimentares em terra amassada; nos dois primeiros é de rigor empregar o tijolo cosido, a pedra, a madeira e o ferro.

No *bazar* vêem-se estabelecimentos de modas e confecções, relojoaria, ourivesaria, curiosidades do Egypto e do Sudan, preciosidades da India, salões de barbear, restaurantes, cafés e *bars;* estes ultimos não se pode dizer que sejam numerosos, porque o governo limitou a sete o numero de concessões de licenças para venda de bebidas espirituosas a copo, e os donos d'esses armazens incorrem em pesadas multas caso vendam alcool aos indigenas. Ha tambem ali um mercado de carne, peixe, fructas e hortaliças; nestes dois ultimos generos a abundancia não é notavel, mas quanto a peixe, o do Nilo, algum d'elle saboroso, é abundante e barato, e com respeito a carne os nossos amigos de Lisboa invejar-nos-hão por certo: compramos aqui a vacca a tres piastras o *oke;* ora, tendo este peso 1.250 grammas e valendo a piastra actualmente uns 50 réis da nossa moeda, estamos comprando a carne a 120 réis o kilo... porque não ha arrematante!

N'este bairro do *Bazar* todas as construcções são terreas, protegidas do sol por extensas arcarias em tijolo.

Na grande praça que termina o *Bazar* ergue-se monumental a Mesquita, ou templo musulmano, com seus dois rendilhados minaretes, do alto dos quaes o *muezzin,* cinco vezes ao dia, chama os fieis á oração proclamando que *só Deus é grande e Mahomet o seu Propheta!*

Para além d'esta praça da Mesquita fica o bairro indigena, cuja frente ainda é disfarçada por alguns armazens caiados ou pintados a côres, mas para dentro começa a exhibição da typica architectura nativa em terra amassada e de um exotico mercado abrigando-se em tendas feitas de cobertores, esteiras e farrapos, ou estendendo-se pelo chão, onde se vêem os mais phantasticos objectos e as mais ridiculas coisas; uma especie de *Feira da Ladra*... em preto.

O bairro europeu tende a alastrar-se de dia para dia para os dois lados da cidade, cujo centro é formado pelo *Bazar* e pelo bairro nativo no seu prolongamento. O elemento eu-

ropeu, com o qual vivem mais ou menos misturados os syrios, os egypcios, etc., apresenta já vistosas edificações, quasi todas em primeiro andar, com suas varandas, construcção ora simples, ora caprichosa e garrida, offerecendo o conjuncto um aspecto agradavel á vista...

A parte norte da cidade, isto é, a estrada á beira do Nilo, esplendida via arborisada, apresenta-nos do lado do rio um bonito caes de granito branco, quasi concluido em toda a sua extensão, e do lado opposto um campo para *cricket* e *foot-ball*; o Jardim Zoologico, que conta já muitos e curiosos exemplares da fauna regional e onde uma banda de musica toca á sextas-feiras e domingos em coreto apropriado; a residencia do director dos bosques e florestas; o «Khartum Grand Hotel», provido com todo os confortos que viajantes modernos podem appetecer; as repartições do correio e telegraphos; o edificio chamado Ministerio da Guerra, que é, afinal, onde se encontram todas as principaes secretarias, não só da guerra, como da administração, fazenda, justiça etc.; o palacio do Governador Geral, bello edificio de dois andares (ao centro de formosos jardins), que já tem abrigado hospedes de régia stirpe; a direcção das obras publicas, com parte dos seus *ateliers*, estando uma outra parte na cidadesinha fronteira além do rio, Khartum-Norte chamada, que será no futuro uma grande cidade industrial; as residencias dos altos funccionarios inglezes, elegantes *bumgalows* occultos entre verdura e flores; a igreja e dependencias da Missão Africana Catholico-Romana, dirigida por padres austriacos; e os quarteis, vastos, higyenicos, confortaveis da guarnição ingleza.

Em frente á fachada sul do palacio do Governador Geral, n'um pequeno *square* ajardinado, ergue-se a estatua de Gordon; é difficil imaginar coisa mais simples e por isso mesmo mais tocante do que este monumento levantado ao heroe cujo sangue fecundou a civilisação do paiz. Gordon montando o seu camêllo, e nada mais; nem uma dedicatoria, nem uma data, nem uma apologia; apenas as seis lettras do seu nome em alto relêvo no bronze do sócco. Fronteira á estatua, abre se a Avenida Victoria, a mais longa e extensa da cidade, já ornada com alguns bons edificios, entre os quaes uma escola da *Church Missionary Society*, e ao fundo, no extremo sul de Khartum, avistam-se os quarteis dos batalhões egypcios e sudanezes.

COLLEGIO GORDON

Além dos que já citámos, a Mesquita e a egreja catholica, a cidade conta mais os seguintes edificios religiosos: a egreja cophta (christãos orthodoxos do Egypto), a maronita (egreja syria), a egreja presbyteriana da Missão protestante Americana, uma capella e collegio para meninas, de religiosas dependentes da missão austriaca, e a egreja grega, cuja construcção é provisoria; tambem a egreja angli-

cana funcciona temporariamente n'uma sala que S. Ex.ª o Governador Geral se dignou ceder para tal fim no seu palacio, mas brevemente vae principiar a construir-se um magnifico templo, para o que ha já recolhidas umas 5.500 libras.

Como acima referimos, fica-nos em frente Khartum Norte (ou Halfaia, como lhe chamam os indigenas), onde se acham a estação do caminho de ferro, muitas officinas das obras publicas e de empresas particulares e que promette ser mais tarde um grande centro industrial; passa-se para lá em 9 minutos n'um barco movido por uma corrente accionada a vapor, o qual faz carreiras desde o nascer até ao pôr do sol. D'ali partem comboios para Port-Sudan (linha inaugurada em 1906) que põem o Sudan em communicação directa com o Mar Vermelho; e para Wadi Halfa, d'onde um serviço de barcos a vapor conduz os viajantes pelo Nilo até Shellal; aqui, os caminhos de ferro egypcios os tomam e os levam ao Cairo, por Assuan, Luxor, etc.

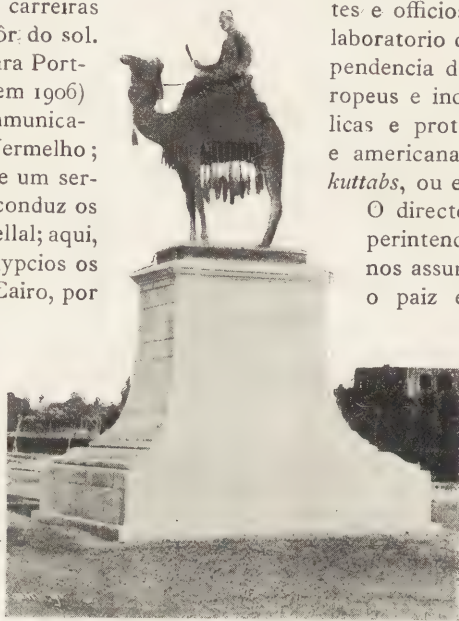
Para sudoeste de Khartum fica Omdurman, a grande cidade nativa, com cerca de 40.000 habitantes, que era a séde do governo dos *derviches* e que foi sempre e continua sendo o imperio commercial do Sudan, porque ali affluem, pelo rio, em barcos, ou pelas caravanas de camellos, todos os productos animaes, vegetaes e mineraes das provincias do littoral e do interior ao sul e ao sudoeste do paiz, e ahi se faz o mais importante negocio. Khartum está em communicação com Omdurman por um tramway que vae até á aldeia de Moghren, na confluencia do Nilo Azul com o Nilo Branco, onde um vapor toma os passageiros para a velha e grande cidade; ao desembarque, outro tramway espera os viajantes para os conduzir ao mercado. Faz-se todo este trajecto em uma hora, pouco mais ou menos.

MONUMENTO A GORDON PACHÁ

Os serviços de tramways e barcos de passagem são todos explorados pelo governo da provincia, com vantagem para elle e para o publico, que é melhor servido do que se tivesse de haver-se com algum concessionario, e bem assim a illuminação electrica de Khartum, inaugurada no fim do mez passado por uma companhia austriaca que a installou, passará brevemente, depois do periodo experimental, á exploração da mesma entidade administrativa.

Como estabelecimentos d'intrucção tem Khartum o collegio Gordon, fundado em homenagem á memoria do illustre general, onde ha um curso secundario e uma classe especial para a formação de *cádis* (magistrados musulmanos), uma escola militar e uma outra de artes e officios annexos ao collegio, um laboratorio de analyses chimicas na dependencia do mesmo, escolas para europeus e indigenas nas missões catholicas e protestantes (austriaca, ingleza e americana) e um certo numero de *kuttabs*, ou escolas elementares arabes. O director do collegio Gordon superintende, em nome do governo, nos assumptos d'instrucção de todo o paiz e véla por que as escolas christãs, quando recebam alumnos musulmanos, se abstenham de exercer sobre elles qualquer pressão de proselytismo.

Que mais lhes direi ácerca de Khartum? Que o seu nome significa em dialecto indigena *tromba de elephante* e lhe vem da configuração dos terrenos na confluencia do Nilo Azul com o Branco; que a cidade é um primor de limpeza, graças á constante vigilancia da auctoridade, porque o governador da provincia em pessoa, o tenente-coronel Stonton, a quem a capital do Sudan merece todos os cuidados e deve os maiores progressos, percorre todas as manhãs os bairros, a cavallo, acompanhado d'um official de policia, observando se tudo está no devido asseio e ordenando providencias onde encontra faltas.

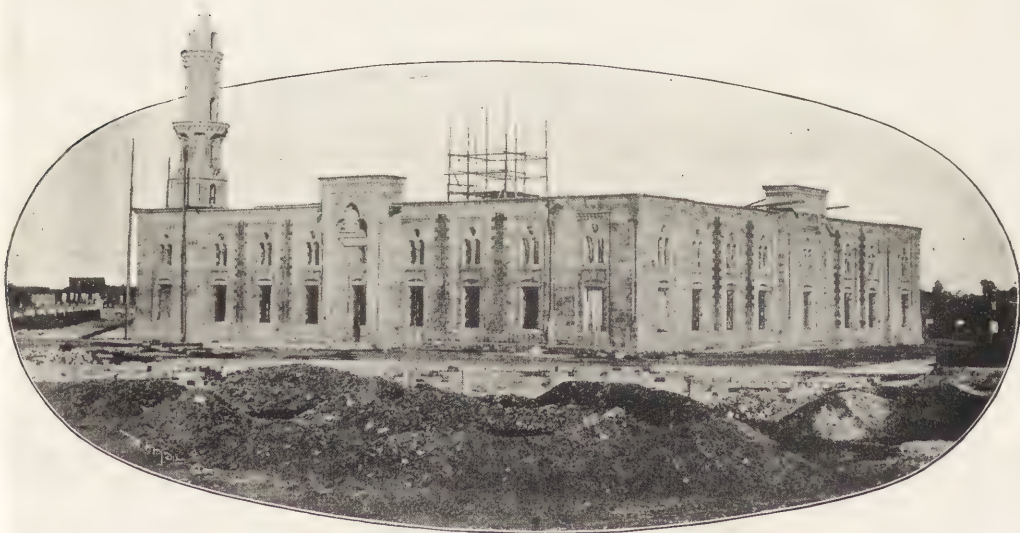
Dir-lhes-hei tambem que n'esta terra de sete annos d'edade se está construindo, e em menos d'um anno será inaugurado, um Palacio de Justiça, coisa que ainda não teem algumas capitaes da Europa que datam do tempo dos

mouros na Peninsula e que tudo quanto aqui se vê e observa se póde apontar como incentivo e exemplo a povos e governos que se preoccupam com assumptos coloniaes.

Bom seria que alguns portuguezes ricos e influentes dessem até aqui um passeio para colherem impressões uteis, mas infelizmente os nossos compatriotas, de aventureiros descobridores e conquistadores, de navegadores audazes crystallisaram n'um povo sedentario que a custo se arrisca a ir na Semana Santa a Sevilha ou aos touros a Badajoz, ou, quando muito, se o espicaça o verme do reclamo, deita a Paris e visita o sr. Xavier de Carvalho ou o sr. Almada Negreiros afim de que os fios trabalhem para o *Seculo* com o nome e qualidade do illustre viajante.

Pois é bom vêr mais algumas terras, viajar um pouco e tirar a lição das coisas. E não é tão difficil nem tão longe como parece, vir até Khartum. As cartas de Lisboa chegam-nos aqui com 11 dias de demora, quer venham por Brindisi, Napoles ou Marselha. O viajante que parta de Lisboa por terra até Marselha e tome ali o paquete para Alexandria, chegará a esta ultima cidade ao cabo de 8 dias e no mesmo dia póde transportar-se ao Cairo. Com alguma demora na capital egypcia para admirar as preciosas antiguidades e as muitas bellezas do paiz, é-lhe facil depois vir ao Sudan, n'um commodo *sleeping* e *dining-car*, intercalando com um confortavel barco a vapor entre Assuan e Halfa. E, na estação de dezembro a março, isto constitue uma excursão verdadeiramente ideal.

Oh! Quem nos déra ter por aqui uns dias com quem fallassemos a nossa lingua materna!...

Khartum — Fevereiro, 1907.

SANTOS GONÇALVES.

A MESQUITA DE KHARTUM

Summario dos capitulos I a VI

Sherlock Holmes, o tão celebre DETÉCTIVE *é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso — : O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a* LENDA DO CÃO FANTASMA. — *Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A sollicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nóvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando comsigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do* TIMES. — *Pesquizas. — A bota trocada. — Peripecias. — O baroneto resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Martimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desapparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu* ALTER EGO, *doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do* CAB. — *Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que se quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Baskerville. — Suspeitas. — Uns soluços misteriosos.*

CAPITULO VII

Os Stapletons da Residencia de Merripit

O frescôr e a formosura da manhã seguinte concorreram algum tanto para apagar-nos do espirito a sinistra e lobrega impressão que nos deixara a primeira experiencia da mansão de Baskerville. Quando nos sentámos a almoçar, eu e sir Henry, os raios do sól penetravam a jorros através das altas janélas de maineis imprimindo umas manchas liquidas de côr nas cotas de armas que as interceptavam em parte. O denegrido forro de madeira refulgia como o proprio bronze sob a acção dos aureos raios, e custava conceber que era aquelle na verdade o mesmo recinto que na vespera tamanho negrume havia incutido em nossas almas.

— Palpita-me que é a nós mesmo que temos que lançar as culpas e não á casa, opinou o baroneto.

— Vinhamos estafados da jornada e gelados dentro da carrióla, e eis ahi está a razão porque nos pareceu tão sombria a casa. Agora que estamos frescos e bem dispostos, chega até a apresentar aspecto alegre.

— E contudo, não era completamente effeito

da imaginação — retorqui. Acaso não ouviria soluçar uma mulher, salvo erro, lá por noite alta?

— Facto curioso, na verdade, pois meio a dormir meio acordado prefigurou-se-me que ouvia qualquer coisa nesse sentido. Estive na espectativa, um bom pedaço, mas não tornei a dar fé de coisa nenhuma, e conclui, afinal, que seria sonho.

— Pois eu ouvi-o distinctamente, e tenho a certeza de que era o soluçar de uma mulher.

— Vamos tratar de tirar isso a limpo, quanto antes.

Tocou a campainha e indagou de Barrymore se podia dar-nos explicação satisfatoria do caso. E quis-me parecer que as descóradas feições do mordomo assumiram côr mais livida ao escutar as perguntas do amo.

— Ha duas mulheres, apenas, de portas a dentro, sir Henry, respondeu. Uma é a moça da cozinha que dorme no outro lanço do edificio. A outra, é minha mulher, e posso afirmar-lhe com certeza não serem della os soluços.

E sem embargo, mentia, afirmando-o, visto como quis o acaso que eu antes do almoço topasse frente a frente com *mistress* Barrymore no extenso corredor, com o sol a dar-lhe em cheio no rosto. Era uma mulher corpolenta, impassivel, de feições acentuadas, com uma expressão retrahida, sevéra, na bôca. Olhou para mim, porém, com uns olhos esquivos, afogueados, e muito inchadas as palpebras. Fôra ella, portanto, quem havia chorado durante a noite, e se assim era devia sabê-lo o marido. E contudo, este não hesitara em se sujeitar ao perigo de se ver desmentido afirmando que tal não havia.

Mas por que era que o teria negado?

E por que motivo haveria ella chorado tão acerbamente? Em redor deste homem, pálido, tão bem parecido, da barba preta, ia-se desde já condensando uma atmosféra de sombras e de misterio. Fora elle quem primeiro fizéra o descobrimento da morte de sir Charles, e dispunhamos apenas da sua palavra como garantia do conjunto de circunstancias conducentes á morte do ancião.

Haveria probabilidade de ter sido Barrymore, no fim de contas, o individuo que tinhamos avistado no *cab*, em Regent-Street? A barba era possivel ser a mesma. O cocheiro tinha feito a descrição de um homem de inferior estatura, mas semelhante impressão podia muito bem ser erronea.

Como poderia eu estabelecer este ponto, de uma vez para sempre?

O primeiro passo que me cumpria dar era, obviamente, ir desde já a Grimpen, ver-me com o chefe da estação do correio, e verificar se o decantado telegrama em letra de imprensa havia ou não corrido pela mão da Barrymore.

Fosse qual fosse a resposta, em todo o caso sempre teria alguma coisa que relatar a Sherlock Holmes.

Sir Henry tinha que examinar um montão de papelada, depois do almoço, e portanto, o ensejo era propicio para a minha excursão. Effectuei um lindo passeio de umas quatro milhas costeando a charnéca, até que fui dar a um casalejo pardacento, no qual dois edificios mais avantajados, que verifiquei serem a estalajem e a casa do doutor Mortimer, campavam acima dos restantes. O gerente do correio, que era tambem o tendeiro do logar, lembrava-se muito bem do telegrama.

— Com toda a certeza, meu senhor, mandei-o entregar ao senhor Barrymore, assim que o recebi.

— E quem foi que o entregou?

— Aqui o meu pequeno. Olha lá, James, não foste entregar aquelle telegrama ao senhor Barrymore, á mansão, a semana passada?

— E' verdade que fui, pae, e ficou entregue.

— Em mão propria?

— Eu lhe digo, elle, quando eu lá cheguei, tinha ido ao celeiro, de modo que lho não pude entregar pessoalmente mas dei-o á senhora, e ella prometeu entregar-lho, quanto antes.

— Mas não chegaste a ver o senhor Barrymore.

— Não, senhor; pois não lhe disse já que tinha ido ao celeiro?

— Mas se tu não o viste, como é que sabes que estava no celeiro?

— Essa não é má, pois já se deixa ver que a mulher havia de saber onde é que elle estava, retrocou o gerente, espevitado. Não havia de receber o telegrama? E demais, se houve engano, quem tem que se queixar é o proprio Barrymore.

Podiamos perder a esperança de levar mais longe o inquerito, e contudo, era claro que a despeito do ardil de Holmes não tinhamos a minima prova em como Barrymore se não houvesse demorado em Londres, naquelle meio tempo.

Supponde que assim fosse, — supponde que o mencionado individuo tivesse sido o ultimo a ver sir Charles ainda com vida, e o primeiro a espreitar o novo herdeiro quando este voltou para Inglaterra. E depois? Elle seria acaso um agente de outrem, ou movido por qualquer sinistra intenção propria? Que interesse poderia ter em perseguir a familia Baskerville? Rememorou-se-me aquelle singularissimo aviso recortado no artigo do *Times*. Seria obra delle, ou dar-se-ia o caso que fosse tramoia dalguem empenhado em lhe frustrar os planos? O unico motivo concebivel era o que tinha sido sugerido por sir Henry, a saber: — que se porventura a familia pudesse ser amedrontada e compelida a afastar-se do solar, os conjuges Barrymores ficariam disfrutando um conchêgo permanente. Mas com certeza semelhante solução seria absolutamente inadequada para explanar o plano subtil e intrincado que parecia estar tecendo uma rêde invisivel com o fito em involver nas malhas o juvenil baroneto. O proprio Holmes afirmava que, em toda a longa serie das suas investigações sensacionaes, se lhe não havia ainda deparado caso mais complexo. E eu, na volta, ao palmilhar a estrada erma e adusta, orei a implorar que o meu amigo se visse quanto antes liberto das suas preoccupações e apto a vir ter comnosco afim de me tirar dos hombros o enorme peso de semelhante responsabilidade.

FOI-NOS MOSTRAR O SITIO
QUE SE SUPPÕE TER DADO ORIGEM Á LENDA DE INFANDO HUGO

De subito, veiu interromper-me as cogitações o tropel de uns pés a correr atrás de mim e uma voz interpelando-me pelo meu nome. Voltei-me para trás, na espectativa de ver o doutor Mortimer, mas qual não foi o meu espanto ao dar de frente com um estranho a seguir-me os passos. Era um homem baixinho, delgado, barbeado de fresco, com uma cara de pascoa, cabello côr de estôpa e queixos de rabeca; trajava uma andaina cinzenta e trazia na cabeça um chapeu de palha. A tiracolo, uma caixa de lata para recolher especimes botanicos e uma rêde verde, de apanhar borboletas, na mão direita.

— Ouso esperar que desculpará o meu atrevimento, doutor Watson, emitiu trotando esbofado para me alcançar.

— Nós, cá por estes bréjos, sômos de poucas ceremonias, e não estamos á espera de apresentações em régra. E' possivel ter ouvido mencionar o meu nome pelo doutor Mortimer nosso amigo commum? Sou o Stapleton da Residencia de Merripit.

— A sua rêde e a sua caixa falam por si,

epliquei, — pois não ignorava o facto de o senhor Stapleton ser naturalista. — Mas como é que me conheceu?

— Fui visitar o Mortimer e elle, da janéla do consultorio, apontou-me a sua pessoa quando o senhor por ali passou. E como seguiamos ambos pelo mesmo caminho, lembrei-me de o alcançar e de me apresentar a mim proprio. Ouso esperar que sir Henry não se achará incommodado com a jornada?

— Está optimo, muito obrigado.

— Estavamos todos com receio de que, em vista da morte tão triste de sir Charles, o novo baroneto se não resolvesse a vir residir para aqui. E' exigir demasiado a um homem rico o vir enterrar-se num sitio assim, mas escusado será o afirmar-lhe, doutor, que pode resultar dahi immenso beneficio para estas terras. Sir Henry, presumo eu, não se deixaria actuar por quaesquer aprehensões supersticiosas?

— Não me parece que seja provavel.

— O doutor não deixará de estar sciente da celebre lenda do cão diabolico, praga desta familia?

— Ouvi falar a esse respeito.

— E' extraordinaria a crendice destes labrêgos, cá por os nossos sitios! Do primeiro ao ultimo todos são capazes de jurar que viram a creatura lá pela charnéca. Dizia aquillo, risonho, e não obtante, pareceu-me lêr-lhe nos olhos que tomava o caso um tanto a sério. A tal historia foi tomando immenso pêso na imaginação de sir Charles, e estou persuadido de que concorreu muito para o seu fim tragico.

— De que modo?

— Tinha os nervos em tal estado que o aspecto de um cão qualquer podia muito bem haver surtido effeito mortal sobre o seu coração infermo. Estou persuadido de que effectivamente veria qualquer coisa parecida naquella sua derradeira noite, lá na alêa dos teixos. Eu andei sempre aprehensivo de que viesse a succeder algum desastre, pois era muito amigo do malfadado ancião, e sabia que tinha o coração fraquissimo.

— E como é que o sabia?

— Tinha-m'o dito o doutor Mortimer.

— Suppõe, então, que sir Charles seria perseguido por algum cão, e que morreria de susto, em consequencia?

— Acaso lhe encontra explicação mais cabal?

— Ainda não cheguei a conclusão de qualidade nenhuma.

— E o senhor Sherlock Holmes, tambem não?

Aquellas palavras deixaram-me embatucado, por instantes, um relancear de olhos para o placido semblante e para o olhar firme do meu companheiro manifestaram-me não haver da parte deste a minima intenção de me sacar a fala do bucho.

— Que nós, antes que quiséssemos, não podiamos alegar ignorancia, doutor Watson, acrescentou. A fama do seu *detective* chegou a estes nossos sitios, e o senhor, celebrizando-o, não podia tambem deixar de se tornar conhecido. O Mortimer, ao dizer-me o seu nome, não podia negar a sua identidade. O facto de o senhor aqui vir, induz a tirar por consequencia que o senhor Sherlock Holmes se interessa pelo caso, e é natural a minha curiosidade em saber o que elle pensa a semelhante respeito.

— Sinto não poder satisfazer-lhe essa sua pergunta.

— Não haverá indiscreção em perguntar se elle tenciona honrar-nos com a sua visita?

— Elle, presentemente, não póde afastar-se da capital. Tem entre mãos varios casos que lhe captam a atenção.

— Que pêna! Poderia lançar luz num assunto tão escuro para nós. Mas, com respeito ás suas pesquizas, doutor, se estiver ao meu alcance o ser-lhe prestavel, de algum modo, queira mandar-me! Se eu pudesse dispôr de qualquer indicação quanto á natureza das suas suspeitas, ou quanto á maneira por que se propõe investigar o caso, é possivel que desde já pudesse auxiliá-lo ou dar-lhe qualquer conselho.

— Afirmo-lhe que me acho aqui apenas de visita a sir Henry, e não tenho necessidade de auxilio seja qual fôr.

— Optimamente! acudiu Stapleton. Acho muito justo que seja cauto e prudente. Aceito o remoque, pois sinto que effectivamente foi pouco desculpavel esta minha intrusão, e prometo-lhe nunca mais me referir a semelhante assunto.

Tinhamos alcançado um ponto em que um carreiro estreito e invadido pelas restêvas se apartava da estrada coleando através da charneca. Um monte salpicado de pedregulhos surgia-nos á nossa mão direita, explorado, em tempos, como pedreira de granito. A face que se nos defrontava formava uma fraga sombria, com os silvedos e os fetos a brotar-lhe das

fendas. Mais além, por sobre um comoro, pairava um penacho de fumo.

— Um passeiozito através deste carreiro da charnéca leva-nos á Residencia de Merripit, afirmou o adventicio. Muito folgaria, se acaso pode dispor de uma hora, em o apresentar a minha irman.

Acudiu-me ao pensamento que me cumpria não desamparar sir Henry. Mas lembrei-me tambem do montão de papelada, titulos e róes a juncarem-lhe a mêsa do escritorio. Eu, com certeza, não podia ajudá-lo em semelhante faina. E Holmes tinha-me recommendado expressamente que estudasse os convizinhos da charnéca. Aceitei pois o convite de Stapleton, e metemos ambos pelo carreiro.

— E' um ponto admiravel esta nossa charnéca, afirmou, varrendo com a vista a ondulada planicie, os espinhaços de rocha, extensos e esverdeados, com as suas cristas indentadas de granito, a surgirem quaes ondas fantasticas. — E' vista de que nunca se cançam os olhos. Não imagina, sequer, os segredos espantosos que encerra este brejo. E' tão vasto, tão agreste e tão misterioso!

— Conhece-a bem, pelo que vejo?

— Ha apenas dois annos que aqui estou. Os incolas poderiam apodar-me de adventicio. Para aqui viémos pouco tempo depois de sir Charles aqui haver estabelecido residencia. As minhas predilecções, contudo, levaram-me a explorar a cada recanto da região circumjacente, e posso gabar-me de que poucos haverá que a conheçam melhor do que eu.

— Tão arduo é, pois, o vir a conhecê-la?

— Se é! Vê, por exemplo, aquella planicie, alí, para a banda do norte, com aquelles montes tão estramboticos a surgirem-lhe do seio? Fere-lhe a vista qualquer circunstancia notavel?

— Era um campo admiravel para uma galopada.

— E' muito natural que assim pense, e o pensar assim tem custado a vida a um par de individuos. Vê aquelles pontos verdes muito viçosos, disseminados por toda a superficie?

— Vejo, afiguram-se-me serem mais ferteis do que o restante.

Stapleton abriu uma risadinha.

— São os tão decantados lameiros de Grimpen, declarou. Um passo em falso, além, é a morte para qualquer homem, ou animal. Ainda hontem eu vi um dos poldros da charnéca a pairar por alí. Nunca mais de lá saíu. Vi-lhe cabeça, durante um bom pedaço de tempo, espichada ao de cima do olheiro, até que afinal o sorveu o lodo. Na propria estação da séca é perigoso transitar por alí, mas, depois destas chuvas outonaes, é um sitio pavoroso. E, aqui onde me vê, pósso atravessá-la em todos os sentidos são e a salvo. Por Jorge! Lá anda um destes mofinos poldros!

Um vulto qualquer, fulvo, a rebolcar-se e a estrebuchar por entre as junças verdejantes. Depois, surgiu um pescoço comprido, fremente, anciado, e retumbou pela charnéca pavoroso bérro. Senti-me gélido de horror, mas os nervos do meu companheiro eram mais rijos que os meus, ao que parecía.

— Foi-se! emitiu. Tomou conta delle o lameiro. E' o segundo, desde hontem para cá, pois têm a balda de andarem a pastar por alí, no tempo da estiagem, e não lhe vêem a differença em quanto o lameiro não préga com elles no bucho. E' um sitio ruim, este paúl de Grimpen.

— E afirma o senhor que pode transitar por elle?

— Digo e repito, cortam-n'o um ou dois caminhos de pé posto que qualquer individuo com boa vontade pode trilhar. E eu dei com elles.

— Mas que é que o induz a aventurar-se em tão medonho sitio?

— Eu lhe conto. Vê além aquelles montes? Elles, na essencia, são apenas umas ilhas escarvadas por todos os lados pelo lodaçal invadiavel que, no decurso de annos e annos, tem vindo a espraiar-se-lhe em redor. E é por alí que pairam as plantas raras e as lindissimas borboletas, para quem tem olho sufficiente para as alcancar.

— Irei tentar fortuna qualquer dia.

Olhou para mim, espantado.

— Em nome de Deus, arrede de si semelhante ideia, exclamou. Eram remorsos para toda a minha vida! Afirmo-lhe que não ha a minima probabilidade de voltar de lá com vida. Eu proprio, que lh'o estou dizendo, se o consigo é valendo-me de umas certas balisas um tanto complicadas.

— Houlá! exclamei. Que será aquillo?

Um lamento, estirado, soturno, de indiscritivel tristeza varreu a charnéca, de lés-a-lés. Ecoou em todo o ambiente, e contudo, éra impossivel dizer de onde vinha.

Murmurio triste, a principio, foi tomando o vulto de clamôr intenso, em seguida, foi en-

fraquecendo, até descambar novamente em murmurio, melancolico, offegante.

Stapleton olhou para mim com expressão séria no semblante.

— E' um sitio esquisito, esta charnéca, commentou.

— Mas que será aquillo?

— Os camponios dizem que é o cão dos Baskervilles a chamar a prêsa. Tenho-o ouvido uma ou duas vezes, mas tão rijo, nunca! Olhei em redor, com um arrepio de pavôr no coração, para a immensa e tumida planicie, marchetada com os parches verdes dos juncaes. Nem sinal de vida, sequer, por toda a vasta extensão, á excepção de dois córvos, a crocitar, estridulos, num matacão, por detrás de nós.

— O senhor é homem culto. Não dá credito a semelhantes tonterias? perguntei. — Qual é, no seu intender a causa de som tão extraordinario?

— Dos olheiros saem ás vezes uns ruidos muito esquisitos. Estou que será o lodo a assentar, ou a agua a romper, ou coisa que o valha.

— Isso, sim! Aquillo éra voz de ente vivo.

— E dahi, quem sabe, talvez que fosse. Já de alguma vez ouviu uma garça a grasnar?

— Nunca, que me lembre.

— E' uma ave que vae sendo rara — extincta, ou pouco menos, em Inglaterra, presentemente; mas tudo é possivel cá pela charnéca. Repito, não me admiraria se me dissésssem que o que eu ouvi foi o grito da ultima garça.

— E' o sitio mais fantastico, mais estranho, de que jamais tive noticia.

— Lá isso é, o sitio mais estrambotico que dar-se pode. Atente na encosta daquelles cêrros, que lhe parece que sejam?

O ingreme desladeiro estava todo elle juncado de uns circulos de pedras, cerca de uns vinte, pelo menos.

— Que vem a ser aquillo? Redis para ovelhas?

— Não, senhor, são as habitações de nossos dignos antepassados. O homem préhistorico povoou densamente esta charnéca, e como ninguem, que eu saiba, tem morado ali, desde então para cá, encontramos as suas acommodaçõesinhas taes quaes elle as deixou. Aquillo são as suas cubatas com os telhados arrancados. Se a curiosidade o induzir a entrar lá dentro poderá observar-lhe a lareira e e o proprio leito.

— Mas é uma aldeia, ou pouco menos. Em que época seria habitada?

— Na do homem néolitico — sem data.

— E em que se occupava elle?

— Pastoreava os seus gados por estas encostas, e aprendeu a cavar a terra em procura de estanho assim que a espada de bronze principiou a suplantar o machado de pedra. Repare naquella immensa trincheira no cerro fronteiro. Aquillo são os seus vestigios. Repito, hade encontrar pormenores singularissimos pela charnéca, doutor Watson.

Ah! queira desculpar-me por instantes! Um cyclopide, com toda a certeza!

Volitava por cima do carreiro uma mosquinha ou uma traça, e, acto continuo, Stapleton despedia afressurado, a persegui-la como um raio. Fiquei afflictissimo ao ver que a creatura voava em direitura ao vasto marnel, o meu novo conhecimento, contudo, não parou um instante, pulando de moita em moita, atrás della, e a rede verde adejando no ar. A andaina cinzenta, e os arrancos irregulares, em ziguezague, do sujeito a elle proprio lhe communicavam uma tal qual semelhança a uma traça, de tamanho desconforme. Estaquei, para ali, a observar o perseguidor, já admirando-lhe a espantosa actividade, já receando não lhe escorregasse algum pé e o tragasse o traiçoeiro marnel, eis que sinto passos atrás de mim, e voltando-me, vejo uma mulher a par comigo, seguindo pelo carreiro. Vinha do lado daquelle penacho de fumo indicativo da situação da Residencia de Merripit, a quebrada da charnéca encobria-a, porém, a meus olhos, e só dei pela sua presença, no acto de me surgir de repente.

Não pús duvida em que fosse a tal menina Stapleton, em que me tinham falado, visto como na charnéca de sorte abundaria o bello sexo, e occorreu-me o haveram-m'a gabado, como sendo uma beldade.

A joven que abarbara comigo assás justificava a qualificação, e correspondia a um typo nada vulgar. Seria impossivel dar-se contraste mais frisante entre irmão e irman, por quanto Stapleton éra côr de sebo, com as melenas de estopa e olhos garços, ao passo que ella éra morêna, a um ponto como eu ainda não tinha visto mulher alguma em Inglaterra. Era de bello molde o seu rosto, altiva a expresão, e as feições eregulares, que haveriam parecido impassiveis se não fôra o sensitivo da bôca, á formosura e intensidade dos olhos pretos.

Aquella figura tão airosa e perfeita, trajando com elegancia, éra uma singularissima apparição, na verdade, em um caminho ermo da charnéca. Tinha os olhos fitos no irmão, no acto de eu me voltar para trás, e apressou o passo para me alcançar. Levei a mão ao chapeu, e dispunha-me a dizer da minha pessoa, quando as suas proprias palavras viéram imprimir nova orientação aos meus pensamentos.

— Vá-se embora d'aqui! exclamou. Volte, já, já, para Londres.

Apenas pude fitar-lhe uns olhos estupidos, espantados.

Os della, cravados nos meus, como brásas; e ella a bater com o pé no chão, impaciente.

— Ir-me embora d'aqui!

E porquê: perguntei.

— Não lh'o posso explicar. Falava em voz anciosa, reprezada, com um curioso cicío na pronuncia.

— Mas, em nome de Deus, atenda ao meu pedido. Vá-se embora, e nunca mais torne a pôr pé na charneca.

— Mas se eu ainda agora cheguei!

— Que homem este! exclamou. Pois nem sequer percebe que o avisam para seu bem! Volte para Londres! Esta noite, ainda! Por tudo quanto ha, afaste-se destes sitios! Caluda! ahi vem meu irmão! Nem palavra disto que eu lhe disse. Se me fizesse o favor de me alcançar aquella orchidea, além, entre aquellas estevas? — Temos uma riqueza, em orchideas, cá pela charnéca, mas o senhor, já se vê, veiu tarde para verificar a formosura destes nossos sitios. Stapleton desistira da caçada, e veiu ter comnosco, esbofado e offegante com aquella sua faina.

— Houla! Béryl, exclamou, e o tom daquella sua saudação pareceu-me ser tudo menos cordial.

— Que é isso, Jack, vens estafado?

— Venho, andava á caça de um cyclopide. São rarissimos, e é milagre o encontrarem-se em fins de outono. Que pena eu não a poder panhar!

Falava com certa indifferença, os desbotados olhinhos fitos, porém, ora em mim ora na joven.

— Já procederam a mutua apresentação, pelo que vejo.

— Já. Estava eu dizendo a sir Henry que éra tardia a estação para disfrutar as bellezas da nossa charnéca.

— Essa não é má! E com quem cuidas tu estar falando?

— Presumo que será com sir Henry Baskerville.

— Perdão, minha senhora, atalhei. Tem na sua presença um simples burguês, apenas um amigo do fidalgo, nada mais. Doutor Watson, eis o meu nome.

Ensombrou-lhe o expressivo semblante um assômo de contrariedade.

— Temos estado a soltar palavras ao vento, declarou.

— Ora essa, não me parece que tenham tido tempo para conversar, observou o irmão, com o mesmo olhar inquisitivo.

— Expressei-me na fé de que o doutor Watson era pessoa residente e não um mero visitante, explanou a joven. E pouca importancia poderá ter a seus olhos que seja tarde ou cedo para florescerem orchideas. Que o senhor, já se vê, vem comnosco, honrar com a sua presença a nossa casa em Merripit?

Um curto passeio ali nos levou. Era um casébre sombrio, não desdizendo da charnéca, residencia outrora, em tempos prosperos, dalgum creador de gado, restaurado actualmente e arvorado em habitação moderna. Cerçava-o um pomar, as arvores, contudo, conforme o usual nas charnécas, serôdeas e engoiadas, imprimindo aspecto mesquinho e tristonho ao conjunto da localidade. Facultou-nos ingresso um criado, ente esquipatico, fantastico, com um casaco no fio, condizendo em absoluto ao pardieiro. Internamente, contudo, eram espaçosos os aposentos e trastejados com uma elegancia em que me pareceu reconhecer gosto senhoril. Ao contemplar da janéla aquelle bréjo sem fim, entresalhado de granito, dilatando-se ininterrupto até aos limites do horizonte, não podia conceber quaes os motivos que podiam ter induzido aquelle homem de tão superior educação e aquella tão formosa senhora a virem residir em semelhante êrmo.

— E' estrambotico o paradeiro, pois não acha? observou o naturalista, como que em resposta ao meu pensar. E não obstante, conseguimos viver aqui contentes e satisfeitos, pois não é verdade, Beryl?

— Contentissimos, pois não! assentiu a joven, mas não destrincei acento de convicção na sua voz.

— Tive um collegio, declarou Stapleton. Lá para essas terras do Norte. O encargo, para um homem com este meu temperamento era po-

rém mechanico e destituido de interesse; e contudo, o previlegio de viver em companhia da mocidade, de ajudar a moldar aquellas mentes juvenis e de lhes ir imprimindo o proprio caracter e o proprio ideal, tornava-me a tarefa nimiamente grata.

O destino, porém, foi-nos adverso.

Uma grave epidemia, infestando o collegio, victimou tres alunos. Nunca mais levantou cabeça o instituto, e o melhor do meu capital foi irremediavelmente engulido. E não obstante, a não ser a perda da encantadora companhia daquelles moços, daria de barato o meu desastre, porquanto, com esta minha declarada predilecção quer pela botanica, quer pela zoologia, encontrei aqui campo ilimitado de trabalho, e minha irman tem pela Natureza dedicação egual á minha.

Tudo isto, doutor Watson, veiu a pêllo da expressão que lhe surprendi, no acto do senhor estar contemplando da janéla a charnéca.

— Confesso que me perpassou pelo espirito a ideia de que o sitio não deixaria de ser tristonho — para o senhor, menos, já se vê, do que para sua irman.

— Lá isso não, nunca estou triste, atalhou ella, de golpe.

— Temos livros, temos os nossos estudos e temos uma vizinhança interessante.

O doutor Mortimer é um homem muito instruido, na sua especialidade. O malfadado sir Charles era tambem um companheiro impagagavel. Viviamos em muita intimidade, e faz-nos immensa falta, acredite. Acha que haverá inconveniencia da minha parte em ir esta tarde visitar sir Henry e entabolar relações com elle?

— Estou persuadido de que muito hade estimar.

— Se me fizesse então a fineza de o prevenir? Nós, com a nossa humilde posição podêmos talvez concorrer para o distrahir, emquanto se não vae afazendo á sua nova séde.

Quer ir lá acima, doutor Watson, passar revista á minha collecção de lépidópteros? Tenho a presunção de como é a mais completa em todo o sudueste da Inglaterra.

Concluido o seu exame, achar-se-á o lanche á nossa espera.

Eu, porém, estava ancioso por me achar de volta e cumprir o meu encargo. A melancolia da charnéca, a morte do malfadado poldro, aquelle som horripilante que andava associado á lenda tétrica da familia Baskerville — tudo isto concorria a toldar de tristeza os meus pensamentos. Depois, para agravar estas impressões mais ou menos vagas, sobreviera aquelle aviso, tão peremptorio e definido por parte de *miss* Stapleton, transmitido com tanta intimativa que me não era licito duvidar o escudar-se em qualquer motivo sério e com fundamento. Resisti, pois, a quaesquer instancias no sentido de me demorar, e meti-me a caminho, acto-continuo, enfiando pelo carreiro invadido pela restêva, pelo qual tinhamos vindo.

E' de suppôr, contudo, que existisse algum atalho, familiar aos da região, pois que antes de eu ter alcançado a estrada, qual não foi o meu assombro ao surgir-me *miss* Stapleton, sentada num penêdo a beira do carreiro. O cançasso tinha-lhe feito affluir a côr ao lindo rosto, e comprimia a ilharga com a mão.

— Tenho vindo a correr para o apanhar no caminho, doutor Watson, emitiu. Nem sequer tive tempo de pôr o chapeu. Não me posso demorar, não vá meu irmão dar pela minha ausencia. Desejava declarar-lhe a que ponto me contraría aquelle meu estupido equivoco em o confundir com sir Henry. Rogo que esqueça as palavras que proferi, que de modo algum se applicam ao doutor.

— Eu porém é que as não posso esquecer, *miss* Stapleton, volvi. Sou amicissimo de sir Henry, e o seu bem estar constitue o meu mais caro empenho. Diga-me o motivo porque estava tão anciosa em que regressasse a Londres sir Henry?

— Capricho de mulher, doutor Watson. Quando me conhecer melhor perceberá que nem sempre posso dar razão do que digo ou do que faço.

— Nada, nada! Não me esquece o tremôr da sua voz. Tenho ainda bem presente a expressão dos seus olhos. Então, por quem é, falemos com franquêza, *miss* Stapleton, pois desde que aqui cheguei tenho a consciencia de que de roda de mim são tudo sombras. A vida tem-se-me tornado tal qual aquelle marnel de Grimpen, vejo por toda a parte umas nodoas verdoengas em que qualquer póde afundar-se e não tenho guia que me ensine o trilho. Diga-me, pois, qual era o sentido daquellas suas palavras, e prometo-lhe que transmitirei a sir Henry o seu aviso.

Deslisou-lhe pelo semblante instantanea e irresoluta expressão, e todavia, os olhos, no acto de me responder, haviam reassumido a dureza habitual.

— Atribuiu demasiada importancia ao caso, doutor Watson, replicou. Tanto a mim como a meu irmão deu-nos immenso abalo a morte de sir Charles. Eram muito intimas nossas relações, visto como o seu passeio de predilecção era sempre pela charnéca a caminho de nossa casa. Andava impressionadissimo com a praga pairando sobre a sua familia, e quando se deu a tragedia, eu, como é alias natural, senti que effectivamente deviam de existir fundamentos para as aprehensões que elle tinha manifestado. Fiquei afflictissima, pois, quando vi que outro membro da familia vinha estabelecer aqui sua residencia, e senti que devia ser avisado do perigo que vae arrostar. E eis aqui o que eu lhe queria dizer.

— Mas que perigo é esse?

— Não ignorará aquella historia do cão?

— Não acredito uma palavra de semelhante disparate.

— Mas acredito eu. E se dispõe de alguma influencia sobre o animo de sir Henry, trate de o afastar de um sitio que tem sempre sido funesto á sua familia. O mundo é vasto. Que necessidade terá elle de viver em um sitio tão perigoso?

— Justamente por *ser* perigoso. Está na indole de sir Henry. E receio muito que, se não se acha habilitada a ministrar-me qualquer informação mais definida, sêr-me-á impossivel resolvê-lo a mexer-se daqui.

— Nada lhe posso dizer de definido, pois me não acho sabedora de facto algum definido.

— Far-lhe-ei ainda uma pergunta, *miss* Stapleton. Se não iam mais além as suas intenções, quando pela vez primeira me dirigiu a palavra, por que é, pois, que não queria que seu irmão a ouvisse? Não implicam ellas a minima coisa a que elle, ou seja quem fôr, possa pôr objecção.

— Meu irmão está ancioso, quanto possivel, por ver habitada a mansão, pois julga que é para bem da pobreza cá da charnéca. Irritá-lo-ia sobremodo saber que eu lhe tinha dito qualquer coisa que pudésse induzir sir Henry a ir-se embora. Agora, contudo, fiz o meu dever, e nada mais direi. Tenho que voltar para casa, não vá elle dar pela minha ausencia, e suspeitar que vim ter com o senhor. Adeus!

Voltou costas e sumiu-se dalí a minutos por entre a disseminada penedia, ao passo que eu, com a alma atribulada de vagos receios, seguia meu caminho em direcção ao solar de Baskerville.

CAPITULO VIII

Primeiro relatorio do doutor Watson

Deste ponto em diante irei acompanhando o decurso dos acontecimentos transcrevendo as minhas proprias cartas dirigidas ao senhor Sherlock Holmes, cartas que eu tenho na minha frente, sobre a mesa. Falta uma página, mas a não ser isso, estão taes quaes eu as escrevi, e manifestam quer os meus sentimentos quer as minhas suspeitas eventuaes com maior exacção de que seria capaz a minha memoria, lucida, muito embora, no que diz respeito a tão tragicos acontecimentos.

Mansão de Baskervile,
13 de outubro.

Meu prezado Holmes.

As minhas cartas e telegramas anteriores tem-te mantido menos mal em dia com tudo que se tem dado n'este cantinho do mundo desamparado de Deus. Quanto mais aqui me vou demorando mais me vae penetrando a alma o espirito da charnéca, já com a sua vastidão, já com o seu lobrego encanto.

Todo aquelle que se interna neste brejo, deixa atrás de si a todo e qualquer vestigio da moderna Inglaterra, mas por outro lado, confirma-se-lhe a existencia já de domicilios já do labutar de um povo préhistorico. Aonde quer que dirija seus passos surgem-lhe por toda a parte as casas destes povos esquecidos, com as suas sepulturas e os monolíthos gigantescos que se suppõe terem sido os seus templos. Ao contemplar aquelles cardênhos de pedra acinzentadas obresaindo aos desladeiros adustos deixa atrás de si a sua propria éra, e se acaso se lhe deparasse um homem cabelludo, vestido de pelles, a sair de gatinhas da baixissima porta, a assestar uma frécha com a ponta de pederneira na corda do seu arco, não deixaria de sentir que a presença alí daquelle ente era mais natural do que a sua propria presença.

O que é deveras para admirar é o elles haverem povoado tão densamente um solo que deve ter sido sempre infructifero a tal ponto. Não presumo de antiquario, mas prefigura-se-me que seriam uma qualquer raça imbelle e acossada, forçada a aceitar um couto que nenhuma outra quereria occupar.

Tudo isto, porém, é alheio á missão de que me incumbiste, e logrará interessar mui pouco o teu espirito rispidamente pratico. Lembro-me ainda muito bem daquella tua indifferença ante as duas hipotheses de—se o sol se moveria de roda da terra, se a terra em redor do sol. Voltemos, pois, aos factos concernentes a Sir Henry Baskerville.

O não haveres recebido relatorio de especie alguma, ha dias a esta parte, é motivado pelo facto de, até hoje, nada haver digno de importancia para relatar. Deu-se, então, uma circunstancia deveras surprendente, da qual te darei conta em tempo opportuno. Antes de tudo, porém, devo inteirar-te de alguns outros factores da situação.

Um delles, a despeito do qual pouco te tenho dito, é aquelle criminoso andando a monte pela charneca. Há motivo forte para acreditar que abalaria de vez, o que representa alivio consideravel para os insulados moradores deste districto. Já lá vão quinze dias desde que elle fugiu, e durante este prazo ninguem o tem visto, e nada se tem ouvido a seu respeito.

E' absolutamente inconcebivel o elle ter podido aguentar-se por tanto tempo lá pela charneca. Quanto ao facto de elle se esconder, não existe a minima difficuldade. Não lhe faltariam esconderijos por essas choças de pedregulhos. Mas não encontraria que comer, a menos que apanhasse chacinando-a alguma ovelha desgarrada na charneca. Estamos, pois, na fé de que se terá safádo, e os casaleiros destes contornos, conseguintemente, dormem melhor.

Nós, de portas a dentro, contamos com três homens válidos, e aptos, portanto, a olhar por si, mas confesso que estou longe de me achar socegado, quando me lembro dos Stapletons. Vivem umas poucas de milhas arredados de qualquer auxilio. São, ao todo, quatro pessoas, a criada, um criado já velho, a irman e o irmão, e este ultimo homem de poucas forças. Achar-se-iam á mercê de um facinora qual é este criminoso de Notting Hill, uma vez conseguindo entrar-lhes em casa. Tanto a mim como a sir Henry dá-nos serio cuidado a situação d'elles, e offerecêmos-lhe o moço da estrebaria, o Perkins, para lá ficar de noite, mas o Stapleton nem quis ouvir falar em semelhante coisa.

E o caso é que o nosso amigo baroneto vae manifestando consideravel interesse em favor da nossa formosa vizinha. Não é caso de admirar, pois o tempo arrasta-se pesado e vagaroso neste ermo para um homem activo como elle é, e ella é uma mulher linda e fascinante. Ha um não sei quê de tropical, de exotico naquelle seu todo e que estabelece contraste singular entre ella e o irmão, frio e pouco accessivel a commoções. E contudo, tambem elle deixa perceber a presença de fogo solapado. Exerce sobre a irman influencia sobremodo accentuada, certamente, pois a tenho visto continuamente olhar para elle de relance e como que solicitando aprovação para o que está dizendo.

Quer-me parecer que a tratará com carinho. Noto-lhe nos olhos um brilho sêco, e uma compressão firme nos labios, sintômas que em geral incidem com uma indole positiva e quiçá um tanto aspera.

Não deixarias de o considerar como um objecto de estudo interessantissimo.

No proprio dia da nossa chegada veiu fazer a sua visita a Baskerville, e no dia immediato foi nos mostrar o sitio em que se suppõe haver tido origem a lenda do infando Hugo. Foi uma excursão de meia duzia de milhas através da charnéca até um ponto tão medonho que é possivel haver sugerido a tal historia. Encontrámos um vale pouco extenso, ladeado de agudos penhascos; desimbocava em um espaço atapetado de relva, e todo elle matizado de erva-prata. Ao meio erguiam-se dois immensos pedregulhos, lascados e ponteagudos, lembrando as prezas roázes de qualquer monstruosa féra. Correspondia em absoluto á scena da tragédia de algum dia. Sir Henry manifestou summo interesse, e por mais de uma vez indagou de Stapleton se effectivamente acreditava na possibilidade da intervenção sobrenatural nos negocios humanos. Falava com despreoccupação, e todavia, era facto manifesto o elle tomar o caso muito a sério. Stapleton, reticente sempre em suas respostas, mas facilmente se percebia que dizia menos do que sabia, e o retrahir-se de expressar cabalmente a sua opinião por não querer agravar o sobresalto do baroneto.

Apontou-nos varios casos similares, de familias padecendo os effeitos de uma qualquer influencia maligna, e despediu-se de nós deixando-nos a impressão de que participava da crença popular com respeito ao assunto.

Na volta fomos lanchar á Residencia de Merripit, e foi ali que sir Henry entabolou

conhecimento com *miss* Stapleton. Logo á primeira vista deu mostras de como o atrahia fortemente a beldade, e eu estarei muito enganado, mas quis-me parecer que éra reciproco um tal sentimento. Referiu-se a ella vezes repetidas durante o caminho para casa, e desde então de sorte haverá decorrido um só dia sem que nos tenhâmos visto quer com o irmão quer com a irman. O nosso naturalista veiu cá jantar esta noite e falou-se em irmos jantar com elles para a semana. Qualquer iria suppor que semelhante consorcio seria muito do agrado de Stapleton, e contudo, por mais de uma vez lhe surprendi, na fisionomia, vislumbres da maxima reprovação no acto de sir Henry dirigir uma qualquer atenção á irman.

Elle é-lhe muito afeiçoado, não ha duvida, e ver-se-ia muito só sem ella, mas chegaria a parecer o suprasummo do egoismo o elle pôr embaraços a um tão brilhante consorcio. E não obstante, estou certo em como não deseja que semelhante intimidade venha a descambar em amôr, e por mais de uma vez tenho observado o quanto elle se esforça por evitar que conversem a sós. E, aqui para nós, a tua recommendação de não consentir jamais que sir Henry saia sósinho, tornar-se-á muito mais onerosa se acaso ás outras difficuldades vier juntar-se um namôro.

A minha popularidade não tardaria em sofrer se eu fosse cumprir á risca as tuas ordens.

No outro dia, — ou mais exactamente, na quinta feira — lanchou comnosco o doutor Mortimer. Tem andado entretido com umas excavações em um barrocal, em Long Down, desenterrou uma caveira prehistorica e está doido de contente. Estou que não haverá enthusiasta mais ferrênho! Os Stapletons appareceram dali a bocado, e o bom do nosso doutor pregou comnosco na alêa dos teixos, a pedido de sir Henry, para nos mostrar de modo exacto como foi que se deram as coisas naquella noite funesta. E' um passeio comprido, tristônho, a celebre alêa dos trixos, entre duas paredes de rama aparada, e com uma faixa estreita de relva de cada lado. Lá no extremo existe uma estufa, a cair de velha. A meio caminho fica o portal da charnéca, onde o nobre ancião deixou cair a cinza do charuto. E' uma cancéla de madeira em branco com um cadeado. Para além dilata-se a immensa charnéca. Lembrei-me da tua theoria a respeito do caso, e tentei evocar a visão de quanto havia occorrido. O ancião, parado para ali, viu fosse o que fosse a crescer para elle lá da charnéca, qualquer coisa que o aterrou a ponto de perder completamente o tino, e deitou a correr, a correr até que expirou méramente de pavôr e de exhaustão. E para ali estava o extenso e lobrego tunnel a fêsto do qual tinha deitado a fugir. Fugir de quê? De algum cão de gado da charnéca? Ou da avantesma de um cão, preto, taciturno e monstruoso? Andaria acaso humana intervenção em semelhante lance? O macilento, o vigilante Barrymore saberia mais do que queria dizer? Tudo isto vago e nebuloso, e não obstante, por detrás de tudo surge a sombra tétrica de um crime!

Desde a ultima vez que te escrevi tive occasião de encontrar com mais outro convizinho. É o senhor Frankland, da Residencia de Lafter, que reside a umas quatro milhas para o sul da mansão. É um sujeito já edoso, de rosto assanhado, cabello branco, e colerico. A lei britannica é a sua paixão, e tem dado cabo de uma avultada riqueza em demandas. Questiona meramente por prazer de questionar, está sempre pronto a perfilhar seja que lado fôr da questão, e por isso não admira que o entretenimento lhe tenha saído um tanto carinho.

De tempos a tempos véda o direito de transito por terrenos seus, e desafia a paroquia a que o obrigue a facultá-lo. Outras vezes deita abaixo com as proprias mãos o portal de qualquer individuo e declara haver existido por alí um caminho desde tempos immémoros, desafiando o dono a intimá-lo por infracção de direitos. É muitissimo versado em antigos direitos solarengos e communaes, e applica o seu saber, ás vezes, em favor dos aldeões de Fernworthy e outras vezes contra elles, de modo que é periodicamente levado em triunfo pelas ruas da aldeia ou queimado em efigie, consoante a sua ultima façanha. Dizem que traz entre mãos umas sete demandas, actualmente, que é provavel o virem a engulir-lhe o remanescente de seus haveres, decepando-lhe assim o ferrão, e deixando-o inofensivo no porvir. Abstrahindo de leis, parece-me ser uma excellente pessoa, e cito-o apenas em vista da tua recommendação de te transmitir descrições de toda a gente do nosso trato.

É curioso aquillo com que elle se entretem presentemente, por quanto, astronomo diléttante, dispõe de um optimo telescopio, e passa

os dias deitado de borco no telhado, a varrer com a vista a charnéca, na espectativa de bispar o criminoso foragido. Se elle limitasse a sua energia a essa tineta, va que não não vá, mas correm boatos de que tenciona demandar o doutor Mortimer por ter aberto uma sepultura sem o consentimento do parente mais chegado, e isto pelo facto de elle haver desenterrado a tal caveira néolithica no barrocal, em Long Down. Ajuda a impedir que o nosso viver descambe em monotonia, e introduz um tal qual relêvo comico em circunstancias em que bem precisamos delle.

E agora que já te pús em dia com o facinora que anda a corso, com os Stapletons, o doutor Mortimer, e o Falkland, da Residencia de Lafter, vou concluir tratando do que mais importa, e contar-te mais alguma coisa com respeito aos Barrymores, referindo-me muito em especial á surprendente sequencia de factos, que se deram hontem á noite.

PARA NOS MOSTRAR DE MODO EXACTO
COMO FOI QUE SE DERAM AS COISAS NAQUELLA NOITE FUNESTA

Primeiramente occupar-me-ei do telegrama que tu expediste de Londres afim de verificar se o Barrymore estava aqui, effectivamente. Já te expús que o testemunho do gerente do correio demonstra que não temos prova alguma quer a favor quer em contrario. Contei a sir Henry o que havia a semelhante respeito, e elle, in-continenti, com o seu modo expedito, mandou chamar o Barrymore e perguntou-lhe se tinha recebido o telegrama em mão propria. Barrymore disse que tinha.

— E o rapaz entregou-lho em mão propria? perguntou sir Henry.

O Barrymore denunciou surpreza; ficou-se um instante a considerar.

— Não, meu senhor, respondeu. Nessa occasião estava eu no cartorio, e foi minha mulher quem m'o veiu entregar.

— E você escreveu a resposta, pessoalmente?

— Não, meu senhor, communiquei-a a minha mulher e foi ella quem a foi escrever.

A' noite referiu-se outra vez ao assunto, de seu mótu-proprio.

— Confesso que não percebi lá muito bem o motivo das perguntas que me fez esta manhan, sir Henry, disse. Ouso esperar que não deverei deduzir dellas o haver eu, por qualquer circunstancia, desmerecido a sua confiança?

Sir Henry teve que lhe afirmar que tal não havia, e, para lhe desfazer a má impressão, presenteou-o com uma parte consideravel da sua velha guarda-roupa, visto haver-lhe chegado de Londres ampla provisão de renovo da mesma.

Mistress Barrymore interessa-me sobremodo. E' uma creatura solida e pesadôna, de vistas limitadas, seria e digna, e propensa a puritanismo. E' difficil de conceber ente mais frio e mais parádo. E todavia, já te contei como, na primeira noite que passei aqui, a ouvi soluçar amargamente, e desde então, mais de uma vez lhe tenho observado vestigios de pranto

no semblante. Mina-lhe o coração qualquer intimo desgosto. A's vezes, ponho-me a conjecturar se aquillo será a obsessão de um qualquer delicto, e outras vezes entro a desconfiar de que o Barrymore será um tiranno domestico. Antolhou-se-me sempre a circunstancia de existir um não sei quê de singular e contestavel no caracter deste homem, porém a aventura de hontem á noite concorre a justificar amplamente as minhas desconfianças. E contudo, o caso em si poderá parecer-te destituido de importancia. Sabes que não tenho o sôno pesado, e desde que entrei de atalaia nesta casa o meu sôno tem sido mais leve do que nunca. A noite passada, ahi pelas duas da madrugada, acordaram-me uns passos furtivos junto á porta do meu quarto. Levantei-me, abri a porta e pus-me á espreita. Deslisava pelo corredor uma sombra negra e comprida. Era a sombra de um homem a andar de mansinho pelo corredor, com um castiçal na mão. Estava em mangas de camisa, de calças e sem sapatos. Eu mal podia diferençar o vulto mas pela altura convenci-me de que era Barrymore. Caminhava muito devagar e a tentas, e no conjunto do seu aspecto havia um não sei quê de indiscritivelmente protervo e furtivo. Já te expus que o corredor é cortado pela varanda que circunda a sala nobre, mas que torna a seguir pelo lanço de parede que a remata. Esperei até que o perdi de vista, e depois, segui-lhe no encalço. No acto de eu tornejar a varanda tinha elle alcançado o extremo do corredor, e pelo clarão da véla através de uma porta aberta pude ver que havia entrado para um quarto qualquer. Ora, esses quartos estão todos desguarnecidos de mobilia e devolutos, de modo que aquella sua expedição se me antolhou de mais em mais misteriosa. O clarão da vela, firme, como se o homem estivesse parado e immovel. Meti pelo corredor, pé ante pé, evitando o minimo ruido e espreitei pelo quício da porta.

Barrymore estava debruçado, ao pé da janéla, com a luz muito chegáda á vidraça. Eu via-o quasi de perfil, o seu rosto, rigido, ao que me pareceu, de espectativa, e com os olhos cravados na escuridão da charnéca. E assim permaneceu, por minutos, a prescrutar intensamente. Depois, arrancou um gemido, e com gesto impaciente apagou a luz. Acto-continuo, tratei de voltar para o meu quarto e dalí a pouco eis que sinto os mesmos passos furtivos operando a sua jornada de retorno. Dalí a um bom pedaço, tinha eu começado a passar pelo sôno, eis que ouço uma chave rodar na fechadura, mas sem poder distinguir donde viria o som. O que significará, tudo isto não o posso eu adivinhar, mas tenho a certeza de que nesta mansão tenebrosa se está dando qualquer maquinação secréta, que mais tarde ou mais cedo virêmos a destrinçar. Não quero enfadar-te com as minhas theorias, pois me pediste que te communicasse factos, tão sómente. Conversei demoradamente com sir Henry, esta manhan, e urdimos um plano de campanha baseado nas minhas observações da noite passada. Não me espraiarei sobre o assunto, desde já, mas o meu proximo relatorio estou em dizer que não deixará de constituir leitura interessante.

Versão de MANOEL DE MACEDO

(Continúa)

CONAN DOYLE.

RATICES

BRIMOS nos *Serões* esta nova secção, para a qual contamos com a collaboração dos nossos leitores, photographos amadores ou profissionaes. N'ella teem cabimento todas as exquisitices reproduzidas na machina photographica, quer ellas derivem da propria natureza ou constituição dos objectos a reproduzir, quer do aspecto sob o qual os encarou a objectiva. Como sabem, as aberrações dadas pela machina, o ponto de vista que se escolhe, a duração da exposição, as irregularidades da impressão, tudo isso produz ás vezes extravagancias e estabelece verdadeiros enigmas, pela difficuldade de perceber qual possa ser o original do cliché.

Exemplificamos estes factos pelas quatro photographias que publicamos hoje, devidas ao nosso collaborador J. Barcia. Muito de proposito não lhes appomos titulos para fazer scismar uns instantes os leitores antes de atinarem com a explicação, que é a seguinte: A 1.ª é a rua do Ouro, vista do viaducto do ascensor de Santa Justa; a 2.ª e a 3.ª são respectivamente o monumento do Rocio e o dos Restauradores, vistos de baixo para cima, e podendo avaliar-se a impressão, se collocarmos as photographias sobre a cabeça e levantarmos para ellas os olhos; a 4.ª, finalmente, é um dos altos predios da calçada de S. Francisco, observado da mesma forma.

Mas não são apenas ratices d'este genero que terão entrada n'esta secção.

Todos os phenomenos extranhos da natureza, todas as exquisitices da arte, todas as maravilhas da paciencia humana, poderão ter aqui cabimento. Deixamos a selecção á fantasia dos nossos leitores ou aos acasos que se lhes depararem. Se accederem ao convite que calorosamente lhes dirigimos, creiam que poderão tornar esta secção interessantissima, como as analogas que temos visto em varios magazines extrangeiros.

E desde já agradecemos a amavel collaboração com que ousamos contar, pedindo-lhes que acompanhem a sua remessa de um texto explicativo, o qual será publicado junto da respectiva photographia.

A filha da Terra e o Principe do Mar

UMA SEREIA MUITO MÁ PUCHOU-A PELOS PÉS, LEVANDO-A PARA O FUNDO DO MAR.

NO tempo das fadas vivia, n'uma ilha muito para o norte da Terra, uma linda rapariga de deseseis annos chamada Muna. Era tão linda que todos os que olhavam para ella ficavam tomados de admiração.

— Tem uma filha encantadora! diziam á mãe d'ella. Não ha outra com certeza n'estas ilhas que se lhe possa comparar em formosura. Alguem da sua familia deve ter tido amores com uma fada marinha.

O pae de Muna era pescador e passava quasi todo o tempo no mar; a mãe cultivava o boccado de terra que cercava a choupana onde elles viviam, e Muna empregava-se em ir, com outras raparigas, apanhar á costa os mariscos que para a gente d'aquelles logares eram o principal ganha-pão.

Perto, nas ondas que batiam nos rochedos por onde Muna costumava andar, havia muitos tritões. Viram-n'a e ficaram extasiados perante a sua belleza.

Um dia, passando ella com as companheiras pela beiramar, aconteceu falarem em namoros. Cada rapariga elogiou muito o seu conversado, dizendo que nenhum outro rapaz do logar pescava tanto peixe nem sabia manobrar tão bem com o seu bote por entre os baixios que são ali em abundancia.

— Pois eu cá, disse Muna, que, á força de ouvir dizer que era muito bonita, se fizera presumida e soberba, nunca hei de casar com um pescador. Se tenho a belleza de uma sereia, só quero para marido o filho de algum fidalgo ou pelo menos um principe do mar.

Ouviu-a uma sereia muito má, que estava perto, occulta debaixo de rochedo, em que Muna acabava de sentar-se, e puxou-a pelos pés, levando-a logo para o fundo do mar. As companheiras de Muna, correram a dizer á mãe d'ella o que tinha acontecido. A pobre mu-

lher foi para a borda da agua e chamou pela filha em altas vozes, no proprio logar onde a tinham visto desapparecer. Mas por mais que chamasse, não houve nenhuma resposta aos choros e gritos de desespero da desgraçada mãe. A noticia espalhou-se logo, por todas aquellas ilhas, mas não causou grande espanto.

— Muna, diziam, era descendente de uma sereia e foi levada por alguem da sua geração.

Apenas cahiu na agua, apanhou-a o rei dos tritões d'aquellas ilhas e arrastou-a para o seu palacio, que excedia em formosura e riqueza a todos que ha na terra. Apenas viu a rapariga, o filho do rei, que tambem era muito bonito, apaixonou-se por ella e pediu ao pae que os deixasse casar.

Mas o rei, apesar de ser já velho, queria Muna para sua mulher e logo respondeu que não consentia que o filho casasse com uma filha da Terra, e que no seu reino havia sereias muito bonitas que se julgariam felizes casando com o Principe do Mar, e ordenou por conseguinte que n'uma d'ellas recahisse a escolha.

Ficou triste como a noite o apaixonado principe e jurou a si mesmo que só casaria com a rapariga que elle amava, Muna, a formosa Filha da Terra.

O velho rei, ao ver que o filho ía esmorecendo de paixão e desespero, destinou-lhe para noiva um bella sereia, filha de um dos principaes fidalgos da sua côrte. As bodas foram muito concorridas. Para a egreja os noivos iam acompanhados por um grande cortejo de extraordinaria magnificencia. Parece que no fundo do mar tambem ha egrejas e até bispos, conforme contam navegantes que teem andado pelas mais remotas paragens.

Por ordem do rei, Muna, coitada, não sahiu do paço e ficou a preparar, na cozinha, o jantar do noivado. Nada, porém, lhe deram para fazer os petiscos, ou, por outra, só lhe deram panellas e cassarolas vasias, que eram grandes cascas de mariscos. E disseram-lhe que se o jantar não estivesse prompto quando os noivos voltassem da egreja, o rei a mandaria matar. Faça-se ideia das afflicções em que esteve a pobre rapariga!

Pois não estava menos afflicto o principe, que morria de amor por ella. Quando o cortejo nupcial ia para a egreja, disse de repente:

— Ai! Que deixei no meu quarto a alliança, que tenho de dar á noiva.

AS BODAS FORAM MUITO CONCORRIDAS. OS NOIVOS IAM ACOMPANHADOS POR UM CORTEJO DE EXTRAORDINARIA MAGNIFICENCIA.

— Dize onde está, que a mando buscar por um lacaio, acudiu o velho rei.

— Não, meu pae, é escusado. Só eu posso encontral-a, no logar onde ficou. Vou e já volto.

E correu para o palacio, não consentindo que ninguem o acompanhasse. D'ali a instantes entrou na cozinha e viu Muna a chorar.

— Não chores, disse-lhe. O banquete ha de ficar prompto na occasião propria e todos o acharão excellente.

Correu para deante da chaminé e disse estas palavras:

— Bom lume para a fornalha!

E rebentaram logo as chammas, tão brilhantes como o sol.

Depois foi tocando nas cassarolas, panellas, espetos e frigideiras e dizendo ao mesmo tempo:

— Filetes de salmão, n'esta frigideira; linguados com molho de ostras, n'esta cassarola; pato bravo, n'este espeto; pescada cosida, n'esta panella; vinho do melhor, n'estas garrafas!

CORREU PARA DEANTE DA CHAMINÉ E DISSE: «BOM LUME PARA A FORNALHA!» E REBENTARAM LOGO AS CHAMAS.

E as frigideiras, cassarolas, panellas, espetos, garrafas encheram-se por encanto com o que o principe acabava de dizer.

Muna, de bocca aberta, olhava para aquelle jantar improvisado n'um abrir e fechar de olhos.

O principe voltou para a egreja, onde um bispo do mar o casou com a sereia. Apenas chegaram todos ao palacio, o rei foi á cozinha perguntar a Muna se o jantar estava prompto.

— Está prompto e ás ordens de Vossa Magestade, respondeu ella, a sorrir.

Espantado com a resposta, o rei levantou as tampas das panellas e cassarolas, e tendo examinado toda a comida, disse com ar de descontente:

— Alguem com certeza te ajudou. Não julgues, porém, que já estás livre de difficuldades.

Foi o jantar para a meza e todos o acharam muito bom. Quando acabou o festim, já era tarde. A' meia noite os noivos encaminharam-se para a camara nupcial, acompanhados de Muna, a quem o velho rei ordenou que lá ficasse, tendo na mão uma vella accesa. Quando a vella se apagasse, iriam buscar a rapariga, para a matar.

Muna, coitada, não teve mais remedio que obedecer. O rei ficou á escuta, n'uma sala proxima, e de vez em quando perguntava:

— A vella já te está queimando a mão?

— Ainda não, real senhor, dizia Muna.

Foi repetida muitas vezes a pergunta.

Por fim, quando a vella estava quasi gasta, o principe disse para a sereia, com quem o tinham casado:

— Pega n'esta vella, emquanto Muna vae accender outra.

— A vella já te está queimando a mão? perguntou o rei outra vez.

— Responde que sim, disse o principe á noiva, que nada sabia do que tinha passado entre o sogro e Muna.

Respondeu e o rei entrou de escantilhão no quarto e, sem olhar para quem segurava na vella, cortou-lhe a cabeça. Abalou pela porta fóra, julgando ter-se vingado dos despresos de Muna.

Na manhã seguinte, ainda o sol não era nado e já o principe tinha ido pedir ao pae licença para se casar.

— Pois não te casaste ainda hontem! disse-lhe o rei, muito admirado.

— Casei-me, sim senhor, mas a minha esposa já morreu. Foi o pae mesmo que a matou.

— Eu!

— Sim, meu senhor. Cortou a cabeça de quem estava ao pé da minha cama, hontem á noite, com uma vella na mão.

— Mas essa era a Filha da Terra.

— Engana-se. Era a sereia com quem eu acabava de casar, para cumprir as suas ordens. Se duvida, não tem mais que vir ao meu quarto examinar o corpo.

NASCERAM-LHE DOIS FILHOS LINDOS COMO OS AMORES, AMBOS COM APPARENCIA DE SEREIAS.

O rei assim fez e conheceu o engano em que tinha cahido.

A principio ficou furioso, mas depois socegou um pouco, e perguntou ao filho que noiva escolhia.

— A Filha da Terra, disse elle immediatamente.

O velho rei foi-se embora, sem responder.

Tempos depois cahiu em si, conheceu o mal que fazia sendo rival do filho e deu-lhe licença para o casamento, que se effectuou com grande pompa no dia seguinte.

«N'ESTA CAMINHA DORMI MUITOS ANNOS.»

Muna e o marido viveram muito felizes durante alguns annos, tendo-lhe nascido dois filhos, lindos como os amores, ambos com a apparencia das sereias, isto é, com o corpo terminado inferiormente em cauda de peixe.

O marido trazia-lhe não só os melhores peixes e mariscos, mas tambem perolas finissimas, bonitas plantas marinhas e conchas muito lindas.

Muna, apezar d'isto não podia deixar, uma vez por outra, de pensar no desgosto que a mãe e o pae ainda estariam soffrendo por terem ficado sem ella, e sentia desejos de ir consolal-os a ambos. O marido, porém, não lhe dava licença, receioso de que ella não voltasse.

Muna foi entristecendo cada vez mais, até que o Principe do Mar lhe disse uma bella manhã:

— Alegra-te, meu amor. Vou ensinar-te o caminho para casa de teus paes.

E logo surgiu ali mesmo uma bella ponte de crystal, que ia desde o fundo

do mar á costa. O marido de Muna acompanhou-a até á babugem da maré, mas ahi teve que parar, porque não podia andar em terra e disse-lhe adeus, pedindo com muita insistencia:

—Volta ao pôr do sol, minha adorada Muna. Encontrar-me-has aqui á tua espera. Promette-me que nenhum homem te beijará, pois de contrario acontece-nos desgraça.

Muna assim prometteu e desatou a correr para casa dos paes. Eram horas de almoço e toda a famila estava á meza. Olharam para ella com espanto e ninguem a conheceu. Se estava muito crescida, e vestida como uma rainha! Muna ficou tão desgostosa que desatou a chorar. Foi andando por todas as casas e tocando com a mão em tudo o que encontrou, dizendo ao mesmo tempo:

— N'esta cadeira me sentava eu, quando me aquecia á lareira; n'esta caminha dormi muitos annos; com esta colher de pau é que eu comia; atraz d'aquella porta deve estar a vassoura com que eu varria a casa; aqui teem o balde em que eu tirava a agua do poço.

Foi então que o pae e a mãe a conheceram, e ambos, a chorar de alegria, tomaram-n'a nos braços e beijaram-n'a. Sentaram-se depois á meza e a mãe perguntou-lhe onde tinha estado, ao que ella não soube responder. O marido bem lhe tinha pedido que se não deixasse beijar por nenhum homem, porém Muna, commovida como estivera pouco antes, esqueceu-se da recommendação, deixou que o pae a beijasse e perdeu a lembrança do seu casamento com o Principe do Mar e do tempo que tinha vivido no seio das ondas. Olhou para o vestido ornado de lindas perolas, e não foi capaz de recordar-se de quem lh'o tinha dado.

Ficou em casa dos paes, e, com o andar do tempo alguns pescadores ainda moços principiaram a requestal-a.

Desenganou a todos, dizendo que não queria casar. Tinha saudades, mas não sabia do que era.

Mesmo quando fazia muito mau tempo ia para a beira mar, e ficava horas esquecidas a olhar para as ondas. A's vezes emquanto estava deitada, ouvia suspiros e gemidos lá fora, por baixo da janella, mas parecia-lhe que era o suspirar do vento ou o gemer das vagas. Por fim, n'uma noite de luar, muito serena, sentiu alguem dizer, n'uma voz que lhe trespassava de magua o coração:

— Muna! Minha querida Muna! Assim te esqueceste de teu marido, do Principe do Mar, que te ama tanto e que te salvou da morte? Prometteste-me voltar ao pôr do sol, e ha muito que espero por ti e que me fazes penar. Muna, tem dó de teu marido e de teus filhos! Volta quanto antes, meu amor!

Foi então que ella recuperou a memoria. Levantou-se muito depressa da cama, correu para a porta e avistou o marido. D'ahi a instantes cahia-lhe nos braços e foi levada para o lindo palacio debaixo do mar, d'onde nunca mais voltou.

O Quarto Concurso dos "Serões" photographico

PROGRAMMA DO QUINTO

Pela qualidade, senão pela quantidade dos trabalhos apresentados, este nosso concurso excedeu indubitavelmente os anteriores, e faz honra aos concorrentes, a quem dirigimos calorosas felicitações. Tão prospero exito teve, que, pezarosos de não multiplicarmos os premios, não quizemos deixar de desdobrar o 3.º, pelo menos, para accudir ás hesitações que no espirito do jury se estabeleceram sobre o valor dos trabalhos, sobre os quaes esse premio incidiu.

Algumas photographias teve o jury ainda de pôr de parte por não corresponderem exactamente ás clausulas do concurso, que exigiam uma paizagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado, *comquanto o seu valor artistico ou technico as recommendasse.*

É exactamente o accrescimo na importancia artistica das provas enviadas que caracterisa com grande felicidade este concurso, e lisonjeamo-nos por termos promovido esta evolução de gosto entre os photographos amadores, movimento que, estamos certos, se ha de accentuar de futuro, com grande vantagem dos progressos da photographia no nosso paiz.

Eis os resultados do quarto concurso:

1.º Premio — *Sr. João Pereira da Cunha e Costa Junior, Mafra, pelas 3 paizagens:* Um trecho da Tapada de Mafra *(que reproduzimos no frontispicio),* Effeito de Luar *(que aproveitamos para a nossa capa), e* Azenha do Paço.

2.º Premio — *Sr. Antonio Maria Lopes, Ilhavo, pelas 2 paizagens:* Uma azenha na Ermida *e* Atravessando o rio.

3.ºs Premios — *Sr. Antonio Pinheiro de Azevedo Leite, Guiães, pela paizagem:* Vista de Castello de Paiva, *e Sr. Manuel Gomes Pinto, Porto, pelas 2 paizagens:* Passagem do Souza nos Arieiros *e* Aspectos de Paredes.

Menções honrosas — *Srs. Antonio Rosa da Silveira, Lisboa (4 paizagens), Manuel Gomes Pinto, Porto (1 paizagem), Pedro Lima, Lisboa (2 paizagens), Victorino Cardoso, Porto (1 paizagem).*

Abrimos desde já o nosso quinto concurso, cuja ideia nos foi suggerida pelo aproveitamento de uma das paizagens premiadas para a nossa capa.

É para este effeito que nós convidamos os nossos amaveis collaboradores photographicos a auxiliar-nos, abrindo o concurso para uma photographia, de assumpto ad libitum, *mas que se possa prestar, pela significação allegorica, patriotica ou artistica, ou ainda pelo pittoresco.*

Cabem n'este programma assumptos de toda a ordem: figuras por inteiro ou em busto grupos, monumentos, paizagens, etc., com tanto que se prestem ao fim determinado.

Á imaginação dos concorrentes deixamos a realisação d'esta ideia.

1.° PREMIO

UM TRECHO DA TAPADA DE MAFRA

Photographia de João Pereira da Cunha e Costa Junior — Mafra

2.º PREMIO

ATRAVESSANDO O RIO

UMA AZENHA NA ERMIDA

Photographias de Antonio Maria Lopes — Ilhavo

3.os PREMIOS

PASSAGEM DO «SOUZA» — *Photographia de Manoel Gomes Pinto — Porto*

VISTA GERAL DO CASTELLO DE PAIVA — *Photographia de Antonio Pinheiro de Azevedo Leite — Guiães*

Grandes topicos

As eleições em Hespanha

Como estava annunciado, realisaram-se no dia 21 de abril as eleições de deputados em Hespanha. Annunciara-se tambem que, dadas as circumstancias em que ia realisar-se, esse acto decorreria no meio de forte agitação e seria assignalado por graves incidentes. Assim succedeu, de facto. Maura subira ao poder, disposto a entravar a todo o custo o movimento libertador iniciado pelos ultimos ministerios liberaes, e, por isso, os partidos avançados preparavam-se para se defenderem, na urna, com unhas e dentes. Por outro lado, os republicanos dissidentes, capitaneados por Lerroux, declaravam que, fosse como fosse, haviam de triumphar da Solidariedade catalã, concentração dos partidos republicano, separatista e carlista, unidos exclusivamente para a defeza da Catalunha ameaçada pela lei das jurisdicções.

CARGA PESADA — AS POTENCIAS NA CONFERENCIA DA HAIA

ALLEMANHA — *Vejo que vens muito bem armado, John Bull.*

JOHN BULL — *Venho, sim, e assim veem todos; mas custa como a breca carregar com esta historia toda. Não seria melhor que nós nos alliviassemos de alguma carga?*

CÔRO — *Quem nos dera! Assim nós podessemos!*

Da «*Westminster Gazette*»

Da acção do governo no acto eleitoral falaram bem alto os jornaes de todos os partidos, mesmo o conservador, verberando-a energicamente por se manifestar corruporta e violenta, o que deu origem a que houvesse numerosos tumultos e corresse muito sangue. Quanto aos lerrouxistas, a sua obra ficou assignalada por um crime: o assalto, a tiro, á carruagem de Salmeron, em Barcelona, que o acaso quiz não tivesse consequencias mais desastrosas do que ficar gravemente ferido um companheiro do chefe republicano, como elle candidato por aquella cidade.

De nada, porém, valeram taes processos de lucta. O governo conta, é certo, com uma das mais numerosas maiorias que tem havido no Congresso, mas o que é certo tambem é que dos 47 candidatos da Solidariedade triumpharam 43, e esses constituem, no dizer das mais auctorisadas opiniões, uma força collossal a que o governo difficilmente poderá resistir. Por outro lado, os republicanos que Maura contava esmagar, veem a sua representação no Congresso augmentada de seis membros, ao passo que dos anti-solidarios nem um saiu eleito.

Da simples exposição dos factos parece deprehender-se que a Hespanha está disposta a ir para a frente, no caminho do Progresso, quaesquer que sejam as pêas que queiram oppôr-se á sua marcha.

Cedencia do Congo á França?

Uma noticia que ultimamente causou sensação nos centros coloniaes europeus foi a de que o rei Leopoldo anda negociando a cedencia do Congo á França.

Em virtude do tratado de Berlim, o Estado Livre pertence a Leopoldo II, devendo, por morte d'este, passar para a posse da Belgica. O soberano, porém, fez apre-

sentar ha tempos ao parlamento belga um projecto de lei pelo qual elle cede desde já ao seu paiz o estado africano. Surgiu, todavia, uma difficuldade, porque o soberano queria que a Belgica respeitasse os contractos e negociações envolvendo o Congo feitas entre elle e diversas sociedades, e, além d'isso, conservar a direcção da administração da colonia. Mas a opinião publica manifestou-se hostil a esses propositos, e então o rei preferiu fazer a cedencia do Estado Livre á França, antes do que transigir em qualquer das condições impostas á Belgica. Para isso anda já em activas negociações.

Eis os termos precisos da informação publicada pelos jornaes belgas e francezes, e á qual nenhum desmentido official foi feito até á data em que escrevemos.

O REI EDUARDO E A ENTENTE CORDIALE

KAISER — *Este meu tio Eduardo, quanto mais velho mais gaiteiro.*
BULOW — *Não tenha V. M. receio. As paixões serodias são sempre pacificas.*

Do «*Pasquino*»

O CARRO DO ESTADO NA HESPANHA

MAURA — *E' preciso concertar esta roda, seja como fôr, aliás o carro não pode seguir. (A roda é o partido liberal).*

De «*La Campana de Gracia*»

A queda do governo belga

Uma grave crise politica surgiu na Belgica em meiados do mez de abril com a queda do gabinete Smet de Naeyer. Este, que estava no poder desde 1889, tinha creado grandes antipathias, até mesmo no partido catholico a que se apoiava, em virtude da attitude que tomara nas diversas importantissimas questões que ultimamente haviam sido postas. Foi primeiro a da lingua flamenga que os deputados «flamingants» querem que seja obrigatoria no ensino secundario; depois a dos fortes de Antuerpia, que já o anno passado ia causando a queda do gabinete; a seguir, a supressão dos direitos de licença aos vendedores de bebidas espirituosas, que constituem na Belgica uma verdadeira potencia e que exigem absolutamente essa supressão, combatida pelo governo; e, por ultimo, a questão do Congo. E' a mais grave. Leopoldo II, como se sabe, considera-se quasi como senhor absoluto do Estado Livre, restringindo o mais que pode a interferencia do parlamento na administração congoleza; d'ahi um conflicto permanente entre a corôa e o poder legislativo.

Mas apesar de ser esta a questão mais importante da politica belga, foi uma outra que determinou a queda do gabinete. Este apresentara ao parlamento um projecto de lei sobre o trabalho nas minas, projecto que ha muito tempo estava em discussão. Em 12 de abril, apezar da opposição do governo, a camara approvou uma emenda proposta pelo deputado Beernaert, da direita moderada, fixando o dia de trabalho em oito horas e, seguidamente, votou a lei no seu conjuncto. O governo, posto assim em cheque, deu a sua demissão. Pois dias depois o jornal official publicava um decreto declarando a nova lei sem effeito!

Este facto, como é natural causou profunda sensação em toda a Belgica e, afóra o partido catholico orthodoxo, todos os outros se lançaram n'uma violenta campanha contra os processos governativos e até mesmo contra o rei, a quem elles não perdoam que mantenha no poder aquelle partido desde 1884. Entretanto, Leopoldo II procurava resolver a crise, formando um ministerio dentro ainda da situação, mas até á data, e já são passados vinte dias, todos os seus melhores esforços teem resultado inuteis.

A INCOMMODA SITUAÇÃO DE MR. BRIAND

FRANÇA — *Nós arriámol-o, mas se o podessemos arrumar para outro sitio, não era nada mau.*

Do «*Kladderadatsch*»

Rapallo, Cartagena e Gaeta

A' hora a que escrevemos a politica europea acaba de sair de uma crise de nervosismo muito semelhante á que determinou a conferencia de Algeciras. E, como a outra, foi a Allemanha que a provocou.

E' bem conhecida a rivalidade que existe entre o imperio germanico e a Inglaterra. Essa rivalidade, que tem successivamente augmentado, á medida que a Gran-Bretanha reforça as suas esquadras e a

Allemanha desenvolve o seu commercio, devia fatalmente — todos o previam — originar uma situação embaraçosa para os dois paizes e, consequentemente, para a Europa.

Foi o que succedeu. N'um discurso pronunciado ha tempo, *sir* Henry Campbell Bannermann, primeiro ministro inglez, havia declarado que a Inglaterra tomaria na Conferencia de Haya a iniciativa de uma proposta para a limitação dos preparativos de guerra. A Allemanha sobresaltou-se; e como a Italia prometesse apoiar a proposta, desde logo se combinou a entrevista de Rapallo, onde o chanceller levou o ministro dos estrangeiros italiano a voltar com a palavra atraz.

Mas, uma vez conhecido esse facto, eis que o rei Eduardo se mette a caminho para uma excursão de recreio pelo Mediterraneo. Para principiar o soberano inglez achou conveniente deter-se em Cartagena, e ali teve uma entrevista com o rei de Hespanha, que lá fôra expressamente para isso. Da conferencia dos dois monarchas — disseram claramente, commentando-a, os jornaes inglezes, hespanhoes e francezes — resultou uma aproximação dos trez paizes, percursora de uma provavel *entente*...

Entretanto, o rei Eduardo continuava o seu cruzeiro... Sem detenças, marchou directamente para Gaeta, onde um outro soberano o esperava: o de Italia. Victor Manuel tinha a seu lado o ministro Tittoni; Eduardo VII um representante da chancellaria do seu paiz. O que se passou entre os quatro personagens? A attitude jubilosa da imprensa dos dois paizes nol-o revela: saiu de novo a adhesão da Italia á proposta da Inglaterra. Para o confirmar, ahi está a imprensa allemã que, após a entrevista de Gaeta, começou a dirigir remoques á Italia e refinou de tal sorte nas suas aggressões á Inglaterra que a chancellaria de Berlim teve necessidade de declarar em nota officiosa ser absolutamente estranha a ellas. Foi essa nota que acalmou um pouco as paixões profundamente sobreexcitadas nos dois paizes. Sem ella, quem sabe até onde o conflicto iria?

A tranquillidade voltou, felizmente; mas dados os precedentes, não será licito perguntar — por quanto tempo?

JOHN BULL: — *O' primo Guilherme, não era melhor que nós gastassemos o nosso dinheirinho em cousas mais uteis que estes petrechos?*

Do «*Morning Leader*»

DERNBURG O AFRICANO

Herr Dernburg, o Director colonial da Allemanha, deve embarcar em Lisboa na sua digressão pelas colonias allemãs. Na Africa Oriental allemã juntar-se-lhe-ha um grupo de peritos industriaes, que acompanharão Herr Dernburg na sua viagem de inspecção.

Do «*Der Wahre Jacob*»

E Dernburg foi então espreitar a Terra Promettida que se chama Africa, e mandou mensageiros, e elles voltaram ao cabo de quarenta dias. E tinham achado uma lata de geleia, e a lata estava vasia. Então disse Dernburg: «E' boa a terra que nos foi dada.»

Do «*Simplicissimus*»

A tal pergunta só se pode dar uma resposta tranquillisadora, acceitando-se o paradoxo, aliás justificado, de que os enormes preparativos bellicos das grandes potencias affastam a eventualidade de guerra proxima. Com effeito, os armamentos progridem em larga escala, muito especialmente os que dizem respeito á guerra naval, e o terror mutuo é, porventura, sufficiente garantia de paz.

O PAPÃO DAS NAÇÕES

CÔRO DAS NAÇÕES — *Elle estará a olhar para mim?*

Do «*Minneapolis Journal*»

Vida na sciencia e na industria

Aeroplano ultra-moderno

INVENTOU-O M. Edzio Tani, o qual actualmente completa o modelo, que reproduzimos no Brooklands Automobile Racing Club. Espera o inventor que elle se elevará pelo principio que dirige a ascensão dos papagaios de papel ou panno. Os planos de supporte serão fixados sobre o motor de metal. Poucos mais pormenores se podem por emquanto dar sobre o invento, além dos que se deprehendem da gravura.

Para proteger Gibraltar

PARA fechar o porto de Gibraltar em caso de guerra, ideiaram os inglezes uma especie de comporta, a qual consiste em uma serie de pesadas jangadas, que, atravessadas á entrada do porto e presas aos lados, formam uma barreira efficaz tanto acima como abaixo do nivel do mar, visto que as redes contra torpedos pendem de vigas salientes até quasi ao fundo. A comporta está sempre prompta, e pode ser collocada no seu logar dentro de uma hora. Cada uma das jangadas tem um guindaste que serve para as fechar umas sobre as outras, quando não são necessarias.

O edificio mais alto do mundo

AINDA ha pouco, o edificio em construcção de Singer, em New-York, com 41 andares, gosava da honra indicada no titulo. Perde porém esse record pela construcção da nova torre que se vae annexar ao edificio da «Metropolitan Life». Essa torre attingirá a altura de 217 metros acima do nivel da rua, terá 48 andares, e augmentará ao edificio uma superficie de chão de cerca de 120:000 metros quadrados. Installar-se-hão na torre seis ascensores, quatro dos quaes terminarão no 40.º andar e os restantes no 42.º. Os doze andares inferiores serão servidos pelos ascensores já installados no edificio principal. Não tardará que um competidor surja com um projecto de 60 andares, e depois outro com 100, e a seguir 160 ou 1:000. Não haverá termo a isto até que o peso esmague a armadura de aço, ou até que, attingidos os limites da atmosphera terrestre, se tornem impossiveis os processos de edificação.

MODELO DO AEROPLANO TANI

O maior cruzador do mundo

A 16 de março foi lançado á agua dos estaleiros da Fairfield Company, em Govan, o maior cruzador do mundo, que recebeu o nome de *Indomitable*. Foi construido com o maximo segredo, mas sabe-se que elle reune os resultados das experiencias e melhoramentos mais modernos. Excederá em poder offensivo e em velocidade qualquer outro cruzador existente. Tem dois irmãos gemeos em construcção, o *Invincible* em Elswick e o *Inflexible* no Clyde. As turbinas dos tres serão eguaes, podendo transferir-se de uns para outros. Foi em março do anno passado que se bateu a cavilha mestra do *Indomitable*. Tem 17:250 toneladas de deslocamento, as machinas devem desenvolver uma força de 41:000 cavallos, dando a velocidade de 25 milhas, e o seu custo anda proximamente por

A BARRAGEM DO PORTO DE GIBRALTAR

1.744:000 libras. Tem de comprimento 175 metros e de boca 26 metros. Embora ostensivamente cruzador, a sua classificação naval não está ainda definitivamente determinada, mas é certo que poderá medir-se vantajosamente com um couraçado poderoso.

ESCADA DE INCENDIOS LAMPÉ

Escadas de incendio

PELOS inconvenientes obvios da obliquidade das escadas usadas habitualmente para este effeito, trata-se de inventar escadas absolutamente verticaes, applicando a ideia das *water towers*, plataformas usadas na America, d'onde os bombeiros podem dominar á vontade os incendios.

Um dos apparelhos inventados n'este sentido é a escada Holm, de New York. Dobra-se, occupando um espaço exiguo sobre um carro automovel, ao qual tambem se podem adaptar cavallos. Cada um dos pares de rodas tem o seu motor particular. Um terceiro motor, a meio, desdobra ou encolhe a escada. Estende-se á feição de um acordeon ou dos conhecidos brinquedos de creança. No cimo ha uma plataforma, d'onde duas pontes se alongam para o predio incendiado. No meio da plataforma ha uma boca de incendio, aonde a agua pode chegar comprimida por uma bomba especial installada no carro.

Outro apparelho existe, inventado por um allemão, Wilhelm Lampé. O systema de desdobramento funda-se nos mesmos principios, se bem que a torre diffira. O carro não é automovel. Dobrado, o apparelho occupa mais espaço que a escada Holm, mas é mais completo. Duas escadas extensiveis conservam a plataforma superior em communicação constante com o solo. Ás alturas dos andares ha umas pontes que se extendem á vontade para o predio, pondo em relação as janellas com plataformas intermediarias.

Insecto que fura chumbo

UMA vespa, a *Sirex Gigas*, reconheceu-se que tinha furado uma folha de chumbo de mais de 3mm de diametro. Esse chumbo, destinado a assoalhar officinas de fabrico de acido sulfurico, fora collocado provisoriamente no chão de madeira supportado por vigas tambem de madeira. O insecto sahiu de uma d'essas vigas, onde fizera a sua evolução, e, para chegar ao ar livre, quiz vencer todos os obstaculos que se lhe oppunham. Não lhe custou muito atravessar o sobrado, e depois atacou o chumbo. Não acabara esse trabalho quando se levantaram as folhas metallicas, e verificou-se que, em 48 horas, a perfuração já estava bastante adeantada.

Hydroplano do conde Lambert

ESTE apparelho, que acaba de ser lançado á agua em Billancourt, perto de Paris, pode revolucionar o automobilismo e a navegação. Devido ao engenho do conde Lambert, compõe-se de um *chassis* montado em planos horisontaes. O methodo de propulsão é uma helice aerea actuada por um motor Antoinette de 70 cavallos de força. A vantagem d'este hydroplano é ser o calado de agua quasi nullo em consequencia de não haver quilha e como a helice é aerea pode navegar em muito pouco agua.

A construcção naval no mundo

EM uma importante revista ingleza encontramos interessantes dados estatisticos sobre a construcção naval no anno de 1906. Eis a lista dos navios construidos n'esse periodo em todo o mundo, com as respectivas tonelagens, incluindo navios de guerra:

	Navios	Toneladas
Grã-Bretanha....	1:421	2.002:570
Estados Unidos..	207	464:671
Allemanha......	361	360:980
Hollanda........	222	116:192
Japão...........	137	96:132
França..........	84	83:348
Noruega........	76	56:023
Italia...........	55	37:854
Russia..........	11	25:868
Dinamarca......	16	24:225
Austria Hungria.	42	19:738
Suecia..........	21	14:697
Hespanha.......	3	9:139
Belgica.........	18	6:991
China...........	9	4:596
Total......	2:683	3.323:034

ESCADA DE INCENDIOS HOLM

Por aqui se vê: 1.º que a Grã-Bretanha contribue, só por si, com quasi 53 por cento dos navios e mais de 60 por cento da tonelagem; 2.º que ha paizes pequenos, como a Hollanda e a Noruega, collocados nos primeiros graus da escala; 3.º que o Japão, paiz recentemente entrado no movimento da civilisação occidental, occupa o 5.º logar, deixando ficar atraz de si potencias como a França, a Italia, a Russia e a Austria; 4.º que o nome de Portugal nem sequer é lembrado n'este catalogo.

A' benemerita Liga Naval recommendamos sobretudo a meditação d'este ultimo ponto.

Telephonia pela luz — É possivel hoje expedir um despacho de um ponto para o outro por meio de um feixe de luz, reproduzindo no extremo do feixe os tons da voz falada no outro extremo. Teem-se feito numerosas experiencias, e descobriu-se que era possivel combinar um microphone com poderoso projector eletrico, de forma que a corrente que o actua esteja sujeita a pequenas fluctuações. E' como se uma serie de ondulações fossem expedidas ao longo da faixa continua de ondas luminosas pelo poderoso arco voltaico. No outro extremo do feixe de luz está fixado um espelho polido, como se vê na photographia junta, no centro do qual ha um cellula de selenio, analoga á usada na transmissão das photographias, systema Korn. As fluctuações da luz são concentradas pelo espelho concavo na cellula, e o pequeno diaphragma, ligado ao receptor, é operado pelas correntes fluctuantes, e os sons chegam aos ouvidos exactamente como succede no telephone ordinario. E' exactamente como se se falasse ao longo do feixe de luz projectada da torre de um farol, e a voz se ouvisse no outro extremo do feixe, á distancia aproximada de dez milhas. Se o systema se tornar pratico, será de extrema utilidade para a navegação.

A causa de appendicite — Em 1901 Metchnikoff notou que um exame microscopico de um caso de appendicite revelava a presença de ovos de ascaris e de trichuris. Metchnikoff sustentou que os nematodes eram a causa de muitos casos d'esta doença, e explicou o papel dos parasitas como, em primeiro logar, uma acção directa mechanica ou chimica sobre o appendice, e em segundo logar, uma acção indirecta pela introducção de microbios na musora intestinal. Os doutores Loeb e Smith mostraram ultimamente que o verme de gancho *(hook-worm)* segrega nas glandulas da região anterior do corpo uma substancia que tem uma excessiva efficacia para deter a coagulação do sangue. Isto é antagonico da reacção normal da mucosa. Por consequencia, os pontos em os parasitas se agarraram á membrana tomam-se sedes de hemorrhagias continuas, e n'um caso de uma infecção numerosa pela especie ha myriades de pequeninas hemorrhagias que descarregam constantemente sangue na cavidade do canal.

HYDROPLANO DO CONDE LAMBERT

RECEPTOR DO SOM TRANSMITTIDO PELA LUZ

Habitantes de cavernas — Mr. Hans Vischer, residente inglez em Kuka, no Lago Tchad, fez uma descoberta interessantissima no decurso de uma perigosa exploração que anda fazendo no deserto de Sahara. Na região em volta dos montes Gharianos, encontrou uma colonia de habitantes de cavernas. Essas creaturas fazem no solo uma excavação enorme e profunda, a qual forma uma especie de quadrilatero ou vestibulo, que se atinge por meio de entradas estreitas de uns 10 metros de comprido por 1 de largo. Todos os aposentos dos moradores abrem sobre este vestibulo, e são excavados na terra por todos os lados, provindo a illuminação d'esses aposentos de abertura que abre sobre o quadrilatero.

Os quartos são muito escuros.

Para proteger as moradas, ha um muro que cerca esse vestibulo.

O que caracterisa essa extranha communidade é o aceio que domina por toda a parte. Em contraste curioso com essas aldeias subterraneas, observam-se por toda a parte restos de habitações romanas e vestigios da sua occupação espalhadas por entre as habitações primitivas dos indigenas.

Madeira á prova de fogo — Toda a madeira que se deve usar na Exposição Maritima Internacional de Bordeus será provavelmente tratada com uma solução de sulfato de ammonio e outras drogas que tornam a madeira incombustivel. N'uma recente experiencia, deitou-se fogo a uma enorme pilha de aparas de madeira, ceruma de pinheiro e lenha, e atiraram-se para a fogueira aparas e toros de madeira impregnados n'este ignifugo. Quando a fogueira se apa-

gou, viu-se que tanto estas aparas como os toros impregnados estavam simplesmente ennegrecidos, e não produziam chamma.

O papel e a fibra de algodão, tratados com a mesma solução, quando se expunham ás chammas, eram consumidos lentamente sem se esbrazearem.

Os olhos do escaravelho

O sabio entomologista allemão Leinemann abriu discussão sobre um pormenor pouco ventilado: o numero de facetas nos olhos dos insectos. Teve a pachorra de contar as facetas nos olhos de 150 especies de escaravelhos, e descobriu que quanto maior é o especimen, mais numerosas são as facetas, e que ordinariamente ouca differença existe entre os sexos. Em muitos casos comtudo, o macho tem mais facetas do que a femea. Alguns escaravelhos chegam a ter 5:000. Nas especies nocturnas não ha geralmente reducção.

Para evitar explosões nas minas

Mr. Hardy inventou um engenhoso apparelho para denunciar a existencia de gazes explosivos nas minas. E' uma applicação do microphone, instrumento que torna audiveis os sons mais subtis. Fazem-se sair simultaneamente duas gaitas, uma na mina e outra acima da superficie do solo, e as ondas sonoras ferem microphones ligados em serie com um telephone. Se ambos os instrumentos estão n'um ambiente puro, ouve-se no telephone uma nota limpida, se pelo contrario elles estão n'um ar de densidade differente, ouvem-se trepidações, as quaes dão aviso de existencia de gazes nocivos na mina.

Falcões correios

Parece que ha mais vantagem em empregar, em logar dos pombos, os falcões como correios.

Um pombo só pode fazer n'uma hora dez a doze leguas, emquanto um falcão pode fazer quinze.

Além d'isso um falcão pode levar uma carta. Uma outra vantagem do falcão é viver muito mais alto que o pombo, e só uma boa pontaria poderá alcançal-o; e sendo elle proprio uma ave de rapina, ha pouco perigo que se mettam com ella os outros passaros.

Recentemente deitaram um falcão a voar de Andaluzia a Teneriffe; gastou no caminho, só 16 horas.

Um animal que desapparece

Está a pique de extinguir-se um dos maiores mamiferos da Africa do Sul, a raça typica da zebra de Burchell, chamada pelos boers bontequagga. E' caracterisada pela completa ausencia de riscas nas pernas e na parte inferior dos quartos trazeiros, ao passo que entre as riscas escuras do corpo existem uma riscas assombreadas de côr muito mais clara. O especimen que havia no Museu Britanico foi destruido quando pouca attenção se dava ainda ao valor inestimavel dos typos, e hoje não existe exemplar d'esta raça nas collecções inglezas.

Vida na arte

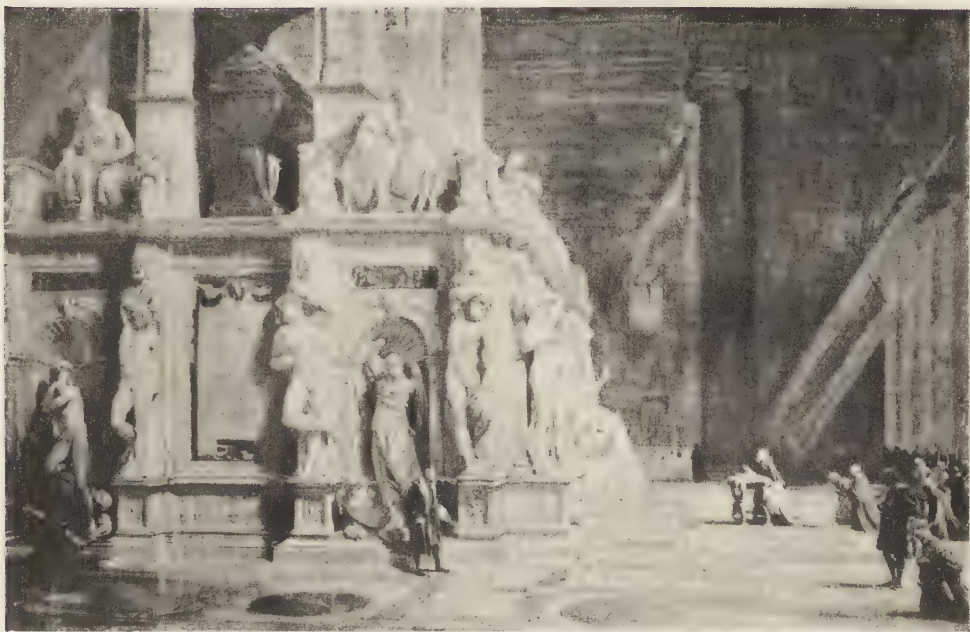
Estatuas de Miguel Angelo

O rei de Italia presenteou a Galeria de Arte antiga e moderna de Florença com as estatuas de Miguel Angelo que ha muito se conservavam desprezadas nos jardins Boboli, e que o gottejar da gruta havia incrustado. Crê-se que as estatuas são as que o esculptor destinava ao tumulo do papa Julio II. O monumento ainda está por acabar em S. Pedro, por ter sido a obra interrompida pela desavença entre Miguel Angelo e o Papa, a fuga do artista, e a sua preoccupação subsequente com a decoração da Santa Capella. A authenticidade da obra é corroborada pelos *Prisioneiros* que se encontram no Louvre.

A prova documental das intenções do esculptor existe n'um desenho de Sangallo, que se encontra na galeria degli Uffizi. A nossa gravura apresenta as estatuas agora por assim dizer resuscitadas, nos pontos que deviam occupar no tumulo papal, segundo a restauração feita pelo esculptor italiano Ludovico Fogliaghi.

Assim se vê completo o monumento, como o artista o projectou.

Os templos de Philae no Egypto

O novo projecto do governo egypcio, de levantar uns 7 a 8 metros a barragem do Nilo em Assuan, afim de augmentar a superficie de terra cultivavel, ameaça engulir os famosos templos de Philae. Quando o dique está cheio, o chão dos templos fica já debaixo de agua; mas, quando se fez o dique, julgou-se que as preciosas reliquias ficavam a salvo. Mas pelo novo projecto o nivel das aguas do Nilo ficará quasi 9 metros acima do nivel do vestibulo. Os edificios serão reforçados e far-se-ha

O TUMULO DE JULIO II, COMO O PROJECTOU MIGUEL ANGELO

uma investigação archeologica completa da Nubia para registrar muitas outras reliquias que devem soffrer pela inundação. Pensa-se em remover por inteiro os templos para um logar de segurança. Não é isto simples utopia; porque ainda não ha muito que um templo babylonico foi levado para Berlim, e as ruinas de Philae não precisam fazer tamanha viagem, visto que não sahirão do Egypto. Calcula-se em 50.000 libras a quantia necessaria para as remover para os montes da margem oriental.

RUINAS DOS TEMPOS DE PHILAE, NO EGYPTO

SERÕES

Proprietario: Livraria Ferreira & Oliveira, Lt.da — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Séde da admininistração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

Quinto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA.—Um trabalho photographico, que se adapte á decoração da capa dos **Serões.** Assumpto ao arbitrio dos concorrentes, dentro da clausula indicada: uma paizagem, um busto, uma figura inteira, um grupo de figuras, uma composição allegorica ou pittoresca, etc. A photographia pode preencher toda a pagina, comtanto que n'ella haja espaço adequado para se collocarem os respectivos dizeres, ou ser mais pequena para se adaptar a qualquer decoração arranjada *ad hoc.*

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nas capas dos **Serões**, em numeros escolhidos pela direcção. As que obtiverem menção honrosa poderão egualmente ser aproveitadas para capas, ou publicadas no corpo da revista, conforme convier á direcção. No primeiro caso, os autoros terão o direito de receber a importancia d'ellas, segundo a tabella por que identicos trabalhos costumam ser remunerados pelos **Serões.**

3.ª — A propriedade das photographias premiadas, e das que, com menção honrosa, forem aproveitadas nas capas da revista, ficarão pertencendo aos **Serões.**

4.ª — A direcção dos **Serões** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos **Serões**, será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos **Serões** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, ou substituir-se por livros de valor identico, editados pela casa Ferreira & Oliveira, Limitada. Poderá haver **dois terceiros premios,** caso concorram obras que justifiquem esta duplicação.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de agosto

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada ....

Nome e endereço do photographo : ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138, Lisboa — No verso do enveloppe a indicação: Quinto concurso photographico dos **Serões.**

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

MATERIAL ESCOLAR

A LIVRARIA

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.DA

132, Rua do Ouro, 138

tem á venda um grande sortimento de material para escolas e dá todos os esclarecimentos que lhe sejam pedidos sobre preços, qualidades, etc.

Especialidade em carteiras, louzas, caixas metricas, abacos, quadros de leitura, solidos geometricos, espheras terrestres, armillares de Copernico e Ptolomeo, globos celestes e quadros para o ensino das linguas e das sciencias.

SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Media noche — por D. João da Camara — versão hespanhola por J. Nombela y Campos — Madrid, 1907 — O illustre professor hespanhol sr. Nombela y Campos traduziu com elegancia e carinho uma das obras primas do theatro portuguez contemporaneo, antecedendo a traducção de um formoso prologo em que justamente se exaltam as qualidades de poeta e dramaturgo de D. João da Camara. Um relevante serviço prestado á litteratura portugueza, pelo qual manifestamos calorosamente o nosso apreço e o nosso reconhecimento.

Renascença — *Revista mensal illustrada Letras Sciencias e Artes* — n.º 37, março de 1907 — Summario: — A Capella de Beneficencia Portugueza por Araujo Vianna — Bacchanal por Max Gomes — Leda e seu renascimento por J. Barbosa Rodrigues Junior — Catullo por Barão de Paranapiacaba — Lilita por Flavias Visão do luar por L. Ferreira do Amaral — No Rio Juruá por Raul de Azevedo — A biographia do soberano philosopho por Elysio de Carvalho — O Advento da Republica por Aurelio de Figueiredo — Ensaio social por Arthur Guimarães — Uma voz por C. Magalhães de Azevedo — Giosué Carducci por Cwan d'Hunac — Vana por Mendes d'Aguiar — A visita do General Roca — Emmanuel Guimarães por Sousa Bandeira — Revisão de provas.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª Serie — maio de 1907 — n.º 39 — Séde da Redacção e Administração — Rua Castilho 27, 3.º

Semana Alegre — Porto — *Publicação literaria e artistica* — n.º 8 — Maio de 1907.

Echo Feniano e Girondino — *Magazine illustrado, de instrucção e de recreio — Publicação mensal* — abril de 1907 — Redação e administração — Papelaria dos Loyos 76 — Porto.

Livro de Dôr — por Carlos Cilia de Lemos — Lisboa, 1907 — Versos de um principiante, que precisa despir a Musa das roupagens lutuosas em que artificialmente a envolve, para nos dar algo de sincero e sentido e não afogar á nascença faculdades esperançosas.

Versos — por Modesta (D. Mafalda Mousinho de Albuquerque) — Lisboa, 1907 — Um rescendente ramilhete, creado ao terno calor de uma alma feminina sob a antiga e doce inspiração romantica que revela o nome do invocado patrono, Thomaz Ribeiro. Não ha novidades nem audacias; ha a espontaneidade de um delicado talento, que corresponde á singeleza do pseudonymo. Ramilhete, dissemos, apropriado para encher de perfume um *bondoir* aristocratico, e para trazer suaves emoções a um coração repleto de sentimento.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica mensal* — n.º 4, Abril de 1907 — Rua Lourenço d'Azevedo — Coimbra — Summario: Elpis. O jornal catholico de seculo XX por M. Abundio da Silva — o organicismo sociologico e os catholicos por Hector — Entorno da crise russa por Theodorico — A proposito da conferencia de Haya — A santa Sé por Padre Guimarães Dias — chronica social do estrangeiro. — Bibliographia.

Vida intelectual — *Revista illustrada* — n.º 1 — maio de 1907 — Madrid — O primeiro numero d'esta interessante revista hespanhola, dirigida pelo illustre cathedratico de Salamanca J. Nombela y Campos, é uma brilhante promessa, que denuncia as faculdades eximias do seu director, um amigo de portuguezes e apaixonado cultor da nossa litteratura. N'ella se nos depara entre variados e eruditos artigos, uma apreciação, muito lisongeira para o nosso orgulho nacional, sobre o livro de Eugenio de Castro *A Sombra do Quadrante;* e já para os numeros proximos nos é promettida a analyse da *Tentação de S. Frei Gil* de Corrêa d'Oliveira e da traducção do *Palacio de Veiros* de Julio Dantas. Quando a importancia litteraria da revista não originasse de sobra o nosso apreço bastaria para isso a attenção sympathica que dedica ao movimento litterario de Portugal. É com verdadeiro alvoroço que felicitamos o nosso bom amigo Nombela y Campos.

The Teikohu Gaho — *illustrated mouthly magazine* — Tokio, Japão — 4.º mez — Magazine japonez, com algumas indicações em inglez, profusamente illustrado — Devemos á amabilidade do nosso eminente collaborador Wenceslau de Moraes a remessa regular d'esta revista, interessantissimo para o estado do desenvolvimento moderno do grande imperio nipponico.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — n.º 3 — março de 1907 — vol. 3.º — Séde da Associação: Rua Garret, 95 — Lisboa.

QUARTO CONCURSO DOS «SERÕES»

MENÇÃO HONROSA

LAVADEIRAS EM QUELUZ

Photographia do Sr. Pedro Lima, Lisboa

Neste momento, em que echôam ainda nos nossos ouvidos os gritos lancinantes de tantos desgraçados que pereceram nas chammas do grande incendio da rua da Magdalena, um dos mais notaveis dos ultimos tempos, já pela sua origem, em que a justiça descobriu, por indicação indignada da voz publica, um dos mais repellentes attentados criminosos, já pelas peripecias terriveis, de todos conhecidas, em que quatorze victimas encontraram a mais affrontosa de todas as mortes, neste momento será talvez opportuno relembrar, num simples memento noticioso, algumas das mais memoraveis tragedias do incendio, que teem alarmado a nossa formosa cidade de Lisboa, destruindo na sua implacavel furia edificios, haveres e vidas dos seus cidadãos.

Antigos incendios dos seculos XV e XVI

ARECEMOS de informação historica, mas facil é imaginar o que seriam antes do terremoto taes sinistros na velha cidade, cuja casaria informe se amontoava em apertadas ruas e viellas, de que nos dão ainda hoje pallida idêa os bairros da Alfama, da Mouraria e do Castello; naquelles tempos em que os recursos contra o fogo, que lavrava de casa para casa, se resumiam nos processos rudimentares de cortar e atalhar a propagação do incendio, que ou se apagava a baldes de agua, ou por falta de material que ardesse, combatido numa lucta esteril, anarchica, dos populares animosos que acorriam á salvação das victimas ou á pilhagem criminosa dos bens.

Não iremos remontar ás tragicas e mal conhecidas catastrophes, a que vagamente alludem as velhas chronicas, occorridas nos seculos XIV, XV e XVI, tempos em que sabemos, por exemplo, ter ardido num pavoroso incendio grande parte da famosa rua Nova, que corria pelos sitios da actual rua dos Capellistas. Era a rua principal da velha cidade, o Chiado daquelle tempo, delineada desde o reinado de D. Diniz, com 13 metros de largo, e mais tarde guarnecida dos ricos bazares onde se vendiam as preciosidades artisticas do Oriente. Pois uma boa parte dessa rua commercial e opulenta foi devorada pelo fogo calamitoso de 30 de janeiro de 1396, que alastrou pela Confeitaria e Ver-o-Peso, victimando innumeras

pessoas, e causando enormes prejuizos de predios e de fazendas.

E comtudo, naquelles tempos de costumes semi-barbaros, e ainda depois, a justiça não raro empregava contra logares condemnados pelas leis, a pena extravagante de destruição pelo fogo, do mesmo modo que, annos passados, a Inquisição procurava exterminar ferozmente os incredulos nos autos de fé da praça publica. A's *casas de tavolagem*, ainda hoje perseguidas por assaltos ridiculos, applicava-se a pena de serem reduzidas a cinzas, como em 1490, no dia 1 de junho, se ordenou com respeito a uma da praça da Palha, casa — «que se tornava escandalosa pelas juras e blasphemias dos jogadores». — E um padre, que miudamente nos relatou mil factos curiosos na sua obra tão consultada — *O anno historico* —, commentava a pena dizendo — «abrazem-se as casas de jogo já que o jogo tem abrazado muitas casas».

EGREJA DO LORETO
Gravura antiga

Deixemos tambem as noticias do sinistro occorrido na antiga rua do Principe,. ao Terreiro do Paço, em 1575 (18 de fevereiro), no qual o fogo devorou por completo um dos lados da rua, e do incendio que dois dias depois da partida de D. Sebastião para a Africa lavrou numa tercena á beira rio, junto a Santos, onde se armazenava trigo e polvora. A explosão foi enorme, alarmando a cidade e causando grande numero de victimas.

Os incendios do Hospital de Todos os Santos e da egreja do Loreto

Dos seculos XVII e XVIII temos porém noticias numerosas e pormenorizadas de temerosos incendios.

Bastaria citar o que em 27 de outubro de 1601, depois da meia noite, devorou numa fogueira enorme a egreja e parte das enfermarias do grandioso Hospital Real de Todos os Santos, ao Rocio, fundação notavel de D. João II, e o outro não menos falado, que em 29 de março de 1651 destruiu por completo a egreja italiana de Nossa Senhora do Loreto, e os predios contiguos, onde se alojava então o deposito das decimas.

Ardem os conventos de S. Francisco e da Trindade

O seculo XVIII não alvoreceu com bons prenuncios, com relação a incendios, visto que logo nos primeiros annos delle, grandes e pavorosos sinistros aterraram a cidade. Na noite de 9 de janeiro de 1707, um foguete mal lançado caiu sobre o telhado da egreja do grande convento de S. Francisco da Cidade, que padeceu neste desastre graves damnos.

No anno seguinte de 1708, noutro dos mais populosos e importantes conventos de Lisboa, o da Trindade, o fogo devorava, no dia 22 de setembro varios lanços do edificio, deixando apenas incolumes o templo, e cerca de 18 cellas de religiosos. Depressa porém os frades trinos reedificaram o seu convento, que o terremoto de 1755 arrasou, acabando a destruição o fogo que se seguiu.

Do que era o edificio antes do incendio de 1708 e depois delle dão-nos idéa ligeira a gravura de Domingos Vieira Serrão no precioso livro de Lavanha e outras antigas vistas da cidade. O que elle era em 1833, antes de ser demolido para a abertura da rua da Trindade, mostra-nol-o o desenho de Luiz Gonzaga Pereira, conservado na sua memoria manuscripta sobre egrejas de Lisboa, existente na Bibliotheca Nacional.

Tres pavorosos fogos — Novo incendio em S. Francisco e segundo grande incendio do Hospital Real

O dia 10 de agosto de 1734 é de triste memoria para a cidade de Lisboa. Nada menos de tres grandes incendios a apavoraram. Assim nol-o conta Fr. Claudio da Conceição, no *Gabinete Historico.*

Foi um na rua nova do Almada, defronte dos Oratorianos do Espirito Santo, fogo tal que condemnou 18 predios, morada de 59 familias, e chegou a ameaçar o convento, onde hoje estão os Armazens do Chiado. O segundo muito violento tambem, devorou grande parte do convento das commendadeiras da Encarnação, salvando-se a egreja; o terceiro foi junto á egreja do Paraizo, na actual rua deste nome, e nelle arderam algumas casas.

O convento de S. Francisco da Cidade era malfadado como o edificio do hospital real. Repetidos e violentos incendios os assediavam a ambos. Em 1741, na madrugada de 30 de novembro, volviam chammas sinistras a destruir o dormitorio e a livraria. Baldados foram os esforços para as debellar; a voracidade do fogo, que durou até ao dia seguinte, refere o *Gabinete Historico*, apenas respeitou a egreja. Reedificada logo, o terremoto arrasou-a, e a reconstrucção ultima nunca chegou a cabo, apresentando até principios de seculo XIX o aspecto que estampas antigas nos conservaram.

A's tres horas da manhã de 10 de agosto de 1750, soou o momento da mais horrivel catastrophe que antes do terremoto alanceou os espiritos, em Lisboa. Ardia segunda vez o hospital real.

Resta-nos do desastre uma *Relação* impressa, folheto hoje raro, daquelle mesmo anno. Teve principio o fogo num monte de aparas na casa das tinas, e dalli irrompeu com rapidez pelas enfermarias, casas dos enjeitados, corredores, cozinhas, egreja, casas do Provedor e da fazenda, botica e outras officinas.

E' facil de imaginar o horror deste quadro: via a cidade arder o seu grandioso hospital, onde jaziam em leitos tantos miseraveis, nada menos de 720, onde se encerravam em medonhos carceres 17 doudos, e onde se creava avultado numero de infelizes enjeitados.

Não se apura da relação o numero de victimas, que devia ser grande. Acudiram os frades das ordens religiosas, arrabidos, dominicos e outros, transportando os enfermos e as creanças aos seus conventos e ás casas visinhas, á Calçada de Sant'Anna, aos conventos de S. Domingos e do Desterro, ás casas do Senado e do Conde da Ribeira. Vieram logo os soberanos e toda a nobreza opulenta da cidade a offerecer suas berlindas, coches e carruagens para o transporte dos doentes, disputando entre si sobre quem mais e melhor pudesse exercitar estes piedosos soccorros de humanidade christã.

As communidades sairam pelas ruas em peditorios; quasi todas as familias os soccorreram com os seus obulos.

Cinco annos depois o terremoto acabava de destruir o grande hospital real, de que já restavam apenas o gracioso portico, cujo desenho se conserva, com seu taboleiro e escadarias, bem como parte da fachada do edificio.

Outros sinistros no fim do seculo XVIII

Assim como deixámos em esquecimento na resenha do seculo XVII os incendios que em 1651 e 1694 devoraram o convento de Santa Brigida (Santos), e o edificio do Noviciado da Companhia de Jesus, á Cotovia, tambem agora, no memento do seculo XVIII, passaremos de relance pelo fogo que em 1745, a 13 de fevereiro, pegou nas casas da polvora á Ribeira, causando explosão medonha, em que pereceram 28 victimas, ficando perto de 100 pessoas feridas, das quaes algumas morreram pouco depois; pelo que em 14 de dezembro do mesmo anno rompeu violento ás 4 horas da madrugada nos aposentos da rainha, no paço da Ribeira; pelo que em 1751 lavrou surdamente, como conta o sempre minucioso auctor do *Gabinete historico*, causando quasi completa ruina naquelle velho e soberbo palacio; e finalmente pelo que em 1753 a 5 de agosto, se ateou em predios da rua das Canastras, causando avultados prejuizos em boas casas, lojas e armazens bem recheados.

O incendio da Patriarchal

No decorrer da tarde de 10 de maio de 1769, os habitantes da capital ouviam o desesperado rebate dos sinos, e de todos os pontos da cidade se avistava a densa columna de fumo que se levantava do alto da Cotovia. Estava ardendo com força o enorme edificio onde se installára a nova Patriarchal, construido havia pouco no sitio das obras do conde de Tarouca, espaçoso terreiro que depois teve as denominações po-

pulares de *Patriarchal queimada*, e de *Largo das pedras*, e onde actualmente vicejam arvores e plantas do jardim do Principe Real.

Neste grande e voraz sinistro logo a voz do povo indigitou um crime: recahiram suspeitas sobre o armador antigo da egreja Alexandre Franco Vicente, que tinha a seu cargo as arrecadações dos riquissimos paramentos e alfaias. Chamado a explicações o indiciado auctor do crime fugiu, mas preso logo em Faro, e confessado o crime, praticado no intuito de encobrir avultados roubos, o *Incendiario da Patriarchal* condemnado segundo as justiças feras do tempo, por accordam de 28 de janeiro de 1773, foi com baraço e pregão amarrado á cauda de um cavallo, açoitado e conduzido ao alto da Cotovia, onde no proprio sitio do seu crime o amarraram a um poste e o queimaram vivo.

PALACIO DA INQUISIÇÃO

Estava ainda recente o exemplo das execuções summarias que o marquez de Pombal ordenára se fizessem pelas ruas aos malfeitores e incendiarios, que aproveitavam os momentos sinistros da medonha catastrophe de 1755, para roubar as casas e activar o brazeiro enorme em que se consumia a cidade. Descreveu-nos esses horrores, com a sua phrase colorida e viva o illustre escriptor Pinheiro Chagas, no seu romance *O Terremoto de Lisboa*.

A vida do *Incendiario da Patriarchal*, cheia de pormenores e incidentes curiosos, foi aproveitada pelo romancista popular Leite Bastos para um dos volumes da collecção em que historiou alguns dos grandes criminosos dos ultimos tempos, como o Mattos Lobo, o Diogo Alves e o ultimo Carrasco.

Alguns fogos com que se inicia o seculo XIX

Observemos agora a chronica dos sinistros pelo fogo no decurso do seculo que passou. Logo ao alvorecer desta quadra, em que na cidade cresce sensivelmente a população e em que os novos costumes, a illuminação a gaz, os theatros, as noitadas, reuniões e *soirées* augmentam as facilidades e os perigos de tão funestos acontecimentos, veremos illuminar-se a cidade em 1819 com o fogaréo em que arde ao cimo da calçada da Graça o grande palacio dos duques de Loulé.

A 3 de janeiro de 1830 ardia o predio da arcada, no canto do Terreiro do Paço, pertencente ao barão de Sobral. O fogo foi terrivel, e nelle pereceu, entre outras victimas, um conhecido pastelleiro da rua dos Capellistas, de nome Luiz Ferreira da Silva.

Como ardeu o antigo palacio da Inquisição, ao Rocio

A revolução de 1820 tinha abolido a omminosa Inquisição, e o povo indignado invadio o palacio, sito ao topo do Rocio, destruindo e exterminando os instrumentos de tortura, e pondo em liberdade, como na tomada da Bastilha, os miseros que inda apodreciam em seus carceres. O palacio passou a chamar-se *Paço da Regencia* e a ter applicações varias, installando-se nelle algumas repartições entre ellas as do *Erario regio*, *do credito publico* e do *papel sellado*. Assim estava, quando no dia 14 de julho de 1836 um pavoroso incendio o devorou, reduzindo tudo a um montão de ruinas, e deixando apenas intactas as grossas paredes, com o aspecto que gravuras da epocha nos conservaram.

Suspeitou-se de crime neste fogo, que tão grandes prejuizos causou aos cofres do Estado. Depois de longas hesitações, as ruinas fôram demolidas, e no logar dellas se fez

em 1841 o largo de Camões e o theatro de D. Maria.

Similhantemente persistiram por muitos annos as ruinas em que o terremoto deixára o palacio dos duques de Bragança, ao Thesouro Velho, até que um grande incendio devorou em 1841 as barracas e construcções provisorias e mesquinhos casebres, que pouco a pouco alli se tinham ido construindo, e onde vivia como nos casebres do Loreto e nas ruinas do palacio Vidigueira, a S. Roque, numerosa população de vadios e galderios. Destruidos os casebres pelo fogo de 1841, edificaram-se os grandes predios que hoje alli existem.

Grandes fogos destroem a Escola Polytechnica e parte do Convento de Xabregas

Um dia, a 22 de abril de 1843, pelas tres horas da tarde, um incendio, cuja causa se ignora, levanta-se de subito num dos extremos do edificio, que antes fôra o Noviciado da Companhia de Jesus (salteado pelo fogo de 1694, como dissémos) e depois transformado em Collegio dos Nobres pelo grande Marquez, e em Escola Polytechnica, em 1837, por Passos Manuel.

O fogo lavra violento; os sinos da cidade dão rebate que se communica de torre a torre, chamando ao logar do sinistro as bombas, as tropas, os artifices, obrigados pelo seu dever, e a multidão de voluntarios, populares, estudantes, militares, auctoridades, e a tripulação dos navios nacionaes e extrangeiros surtos no Tejo. O espectaculo, como o descreveu Castilho, na *Revista Universal Lisbonense* (*Obras compl.*, vol. 42), era medonho: — «rolos de fumo negro que, torcidos, espedaçados e abertos em grandes florestas de nuvens, denunciavam que, ajudado do vento impetuoso de nordeste, o fogo, não só poderia em breve engulir o edificio que o borbotava, mas algum largo trato da povoação contigua e subjacente».

De facto, soprado pelo vento o incendio recrudescia, a despeito dos esforços dedicados dos que diligenciavam atalhal-o e salvar as preciosidades do ensino, manuscriptos, livros, instrumentos, museus. Ao cabo de 5 horas estava tudo reduzido a um montão de cinzas, guardado pela tropa, e no qual se procedia ás ultimas operações do rescaldo.

O anno immediato de 1844 foi mais terrivel ainda. Logo a 11 de janeiro, depois da meia noite, declarava-se fogo no antigo Convento de Xabregas, em parte do qual estava estabelecida a fabrica de fiação e tecidos. O povo attribuiu este fogo a origem malevola e criminosa, chegando a julgar-se que os inglezes, que já nos haviam queimado fabricas, pretendiam assim destruir o inicio da reconstituição da industria em Portugal. Felizmente, porém, a fabrica não ardeu, e só a parte occidental do casarão, que áquelle tempo se destinava a prisão penitenciaria, ficou totalmente destruida, e com ella uns 20 teares ordinarios, salvando-se a egreja, que dividia a meio o edificio, e a parte oriental delle. Transformado em fabrica de tabacos, o antigo convento padeceu ha dois annos novo e terrivel incendio.

O PREDIO DA RUA DA MAGDALENA

Incendiado em 10 de abril de 1907

As horrorosas catastrophes da rua da Magdalena

Foi porém, em novembro de 1844, que na malfadada rua da Magdalena se ateiou uma das mais horriveis tragedias que nesta rapida noticia podemos registar.

Altas horas, quando no predio, então designado pelo n.º 121, todos dormiam tranquillos e descançados, sob uma calamitosa noite de inverno, de vento que rebramia furioso, de chuva que desabava em cataratas do ceu, ao ribombar dos trovões, o incendio lavrava surdamente, e só quando as ondas de fumo e o cheiro acre das madeiras ardidas se elevaram e cresceram, os habitantes espavoridos despertaram; correm ás portas e janellas, e tomadas as saidas pelo fogo, soltam um alarido aterrador clamando angustiadamente por soccorro.

Vinte e cinco pessoas se achavam ali perdidas; o bramir da tempestade abafava-lhes as vozes; as ruas desertas, as casas cerradas; só ao cabo de muito tempo acordaram ao sobresalto os visinhos; acodem ao rebate, que logo se produziu, espectadores impotentes para remediar a iminente catastrophe.

Rompia a alvorada sombria, quando as bombas e escadas, desnorteadas por toques errados dos sinos da Sé, depois de perder tempo em caminhadas sem tino, chegam porfim, e em grande confusão iniciam trabalhos desordenados. As chammas recrudescem, as escadas faltam; os moradores dos andares baixos descem á rua por cordas ou salvam-se pelos predios visinhos; o resto perece em tristissima hecatombe.

Mil peripecias lancinantes, dramaticas, se desenrolam neste quadro. No 2.º andar, o dono da casa tenta descer por lençoes atados uns aos outros, mas esta cadeia de salvação não chega a meia altura, e o infeliz despenha-se e morre; neste momento o sobrado da sua casa abate engulindo no fogo o resto da familia. Chegam as escadas; não attingem bem o 3.º andar. Perante o primeiro salvador que desponta ao cimo da escada, offerecem-se duas mulheres aterradas, a filha e a creada da casa, que n'uma lucta extraordinaria de generosidade debatem qual d'ellas ha-de descer primeiro, forcejando cada uma pelo salvamento da outra.

Desce a criada; e a ama, a afflita e gentil menina vendo subir a alterosa escada o seu destinado noivo, que corria a buscal-a nos braços vigorosos, sente-se tomada de pejo, e na diligencia de buscar roupas com que se cubra, perece precipitada nas chammas.

O INCENDIO DA BOA VISTA
Gravura antiga de Coelho, desenho de Nogueira da Silva

Os moradores do quarto andar fogem pelos telhados, deixando no incendio todos os seus haveres. O fogo irrompendo pelas janellas da trazeira do predio, passava ao lado opposto, destruindo a casa contigua, que era o n.º 4 da rua da Padaria.

Assignala uma triste fatalidade a rua da Magdalena; já em 28 de janeiro de 1787, uma vingança de ciume causára alli horrivel incendio criminoso, em que pereceram trinta victimas, e do qual se conservou longos annos a memoria sinistra no espirito de nossos avós.

Foram estes, como o recente incendio na mesma rua, as mais horripilantes tragedias do fogo, na cidade de Lisboa!

Os incendios na Boavista e no theatro das Laranjeiras

Em 1858 ateiava-se o incendio numas carvoarias á Boavista, onde em 1826 já outro incendio enorme abrazára e destruira a cordoaria e algumas estancias de madeira. Nas estancias de Gomes & C.ª e na typographia do *Archivo pittoresco* se declarou o fogo de 9 de dezembro de 1858, reduzindo extensos edificios a um montão de ruinas.

Quatro annos passados, a 9 de setembro de

1862, pelas 2 horas da tarde, motivado talvez por alguma braza que operarios soldadores deixaram cahir no forro do telhado, rompia violento fogo no theatro das Laranjeiras, esse recinto onde o opulento e artista Conde de Farrobo reunira em repetidas festas, cuja memoria se não extinguirá, tudo o que havia de mais selecto na sociedade portugueza. Theatro e sala de baile foram pasto das chammas, que se elevavam em lavaredas de vistosas côres, originadas pelas tintas do scenario que ardia.

FACHADA DO THEATRO DAS LARANJEIRAS
Lithographia dos meiados do seculo XIX

RUINAS DO INTERIOR DO THEATRO
Estado actual

FACHADA DO THEATRO DAS LARANJEIRAS
Estado actual

Ainda persistem, por detraz do severo peristylo de cantaría, as ruinas daquelle recinto elegante.

O fogo do Banco

Citaremos mais alguns d'estes dramas, occorridos em tempos modernos. Em 1863, pelas nove horas da noite de 19 de novembro, um dos mais extensos fogos de que ha memoria, destruiu quasi todo o vasto quarteirão, que occupava a area desde o Pelourinho á rua do Ouro, e onde estavam o Banco de Portugal, a Casa da Camara, a Companhia das Lesirias, e nos baixos alguns estabelecimentos, como a pastelaria Coquejo, um chapelleiro, e um ferrageiro.

Tudo o fogo destruio; perderam-se os magnificos quadros a oleo e ricos pannos de Arrás das salas pombalinas da Camara; apenas escapou a casa forte do Banco e um predio á esquina da rua dos Capellistas, defendido por solido guardafogo do resto do quarteirão em que estava encravado. Conta-se que no terceiro andar morava um commerciante

O ANTIGO EDIFICIO DA CAMARA MUNICIPAL

que conseguira fugir, mas ao chegar á rua lembrou-se de que deixára valores grandes no cofre; subiu quando abatiam os telhados e ficou soterrado nos escombros.

Outros incendios na rua do Crucifixo, Chiado e Praça de Luiz de Camões

Quasi do mesmo tempo temos nota dos incendios na Madre de Deus, antigos paços reaes e mosteiro annexo, em 1867, e na rua do Crucifixo, nas cocheiras da antiga Companhia dos Omnibus, fogo que se communicou até á rua Nova do Almada, e onde morreram muitos cavallos, soltando lancinantes relinchos de dôr. Abertas as portas, os sobreviventes, partindo as cadeias que os prendiam, fugiram em medonha correria, espavoridos pela cidade.

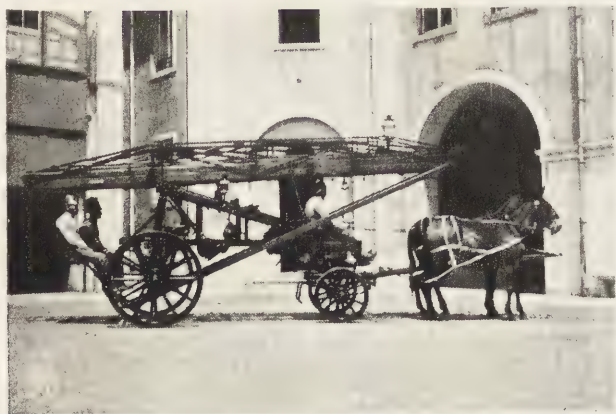
Sem poder precisar a data, lembraremos ainda o fogo num predio ao Corpo Santo, onde havia um hotel, em que um gato se salvou saltando do 3.º andar á rua, e o corpo de bombeiros praticou actos de temeridade e valor, dignos de reparo; e o dos hoteis que estavam no palacio Barcellinhos, ao fundo do Chiado, hotel Gibraltar, da Europa e dos Embaixadores, que ficaram destruidos, bem como a photographia Camacho.

Este fogo, muito notavel, porque nos hoteis estavam hospedados grande numero de illustres extrangeiros, membros dos dois congressos de jornalistas e de anthropologia, que então se reuniam em Lisboa, os quaes todos tecêram os maiores elogios ao serviço de soccorros de incendios, rebentou em 30 de setembro de 1880.

Tomou logo grandes proporções, e assignalou-se tristemente pela morte de um bombeiro que caiu á rua do alto das paredes, e pelo salvamento de uma menina de 18 annos, já suffocada e atordoada pelo fumo, salvamento feito pelo policia n.º 103.

No Chiado houve depois outro grande fogo, no predio em frente da egreja dos Martyres, onde estava a casa de espelhos e molduras Varella, e no qual os populares prestaram a principio valiosos soccorros, como talvez succedesse no recente incendio da Magdalena, se não fosse a inepcia da opposição do guarda nocturno e do policia.

Na Praça de Luiz de Camões arderam tam-

INCENDIO DO BANCO E DA CAMARA
Gravura do tempo

A ESCADA MAGYRUS DOBRADA

bem no decennio de 1880 a 1890, o grande predio ao fundo, propriedade do fallecido e opulento capitalista Monteiro, e outro, entre a rua do Norte e a rua das Gaveas, causado por uma tocha que ardia na camara ardente de um defuncto, cujo corpo se achou depois nos escombros carbonizado.

O fogo da travessa da Palha
Morte de cinco victimas

Resta-nos ainda, nos apontamentos que se nos offerecem, falar nos incendios da rua da Betesga e de S. João da Praça No primeiro a tragedia foi horripilante, e em tudo parecida com a da rua da Magdalena, excepto no crime. O predio, de quatro andares, era o da esquina da travessa da Palha, e tinha no 1.º andar o grande guarda-roupa Cohen, onde as chammas tomaram pavoroso incremento, invadindo a escada de fumo suffocante. Deu-se ás onze horas da manhã de 29 de dezembro de 1887. Os habitantes do 3.º andar, a familia Brandão, perecêram nas chammas. Quando um bombeiro chegava ao cimo da escada Magyrus, deparou com duas senhoras trazendo uma dellas nos braços um cãosinho, cujo salvamento pediam.

ESTAÇÃO CENTRAL E COMMANDO DOS INCENDIOS
Na rua D. Carlos

EXERCICIOS COM A ESCADA MAGYRUS

O incidente produziu momentos de hesitação; as chammas irromperam violentas; o bombeiro recuou, e as senhoras fôram engulidas pelo temeroso inimigo.

Este fogo de 1887 deu origem a longos debates na imprensa ácerca do serviço de incendios, aposentando-se o antigo e dedicado inspector Carlos José Barreiros, que publicou sobre o caso uma *Memoria do incendio da travessa da Palha.*

Em S. João da Praça, em 3 de maio de 1896, foi destruida a grande fabrica de moagens e a egreja parochial, hoje reconstruida.

Como se acudia aos incendios antes do terremoto

Occorre naturalmente dizer duas palavras mais, ácerca do modo e processos usados no decorrer dos seculos para atalhar e extinguir os incendios.

Primítivamente os soccorros eram apenas os que a população dedicadamente sabia ou podia prestar, abafando-se o fogo a baldes de agua acarretada pelos *ribeirinhos*, que vendiam pela cidade em cavalgaduras, pelos negros escravos e pelos soldados, marinheiros e gente do arsenal.

A Camara tinha depositos de machados, picaretas e baldes, que se distribuiam pelos populares. Em 1670 o senado adquiriu, á imitação de que lhe constava haver em Paris, escadas ferradas, compridas hastes de pau, e baldes de couro, e assalariou 30 officiaes de officios para, de obrigação acudirem aos fogos. Era o inicio do *exercito de salvação*. Estabeleceram-se-lhes ordenados fixos de 6:000 réis e 4:000 réis annuaes, fazendo uma despesa total de 104:000 réis por anno, com aquelle pequeno exercito incumbido por dever de officio, de se expôr a todos os perigos e trabalhos, para evitar as confusões que resultavam, como até alli, de só acudir o povo que mais confundia que remediava. Pedia a Camara então, que os artifices da Ribeira das Naus acudissem promptos, e que as justiças policiassem devidamente o logar dos íncendios.

AUGUSTO FERREIRA

JOAQUIM JULIO PEREIRA DE CARVALHO

CARLOS JOSÉ BARREIROS

CONSELHEIRO EMYGDIO LINO DA SILVA

Em 1681 a camara mandou vir da Hollanda baldes, picaretas, enxadas, arpéos e esguichos, o que tudo custou 470$000 réis e foi distribuido pelos bairros, cabendo 50 baldes e 12 ferramentas a cada um.

Só em 1685 se adquiriram cinco bombas, cinco! que trabalhavam em toda a cidade, como succedeu no memoravel incendio do Hospital Real de 1750, no qual se queimaram duas dellas, ficando as outras muito deterioradas!

Neste incendio, como nos outros d'aquelle tempo, acudiam pressurosos — contam-o minuciosas relações, os religiosos das differentes ordens, que acarretavam agua, em bilhas e quartas, a soldadesca, a marinhagem, e a mestrança da Ribeira das Naus.

Só em 1714 a Camara estabeleceu o primeiro regimento do serviço de incendios, a

cargo do vereador das obras *(Elementos para a historia do municipio de Lisboa)*.

A reedificação da cidade, após o terremoto de 1755, tendo em vista oppôr áquellas calamídades scismicas a maior resístencia possivel nas construcções, acceitou o nosso systema de construir, usado ainda hoje em Lisboa, ligando todo o predio com um esqueleto de madeira. Optimo remedio para os abalos de terra, mas vehiculo perigoso por onde o incendio alastra e invade de álto a baixo um edificio. Conta-se que se apercebeu logo d'isso a intelligencia prspicaz do grande Marquez de Pombal, e atribue-se-lhe o dito, ao approvar o systema proposto — «livrem se dos incendios que dos tremores de terra os garanto eu agora.»

Organiza-se o serviço de incendios no seculo XIX

Muito depois, sob o novo regimen politico, a Camara de Lisboa, em 1834 desejosa de reorganisar efficazmente estes serviços, tão atrazados e imperfeitos, creou 3 districtos na cidade, determinando como se deveriam ordenar os soccorros nas respectivas areas, entrando no quadro não só as bombas municipaes como tambem as do ministerio das obras publicas.

Muitos edificios e instituições particulares de certa importancia mantinham bombas suas. Citaremos por exemplo a da Santa Casa da Misericordia, que já a possuia ao certo em 1788, servida por 16 homens, e que acudia a qualquer incendio.

Creadas as *Capatazias*, ou commando do pessoal das bombas, formado na sua quasi totalidade pelos aguadeiros gallegos arregimentados por companhias, havia como medida preventiva a ordem de se conservarem sempre 140 barris cheios de agua, para se acudir de prompto a qualquer sinistro.

Foi por esta epocha de 1834 que se adquiriram novas escadas, e se fizeram de lona as primeiras *mangueiras de salvação*. Estabeleceu-se a tabella do toque dos sinos nas freguezias, abolida depois por Carlos José Barreiros.

Aposentado êste, foi nomeado em 1889 o novo inspector, o saudoso engenheiro Augusto Ferreira, a quem se deve a total reorganização dos serviços, installação e compra do optimo material que presentemente serve, e a orientação disciplinada do *corpo de bombeiros municipaes*, actualmente formado por 100 bombeiros de 1.ª e 2.ª classe, 150 de 3.ª e mais 720 conductores das bombas, *exercito* dedicado de *salvação*, querido da população lisbonense, que os estima e applaude com tanto carinho como aos seus marinheiros. Forma o batalhão em 33 estações de serviço, munidas de bombas, e de escadas Magyrus, com tracção animal permanente, e a elle se addiciona ainda o das benemeritas corporações de *bombeiros voluntarios*, com duas secções de 50 bombeiros cada uma, e o *corpo auxiliar de salvados*.

As medalhas de salvação

Para complemento destes arduos e humanitarios serviços, não bastavam as provas constantes de consideração e de reconhecimento manifestadas pela população da cidade, a uma phalange de heroes, que tanta vez arrancam á morte horrorosa pelo fogo as pobres victimas espavoridas.

Não bastava nem esse reconhecimento, nem os premios pecuniarios que os regulamentos estabeleceram. Por isso, desde 1852, se entendeu por Decreto de 3 de novembro a necessidade de crear a *medalha de salvação*, que se destina a ser conferida a todo aquelle que por magnanimo e heroico esforço presta serviços humanitarios na salvação de vidas, em naufragios ou em incendios.

Descreveu-as largamente o distincto conhecedor de medalhistica sr. dr. Arthur Lamas, na sua valiosa e interessante memoria sobre *Medalhas de salvação* (1905).

É, presentemente, esta a medalha na qual se lê o significativo distico — AO MERITO, PHILANTROPIA, GENEROSIDADE — uma das condecora-

ções mais respeitaveis, conferida sempre com escrupulo, como mercê honorifica, pelos generosos actos de salvação de vidas.

*
* *

Vemos portanto que se felizmente a cidade de Lisboa não teve nunca a lamentar dentro da sua extensa area alguma dessas medonhas hecatombes que ficaram tristemente celebres, como as do Bazar de Caridade e da *Comédie Française*, de Paris, como a do theatro Baquet do Porto, ou como a do Club de Santarem, ainda assim a enumeração dos seus incendios mais notaveis, nesta lista muito incompleta e apenas organizada com apontamentos e noticias colhidas de relance, constitue um longo sudario de desgraças sobre o qual só nos cumpre lançar o veu de uma recordação compadecida e saudosa como epilogo desta chronica das angustias que repetidas vezes teem sobresaltado os espiritos da grande cidade, e enlutado a bôa alma do povo de Lisboa.

25 de abril de 1907.

Victor Ribeiro.

Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA

A CAMINHO DA FEIRA
Photographia do Sr. Victorino Cardoso, Porto.

A VOZ DE OUTRO PLANETA

SUCCEDIAM ultimamente casos extranhos. De ha tempos a esta parte, por volta da meia noite, as estações de telegraphos sem fios tinham registrado um extraordinario signal de «tres pontos», repetido com persistencia. Depois de minucioso inquerito, averiguara-se que nenhuma estação terrestre havia expedido similhante despacho a taes horas. D'onde vinha pois a mysteriosa chamada? Os tres pontos de som suggerem os tres pontos luminosos de Marte por volta do anno de 1901; e no presente artigo se tenta a explicação do phenomeno.

Meia noite Toc-toc-toc; toc-toc-toc; toc-toc-toc. Ouviram-se distinctamente as tres pancadas no silencio da estação Marconi, e os telegraphistas acordaram extremunhados, sobresaltados por uma vaga inquietação.

— Ouça! Lá está o signal outra vez! Que quer isto dizer? Quem é que chama?

— Então vossê não conhece o codigo Morse? Tres pancadas, é um *S*.

— A agulha farta-se de marcar *SS*, e ninguem percebe a razão. E' extraordinario. Ora escute!

Toc-toc-toc; toc-toc-toc.

— É verdade, é! É isto todas as noites, por volta da meia noite. Apenas os transmissores nos expedem um *S*, o receptor registra-o. Quando se cansa, quem quer que é, acaba o despacho.

Mas no seu posto, na extrema de um promontorio remoto, os telegraphistas, já acabrunhados pelo silencio da noite, sentiam-se regelar até á medula pelo mysterio da inexplicavel mensagem. Sabido era que de todas as estações transmissoras do mundo inteiro, nenhuma fizera a chamada. Havia realmente alguem que telegraphava, mas esse alguem não era da terra. A quem pertencia a vozita exigua que chamava das trevas, e transmittia a mensagem atravez da frigida immensidade do espaço interestellar?

Tres pancadas? Uma ideia ocorre. Em 1902, e já em 1901, os observadores do firmamento tinham falado de tres pontos. Por esse tempo, astronomos com poderosos telescopios haviam conseguido distinguir no planeta Marte um triangulo feito de tres pontos luminosos, imperceptiveis para a nossa vista, mas na realidade immensos, visto que o triangulo tinha muitas centenas de milhas de extensão. As tres luzes realçavam brancas sobre o colorido avermelhado do planeta. Nunca anteriormente tinham sido observadas; e a sua disposição regular deu origem á hypothese de que poderiam ser artificiaes.

Tres pancadas significam S no alphabeto Morse, mas na pratica telegraphica tambem querem dizer: «Está lá?» «Posso começar?» «Attenção! Vou fazer um despacho.»

É possivel que Marte expedisse os tres signaes annunciando o levantar de um veu que desde o inicio dos seculos o separa de nós.

Deveremos por tanto mostrar-nos indiffe-

rentes á resposta? Repellir esses longinquos amigos—nossos affins pela intelligencia commum—que veem ao nosso encontro? Se porventura os martianos tentam entrar em relações comnosco, deveremos esquivar-nos, sob pretexto de que elles não pertencem ao nosso mundo?

OS MARTIANOS COMO OS REPRESENTA UM MEDIUM AMERICANO

Um espiritista americano pretende ter viajado em espirito ao planeta Marte, e declara haver duas especies de martianos—gigantes descommunaes, e outros mais pequenos que marinham pelas paredes como moscas.

Marte é o primeiro dos planetas superiores, isto é, d'aquelles cuja distancia ao Sol é maior do que a nossa. Possue uma atmosphera cuja composição, estudada ao espectroscopio—maravilhoso instrumento que revela os elementos pela luz que emitem—é similhante á da Terra. Foi provavelmente em resultado da sua côr sanguinolenta que os antigos consagraram esse planeta ao deus da guerra, e que o celebre romancista inglez H. G. Wells o povoou de monstros hediondos e ferozes.

O seu diametro anda por metade do da Terra, e o seu volume é pois apenas um setimo do volume d'esta. É como uma tangerina em relação a uma laranja, que é a Terra. Quando na sua orbita mais se aproxima de nós, fica á distancia de 65 milhões de kilometros, e o ponto mais distante da mesma orbita fica a 463 milhões de kilometros. Mas numeros de tão consideravel valor não teem uma significação definida para o entendimento humano. São approximados, com um erro ahi de uns 180:000 kilometros para mais ou para menos—um argueiro apenas, conforme o dito attribuido ao astronomo Lalande.

O dia martiano tem pouco mais ou menos a mesma duração que o nosso: 24 horas, 39 minutos e 23 segundos. O planeta leva um pouco mais de 686 dias a percorrer a sua orbita á roda do sol, de modo que as suas estações duram approximadamente o dobro das nossas. A atmosphera de Marte contem muito vapor de agua. Teem-se observado na sua superficie mares, e, nos Polos, grande copia de gelo, que diminue por occasião dos calores estivaes. São grandes as variações de temperatura. Marte recebe apenas metade do calor que nós recebemos do Sol. O sol dos martianos é um disco celeste com metade da grandeza do nosso, e a sua noite é illuminada por duas luas mais pequenas que a nossa—Deimos e Phobos.

O peso de um kilogramma na terra pesaria em Marte uns 375 grammas. Em media, qualquer homem pode com um peso egual ao seu, pouco mais ou menos. Se acaso estivesse no planeta Marte, poderia carregar o triplo do seu peso, isto é, cerca de duzentos kilos.

O PRINCIPAL DIVERTIMENTO DOS MARTIANOS

É de suppôr que os martianos, se acaso existem, possuam uma civilisação muito mais elevada que a nossa. Na nossa gravura, imagina-se um grupo de martianos regalando-se na contemplação de uma scena de ruas, terrestre, cuja representação é reflectida e projectada por um instrumento optico de enorme poder.

O planeta Marte possue todas as condições necessarias á vida. — Os habitantes de Marte é possivel que sejam «anjos».

Ao telescopio, Marte apresenta um disco claramente definido de côr vermelha, com manchas mais ou menos brilhantes. As manchas verdes são os mares, e as outras distinctamente verdes são os continentes, os quaes, ao contrario do que succede na Terra, são muito mais extensos do que a parte liquida. Finalmente, as porções mais brilhantes são as regiões polares, cobertas de gelos, e as nuvens fluctuantes. A atmosphera de Marte é mais transparente que a nossa, e o seu firmamento é de um azul limpido e brilhante.

As aguas de Marte estão muito disseminadas, limitando-se a mares que bracejam pela terra dentro, ligando-se uns aos outros, umas vezes em curva, mas quasi sempre em linha recta, e que cortam de linhas sombrias a superficie illuminada do planeta, como os pinazios de chumbo que dividem os vitraes na janella de uma cathedral. Essas linhas formam um debuxo intrincado, grosseiramente symetrico, que não parece ter sido obra da natureza. Uma tal regularidade provém, segundo todas as probabilidades, do trabalho do homem martiano; e durante muito tempo os observadores inclinaram-se a considerar essas linhas canaes abertos pelos habitantes para as necessidades da sua civilisação.

Marte possue pois condições analogas ás da Terra, as quaes, na opinião dos sabios, são necessarias e sufficientes para a manutenção e desenvolvimento da vida. A atmosphera é continuamente renovada e refrescada pelas grandes correntes de ar que passam de um para outro lado, o solo tem a agua necessaria para a fertilisação, e o calor distribuido pelo sol é sufficiente para as necessidades humanas.

Camille Flammarion, no seu livro *Uranie,* suppõe que os Martianos são muito superiores a nós, tanto intellectual como physicamente. Possuem sentidos que desconhecemos, incluindo o de ler os pensamentos alheios sem necessidade de communicacão pela palavra falada. Seus corpos são semelhantes aos nossos mas *sublimados,* feitos de materia mais subtil, isentos das vis necessidades da alimentação.

Possuem elles, alem dos dois braços e das duas pernas, um magnifico par de azas, que lhes permitte voar pelo espaço quando lhes apetece.

Passam o verão em torno das regiões frescas dos Polos: de inverno preferem permanecer perto do Equador. Sem que os apoquente a forçada execução de funções indispensaveis á nossa vida, dedicam-se a exercicios intellectuaes. Até certo ponto, são *anjos.* Os animaes superiores do planeta Marte — os quaes, no dizer do sabio francez, emparelham em intelligencia com o homem da Terra (muito obrigados pelo cumprimento) — é que executam todos os trabalhos necessarios.

«Aqui,» disse um Martiano a Mr. Flammarion, n'um *interview* imaginario, «ninguem come nada, nem comeu, nem comerá. Os orgãos nutrem-se a si proprios, renovando as moleculas por um simples processo de respiração como acontece ás nossas arvores terrestres, nas quaes cada folha constitue um pequeno estomago. Vós outros, tendes o sangue a correr pelos vossos corpos. Tendes os estomagos atafulhados de vitualhas. Acaso imaginaes que, com os orgãos grosseiros que possuis, podereis ter ideias sãs, puras e nobres, ou mesmo — permitti-me a franqueza com que vos falo — idéas, de qualquer especie que sejam?»

É provavel que o vermelho seja a côr dominante da natureza em Marte — As hervas devem ser vermelhas!

Mas, se os Martianos fossem os entes ethicos que Mr. Flammarion quer, isentos de anciedades de vida material, contentar-se-hiam com as suas azas como agentes de transporte, e tolos seriam em se cansarem com a tarefa de rasgar os innumeros canaes (alguns dos quaes teem mais de 5.000 kilometros de comprimento e 200 de largura), que não satisfaziam a nenhum proposito concebivel, visto não servirem para o commercio. Por conseguinte, se com effeito existem Martianos — e tudo leva a crer que existam — são indubitavelmente mais civilisados de que nós, mas sempre teem interesses materiaes. Ninguem construiria apenas por passatempo obras tão gigantescas como esses canaes. N'um mundo em que tão sómente se exercitam as funções da intelligencia, os habitantes deixam a terra e o mar taes quaes a natureza os fez.

Com um systema desenvolvido de irrigação, Marte tem uma vegetação luxuriante em que predominam as côres vermelhas, em vez dos lindos verdes dos nossos campos e das nossas

COMO PODEMOS FAZER SIGNAES ATRAVEZ DO ESPAÇO INTERESTELLAR

Os tres pontos luminosos vistos no telescopio, e os tres signaes mysteriosos registados pelo telegrapho Marconi, poderão relacionar-se, e provirão de um planeta povoado por intelligencias superiores de alta civilisação? Teem-se suggerido muitas hypotheses, e talvez algum dia venhamos a saber a verdade. É possivel tambem que algum dia troquemos signaes com os nossos mysteriosos visinhos.

florestas. Suggerem algumas autoridades que o singular phenomeno de duplicação dos canaes, que geralmente apparece nos fins da primavera martiana, a qual nós suppomos ser a estação das cheias, é devido ao rapido crescimento da vegetação no solo fertilisado pelas aguas da innundação. Mas qual o motivo por que essa vegetação só apparece n'uma das margens dos canaes ?

Deve-se portanto suppôr que a herva e a folhagem de Marte são vermelhas. Mr. Flammarion suggere a existencia de insectos do tamanho de aves, e imagina paizagens suaves e risonhas, sob um ceu brilhante e n'uma atmosphera limpida. Por toda a parte se reflectem côres maravilhosas provindas de vapores fluctuantes, e alcatifam a terra uberrimas flores enormes e garridas. O ar fino transmitte harmonias desconhecidas na nossa esphera mundana.

O PLANETA MARTE VISTO AO TELESCOPIO

Os mais poderosos telescopios dão-nos apenas uma imagem imperfeita do planeta, que apparenta a forma de um disco vermelho com manchas brilhantes. O mappa reproduzido é resultado de successivas observações, feitas por astronomos eminentes. Na superficie do planeta observaram-se em 1901 tres pontos mysteriosos.

Um afamado *medium* americano pretende ter recentemente feito uma excursão pelo planeta vermelho, e são numerosas as testemunhas que attestam o transe em que elle cahiu antes de fazer a experiencia. Allega elle ter tido difficuldades de respiração ao atravessar o ether. Ficou quasi tostado ao passar pelas proximidades de um meteoro igneo; d'ahi a pouco quasi ficou regelado nas regiões de frio intenso. Parou no cume de uma montanha martiana, e viu os habitantes a acenar-lhe. A sua descripção é positiva :

«Ha duas especies de Martianos — uns são gigantes que teem quatro vezes o tamanho do homem e não usam traje algum, outros são como que uns entes rastejantes, capazes, como as moscas, de andar por paredes verticaes. Teem os olhos dos lados da cabeça, como os cavallos, e, em vez de narizes, teem umas simples aberturas na cara.

Vivem no meio de animaes que em nada se assemelham aos nossos, e que são vermelhos, verdes e amarellos. «Este notavel *touriste*, Leyson de nome, consta que é uma creatura muito seria de 54 annos. Pretende ter feito já por trez vezes esta extraordinaria viagem, e de cada uma d'ellas tem sonhado as mesmas cousas. Começou a instruir nove *mediums*, que elle tenciona levar comsigo na sua proxima digressão.

Pode ser que fantasiemos. Mas desde que tantos homens de sciencia nos mandam acreditar que existem Martianos, embora seja difficil decidir como elles são, como procedem ou como trajam, será porventura suggestão muito arriscada o tentarmos replicar ás mensagens que elles parecem mandar-nos? Como havemos de o fazer? Varios systemas se teem proposto. O mais frequentemente alvitrado é levantar em differentes pontos da superficie da Terra, muito distantes uns dos outros, poderosos focos electricos determinando uma figura geometrica, e produzir relampagos quando os signaes venham de Marte. Então, se acaso os Martianos dessem por esses signaes e lhes replicassem, poderiamos nós alcançar a prova da sua existencia e realisar o sonho de fraternidade inter-planetaria.

EPISODIOS E ANECDOTAS

III

A PATRIA HONRAE...

(Concluido do numero antecedente)

ÃO descançaram muito as duas embarcações, idas para o sul com dispendio de tão arduos labores e inauditos sacrificios. Encorporadas na esquadrilha, principiaram com o *Neves Ferreira*, *Bacamarte*, *Magaia* e *Incomati* as trabalhosas operações. Teria sido quasi impossivel construir-se a rede de postos militares, com que Freire Andrade suffocou a rebeldia, sem o forte e dedicado auxilio da flotilha. D'uma vez a *Sabre* navegava do Incanine para a Xerinda. Arrastava atras de si uma longa cauda de barcos, que tinham servido para estender a ponte de uma a outra margem. Esses barcos deixados em terra, ao sol, durante muito tempo, podiam comparar-se a cestos rôtos. De hora a hora tornava-se necessario estacar para os exgotar; finda esta tarefa, e quando o comboio proseguia na marcha, rebentava o reboque, mais adeante cahia um homem ao rio; os episodios, ora comicos, ora tragicos, isto sempre varejado pelas balas dos negros, succediam-se com arreliadora rapidez. Ao cabo de longas horas d'uma lide insana, atracaram á Xerinda, e, quando era licito gosar-se um pouco de folga, a guarnição da *Sabre* foi exhortada a estabelecer uma nova ponte para ligar as duas ribas. Por este succinto esboço se vê de que quilate eram os serviços prestados pelos bravos rapazes.

De quando em quando vinha um acontecimento jocoso alegrar as agruras d'esta existencia accidentada e fatigante. Uma noite, fundeada a *Sabre* a certa distancia do posto militar da Manhiça, um renhido tiroteio despertou os seus tripulantes. Era evidentemente um ataque nocturno.

De bordo tambem queriam atirar; Ivens Ferraz não consentiu. Depois de meia hora de aturada fuzilaria tudo cahiu no mais absoluto silencio. Na madrugada seguinte, recebia o commandante da lancha uma mensagem, pedindo para emprestar, ao posto, o caldeiro das praças para se cosinhar o rancho em terra.

— Então que fizeram aos seus? — perguntou admirado o Ivens.

— O fogo d'esta noite... — balbuciou o emissario.

— Que tem uma coisa com a outra? — insistiu o official de marinha.

— A cosinha fica fora dos parapeitos — explicou o mensageiro; — de noite appareceram uns vultos d'aquelle lado, as sentinellas alarmaram-se, os tiros choveram d'essa banda. Tachos, caldeiras, quantos utensilios havia ali para cosinhar, todos se transformaram num crivo ou se quebraram.

— Ah! percebo — commentou rindo Ivens — voltou-se o feitiço contra o feiticeiro, em vez de damnificarem os negros, prejudicaram-se a si mesmo; agora teem que se sujeitar ás consequencias emquanto não vier novo fornecimento. Comam aos grupos; o nosso caldeiro não chega para todos.

E assim succedeu durante alguns dias.

N'outra occasião a *Sabre* largou do fundeadouro com quasi tantos soldados de transporte quantos os que o convés comportava, de pé. Na bahia sobrevém um temporal do sudeste; a lancha oscilla como uma canastra; a carga não podia ser peor para tão critica eventualidade; de subito ergue-se um vagalhão enorme, entra pelo navio a barlavento e varre tudo quanto encontra; os passageiros fogem todos espavoridos para uma banda; a embarcação adorna d'esse bordo de modo assustador. Se vem nova onda nem a intervenção divina lhe pode valer. Ivens toma uma attitude energica e o panico não se repete.

Os episodios surgem todos os dias, marcando com balisas de gargalhadas ou de anceios as phases da campanha. N'uma tarde, o vento de sudeste sopra com tal violencia, que, só o golpe de vista seguro e o sangue frio nunca desmentido da officialidade da *Sabre*, a livra d'um naufragio mortal. N'outra, n'uma viagem a Xinavane, cortada de tropeços, a cada hora, por causa das sinuosidades do Incomati, realisa-se uma caçada aos patos mergulhões, tão ingenuos e tão pouco amedrontados, que se deixam apanhar á mão e enchem saccos sobre saccos, proporcionando aos marinheiros e aos seus amigos de terra farto banquete durante dois dias. N'outra, n'um encalhe do rio, quando é empregada uma estralheira para safar a lancha d'uma restinga, o apparelho incendeia-se e deixa a embarcação a sêcco. Alijam-se do navio todos os pêzos, a artilharia é desmontada, e eis os incançaveis tripulantes mettidos na agua até a cintura, a empregar prodigiosos esforços para arrastar o barco por cima do baixío. N'outra, n'uma fuzilaria aturada da margem, vem uma bala que penetra no mastro, precisamente na tangencia do pescoço de Ivens Ferraz.

Estes perigos, estas aventuras, quasi sempre com um cunho tragico, intercallam-se com caçadas ao cavallo marinho, de carne saborosa, logo retalhada, posta ao fogo e comida, com tentativas para apanhar a laço, á moda dos gauchos, mulas e cavallos que andavam fugidos da columna expedicionaria, e que após canceiras e invenções, qual d'ellas a mais pittoresca e jocosa, se sumiam e continuavam em liberdade, logrando as armadilhas e as esparrellas preparadas para os colher.

A epopéa da *Sabre* e da *Carabina*, começada na Zambezia, continuada no mar alto e concluida no tortuoso e falso Incomati, tão dificil para a navegação como traiçoeiro nas suas subitas e aleivosas acommettidas das margens, é uma das mais bellas e honrosas da marinha de guerra. Rivalisaram, nos longos mezes da campanha, officiaes e praças, de quem mais corajosa e dedicadamente enalteceria o lemma

UM EXERCICIO NO POSTO MILITAR DE XINAVANE

gravado nas rodas do leme: «Honrae a patria que a patria vos contempla». Guilherme Ivens Ferraz e Alfredo Caçador, os guarda-marinhas ás suas ordens e a guarnição bem mereceram do paiz, que lhes deve o reconhecimento e o preito rendido a quem tudo sacrifica para o tornar grande e respeitado.

*

* *

Resta-nos falar agora das operações da esquadrilha do Limpopo, de fundamental alcance para a prestigiosa conclusão da campanha e causa determinante do aprisionamento do famigerado potentado de Gaza, régulo Gungunhana.

O vapor *Neves Ferreira*, commandado então pelo intrépido primeiro tenente Francisco Diogo de Sá, que tinha por immediato o segundo tenente Valente da Cruz, partiu para o caprichoso Limpopo na noite de 20 de agosto. Só quem conhece a pérfida barra d'esse quasi impenetravel curso d'agua, é que faz bem idéa de quanto o seu ingresso se torna arriscado. Os naufragios ali, n'aquella successão de parceis, de baixos, de cabedelos, agglomerados com paciente malevolencia, como se algum mau genio quizesse sequestrar essa via fluvial ao convivio do mundo culto, contam-se por muitas dezenas. Durante largo tempo foi abandonado o projecto de estabelecer para ahi communicações maritimas. Os transportes terrestres, em circumstancias normaes, levavam, pelo menos, vinte dias. O habil capitão Marron, para quem a barra era tão familiar como a casa em que moramos, lá perdeu o seu cutter com quantos haveres possuia. Descrever as catastrophes originadas pelas más condições naturaes d'aquelle estreito e enredado corredor, significa historiar a quasi completa serie dos sinistros maritimos do sul de Moçambique.

UMA ATALAYA NO INCOMATI

Em fins de agosto era rebocado pelo *Neves Ferreira* a *Capello*, do commando do primeiro-tenente Alvaro Andréa, official pertencente a uma geração de impávidos e habeis marinheiros, com o auxilio do vapor *Fox*. Foi um lance dramatico e arrojado essa entrada. Diogo de Sá, narra-o succintamente n'este periodo do seu relatorio: «Chegado á entrada do canal, sempre com a *Capello* a reboque e o *Fox* navegando nas nossas aguas, retrocedi e puz a prôa ao mar a fim de tentar a manobra de arriar para dentro a lancha sobre uma espia. Achava-me, é claro, em cima da ponte, e n'essa occasião acompanhado pelo primeiro-tenente Andréa e pelo meu immediato, e, apoiado na opinião affirmativa d'estes officiaes, e parecendo-me a barra tentavel nas circumstancias críticas em que nos achavamos, resolvi entrar. O *Fox* havia retrocedido tambem, e um dos viradores de reboque rebentara quando o *Neves Ferreira* aproara ao mar e a lancha dera um grande esticão. Assim, a toda a força do vapor, empregando o azeite para abater o mar, procuramos o azimuth da entrada, pois não era facil conhecel-a por haver rebentação em toda a barra, e pelas duas horas e meia entrámos com a lancha a reboque e o vapor *Fox* nas nossas aguas O *Neves Ferreira* ainda chegou a assentar no fundo momentaneamente, mas novo rôlo de mar nos fez transpor a barra e entrar no rio, vindo a *Capello* simplesmente amarrada por um dos viradores». O caso esteve serio e até muito serio.

Quando o *Neves Ferreira* lavrou a areia do fundo com a quilha, os tres officiaes que se encontravam na ponte trocaram rapidos e anciosos olhares entre si. Pensavam, e baseados em bom raciocinio, que a *Capello*, em virtude da velocidade adquirida, se precipitaria como um bloco formidavel de encontro ao vapor, e que as duas embarcações se despedaçariam ali como frageis chapas de vidro. Poupou-lhes esse afflictivo transe um verdadeiro milagre. Sobreveiu um vagalhão enorme, que, animado de bravía, mas de salutar fereza, os arremessou para dentro do rio, sem mais avarias que alguma louça partida e diversos trambulhões nos menos peritos em se equilibrar.

GUARNIÇÃO DO POSTO MILITAR DE XINAVANE

Principiou logo o trabalho para acabar o armamento da *Capello* que não ia completa. A actividade dos officiaes era febril. O labor crescia a olhos vistos. N'este meio tempo o *Neves Ferreira*, no dia 9 de setembro, effectuou um reconhecimento até os bancos do Chai-Chai. Á custa de muita cautela e pericia subiu até o Languene. Nunca ali surgira embarcação de tamanha tonelagem. Fôra uma proeza, que deixava boquiaberto o gentio das margens, e que representava um triumpho moral, de incalculaveis resultados para o pleito que as nossas forças de terra e mar ali defendiam.

Em começos de outubro iniciou a esquadrilha do Limpopo as operações com toda a energia de que era susceptivel o animo denodado da sua officialidade. A 26 de setembro navegara a *Capello* até a ilha Verde, onde se demorou algumas horas n'um tredo encalhe. Durante a noite o gentio, que declarava em altos brados pertencer ao Gungunhana, brandiu armas e azagaias, ameaçando exterminar quem quer que ousasse saltar em terra. A canhoneira explorou o rio durante cinco dias sem ser hostilisada. A 4 de outubro voltou a *Capello* e o *Neves Ferreira*, então já com instrucções que permittiam aos seus commandantes procederem mais desafogadamente. Sá e Andréa intimaram os régulos das terras marginaes a entregar os chefes rebeldes. As respostas d'estes foram evasivas, mas mansas. Ambos lhes deixaram o ultimatum de que, se a entrega exigida não se effectuasse dentro de oito dias, os canhões de bordo arrazariam quanto se apresentasse ao seu alcance.

As guarnições das lanchas, sustentadas a carne e peixe salgados, careciam d'um alimento mais hygienico. Em terra pascia excellente gado, mas os negros negavam a pés juntos que possuissem a minima coisa para ceder aos brancos.

— Então vocês — dizia o tenente Sá por intermedio do interprete, na manhan de 9, a um *induna* — não se resolvem a vender-nos refrescos?

— Não temos nada, molungo, pois tu não vês?

E ao longe mugiam os vitellos e balavam os cabritos.

— Não vejo, mas ouço, e como confio na tua palavra honrada — redarguiu-lhe o official de marinha — vou dar-te uma prova da minha confiança.

E fez um signal aos homens armados que levara comsigo. Estes, acercaram-se dos animaes que lhes pareceram melhores, apanharam duas vitellas e conduziram-nas para bordo.

— Quanto custam? — perguntou Sá.

Só lhe responderam murmurios, tão baixos e tão por entre dentes, que não se conseguia distinguir se eram insultos se queixumes.

— Ninguem responde?! — continuou o commandante após uma breve pausa — Avalio os dois vitellos em tres libras, ellas aqui estão.

Como nenhum braço se estendeu para receber o dinheiro, Diogo de Sá atirou com as tres moedas para o chão e voltou para bordo com todo o socego. Apenas elle desappareceu logo os negros se atiraram ávidos sobre as refulgentes effigies da rainha Victoria. Não cahiam em si do pasmo que lhe causavam esses inimigos, tão generosos e tão differentes dos amigos, emissarios do Gungunhana, que até pagavam as suas prêsas.

A 14 partiu a *Capello* para tornar effectivo o ultimatum. Alguns pseudo-embaixadores celebraram com Diogo de Sá varias conferencias, mas como não traziam nada de positivo, nada alcançaram. Na manhan de 16, não tendo sido entregues nem o Mahazulo nem o Zichacha, cahiram as primeiras granadas do *Neves Ferreira* nas povoações do Languene. O commandante, sempre cavalheiresco e humanitario, não consentiu que o bombardeamento incidisse onde se avistavam mulheres e creanças. A' noite pairava sob uma vasta zona um enorme e sinistro clarão. As labaredas vermelhas, hirtas, a prumo, aniquilavam n'um incendio lento e devorador as povoações, as colheitas, os pastos, os haveres d'alguns milhares de

indigenas. De terra, o gentio d'essa região fugira acobardado.

A *Capello* encontrou mais symptomas de resistencia. Ancorou n'um ponto onde lhe era facil bombardear dois povoados consideraveis, e na tarde de 15 desembarcaram os seus dois officiaes para explorar o terreno proximo. Houve ameaças da parte dos negros. Na manhan immediata appareceu a praia coalhada de gente, fazendo grande alarido. Alvaro Andréa intimou-os a retirarem-se. Quedaram-se e motejaram da intimação; convenceu-os então a metralhadora que só permittiu na riba aquelles que nunca mais se levantariam. A esta primeira demonstração, succedeu o desembarque de Valente da Cruz, com apenas oito praças, que destruiram o covil dos insubmissos vassallos do Gungunhana, e que, mais adeante, n'um d'estes arrojos que farão sempre pasmar a posteridade, topando com uma manga, de cerca de duzentos rebeldes, a obrigou a depor as armas e a dispersar. Os poucos insurrectos que não obedeceram puniu-os uma descarga mortífera. Era curioso ver entrar a bordo o exiguo grupo dos portuguezes carregado com os despojos de mais de cento e cincoenta guerreiros.

O *Neves Ferreira* e a *Capello* foram durante largo periodo pavorosos symbolos de exterminio para as duas margens do Limpopo. Da acção, simultaneamente energica e prudente dos seus commandantes, resultou a pacificação d'um amplissimo territorio e d'uma população avultada. Pouco a pouco os insurrectos foram submettendo-se ao dominio de Portugal, convencidos pela linguagem eloquente dos canhões-revólveres e pelo valor nunca desmentido dos bravos marinheiros.

No dia 18 foi acommettida a povoação da irman do Gungunhana. Valente da Cruz á frente de *trinta e seis homens*, levou tudo quanto encontrou deante de si. A rainha, a requestada e coxa Bafú, deliberára não esperar pelos portuguezes, nem ella nem a sua côrte, nem o seu povo. Só se encontraram quatro negros e dez mulheres. A estes, fez Diogo de Sá uma prédica, por intermedio do interprete, ácerca dos males que adviriam se a guerra continuasse, e mandou-os em paz para apregoar aos conterraneos o futuro que os esperava. Este facto, e ainda mais uma lição severa infligida por Alvaro Andréa ás povoações da ilha Verde, e parallelamente a segunda expedição, por terra, de Freire de Andrade ao Magul, tinham asphixiado a rebeldia dos landins e dos vátuas no districto de Lourenço Marques.

O combate de Coollela e o incendio do *manjacase* converteram o quasi omnipotente

POSTO MILITAR DA MANHIÇA

regulo de Gaza n'um banido, que fugia de terra em terra, com tanto medo dos portuguezes, seus inimigos, como dos vangonis e tongas seus vassallos. Preferia entregar-se o Gungunhana aos primeiros, que, convencera-se, lhe poupariam a vida, a continuar a ser defendido pelos segundos, de quem temia a ambição e os instinctos sanguinarios. A vigiar o Limpopo ficara só a *Capello*, pois o *Neves Ferreira* demorara-se no rio do Espirito Santo a concertar as avarias até 15 de novembro. Ahi Alvaro Andréa procedeu com os indigenas com a mais elogiosa diplomacia. Na obra de pacificação, iniciada tão brilhante e intrepidamente por Francisco Diogo de Sá, proseguiu o commandante da *Capello* com o maior tino e zelo pratico. Armou cerca de tres mil dos pretos que se bandearam comnosco, e, entre elles e as forças vatuas houve escaramuças de certa importancia. Persuadiu os regentes do Chai-Chai a mandarem gente sua apresentar-se ao coronel Galhardo, e soube assim, e participou telegraphicamente para Lisboa a derrota do Gungunhana, primeiro que o commissario régio.

A LANCHA «INCOMATI»

O trabalho de Alvaro Andréa foi enorme até o fim da campanha. Expõe o illustre official de marinha, n'uma serie de interessantissimos artigos, escriptos nos *Annaes do Club Militar Naval*, até que ponto, elle e os seus denodados camaradas e corajosos subordinados, concorreram para a captura do Gungunhana. Eis como termina uma parte d'esse primoroso e elucidativo estudo:

....

«Começava o Gungunhana a cumprir as intimações que tinha recebido, pois o regulo do Chai-Chai affirmava que elle queria tambem mandar o Mahazul o (regulo da Magaia) para tratar depois de vir elle proprio pedir perdão e avassalamento.

«Percebia-se o plano, os dois chefes rebeldes primeiros causadores da guerra, enviava-os elle á frente para lhe servirem de pára raios, onde julgava se descarregaria toda a colera dos portuguezes, fulminando-os logo que nos fossem entregues.

«E então, forçado só pela triste situação em que o tinham lançado as nossas victorias, viria elle, humilde e contricto, arrastar-se a nossos pés, a titulo ainda de cumpridor (tardio) das ordens do commissariado régio, fazer os seus protestos de eterna fidelidade a troco da sua vida, — que a do filho e a dos tios talvez pouco lhe importassem, — e implorar que o deixassem cultivar em paz as suas terras, desejo que já tinha manifestado e continuava a manifestar.

«Suppunha elle que uma vez ao alcance de mãos portuguezas, tornaria a ser livre e grande!

«Era uma illusão que cuidadosamente nos tinhamos sempre esforçado por lh'a não desfazer nunca, pois a considerávamos indispensavel ao bom exito final.

«Passou-se o dia 14 de dezembro e nenhuma confirmação official recebemos ácerca da entrega do Matibejana em Languene.

«Amanheceu e decorreu parte do dia 16 e nada! Extraordinario!

«A chegada do *Neves Ferreira* pela tarde d'esse dia, ia tirar-nos de apuros por uma forma que na realidade se tornava bem urgente.

«Trazia elle o carvão porque tanto suspirávamos para podermos trabalhar á vontade, mas com a sua chegada ia mudar completamente a situação no Limpopo.

«Tinha sido creado um governo militar nas terras de Gaza, as quaes ficavam em estado de sitio.

«A nossa iniciativa tinha de parar; a outrem pertencia levar a cabo o que se havia planeado, como e quando melhor fosse entendido.

«A nossa missão cifrava-se no seguinte trecho das instrucções, que então nos entregava, por ordem superior, o segundo tenente Magalhães Ramalho, novo commandante do *Neves Ferreira*.

....

«A bordo do vapor *Neves Ferreira* vae Sua Ex.ª o governador militar das terras de Gaza,

capitão Mousinho de Albuquerque, a quem V. Ex.ª prestará todos os auxilios............»

«De então em deante cumprimos as ordens recebidas, e respeitando sempre a ordenança geral da armada, procedemos com a mesma boa vontade, que sempre temos empregado nas differentes commissões de serviço que temos desempenhado.»

*
* *

Não desejariamos concluir este succinto esboço, sem nos referir, em breves palavras, ao tenente Pinto Roby, outro distincto official de marinha que sacrificou a vida em prol da honra militar e do pundonor da corporação da armada.

Depois de commandar varias canhoneiras na Zambezia, de bem cumprir o seu dever de marinheiro no Oceano e de soldado em terra, em varias escaramuças, fez parte da companhia de desembarque, commandada pelo primeiro tenente Alberto Costa, junto com o tenente Alves Dias e guardas-marinhas Fernando de Magalhães e Barbosa Casqueiro no combate de Macontene, epilogo definitivo das operações do Gungunhana, onde foram destroçadas as forças rebeldes do Maguiguana. A intrepidez com que se portou na sangrenta conjuntura valeram-lhe os mais levantados elogios de Mousinho de Albuquerque e das instancias officiaes.

Terminada a sua estação em Africa, Pinto Roby e o medico naval Manuel da Silveira, de regresso á metropole, aportaram a Mossamedes. Preparava-se ahi a expedição contra os cuamatas. Ambos se alistaram n'ella. O primeiro levado pelo seu espirito irriqueto de brigão cavalheiresco, o segundo, ao que se affirma, para esquecer no mais santo dos apostolados da sciencia íntimos soffrimentos que lhe magoavam a existencia.

E' demasiado cedo para fazer com absoluta imparcialidade a historia d'esse desastre, que, cobrindo de crepes as armas portuguezas, enluctou immensas familias. Narraremos apenas a morte do desventurado tenente, segundo uma carta que nos parece conter a narrativa exacta da horrenda tragedia.

A força portugueza formara quadrado e descançou. Aproveitando este repouso seguiu um pequeno troço de cavallaria a explorar o terreno. Levava á sua frente o capitão Moraes e o tenente Pinto Roby, montados em mulas, que se distanciaram do piquete explorador. Entram n'uma clareira onde existiam duas embalas. Surgem cinco pretos armados de azagaias. Lembram-se os dois officiaes de os aprisionar e atiram-lhes com as muares para cima. Quatro dos negros fogem; o quinto resiste. O capitão Moraes toma-lhe o passo e brada-lhe, na sua lingua:

— Não fujas!

O indigena estaca, Moraes vae para lhe deitar a mão, mas o velhaco, n'um movimento célere, vibra-lhe uma azagaiada ao peito. O capitão, furioso pela dôr, despede-lhe uma cutilada e corta-lhe a orelha direita. Acode Pinto Roby, o cuamato repete a aggressão e fere o marinheiro, ao de leve, na mão. Ouve-se um tiro e o rebelde tomba morto. Fôra um soldado de cavallaria que o prostrara. O combate singular e o tiro tinham chamado a attenção do quadrado. Este approxima-se. Começa então, furiosa, a lucta. A primitiva formatura em bloco é abandonada e estendem-se algumas linhas de atiradores. A cavallaria pronuncia uma carga, que se mallogra pelo abrigo que os contrarios encontram nas cubatas. Eram sete e meia da manhan.

Das povoações chovem sobre os europeus aguaceiros consecutivos de balas. Eram cerca de dez mil negros contra um punhado de brancos. As munições principiam a escassear. Na face da frente, na que supporta mais mortiferamente o embate do inimigo, raréa o fogo. Então, nunca se averiguou muito bem, se por imprudente arranco de bravura, se por necessidade de desafogar esse lado, se para poupar a polvora, os pelotões do batalhão disciplinar, de baioneta armada, seguidos por alguns soldados indigenas, arrojam-se, precedidos pelo tenente Ferreira, n'um impeto heroico sobre os adversarios, cem vezes mais numerosos, que elles. Os pretos cedem e são levados de roldão até mais de cem metros. Para cumulo de infelicidade, durante a carreira, os poucos cartuchos que restam aos brancos saltam fora das bolsas abertas.

Após algumas horas de pugna renhida estavam por terra a maioria dos officiaes, dos graduados e ainda uma boa parte do effectivo do batalhão. O cartuchame exg tara-se de todo. O momento era dos mais afflictivos que podem alancear homens dispostos a morrer. O que restava d'esse punhado de valentes agrupa-se em redor do unico cabo sobrevivente, até que este cae tambem. Então, des-

ordenado o pequeno bando, retira sobre o grosso do quadrado, já então com fraca consistencia e com sinistros e significativos intervalos nas suas fileiras, e brada:

— Mais polvora! Forneçam-nos munições ou morremos todos!

Os rebeldes, embriagados com a victoria, com a perspectiva feroz do morticinio, tornavam-se de momento para momento mais audazes.

A companhia européa cedera a muitas instancias dois chapéos de cartuchos aos restos do batalhão disciplinar. Durante segundos houve um certo recrudescimento no fogo, mas o inimigo não afrouxava, pelo contrario, cada vez estreitava mais, nas suas possantes alas de muitos milhares de homens, o minguado quadrado, que não tardaria a ser asphixiado.

O capitão Moraes suggeriu ao seu collega Pinto de Almeida a necessidade de retirar. A companhia européa cobriria o movimento de retrocesso, que se effectuaria por lanços, em ordem, regularmente. Resoou um toque de corneta, mal distincto no meio da confusão e do alarido do prélio. Ao mesmo tempo, em logar das vozes de commando, precisas, nitidas, energicas, dadas n'esse tom que a disciplina obriga logo a obedecer, ouviu-se a phrase desmoralisadora:

—Vamo-nos embora!

Foi d'um effeito fulminante, escreve uma testemunha ocular do triste acontecimento, este *Vamo-nos embora!* As faces lateraes do quadrado oscillaram um momento e desconjuntaram-se como dois velhos muros que desabam. Os soldados indigenas perderam a forma e refluiram sobre a companhia européa, fugiram depois em todas as direcções por onde lhes parecia poderem escapar á chacina; o gentio viu a desordem de relance e cahiu em massa sobre o quadrado. Envolveram-se os soldados com o gentio, n'uma lucta corpo a corpo, infalivelmente desastrosa para nós.

«O campo era um misto confuso de negros, saltando como leopardos, brandindo a azagaia terrivel, a machada fulminadora e até o modesto porrinho; de soldados pretos, desorientados, mal se defendendo da morte, procurando escapar á arma aguda do cuamato; e de praças brancas furiosas de raiva, sem esperança de salvação, mas querendo morrer devagar, entre os destroços sangrentos dos inimigos, preferindo a morte ali em terra ingrata, onde os corpos serviriam de pasto aos abutres, á morte lenta, entre agonias monstruosas nas aldeias do gentio vencedor. Só a companhia européa conseguiu manter-se serena e resoluta. O tenente Rodrigues que estava á frente d'ella, clamava:

« — Quem não tem commando, venha para aqui!

«Iniciou-se a retirada. Para que não fosse muito precipitada e confusa, Pinto Roby tomara, n'uma galopada, um ponto distante do caminho por onde haviam de passar. Se a soldadesca debandasse, elle a procuraria conter. Mas tal não se deu apesar de irem cahindo ora um, ora outro, n'esse trajecto angustioso. Encontraram por fim o tenente Pinto Roby. Estava sentado n'um tronco de arvore, com a montada ao lado. Chorava. O capitão Moraes suppol-o ferido e perguntou-lhe:

« — Que tem?

« — Isto é a maior das vergonhas, camarada!

« — Deixemo-nos d'isso agora — respondeu o capitão — ajude-me a conduzir esta gente.

«Elle então, n'um impeto, saltou para a sella, e, sem dizer palavra, voltou-se de frente para onde o gentio mais avultava, esporeou o animal, e, de espada em punho atirou-se para a massa dos negros, á cutilada, como um furacão terrivel. Seguiu-o

OUTRO ASPECTO DO POSTO MILITAR DA MANHIÇA

um cabo de dragões, n'este heroico e perdido rasgo de valentia.

«Foi este cabo, que conseguiu escapar, quem trouxe a noticia da sua morte e o revólver do intrepido official de marinha, que entregou ao capitão Moraes».

O medico Manuel da Silveira morreu mais tarde, depois de curar muitos ferimentos. Ambos tiveram o fim glorioso dos martyres, que succumbem por esse supremo ideal chamado patria, e que a armada tão alto e com tanto fulgor tem sabido e querido enaltecer em todas as épocas e em todas as circunstancias.

EDUARDO DE NORONHA.

VISÃO CRUEL

A VICENTE ARNOSO

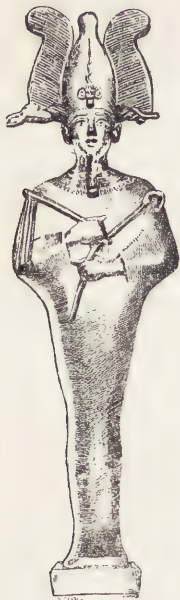
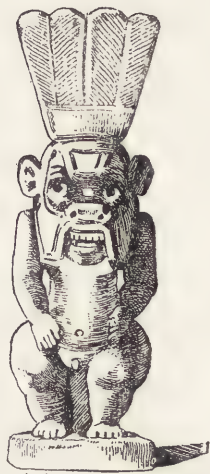
Dourados fios da existencia incerta,
Onde passaes, na complicada trama,
Que aqui nos prende entre a comedia e o drama,
Lançando a todos na cruel referta?

Vós existis; porém a mão que aperta
A teia immensa que um a um nos chama,
E o proprio sangue ao coração reclama,
É feita d'outros — dos que a Dôr desperta...

E assim debalde, visionarios, loucos,
Vamos seguindo pela estrada, aos poucos,
Á vossa busca, appetecidos fios!

Vae-se a frescura, e tu, Outono, avanças,
Mas ai, até aos que inda são creanças,
Se sois dourados, só par'ceis sombrios...

Affonso Vargas.

A música do Egipto
no tempo dos Faraós

OSIRIS

O DEUS BÉS
Bronzes do Louvre

ÍSIS-HATOR

A meu saudoso Pai, G. de Vasconcelos Abreu

Desde criança que tive sempre certa predilecção pelo Egipto, aonde nunca fui, mas aonde a fantasia me transporta muita vez.

Toda a arte egípcia, seja qual fôr o modo porque se manifeste, prende-me de veras a atenção, talvez com maior interêsse do que a arte sem especializar nacionalidade, nem época.

Impõe-se-me sempre o Egipto pela arquitectura, pelas ideas religiosas e pela antiguidade da sua extraordinária civilização — o maior mistério da História — extraordinária no mais remoto passado que lhe podemos sondar.

Nos monumentos egípcios, pirámides e outras fórmulas de túmulos, colunas, ruínas arquitectónicas de qualquer espécie, lêem-se em hieróglifos, documentos de usos, costumes, práticas civis, práticas religiosas de um povo, que na mais remota antiguidade foi educador de povos, de cujas crenças fizemos as nossas crenças e ainda daquele povo de cuja linguagem fizemos a nossa linguagem: do Egipto nos vieram pelos fenícios e pelos gregos as letras romanas da nossa escrita, lendas, tradições, leis religiosas, leis civis, embora indirectamente, e até iconolatria de assunto exclusivamente egípcio.

De documentos arquitectónicos, dos túmulos, das inscrições e dos papiros, alguns de milhares de anos antes da nossa era, e do testemunho de autores clássicos se tira o conhecimento que temos dos instrumentos músicos do Egipto, nomes e formas dêles, circunstáncias em que se empregavam. Felizmente alguns exemplares possuímos em museus, pelos quais podemos ratificar e melhorar sempre a conjectura em que ficariamos pela imagem que nos dão os documentos indirectos.

TOT
Barro esmaltado de Louvre

Terá sido o Egipto o berço da arte musical?

Não se pode nem afirmar, nem negar. Em absoluto é claro que o não foi: a música é exteriorização do sentimento humano, e tal sentimento e tal exteriorização é do homem, qualquer que seja a raça de que provenha, o lugar a que esteja adstrito, e até em grau inferior de cultura social.

Mas a música, arte cultivada pelos

povos que mais convergiram para o litoral mediterráneo, naquela parte oriental dêle, onde desde remota antiguidade esteve o foco da civilização do Mundo, quem a trouxe à vida?

Também não no sabemos. A Bíblia diz-nos que os descendentes de Caím foram os primeiros a praticar a arte musical, e que Jubal, filho de Adá, foi o pai dos que tocam *instrumentos de corda e instrumentos de foles.* Entre os cartagineses, Jubal filho de Adá *(a beleza)* é o inventor da música.

No Egipto a tradição religiosa diz-nos que a invenção da música e dos instrumentos de música, e a invenção da dança são obra de três divindades. Tot (a que por vezes à maneira grega se chama Hermes), Osíris e Maneros. Hoje sabe-se que Maneros não era divindade nenhuma e que Heródoto (1) e Pausánias (2) tinham acertado afirmando que era o nome de um canto lúgubre, qual o de Lino na Grécia.

Além dos dois deuses Tot e Osíris tinham os Egípcios mais a deusa da música e da beleza Ator, ou Hator, cujo templo era afamado em Téntira, a cidade do Alto Egipto, hoje chamada, por nome derivado daquêle, Denderah, e Bés, o horrendo marido de Hator, disforme de beiços e feição e em todo o corpo: anão, bojudo e cambaio; adorado porém, mais popularmente do que qualquer outra divindade, no campo, na cidade, de sul a norte, em toda a parte sem templo, nem lugar exclusivo, mas no interior das casas, no seio das famílias, em todo o Egipto. Na XII dinastia a popularidade do deus Bés era absoluta, e continuou a manter-se em certo grau de grande preferéncia até a época romana: foi então que a arquitectura elevou o deus Bés à dignidade de o representar por cima das colunas do templo de Mameisi em Denderah (3).

Das quatro divindades da música, Tot, Osíris, Hator, Bés, devemos por certo excluir Osíris. Os egiptólogos em geral assim o fazem, porque Osíris era uma divindade do reino dos mortos e nunca o seu nome foi encontrado como deus da música, antes pelo contrário, sabemos que no culto de Osíris não se admitia música. O motivo de se dizer que Osíris era padroeiro da música estava em que os gregos confundiam Osíris com Baco, o deus, na mitologia grega, da alegria, da gárrula ebriedade, da graça faceta e da dança que não observa compasso, nem decoro. Talvez devamos ainda excluir, se não em absoluto, de certo modo porém o deus Bés: êste era, como o deus Marte, marido de Vénus, mais deus da guerra, do que deus própriamente da música; teve êste atributo por motivo da música guerreira e por ser o marido de Hator.

Ficam pois as divindades da música, no Egipto, própriamente Tot e Hator, e Tot considerado como inventor da música, da fala e da escrita, era grande sabedor, matemático, astrónomo e médico.

A principal localidade em que se estudava a arte musical era Téntira (Denderah). Dalí saíam para outras partes os melhores músicos e as mais graciosas bailadeiras (dançarinas e cantoras).

*

Da música no Egipto pouco se pode afirmar em consciéncia, porque os Egípcios não nos legaram música escrita, se alguma vez a escreveram.

Em tantos milhares de representações feitas nos túmulos nota-se que nenhum músico tem exemplar por que se guie, em que esteja escrita a parte que êle executa; e por essas mesmas representações se vê que a musica ocupou logar importante no culto religioso, nas cerimónias fúnebres, em festas reais, em festas particulares, em íntimas reuniões e em festas públicas.

Teriam êles por certo manifestado vocação músical, que poderiamos hoje apreciar, se as conveniéncias sociais e muito principalmente os preceitos religiosos não imperassem contra as expansões artísticas-musicais; não era a religião que impedia o culto da música, mas sim os sacerdotes, que a queriam como propriedade exclusiva; foram êles os maiores cultores da música no Egipto: todos os templos tinham orquestra.

A música aprendia-se de ouvido; nem mesmo os melhores intérpretes tinham idea de harmonia; aprendiam pela prática da execução, transmitiam a composição musical pela passagem desta ou daquela inspiração ouvida e de ouvido executada; transformavam-se lentamente as músicas, porque o ouvido do egípcio devia de ter sido muito apurado e seguro a calcularmos pelo que se conhece dos indí-

(1) I, 79 trad. de Rawlinson.
(2) IX, 29 trad. de Frazer.
(3) Flinders Petrie, Egp. Decor. Art. pag. 116.

genas actuais. Dava-se muito merecimento ao artista-compositor; se a sua inspiração encontrava bom acolhimento, era chamado a diferentes lugares onde se celebravam festas; com êle ia o bando que dirigia; a obra era apreciada e a execução, para melhor o artista, era remunerada com largueza.

Podemos concluir das representações que existem, que as músicas eram apropriadas ao fim a que se destinavam; era vocal e instrumental a música religiosa; a calcularmos pelos cantos actuais e pelas relações indirectas que possuímos, o caracter devia de ter sido acentuadamente triste : a música era executada por sacerdotes.

Em enterros, quer de pessoas reais, quer de pessoas gradas, eram as músicas plangentes e doloridas acompanhadas pelo som monótono do tamboril, vozes clamorosas de carpideiras, que ao mesmo tempo que elogiavam o morto o pranteavam em altos gritos, e se iam cubrindo com a poeira do caminho.

Outro género de música havia completamente dìferente; não tinha a tristêsa, a unção, o lamento acentuado; era alegre e animado para a dança, ou sereno e amoroso na poesia lírica, de sentimento e paixão para desafôgo de alma.

Os egípcios ricos davam grandes festas, e um dos principais atractivos nestas festas era a música e a dança; tinham audições de solos de teorba ou mandura, espécie de guitarra, acompanhados de canto; tinham quartetos, quintetos de diversos instrumentos; córos de homens acompanhados de harpas; organizavam verdadeiros concertos. Durante as refeições tambem tinham música e dança, em que empregavam harpas, tamboris, flautas e duplas-flautas; nos actos mais íntimos também havia música, pois que o tempo que uma dama egípcia levava a vestir-se e a toucar-se era preenchido com melodias; há uma pintura em que ao lado da figura de mulher amamentando uma criança se vê outra a tocar guitarra, e mais uma que parece cantar e bater o ritmo com as mãos; leva isto a concluir-se que a música entrava nas mais íntimas ocupações.

Nas habitações reais os Faraós tinham música vocal e instrumental, para entretenimento próprio e para o culto religioso, e um funcionário do Estado, especialmente, encarregado de superintender neste serviço, a quem conferiam o título de *intendente do canto e recreio do rei*, como diz Chabas, e ao qual podemos comparar o *fonasco* grego e o *precentor* romano.

Havia escravos expressamente educados na música vocal e instrumental, e alguns em tam grande conta eram tidos, que só por altos preços se compravam.

Em todo o género de música, quer religiosa, quer profana, está provado que se marcava o ritmo batendo-o com as mãos, e é isto tam constante que por certo devia de ser rigoroso.

A primeira idea que há quando se pensa na música do antigo Egipto é que naquele país tão guerreiro devia existir a banda militar e música exclusiva, a música Bés. A banda militar parece ter existido; em muitos monumentos vêem-se cenas militares, grupos de músicos militares, tocando trombetas, tamboris e crótalos.

Quando o Egipto estava sob o domínio grego, Ptolomeu Filadelfo deu uma festa, na qual figuravam dois grupos de músicos extremamente numerosos; compunha-se um de 600 *sátiros* cantando ao som de flautas *canções báquicas*; o outro era formado por 300 coristas, 600 músicos, 300 guittarristas, ao todo 1.800 figuras!!...

....

Apesar da acentuada predilecção que os egípcios tinham pela música, é para admirar a pouca importáncia que socialmente davam aos músicos; mas tinham um motivo: atribuindo-se a música a divindades, os sacerdotes não a queriam vulgarizada, mas sim exclusivo seu, como se fôra um dom que só êles possuíssem e por tal motivo eram contra toda a música profana, de forma que muito dificilmente a aristocracia egípcia se dava ao estudo da música, só os menos crentes, menos submissos, passavam por cima dêstes preconceitos.

A classe que se dava ao cultivo da música profana era posta a par da dos trabalhadores mecánicos; aos músicos de profissão era-lhes interdito ocuparem lugares públicos e os seus descendentes só podiam exercer o mistér dos antepassados; de forma que muitos dêles não era por gôsto, nem intuição musical que aprendiam êste ou aquêle instrumento; se o pai era cantor tinha o filho de o ser, embora fosse afónico; se era flautista tinha de tocar flauta, embora os pulmões não lhe dessem ar suficiente para isso; teria que ser harpista mesmo que fosse aleijado das mãos!!... Alguns autores há que não aceitam êste parecer, mas não apresentam factos que o contradigam.

A par disto havia músicos talentosos, que tinham inspirações e boas disposições físicas para exercerem a profissão de artista-músico.

Só depois da conquista do Egipto por Alexandre Magno é que a música ali se começou a expandir. Os gregos espalharam um novo género de música, e os egípcios extasiados deram largas às suas expansões e ao talento musical, que em nada era inferior ao dos gregos. Só a partir de então para cá houve no Egipto o que em linguagem de hoje chamamos «músicos-curiosos».

HARPISTA PINTADO NO TUMULO DE RAMSÉS III, EM THEBAS

*

* *

Os instrumentos

Os instrumentos atestam que os progressos da música nesta época eram consideráveis; pois só ao cabo de muito trabalho, de muita prática e à força de muita inteligencia se podia chegar a construção tam perfeita dos instrumentos, que eram bastantes e de várias formas.

Não me alongarei nesta descrição, como já o não fiz no que disse da música, porque se escrevesse como merece tal assunto, não podia ser num breve artigo.

São Tot e Osíris os principais inventores da música e dos instrumentos no Egipto, segundo a tradição.

Os instrumentos são: *de corda; de sôpro, de pancada.*

Instrumentos de corda

LIRA

Tot inventou a lira de 3 cordas, relacionadas mitológicamente com as 3 estações do ano, cada corda de som diferente: som médio referido à *primavera,* som agudo ao *estio,* som grave ao *inverno.*

Há duas fábulas relativas à *invenção* da lira; uma diz que «Tot tirou os nervos a Tifão para fazer as cordas», outra que «o Nilo ao recolher ao «leito, depois da cheia, deixara as «margens juncadas de cadáveres de «diversos animais. Tot (que os gre- «gos compararam a Hermes) ao pas- «sar por aquelas planícies ia exa- «minando os esqueletos; apanhou «uma tartaruga que o sol já havia «secado, pelo quê ficara apenas «com três fibras intestinais presas «a um e outro lado da caixa. Tot «apanhou-a e começou a querer «tirar as fibras, quando ao puxar «sentiu um som melodioso que lhe agradou; «repetiu o movimento e sempre o mesmo som; «experimentou as outras fibras resultou-lhe «som diferente. Levou a concha, estudou-a e «fez a lira de 3 «cordas.»

Variava este instrumento muito de feitio e número de cordas.

As liras eram geralmente de madeira, ornados os topos de cada braço por cabeças de animais, como cavalos, gazelas, íbis e outros, conforme o gôsto e fantasia do fabricante, ou de quem encomendava o instrumento; as cordas fixavam-se no tôpo e vinham prender-se a um cavalete no fim da caixa, ou a meio.

Da mesma época da lira primitiva de 3 cordas, 3.000 anos antes da nossa era, havia liras de 7, 8, 9 cordas. Houve depois liras de 10, 11 e 18 cordas. No museu de Berlim e no de Leda existem liras egípcias perfeitamente conservadas.

A maneira como os tocadores traziam a lira era metendo-lhe a base debaixo do braço

esquerdo, de forma a segurá-la com o antebraço aconchegado ao corpo; assim tinham êles as mãos livres; tambem encostavam a base da lira ao peito, ficando o instrumento sempre perpendicular: dambas as maneiras tinha a lira uma correia que passava por cima do ombro e pelas costas e assim impedia a queda do instrumento, e servia para trazer a lira a tira-colo quando não era preciso tocar o instrumento.

A maneira que parece ter sido mais usual de tocar a lira era com ambas as mãos, quer com os dedos desajudados de palheta, quer com palheta na mão direita e sem palheta na mão esquerda.

Na escrita hieroglífica dizem ter sido a lira a imagem da harmonia dos corpos celestes.

HARPA

Os instrumentos semi-circulares do género das harpas são os que mais se encontram nos baixos relevos e pinturas dos monumentos e túmulos.

As harpas diferiam muito de feitio: umas eram muito simples, outras ormentadas ricamente e com pinturas a côres vivíssimas; o número de cordas variava de 3 até 22.

As harpas mais antigas que se conhecem acham-se nas esculturas de um túmulo perto das pirámides de Gizé; a forma destas harpas não é nem tam bonita, nem tam enfeitada, como geralmente o é nas outras; tinham 7 e 8 cordas.

Já havia harpas de 18 cordas no tempo de Amássis, primeiro rei da 18.ª dinastia, 1570 anos antes de Cristo.

Julga-se que a madeira de que se fabricavam as harpas era da Índia, ou do Senegal; são da madeira chamada *mohogano swietenia* as harpas existentes nos museus egípcios de Florença e Paris. Cubriam algumas vezes a madeira com cabedal, com marroquim verde, com marroquim escarlate, e adornavam-nas de divisas e de emblemas; assim são as da colecção Salt *(cónsul inglês,)* achadas em Tebas.

Todas as harpas egípcias teem uma particularidade muita importante, a falta da «barra-consolo» das harpas modernas. Custa a compreender como é que as duas extremidades ofereciam resisténcia suficiente e as cordas conservavam a afinação; não é tanto para admirar nos instrumentos de curva pouco pronunciada, mas muito admira nos que são muito curvos e nos triangulares.

As cordas eram de tripas de gato, e bem o atestam as harpas encontradas em Tebas, que em 1823 (da nossa era) tinham ainda as cordas esticadas e susceptíveis de dar som, tirado pelos dedos europeus, como o deram tantos séculos antes tocadas pelos egípcios.

As cravelhas eram alternadamente de ébano amarelo e ébano preto, ornadas de pinturas ou flôres de lódão.

As harpas egípcias nada tinham que se parecesse com o mecanismo dos pedais das nossas harpas.

Para tocar harpa não se serviam de palheta, mas só dos dedos e das mãos espalmadas.

A harpa de 3 e 4 cordas é menos arqueada e traziam-na ao ombro, passando a cabeça por entre a madeira e as cordas; esta maneira de trazer as harpas só era usada quando tocavam andando, porque em geral assentavam

HARPISTA PINTADO NO TÚMULO DE RAMSES III, EM THEBAS

as harpas no chão, ou num escanho; o executante estava de pé, ou assentado numa espécie de tamborete, ou com um joelho em terra, ou assentado no chão com as pernas encruzadas, ou assentado nos calcanhares; tanto homens como mulheres tocavam harpa.

LIRA ORNADA
COM UMA CABEÇA DE ANIMAL

No túmulo de Ramsés III há numa das mais belas pinturas relativas a harpas: são dois sacerdotes que perante uma divindade fúnebre tocam harpa; uma harpa representa o Alto Egípto (tem 13 cordas); já é admirável a expressão diferente dos dois sacerdotes, mas ainda mais bello o lançado e a ornamentação das harpas, elegantes, de perfeita magnificéncia, ricamente desenhadas; mostram bem a inteligéncia, o talento produtivo na execução dos instrumentos; a de 13 cordas é a mais linda.

Não se pode dizer que a harpa fosse o instrumento mais antigo, visto dar-se a primazia à lira de Tot (ou Hermes), mas foi sem dúvida o mais usado e o mais generalizado.

GUITARRAS

A guitarra egípcia, teorba ou mandora, não tinha variedade nenhuma na forma, nem tam pouco a riqueza e elegáncia da harpa e mesmo da lira.

Por me parecer interessante direi aqui, segundo a autoridade de H. Brugsch (1), que «a guitarra egípcia tinha o nome de *nfr*, muito provávelmente origem do hebreu *nbl*, e do grego *nabla*, que deu o latino *nablium*.»

Compunha se a guitarra de um braço chato, quási sempre bastante comprido, curto algumas vezes, e de uma caixa acústica oval, feita de um só bocado de madeira escavada e cuberta com uma tábua fininha de madeira, ou então cuberta de couro, com aberturas para dar mais som; o braço quási sempre terminava a um terço do tampo, porém algumas vezes saía um pouco para fora do tampo; o cavalete, pôsto na parte inferior, levantava bastante as cordas para que não assentassem nem no braço, nem no tampo; era quasi sempre de forma triangular êste cavalete, feito de madeira dura, ou de marfim; nas guitarras não se encontram cravelhas; o braço da guitarra tinha por vezes o dôbro e o triplo do tampo, e terminava em algumas por ûma cabeça esculpida; a guitarra ao todo media um pouco mais de 1^{m},250.

Tocava-se a guitarra com palheta, que andava presa por um cordão ao instrumento; tocavam-na homens ou mulheres, quási sempre de pé, outras vezes assentados sôbre os calcanhares, e tendo o instrumento seguro por um cordão em volta do pescoço; por vezes tambem tocavam e dançavam ao mesmo tempo; as cordas eram metálicas, quási sempre 3, poucos instrumentos de 2.

Parece ter sido pouco usada a guitarra monocorda e só ter servido para segurar o tom da voz no canto dos poetas.

Há uns instrumentos que Salt levou para o Museu Británico e que se depreende terem sido os que serviram de passagem da harpa para a guitarra. Um dêles parece-se muito com a harpa, mas é de muito menor tamanho: compõe-se de dois ramos unidos em anglo recto; o ramo (ou braço) inferior é terminado por um pescoço e cabeça de pato, as cordas são 9 e veem horizontalmente dum braço ao outro.

MULHER TOCANDO GUITARRA

Há outros que se parecem com a guitarra, feios e desairosos; o braço é extremamente curvo e mede 38 centímetros; a base é formada por um corpo redondo que mede 117 milímetros, em alguns coberto por uma tábua muito delgada, noutros por couro, e ainda noutros por pergaminho; as cordas são postas paralelamente em plano vertical, e veem do cimo do braço ao tampo.

(Conclui no próximo número).

JOSEFINA DE VASCONCELOS ABREU.

(1) *Die Aegypthologie* 433.

Summario dos capitulos I a VIII

Sherlock Holmes, o tão celebre DETÉCTIVE *é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso — : O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a* LENDA DO CÃO FANTASMA. — *Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A solicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nóvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando comsigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do* TIMES. — *Pesquizas. — A bota trocada. — Peripecias. — O barometro resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Martimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desapparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu* ALTER EGO, *doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do* CAB. — *Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Baskerville. — Suspeitas. — Uns soluços misteriosos. — Watson tenta esclarecer o misterio. — Interrogatorio do mordomo. — Resultado infructifero. — Suspeitas. — Governante lugubre. — Pesquizas. — Encontro imprevisto: o naturalista. — Os perigos da charnéca. — O sorvedoiro. — Berro misterioso. — Habitações pré-historicas. — Surpreza sobre surpreza: a beldade do brejo. — Aviso inesperado. — Aprehensões tetricas. — O relatorio do doutor Watson. — Amores do baroneto. — Visitas aos logares sinistros. — Novo misterio: a sombra nocturna. — Somnambulo ou malfeitor? — A luz accusadora.*

CAPITULO IX

Segundo relatorio do dr. Watson

A LUZ NA CHARNECA

Mansão de Baskerville, 15 de Outubro.

MEU PREZADO HOLMES. — Supposto me visse na necessidade de ser parco para comtigo em novidades durante os primeiros dias da minha missão, não deixarás de confessar que estou compensando o tempo perdido, e que os acontecimentos principiam a affluir sobre nós. No meu ultimo relatorio rematei a minha missiva com o Barrymore á janéla, e agora tenho um cadastro inteiro e que, se me não illudo, te hade causar surpreza, e não pouca. As coisas tomaram um rumo que eu estava mui longe de antecipar. A certos respeitos, no prazo recente de quarenta e oito horas, assumiram muito

maior clareza, tornando-se, de algum modo, mais complicadas. Vou porém dar-te conta de tudo, e por ti mesmo avaliarás.

Na manhã do dia posterior á minha aventura, antes do almoço, enfiei pelo corredor e fui examinar o quarto em que o Barrymore havia estado, a noite passada. Com a janéla, viráda ao poente, através da qual mirava com tamanha intensidade, dá-se uma circunstancia peculiar e que se não dá com mais nenhuma janéla da mansão — é aquélla de onde se vê de mais perto a charnéca. Existe um interválo entre a copa de duas arvores permitindo a qualquer, desde este ponto de observação, o vê-la, de perto, emquanto das outras janélas apenas se vê para o longe. E' obvio, pois, que Barrymore, desde que esta janéla, tão somente, serviria os seus intentos, estaria procurando ver alguem ou alguma coisa na charnéca. A noite estava escurissima, de modo que mal posso comprender como é que elle esperaria ver quem quer que fosse. Occorreu-me a possibilidade em se tratar de uma qualquer intriga amorosa. Explicar-se-iam assim os seus movimentos furtivos e a inquietação da consorte. O nosso homem é um individuo cuja presença dá nas vistas, é assás de bem apessoado para captar o coração de qualquer moçoila do campo, de modo que esta theoria não deixava de encontrar factos em seu abôno. Aquella porta, que eu senti abrir-se depois de haver recolhido ao meu quarto, podia muito bem significar que tinha saído no intuito de concorrer a alguma cilada clandestina. Foram estes os meus raciocinios no dia seguinte de manhan, e transmíto-te a direcção que tomaram as minhas suspeitas, supposto o resultado possa haver manifestado serem infundadas.

Mas qualquer que seja a verdadeira explicação dos actos de Barrymore, senti que a responsabilidade de os guardar de mim comigo, até poder encontrar-lhes solução, era superior ás minhas forças. Tive uma entrevista com o baroneto no seu escritorio, depois do almoço, e contei-lhe tudo que havia observado. Manifestou menos surpreza da que eu futurava.

— Eu já sabia que o Barrymore corria as casas, a deshoras, e fazia tenção de falar com elle a esse respeito, declarou. — Senti-lhe as passadas, duas ou tres vezes, no corredor, para cá e para lá, á hora, justamente, apontada pelo meu amigo.

— E' possivel, então, que elle vá todas as noites fazer a sua visita á tal janéla, avancei.

— E' possivel que sim. Se assim for, deviamos tratar de espreitá-lo, e ver o intuito desses seus passeios. Não se me daria de saber o que é que faria o seu amigo Holmes se aqui estivesse?

— Quer-me parecer que fazia o mesmo, justamente, que sir Henry acaba de sugerir, volvi. Seguir os passos a Barrymore e ver o que é que elle fazia.

— Nesse caso, fá-lo-êmos conjuntamente.

— O peor é o elle poder presentir-nos.

— O homem é um tanto surdo, e em todo o caso devêmos correr-lhe o risco.

Esperarêmos, a pé, esta noite, no meu quarto, até que elle passe.

Sir Henry esfregou as mãos de contente, e era evidente o elle festejar a aventura na qualidade de alivio áquelle seu viver tão monotono na charnéca.

O baroneto estivera em communicação com o arquitéto, autôr das plantas encommendadas por sir Charles, e com um mestre de obras de Londres, de modo que podemos esperar grandes mudanças por aqui, mui brevemente. Tem vindo aqui decoradores e estofadores de Plymouth, e o nosso amigo, evidentemente, é homem de ideias largas, e que não tenciona poupar-se a canceiras ou a despêsas com o fito em restabelecer a grandeza da sua familia. Assim que a casa se achar renovada e remobilada, do que elle precisará para completá-la será de uma esposa. Aqui muito entre nós, não deixam de haver sintômas de que não será por falta da alludida entidade, se é que a dama estiver por isso, pois me não recordo de ter visto um homem mais embeiçado com uma mulher, do que elle o está com a nossa formosa vizinha, miss Stapleton. E contudo, a torrente de tão entranhado affecto não deslisa com tanta amenidade quanto era de esperar, atentas as circunstancias. Hoje, por exemplo, veiu enrugar-lhe a superficie um caso de todo inesperado, causando ao nosso amigo singular perplexidade e não menos dissabor.

Depois da conversa a que me referi relativa a Barrymore, sir Henry pôs o chapeu e dispunha-se a sair. Escusado é dizer que fiz outro tanto.

— Pois quê? você vem tambem, Watson? perguntou, a olhar para mim de modo singular.

— E' conforme. Se tencionar ir a charnéca, vou — retorquí.

— Vou, sim.

— Muito bem, sabe quaes são as instrucções que me deram. Sinto tornar-me importuno, mas bem ouviu com que intimativa insistiu Holmes em que o não perdesse de vista, e muito em especial que o não deixasse ir sósinho á charnéca.

Sir Henry pôs-me a mão no hombro, com sorriso prazenteiro.

— Meu caro amigo, proferiu, Holmes, com toda a sua sabedoria, não previu certas coisas que se tem dado desde que tenho ido á charnéca. Não sei se me intende ? Estou certo de que o meu amigo será a ultima pessoa deste mundo capaz de desejar tornar-se um desmancha-prazeres.

Tenho que ir sósinho.

O facto collocava-me em situação embaraçadissima. Fiquei perplexo ácerca do que diria ou faria e, sem me dar tempo para tomar uma resolução, pegou na bengala e abalou.

Eu, contudo, depois de pensar bem no caso, senti arguir-me a consciencia, acerbamente, pelo facto de lhe haver consentido, fosse qual fosse o pretexto, sair sósinho fóra do alcance da minha vista.

Ponderei qual não seria o meu sentimento dado o cáso de eu ter de regressar para junto de ti e confessar-te que tinha succedido qualquer desgraça motivada pelo meu desleixo em obedecer ás tuas instrucções.

Afirmo-te que senti o sangue afluir-me ás faces, só de me lembrar semelhante hipotese

E dahi, talvez ainda fosse a tempo de o alcançar, em vista do quê, abalei por ali fóra em direcção á Residencia de Merripit.

Palmilhei a estrada a passo dobrado e nem vestigios sequer de sir Henry, até que alcancei um ponto em que o carreiro da charnéca se bifurca.

Ali, receando ter seguido direcção errada, afinal, trepei a um monte donde podia espraiar a vista, — o mesmo monte que se acha escarvado em lobrega pedreira. Consegui vê-lo, desde logo. Caminhava pelo carreiro da charnéca, á distancia de um quarto de milha, e a pár delle uma dama, que só podia ser miss Stapleton.

Era evidente o existir entre um e outro um certo accôrdo, e o haverem aprazado o encontro. Caminhavam devagar em intima palestra, e observei que a joven accionava com as mãos em movimentos curtos, rapidos, como quem afirma qualquer coisa com muita intimativa, ao passo que elle a escutava, atento, abanando a cabeça, uma ou duas vezes, com energica discordancia. Continuei a observá-los por entre a penedia, perplexo quanto possivel ácerca do que me cumpria fazer. O segui-los e ir interromper-lhes o intimo colloquio antolhava-se-me com as proporções de atrevimento, e não obstante, o meu estricto dever era o de nem por um instante, sequer, o perder de vista. O desempenhar o papel de espião para com um amigo era tarefa odiosa, e contudo, não atinava com melhor alvitre que o de o ir observando do monte, e desafogar a consciencia confessando-lhe depois o acto que havia praticado. Verdade seja que se acaso o ameaçasse um qualquer perigo eu me achava longe de mais e lhe não podia valer e, contudo, tenho a certeza de que concordarás comigo em que era ardua a situação e que não estava em minha mão fazer mais.

O nosso amigo sir Henry e a dama tinham parado, na vereda, absortos de todo em seu colloquio, eis que reparo em que não era eu a unica pessoa que estava presenceando a sua entrevista. Uns laivos verdes a adejarem no ar vieram ferir-me a vista, e afirmando-me melhor percebi serem arvorados por um individuo andando a tombos por entre as anfractuosidades do terreno. Era Stapleton brandindo a sua rêde de borboletas. Estava muito mais proximo do que eu do amoroso par, e parecia encaminhar-se em direcção a este. Neste instante, sir Henry atrahiu para si de subito miss Stapleton. Cingiu-a pela cintura, mas quis-me parecer que ella barafustava para se soltar do amplexo desviando o rosto. Elle, a chegar a cabeça ao rosto da joven, e ella de mão erguida como que protestando. Acto continuo vi-os apartarem-se de golpe, e voltarem-se para trás, apressados. Stapleton fôra a causa de semelhante interrupção. A correr num desatino para os alcançar, e com a absurda rêde aos baldões atrás de si. A esbracejar e a dansar, quasi, de excitado, em frente dos namorados. A significação daquella scena não a podia eu atingir, afigurou-se-me, porém, que Stapleton estava arguindo sir Henry, que se desfazia em explicações, que mais iracundas iam parecendo á proporção de que o outro se negava a aceitá-las. A joven desviada, um tanto, altiva e silenciosa. Até que porfim, Stapleton girou sobre os calcanhares, acenando com uns ares peremptorios á irman, e esta, volvido um olhar de irresolução a sir Henry, afastou-se a par do irmão. O gesticular furibundo do natura-

lista demonstrava achar-se incluida no seu descontentamento a irman. O baroneto ficou-se por instantes a segui-los com a vista, e depois voltou a passo vagaroso pelo mesmo caminho, cabisbaixo, a vera effigie do desconsolo.

Qual a significação de tudo aquillo mal a podia eu imaginar, mas pejava-me sobremodo o ter presenceado scena de tanta intimidade, sem que o soubesse o meu amigo. Galguei de um pulo o desladeiro do monte e fiz-me encontradiço com o baroneto na arreigada. Tinha o rosto afogueado e as sobrancelhas contrahidas, como quem se achasse perplexo de todo com respeito ao alvitre de que devia lançar mão.

— Houla! Watson! Donde surdiu você, com a fortuna!? exclamou. Ouso esperar que não viria atrás de mim?

Expliquei-lhe tudo: como se me tornava impossivel o deixar-me ficar para ali, o facto de ter seguido atrás delle, e de haver presenceado a quanto occorrêra. Por instantes, fitou-me uns olhos como brásas, a minha franqueza desarmou-o porém, e em conclusão desatou a rir, com um riso um tanto contrafeito.

— O seio desta campina dir-se-ia ser um logar bastante seguro para alguem escapar ás vistas do proximo, ponderou, — mas, com todos os diabos, está-me a parecer que a comarca em peso se congregou para presencear os meus galanteios — e galanteios bem desastrados, valha a verdade! Para onde é que tinha tomado bilhete?

— Eu estava além, naquelle monte.

— Lá na ultima fila, hein? Mas o irmão é que se acautelou com um logar de frente. Viu-o investir comnosco?

— Está claro que vi.

— Já teria occasião de notar que o tal estafermo do irmão estava um tanto azoratado do miôlo?

— Confesso não ter dado por semelhante coisa.

— Eu tambem não. Até hoje tive-o sempre por pessoa sensata, mas, creia no que lhe digo, ou a elle ou a mim deviam vestir-nos uma camisa de força. Que vem a ser isto que se está dando comigo? Tem vivido em minha companhia ha já semanas, Watson. Ora diga-me, com franqueza! Haverá alguma coisa que possa impedir-me de vir a ser um bom marido para uma mulher a quem dedico amor?

— Quer-me parecer que não.

— Elle não póde encontrar objecção na minha posição neste mundo, será pois a minha pessoa que lhe não quadre? Que terá elle contra mim? Nunca fiz mal quer a homem quer a mulher em toda a minha vida, que eu me lembre... E não obstante não consente sequer em me deixar tocar-lhe com as pontas do dedos!

— Pois elle disse isso?

— Disse, e muito peior, ainda. Oiça lá, Watson, ha meia duzia de semanas que a conheço, e desde o primeiro instante senti que fôra talhada para mim, e ella — tambem — estava contente quando se achava ao pé de mim, iria jurá-lo. Ha uma luz nos olhos da mulher que fala mais claro do que as proprias palavras. Elle, contudo, nunca nos deixou sósinhos, e hoje, apenas, encontrei pela vez primeira ensejo de mutuar com ella, a sós, meia duzia de palavras. Ella estimou encontrar-me mas quando isso se effectuou de tudo me falou menos de amôr, nem me consentiu que falasse em semelhante assunto, por sua vontade. Tudo era voltar ao bordão de que isto por aqui era um logar perigoso, e que não podia ter socego emquanto me não visse daqui para fóra. Eu, afirmei-lhe que desde que puséra os olhos nella não tinha pressa em me afastar, e que, se effectivamente desejava que me fosse embora, o meio unico era encaminhar as coisas de modo que viesse em minha companhia. Dito isto, sem muito gasto de palavras propús-lhe casamento, mas, antes até de ella me poder dar resposta, cáe-nos em cima o energumeno do irmão, a correr como um damnado e com uns esgares de doido. Vinha fulo de raiva, e aquelles olhinhos deslavados a emitirem chispas, de enfurecidos. Porque andava eu perseguindo assim uma senhora? Como é que eu tinha a ousadia de lhe ter dedicado atenções que lhe eram desagradaveis? Se eu estava persuadido de que, pelo facto de ser baroneto, podia fazer quanto me viésse á cabeça? Não fôra elle irmão della, e eu bem sei a resposta que lhe dava. Atendendo ás circunstancias declarei-lhe que os meus sentimentos para com a irman eram taes que me não podiam envergonhar, e que esperava que ella me fizesse a honra de me aceitar a mão de esposo. Semelhante declaração, pelos modos, ainda mais concorreu a agravar o caso, e para encurtar razões, perdi a paciencia, e repliquei-lhe com mais calor do que devera ter feito, talvez, considerando achar-se ella presente. E o desfecho do lance

foi o elle afastar-se com ella, conforme presenceou, e eu para aqui fiquei, estupido e desasádo como não haverá outro por estas immediações.

Se fôr capaz de me dizer o que significa tudo isto, Watson, ficar-lhe-ei devendo mais do que jámais espero poder pagar-lhe.

Aventurei-me a uma ou duas explicações, mas na verdade, eu, pela minha parte, não estava menos perplexo. O titulo do meu amigo, a sua opulencia, a sua edade, o seu caracter e a sua apparencia pugnava tudo em seu favor, e não sei nada de que o possam arguir a não ser aquelle tenebroso fado pairando sobre a sua familia.

O facto de haverem sido rejeitadas as suas propostas e rejeitadas com tal desabrimento e sem a minima referencia aos desejos da propria interessada, e o haver aceitado esta a situação sem protesto, eram casos de espantar, não ha duvida. E todavia, veiu pôr treguas ás nossas conjecturas a visita do proprio Stapleton naquella mesma tarde. Viera com o intuito de apresentar as suas desculpas pela sua imprudencia, de manhã, e o resultado de uma demorada conferencia, á porta fechada com sir Henry, no escritorio deste, foi o achar-se sarada de toda a ferida, e nós irmos jantar á Residencia de Merripit, na proxima sexta feira, como sinal de reconciliação.

—Não me desdigo ainda quanto a elle andar azoratado do miolo, ponderava sir Henry. —Não me podem esquecer os olhos que elle me deitava ao crescer para mim, esta manhan, mas cumpre-me confessar que ninguem se poderia desculpar tão delicadamente como elle o fez.

—Apresentou alguma explicação do seu modo de proceder?

—A irman é para elle tudo, neste mundo, alega elle. Quanto a isso, é natural e folgo em que elle lhe comprenda o valor. Têm vivido sempre juntos, e segundo elle conta tem sido um homem insulado, cuja companheira unica era ella, de sorte que o pensar que se havia de ver sem ella era terrivel para elle. Não tinha percebido, alegou, a circunstancia de eu me ir afeiçoando á irman, mas quando viu, com os proprios olhos, que assim era, effctivamente, e que lh'a poderiam arrancar foi tamanho o abalo que sentiu que por um lapso de tempo não foi responsavel pelo que disse ou pelo que ez.

Sentia deveras quanto se havia dado, e era o primeiro a concordar a que ponto era insano e egoista o elle imaginar que podia reter em seu poder uma mulher formosa qual era a irman, por toda a vida. Se ella tinha de o deixar, que antes queria que fosse em favor de um vizinho como eu do que de outro qualquer.

Mas que em todo o caso para elle era isso um golpe, e que lhe levaria algum tempo a conformar-se com semelhante contingencia. Que desistia de toda e qualquer opposição da sua parte comtanto que eu lhe prometesse deixar as coisas conforme se achavam, pelo prazo de tres mêses, contentando-me com cultivar amistosas relações com a joven durante o dito prazo de tempo, sem exigir desta maior compromisso. Prometi, e aqui tem em que altura está o negocio.

Fez-se pois luz quanto a um dos nossos misteriosinhos. Já não é mau o havermos encontrado fundo neste atoleiro em que andamos a barafustar. Ficamos sabendo porque era que Stapleton via com maus olhos o pretendente á mão da irman — a despeito desse pretendente representar um tão bom partido qual era sir Henry.

E agora passarei a occupar-me de outro fio que eu desencadilhei da emaranhadissima meada, o misterio daquelles soluços nocturnos, do rosto sulcado de lagrimas de mistress Barrymorse, da jornada secreta do mordomo á janéla de grades, da banda do poente.

Dá-me-os emboras, prezado Holmes, e confirma-me que não desmereci a teus olhos na qualidade de agente, — que te não arrependes de haver depositado confiança na minha pessoa mandando-me para aqui. Estes casos foram todos elles esclarecidos mediante o trabalho de uma noite.

«Trabalho de uma noite» disse eu, mas em boa verdade, foi trabalho de duas, visto como na primeira ficámos todos ás aranhas. Fiquei a pé com sir Henry, no quarto deste, até ás 3 da madrugada, aproximadamente, mas não conseguimos ouvir som de especie alguma a não ser a pancada do relogio de parede, na escada. Foi uma vigilia melancolica quanto possivel, e rematou por adormecermos ambos cada qual em sua cadeira. Não desanimámos, felizmente, e resolvemos tentar de novo a sorte. Em a noite immediata diminuimos a luz ao candieiro, e sentámo-nos para ali, a fumar cigarros, sem tugir. Era incrivel o vagar com que deslisavam as horas, e contudo, servia-nos

de incentivo a mesma casta de interesse paciente que deve experimentar o caçador de atalaia á armadilha em que espera ver cair a caça. Deu uma hora, deram duas, e estavamos já a ponto de desistir pela segunda vez, desanimados de todo, quando, de subito, nos perfilámos ambos na cadeira, espertados os fatigados sentidos, e de ouvido álerta, por mais uma vez. Tinhamos presentido o ringir de umas passadas no corredor.

Sentimo-las deslisar de mansinho, afastarem-se e esmorecerem na distancia. O baroneto abriu então a porta e seguiu-lhes no encalço. O nosso individuo havia já tornejado a varanda, e o corredor estava de todo ás escuras. Fomos avançando, pé ante pé, até alcançarmos o outro lanço do edificio. Chegámos justamente a tempo de lobrigarmos de relance o vulto alto, de barba preta, de hombros muito encolhidos, a andar em bicos de pés pelo corredor. Depois, transpôs a mesma porta, como da primeira vez, e a luz da véla a emoldurá-la de trévas e a despedir um raio unico, amarelado, através da escuridão do corredor. Seguimos em passo de ladrão atrás delle, tenteando a cada taboa do soálho antes de nos atrevermos a assentar-lhe o pé em peso.

A' cautéla tinhamos descalçado as botas, mas, ainda assim mesmo, as taboas carunchosas ringiam e estalavam debaixo de nossos pés. Chegava por vezes a parecer incrivel o elle não presentir que nos aproximavamos. Felizmente, porém, o homem é um tanto surdo, e absorvia-o completamente a empreza em que ia empenhado. Quando finalmente alcançámos a porta e espreitámos lá para dentro, lá o bispámos debruçado, á janéla, de castiçal na mão, com o rosto livido, de expressão intensa, coládo contra a vidraça, tal qual eu o tinha visto duas noites atrás.

Não tinhamos combinado plano algum de campanha, o baroneto é porém um homem para quem o modo mais directo é sempre o mais natural. Enfiou por ali dentro, e ao presenti-lo Barrymore deu um salto para trás na janéla, com um agudo silvo na respiração, e espécado, livido, todo elle num tremor. Os negros olhos, fulgidos na mascara lívida do rosto, exprimindo horror e espanto ao fitarem-se em sir Henry e na minha pessôa.

...POR CIMA DOS PENHASCOS, POR ENTRE A FENDA EM QUE ARDIA A VÉLA SURGIU UM ROSTO CÔR DE CIDRA

— Que faz você por aqui, Barrymore?

— Nada, meu senhor. Era tal a sua agitação que mal podia articular, e as sombras aos saltos para baixo e para cima com a tremura da véla.— Era a janéla, meu senhor. Venho passar revista todas as noites para ver se ficaram bem fechadas.

— Do segundo andar?

— Sim meu senhor, todas ellas.

—Intendâmo-nos por uma vêz, Barrymore, insistiu sir Henry, com severidade, estamos firmemente resolvidos a sacar-lhe do bucho a verdade, e portanto, poupará trabalho pondo tudo em pratos limpos, e quanto mais depressa, melhor. Vamos! Desembuche! E vá de mentiras! Que estava o senhor a fazer, a essa janéla?

O individuo olhou para nós desorientado de todo, estorcendo as mãos como quem se encontra no ultimo extremo da duvida e da afflicção.

—Eu não estava fazendo mal nenhum, meu senhor. Estava a chegar esta luz á janéla.

—E por que é que estava chegando a luz a essa janéla?

—Não m'o pergunte, sir Henry. Não m'o pergunte! Sob a minha palavra de honra, meu senhor, lhe affirmo que o segredo não é meu, e que o não posso revelar. Dissésse-me elle respeito a mim, tão somente, e creia que não tentaria encobrir-lho.

Occorreu-me de subito uma ideia, fui-me direito á janéla e arredei o castiçal do sitio em que o tinha collocado o mordomo.

—Esta luz era um sinal, com certeza, observei. Vamos a ver se haverá resposta.

Brandi-a tal qual elle o fizera e pesquizei com a vista a escuridão da noite. Consegui destrinçar vagamente a negra faixa do arvoredo e a expansão mais clara da charnéca, pois havia luar, por entre nuvens. Acto continuo soltei um grito, exultante, visto como um pontinho minusculo de luz amarelada perfurara de subito o negro véu, fulgindo com firmeza ao centro do quadrado negro emoldurado pela janéla.

—Lá está ella, clamei.

—Não é, não, meu senhor—não é nada, acredite! prorompeu o mordomo. Afirmo-lhe, senhor!...

—Mova essa luz para cá e para lá, Watson! bradou o baroneto.—Não viu? Lá se moveu a outra, tambem! E então, pedaço de tratante, negarás ainda que é um sinal? Vamos! Desembucha! Quem é o teu cumplice, além, e que vem a ser esta conspiração que se está tramando?

A fisionomia do sujeito traduziu manifesta desconfiança.—O negocio é comigo, e não com os senhores. Não me sacam uma palavra.

—Deixas, pois, de estar ao meu serviço, desde já.

—Muito bem, meu senhor. O que tem de ser, seja.

—E saes desta casa com ignominia. C'os demonios, não tens vergonha nessa cara! A tua familia e a minha tem vivido ambas ao abrigo do mesmo tecto, e eis que venho surprender-te a urdir não sei que plano tenebrôso contra mim!

—Não, não, meu senhor; contra meu amo não é, com certeza!

Era a voz de uma mulher, e mistress Barrymore, mais livida, se é possivel, e mais horrorizada que o proprio marido, surgiu nos humbraes da porta. A sua avolumada figura em camisa e embrulhada em um chále poderia haver parecido comica, se não fôra a intensidade do sentimento que lhe transluzia no semblante.

—Temos que nos ir embora, Eliza. Acabou-se, desta vez! Vê se vaes enfardar os nossos trapos, disse o mordomo.

—Ai João, João! E é a mim que tu deves tudo isto! Fui eu que tive a culpa, sir Henry! —eu só e mais ninguem Elle o que fez foi por minha causa, e a instancias da minha parte.

—Fale, pois, por uma vez! Que quer dizer tudo isto?

—O meu desditoso irmão anda mortinho de fome, lá por essa charnéca. Não temos alma de o deixar finar-se á mingua, a dois passos da nossa porta. A luz é um sinal para elle saber que a comida está á espera delle, e a luz que elle acende, além, é para marcar o sitio para onde lha hão de levar.

—O seu irmão é, pois?...

—O presidiario que anda fugido, meu senhor—o Selden.

—E eis a verdade, meu senhor,—confirmou Barrymore. E ahi está porque é que eu affirmei não ser meu o segredo, e que lh'o não podia dizer. Agora, porém, que já o ouviu, já vê pois que, se ha trama, não é contra o senhor, com certeza.

Era esta, pois, a explicação das furtivas expedições nocturnas e da luz á janéla. Tanto eu como sir Henry ficámos a olhar, espantados, para a mulher. Seria possivel que esta creatura de tão estolida respeitabilidade fosse de sangue identico ao de um dos mais celebres facinoras do país?

—Então que quer, meu senhor? O meu appelido é Selden, e elle é meu irmão, e mais novo do que eu. Faziamos-lhe as vontades todas, em pequeno, e deixava-mo-lo fazer quanto

...ALI, ANTOLHOU-SE-ME O VULTO DE UM HOMEM, DE PÉ, NO PENHASCO.

lhe vinha á cabeça, até que acabou por se persuadir de que o mundo era pouco para elle, e que podia satisfazer os seus caprichos, sem ninguem lhe ir á mão. Depois, foi crescendo, meteu-se de gorra com más companhias, entrou-lhe o inimigo naquelle corpo, até que matou de desgostos a pobre mãe e arrastou nalama o nome da nossa familia. Assim foi indo de crime em crime, a afundar-se cada vez mais na desgraça, até que deveu á misericordia divina, tão somente, o escapar de morrer pendurado numa forca; que elle para mim, meu senhor, nunca deixou de ser aquelle pequerruchinho da minha alma, de cabelinho encaracolado, que eu trouxe ao cólo, e com quem como irman mais velha tanto brinquei. E ahi está porque elle fugiu da cadeia, meu senhor. Se elle bem sabia onde me havia de encontrar, e que não deixariamos de lhe valer! Quando aqui nos surdiu, uma noite, estafado e morto de fome, e com os guardas a seguir-lhe o rastro, que é que nós haviamos de fazer? Recolhê-lo, matar-lhe a fome e tratar delle. E assim estavamos quando se deu a sua vinda, sir Henry, e meu irmão julgou que estaria mais seguro lá na charnéca de que em outro qualquer esconderijo, até que viesse a socegar o motim que o caso levantou, e para ali tem andado escondido. E nós, uma noite sim outra não, para verificarmos se elle ainda por lá pararia punhamos uma luz á janéla, e se elle de lá respondia com outra, meu marido levava-lhe um pão e um tassalho de carne. Estavamos sempre á espera de que elle abalásse, mas emquanto por lá se conservasse, não o podiamos deixar ao desamparo. E esta é que é a pura verdade, tão certo como eu ser uma mulher honrada e temente a Deus; e já vê pois, meu senhor, que se alguem tem que carregar com as culpas, sou eu, e não meu marido, pois foi por minha causa que elle fez o que fez.

A boa da mulher expressava-se com tão intima sinceridade que ninguem deixaria de se dar por convencido.

—Afiança-me a veracidade desta declaração, Barrymore?

—Afianço, meu senhor. Palavra por palavra.

—Está bem, não lhe posso levar a mal o ter valído ao irmão de sua mulher. Faça de conta que lhe não disse coisa nenhuma. E agora, tratem de se recolher, que são horas, e averiguaremos este assunto pela manhan.

Quando ambos se retiraram fômos outra vez á janéla, observar.

Sir Henry abriu-a de par em par, e a aragem fria da noite veiu fustigar-nos a face. Lá ao longe, na escura immensidade, aquelle pontinho luminoso, amarélo, ainda a luzir.

—Não sei como elle se atreve, observou sir Henry.

—E' possivel que a luz, pela posição, seja apenas visivel d'aqui.

E' muito provavel.

—Por o seu calculo, qual sería a distancia?

—Andará pelas alturas do Penedo Fendido, presumo eu.

— Obra de uma a duas milhas?

— Nem chegará a tanto.

—E dahi, para o Barrymore lhe levar de comer tão amiude, é porque a distancia não será grande. E elle, para ali á espera, o facinora, por detrás daquella luz. Com a breca, Watson, vou abalar por ahi fóra, e deitar-lhe a unha!

Accudia-me a mesma ideia. E demais, os conjuges Barrymore não nos haviam confiado o segredo de seu motu-proprio. Fôra-lhes extorquido á força. Aquelle homem era um perigo para a communidade, um facinora sem fé nem lei e sem jus a piedade ou indulgencia. Obedeciamos apenas a um dever ajudando a reintegrá-lo em logar seguro e onde não podia causar damno. Com aquella sua indole brutal e violenta, se nós nos abstivessemos, outros viriam a pagar as custas. Para ahi, qualquer noite, por exemplo, os Stapletons, nossos vizinhos, podiam ser atacados por semelhante malfeitor, e é possivel que a mesma ideia influisse no animo de sir Henry, induzindo-o a tomar tanto a peito a aventura.

— Conte comigo, declarei.

— Trate pois de trazer o seu revolver e de calçar as botas. E a caminho, quanto antes, não vá o patife apagar a luz e pisgar-se.

Dali a cinco minutos transpunhamos a cancéla, a caminho da nossa expedição. Atravessámos de corrida o copado arvoredo, ao som do gemido tristonho do vento outonal e do restolhar das folhas cadentes. O ar da noite estava pesado com o cheiro da humidade e da vegetação putriciente. De onde em onde a lua a espreitar, por instantes, as nuvens, porém, enoveladas, iam cobrindo a vastidão do ceu, e no proprio instante em que alcançámos a charnéca principiou a cair uma chuva miudinha. E a luz sempre a fulgir na nossa frente.

— Vem armado? indaguei.

— Trago uma faca de mato.

— E' preciso atirarmo-nos a elle de chófre, pois consta-me que é temivel. Apanhá-lo desprevenido, a ver se o filamos sem lhe dar tempo de resistir.

— Oiça lá, Watson, emitiu o baroneto, — que diria Holmes a tudo isto? Daquella hora de trevas em que andam á solta os Podêres malignos?

Como que em resposta ás suas palavras eis que da tenebrosa vastidão da charnéca restruge aquelle grito estrambotico que eu já tinha ouvido nas immediações do marnel grande de Grimpen. Carreado pelo vento através do silencio da noite, ora flébil, prolongado, tenue, como um murmurio; ora agudo, retumbante como um uivo, esvaindo-se depois num lamento, tristonho. Resoou uma, outra e outra vez, vibrando por toda a atmosféra, estridulo, bravío, minaz. O baroneto aferrou-seme ao braço, com o rosto livido, a despeito da escuridão.

— Santo Deus! Que será aquillo, Watson?

— Eu sei lá! E' um som que se costuma ouvir cá pela charnéca. Eu proprio o ouvi já uma vez.

Esvaiu-se, e involveu-nos um silencio sepulcral. Nós, sem tugir, de ouvido á escuta, o som não se repetiu, contudo.

— Watson, sibilou o baroneto, foi o uivo de um cão.

O sangue como que se me gelou nas veias, pois na sua voz havia um tremôr denunciando o subito horror que o dominava.

— E a que atribuem elles este grito? indagou.

— Elles, quem?

— Esta gente das terras cultivadas?

— Ora! E' gente rustica, ignorante. Ao senhor que lhe importa a opinião delles?

— Mas que dizem elles, Watson?

Quero sabê-lo.

— Hesitei, e não obstante não podia esquivar-me a responder.

— Dizem elles que é o Cão dos Baskervilles a uivar.

Soltou um gemido, e calou-se, por instantes.

— Que era um cão, lá isso era, afirmou por fim, mas o som afigurou-se-me vir de muito longe, de um par de milhas para além, salvo erro.

— Não é facil dizer donde é que viria.

— Crescia e diminuia com o vento. Não fica para aquella banda o marnel grande de Grimpen?

— Fica, sim.

— Visto isso, foi d'ali. Ora diga-me, Watson, não está persuadido, tambem, de que foi o uivo de um cão? Não está falando com uma criança. Não receie dizer-me a verdade.

— O Stapleton achava-se ao pé de mim a ultima vez que o ouvi. — Opinou que era possivel ser o reclamo de uma ave esquipatica, qualquer.

— Nada, nada! Foi um cão. Deus do ceu, se haverá alguns visos de verdade nestas historias todas? Será crivel o pairar sobre a minha

cabeça um perigo, provindo de causa tenebrosa a tal ponto? Você não acredita, pois não é assim, Watson?

— De modo nenhum.

— E não obstante, uma coisa era o levarmos o caso de galhofa, lá em Londres, e outra o estarmos nós para aqui nesta escuridão da charnéca e vir atroar-nos os ouvidos tão pavoroso grito. E meu tio? No sitio em que elle jazia, deram fé da pégada de um cão. As circunstancias concordam. Não me tenho na conta de covarde, Watson, mas aquelle som afigura-se-me até que me gelou o sangue nas veias. Apalpe esta mão!

Estava fria que nem um bloco de marmore.

— Ámanhan nem já se lembra de semelhante coisa.

— Não creio que venha jamais a desvanecer-se-me do cerebro a impressão daquelle grito. E agora, que acha que devâmos fazer?

— Quer que retrocedâmos?

— Por caso nenhum, co'a breca! Viémos com o fito em deitar a unha ao nosso homem, e havêmos de dar conta da empreitada. Andamos no trilho de um facinora e um cão das profundas do inferno, ou coisa parecida. atrás de nós. Ande dahi. Havêmos de o filar, muito embora andem á solta pela charnéca os demonios do averno em pêso.

E lá fomos indo devagar e aos tropeções na escuridão, por entre o negrume mais cerrado do fraguêdo, e o tal pontinho amarelo sempre a luzir na nossa frente. Nada haverá de mais falaz do que a distancia de uma luz em noite escura como breu; e de vez em quando o clarão parecia sumir-se, quasi, lá no horisonte, e de repente, éra como se estivesse a meia duzia de jardas de nós. Até que porfim conseguimos ver donde vinha e ficar sabendo que estavamos muito perto, effectivamente. Uma véla, já meio derretida, estava espetada na fenda de uns penedos flanqueando-a de modo a abrigarem-n'a do vento, e a evitar, alias, o ser vista, salvo na direcção do solar de Baskerville. Um matacão de granito encobria a nossa approximação, e agachados por detrás delle pusémo-nos a mirar a luz servindo de sinál. Singular espectaculo, o daquella luz, a fulgir, solitaria, para alí, em meio de semelhante érmo, sem o minimo sinál de vida nas proximidades, — a chamma, triste, amaréla, a reflectir-se na rocha, de um e outro lado, e nada mais.

— E, agora, que faremos? socinou sir Henry.

— Esperar aqui. O homem não poderá estar distante da luz. Vamos a ver se o poderemos bispar.

Ainda bem não havia soltado estas palavras, eis que um e outro o avistamos. Por cima dos penhascos, por entre a fenda em que ardia a véla, surgiu um rosto côr de cidra, reféce, a mascara de uma féra temivel, sulcada pelas mais vis paixões. Esqualida, salpicada de lodo, com a barba como cerdas, e as emaranhadas e hirsutas melénas, podia muito bem ter pertencido a um daquelles selvagens que habitavam os algares daquelles cêrros. A luz, por baixo delle, refrangia-se nos olhos pequenos, sagazes, ferinos, a sondarem a escuridão para a esquerda e para a direita: dir-se-iam os de um animal bravio que presentiu os passos do caçador.

Era evidente o haver-lhe despertado suspeitas qualquer coisa. E' possivel que fosse motivado pela circunstancia de Barrymore se valer de algum sinál, que nos tinha escapado a nós fazer, ou teria qualquer outro motivo o meliante para suppôr não correrem de todo bem as coisas; eu, porém, não podia ler-lhe o receio no pávido semblante. De um para outro momento podia apagar a luz e sumir-se na escuridão. Prevendo a hipotese, dei um salto em frente, e fez outro tanto sir Henry. No mesmo instante, o facinora, vociferando uma praga, empurrou com força um penedo, que veiu estilhar-se contra o matacão que nos facultara abrigo. Lobriguei-lhe de relance a curta, atarracada e musculosa figura, no acto em que elle se pôs a pé de um pulo e desatou a correr. No mesmo instante, por feliz acaso, rompia a lua de entre as nuvens. Investimos atrás delle pela crista do monte, e o nosso homem lá ia em correria desapoderada pelo desladeiro opposto, a pular de penedo em penedo, com a actividade de uma cabra montês. Um tiro de boa pontaria do meu revolver haveria logrado inhabilitá-lo eu, porém, trouxéra-o comigo com o fito unico em defender-me no caso de sêr atacado, e não para o disparar contra um homem inerme que ia a fugir.

Ambos corriamos bem e eramos robustos, mas não tardámos em convencer-nos de que não tinhamos probabilidades de o agarrar. Seguimo-lo com a vista um bom pedaço á luz do luar, a mover-se ligeiro por entre o fraguedo pela encosta de um monte, lá ao longe. Corrêmos sem destino até nos faltar o folego, mas o espaço mediando entre nós e elle a

parecer-nos cada vez maior. Até que por fim parámos e sentámo-nos, a arfar, entre dois penedos, a vê-lo sumir-se na distancia.

E foi neste ensejo que occorreu o caso mais singular e inesperado que dar-se póde. Haviamo-nos posto de pé dispondo-nos a regressar á mansão, desistindo por uma vez daquella montaria sem resultado. A lua ia baixa á nossa mão direita, e o pinaculo farpado de um penhasco de granito a sobresair de encontro ao disco de prata. Ali, recortado em preto qual sombra de ébano sobre aquelle fundo esplendente, antolhou-se-me o vulto de um homem, de pé, no penhasco. Não cuides que era illusão, Holmes. Afirmo-te que nunca em dias de minha vida vi fosse o que fosse com mais clareza. Até onde pude avaliar, era o vulto de um homem alto e magro. De pernas um tanto apartadas, braços cruzados, cabeça pendente, parecia estar cogitando ácerca daquelle immenso deserto de turfa e granito que tinha ante si. Dir-se-ia o proprio espirito tutelar daquella tremenda região. Não era o facinora. Aquelle homem estava longe do sitio em que o outro se tinha sumido. E além disso, era muito mais alto. Com um grito de assombro indiquei-o ao baroneto, mas no mesmo instante em que me tinha voltado para agarrar no braço do meu amigo, desapareceu o homem. E lá estava o agudo farelhão de granito a cortar a orla inferior da lua, mas no topo nem vestigios sequer daquelle vulto immovel e silencioso.

Quis dirigir-me ali e passar revista á fragua, mas ficava lá muito longe. Os nervos do baronêto fremiam ainda com aquelle grito, que viera recordar-lhe a tetrica historia da sua familia, e não estaria de humores o mancebo para novas aventuras. Não tinha dado fé da presença daquelle homem solitario no topo da fragua, e não podia sentir o calefrio que aquelle estranho aspecto e atitude imponente me haviam causado.

«Algum guarda, provavelmente», commentou. A charnéca está coalhada delles, desde a fuga daquelle facinora.

E dahi, talvez que a sua interpretação seja a verdadeira, mas não se me daria de ter uma prova decisiva. Hoje ainda tencionamos communicar áquella gente de Princetown aonde é que devem ir procurar o homem foragido, mas é arrelia não nos caber em sorte o triunfo de o podermos reconduzir na qualidade de nosso prisioneiro. Aqui tens pois as aventuras da noite passada, e não deixarás de concordar, meu caro Holmes, em que cumpri cabalmente o meu encargo de relator.

De tudo de que te dei conta a maior parte não tem alcance, mas não obstante sinto que é mais sensato transmitirte os factos na integra e deixar ao teu criterio a selecção daquelles que melhor te possam auxiliar nas tuas conclusões. Mas com tudo isso é inquestionavel o irmos fazendo progressos. Pelo que respeita os conjuges Barrymore, já viémos no conhecimento dos motivos dos seus actos, e a situação, por esse facto, acha-se sobremodo esclarecida.

E sem embargo, a charnéca, com os seus misterios e os seus singularissimos habitantes, permanece tão imprescrutavel como até aqui.

Talvez que na minha proxima carta eu me ache habilitado a lançar alguma luz sobre mais este ponto. Ainda o melhor seria o podêres tu vir ter comnosco.

CAPITULO X

Extracto do diario do doutor Watson

Até aqui tenho podido citar os relatorios que nos primeiros dias de aqui estar transmiti a Sherlock Holmes. Agora, com tudo, cheguei a um ponto da minha narrativa em que me vejo na necessidade de pôr de parte o methodo até aqui adoptado e por mais uma vez confiar nas proprias reminiscencias, auxiliando-me do diario que trouxe sempre em dia naquelles tempos. Meia duzia de extractos conduzir-me-ão a essas scênas que ficaram indelevelmente estampadas na minha memoria com todos os pormenores. Tomarei, pois, como ponto de partida a manhan subsequente á nossa gorada montaria ao facinora, e aos outros singularissimos incidentes lá na charnéca.

Outubro, 16.—Um dia tristonho, nebuloso, e de chuva morrinhenta. A casa, ensombrada por castellos de nuvens em continuo vae-vem, rasgando-se de onde em onde para tornar patentes as curvas adustas da charnéca, as fimbrias dos montes acaireladas de tenues fios de prata, e lá ao longe o fraguêdo a fulgir nos pontos em que a luz lhe incide sobre as faces molhadas. Reina a melancolia lá por fóra e cá por dentro. O baroneto acha-se preza de sombria reacção resultado das excitações da noite anterior. Eu proprio tenho consciencia de um peso sobre o coração e o presentimento de

um perigo iminente — e perigo sempre presente, e que é tanto mais tremebundo quanto menos apto me encontro a defini-lo.

E não terei eu motivo para senti-lo. Considéra a longa série de incidentes unanimes todos elles em apontar uma qualquer sinistra influencia actuando em redór de nós. Aquelle caso da morte do ultimo residente da Mansão, preenchendo tão cabalmente as condições da lenda familial, as continuas referencias dos camponêses á apparição de uma estranha creatura lá pela charnéca! Com meus proprios ouvidos ouvi eu já por duas vezes aquelle som tão parecido ao uívo de um cão, lá muito longe. E' inacreditavel, impossivel, que semelhante coisa possa existir, effectivamente, indo além das leis da Natureza. Um cão espectral, que deixa pégadas materiaes e que atrôa o ambiente com seus uívos, é coisa que alguem conceba, porventura? Stapleton poderá deixar-se dominar por semelhante crendice, e ainda o Mortimer; eu, contudo, se alguma qualidade terei n'este mundo, é o bom senso, e nada ha que me possa induzir a acreditar em semelhante coisa. O dar-lhe credito equivaleria a baixar ao nivel desses pobres camponios os quaes, não contentes ainda com um méro cão infernal, o descrevem como uma avantesma despedindo fogo do averno pelos olhos e pelas fauces. Holmes nunca prestaria ouvidos a semelhantes fantasias, e eu sou o seu agente. Os factos são factos, porém, e eu já por duas vezes ouvi o tal berro lá na charnéca.

Supponhâmos que, effectivamente, anda á solta por ali um qualquer cão de tamanho descommunal; quando assim fosse, tudo se explicaria. Mas onde poderia um cão em taes condições jazer alapardado, donde haveria sustento o animal, donde terá vindo, e como é que até hoje ninguem foi capaz de o ver ás horas do dia?

Forçoso é confessar que a explicação natural offerece quasi tantas difficuldades como a outra. E em todo o caso, pondo de parte o cão, tinhamos ainda o facto da agencia humana em Londres, o homem do *hansom*, e a carta avisando sir Henry dos perigos que o ameaçam na charnéca. Esta ultima, se quer ao menos, era real, mas pode muito bem ter sido obra de um amigo protector tão facilmente como de um inimigo. E onde se acharia actualmente esse amigo, ou inimigo? Ficaria em Londres, e terá vindo para aqui, atrás de nós? Acaso será, — sim — acaso será aquelle estranho que vi empoleirado na fragua?

E' certo que apenas o vi de relance, uma vez, e contudo, há coisas sobre as quaes eu não teria duvida em jurar. Não é nenhum dos individuos que eu tenho visto por aqui, e eu hoje em dia conheço pessoalmente toda a vizinhança. A figura éra muito mais avantajada do que a do Stapleton, e muito mais delgada do que a do Frankland. E' possivel que fosse o Barrymore, mas se quando nós saímos elle ficou em casa, e tenho a certeza de que não veiu atrás de nós. Um incognito, pois, nos anda ainda seguindo os passos, tal qual no-los seguiu em Londres um incognito. Até hoje não conseguimos sacudi-lo. Pudesse eu haver á mão semelhante homem, sequer ao menos, lograriamos ver o termo ao conjunto de nossas dificuldades. E é a este empenho que eu tenho doravante que dedicar toda a minha energia.

O meu primeiro impulso foi confiar na integra a sir Henry os meus planos. O segundo e mais sensato foi o ir jogando o meu joguinho e dizer o menos possivel a semelhante respeito seja a quem fôr. Anda taciturno e abstracto. Os seus nervos sofreram violento abalo com aquelle som lá na charnéca. Nada lhe direi que possa agravar-lhe a anciedade, mas lançarei mão de alvitres pessoaes no intuito de alcançar os meus proprios fins.

Deu-se uma scenazinha esta manhã. O Barrymore sollicitou de sir Henry uma conferencia, e conversaram ambos á porta fechada, no escritorio deste, um certo tempo. Eu, sentado, no bilhar, por mais de uma vez os ouvi levantar a voz, e tinha a quasi certeza quanto ao assunto que estavam discutindo. Dali a pedaço, o baroneto abriu a porta e chamou por mim.

— O Barrymore considéra-se ferido em seus melindres, declarou. Diz elle que lhe causou estranheza o facto de nós corrermos em perseguição do cunhado, depois de elle, de seu motu-proprio, nos ter confiado o segredo.

O mordomo estava de pé, muito pálido mas cordato, em frente de nós.

— E' possivel o eu haver-me excedido, um tanto ou quanto, proferiu, — mas se assim foi, queira perdoar, meu senhor. Ao mesmo tempo, causou-me espanto ouvir que meu amo e o senhor doutor, esta madrugada, quando recolheram para casa, tinham andado a dar caça ao Selden. O pobre diabo já não tem pouco

com que se ver a braços quanto mais ser eu o proprio a lançar-lhe alguem á tréla.

— Se você no-lo tivesse dito por sua livre vontade o caso mudava muito de figura «— adveiu o baroneto.

Você, ou para melhor dizer, sua mulher, só nos declarou o que sabia, quando a isso o obrigámos e não tinha outro remedio.

— Eu é que nunca suppús que meu amo faria uso das minhas palavras, sir Henry — nunca suppús, na verdade.

— Aquelle homem é um perigo publico. Ha casas insuladas por toda essa charnéca, e elle é sujeito para se não prender com coisa nenhuma. Basta olhar-lhe uma vez para a cara para o perceber. — Lembre-se da casa do senhor Stapleton, por exemplo, sem ninguem que a defenda, a não ser o dôno. Não existe segurança seja para quem fôr emquanto aquelle facinora não estiver fechado a sete chaves.

— Afianço-lhe que não atacará a casa a ninguem, meu senhor. Á fé de homem de bem, que o não fará. E não voltará a inquietar a quem quer que seja neste país. Afirmo-lhe, sir Henry, que daqui a meia duzia de dias achar-se-á tudo combinado e terá embarcado para a America do sul. Pelo amôr de Deus, meu senhor, peço-lhe que não dê parte á policia de que aquelle desgraçado paira ainda pela charnéca.

Elles desistiram de lhe dar caça por ali, e elle desse modo pode estar socegado até que possa embarcar. Tudo que meu amo fizer contra elle nos pode acarretar trabalhos quer a mim quer a minha mulher. Por quem é, meu senhor, não diga nada á policia.

— Que diz a isto, Watson?

Encolhi os hombros. — Se elle se pudér safar são e salvo cá do país, será um alivio para o contribuinte.

— Mas o perigo de elle dar por ahi cabo de alguem antes de se ir embora?

— Elle fazia lá semelhante coisa, era preciso que estivesse doido, meu senhor. — Temos-lhe facultado tudo que lhe é preciso. O perpetrar um crime seria dar a saber onde se escondia.

— Lá isso é verdade, assentiu sir Henry. — Está bem, Barrymore...

— Deus lho pague, meu senhor, e agradeço-lhe de todo o coração! Se o tornassem a agarrar minha mulher não resistia.

— Vae-me parecendo que estamos ajudando a capear uma felonia, Watson! Mas, depois de tudo que tenho ouvido, não me sinto com animo de entregar o homem, e acabou-se. Ficamos intendidos, Barrymore, pode retirar-se.

O mordomo tartamudeou umas palavras desconnexas de agradecimento e voltou costas; hesitou, contudo, e voltou para trás.

— Meu amo tem sido tão bondoso para nós, que o meu empenho é fazer quanto estiver ao meu alcance, como testemunho da minha gratidão. Sei de um caso, sir Henry, e deveria talvez já ter-lh'o dito, mas só muito tempo depois do inquerito é que eu dei por isso. Não disse uma palavra a semelhante respeito, seja a quem fôr. Tem relação com a morte de sir Charles.

Tanto eu como o baroneto erguêmo-nos de um pulo.

— Sabe, então, como se deu a sua morte?

— Quanto a isso, não, meu senhor, não sei.

— Que sabe, então?

— Sei que elle, áquella hora, estava ao portal, á espera de uma mulher.

— De uma mulher? Elle?

— É como lhe digo, meu senhor.

— E como se chama essa mulher?

— Não lhe sei dizer o nome, meu senhor, mas posso indicar-lhe as iniciaes. E essas eram L. L.

— Como é que o veiu a saber, Barrymore?

— Eu lhe conto, sir Henry. O senhor seu tio tinha recebido de manhan uma carta. Que elle costumava receber muitas, visto ser pessoa de nóta e com fama de ter muito bom coração, de modo que não havia individuo necessitado que não appellasse para a sua bondade. Aquella manhan, contudo, calhou haver apenas uma carta, e foi por isso que me chamou a atenção. Vinha de Coombe-Tracey, e a letra do sobrescrito era de mulher.

— Adiante.

— E vae eu, meu senhor, não pensei mais no caso, nem tornaria a pensar em semelhante coisa, se não fosse minha mulher. Não haverá meia duzia de semanas estava ella a limpar o escritorio de sir Charles — em que ninguem tinha posto mão desde o falecimento do fidalgo, — e encontrou as cinzas de uma carta meio-ardida por trás da grade do fogão. A maior parte da dita carta estava feita em pedaços, uma tira, contudo, o fim de uma pagina, achava-se ainda inteira, e distinguia-se ainda a letra, esbranquiçada já, sobre o fundo negro. Pareceu-nos ser um post-scriptum no fim da carta e rezava o seguinte: Por tudo

quanto ha, e como cavalheiro, que é, rogo-lhe que queime esta carta, e que esteja ao portal ás dez horas. Por baixo liam-se as iniciaes L. L.

— E essa tira de papel, tem-na em seu poder?

— Não meu senhor, desfez-se em bocadinhos assim que lhe tocámos.

— E sir Charles teria recebido outras cartas com a mesma letra?

— Se quer que lhe diga, meu senhor, não costumava reparar nas cartas que elle recebia. E eu, se reparei nesta foi por ter vindo sósinha.

— E não faz ideia de quem possam ser essas iniciaes L L?

— Nenhuma, meu senhor, absolutamente. Mas estou persuadido de que, se pudessemos desencantar a dita senhora, mais alguma coisa ficariamos sabendo a respeito da morte de sir Charles.

— Não posso conceber como é que me encobriu por tanto tempo essa importantissima informação, Barrymore.

— Que quer, meu senhor, se foi logo em seguida a isso que tiveram principio as nossas atribulações. E demais, meu senhor, quer um quer outro tinhamos tanta amizade a sir Charles, a quem deviamos tantos beneficios! O irmos levantar esta lebre já não podia servir de proveito ao nosso rico amo, e dahi, como se tratava de uma senhora achámos que era pouca toda a cautéla. — Que elle, no melhor panno cae a nodoa.

— Receou que o caso lhe prejudicasse a reputação a elle?

— Eu lhe digo, meu senhor, entrei a pensar que o resultado nunca poderia ser bom. Agora, contudo, meu amo tem sido para mim um excellente amo, e pareceu-me que não procedia conforme éra meu dever, não lhe contando tudo que sabia a respeito do caso.

— Muito bem, Barrymore: pode retirar-se.

Assim que o mordomo voltou costas, sir Henry virou-se para mim.

— E então, Watson, que diz a esta nova luz?

— Quer-me parecer que deixa as trévas ainda mais negras do que até aqui.

— Estou por isso. Mas se nós pudéssemos identificar o ente que corresponde ás iniciaes L L, far-se-ia luz sobre o caso. Sempre ganhámos alguma coisa. Sabemos que ha alguem inteirado dos factos, e o caso agora é desencantar esse alguem. Que acha que devâmos fazer?

— Transmitir tudo a Holmes desde já. Ministrar-lhe-ei assim a chave de que elle anda em procura. E eu estarei muito enganado, mas palpita-me que vem logo por ahi, a correr.

Recolhi immediatamente ao meu quarto e redigi o meu relatorio a Holmes da palestra daquella manhan.

Para mim era facto assente o elle haver andado occupadissimo ultimamente, pois eram breves e escassas as cartas que estava recebendo de Baker Street, sem commentarios ás informações que eu lhe ia ministrando, e sem sombras de referencia á minha missão. Confirma-me a certeza de como aquelle célebre caso de extorsão fraudulenta lhe trás absorvidas de todo as faculdades. E não obstante, este novo factor não deixará seguramente de lhe prender a atenção, estimulando-lhe o interesse.

Oxalá elle aqui estivesse.

— Outubro, 17. A chuva não tem deixado de cair todo o dia, a rechinar na hera e a pingar dos beiraes.

E eu a lembrar-me do presidiario, além, naquelle bréjo, ao frio, e sem um tecto onde se acolher. Pobre diabo! Sejam quaes forem os seus crimes, tem padecido o suficiente para lhe ser levado em desconto.

E depois, occorreu-me aquelloutro, — aquella cára lá dentro do *cab*, aquelle vulto de encontro á lua.

Se andará tambem ao leu com este diluvio — a atalaia invisivel, o homem das trevas? A' tardinha enverguei o meu impermeavel e fui dar um bom passeio pela ensopada charnéca, a ruminar ideias tétricas, com a chuva a varejar-me as faces e o vento a assobiar-me aos ouvidos. Deus se amerceie daquelles que andam a esmo lá pelo marnel grande, a esta hora, pois que até as proprias terras de monte se acham transformadas em pantano. Topei com a fragua negra onde vi surgir-me o vigia solitario, e da crista rugosa eu proprio espraiei a vista por sobre as quebradas melancolicas. E as lufadas da chuva a fustigarem-lhe a face ruvinhosa e as nuvens, pesadas, côr de ardozia pairando por cima da paisagem, a arrastarem-se em festões pardacentos pelos pendores daquelles montes fantasticos. Numa baixa, lá ao longe, as duas magras torres da mansão de Baskerville a surgirem por cima do arvoredo. Eram os sinaes unicos de humano viver que eu conseguia distinguir, a não serem aquellas

choças pré-historicas tão bastas pelos desladeiros dos montes. Por parte alguma o minimo vestigio daquelle homem solitario que eu tinha visto no mesmo sitio, duas noites atrás.

No meu regresso fui alcançado no caminho pelo doutor Mortimer a guiar o seu *dog-cart* através de um aspero carreiro da charnéca dando serventia á granja limitrofe de Foulmire. Tem-se desfeito em atenções para comnosco, e raro tem sido o dia em que não tenha vindo saber de nós, ao solar. Insistiu comigo para que subisse para o carro e foi pôr-me em casa. Andava muito afflicto por lhe ter desapparecido um cachorrito de agua. O animal tinha-se perdido na charnéca e nunca mais voltou. Fui-lhe dizendo o que me occorreu para o animar, mas lembrei-me daquelle poldro lá no marnel grande, e estou que pode perder as esperanças de o tornar a ver.

— A proposito, Mortimer, aduzi, em quanto iamos aos solavancos pelo pessimo caminho; — supponho que pouca gente haverá por estes contornos a quem você não conheça?

— Duvido que haja.

— Poderá, então, dizer-me o nome de qualquer mulher cujas iniciaes sejam L. L.?

Reflectiu por instantes.

— Não sei de nenhuma, respondeu. A não ser para ahi qualquer cigana, ou mulher de algum jornaleiro, entre as mulheres dos casaleiros e da gente fina, que eu saiba, não ha appelido que corresponda a essas iniciaes. Espere lá, accrescentou, após breve pausa.—Ha a Laura Lyons—com essas iniciaes. — mas reside lá para Coombe — Tracey.

— E quem vem ella a ser?

— E' filha de Frankland.

— De qual? Daquelle fagulha do Frankland... do maniaco?

— Sem tirar nem pôr. Casou com um pintor por nome Lyons, que appareceu cá pela charnéca a fazer estudos. O homem, porém, era um valdevinos e deixou-a. As culpas, segundo me constou, eram iguaes de parte a parte. O pae não quis saber da rapariga, pelo facto de ter casado contra sua vontade, e quem sabe se por outro qualquer motivo. De modo que a rapariga entre o velho peccador e o novo tem-se visto pelas ruas da amargura.

—E de que vive ella?

—Supponho que o jarrêta do Frankland lhe dá uma mesada, mas não poderá avultar muito, porque os negocios delle estão muitissimo embrulhados. E muito embora ella o tenha merecido, não tem geito deixá-la assim em risco de se deitar a perder. Espalhou-se o caso, e varias pessoas por estes sitios alguma coisa tem feito no sentido de a ajudar a ganhar a vida honradamente. O Stapleton foi um dos que concorreram, e sir Charles, tambem.

Eu, á minha parte, dei tambem uma ninharia. Tratava-se de lhe montar um escritorio de correspondencia á máquina.

Quis saber o objecto das minhas indagações eu, porém, tive artes de lhe satisfazer a curiosidade sem lhe dizer de mais nem de menos, pois não vejo motivo para que admitâmos seja quem fôr na nossa confidencia. Amanhan pela manhan vou por ahi fóra, á sorte, em procura de Coombe — Tracey e, se eu puder falar com essa tal Laura Lyons, de reputação duvidosa, terei dado um grande passo no sentido de lançar luz sobre um incidente desta cadeia de misterios. Já descobri, até, que estou desenvolvendo a prudencia da serpente, pois, quando o Mortimer me apertou com perguntas a um ponto algo inconveniente, perguntei-lhe, como que por acaso, a que typo pertencia a caveira do Frankland, e apanhei uma estopada de craneologia durante o resto da caminhada.

Não convivi debalde com Sherlock Holmes annos e annos.

Um incidente apenas me falta apontar neste dia tormentoso e melancolico, a saber: a conversa que tive com o Barrymore, agora mesmo, e que me fornece uma carta de mais valor que poderei jogar em occasião opportuna.

O Mortimer jantou comnosco, e depois de jantar jogou uma partida do *écarté* com o baroneto. O mordomo serviu-me café na livraria, e eu aproveitei o ensejo para lhe fazer varias perguntas.

— E então, indaguei, essa tal prenda do seu parente já abalou, ou andará ainda alapardado por o brejo?

— Não lhe sei dizer, senhor doutor. Espero em Deus que se terá ido embora, pois que a vinda delle só nos trouxe dissabores! Nada tenho sabido a seu respeito desde a ultima vez que lhe deixei de comer, e já lá vão três dias.

— E nessa occasião, viu-o?

— Não, senhor; mas os mantimentos tinham desapparecido quando mais tarde ali voltei.

— Já se vê pois que iria por elles?

— Assim parece, a não ser que o outro lhes deitasse a unha.

Fiquei de mão no ar, a chavena, a meio ca-

minho da bôca e eu, a olhar espantado para Barrymore.

—Está pois sciente de que anda por lá outro?

—Sim, senhor; anda outro homem lá pela charneca.

—Já o viu?

—Ainda não.

—E como é que o soube, então?

—Foi o Selden quem m'o disse, ha mais de uma semana. Anda escondido, tambem, mas não é nenhum presidiario, segundo me consta. Não me agrada este negocio, senhor doutor,—pela palavra nada, acredite. Expressava-se com sinceridade e intimativa.

—Oiça lá, Barrymore! Eu neste negocio não tenho outro interesse além do bem estar de seu amo. Se aqui vim, foi com o fim exclusivo de olhar por elle. Declare-me, pois, com franqueza, que é que lhe não agrada?

Barrymore hesitou por instantes, como que arrependido da sua expansão, ou por encontrar difficuldade em expressar verbalmente aquillo que sentia.

—Tudo isto que se está dando, meu senhor, exclamou, por fim, a abanar com as mãos em direcção á janéla varejada pela chuva e frenteando a charnéca.—Trama-se qualquer vilania por ali, algures, iria jurá-lo! Malvadez de pôr os cabellos em pé! Tomara ver já pelas costas sir Henry, e que vá a caminho de Londres!

—Mas qual é o motivo das suas aprehensões?

—Lembre-se da morte de sir Charles, meu senhor! Diga-me se haverá maior malvadez, apezar de tudo que o *coroner* disse para ali. Lembre-se d'aquelles rugidos, de noite, lá pela charnéca. Não ha homem que se arrisque a pôr ali o pé, depois do sol posto, por quanto dinheiro ha neste mundo. Lembre-se daquelle homem que por lá anda escondido, de atalaia e á espera.

E de que andará elle á espera?

Que quererá dizer tudo isto? Não é coisa boa, seja para quem fôr que dê pelo appelido de Baskervile e, assim que sir Henry tomar pessoal de novo cá para o solar, não sou eu que aqui fico nem mais um dia.

—Mas, quanto a esse individuo, recapitulei;—poder-me-á dar quaesquer esclarecimentos a seu respeito?

Que foi que lhe disse o Selden? Conhecer-lhe-á o coio, ou o que elle andará a tramar?

—Já o tem visto uma ou duas vezes, mas aquillo é passaro muito fino, e não péga no visco. Ao principio cuidou que seria alguem da policia, mas não tardou em perceber que andava a trabalhar por conta propria. Elle pelos modos era pessoa fina, mas lá o que andava tramando, isso é que elle não foi capaz de perceber.

—E onde lhe disse elle que se escondia o individuo?

—Algures, naquelles casébres da encosta do monte—nas taes baiúcas de pedras onde viveu aquella gente de algum dia.

—E a respeito de alimentação?

—O Selden descobriu que tinha um garoto que lhe faz as vezes de medianeiro e lhe alcança tudo que lhe é preciso. Supponho que esse rapaz irá a Coombe-Tracey para o mesmo fim.

— Muito bem, Barrymore. Voltaremos ao assunto em outra occasião.

Assim que o mordomo se retirou assomei á janéla e, através de um vidro embaciado e a despeito da escuridão, lobriguei as nuvens a correrem e a linha irrequieta do arvoredo varejado pelo vento.

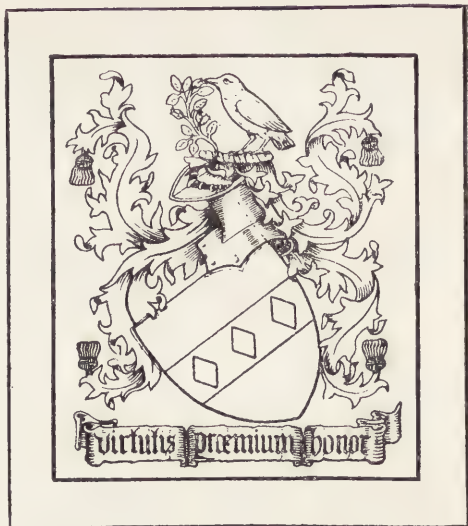
Está desabrida a noite, de portas a dentro, que fará numa baiúca de pedra lá na charnéca! A que ponto não haverá tomado posse de um homem a paixão do odio para o induzir a embuscar-se em semelhante sitio e com um tempo assim? E' mister que seja muito serio, muito intenso o motivo visto sujeitar-se a semelhantes provações. Além, naquella baiúca da charnéca, afigura-me que residirá a chave deste problema que me trás no acume da irritação. E juro que não decorrerá outro dia sem que eu haja effectuado quanto um homem pode fazer para penetrar no amago de semelhante mysterio.

Versão de MANOEL DE MACEDO. *(Continúa)* CONAN DOYLE.

HENRY FIELDING

Um grande romancista cujos restos repousam em Lisboa

BRAZÃO DE FIELDING

A 22 de abril d'este anno, celebrou-se em Inglaterra o segundo centenario do nascimento de Henry Fielding, considerado o maior dos novellistas inglezes e um dos mestres incontestaveis do romance moderno. Esta consagração não teve o menor eco em Lisboa, que tem a honra de abrigar os restos mortaes do grande romancista, sepultados no cemiterio dos Inglezes. Os "**Serões**" *não quizeram comtudo deixar passar em claro esta importante commemoração litteraria, e o artigo que segue é uma homenagem á memoria do eminente escriptor, que merece de todos os amadores das bellas lettras um respeitoso culto, como o mais notavel percursor de Dickens, Thackerey e George Elliott.*

LISBOA tem ha cento e cincoenta e dois annos, feitos no dia 8 de outubro, a honra de hospedar no cemiterio protestante da Estrella a ossada dum dos maiores escriptores da Europa, o verdadeiro creador do romance inglês. Todavia entre os quatrocentos mil habitantes da cidade, escassamente se apurarão duas duzias de pessoas para quem o nome de Henry Fielding alguma cousa signifique. Quando Tennyson cá esteve no verão de 1859, não visitou o tumulo do seu illustre compatriota por falta, diz elle, de quem lá o guiasse.

Henry Fielding nasceu a 22 de abril de 1707. Era filho de Edmond Fielding, que militou sob o commando do duque de Marlborough e morreu no posto de general; neto dum dignitario ecclesiastico de Salisbury e bisneto do primeiro conde de Desmond, par da Irlanda e da Inglaterra. Esta familia era de remota origem allemã, parece até que um ramo da casa de Hapsburgo, mas estabelecera-se na Gran Bretanha em tempo de Henrique II e distinguira-se mais tarde na guerra das Duas Rosas.

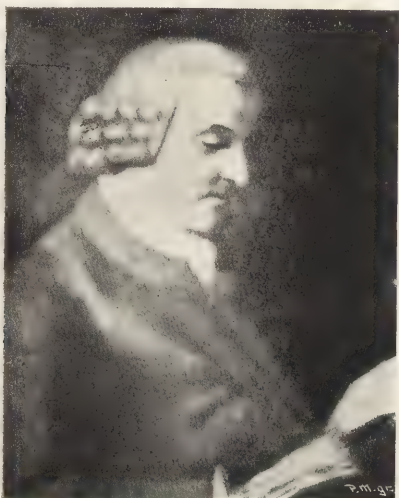
Começar por uma genealogia uma noticia sobre Fielding deve lembrar aos rarissimos leitores portuguêses do grande romancista o capitulo em que elle mette a ridiculo no seu *Jonathan Wild* este processo habitual dos biographos.

«É costume de todos os biographos, diz elle, ao começarem o seu trabalho, retroceder um pouco (tanto quanto lhes é possivel) e buscar as origens do seu heroe, como faziam os antigos ao rio Nilo, até que a impossibilidade de ir mais além põe termo ás suas investigações. Não é lá muito facil precisar qual fosse a causa primitiva desta pratica... Tenho chegado a imaginar que seria para obviar á supposição de que tão altos personagens não são produzidos pelos meios ordinarios da natureza e terá procedido (o costume das genealogias) de se recear que, não sabendo nós quem eram seus paes, venham a correr o risco de passar, como o principe de Prettyman, por não os te-

rem tido... mas fosse qual fosse a sua causa, esta pratica está hoje demasiadamente enraizada para que se tente luctar contra ella.

«Obedecer-lhe-hei, pois, do modo mais rigoroso.»

E segue depois uma impassivel caricatura das genealogias de panegyrico academico, que —como faz a neblina á aspereza das fragas e ás funduras dos valleiros—esbatem com phrases discretas e descoloridas as manchas duma linhagem e com a empolada pompa dos termos a levantam e aplanam quando ella se affasta por alguma depressão demasiadamente brusca da nobre harmonia do todo. A arvore genealogica do *pickpocket* Jonathan Wild tem por tronco um gentleman notavel pela dextreza com que extrahia a mais recondita bolsa e isto sem que o paciente por tal desse. E, continuando atravez dum companheiro do glorioso Sir John Falstaff e dum bravo que se declarara imparcialmente em lucta aberta contra todas as facções politicas do seu tempo e depois dalguns feitos d'armas felizes foi finalmente vencido e, contra todas as leis da guerra, cobardemente enforcado, ostenta em um dos seus ramusculos uma dama que vivia em Londres, grande frequentadora de theatros, onde era notavel pela particularidade de distribuir laranjas a quem dellas se queria servir.

Comtudo só conhecendo-se o nascimento de Fielding se póde bem explicar a lenda, hoje bastante abalada, de desregramento e bohemia que sobre elle se armou e se foi com o tempo avolumando. Um escriptor de origem plebeia ou obscura que tivesse sido como o auctor de *Tom Jones* emprezario d'um theatro, pamphletario e romancista e acabasse a vida na magistratura, teria deixado na memoria dos seus contemporaneos uma imagem inteiramente opposta á do extravagante e desgovernado Fielding da tradicção inglêsa. Os elementos que se organisariam na construcção desse personagem, talvez egualmente falso, não seriam então a bohemia, o desleixo, a indifferença pela *station*, mas sim o desgosto da situação equivoca e quasi desprezivel do homem de letras profissional desse tempo e o naturalissimo desejo de ascender á dum respeitavel *parishioner*, ao logar relativamente considerado, digno, comprehensivel, dum *justice of the peace*.

HENRY FIELDING

Retrato supposto, pertencente ao Hon. Gerald Ponsonby

Desenho á pena de Hogarth, unico retrato authentico do romancista

O depoimento mais importante sobre a feição bohemia de Fielding é o de sua prima, Lady Maria Wortley Montagu, espirituosa epistolographa, sua contemporanea. Mas, para uma grande dama como ella, um primo emprezario dum pequeno theatro mandado fechar pelo governo, pamphletario de profissão, casando em segundas nupcias com uma creada de sua primeira mulher, devia realmente ser a

mais excentrica e divertida cousa do mundo e uma mina de materia prima para as phrases pittorescas em que a illustre *blue-stockings* tanto se comprazia. Esta fonte biographica, apparentemente tão preciosa, mais nos prova portanto que o perfil do grande romancista geralmente acceite pelos seus compatriotas é devido ao contraste entre o seu nascimento illustre e a sua situação real na hirta sociedade inglêsa. E o principal vehiculo de popularisação desse perfil, um capitulo de Thackeray em *The English Humourists of the 18.th Century*, é, como o teem provado os especialistas em investigações acerca de seculo XVIII, cheio de anachronismos e de traços em irreductivel contradicção com factos bem documentados. E' uma pura creação litteraria, interessante e portatil, mas historicamente falsa.

A critica não tem todavia conseguido erguer sobre as ruinas dessa especie de Bocage inglês, que é o Fielding da lenda, um Fielding real com a mesma nitidez de contornos. Esse trabalho de erudição tem sido muito mais negativo que positivo. Combinando porém as confissões voluntarias ou involuntarias espalhadas na obra do escriptor com as restricções da critica e o residuo da verdade que não pode deixar de existir no fundo da lenda, parece-me que se pode acceitar approximadamente este Fielding : Um temperamento rico de seiva, de impulsos fortes, com molas de bôa tempera que o faziam esquecer num imprevisto prazer de occasião quaesquer difficuldades serias em que se achasse inextricavelmente envolvido, sem que o sabôr daquelle fosse pela idéa destas attenuado ; duma lealdade sem mancha, generoso até á imprudencia e incapaz de se fazer rogado para uma garrafa — ou mais — de *old sack*, como qualquer bom inglês de todos os tempos, mas muito especialmente do seculo XVIII : — pouco mais ou menos o caracter com que elle dotou o seu Tom Jones e o seu capitão Booth. Uma natureza destas devia acceitar com risonha coragem e bonhomia a situação subalterna para onde a avareza paterna o arrojou e accomodar-se nella o melhor possivel, sem os desdens e as lastimas do *snob* que quer passar por principe desthronado.

Fielding não se envergonhava de tratar publicamente com a mais cordeal camaradagem aquelles para cuja classe as circumstancias o tinham deslocado. E' frequentissimo encontrar nos seus romances, a proposito duma physionomia caricatural, a citação dum quadro do «seu amigo» Hogarth, a comparação heroe-comica dalguma situação grotesca dos seus personagens com attitudes e inflexões do «seu amigo» Garrick, em alguma tragedia de Shakspeare. E' palpavel nelle a tendencia para julgar as pessôas pelo que individualmente valem e não pela posição social que occupam. Em *Joseph Andrews*, o personagem episodico Wilson, *gentleman* de excellente linhagem e educação, depois da desgraça lhe ter feito conhecer o mundo, casa com uma mulher da pequena burguezia, cuja bondade simples e cujos beneficios o enterneceram e encheram de gratidão. O seu proprio casamento com aquella a quem sua prima Lady Mary Worthey, já citada chamava *cook-maid*, mas que alem de ser formosa e ter certa educação, era qualquer cousa como aia, e não cozinheira, foi em grande parte determinado, dizem biographos recentes, pelo carinho materno que nella encontravam as duas filhas que lhe ficaram do matrimonio.

O heroismo obscuro das mulheres commovia-o profundamente. Todos os que leram *Amelia* devem ter presente certa passagem em que a protagonista, typo burguêsmente angelico de dedicação conjugal e virtude domestica, espera debalde para a ceia o marido, o bondoso mas fraco *captain* Booth, que passava a noute com alguns vadios, seus amigos, para cujas algibeiras é transferido ao jogo o pouco dinheiro que possuia.

Ainda ha um instante, não tendo aberto esse romance ha mais de dois annos, encontrei de pronto esses periodos para aqui os traduzir, conservando nitidamente na memoria a altura do volume e o sitio da pagina, onde elles se encontram :

«E aqui não podemos deixar de relatar um pequeno incidente, por mais insignificante que elle a alguns possa parecer. Depois de ter estado algum tempo sozinha a reflectir na desgraçada situação da sua familia, Amelia sentiu-se mais e mais descoroçoar; e por duas ou tres vezes esteve para chamar a creada e mandar comprar meio *pint* de vinho branco, mas dominou este appetite para poupar a pequena quantia de seis *pence*, o que fez mais resolutamente lembrando-se que tinha pouco antes recusado aos filhos o mimo duns bôlos á ceia, pelo mesmo motivo. E fazia este sacrificio muito provavelmente para economisar seis *pence* ao mesmo tempo que seu marido pagava

uma divida duns poucos de guineos por causa do az do trunfo se encontrar em poder do seu antagonista.»

A quem por acaso este meio *pint* de vinho branco como remedio para desanimos faça sorrir, lembrarei que o vinho na Inglaterra, decerto por ser genero importado e caro, gosou por muito tempo, como nos romances se vê a cada passo, e continua talvez a gosar, as honras de efficacissimo cordeal.

Fielding não era bucolico e romanesco na sua concepção da plebe rural e das classes inferiores das cidades. As pinturas pasmosas de crua verdade da familia do guarda-caça Seagrim, da creada de *miss* Western, em *Tom Jones,* e da sinistra população das prisões, mostram bem que os seus olhos não usavam oculos azues que lhe transformassem o mundo em chimerica égloga pintada em azulejos. Mas por sêr despido de sentimentalidade piegas não tinha a misanthropia feroz dum Swift. Não, muito pelo contrario. A familia Seagrim protegendo e approveitando a industria da filha, Molly; as irmãs della invejando-a e odiando-a por a verem vestida de «senhora» com um vestido velho que lhe dera *miss* Western; a creada desta procurando atear-lhe a paixão nascente pelo engeitado Tom Jones e auxiliando-a na fuga, só por amôr do clandestino e da intriga, não lhe causam indignação nem são exhibidos, á Tolstoi, como productos duma organisação social injusta, que o revolta. São apenas animaes de fortes instinctos, ingenua e divertidamente vis, que elle gosta de crear e de contemplar nos seus viveiros. Nem a indignação me parece nelle sentimento com tenacidade sufficiente para inspirar e desenvolver a creação de caracteres interessantes e originalmente concebidos. Os seus hypocritas, os seus personagens de indole traiçoeira são bastante convencionaes. E a veneração pela sizudez e pela virtude sem macula, tambem não actuava consideravelmente nelle como força creadora, do que resultou sairem-lhe o irreprehensivel e ponderado *squire* Allworthy, em *Tom Jones,* e o doutor Harrison, em *Amelia,* o primeiro sobretudo, simples manequins, cobertos de maximas excellentes. Se o *parson* Abraham Adams, de *Joseph Andrews,* se salva, é porque a sua virtude é acompanhada duma candura e duma ignorancia do mundo que o collocam a cada instante nas mais divertidas situações comicas. A sympathia instinctiva de Fielding vae toda para a exuberancia de vida e abrange todas as leviandades e loucuras que lhe andem annexas, quando essa energia se manifesta numa mocidade generosa como a de Tom Jones, todas as brutalidades e extravagancias burlescas, quando ella anima um esplendido selvagem, como o velho *squire* Western. A simplicidade de espirito, misturada com um pouco de vaidade, tomando excessivamente a serio os palavrões como Honra, Brio, Cavalheirismo, Bravura, e obedecendo-lhes com uma regidez maquinal e cega, sem proporção com as circumstancias, tem nas mãos do creadôr do coronel Bath o comico particular desenvolvido pela gravidade digna com que os automatos executam o seu movimento. O excellente e ridiculo Bath percorre parques e cafés, hirto e solemne — *stately* —, cabelleira empoada, chapeu debaixo do braço, mão no punho da espada, olhando zelosamente em redor para castigar de pronto a mais leve sombra de offensa que por acaso descubram os seus melindrosos brios sempre alerta. E' visivel o prazer malicioso e consummada a

ONDE FIELDING NASCEU
Sharpham Park House, no Somerset

arte com que Fielding, no desenvolvimento da acção de *Amelia*, acotovela a cada passo, como por inadvertencia, a sensivel mola motriz desse mecanismo explosivo, provocando nelle inesperadas chispas de dignidade fulminante.

Todos os aspectos desta attitude de espirito perante o Homem parecem pyrilampear no tenuissimo sorriso de bondosa malicia que, no retrato desenhado por Hogarth, illumina o rosto do romancista, de feições bastantes grossas, nariz enorme, de cavallête, pendendo trombudo ao encontro do queixo redondo, de excessivo relevo. O labio inferior, é verdade, alonga-se com certo desdem compassivo, mas descaindo um pouco, sem a expressão aggressiva que teria se se premisse energicamente contra o outro, como o labio de Swift, que parece reprimir por instantes o insulto, para lhe dar maior tensão e violencia. Sabe-se que era duma corpulencia agigantada, que se adivinha logo no retrato, pelo seu typo de perfil, geralmente ligado ás altas estaturas: o prognathismo total, começando na glabella, o qual apresenta, com a cabeça coberta, uma apparencia orthognatha, por se alinharem na mesma vertical todas as regiões faciaes salientes. Quando mergulho na physionomia fixada neste desenho tão expressivo e tão sóbrio, vem-me sempre á idêa um gigante de Brobdingnag divertindo-se a brincar com Gulliver na palma da mão, ou as caras de alguns espectadores que sorriem serenamente, sem se envolverem na balburdia no celebre *combate de gallos* do auctor do retrato.

Confrontando este retrato authentico com o outro supposto que n'estas paginas vae reproduzido, a impressão permanece a mesma.

ONDE FIELDING VIVEU MUITOS ANNOS
Em East Sour, no Dorsetshire

*
* *

Suppõem os biographos que Fielding fez os seus estudos classicos no historico collegio de Eton. Mas ou fossem feitos ahi ou em qualquer outra parte, dão abundante testemunho da solidez e vastidão delles as amiudadas citações dos antigos nas suas obras de *humour*, o tom respeitoso com que elle falla da erudição classica, do *learning*, dos seus personagens predilectos, os discursos sobre Homero e sobre os tragicos gregos que lhes põe na bocca e o desprezo com que apresenta os rabiscadores ignorantes, *illiterate fellows*, confundindo Lucano com Luciano e falsificando para os livreiros traducções de obras gregas e latinas por versões francêsas.

Nenhum biographo duvida do facto de ter Fielding passado dois annos em Leyde a estudar direito, apezar de não haver sobre isso documento algum. De volta á Inglaterra, por falta de recursos, pois parece averiguado que seu pae nada lhe dava da rasoavel mezada que lhe tinha arbitrado, Fielding lança mão de generos litterarios inferiores para ganhar a vida. Passa então sete obscurissimos annos, dos quaes apenas se sabe que compoz algumas comedias originaes bastante mediocres e adaptou á scena inglêsa outras de Molière. E' nesse periodo que a lenda, por confusão com certo Timothy Fielding, seu contemporaneo, o apresenta como actor e tendeiro. Aos vinte e oito annos estava Fielding já casado. Algum tempo depois, em 1736, apparece-nos elle emprezario do *Little Theatre*, e fazendo representar pela sua companhia do «Grão Mogol» peças de satyra politica. O encerramento desse theatro por ordem do governo em 1737 desviou a sua

actividade para a jurisprudencia, e ei-lo installado no *Temple*, a velha colmêa londrina de legistas e aprendizes de legista. Ia ao mesmo tempo collaborando em jornaes, e em 1742 faz a sua estreia na alta litteratura com a publicação de *Joseph Andrews*, que lhe rendeu 183 libras. Entre esta data e 1751 em que publicou *Amelia* está comprehendida a sua carreira litteraria propriamente dita. E' tambem neste periodo que perde sua primeira mulher, pelo que esteve a dois passos da loucura, que contrahe segundas nupcias, que é nomeado *Justice of the peace* de Westminster e chamado pouco depois para o cargo de *chairman of quarter sessions*, uma magistratura que tinha então funcções mixtas de juiz de instrucção e intendente de policia.

Eis-nos fora dos embrulhados conflictos entre a lenda e a critica e podendo deixar o proprio Fielding contar-nos os ultimos annos da sua vida.

Na introducção da sua *Voyage to Lisbon*, escrita provavelmente em Lisbôa, como o foi o prefacio (o corpo da obra é sem duvida um diario feito realmente durante a viagem) diz elle que passou o anno de 1753 e parte do anterior a tratar-se duma gotta. Em agosto o primeiro cirurgião do rei aconselhou-lhe uma estação em Bath e o romancista escreveu logo para a estancia thermal a certa Mrs. Bowden, hospedeira, a encommendar alojamento. Nisto, *His Grace* o duque de Newcastle manda chamá-lo e encarrega-o com a maior urgencia de organisar um plano efficaz para limpar Londres e arredores da terrivel quadrilha que commettia todos os dias roubos e assassinatos. A conferencia valeu-lhe uma forte constipação por cima dos outros padecimentos e obrigou-o a adiar a viajem de Bath, para tratar sem demora de redigir o plano, que foi altamente elogiado no *privy council* e que com uma pequena despesa para o Estado se mostrou realmente efficacissimo. Não se veja nisto porem o prazer do homem de letras em saltar escandalosamente por cima da rotina trilhada pela veneravel mediocridade official e ir certeiro como uma bala, por esse caminho novo, onde ella pelo seu não consegue chegar: — um caso como aquelle tantas vezes citado de Edgar Poe, demonstrando no conto de *Mary Roget* o mecanismo dum crime que desnorteara a policia de New-York. Não; Fielding confessa o seu movel nessa tarefa excessiva para as suas forças debilitadas pela doença. Tinha quarenta e oito annos feitos, estava, portanto, na edade da prudencia e da reflexão. O seu cargo rendia pouco mais de trezentas libras, apezar de, á data da sua nomeação, render ainda umas quinhentas e de um seu antecessôr se gabar de expremer delle mil. A esse rendimento excessivo chama elle *the dirtiest money*, (o mais sujo dinheiro), e não poucas scenas nos seus romances se encarregam de explanar cruamente o que neste escripto auto-biographico é apenas deixado entrever acerca dessa sujidade. Basta lembrar, no começo de *Amelia*, a scena em que o *justice of the peace* pronuncia as suas sentenças absolutorias baseado em certo piscar d'olhos muito significativo do seu amanuense.

Com tão pequeno rendimento e numa edade e estado de saude que lhe não permittiam já viver bastante para fazer economias ou tentar operações lucrativas, Fielding via que sua mulher e seus filhos iam por sua morte ficar ao desamparo. Queria, portanto, diz elle, pela grandeza dos seus serviços e com o muito provavel sacrificio da sua vida recommendá-los á protecção do seu paiz. A' gotta tinha vindo juntar-se uma ictericia; a execução do plano policial levou tempo, sendo o resultado passar a epoca de Bath e chegar tambem a doença a um grau de intensidade e complicação, contra o qual as aguas dessa estação thermal seriam já improficuas. A hydropisia auxiliava agora os outros symptomas na demolição do gigantesco arcabouço. O romancista não se abandonou á medicina expectante, que definiu espirituosamente em um dos seus livros «um methodo de tratamento que consiste em deixar obrar a natureza, ficando o medico ao lado a fazer-lhe signaes approvativos para a animar a continuar pelo mesmo caminho». Passou o inverno a tratar-se com certo dr. Ward, então celebre. Na primavera retirou-se sem melhoras consideraveis para uma casa de campo que possuia no condado de Middlesex, em sitio, diz-nos elle, muito abrigado e salubre. Fallando da inefficacia dos medicamentos do dr. Ward contra os seus padecimentos, Fielding exprime uma noção de doença, notavelmente scientifica para o tempo: «... devia haver alguma coisa especial no meu caso, capaz de resistir á energia (dos remedios do dr. Ward) que tinha operado tantos milhares de curas. A mesma doença em organisações diversas será provavelmente acompanhada com tão variados symptomas, que encontrar um

remedio com a virtude de curar uma mesma doença em todos os doentes deve ser quasi tão difficil como a descoberta de um que cure indifferentemente todas». Mas o soffrimento acaba por abalar em assumpto de doença as mais solidas convicções scientificas. Fielding logo a seguir declara que recorreu tambem por fim a uma panacêa. E' verdade que a sua era a mais illustre das panacêas: a celebre agua de alcatrão preconisada annos antes pelo grande philosopho Berkeley. O pobre Fielding poz-se no regimen de tomar todas as manhãs e todas as noites um copo da mirifica bebida, porém com resultados mais duvidosos ainda do que a realidade do mundo material para o auctor da receita. O verão era esperado anciosamente pelo enfermo e pelos seus medicos e amigos como devendo trazer-lhe as forças indispensaveis para atravessar os rigores doutro inverno inglês. Mas, diz-nos Fielding, o tempo ia passando sem trazer comsigo cousa que se pudesse chamar verão. Durante o mez de maio o sol mal se mostrou umas tres vezes. Foi então que lhe veio a idêa, approvada pelos medicos, de partir para um paiz do sul. O grande numero de navios que saiam para Lisbôa e a relativa commodidade da viagem determinaram a escolha de Portugal. Embarcou a 26 de junho, içado pelo guindaste, numa cadeira, em meio das chufas e injurias dos marujos e barqueiros, motivadas pela hediondez da sua figura de hydropico, o que o faz deter um pouco nesta altura do seu diario em considerações melancholicas sobre a perversidade ingenita da humanidade em geral e muito especialmente da brutal e descaroavel plebe do seu paiz. Mas confessa ao mesmo tempo que devia na verdade causar horror, e que as mulheres gravidas evitavam a sua presença com receio dum aborto.

Deixemos agora os episodios de viagem que durou á roda dum mez, com demoradas paragens e teimosas calmarias, as dôres de dentes de Mrs. Fielding, as contas exorbitantes que a familia pagou nas estalagens em varios portos de escala, e vamos esperar o navio pelas alturas das Berlengas para assistirmos á redacção das paginas do diario que se referem a Portugal.

Diz elle que havia então nas Berlengas uma colonia penal, que as suas reminiscencias eruditas logo fazem derivar humoristicamente duma semelhante, mantida pelos egypcios no mar vermelho, segundo Diodoro Siculo, para a parte honesta da população não ser contaminada pelos criminosos. Ao passar a Serra de Cintra falla duma ermida que se via no alto, propriedade de certo inglês, outr'ora dono dum navio mercante, «e que tendo resolvido mudar de religião e costumes, que não eram, estes ultimos pelo menos, da melhor qualidade, ali se recolheu a penitenciar-se dos seus peccados. E' muito velho e ha muitos annos que habita aquelle eremiterio, tendo recebido sempre protecção da familia real, principalmente da actual rainha viuva, cuja devoção não se poupa a trabalhos nem a despezas para fazer proselytos, costumando dizer que a salvação duma alma seria paga bastante para os esforços de toda a sua vida.»

Em quanto esperam maré para entrar a barra, Fielding descreve nestes termos a paizagem que tem á vista: «... o solo nesta estação é tal qual um forno de tijolo, ou um campo onde se ceifou a herva e pôz a arder em monticulos, para adubar a terra. Não ha espectaculo mais proprio do que este para fazer um ingles orgulhoso e amante do seu paiz, que em viço excede, penso eu, todos os mais. Outra falta aqui é a de grandes arvores; nenhuma excede o porte dum arbusto, numa area de muitas milhas.»

N'esta altura vem a bordo do navio um piloto português, cujo procedimento deu ao romancista uma alta idéa do religioso respeito dos naturaes pelas leis do paiz. Sendo um crime gravissimo desembarcar, ou auxiliar alguem no desembarque dum navio estrangeiro antes da visita da saude, o piloto por uma pequena esportula levou para terra um frade que vinha de Londres e cujas sandalias estavam impacientes por pisar o chão patrio.

Ao chegarem á torre de Belem, a que Fielding chama Bellisle, um tiro de peça avisa-os de que não podem ir mais além sem «certas ceremonias a que as leis do paiz obrigam os navios, ao chegarem a este porto» O «magistrado da saude» chegou pouco depois e recusou-se a entrar no navio antes de vêr formados no convez todos os passageiros. Quando lhe disseram que Fielding vinha entrevado, exclamou em voz auctoritoria:

«Tragam-no para cima.»

Assim fizeram. «Era um sugeito de muita imponencia e não menos zelo no desempenho dos seus deveres» diz o romancista. «Ambos estes predicados, continua, são muito para admirar quando se sabe que os seus venci-

mentos não chegam a trinta libras por anno.»

Depois d'algumas considerações declara que nunca viu nem ouviu fallar de paiz algum onde os viajantes para desembarcar fossem obrigados a tantos incommodos, «cuja unica utilidade, visto tudo isto não passar duma serie de formalidades, é deixar ao arbitrio de individuos ordinarios e mesquinhos serem rudemente zelosos ou descaradamente corruptos, conforme prefiram satisfazer a sua soberba ou a sua cubiça.»

A visita fiscal é feita com grande impolidez e ridicula minucia, obrigando os passageiros a deitar fora todo o pó do rapé e particula de tabaco de fumo que por acaso tragam. Os empregados d'esse serviço eram, no dizer de Fielding a «escoria de plebe» e a pretexto de procurar contrabando roubavam tudo aquillo a que podiam deitar a mão. Apenas entraram no navio, os marinheiros gritaram para os passageiros: «Fazem favor de tomar cuidado nas espadas e nos relogios, meus senhores!» (1)

«Na verdade, commenta Fielding, nunca vi cousa egual ao odio e ao desprezo que os nossos bons marujos a cada instante mostram por estes empregados portuguêses».

(Conclue no proximo numero).

CARLOS DE MESQUITA.

(1) Não deixa de ser curioso confrontar isto com o que dos collegas inglêses destes empregados diz o escriptor italiano José Barreti que, vindo da Inglaterra, onde residia ha muito tempo, esteve em Portugal e Hespanha, de passagem para o seu paiz, seis annos depois Fielding:

«Levaram-nos á alfandega, (Badajoz) onde os bahús foram abertos e examinados, mas não remexidos sem cautella, como uzam fazer certos mastins em muitas nações, *especialmente em Inglaterra, ao desembarcar, onde, se aquella canalha t'a pode pregar, furta alguma cousa no acto do exame; e por isso é conveniente não perder de vista a bagagem, emquanto elles dão a busca.*»

O trecho transcripto é da elegantissima traducção das cartas de J. Baretti relativas a Portugal, pelo sr. Alberto Telles, Lisboa, 1896 (fóra do mercado).

TUMULO DE HENRY FIELDING EM LISBOA

onde o grande romancista expirou a 8 de outubro de 1754. O monumento foi erigido em 1830, em substituição do primeiro tumulo, feito a expensas da colonia ingleza em Lisboa.

MOSTEIRO DO CALVARIO VISTO DA RUA DA LAGOA

Evora antiga

O MOSTEIRO DO CALVARIO

Foi este mosteiro fundado no seculo XVI, quando as ideias religiosas actuavam mais nos animos do que hoje em dia, e lhes apontavam o norte de obras pias como o mais seguro indicador da bemaventurança.

Segurava o baculo do governo ecclesiastico da archidiocese eborense um filho do rei D. Manoel, o Cardeal Infante D. Henrique, primeiro Arcebispo d'ella.

Do terceiro casamento de seu pae tinha elle uma irman de singular formosura externa e de peregrina belleza d'alma, a Infanta D. Maria, herdeira de grandes haveres, que lhe deixára o pae, como mais avultados a mãe, que a politica fizera, mais tarde, rainha de França.

Por mestre tivera a Infanta a D. João Soares, que foi, na sequencia do tempo, Bispo de Coimbra.

O trabalho singular de boa critica da senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos: *A Infanta D. Maria,* dispensa-nos de miudesas.

A esta Infanta foi que o irmão, o Cardeal D. Henrique insinuára, por 1560, a ideia da fundação do Calvario de Evora, da Regra de Santa Clara de

MOSSTEIRO DO CALVARIO VISTO DA ESTRADA EXTRA-MUROS

Capuchas de S. Francisco, da Provincia do Algarve.

Fôra a celebre Justa Rodrigues, a estimada ama de D. Manoel, quem trouxera de Gandia para Setubal, as primeiras freiras d'esta asperrima Regra, e alli lhes fundára o Mosteiro de Jesus.

Bem recebida da Infanta a lembrança do irmão, e sob traça d'elle se começára sem delongas a construcção do mosteiro, já quando D. Henrique deixára de ser Arcebispo e lhe succedera D. João de Mello, vindo de Silves, que foi quem cedera para nucleo da edificação uma antiga ermida da Vera Cruz, que alli havia junto á muralha fernandina, por diploma de 29 de maio de 1565.

De que o edificio não estava concluido em 1571 damos um documento, quiçá inedito, e aos 23 de outubro de 1574, em vida da fundadora, entraram as primeiras habitadoras n'aquelle seu tumulo em vida. Do convento da Assumpção, de Lagos, vieram algumas e outras do de Setubal, o primeiro da Ordem, em Portugal.

Helena da Cruz, ou Bernardina de Jesus, cousa que se não aclara bem, foi a primeira Abbadessa d'esta casa religiosa, que ficou na historia franciscana com o nome de Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvario.

Não excedia o numero de vinte e quatro o d'estas miseras servas do Senhor, que uma só vez foram obrigadas a sair do mosteiro, quando, em 1663, a artilharia castelhana o varejára, recolhendo ao convento de Santa Clara.

Pobrissimas, só viviam de esmolas que quatro donatos pediam pelo reino

MENINO JESUS OFFERECIDO AO MOSTEIRO DO CALVARIO POR D. ISABEL JULIANA DE SOUSA COUTINHO

para ellas, e da que lhes legára a fundadora, de 208$000 reis annuaes, que lhes daria a Misericordia de Evora.

Andavam descalças estas pobres mulheres, e só nos ultimos tempos tinham uma especie de sandalias de madeira ou calopodios, vestiam camisa de estamenha sobre as carnes, dormiam n'uma cortiça, encostavam a cabeça a um travesseiro de palha e jejuavam sempre.

Extrema pobresa revela ainda o mosteiro, muito arruinado. Nada ha n'elle digno da contemplação do archeologo; nem uma inscripção mortuaria relembra o nome de uma só monja. Obras d'arte nenhuma: talvez alguns máos quadros de Josefa de Ayala.

Apenas no transceptum da egreja existe o epitaphio do Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, da casa dos condes de S. Miguel, que alli jaz em campa rasa.

Deixára a famosa fundadora o mosteiro á protecção dos reis de Portugal, e assim, foi D. Sebastião quem lhe deu um annel de agua da Prata, e D. Filippe II cinco mil ducados de prata, para reparos no mosteiro, e D. João IV lhe fizera obras importantes.

N'esta casa foi que o Marquez de Pombal mandou enclausurar a Dona Isabel Juliana de Sousa Coutinho, a heroica mulher que não consentia na consummação do matrimonio com o filho d'elle, José, até que, morto o rei, o matrimonio foi annullado e ella casára com D. Alexandre de Sousa, formando o tronco da casa Palmella.

Dadiva ao mosteiro por D. Isabel, ainda alli ha um menino Jesus, de valor artistico, e, pelo facto, historico.

D. IGNACIA ANGELICA FERNANDES DE BARAHONA
Protectora actual do mosteiro

Com a morte de D. Maria José, natural de Cabeção, succedida em 7 de setembro de 1889, fechou o cyclo das Abbadessas d'esta casa religiosa. Subsiste apenas um pallido reflexo de tal mosteiro em poucas mulheres, que o Governo permittiu alli vivessem em communidade sem votos, dadas ao culto divino e ao ensino das meninas da visinhança, que alli vão buscar o pão do espirito em uteis insinamentos. Eram estas senhoras as meninas do côro ao tempo da morte da ultima monja do Calvario.

Continuam a viver de esmolas e da protecção larga e variada da senhora D. Ignacia Angelica Fernandes de Barahona, a notabilissima eborense, cujo retrato aqui tem cabimento apropriado.

Mostramos o mosteiro visto da rua da Lagoa e de fóra, da estrada de circumvalação, cuja torre fernandina fôra dada ao mosteiro para miradouro das enclausuradas, e ácerca da qual se escreveu este documento que não vimos impresso:

EQUILIBRIO DIFFICIL

Do «*Punch*»

vos 3; liberaes italianos, 4; clericaes italianos, 10; croatas, 9; servios, 2; romaicos, 5.

A questão da Irlanda

Dissemos na tempos que o governo inglez havia apresentado ao parlamento nm projecto de autonomia administrativa da Irlanda. Acceite, como foi, ainda que com certas reservas, pelo deputado Redmond, *leader* irlandez, parecia que esse projecto vinha, se não resolver o magno problema, pelo menos dar um grande passo, para a sua resolução, a contento de ambas as partes. Pois tal não succede. A Convenção nacional irlandeza, constituida por 4:000 delegados de todas as corporações officiaes e particulares do paiz, reunindo ultimamente em Dublin, resolveu, por unanimidade, rejeitar o projecto. E o mais extraordinario do caso é que foi precisamente Redmond quem apresentou a proposta de rejeição.

A que se deve esta reviravolta?

Dizem uns que a influencias da Egreja, á qual muito prejudicaria a nova reforma: dizem outros que ao facto de a grande maioria dos irlandezes ter receios de, aceitando uma reforma restricta, dar a crer á Inglaterra que elles renunciam ao *home rule*. E, n'estes termos, Redmont teve de fazer volta-face, para não ficar em opposição com o seu partido e, consequentemente, deixar de dirigi-lo.

Como quer que seja a questão, dada a attitude dos irlandezes, voltou ao seu estado primitivo; quer dizer a Irlanda fica como estava. Continuará, decerto, a reclamar o *home rule* que a Inglaterra, certamente, continuará a recusar-lhe. E com essa intransigencia não será evidentemente esta ultima a mais prejudicada.

ITALIA — *Levas-me tambem comtigo, John Bull?*

Do «*Pasquino*»

DESAVENÇAS NA AMERICA CENTRAL

O TIO SAM — *Lá estão outra vez pegados os gallos!*

Do «*Cincinnati Post*»

SEMPRE NERVOSO

O CZAR — *Pelo amor de Deus, Stolypine, que especie de cão de fila é este?*

Do «*Humoristiche Blätter*»

O suffragio universal na Suecia

O Riksdag sueco votou ultimamente a implantação do suffragio universal para a eleição de deputados. Até aqui, para gosar do direito eleitoral na Suecia era preciso ter trezentos mil reis de rendimento; o presente decreto suprime essa clausula e concede o direito do suffragio a todo o cidadão de mais de 25 annos e que tenha pago os seus impostos ao Estado ou á communa. Ao mesmo tempo estabelece a introducção do systema proporcional, tanto para a eleição da camara dos deputados como para a representação communal. A camara alta continuará a ser eleita como até agora, mas para a tornar accessivel aos elementos democraticos, resolveu-se que os seus membros sejam d'ora

A NOVA DUMA

Viverá, ou será estrangulada como a outra?

Do «*Nebelspalter*»

avante retribuidos

Deve notar-se que esta reforma foi emprehendida por um governo conservador contra a extrema-direita e contra os radicaes que se opõem ao principio da representação proporcional, temendo que esse systema traga ao Riksdag um numero de pequenos grupos incapazes de constituirem uma maioria firme. Mas o governo conseguiu fazer triumphar a sua iniciativa com o concurso dos liberaes e dos socialistas.

DR. RODRIGUES ALVES E SUA FAMILIA

O illustre ex-presidente da republica dos Estados-Unidos do Brazil, de passagem por Lisboa, foi alvo de calorosas manifestações de sympathia e respeito pela sua benemerita obra e pela sua gloriosa patria, irmã da nossa. A photographia foi tirada á sua chegada.

Todavia, o novo regimen eleitoral não entrará em vigor desde já, porque, segundo a Constituição sueca, a camara tem de confirmar o seu voto d'agora depois de feitas novas eleições.

A limitação dos armamentos

Á hora a que escrevemos continua acesa a controversia sobre qual seja a sorte da proposta que a Inglaterra tenciona apresentar á Conferencia de Haya, ácerca da limitação dos armamentos.

A ideia da proposta, já o dissemos, foi hostilmente recebida pela Allemanha. O principe de Bulow, proferindo, a proposito, um longo discurso no Reichstag, disse que para se poder aceital-a era necessario encontrar uma formula que attendesse ás grandes differenças geographica, economica, militar e politica dos diversos Estados, e podesse servir de base a uma convenção. Senão, não! E toda a gente desatou á procura da tal formula.

Precisamente, o dr. Roberto Kaiser, de Genebra, acaba de publicar um opusculo, no qual diz crer tel-a encontrado. Propõe elle que se abstraia das grandes differenças geographicas, economicas e politicas dos Estados, e que se renuncie a uma limitação theorica, deixando ás potencias a liberdade de resolver sobre os seus armamentos, tornando-os mesmo mais onerosos.

Posto isto, a Conferencia da Haya estabeleceria o orçamento actual da guerra de cada uma das potencias, tomando a media dos ultimos annos e tendo em conta os planos de armamento já fixados. Em seguida, estipularia que uma parte do augmento futuro do orçamento da guerra deva ser entregue por todas as potencias ao Tribunal internacional da Haya, que d'ella disporá a seu bel prazer, no interesse da paz ou nos superiores interesses da humanidade, subvencionando obras de indole economica, social ou scientifica. Estas subvenções deveriam ser atribuidas de preferencia ás potencias que tivessem limitado os seus armamentos.

Segundo o dr. Kaiser, o Tribunal da Haya encontraria, n'uma convenção d'este genero, os elementos necessarios para a sua constituição permanente e estabeleceria assim o orçamento inicial de uma futura Confederação internacional.

Tal é a formula que, em substancia, tenderia á formação de um orçamento da paz, para ser contraposto ao orçamento da guerra.

O PALACIO DE BINNENHOF, NA HAYA
ONDE DEVE REALISAR-SE A CONRERENCIA DA PAZ

Será ella acceite? Terá ella exequibilidade? Tendo-a, os seus resultados serão proficuos? Eis trez perguntas a que não é facil responder. Os antecedentes da questão levam-nos mesmo a acolhel-as com um tal ou qual scepticismo.

Vida na sciencia e na industria

Uma revolução no systema ferro-viario

Na ultima exposição da Sociedade Real de Londres appareceu o modelo de um invento que vem revolucionar certamente a locomoção moderna. Trata-se de um mono-carril, devido ao engenho de Mr. Louis Brennan, inventor do torpedo que tem o seu nome. O principio do systema consiste na applicação do gyroscopio a um carro que se move sobre um unico carril em condições perfeitas de estabilidade, podendo esse carril estar elevado quanto se queira acima da superficie do solo. Fizeram-se com o melhor resultado, experiencias do modelo n'uma via de cerca de 400 metros. O carro tem duas rodas que gyram no vacuo em direcções oppostas, e que trazem constantemente o carro á posição vertical, ainda que seja impellido pelo vento ou pela força do homem. Espera o inventor que para o futuro o seu systema permittirá que as carruagens do caminho de ferro, sejam de muito maiores dimensões que as actuaes, que as velocidades augmentem ao duplo ou ao triplo, e que os accidentes se tornem quasi impossiveis.

As rodas que gyram no vacuo são construidas de forma que, ainda quando falte a força motriz, ellas continuarão a gyrar durante umas poucas de horas dando estabilidade ao carro. Para fazer comprehensivel aos leitores menos versados o principio em que se baseia o invento, accrescentaremos que o gyroscopio é uma especie de pião. Como se sabe, o pião, quando está gyrando, volta rapidamente á posição vertical sempre que d'elle é desviado por qualquer impulso.

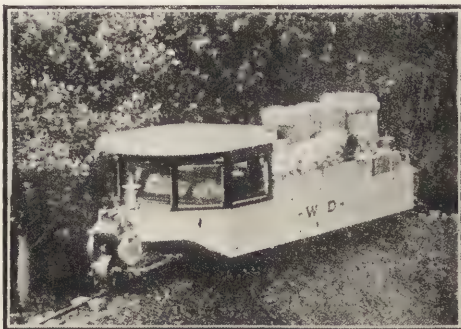
O mesmo principio, applicado aos navios, augmenta-lhes a estabilidade, diminuindo consideravelmente o balanço.

306:000 milhas, America
200:000 milhas, Europa
50:000 milhas, Asia
17:000 milhas, Australia.
15:000 milhas, Africa

OS CAMINHOS DE FERRO NOS CONTINENTES

Caminhos de ferro africanos

Pelo schema junto se podem avaliar as proporções da rede ferro-viaria nos cinco continentes do globo. A inferioridade de Africa é manifesta, e mais frizante se torna quando se disser que, ao passo que no reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda uma milha de caminho de ferro corresponde a cinco milhas quadradas de territorio, a relação das vias ferreas africanas é de uma milha por 750 milhas quadradas. Uma revista ingleza assignala como principal causa do atrazo das communicações acceleradas no continente negro a disseminação do poder politico e commercial. Como prova, accentua que os tres grandes systemas existentes são resultado dos seguintes factores: a occupação franceza da Algeria e da Tunisia; a occupação ingleza do Egypto e do Soldão Egypcio; a annexação da Africa Meridional pelos inglezes. Os planos importantes para a construcção dos futuros caminhos de ferro africanos são, em primeiro logar, a linha do Cabo ao Cairo; segundo, a linha trans-sahariana, desde qualquer terminus algeriano até Tombuctu e o lago Tchad; e por fim uma linha transversal, por emquanto «no estado nebuloso», partindo de Mombaça. Estas considerações de um technico inglez devem ser meditadas pelos governos de Portugal, potencia á qual nem sequer allude o artigo e que, pela extensão dos

O inventor, com o modelo em repouso sobre um carril aereo

O modelo Brennan equilibrado sobre um carril unico

O NOVO CARRIL BRENNAN

seus dominios no continente africano, precisa contribuir largamente para o desenvolvimento das communicações rapidas em todo elle.

Alem das difficuldades politicas, acrescenta ainda o artigo outras duas naturaes que teem embaraçado esse desenvolvimento: a differença de nivel a vencer para se attingir o interior e o clima tropical de duas terças partes d'esse interior. A primeira circumstancia augmenta extraordinariamente o preço de construcção. Assim, os caminhos de ferro do Natal teem custado 15.000 l bras por milha, ao passo que os do Canadá custaram 12.000 e os da Australia 9.000.

Comboio sem carris — A invenção do coronel Renard permitte a tracção de um comboio por estradas ordinarias, sem os inconvenientes resultantes da inercia dos vehiculos rebocados. O propulsor é um pequeno motor ou machina leve que, prompto e equipado para marcha, pesa pouco mais de 2 toneladas. A communicação de força aos vehiculos é por meio de uma haste que liga o motor com os eixos das rodas d'estes ultimos. Quando a machina começa a funccionar, todas essas rodas revolvem immediatamente. Assim o andamento de cada vehiculo conforma-se absolutamento com o do vehiculo motor. Os vehiculos teem tres eixos e seis rodas, e ha um engenho compensador para que cada par de rodas possa passar sobre qualquer obstaculo, sem choques para o vehiculo, assegurando uma distribuição equitativa de peso pelos tres eixos. O machinismo permitte que o comboio serpenteie á vontade, vencendo curvas de pequeno raio.

Este systema, inventado em França e aperfeiçoado em Inglaterra, está-se desenvolvendo rapidamente em ambos os paizes, porque acode com effeito ás necessidades mercantis instantes, dispensando a despeza e a demora que importam os caminhos de ferro e dando facilidades de communicação que estes não podem ter.

O COMBOIO RENARD DANDO UMA VOLTA

O COMBOIO RENARD ATRAVESSANDO UMA PONTE

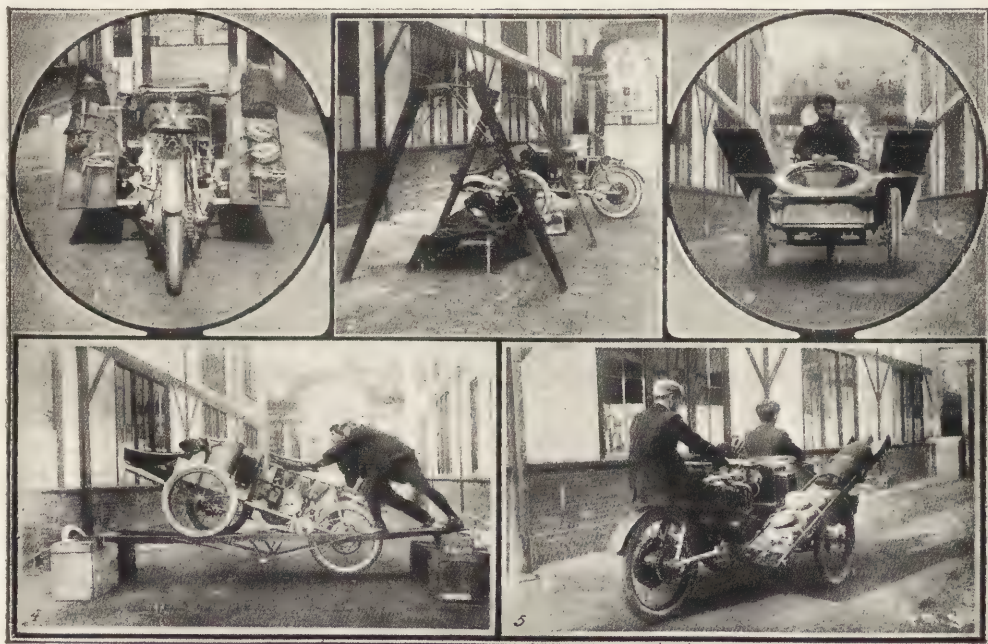
O pioneiro dos reptis — De todas as formas extinctas de vida de que a sciencia tem ultimamente tomado conhecimento, nenhuma excede em interesse o Naosaurus, typo espantosamente antigo de transição para os reptis. Os restos do animal estão no Musu Americano de Historia Natural, em New-York, e foram encontrados em leitos peruvianos do Texas. O Naosaurus viveu portanto pelo fim da era paleozoica, ao terminar a «edade dos peixes», e foi o pioneiro dos gigantescos reptis que dominaram o periodo mesozoico, para darem mais tarde logar aos mammiferos dos tempos terciarios. Pertence á sub-ordem denominada dos Theriodontes, por Owen, por causa da semelhança da sua dentição com a dos mamniferos. Era de modestas proporções, pouco mais de dois metros e meio de comprido, e a sua feição caracteristica era a existencia de uma especie de barbatana no dorso, suggerindo a descendencia dos peixes, formada pelo prolongamento das espinhas neuraes das vertebras. D'ahi deriva o seu nome, que significa «navio-lagarto».

UM SAURIO PRIMITIVO

O «Naosauros» reconstituido como era em vida

Os olhos das creanças — As creanças devem andar bem abafadas, mas sem serem sobrecarregadas de fato, e cuidadosamente defendidas contra o frio ou rapidas e fortes mudanças de temperatura. Deve-se evitar o expol-as a tempo agreste, frio ou ventoso, especialmente quando são pequeninas. Recommenda-se exer-

cicio abundante e saudavel ao ar livre, aposentos bem ventilados de dia e de noite, e dieta cuidadosamente ordenada. Sobretudo nas creanças que mostrem tendencia para o escrofulismo ou para o rachitismo, deve-se ter toda a cautela, na alimentação. O dr Allen Greenwood aponta a importancia de considerar o esforço de visão como um importante factor nas creanças atrazadas no estudo. Mostrou recentemente que a maioria de creanças de fraco intellecto teem defeitos evidentes de visão, e o mesmo succede, embora em menor grau, ás creanças que não dão boa conta dos seus estudos.

Vida no Sport

1. A ponte portatil ligada ao carro. — 2. Como se arma a tenda para pernoitar. — 3. A ponte dobrada no carro durante a viagem. — 4. A ponte em serviço : o automovel a transpól-a. — 5. Outro aspecto da ponte dobrada no carro

A CORRIDA DE AUTOMOVEIS PEKIN-PARIS

A corrida Pekin-Paris

O *Matin* organisou uma corrida de automoveis de Pekin a Paris, e um grande numero de automobilistas se acham já na capital da China ou a caminho d'ella, para a partida que está fixada em 10 de junho.

O trajecto atravessará a Mongolia, a Siberia, a Russia, e a Allemanha. Os concorrentes levam comsigo muitos inventos engenhosos, incluindo uma tenda e uma ponte portatil, sobre a qual transportarão o automovel em sitios onde seja impossivel guia-lo.

As photographias que publicamos apresentam as feições mais curiosas d'esses inventos, e mostram como elles se podem usar.

E' certamente este o percurso mais longo de que até hoje reza a historia dos concursos do automobilismo.

Vida na arte

Huyssmans

ACABA de expirar o romancista Huyssmans, notavel pelo vigor de seus trabalhos e pela evolução de seu espirito, que, começando pela descrença, veiu a cahir no mais requintado mysticismo. A sua caracteristica era a pintura dos *dessous* sombrios da alma humana, e das suas tendencias para a perversão e para o extranho.

J. K. HUYSSMANS

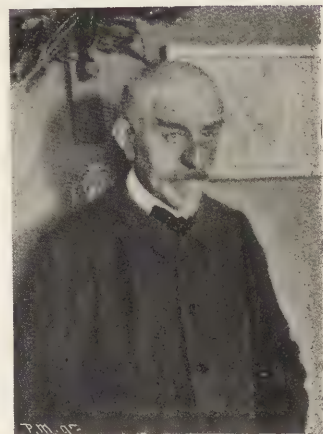
O ERICHTHEIUM, NA ACROPOLE, NO SEU ESTADO ACTUAL

Uma interessante restauração architectonica

DEPOIS do Parthenon, o edificio mais afamado na Acropole de Athenas, é o Erichtheium, que costumava conter todos os documentos mais importantes de historia e de religião do estado atheniense. O templo original foi incendiado pelos persas, e o edificio, cujas ruinas chegaram ao nosso tempo, foi construido uns 400 annos A. C. Pelo decurso dos seculos tem soffrido muitas vicissitudes, sendo alternadamente templo pagão, egreja christã, e harem turco.

Ha um seculo ainda permanecia quasi inteiro, mas soffreu estragos durante a revolução da Grecia, e foi muito damnificado por um grande temporal em 1832. As recentes excavações na Acropole trouxeram á luz todas as pedras que faltavam, as quaes servirão para restaurar o antigo edificio.

Como se arranjam placas phonographicas

A gravura que reproduzimos prende-se com um curioso incidente em que representa o papel principal a rainha Alexandra, de Inglaterra, apaixonada por musica. Um compositor inglez, Mr. Edwin Greene, dedicou á rainha uma das suas canções. Como a rainha possuia um gramophone, ordenou á firma constructora da machina que lhe fizesse uma placa phonographica da canção. Assim se fez, com effeito, e é essa operação que representa a gravura, onde se mostra a disposição necessaria para ella se executar. O piano e a acompanhadora estão sobre uma caixa de ar por detraz do cantor, o qual fica a pouca distancia da campanula que se projecta da parede. Do outro lado da parede está o apparelho reproductor e placas de uma substancia macia em que se inscrevem perduravelmente os sons, os quaes se reproduzem phonicamente quando o possuidor do gramophone colloca no seu logar a reproducção, na forma já conhecida de um disco negro.

COMO SE INSCREVE A MUSICA NO GRAMOPHONE

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME IV

(2.ª SERIE)

Typographia do *Annuario Commercial* — Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa